

ELES NÃO ESPERAVAM
ENCONTRAR O AMOR
A UM OCEANO DE DISTÂNCIA



Entre Oceanos

DUOLOGIA
parte 2

LUCY FOSTER



ELES NÃO ESPERAVAM
ENCONTRAR O AMOR
A UM OCEANO DE DISTÂNCIA

Entre Oceanos

parte 2

Entre Oceanos — Parte 2

Copyright © 2019 Lucy Foster

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Capa e Diagramação: Lucy Foster

Imagens: Adobe Stock

Revisão: Barbara Pinheiro

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

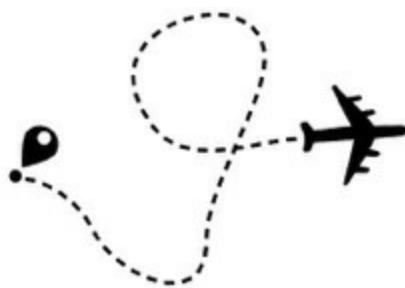
Edição Digital | Criado no Brasil.

1ª. Edição

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Índice



[Sinopse](#)

[Playlist](#)

[Nota da Autora](#)

[1 — Eu sempre estive aqui](#)

[2 – Atentado](#)

[3 – Mo Luaidh](#)

[4 – O que iremos comemorar?](#)

[5 - Tudo cinza](#)

[6 – Sozinha](#)

[7 – Sinto sua falta](#)

[8 – Me Mordo de Ciúme](#)

9 – O beijo

10 – Você é minha!

11 – Até o meu último segundo

12 – Uma Visita Curiosa

13 – Deixa eu dizer que te amo

14 – Esqueça essa mágoa

16 — Roubei sua vida

17 – O mesmo filme que o meu

18 — Você me esqueceu?

19 — A raposinha

20 — Sou teu, só teu

21 — Jornada ao Reino Unido

22 — O Final Inesperado

23 — Ele se machucou

24 — O ogro que salvou a princesa

25 — Tudo o que eu quero de Natal é
você

26 — Sem você eu não consigo

27 — Belo Adormecido

28 — Adivinha Quem?

29 — De volta à normalidade

30 — Nem tudo é complicado

31 — Tá romântico hoje, bebê?

32 — Assine aqui, por favor

33 — O Federalzinho

34 — Mais um para a Escócia

35 — Vendo tudo desmoronar

36 — Mas por quê?

37 — Atrás de sossego

38 — I do

39 — Não existo sem você

40 — Decisões finais

41 — Somos quatro

42 — Nós fomos

Epílogo

Bônus 1

Bônus 2

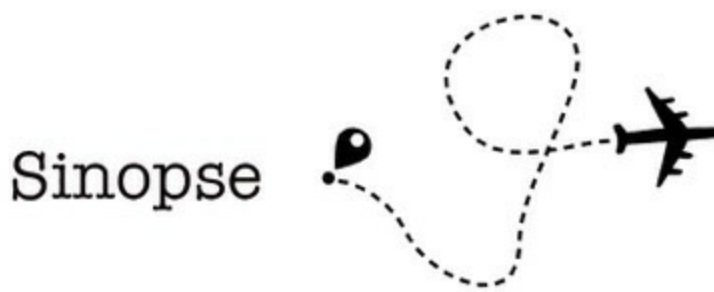
Agradecimentos

Outros trabalhos

Sobre a autora

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



O quão tarde é para recomeçar?

Quinze dias se tornaram dois meses, mas o relógio foi implacável, assim como a bagagem emocional que Maria Luiza e Vicente carregavam.

Malu partiu, deixando Vicente arrasado e mergulhado em seus próprios demônios. Agora, além da distância, eles vão precisar lidar com a vida ao redor.

Ela tem um negócio para gerir, em outro continente, e um amigo apaixonado disposto a tudo para ficar com ela.

Ele tem uma operação policial perigosa e um inimigo oculto, que pode, inclusive, tirar-lhe a vida.

Eles têm um amor incondicional e um oceano de distância.

PERIGOSAS NACIONAIS

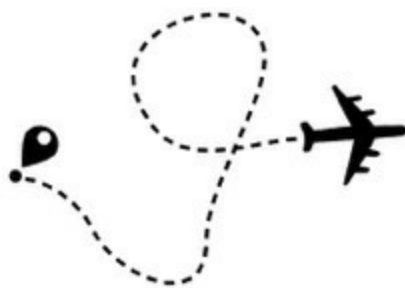


Para ouvir a playlist de Entre Oceanos no Spotify, abra o app no seu celular, selecione “buscar”, clique na câmera e posicione sobre o *code* abaixo.



PERIGOSAS ACHERON

Nota



Importante: para o completo entendimento do volume dois é imprescindível que o volume um seja lido.

O segundo volume da duologia Entre Oceanos se inicia imediatamente, após os acontecimentos do último capítulo do volume um. Por conta do tamanho da história, achei por bem dividir o livro em dois volumes. Ainda que eu tenha a noção de que muitas pessoas não gostem, é melhor — a meu ver — dois volumes a um livro infinito em mãos.

Em tempo: este livro é indicado para maiores de dezoito anos. Contém cenas de sexo, linguagem imprópria e cenas de violência. Nenhum abuso é romantizado e nenhum animal foi ferido durante a criação deste roteiro.

Espero, no entanto, que aproveitem a leitura.

PERIGOSAS NACIONAIS

O primeiro volume se encontra [disponível na Amazon.](#)

Sinopse:



O quão tarde é para recomeçar?

Após descobrir que seu relacionamento de dez anos foi um fracasso, Maria Luiza resolve largar tudo e seguir para outro país. Cinco anos depois, ela está de volta, convocada para fazer um favor à

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sua melhor amiga. O que ela não esperava é que nessa passagem relâmpago pelo país, conheceria Vicente, um delegado de polícia, tão perdido quanto ela, quando o assunto é coração.

Vicente Avellar é solitário, rabugento, competente e dedicado. Faz seu trabalho muito bem feito, mas seu sonho nunca foi ser policial, queria mesmo era ser médico. O que o levou a mudar de ideia? O assassinato de seu pai, o investigador de polícia, Vagner Avellar. Morto quando Vicente tinha somente quinze anos, o crime nunca foi solucionado, e isso entrou na cabeça do garoto, de tal forma, que ele fez como objetivo de vida prender o assassino.

Tudo o que Maria Luiza quer é ser suficiente para alguém, coisa que ainda não aconteceu... Vicente também desconhece esse sentimento, vivendo em completo estado de abandono afetivo. Porém, não estava em seus planos encontrar o amor, ainda mais, a um oceano de distância.

Ela acha que é tarde. Ele acha que não é o bastante. Serão eles, capazes de superar todos os obstáculos?

PERIGOSAS ACHERON

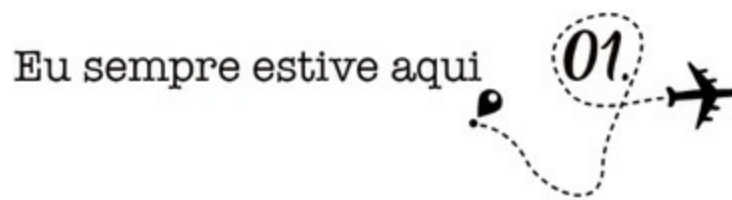
PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

*Dona Sônia Maria, minha primeira
professora e incentivadora. Finalizei o livro,
mamãe.*

*Assim como o oceano só é belo com o luar
Assim como a canção só tem razão se se
cantar
Assim como uma nuvem só acontece se
chover
Assim como o poeta só é grande se sofrer
Assim como viver sem ter amor não é viver
Não há você sem mim, eu não existo sem
você.*

(Antônio Carlos Jobim / Vinicius de Moraes)



Malu

O clima típico me atinge, assim que eu coloco os pés na calçada, fora do aeroporto. Preciso encontrar um táxi que me deixe em casa, mas antes de fazê-lo, fecho os olhos, recebendo a saudação do vento escocês, cortante e úmido, como sempre. Teoricamente estamos no verão, mas a jaqueta está a postos.

Foram quatorze horas de São Paulo até aqui, eu poderia ir direto à pousada mas... preciso colocar minha cabeça e meu coração em ordem. Aparentemente isso não funciona enquanto estamos nas alturas. Abro o aplicativo e deixo minha passagem de trem comprada para amanhã, é um trajeto rápido até Markinch e, de lá, pego um carro até Kennoway, chegarei à pousada próximo da hora do almoço e isso me dará tempo o suficiente para lidar com tudo o que preciso.

O taxista simpático tenta puxar conversa, mas apenas esboço um sorriso, definitivamente não

estou no clima. Informo o endereço de casa, o local simpático que vivi quando criança com meus pais e meu irmão, e que pertencia ao meu avô. Minha tia ainda vive na casa ao lado, e eu espero que ela não esteja varrendo a calçada — ou traduzindo para a língua dos Drummond, cuidando da vida alheia — quando eu estacionar ali em frente. Ela já é uma senhora de idade e, como todas as senhoras da mesma idade desta cidade, tem uma rotina... *peculiar*. Adora ficar na calçada, varrendo as folhas das árvores que caem no passeio e olhando ao redor, observando a vizinhança.

Felizmente quando o carro estaciona em frente de casa, no final da rua sem saída, está tudo vazio. Já deve ter mais de um ano que não piso aqui e, apesar de minha tia ter ficado com as chaves para arejar a casa, noto que ela precisa de uma boa manutenção. O pequeno jardim que ladeia a entrada está com mato alto, quase invadindo a passagem que leva à porta.

Suspiro fundo, relembrando minha infância neste mesmo local. Por quantas vezes eu não descii esses poucos degraus, correndo, cumprimentando os vizinhos que estavam pela rua, e descendo a grande rua até seu limiar, para buscar meu pai que

PERIGOSAS NACIONAIS

vivia tocando sua guitarra nas esquinas do Howard Palace.

A casa cheira a mofo. Com esse clima molhado, um dia sem abrir as janelas já causa estrago, ainda mais em uma construção antiga como esta. Faço uma anotação mental de chamar alguém para uma boa limpeza, vai ser preciso.

Sento-me no sofá, esticando as pernas, depois de jogar os sapatos longe. Pego o celular e noto que está sem bateria, e o peito aperta, mais uma vez. Será que tenho mensagens dele? Espero ter. Repasso novamente a cena em minha sala, o olhar dolorido do meu delegado, magoado demais comigo. No entanto, eu não consigo me culpar por ter vindo, eu não teria paz sabendo que a pousada pode estar com problemas, correndo o risco de perder a licença...

O que acaba comigo é a sensação de solidão. Isso está esmagando meu peito.

Meu estômago ronca alto, olho no relógio e passa da uma e meia da tarde. Resolvo pedir algo para comer e sigo para o banho. Estou tão quebrada que, a hora que me deitar, vou apagar, com certeza. Pego uma camiseta qualquer e sigo para o chuveiro, berrando quando a água gelada bate em meu corpo.

PERIGOSAS ACHERON

Castigo, aposto.

Algum tempo depois, morta de cansaço e de frio, mas de barriga cheia, me joga na cama e apago.



Vicente

Minha cabeça lateja de um jeito que eu, com certeza, vou precisar de uma fábrica de analgésicos. Nunca fui de beber, mas ontem à noite eu precisava disso. Precisava de um alívio para toda a merda que estava sentindo e só estando mesmo fora do ar eu daria conta de me manter inteiro, sem fazer nenhuma merda no processo.

Abro os olhos e solto um gemido, jogando o travesseiro longe. A cama parece que pinica, a sensação de estranheza, de estar em um lugar que eu não mais pertenço novamente me consumindo. E, mais uma vez, aquele vazio, aquela sensação de insuficiência me preenchendo.

“Eu amo você, Vicente.”

Por quanto tempo eu quis ouvir isso? Ansiava, aliás. Perdido nos meus fantasmas, mas com a certeza de que um dia ainda a faria me amar.

PERIGOSAS ACHERON

E o quão injusto parece ouvir isso daquela forma? Naquele momento?

Quando ela disse as palavras, confesso que fiquei meio incrédulo. Como se fosse somente a saudade falando mais alto. Mas os olhos dela berravam que era verdade, que toda aquela história de ser minha, e eu ser dela, era real. Ela era minha.

Rio alto, incrédulo de minha estupidez. Ver aquela mala na parede, bem nesse momento, foi como um daqueles castigos cruéis do destino. Como se ele me dissesse: *“Então, imbecil, está vendo o que você poderia ter, mas adivinha... não vai!”*.

Eu ganho uma coisa que eu quero muito, e, de repente, essa coisa me é tirada.

“Eu estou indo embora.”

Isso me tirou o chão. A essa altura eu já estou acostumado a tomar porrada. A querer as coisas e não poder ter. Receber negativas, essas merdas todas. Mas, *porra...* a raiva que eu senti foi descomunal. Ali, naquele momento, eu só queria gritar com ela. Queria que ela me dissesse por que estava acabando comigo daquele jeito, esmagando meu peito.

Há uma semana eu estava me despedindo

dela, doendo *pra caralho*, mas consciente do que eu estava fazendo. Mas ontem... não parecia certo.

Ergo o corpo, puxando o ar, com força, e olho de relance para o móvel de cabeceira onde sobraram algumas cervejas pela metade de ontem à noite, quando destilados já não eram o bastante. Minha sala deve estar uma bagunça, cada garrafa que eu esvaziava, jogava na parede. Xingando, amaldiçoando minha sorte.

— Trouxa *pra caralho*, Vicente. Porque quem vai ter que limpar aquela merda hoje, é você, babaca.

Lentamente olho ao redor, meu quarto estupidamente vazio, tentando achar uma forma de manter isso tudo suportável. Mas, é impossível voltar a essa impessoalidade, depois dos últimos dois meses intensos que tive ao lado dela. Quando você belisca um pedaço do paraíso, não dá para voltar inteiro ao inferno, ainda que tenha vivido nele a vida inteira.

E este apartamento, além de tudo, não tem lembrança alguma dela. Todas as memórias decentes que temos são de sua casa, que apesar de não ser minha, era onde eu encontrava a normalidade que sempre procurei.

PERIGOSAS NACIONAIS

Pensar em voltar à minha mesmice vazia dilacera meu peito de uma forma que o ar me falta.

Sem controle, passo a gargalhar sozinho, me jogando na cama novamente. Com certeza, ainda estou bêbado, só isso explica essa merda.

Eu sou um idiota. Poderia ter ficado ao seu lado, ter a acompanhando até o aeroporto, feito com que tivesse a certeza de que faríamos dar certo, ainda que distantes. Mas, obviamente, babaca como sou preferi ter um ataque de pelanca e sair, a deixando sozinha.

Parece que ainda estou sentindo o desespero todo, novamente, ao chegar ao aeroporto e ver o seu avião partindo. Corri tanto, gritei pelo caminho, esbarrando nas pessoas até chegar à sala de embarque e ser avisado que o avião já estava decolando. Provavelmente, as pessoas que estavam por ali, pensaram que eu era um louco maníaco, quando soquei o vidro e me sentei, totalmente sem chão.

Completamente perdido.

Fui muito injusto com ela. Passei a semana inteira fora por causa de trabalho, era algo que não poderia ser adiado, era minha responsabilidade e eu não hesitei em ir. E quando chega à sua vez de sair

PERIGOSAS ACHERON

correndo para resolver problemas do trabalho, eu armo uma cena. Sequer lhe dei chances de se explicar.

O telefone vibra, ao lado do meu travesseiro, e rapidamente alcanço o aparelho, pensando que, quem sabe, seja ela respondendo as mensagens que mandei ontem à noite. A decepção em ver que é da delegacia chega a ser insuportável. Ignoro a ligação e aproveito o resto da cerveja quente, que sobrou na long neck que deixei na cabeceira da cama, para engolir mais dois analgésicos e me deito novamente, jogando o travesseiro sobre a cabeça.

Meu dia vai ser insuportavelmente longo hoje.



Malu

O alarme toca incansavelmente e não estou pronta ainda para sair da cama. Mas será necessário, porque alguém esmurra a porta da frente, sem pena — nem da porta nem desta pobre pessoa cansada. Desço as escadas e vejo minha tia, com uma expressão *confusa-barra-preocupada*,
PERIGOSAS ACHERON

tentando espiar para dentro da janela fechada.

— Tia! — Abro a porta e ela dá um pulo na soleira, com o susto. — Boa tarde.

— Lass^[1], quando chegou? E que história é essa de “boa tarde”? Ainda é cedinho... — Ganho um abraço apertado de minha tia ao mesmo tempo que ela me empurra para dentro de casa. Tia Elsie é adorável, baixinha e gordinha, cabelos ruivos presos num coque, agora num tom diferente do natural, porque ela está tingindo, culpa dos fios brancos. O rosto coberto de sardas e um sorriso, simpático demais, me olham, curiosos, enquanto ela tagarela sem parar. — Por que não disse que estava vindo? E que horas chegou? Eu não a vi...

Olho para o grande relógio da sala e me espanto ao ver que marca 7h15. Não acredito que apaguei por tanto tempo!

— Nossa, tia! Eu cheguei ontem, dormi tanto...

— *Aye*, certo. Vou cuidar de limpar a casa. Está indo para Kennoway hoje? — Titia me segue pela casa inteira, misturando inglês e *scot*^[2], enquanto eu preparo um café e sigo contando sobre a viagem ou, ao menos, a parte profissional dela. Quando eu disse que estava indo ao Brasil, ela

jurou que me daria uma surra se eu arrumasse qualquer namorado por lá, porque, segundo ela, brasileiros não são parceiros confiáveis. Nunca perdoou a minha mãe por ter ido embora conosco, e a situação envolvendo Ivan não ajudou. E eu não quero ouvi-la falando mal do meu delegado, principalmente sem conhecê-lo.

Sou informada de absolutamente tudo o que aconteceu nos últimos meses e, mesmo enquanto estou fechando a porta do táxi para partir, ela ainda está falando. Adorável, mas, misericórdia, como é fofoqueira!

Não muito tempo depois, me acomodo na poltrona do trem, ligeiramente cheio para uma manhã de segunda-feira. Tenho 45 minutos até Markinch e aproveito esse tempo para olhar minhas mensagens, ligando o celular que mantive desligado desde o dia anterior. Meu coração falha uma batida e não consigo conter uma lágrima furtiva, que escorre pelo meu rosto ao ver uma mensagem de Vince, enviada ainda no sábado à noite.

“Vicente: Me perdoa por ser um imbecil. Um idiota completo. Vim atrás de você, mas cheguei tarde, seu avião estava decolando. Queria

que viajasse sabendo que eu também te amo.”

Ele foi atrás de mim? Um soluço escapa, enquanto eu tento segurar o choro, daqui a pouco começo chamar a atenção das pessoas ao redor. Ele mandou outras mensagens, que eu passo a devorar, uma atrás da outra.

“Vicente: *Quando chegar, você me manda mensagem? Precisamos fazer isso funcionar, eu não vou desistir da gente.”*

“Vicente: *Eu estou meio bêbado, então, se eu escrever merda, me perdoa.”*

“Vicente: *Meu pau está nervoso comigo. Se você nunca mais voltar, eu garanto que ele não vai subir mais. Revoltado porque deixei você ir embora, sem que ele se despedisse.”*

Mordo o lábio, segurando a vontade de gargalhar. Esse Vicente não existe...

“Vicente: *Quanto tempo de viagem? Até de burro eu chegaria mais rápido.”*

“Vicente: *Eu amo você.”*

Gosto de como ele é dedicado. Desde o início, quando nos encontramos naquela boate, que ele sempre esteve tentando fazer isso dar certo. Tem a paciência de uma vespa africana, mas não posso tirar o mérito de ele ser mais corajoso do que

eu, quando o assunto é relacionamento, mesmo ele tendo um histórico ainda pior que o meu. Eu tive uma boa vida afetiva — de familiares e amigos. Meu Vince não teve nada disso e, mesmo assim, sempre esteve aberto e entregue.

“Malu: *Oi, gostoso. Cheguei ontem, mas o celular estava descarregado, só liguei ele agora. Ainda estou em viagem, de trem agora. Deixei meu coração aí, contigo, cuida bem dele.”*

Se for contar certinho o tempo que a resposta demorou a chegar, não deve ter dado meio minuto.

“Vicente: *Meu Deus. Que agonia ficar esperando. Devo ter envelhecido uns 15 anos só nessas horas de espera.”*

A gargalhada é inevitável. Bicho exagerado.

“Malu: *Foi mesmo até ao aeroporto?”*

“Vicente: *Fui. Mandeí mensagem, ainda estava lá, sentado no chão, feito um paspalho.”*

“Malu: *Diga para o seu pau continuar se comportando assim, bem bonitinho.”*

Sorrio, esperando alguma mensagem maluca em resposta.

“Vicente: *Ele vai. Só volta para nós...”*

Ficamos trocando mensagens assim, durante

minha viagem inteira. Não falamos de trabalho, de família ou nada disso. Passamos brincando um com o outro, como se não estivéssemos a dez mil quilômetros de distância.

Pouco tempo depois, desço na estação e procuro um táxi. Mais meia hora de viagem e salto em frente à casa de Eric, onde Violet, sua irmã, me recebe toda saltitante.

— *Awrite*^[3]! Voltou, finalmente! —
Recebo um abraço sacolejante. Essa garota foi sempre animada assim?

— Que outro jeito... Eric está na recepção?
— Ela acena que sim, e me acompanha até o portão de entrada. Sou, novamente, atualizada sobre tudo o que tem acontecido aqui. A pousada está cheia, reservas esgotadas até o final do ano.

Quando resolvi abrir o castelo e transformá-lo em pousada, não pensei que daria tão certo. Mas acabou ajudando bastante a vizinhança, temos muitos funcionários trabalhando conosco, fora os fornecedores locais. Por isso, entendo quando Eric se desespera, por ter nascido aqui no vilarejo, ele conhece as dores do local, o arredor cresceu muito por causa deste negócio.

Passo pela grande porta de madeira e dou de

cara com ele ao telefone, na recepção. Eric é um escocês típico: ruivo, branquelo, barbudo, cheio de sardas e bonito toda a vida, que sempre chamou a atenção das meninas das redondezas, mas sempre se manteve distante de qualquer pretendente. Suspiro, sabendo que é mais um dos muitos problemas que terei que resolver, e devo ter feito barulho, porque ele nota minha presença e, com um sorriso imenso no rosto, circunda o balcão para me receber com um abraço apertado.

— *Awrite, lass!* Por que não me disse que estava vindo agora cedo? Eu teria ido te buscar.

— Ué... era esperado que eu chegasse hoje, não? Afinal de contas, o processo não espera. — Me afasto um pouco para reparar nele, os cabelos um pouco mais longos que o normal, a barba bem-feita... — *Tá* parecendo um modelo!

Ele fica vermelho feito um pimentão, o que não é muito difícil, já que é tão branco quanto eu, e me ajuda com as malas até meu quarto. São quatro lances de escada, vou passando por um hóspede ou outro, cumprimentando a todos, acho curioso que os homens que vêm se hospedar conosco gostam de usar kilt, a famosa saia escocesa, mesmo que não sejam daqui. Abro a porta do quarto e ele está

totalmente colorido, tomado por flores típicas da estação.

Viro para trás e Eric me olha, com um sorriso doce, as mãos no bolso, e eu retribuo a gentileza, com um beijo no rosto.

— Você não existe, Eric... Escute, eu vou me trocar e já desço para repassarmos as coisas, tudo bem?

— *Mo luaidh*, descanse. Depois nos falamos.



Ouçó sons de batidas na porta e grito para quem quer que seja entrar, é Violet, com uma bandeja cheia de guloseimas vindas direto da cozinha. Suspiro ao sentir o cheiro do bolo Dundee, um tradicional bolo escocês recheado com frutas secas e coberto com amêndoas, e que nunca aprendi fazer com a mesma propriedade que Rose, nossa cozinheira, aplica na receita.

— Trouxe algo para você comer, Eric disse que talvez sentisse fome...

— Obrigada, querida. Eu já ia descer, mas agradeço. Senta aqui e divide comigo.

— Você parece abatida, *Louise*. — Sorrio, ao ouvir a forma como ela me chama. Nunca me chamou de nenhum outro jeito e devo ser a pessoa no mundo com mais formas diferentes de ter o próprio nome sendo pronunciado ou chamado pelos amigos. — Eric me disse que estava namorando? Um brasileiro.

— Sim, meu brasileiro lindo. — Sorrio, me lembrando das mensagens que trocamos na viagem.

— Vai passar — ela diz, com um tom cheio de certezas. — Daqui a pouco você arruma um amor escocês e não vai mais ficar sozinha. Desce depois.

Sequer tenho tempo de argumentar, ela vira as costas e sai, batendo a porta atrás de si. Estou achando essas pessoas muito esquisitas, ou eles sempre foram assim e eu é que nunca notei? Me volto para a bandeja que ela deixou, cheia de queijos, pães, bolo, suco... começo a comer e sequer havia me dado conta que estava com tanta fome.

Tomo um banho e visto uma blusa de malha de manga longa, uma saia de tecido, também longa, e sapatilha nos pés. Deixo os cabelos soltos e sigo para a recepção, Violet está ao telefone e não vejo

Eric.

— Ele foi mostrar a parte de trás para um novo hóspede — ela me fala, apontando em direção à cozinha, e eu sigo até lá. Não demora muito, vejo Eric e um senhor calvo, e muito alto, olhando a paisagem pela porta de serviço.

— Boa tarde — saúdo, e o homem me dá uma *secada* de cima a baixo, lambe os lábios e sorri. *Ew*, que nojo.

— Senhor Hudson, essa é a *senhora* Drummond, proprietária. — Trocamos um olhar, sua expressão não nega que, assim como eu, ele também notou como o homem agiu ao me ver chegar. Apesar de manter a postura profissional, seu rosto está vermelho.

— Olá, beleza. Vejo que aproveitarei bastante a minha estadia aqui.

— Folgo em saber. Eric, te espero no escritório. — Ele me acena e eu volto por onde entrei, tão rápido que, por pouco, não estava correndo. Meu amigo entra um tempo depois, ainda carrancudo.

— *Escroto!* Se eu o pegar te faltando com o respeito, vou jogá-lo no lago! — Imediatamente me lembro de um dos homens que vieram trabalhar

aqui durante a reforma e que era muito inconveniente. Eric o pegou pelo pescoço e, arrastando até os fundos da propriedade, o jogou dentro do lago. Gargalho com a memória.

— Eric, daqui a pouco vão inventar nova modalidade olímpica: arremesso ao lago.

— Eles que se atrevam a chegar perto de você, *mo luaidh*. — Vejo quando ele dá dois passos em minha direção e me viro, pegando uma pasta em cima da mesa. — Aqui que estão os documentos relacionados ao problema que estamos tendo? A que horas iremos até a prefeitura?

— Amanhã pela manhã. — O encaro, surpresa.

— Não me disse que a data limite era hoje? — Jogo a pasta em cima da mesa. — Qual o jogo aqui, Eric?

— Que jogo, Maria Luiza, ficou louca? Eu consegui mudar a data para amanhã, porque imaginei que você estivesse cansada demais, eles aceitaram quando souberam que você estava na cidade. Vai ficar agora procurando falhas em tudo o que eu faço?

Suspiro e meneio a cabeça, negando.

Eric me aponta a cadeira atrás da grande

mesa de carvalho e passamos as próximas duas horas colocando tudo relacionado ao trabalho em dia. Quer dizer, ele me *atualiza* sobre tudo, porque as coisas estão perfeitas, tirando esse problema com as taxas, tudo o mais funciona perfeitamente. Sou apresentada à Colleen, a nova funcionária que cuida do marketing — para desespero de Violet — e das reservas.

Quando terminamos tudo, seguimos para a cozinha, os hóspedes já jantaram na grande mesa da sala de jantar, mas nós dois sempre preferimos a pequena mesa da cozinha. Me sirvo de salmão grelhado, batata sauté, legumes cozidos e adoro como Rose consegue deixar tudo delicioso e com um ar caseiro. Tenho muita fome e como feito um garoto de rua, quando levanto meus olhos vejo Eric, me encarando.

— O que foi? A comida estava quase fugindo do prato, precisei ser rápida...

Sua mão alcança a minha em cima da mesa, esfregando o polegar, em um carinho constante.

— É bom te ter de volta, *mo ruaidh*^[4]. Senti sua falta. As coisas se encaixam com você aqui, tudo agora está no lugar...

— Eric... — puxo a mão, sentindo um

incômodo se manifestando na base do meu estômago —... nós precisamos conversar.

— Precisamos, sim. Mas não hoje. Vá descansar, ruiva. Conversaremos amanhã.

Sem me dar chance, ele se levanta, deixa um beijo no topo da minha cabeça e sai. Rose mantém um olhar divertido, que eu respondo revirando o meu e me despeço, subindo de volta ao meu quarto, já que o dia aqui na pousada começa muito cedo. No caminho cruzo com Hudson, o hóspede estranho, que fica em silêncio me acompanhando com o olhar.

Cinco da manhã e já estou descendo as escadas novamente, sigo até a cozinha onde Janet está às voltas com o café da manhã, que começa a ser servido a pouco mais de uma hora. Cuido do recebimento de nossa remessa diária de leite e queijo, e sigo para o canil. Temos três deerhounds, que caminham no momento tranquilamente pelo gramado. São enormes e servem como desculpa por não termos cães de guarda no local, eles não são agressivos, mas o tamanho disfarça bem.

— Bom dia, senhorita Drummond. — Ouço a voz arrastada em minhas costas, e me deparo com Hudson, me olhando com um sorriso um tanto

cínico.

— Levantou cedo, senhor Hudson. O café já será servido, começa a partir das seis e meia. — Tento dar um ar neutro e profissional para que ele não sinta liberdades que não estou concedendo.

— Gosto de poder ter acesso às belezas que a vida me oferece, senhorita...?

— Drummond. — Mantenho firme meu sobrenome, evitando intimidades. — Fique à vontade, Sr. Hudson.

Dou meia volta e passo por ele, mas meu olhar furtivamente vai para o lado, um pouco mais adiante de onde estamos, e o sorriso vem involuntário. Aquele escocês grandalhão adoraria treinar americano ao alvo.

Às sete o local já está tomado de vozes, é uma rotina muito cansativa. Servir café, receber os novos hóspedes, acomodá-los. Fico ocupada por um bom tempo até descer novamente e encontrar Eric, ainda treinando Colleen em sua nova ocupação.

— Bom dia, *mo luaidh*.

— Bom dia, Eric. Colleen... — Paro em frente ao balcão. — A que horas iremos até à prefeitura?

— Qualquer hora, após às dez. Você acordou mais cedo hoje? Cheguei aqui e tudo estava bem adiantado.

— Servimos bem para servir sempre, senhor! — Faço uma medida exagerada, arrancando risadas de alguns hóspedes que estão fazendo check-in, e parto para ocupar o restante do meu tempo com mais trabalho. Honestamente, não sei como Eric conseguiu dar conta de tudo, sozinho, nos últimos dois meses. Estamos em quatro agora — Violet, Colleen, ele e eu — e mal tenho tempo de respirar.

A temporada de inverno é mais tranquila, mas durante o verão, ainda que na Escócia temos poucos dias de sol firme, isso aqui fica lotado. Pouco depois das dez, seguimos até o centro, para resolver os tais problemas fiscais. Tudo foi feito muito rápido e, como ele já tinha me adiantado, teria que ser feito por um proprietário ou alguém em posse de uma procuração — coisa que Eric não possui. O que não me fez ficar menos nervosa com ele, porque esse problema tinha sido relatado a ele, pelo nosso contador, há três meses. O próprio senhor Gordon me relatou que a discussão que meu irmão havia presenciado entre ele e nosso gerente

tinha sido pela demora em resolver a situação, deixando tudo para a última hora.

Em silêncio, assino toda a papelada, dando entrada em todas as regulamentações e recebo a garantia de que em menos de dez dias tudo estará ok.

— Assim que chegarmos à pousada, quero falar com você, Eric, mas antes de irmos embora, preciso passar no escritório de nosso advogado.

— O que pretende fazer lá? — Caminhamos lado a lado em direção à grande SUV que usamos quando temos que vir até a cidade.

— Quero deixar uma procuração assinada, caso eu precise viajar novamente nas próximas semanas. — Ele para, estático, no meio do estacionamento. Eu só noto passos depois, quando não o vejo seguindo ao meu lado. — Hey, o que foi?

— Pensa em viajar novamente?

— Claro.

— E vai fazer o que lá, Maria Luiza? Lamber seus irmãos que não te dão a mínima e nunca vêm te ver? As amigas que sequer fazem um esforço para vir aqui? Ou é por causa daquele... aquele... *wee shite*^[5]?

— Eu não estou te reconhecendo, Eric. Que direito você acha que tem para falar assim comigo? Em ditar o que eu devo ou não fazer, o tempo que eu passo fora, como se fosse meu dono? Enlouqueceu, por acaso?

— EU ESTAVA AQUI, OK? — ele explode, inclusive, chamando a atenção de todo mundo que está mais próximo de nós. — Eu vi como você chegou. Dias e dias trabalhando incansavelmente, sem receber uma ligação daquele lado do mundo. Chorando sozinha, porque se sentia abandonada, traída. Foram anos até que você pudesse finalmente sorrir de novo, pudesse organizar a sua vida, planejar o seu futuro. Aí recebe uma ligação, passa um mês naquele lugar e já quer voltar de novo? Não tem amor próprio, esqueceu tudo o que passou por lá? Seu instinto de autopreservação deve ter quebrado, só isso explica.

Sua explosão me pega desprevenida. Ele segue adiante, pisando duro e me deixa pasma, ainda parada no mesmo lugar. Quero gritar com ele, ao mesmo tempo que sei que, sim, ele esteve comigo aqui o tempo todo e ele até tem razão em algumas coisas que disse. Mas isso não lhe dá propriedade — ou prioridade — sobre a minha

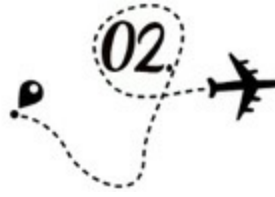
PERIGOSAS NACIONAIS

vida. E só me faz entender que eu, por muito tempo, fui permissiva com todo mundo.

E que agora chega.

PERIGOSAS ACHERON

Atentado



Vicente

Abro a porta e me deparo com um Rodrigo todo desalinhado, longe de parecer o galã de novela — mexicana — que ele se mostra no dia a dia. Seu relacionamento com Sara evoluiu bastante desde que ele decidiu, ainda no hospital, que não aceitaria mais os *perdidos* que ela lhe dava. Nossa volta de Ribeirão Preto foi um tanto animada, ouvindo as histórias que ele contava, ainda que elas estivessem encobrindo toda a sua preocupação com a, agora, *quase* namorada.

Chega a ser divertidíssimo ver o baile que ela dá nele.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto, dando passagem para ele entrar, enquanto me sinto sendo analisado com um certo cuidado.

— Passei a noite em Atibaia e, quando cheguei, fui direto lá no parquinho. O velhinho da portaria falou que a ruiva foi embora. — Abaixo a cabeça, ainda achando difícil demais esta nova situação de relacionamento à distância.

— Sente aí — aponto o sofá e parto para a

cozinha —, estava preparando um café, vou te servir uma xícara, está precisando. Passou a noite acordado?

— Sim e não, ando meio sem sono. Ainda não engoli esse lance de Sara e Samuel serem emboscados e, apesar do Camacho estar preso, DuBom não está.

Entrego-lhe a caneca e me sento, olhando pela janela. Ainda temos um longo caminho e os depoimentos deste caso estão apenas começando. A morte de Natália e do policial aliado a Noronha causaram um estrago grande, o suficiente para, felizmente, o colocar na mira das investigações. Ele, obviamente, fez a linha ofendido, mas pouco me importa. E o monte de bosta que participou do assassinato de Natália pouco falou, infelizmente. Fui informado de que algumas partes do seu depoimento serão de meu interesse, no entanto, e eu estou me roendo de curiosidade, porque a situação anda bem complicada.

Para começar, a dor de cabeça Michelle, uma das agentes que havia sido afastada, está desaparecida. Assim como Cibele. E depois da morte do Dantas, isso é preocupante demais. Juan, cunhado de Malu, foi detido, logo após o

depoimento de Marco. O bunda mole era tão cheio de si que, talvez, apostava que sairia ileso. Mas depois do depoimento de Marco, que está sob proteção policial, Juan foi detido. Isso, aliás, foi uma das mil coisas que não acompanhei por estar em outra cidade.

Não havia sido uma semana fácil para minha garota *também*, mas, como esperado, ela aguentou o tranco. Nem por uma vez reclamou para mim, ainda que se sentisse no olho do furacão. Seu irmão dando um depoimento arrasador e precisando ser tirado da cidade, sua irmã ensandecida, seu cunhado preso, sua amiga espancada. Para quem sempre se gabou de ter a vida tranquila, a dela tem sido um verdadeiro carrossel.

— Não vai demorar muito até pegarmos esse desgraçado. O que me preocupa é outra coisa, Rodrigo. — Volto a olhar para ele. — Eduardo não é o chefe, e tenho para mim que Camacho não atuava aqui na capital. O foco dele era somente tráfico de drogas no interior.

O fato de não ter encontrado nenhuma informação sobre o homem que Sara apontou nas fotografias, e os depoimentos, até então, serem completamente vazios, me preocupam. Esta será

PERIGOSAS NACIONAIS

uma semana cheia de trabalho e por causa do envolvimento de Juan, até mesmo aquele babaca renegado será convocado para depor.

Já viu como minha semana será infernal, não?

— Trocou a fechadura dessa porta?

— Ainda não. Sequer lembrei, para ser sincero.

— *Porra*, Vicente, não dá mole, *caralho*. Vai saber quem mais teve acesso à cópia da tua chave!

Tomo um esporro e sequer posso reclamar. Mas, para ser honesto, não tive mesmo muito tempo para pensar nisso. Depois da morte de Natália, eu viajei e tampouco lidei com os desdobramentos que isso me causou. O fato de ela ser diretamente ligada à LIB, ser minha ex-noiva e ter sido morta saindo de minha casa, não passou impune à imprensa, que vem martelando essa informação em tudo quanto é tipo de veículo, desde o ocorrido.

Mandar minha ex-noiva de volta à minha vida teria sido um golpe de mestre da organização, afinal de contas, eles estariam comprometendo o delegado responsável pela investigação. Porém...

PERIGOSAS ACHERON

esse delegado não sou eu, e eu continuo sem entender a súbita fixação que eles adquiriram pela minha pessoa.

— Você está bem? — a pergunta me traz de volta, e é impossível ser sucinto na resposta, mas é o que me resta.

— Vou ficar. Vou resolver isso. Não tive cabeça, cara. Para ser honesto, eu sequer me lembrei disso. — Bato em sua perna e me levanto. — Vamos, está na nossa hora.

Já estava acostumado ao trajeto longo do apartamento de Malu até a delegacia e fazer o percurso em menos de quinze minuto me traz estranheza. Quando menos espero, já estou adentrando o imponente prédio da delegacia, onde os agentes já estão correndo de um lado para o outro, iniciando mais um dia.

— Vai conseguir almoçar com a gente hoje, delegado? — Ramiro se aproxima, desde a operação passada que eles andam feito puta velha me cercando, querendo que eu bata de frente com o superintendente para reunir a minha equipe novamente e eu estou, realmente, muito tentado a isso.

— Vamos ver. Se eu conseguir finalizar o

caso dos Kyriacos, eu... — Meu telefone toca e eu estranho, não reconhecendo o número. — Avellar falando...

— *Vicente Avellar. Que prazer em falar com você!* — A voz cínica do outro lado da linha me deixa em alerta.

— Quem está falando? — Tiro o aparelho do ouvido para, mais uma vez, olhar o número e sigo para a área de inteligência.

— *Uma semana investigando e ainda precisa que eu te fale quem eu sou? Sinceramente, desse jeito vou ter que acreditar no que dizia o ex-chefe, você é muito lento, Avellar.*

Um estalo me faz parar no meio do corredor, esbarrando em alguém que vinha em direção contrária.

— Alexandre...

— *Boa, delegado. Muito bem. Eu estou ligando para agradecer os seus préstimos. Sabe como é, Camacho estava colocando as manguinhas de fora, aliciando alguns dos meus subordinados. A sua ajuda foi muito importante, agir de surpresa, sem ele ser alertado, foi excelente, finalmente a polícia federal resolveu colaborar comigo.*

Lamento, imensamente, ter trocado meu

aparelho quando Moraes foi afastado e pegamos a delegacia toda monitorada. E, infelizmente, só me lembro disso ao parar na porta do TI, onde vim fazer o pedido de rastreamento de ligação, e me dou conta de que isso não será possível.

— Eu não estaria muito feliz se fosse você. Afinal de contas, chegar até você será questão de tempo.

— *Ou não, delegado. Mas eu também estou ligando para agradecer por ter dado cabo do incompetente do Brito. Eu mandei-o apagar a sua rata ruiva, e ele mata a minha gerente geral? Se você não tivesse feito o serviço, eu mesmo faria.*

— O quê?! — congelo, aturdido com a informação.

— *Vou lhe falar, eu fiquei muito curioso em saber o que aquela ruiva nanica tinha de tão bom. Virou a cabeça do irascível delegado federal e ainda conquistou o coração de Eduardo Ramos. Saiba que ele não está muito feliz, inclusive, com o fato de ela ter saído do país. Estou até esperando que, em breve, veremos DuBom de kilt...*

Meu coração bate tão forte no peito que eu mal consigo respirar. Olho, apavorado, para Rodrigo, que está ao meu lado, sem entender nada,

enquanto do outro lado da linha o filho da puta continua provocando.

— *Eu quis evitar uma comoção internacional, sabe como é. Mandeí apagarem a rata ruiva, mas o imbecil do Brito apagou a mulher errada. Mais uma baixa que irá para a sua conta, aliás, Avellar.*

— Não se atreva...

— *Gostaria que soubesse que fiquei surpreso em saber que estive sempre em meu caminho. Agora estou somente cansado. Conversaremos daqui a pouco, meu caro. Estou te esperando.*

— Vicente, você está branco. O que aconteceu?

— Onde está o Bruno? Preciso falar com ele, reunir a equipe e...

— Acabaram de me avisar que ele foi chamado para o C.D.P., queriam falar com o delegado responsável pela prisão do Camacho. Eu deveria ter ido junto, mas passei na sua casa antes e...

Não deixo Rodrigo terminar de falar. Saio correndo, direto para a sala de Hélio, tentando entender por que ele enviaria um delegado até o

centro de detenção. Me deparo com gritos vindos de dentro de sua sala e, quando abro a porta, ele já está vestindo o terno.

— Avellar, reúna todo mundo. Já conversei com o ministro e estamos transferindo Camacho e seu grupo para outro estado. Houve uma emboscada, na chegada do grupo ao C.D.P. e parece que tivemos baixas.

— A equipe estará pronta em cinco minutos, senhor. Agora, fico curioso... por que enviou Bruno até lá? — O homem para no meio do caminho e me encara, uma expressão furiosa no rosto.

— Aí é que está, Avellar. Eu não enviei.

Não demora muito e saímos em comboio rumo ao Centro de Detenção Provisória, que não fica muito distante da delegacia. O local está virado no inferno, totalmente tomado por policiais, curiosos e, olhando para o alto, consigo notar um helicóptero da equipe de reportagem se aproximando. Uma ambulância passa ao nosso lado com a sirene ligada, em velocidade considerável e eu olho ao redor, tentando encontrar Bruno ou qualquer um de nossos agentes, mas tudo o que eu consigo visualizar é uma multidão tentando romper

a barreira de segurança, e alguns corpos mais adiante, caídos no chão.

Me aproximo, desviando da multidão, nervoso, tentando enxergar quem morreu no confronto, ao mesmo tempo que sinto o coração disparado, torcendo para que não seja ninguém que eu conheça. Consigo me aproximar, antes da manta cinza cobrir totalmente o corpo, e reconheço DuBom entre as vítimas.

Mas que merda! Que inferno aconteceu por aqui?

— Vicente! — Ouço meu nome ser chamado em meio à confusão, e localizo Williams, vindo ao meu encontro. Abatido, a roupa ensanguentada, trazendo em uma das mãos sua arma em punho e a impressão que eu tenho é que basta uma palavra atravessada, para que ele dispare aquilo.

— Trave tua arma, Soares. Vamos evitar acidentes. — Aponto sua arma com a cabeça, e o vejo surpreendido, como se não tivesse sequer a noção de que ainda estava armado. — O que aconteceu aqui?

— Uma loucura do *caralho*... — Ele puxa os cabelos, olhando ao redor, e dá para ver que ele

está no limite. — Bruno recebeu uma chamada logo cedo, supostamente alguém aqui precisava falar com ele. Na mensagem, parecia que era algum problema sobre os prisioneiros da operação de sexta-feira, e ele, inocente, pensou que seria algo relacionado à essa merda de burocracia. Viemos nós três, eu, ele e Fabão. E, *porra...* não deu tempo de fazer muita coisa. Descemos da viatura ali — ele aponta para o carro estacionado não muito distante de onde estamos —, e quando andamos cerca de vinte e cinco metros, fomos recebidos a tiros.

Ouçó o relato, atônito. A van preta, estacionada do outro lado da rua, tem um corpo ainda no volante e, por sorte, alguns carros estavam estacionados em frente ao prédio, dando a eles a mínima chance de se proteger.

— Você se feriu? — pergunto, devido à situação de sua roupa, e ele nega.

— Esse sangue não é meu. O filho da puta do Arthur estava com eles, acredita? Arrebentou a perna do Fabio, rindo para *caralho*, antes de levar um tiro no meio dos cornos.

— Sobrou algum daqueles filhos da puta?

— Felizmente, não. Tivemos auxílio dos agentes daqui, a merda foi maior porque fomos

pegos de surpresa, não fosse isso... estávamos em maior número. — Sua voz é trêmula, irritada, o homem está por um fio, e eu consigo compreendê-lo totalmente. — E... Vicente, foi o seu nome que DuBom gritou quando chegou. A emboscada era para você.

Relembro a ligação que recebi pouco antes de saber desse ataque. “*Estou te esperando.*” Filho da puta!

Ficamos ainda por um tempo no local, colhendo informações, acompanhando o trabalho da perícia e tentando entender qual é a loucura da vez. Porque, de repente, essa organização surtou de forma abestalhada e resolveu partir para o tudo ou nada. Não faz sentido algum que, depois de anos agindo com uma certa inteligência, tendo pessoas infiltradas, inclusive, entre o sistema de segurança pública, eles passem a atacar dessa forma maluca. É estúpido demais, iniciante demais. Alguma coisa tem por trás disso tudo.

Williams conta que DuBom parecia ensandecido quando viu que era Bruno, e não eu, descendo do carro. Falava sobre ter perdido tempo, sobre uma viagem que ele tinha feito, sobre estar sendo preterido, e outros absurdos que ninguém

PERIGOSAS NACIONAIS

entendia. Descarregou sua arma no delegado, só não contava com a boa pontaria dele. Um tiro certo e lá se foi o saco de bosta.

Quando chegamos ao hospital, um tempo depois, uma pequena comoção está instaurada na sala de espera. Bruno acabou não resistindo aos ferimentos e faleceu, ainda na mesa de cirurgia. E, com isso, acaba sendo inevitável eu me sentir péssimo, afinal, foram anos de rivalidade e o homem acaba morto em uma emboscada que, segundo eles, tinha um alvo claro. Merda de coincidência.

Relembro nossa conversa, dias atrás, quando ele me contou sobre o amor de sua vida e os planos que ele tinha de largar tudo e viver com ela. Tudo acabado, todos os planos interrompidos pela insanidade que isso se tornou.

— DuBom claramente tirava sarro de nós. Falava sobre termos afastado todo mundo, até quem não devia, e deixado o mais perigoso para trás — Williams aponta.

— É como se essa organização estivesse dividida, e eles agora estão se engolindo — Rodrigo diz, e eu até concordo com isso. Um caso clássico de muito cacique para pouco índio.

PERIGOSAS ACHERON

— Então essa é a nossa chance — declaro, firme. — Se estão fazendo merda entre eles, é a nossa hora de fazer alguma coisa certa.

Minha equipe se reveza entre ficar assustada por mim e lamentar a morte de Bruno, porque, levando em conta tudo o que Williams disse, as balas tinham endereço. Me afasto do grupo e sigo em direção à janela, sinto falta de ar e minha cabeça não me dá uma trégua.

— Cara... — Rodrigo se aproxima, seu tom entrega que ele está mais apreensivo que o normal —... se isso for verdade mesmo, não é uma boa você sair um pouco da cidade?

— Não vou a lugar nenhum.

— Você podia aproveitar, tirar umas férias, ir lá para o estrangeiro, atrás da sua ruiva.

— Eu não vou! Não vou sair daqui. Não vou dar a eles esse gostinho, eu vou é meter a cara nesta investigação e botar esses filhos da puta na cadeia.

Estou muito nervoso. O estômago embrulhado, a cabeça doendo demais, meu corpo finalmente se curva a todo esse estresse. Parece que, de um mês para cá, o inferno resolveu baixar na terra e agora não tenho sequer um alívio. Nas

últimas semanas, por piores que fossem os dias, à noite eu tinha minha pequena comigo para me dar um carinho, e agora sequer isso eu tenho. Saio da sala de espera, caminhando pelos corredores do hospital, pensando em Malu. Preocupado com as notícias que possam veicular pela internet, o que pode chegar até ela. Imagina, ler pela internet que abriram fogo em um delegado pensando que fosse eu?

Se eu levar isso em conta, é até bom que ela esteja longe. Minha mente fica reprisando o tempo todo aquele infeliz falando que a ordem era para matá-la e ao invés de ver Natália deitada naquele estacionamento, de repente estou visualizando Malu sendo alvejada, e eu a perdendo para essa guerra insana. Eu não suportaria. Só de imaginar, sinto o ar faltando em meu peito.

— Vicente, você está bem? — Sinto uma mão em meu ombro e quando ergo o rosto, vejo meu irmão abaixado ao meu lado. Sequer havia me dado conta de que estava sentado no chão do corredor. — Está se sentindo bem?

Me pego o encarando, analisando sua aproximação. Relembrando nossa adolescência, todas as provocações, a nossa inimizade totalmente

incentivada por nossa mãe, até que um dia eu não suportei mais e partimos para as vias de fato. Foi tanta porrada aquela tarde que me senti como figurante num filme do Rocky. Isso deve ter acontecido há dez anos, e nunca mais tínhamos conversado, até agora.

— Estou bem — minto, e ele claramente nota, mas opta por não contrariar.

— Sinto muito pelo seu amigo...

— Obrigado. Tem notícias do outro policial?

— Está na emergência, aguardando cirurgia. Quer vê-lo? Não chegou ninguém da família dele aqui, ainda.

— Quero sim, obrigado. Ele não tem família aqui. Vou precisar de escolta na porta do quarto dele, enquanto estiver internado, vou providenciar isso ainda hoje.

— Sem problemas. Vem comigo... — Me levanto e o sigo por um corredor largo até a emergência e, então, passo pelo acesso ao andar superior. — Como está a garota do outro dia? A que foi espancada?

— Está bem, se recuperando. Com o namorado dela. — Ouço uma risada baixa, ele

parece achar que eu falo para provocar, mas a resposta sai automática.

— E a amiga dela? É sua namorada, certo?

— Não é da sua conta, Vítor. Onde é o quarto do Fábio? — respondo, rudemente, de propósito, já cortando qualquer conversinha furada, e ele só balança a cabeça em silêncio. Me aponta o quarto e diz qualquer coisa sobre estar por perto caso eu precise de alguma coisa, mas não dou atenção.

Confesso que me surpreendo ao vê-lo trabalhando num hospital público, o padraço dele é um dos maiores cirurgiões do país e trabalha em uma rede particular, pensei que ele seguiria o mesmo caminho.

Abro a porta e Fabão ainda está sedado, levou dois tiros na perna e o prognóstico inicial não é positivo.

— E aí, *doutor*... você é sortudo mesmo, hein? Escapou das balas.

— Não fala merda. Como está se sentindo?

— Aleijado. Sabe que esse estrago no joelho não tem conserto, *né*? Não *tô* sentindo nada porque estou grogue, mas assim que liberarem a sala de cirurgia, vou voltar com uma perna a

menos.

— Qual parte do *não fala merda* você não entendeu? Escuta, depois vamos pegar o seu depoimento, mas fica bom primeiro, ok? Vou colocar escolta na porta do seu quarto, nunca se sabe.

— Coloca escolta na tua porta, Vicente. Esse pessoal não está de brincadeira.

Não, não está. Mas eu estou tão de saco cheio disso que também não quero mais brincar.



Malu

O toque do celular me faz saltar e, tateando o colchão, alcanço o aparelho que deixei carregando em cima da mesinha de cabeceira. O relógio digital marca pouco mais de duas da manhã, e me alarmo. Já estamos combinados de que ligações no meio da noite não trazem nada de bom. A situação fica ainda pior quando vejo o nome de Raquel piscando na tela do celular.

— Alô, Raquel?

— *Oi, Malu... acordei você?*

— Está tudo bem? Que voz é essa?

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Tudo bem... tirando o fato de que eu estou muito decepcionada com você. Viajar escondido, Maria Luiza?*

Eu não tinha sido muito bacana com minhas amigas, preciso ser honesta. Desde que cheguei, não havia falado com elas, nem uma vez sequer. Passei uma mensagem rápida para ambas, dizendo que estava em Kennoway e conversaríamos quando tivesse um tempo livre. Nenhuma das duas me retornou, eu fiz o mesmo, entendendo que elas poderiam estar ocupadas, assim como eu.

Mas, vejo agora, elas estão é chateadas comigo.

— Me desculpe, Quel. Não estava com cabeça para falar sobre isso, e ando um tanto quanto ocupada. Foi tudo de última hora.

— *Entendo. Não vou concordar, nunca, com sua partida, mas entendo.*

Um incômodo silêncio do outro lado da linha acaba me deixando ansiosa. Se combinar isso com o fato de não ter falado com Vicente hoje, o dia inteiro, sinto como o prenúncio de uma bomba caindo sobre a minha cabeça.

— Aconteceu alguma coisa, Raquel? Vicente está bem?

PERIGOSAS ACHERON

— *Na medida do possível, não é?* — A resposta é seca, mas logo ela arranha a garganta, e o restante sai em um tom mais amigável. — *Eu o vi agora à noite, queria notícias do Sam. Estamos todos bem. A preocupação aqui é com você.*

— Eu? Por quê?

— *Está sozinha aí... Tony está com você?*

— Tony está viajando, foi para os Estados Unidos. Mas volta semana que vem, está tudo bem por aqui.

— *E você, volta quando?*

Suspiro fundo, sentindo o velho e conhecido aperto no peito. Sem a menor ideia do que responder, visto que, não tenho a menor ideia de quando vou ter tudo resolvido aqui.

— Não sei, Raquel. Eu realmente não sei...

Apesar do horário, ficamos uns bons quarenta minutos ao telefone, e eu aproveito para me atualizar sobre tudo. Juan está naarceragem desde que foi detido, semana passada e, aparentemente, sem medo algum de afundar, levando uma meia dúzia com ele. Inclusive, meu irmão que, ainda estando sob proteção policial, vai responder por ter omitido fatos que colaboraram com as ações da LIB, mesmo que indiretamente.

Sara e Samuel continuam em Atibaia, se recuperando e sob proteção.

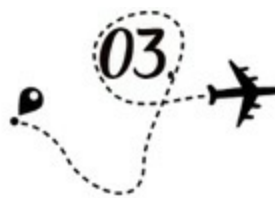
Aparentemente tudo está muito calmo e tranquilo. Mas, você concorda comigo que não há nada casual e tranquilo em um telefonema a essa hora da madrugada? Pois é. Mesmo depois de um bom tempo, após a ligação ter sido encerrada, eu não consigo voltar a dormir.

Fico olhando para a tela do celular, o status de Vicente ainda marca como *off-line* e essa sensação estranha no peito não me abandona, nunca. Decido mandar uma mensagem, e esperar, já que ele sempre responde rapidamente.

“**Malu:** *Oi, gostoso. Estou com saudade.*”

Pego no sono um bom tempo depois, no entanto, sem ter tido resposta.

Mo Luaidth



Malu

Estico meus braços para o alto, minha coluna está em frangalhos. O sábado chega ao fim e, finalmente, novos hóspedes só chegam na segunda-feira. A pousada está quase vazia, dois quartos ocupados, apenas, o que nos dá um respiro para amanhã, que será um domingo muito tranquilo.

A semana passou tão cheia, que não tive tempo de absolutamente mais nada. Depois da crise de Eric, estamos nos falando o mínimo possível — não por mim, obviamente, mas ele resolveu se afastar, somente se dirigindo a mim quando é referente à alguma pendência urgente da pousada. Não vou mentir, seu comportamento me deixa magoada, mas se ele prefere ser infantil a esse ponto, o problema é exclusivamente dele. A forma como ele estava agindo era como se eu tivesse feito algo muito errado, que eu sequer sabia do que se tratava.

Não estou com paciência.

Também não tive mais notícias do Brasil.

De ninguém, aliás. Minhas amigas decidiram me isolar, como punição por ter vindo embora, as conversas são monossilábicas e me sinto terrível por causa disso. É péssimo ter que tomar uma decisão que você não queria ter tomado, e receber críticas e represálias por causa disso o tempo inteiro. Está acontecendo agora a mesma coisa que há cinco anos, com a grande — e dolorosa — diferença que desta vez nem minhas amigas me apoiam.

E como se não bastasse, eu não consigo conversar com Vicente. Ele anda com os horários mais estapafúrdios que já vi, e nunca arrumamos tempo para uma conversa decente. Eu mando uma mensagem, ele responde horas depois, geralmente quando não tenho tempo de checar e, por isso, acabo respondendo muito tempo depois, quando ele não está disponível.

Sempre achei que namoro à distância fosse um barco furado, mas em minha concepção, é um barco que afunda conforme o tempo vai passando. Estamos apenas na primeira semana e nosso namoro vai muito mal, obrigada.

Eu sabia que isso não daria certo. Quando o conheci, eu senti que não seria um caso qualquer,

de uma noite, apenas, e que quando voltasse, eu acabaria o perdendo. E dói demais pensar nisso. Se alguém dissesse que eu estaria apaixonada a essa altura da minha vida, eu diria que essa pessoa tinha enlouquecido. No final, quem enlouqueceu fui eu. De tesão. De saudade.

Ainda perco mais um tempo olhando o céu, que deve estar estrelado em algum ponto do planeta que não seja escocês, e me aconchego um pouco mais na malha de lã. Menos de um mês e o Outono chega, a paisagem vai começar a assumir o tom de ouro que tanto amo. Ouço um barulho adiante e firmo o olhar para ver quem se aproxima... Henry.

— Boa noite. Só estava checando se não tinha nenhum hóspede perdido na parte de trás. Aquele brasileiro que veio para cá, mês passado, deu trabalho. — Sorrio, me lembrando de Rose falando o quão perturbado Gael era e como ele deixava o segurança doido. — Já estou me retirando.

Me despeço, com um aceno. Henry é primo de Eric e mora aqui nas redondezas, é um garoto excelente. Acho curioso vê-lo fazendo o trabalho que seria do primo, mas talvez, por causa da raiva, ele resolveu rever suas ocupações e delegar

funções. Solto um suspiro e entro, todos já se retiraram ou foram embora. Durante a semana a sala de descanso virou um karaokê, é até estranho ter tanto silêncio no local.

Passo pelo primeiro andar onde estão os últimos hóspedes, que ainda estão por aqui — um casal espanhol e Hudson, o americano estranho — e consigo ouvir a festinha que os espanhóis estão se proporcionando. A menina grita tanto e tão alto, que agradeço imensamente não termos crianças no local esta noite. Sortuda...

Se estivesse com meu menino bonito a essa hora, muito provavelmente estaria gemendo e berrando tanto quanto ela. Rio, baixo, me lembrando da minha vizinha mal-humorada e como ela reclamava da minha falta de decoro. Será que sou exagerada assim?

Credo, que delícia.

Aperto o passo, combinamos de conversar hoje à noite, deixamos o horário marcado para, finalmente, termos paz para nos vermos, ainda que por vídeo chamada. Sigo para o meu quarto, encontro a porta entreaberta e estranho... Eu não tenho o costume de deixá-la assim. Claro que todos os hóspedes sabem que o último andar está fora dos

limites, e nunca tivemos problemas com isso, mesmo assim, eu sempre fecho a porta. Abro com cuidado, tudo parecendo bem silencioso. Tateio a parede até alcançar o interruptor e acendo a luz, abrindo a porta em um rompante... para ver tudo vazio.

Que louca descuidada você se tornou, Malu. Também, sempre com a cabeça no mundo da lua...

Tranco a porta por dentro e, rapidamente, me livro da malha grossa de lã, da botinha e da calça jeans. Caminho até a janela para fechar as vidraças, quando sinto um puxão em meu cabelo e uma mão grossa tapando minha boca, me impedindo de gritar. Mas o quê...?

— Senhorita Drummond... — o sotaque americano entrega o que está acontecendo, não acredito que esse maldito se escondeu em meu quarto —... eu sabia que a teria em meus braços, antes de terminar o final de semana.

Me chacoalho, tentando me soltar, mas ele prende meu cabelo com força na nuca, sua mão força meu nariz, mal me permitindo respirar. Ergo a mão para segurar a cortina, mas um puxão faz com que a solte e ele começa a me arrastar em

direção à cama. Tento evitar entrar em pânico, preciso me acalmar para pensar com calma em como me livrar disso, mas, além de ter conseguido me pegar de surpresa, ele é muito alto e muito forte.

Seguro no dossel da cama e forço meu corpo para trás, fazendo com que ele solte minha cabeça, liberando um pouco de ar. Seu aperto afrouxa um pouco e é suficiente para que eu morda sua mão, o levando a instintivamente abaixá-la mas, infelizmente também o leva a aumentar o puxão em meu cabelo e, em seguida, me estapear no rosto, com muita força.

— Maldita! Acho bom não dificultar, senhorita Drummond, à força pode ser pior...

— SOCORRO! SOCORR... — Começo a me debater, usando pernas e braços, mas ele é forte demais. Não pensava que seria, ele é muito alto e magro, mas o meu porte físico também não ajuda. Mais uma vez recebo um tapa no rosto, a mão grande toma praticamente meu lado esquerdo inteiro. Outra vez, e outra vez, e sem soltar meu cabelo, ele me arrasta e me atira na cama.

Eu nunca pensei que passaria por uma situação assim. Não aqui, dentro de casa. Tento

abrir a boca para gritar novamente, mas ele aperta meu pescoço com tanta força, que sinto meu peito queimar ao tentar puxar o ar que me falta.

— Shhh, vamos ficar quietinha. — Tento puxar suas mãos, mas elas sequer saem do lugar. — Não tente fazer barulho novamente ou eu vou quebrar seu pescoço, como se fosse uma franguinha.

Fico apavorada. A pousada está vazia, o outro hóspede estava ocupado e duvido que vá ouvir alguma coisa. Joseph deve estar dormindo, Eric está em sua casa, longe o bastante para não ouvir nada que acontece aqui. Sozinha eu não vou conseguir...

Ainda apertando meu pescoço, ele usa a mão livre para prender meus braços acima da cabeça, e se posiciona entre minhas pernas. Eu ainda tento usar meu joelho para tirá-lo de cima de mim, mas perco as forças quando sinto um soco no queixo. Meu ouvido começa a zunir e tento forçar minha mente a ficar desperta, não posso perder os sentidos aqui, não com esse monstro tentando me violentar.

Se eu desmaiar, ele não terá nenhuma resistência, e isso está fora de cogitação. Continuo

tentando puxar minhas mãos e isso parece divertilo, ainda mais. Parece que quanto mais eu luto contra, mais excitado ele fica.

Com um puxão, ele rasga minha camiseta e fico nua, com os seios à mostra. Seu sorriso de satisfação me causa nojo, e quando ele passa a língua em meu corpo, eu ainda tento me livrar, me sacudindo embaixo dele, sem sucesso. Lutar contra ele, ainda mais com as mãos presas, está se tornando inútil e só me deixa mais cansada. O desespero, então, começa a tomar conta de mim, ainda mais quando ele morde meu seio, me causando uma dor insuportável, e passa a rosnar frases sem sentido.

— Por favor... por favor, me solte, por favor... Não, não! — Sua mão desce para a lateral de minha calcinha e sei que ele vai arrancá-la, me deixando totalmente nua. Continuo me debatendo, tentando impedi-lo, quando de repente seu peso sobre meu corpo se afrouxa e ele não está mais em cima de mim. Só consigo vê-lo sendo golpeado por um ruivo muito furioso.

— Eu vou matar você, desgraçado! — Eric o golpeia uma, duas, quatro, oito vezes, até ele estar inerte no chão. Só então ele me olha e corre em

minha direção.

— *Mo luaidh...* — Com cuidado, ele me ajeita, e me cobre com um lençol. — Me deixa ver, olha para mim, me deixa ver.

Ainda com cuidado, Eric segura meu rosto, que deve estar machucado, porque seu toque em meu maxilar dói tanto que solto um gemido. Um barulho na porta me faz sobressaltar, mas é apenas nosso hóspede espanhol que chega correndo e fica parado na porta, assustado, olhando para mim e para o americano estatelado no chão.

— Juan, por favor... desça até a cozinha e bata na porta ao lado da despensa. Joseph deve estar dormindo. Peça para ele vir aqui, rápido, por favor. — O rapaz sai correndo e Eric se volta para mim. — Vou chamar a polícia, vai ficar tudo bem.

Só então a adrenalina parece baixar e eu começo a chorar, tão alto e dolorido, que acredito poder ser ouvida do lado de fora. Eric me aperta em seu abraço, enchendo meu rosto de beijos, para que eu me acalme.

— *Nay... shhh, acabou, mo chridhe, acabou...*

Ele não me solta nem um minuto sequer. A polícia chega cerca de quarenta minutos depois e

Hudson, que já está acordado e sendo bem contido por um furioso Joseph, ainda tenta argumentar, dizendo que o chamei e depois quis mudar de ideia. O velho argumento de sempre. Por sorte, o chefe de polícia me conhece o bastante para sequer cogitar levar isso a sério.

Sinto um ódio tão grande, uma revolta imensa. Uma vontade de berrar, de ligar para meu irmão e xingá-lo, mesmo que ele não tenha culpa alguma do que aconteceu aqui. “Vá para a Escócia, Maria Luiza, lá você estará segura!”. Estou na Escócia, longe de Vicente, e tendo que lidar com esse tipo de coisa. Grito, alto, com força, com ódio, extravasando tudo o que há tanto tempo está preso em meu peito. E choro, dolorido demais, querendo que tudo isso seja apenas um pesadelo.

E querendo que os braços que me apoiam neste instante sejam outros.

Não querendo me sentir injusta, mal-agradecida nem nada do tipo. Mas preciso dele. Do meu delegado.

Violet tenta trocar de lugar com o irmão e ficar comigo, mas ele não permite. Absolutamente ninguém se aproxima, desde que ele tirou aquele nojento de cima de mim. Depois de me trazerem

um chá e uma bolsa de gelo, todos deixam o quarto, ficando apenas nós dois.

— Eric... como você sabia? Você ouviu?

— Henry me disse que você estava aqui fora, e eu vim checar se tinha alguma coisa errada.

— Recebo um beijo no topo da cabeça, antes de ele continuar. — E então eu pensei ter ouvido você gritar por socorro. Olhei para cima e vi a luz acesa, mas as cortinas estavam cerradas. O que entregou foram as vidraças ainda abertas, lembro quando me disse que essa seria a primeira coisa a fechar quando entrasse em teu quarto, porque a vista daqui só mostra a escuridão. Por isso, eu só corri.

Passo as mãos em volta de sua cintura, dando-lhe um abraço apertado, de gratidão.

— Se você não tivesse chegado...

— *Nay*, não fale mais isso. Não pense mais nisso, ok?

Aceno e, finalmente, olho para ele. Seus olhos estão vermelhos... aliás, se for para falar sério, ele está *todo* vermelho. Deixo um beijo em sua bochecha e me afasto ao me tocar que, não fosse o lençol em que estou envolta, estaria nua nos braços do meu amigo.

Caminho, observando o quarto, em como

não notei sua presença quando entrei. Ele provavelmente estava escondido dentro do closet, que apesar de não ser separado como em meu apartamento no Brasil, tem uma parede onde fica um grande espelho. Nesse espelho, aliás, eu consigo ver o tamanho do estrago. Meu queixo está arroxado e bem dolorido, meu lábio partido, meu pescoço tem marcas de dedos e meu rosto a marca dos tapas que levei. O pulso esquerdo também vai ficar marcado, com certeza, e meu seio esquerdo ainda tem as marcas da mordida que ele me deu. Coloco um pijama comprido, tento prender o cabelo, mas o couro cabeludo também está sensível, dolorido, então, apenas o mantenho solto, voltando para o quarto.

Eric continua sentado na cama, olhando ao redor, uma expressão mortífera no rosto quase sempre plácido.

— Pronto. Amanhã vou precisar fazer exames.

— O oficial disse que sim. Luiza, precisamos conversar. Você não está segura aqui, vivendo junto com os hóspedes, um monte de gente que você não conhece.

— Esse foi um caso isolado, Eric. Vivo

aqui, junto a eles, desde que a pousada abriu, nunca imaginamos que isso poderia acontecer.

— Exatamente e, por isso, nunca tomamos providências. Mas agora aconteceu, Luiza. Sempre nos valem os de o local estar sempre cheio, achamos que nunca ninguém teria coragem de mexer com você, mas... — Ele bufa, socando o colchão, com força.

— Vamos manter o local seguro, então, Eric. Temos câmeras em todos os andares de baixo, menos aqui. Vamos instalar uma fechadura melhor nessa porta...

— Que está arreventada, inclusive. Eu chutei, quebrei o trinco quando ouvi você gritar. Não pode ficar aqui!

— E para aonde vou, Eric? Pagar hotel, ainda mais a essa hora da noite, com a cara toda quebrada? — Imagino os jornais da cidade, amanhã, postando foto da minha cara *estropiada*, saindo de um hotel, que bem fará para os negócios. Oh, não... — Eric... a notícia do ataque pode se espalhar e isso será ruim para a pousada. Irá parecer que somos relapsos com a segurança do lugar.

— Não se preocupe, *mo luaidh*, eu cuidei de

tudo. O delegado vai manter a discrição...

Suspiro, ainda pensando em quão assustador isso foi. Lembro-me de Sara, que passou por tudo isso, sozinha, sem apoio, guardando o segredo por anos e, depois, ainda passar por uma agressão novamente, indo parar no hospital. Penso em Vince, e no que ele faria se estivesse aqui. Talvez o varapau não estaria mais vivo.

Talvez, não. Com certeza, ele não estaria.

Vince... Eu não posso contar isso a ele. Não com ele do outro lado do mundo, sem poder fazer nada a respeito.

— Luiza, vamos para a minha casa? — Eric corta meus pensamentos e fico meio confusa, por que eu iria para a casa dele?

— Por que, Eric? Está tudo bem agora... Posso ficar aqui.

— Não! Não vai ficar aqui, sozinha, com essa porta arrebitada e este lugar imenso vazio. Eu cheguei na hora, mas poderia não ter dado tempo, Luiza... Eu não consigo nem pensar sem ter um princípio de enfarto.

Ele me abraça, seu corpo está tenso, a respiração descompassada. Realmente nervoso, como eu nunca vi.

— Se acalme, Eric! Olha, tudo bem, eu vou. Durmo no sofá, durmo com sua irmã, durmo até na casinha do cachorro. Amanhã a gente arruma as coisas, conserta a porta. Só... fica calmo, ok?

— Se te acontece algo, Luiza, eu nem sei... eu nem sei...

Acordo no dia seguinte, com o corpo todo dolorido, meu maxilar deve estar inchado demais porque... *ugh*, dor maldita. Me viro na cama para arrumar o travesseiro e vejo Eric dormindo na poltrona ao meu lado.

Ontem à noite tentei, de todas as formas, fazê-lo me deixar dormir no sofá da sala, mas foi inútil. Ele me disse que dormiria lá, mas, no entanto, está aqui, sentado, dormindo todo torto. Pobrezinho...

Nunca tinha estado em seu quarto antes, aliás, o máximo de sua casa que conheci foi a sala de estar e a cozinha. Parece muito com ele, todo rústico, os móveis retos, o chão de madeira. Ele tem uma estante que cobre toda a parede, cheia de livros, no meio uma escrivaninha onde posso ver um porta-retratos... com uma foto minha.

Lembro-me bem desse dia. Estávamos no início da reforma e eu o tinha convencido a vir

trabalhar comigo. Fomos a um pub em Edimburgo e nos divertimos horrores. Acho que essa foi a primeira vez, em meses, que minha barriga doía de tanto rir. Eu sequer vi que ele tinha batido essa foto!

— Você estava linda, eu não resisti. — A voz dele sai baixa, me viro e ele está sentado, braços apoiados na perna, mãos cruzadas embaixo do queixo. — Eu nunca mais tinha saído daqui de Fonthill, depois que meu pai morreu. Passava o tempo todo aqui, esperando clientes com carros para arrumar, cuidando deste lugar vazio e... aí você apareceu, mudando tudo. Me convenceu a ir até Edimburgo passar o final de semana, sair para beber, me ofereceu um emprego decente, me convenceu a ir para a universidade.

— Era o mínimo, Eric! Você é um ótimo mecânico, mas, convenhamos, não estava fazendo o seu pé de meia consertando carros, em um lugar onde não se precisa de um, porque, enfim... todo mundo sabe fazer isso. — Sorrio. Eles sobreviviam de poucos consertos no mês, vindos sempre de turistas que tinham o seu próprio meio de transporte. Os moradores locais nunca precisavam de conserto, por incrível que pareça.

— Não tinha obrigação alguma. Da mesma forma que sua família nunca teve obrigação em manter um acordo do século dezesseis. Mas você foi muito além, nos libertou, tirou o peso da obrigação e ainda me deu um propósito.

— E você quis celebrar, tirando uma foto minha...

— Não. Eu quis uma foto da mulher que eu amo.

Ele nem pisca ao dizer isso. E nem eu, meu olho deve estar arregalado.

— Eric...

— Não diz nada, *mo chridhe*, eu sei. Nunca te falei nada porque meu amor, sozinho, sempre me bastou. E você também, estava toda machucada, nem podia ouvir falar em relacionamento, eu fiquei aqui sendo teu amigo e esperando o dia em que você estivesse curada e, quem sabe, me desse uma chance. Mas eu esperei demais, pelo visto...

— Eu não fui ao Brasil procurando nada, Eric, mas aconteceu. E agora...

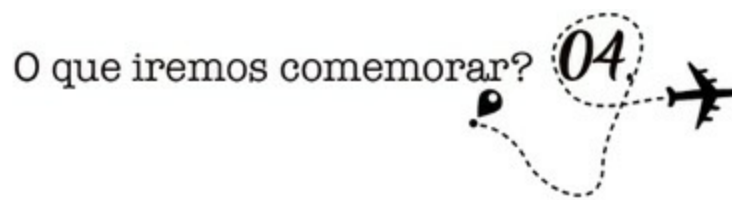
— Eu entendo de “simplesmente aconteceu” — ele me corta. — Foi assim comigo. Em um dia, estávamos conversando sobre tintas e, no outro, eu estava completamente apaixonado. Eu

PERIGOSAS NACIONAIS

pensei a noite inteira, Luiza, ontem uma tragédia poderia ter acontecido e eu teria te perdido para sempre, sem que nunca soubesse como me sinto. E não estou te cobrando nada, mas eu quero que saiba que eu amo você. Amo, há anos, desde esse final de semana aí — ele fala, e aponta para a foto. — E posso não ser páreo para esse estrangeiro que você arrumou, mas, se um dia eu ver que tenho uma mínima chance, que seja, vou lutar até o meu último suspiro para ficar com você. Agora, levante e se arrume, temos que ir à delegacia.

Ele me dá um beijo na testa e sai, me deixando muda e passada.

PERIGOSAS ACHERON



Vicente

Estaciono o carro em frente à garagem, é muito estranho estar aqui, agora que Bruno morreu. Me pego pensando na dedicação dele em trazer Sara e Samuel para cá, em mantê-los seguros, e essa mesma dedicação não serviu para proteger a si mesmo.

A namorada de Bruno me recebe, ela parece bem mais magra, abatida demais. Não consigo esquecê-la no enterro, sozinha, sem poder se aproximar para se despedir, sendo escorraçada do lugar, apontada como amante, na frente de todos. Uma situação de merda que ela não merecia passar, não ali, naquele momento. Ao menos, esta casa ficou para ela, e ainda foi muito solícita em manter os irmãos escondidos, como era desejo de Bruno, até isso tudo acabar.

Apesar do ar tenso que vive nos rondando, aqui dentro parece estar indo tudo bem. Sara e Rodrigo estão entretidos em um jogo de tabuleiro, enquanto Samuel está sentado na sala, ao lado de

Raquel, assistindo a um filme qualquer. Compenetrados, cada um em seu mundinho particular, e eu fico um tempo parado, em silêncio, esperando ser notado. O que, obviamente, não acontece e eu consigo compreender esse sentimento. Quando estava ao lado de Malu, parecia nunca enxergar nada, além dela.

— Bom saber que a guarda está em dia!

Todos os olhares se voltam para mim e Raquel vem na mesma hora em minha direção. Nos tornamos próximos por conta do meu namoro e, agora, ela parece ter assumido a minha tutela, chegando ao ponto de me ligar todos os dias, para saber como eu estou.

— Olá, *doutor bonito*! Veio nos resgatar, podemos ir embora para casa?

— Você sabe que é uma das pessoas liberadas para ir e vir, não sabe? — Seu sorriso largo se abre na mesma hora, enquanto dá uma piscada marota para Samuel.

— Jura? Não sabia dessa parte...

Enquanto Raquel e Samuca parecem ter mesmo engatado algo sério, Sara continua fazendo jogo duro com meu amigo. Segundo ela, ainda está machucada demais para se envolver com alguém.

PERIGOSAS NACIONAIS

Isso não o impede de continuar tentando, e posso dizer que o cara é persistente.

Uma hora a coisa anda.

A tarde passa tranquila, para mim é uma boa forma de passar o tempo. Durante a semana gasto minhas horas livres na academia, invento toda sorte de programas malucos para ficar fora de casa e ocupar a cabeça e, por isso, qualquer convite que eu receba acaba vindo de bom grado. Vir almoçar aqui, com eles, acabou sendo um ótimo passatempo, além de me distrair, ainda consigo ver como eles estão. Vou até a varanda, me sentando em uma cadeira qualquer, com uma cerveja na mão, e fico perdido em pensamentos, até alguém se sentar ao meu lado.

— Quer ir para casa, Quel?

— Não, bonitão. Vim saber de você... como está indo?

Na merda? Puto? Quebrado? Com saudade? Triste *pra* caralho? Tem uma sorte grande de expressões, nenhuma delas agradável, que responderia muito bem a essa pergunta. Prefiro ir pelo lado mais fácil, até porque qualquer outra resposta necessitaria de explicações que não estou muito a fim de dar hoje.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu estou de boa. — Ela levanta a sobancelha, como se esperasse mais.

— Falou com ela ontem?

Meu coração, mais uma vez, afunda no peito, porque *falar com ela* é algo que não acontece desde que Malu foi embora. Estamos sempre trocando mensagens isoladas, respondendo um ao outro, depois de horas e, quando conseguimos marcar um horário fixo para conversarmos, ela me deixa esperando. Sequer manda uma mensagem para desmarcar ou avisar que teve um imprevisto.

É um sentimento de impotência que acaba comigo.

— Não. Fiquei esperando, o combinado era chamar às oito. Fiquei feito idiota até uma da manhã, e nada.

— Será que não aconteceu nada? Eu mandei mensagem mais cedo e ela só me disse que chamaria depois...

— Dê-se por satisfeita, recebeu uma resposta. — Fico muito mal em saber que ela responde as amigas, mas sequer me dá um olá. Todas as mensagens que enviei ontem à noite continuam sem resposta.

Queria muito saber o que se passa na cabeça

dela, se chegar em seu *habitat natural* a fez mudar de ideia, se o local lá realmente a faz feliz, se, por acaso, ter alguém esperando por ela a fez pensar melhor. Ela falava pouco sobre o local em si, muito sobre trabalho, mas quase nada sobre amigos, passatempos. Sempre achei que ela era muito sozinha, de repente, me equivoquei.

— Você já foi lá?

— Lá onde? Na Escócia? — Assinto e ela nega. — Nunca deu. Os irmãos dela sempre se ofereceram para pagar, mas você já me conhece. Por quê?

— Queria saber como é.

— Caso você pense em ir atrás dela? Morar lá?

— Eu não moraria lá, Quel. O que eu faria por lá? Aqui eu tenho minha profissão, lá eu seria sustentado por ela?

— Não seja machista, que isso nem combina com você. O local pode ser dela, mas você morando lá, poderia trabalhar com ela, cuidar daquele lugar... ao lado dela.

Paro e tento me imaginar em outra vida. Morando no interior, em uma casa centenária, rodeado de gente que não conheço, em outro país,

outro costume, outra língua. O ponto positivo seria ela ao meu lado, mas até quando isso seria suficiente? Para a mãe dela não foi...

— Malu me contou a história dos pais dela. Não quero que isso se repita. Não quero ser a mãe dela voltando para casa, porque se arrependeu.

— A mãe dela se arrependeu, mas tentou para ver se dava ou não. Você está desistindo sem nem, ao menos, tentar.

— Não é assim fácil, Raquel...

— Só estou dizendo que é cômodo para você querer que ela largue tudo, porque você não pode deixar a vida que tem aqui. Por cinco anos, ela reconstruiu a vida dela lá fora, não é fácil para ela TAMBÉM!

— Nunca disse que era! — rebato, de imediato, puxando o ar antes de continuar. Afinal de contas, Raquel tem sido muito bacana comigo, para eu explodir com ela, sem motivos. — Eu sempre achei que seria complicado desde o primeiro dia, quando ela me contou que morava em outro país. Eu só não pensei que tudo iria ruir logo na primeira semana!

Fico puto de novo, pensando na minha semana infernal. Sinto falta de nossos dias juntos,

quando eu chegava em sua casa e sempre ganhava um chamego, um beijo, um colo. Ou servia de apoio para ela, lembrando-me de passar pela porta e ela já vir correndo ao meu encontro.

Agora? Chego em casa e vou para o quarto, pateticamente agarrado ao celular, esperando o mínimo de contato, novamente mendigando atenção.

Me sinto ridículo.

— Está tudo muito recente, vocês vão se acertar, vai ver. Vamos lá para dentro, bonito, Samuel está contando piadas, ouça...

E pior que ele está mesmo, uma pior que a outra. Consigo ouvir a risada exagerada de Rodrigo aqui de fora.

— E vocês, como estão? — Ela abre um sorriso largo.

— Ah, tentando... Eu o paquerava há muito tempo, só não sabia que era mútuo.

— Ele precisou apanhar para acordar, sei como é.

— Tadinho, não fala assim! — Ganho um tapa no braço. — Vem, entra. Não fica aí fora, sozinho...

— Raquel... — chamo novamente, quando

ela já está prestes a entrar. — Você fez o que eu te pedi? Sobre a confusão que está aqui...

— Eu não contei nada, Vicente. Mas somente porque eu te prometi em um momento de insanidade minha. Estava preocupada, assustada demais. Não acho justo que ela não saiba, e acho até besteira, ela pode descobrir acessando qualquer portal de notícias. Mas, eu fui voto vencido, então... não, eu não contei nada. Ela não sabe e, por causa disso, eu mal consigo conversar com ela, me sinto péssima mentindo. A evitei a semana inteira por causa disso, Sara também.

Certo, ela se sente mal, mas eu me sinto um milímetro melhor. Pelo menos, ela não sabe que Bruno morreu, não sabe que ando meio jurado... Apesar de todas as incertezas, odiaria vê-la preocupada comigo lá do outro lado do mundo, sem saber como agir ou, pior, correndo para cá e ficando, mais uma vez, na linha de tiro. Longe, ela, ao menos, está segura.

— Ele a ameaçou, Raquel. Ele ia matá-la e eu... eu não posso fazer isso com ela.

Eu já tinha sido avisado que algumas partes do depoimento do indivíduo que tinha sido capturado no dia em que Natália foi morta seriam

do meu interesse, mas eu não tinha ideia que seria tanto. Segundo ele, as ordens eram impedir que DuBom tirasse Malu do país, como ele planejava fazer. A matando, se preciso fosse.

Os idiotas se aproveitavam do síndico, pegando informações sobre quem entrava e saía do meu apartamento, principalmente se minha namorada havia aparecido. Justamente, naquele dia, Natália estava lá, se apresentando como minha namorada. Era a chance que ele, novato de tudo, queria para se fazer notado pela organização. Após montar o cerco com Brito, mal aguardou o aviso, atirando assim que viu a mulher parada ao meu lado. Foi um erro tão pueril, que acabou deixando Brito atônito, o suficiente para que perdesse a atenção e eu conseguisse eliminá-lo.

A frase que ele me disse não para de martelar em minha cabeça.

“Ela já é uma mulher morta, doutor. O patrão não vai deixar barato, vai descontar toda a raiva nela.”

Ela precisa ficar longe. Se, pelo menos, isso não doesse tanto...

— Eu entendo, delegado. Não concordo, mas entendo. Vem, vamos para dentro.

Volto para a sala onde uma pequena confusão está instaurada. Rodrigo está indignado com alguma coisa que Sara tenta explicar, mal dá para entender uma frase no meio dessa balbúrdia.

— O que está acontecendo aqui? — Me aproximo do sofá, onde Sara tem uma caixa grande ao seu lado, e um álbum de fotos no colo.

— Sara está mostrando um álbum de fotos antigo, Vicente. Venha ver...

— Ah... foto de quem?

— O casamento de um amigo da Mônica.

Pego a foto a contragosto, e é um registro casual, aparentemente feita para mostrar os convidados. Não tem ninguém posando para a foto. Um grupo está em volta de uma mesa, Cibele ainda tinha os cabelos longos e estava abraçada ao Marco. Malu do outro lado, sentada no colo do renegado idiota, e sinto até falta de ar ao ver isso. Sara sentada do lado oposto, bem menina ainda, o olhar triste...

Passo o olhar pelo resto das mesas visíveis na foto, não quero acreditar que eles só queriam me mostrar Malu com o ex. Vejo uma senhora idosa, um homem risonho, talvez contando piadas e... o quê? O que ele faz aqui?

— O que Nogueira faz nesta foto?

— Era o que eu tentava explicar. — Sara tem a voz trêmula. — Ele é pai dela.

— COMO?

— O nome dela é Cibele Nogueira. Mas ela não o usa há muito tempo, Guerra é sobrenome de solteira da mãe. Ninguém sabe disso, na verdade, ela me confidenciou nesse dia. Havia pouco tempo que tudo tinha acontecido comigo, e... não sei, eu vi algo no comportamento dela, quando esse homem chegou, que me chamou a atenção. Fiquei sabendo de algumas coisas, mas ela me pediu segredo.

— E na sua investigação não viu que o pai dela era Armando Nogueira? — pergunto diretamente a Rodrigo, sem acreditar que isso nos passou batido. Ele também parece não acreditar.

Se ela é filha dele, ainda moravam juntos quando meu pai foi morto. E, com isso, deve saber muito mais do que deixou transparecer naquele áudio.

— Ela refez os documentos com o nome de solteira, Vicente — Sara continua explicando. — Pelo que me contou, saiu de casa muito cedo, porque não se dava bem com ele. E nesse dia, ele agiu como se não estivesse surpreso com a

presença dela no lugar, mas *ela* parecia bem perturbada. Eu não tinha ideia que esse homem era policial, e, muito menos, envolvido com essa confusão toda. Não sabia!

— Por que você anda com essa caixa de fotos, Sara?

— Pedi para Rodrigo trazer, tem muitas lembranças da minha vida aqui. Como não sei quando iremos voltar para casa... — Dá de ombros, e me levanto.

— Eu vou embora. Preciso falar com algumas pessoas.

Sigo para a delegacia, inconformado por ter deixado passar batido tamanha informação. Se não fosse o maldito álbum de fotos, nunca saberíamos. Me tranco em minha sala e adianto os pedidos, amanhã cedo dou prosseguimento e sei que vão me achar maluco em querer Cibele em um programa de proteção à testemunhas. Mas não darei espaço para contestação, vou encontrar essa mulher e vou usar tudo o que ela sabe para prender esses canalhas.

O celular apita, são oito da noite e meu coração falha uma batida, porque é ela. Vou demorar para responder, ser bem frio quando o fizer, responder com um simples *OK*, só para ela

saber que não estarei aqui à sua disposição sempre que ela quiser.

Não sou palhaço, não, senhora!

“Malu: *Oi, gostoso. Desculpa por ontem, não deu para te chamar. As coisas aqui estão meio caóticas. Espero que esteja tudo bem, estou com saudade.”*

“Vicente: *Eu fiquei te esperando, aconteceu alguma coisa? Está tudo bem? Tô morto de saudade.”*

Meus dedos são idiotas e parecem ter vida própria. Tínhamos combinado de demorar para escrever, era só colocar o OK ali, nada, além disso. Mas bastou ela dizer que estava com saudade, que o idiota se rendeu.

“Malu: *Como estão as coisas? A gente não tem se falado muito, e quando eu chamo as meninas, parece tudo combinado. Elas não me dão notícias suas, estão todas reticentes...”*

“Vicente: *Eu pedi. Se você souber de mim, por elas, não vai precisar falar comigo...”*

“Malu: *Sempre manhoso... isso nunca aconteceria.”*

Não consigo fazer isso por mensagem e, encostando na cadeira, disco seu número. O

telefone toca umas três vezes, antes que ela atenda, em um suspiro.

— Foxy... precisava ouvir você. Falar por mensagem não é tão divertido.

— *Vince!* — Sua voz está baixa, meio abafada, rouca. — *Que saudade. Desculpa por ontem, eu não consegui mesmo te chamar.*

— Está tudo bem, o importante é agora. Me fala, conseguiu resolver aquelas pendências da pousada?

— *Sim, ele tinha razão, não conseguiria resolver sozinho. Mas agora fica mais fácil, se eu precisar viajar novamente, eu já assinei uma procuração para ele me representar nesses assuntos.*

Se ela precisar viajar. OK.

— O que está fazendo agora? Onde você está?

— *Estou no meu quarto. É tarde, já... mais de onze da noite.* — A imagem dela possivelmente deitada em sua cama faz meu pau responder de imediato. *Porra de saudade que não passa...*

— Podemos nos falar por vídeo chamada? Eu quero te ver...

— *Não, por vídeo não dá* — ela corta,

negando, rápido demais, eu diria. — *Vince, você nem me contou como foi aquela viagem que você fez.*

Balanço a cabeça, rindo. Eu sou muito bom nessa coisa de mudar de assunto, não vai me pegar nisso, Maria Luiza.

— Foi tudo bem, deu tudo certo. Por que não posso te chamar por vídeo?

— *P-porque minha câmera está quebrada.*

Seu tom hesitante me faz ter certeza de que não é esse o motivo. Fico frustrado, se ela estivesse por aqui, estaríamos discutindo até eu cansar e arrastá-la para a cama. Um tom de voz masculino ao fundo me faz cortar os pensamentos.

— Quem está aí com você, Maria Luiza?

— *O Eric. Espera um pouquinho...* — Ela responde algo para ele, em inglês. — *Pronto.*

— Onde você disse que está, mesmo?

— *Em casa.* — “No meu quarto”, me lembro bem.

— Certo. O que vocês estavam conversando?

— *Nada de mais... Estávamos acertando o dia de amanhã, tem uma leva de hóspedes chegando e vamos ter o dia bem cheio de trabalho.*

A risada sai, sem nenhum humor. Talvez ela tenha esquecido que esse colonizado aqui não é tão estúpido quanto parece, e consegue entender inglês. E aí, acaba sendo inevitável sentir raiva. E ela vem com força, potente, catapultada por toda a merda que eu tive que aguentar nos últimos dias. Respiro fundo e tento o meu tom mais cínico.

— E acertar o dia de amanhã, inclui você dormir no quarto dele?

— *Ah, n-não...*

— “Não vou dormir no teu quarto hoje, Eric” — falo, imitando seu tom de voz. — Anda dormindo muito no quarto dele, Maria Luiza?

— *Não, Vince... olha só, não é assim.*

— “Eu já estou quase pronta, espera um pouquinho”. Esperar para quê? Quem realmente é esse panaca vermelho *pra* você, Maria Luiza?

— *Vince, é complicado falar, mas, por favor, não pense besteira. Eric é meu amigo...*

Chuto o pé da mesa, fazendo com que ela deslize por uns centímetros, derrubando a cadeira localizada em sua frente. Me sentindo impotente ao ter a noção de que sequer poderei lutar por ela de forma justa, estando tão distante, o ciúme me corroendo por dentro. Enquanto ela fala, vou

relembrando tudo o que, de certa forma, acabei deixando passar batido nos últimos dias e muito mais. Sua partida sem me avisar, a total falta de contato durante a semana inteira, o bolo que levei na noite de ontem.

Porra!

Preciso respirar fundo, antes de continuar falando, tentando conter a raiva para não soltar um monte de palavrões ao telefone.

— O tal amigo que trabalha com você, que mora aí, do seu lado, com quem você divide os seus dias de folga e suas noites preguiçosas? Que ficou enchendo o saco até você voltar e agora está dividindo um quarto contigo, todo íntimo, te esperando tomar banho para sair. O que é isso, Maria Luiza, programinha de casal?

— *Não! Não é isso... a gente... ele...*

— Quer saber, Maria Luiza... Isso não vai dar certo. Porque eu sou legal, mas não sou palhaço e, principalmente, não divido o que é meu. Passei a minha vida inteira esperando a boa vontade dos outros virem até mim e, honestamente, não preciso disso, não vou ficar catando migalhas para ter um pouquinho de você, enquanto você arruma desculpas e se diverte com o maldito gerente. Eu

PERIGOSAS NACIONAIS

estou inteiro nisso, desde o início, Malu, mas não parece recíproco. Então, faz o seguinte, se diverte aí, com o seu *amigo* e seja feliz!

Não dou a ela chance de dizer mais nada. Bloqueio seu contato, desligo o telefone e saio batendo a porta. A intenção seria ir direto para casa, mas acabo parando em um bar que parece solitário e deprimente o bastante para receber tudo o que eu estou sentindo no momento. Talvez encher a cara, até não saber mais o meu nome, me faça parar de sentir essa dor insuportável no peito.

Você só inventa merda para a sua cabeça, Vicente Avellar! Estava tão bem sem se envolver com ninguém, agora, além de tudo, de toda a merda que já envolve a sua vida, ainda precisa sofrer por amor.

Ocupo um banco vazio qualquer, no balcão, e peço um destilado, nem me preocupo com tipo e marca e, então, o cara me vem com uma garrafa de *Natu Nobilis*. Essa merda é *ruim pra diabo*, mas para o meu propósito final, é excelente. O impeço de levar a garrafa, depois que ele me serve e, bufando, viro sem pensar três doses *cowboy*. Sentindo, claro, o estômago revirar pela raiva, falta de alimento e ruindade do líquido.

PERIGOSAS ACHERON

Fico um bom tempo sentado, virando uma dose atrás da outra. A bebida desce queimando, enquanto eu torço para que, finalmente, me entorpeça. Infelizmente devo ser um sujeito bem azarado, porque as imagens da semana continuam flutuando na minha frente, assim como a lembrança de que Malu mentiu, sem nenhuma necessidade.

Ou melhor, a necessidade de estar lá com aquele panaca vermelho e me esconder que eu não tenho mesmo importância em sua vida. Afinal de contas, eu já tinha sido chamado de flerte de quinze dias, não? Me pergunto há quantos dias deve estar dormindo no quarto dele, se a distância que impôs esses dias, foi para tornar as coisas mais simples, ao dispensar o palhaço aqui.

— Doutor Vicente Avellar. — Uma voz aveludada e cantada, soa ao meu lado e me viro, para dar de cara com Marília Diniz, a insuportável jornalista que odeia policiais. — Vamos comemorar o quê?

— O quão trouxa eu sou. Mas não se incomode, isso eu comemoro sozinho, todos os dias.

— Nossa, que dramático, doutor. Está esperando alguém ou eu posso me sentar?

Viro mais uma dose, me sentindo um pouco mais amortecido, e viro para olhar a mulher ao meu lado. Diniz é uma figurinha carimbada no meio do jornalismo, uma mulher bonita e ambiciosa, que não mede esforços para conseguir notoriedade. Segue fielmente o lema “falem mal, mas falem de mim”, e esse seria um bom motivo para eu mandá-la pastar, caso não estivesse já meio aéreo por conta da bebida.

— Não sou dono do bar, não, Marília. Sente aí.

— Devia pegar leve na bebida, delegado, quase secou a garrafa. Soube que anda sendo perseguido, como vai reagir com rapidez, se estiver bêbado demais para domar os seus reflexos?

— Nossa, quanta preocupação! Eu pensei que detestava policiais, senhorita.

— Detesto os corruptos e marginais. Não vejo essas características no senhor...

— Pare de me chamar de senhor! — Viro outra dose. — Estou me sentindo um idiota idoso.

Ela ri e, em seguida, vejo quando empurra a garrafa para longe e pede a conta ao barman. A situação toda me envolve, mas é como se eu estivesse distante, somente assistindo a algo que

sequer me dissesse respeito.

— Vou levar você para casa, Vicente. Eu posso ter a minha fama e não nego, mas a minha raiva não é direcionada a todos. Os decentes, eu costumo poupar e, até que me prove o contrário, o senhor está entre eles.

Depois de uma leve discussão com o barman, por conta do preço absurdo por tamanha bebida ruim, pago uma garrafa d'água e sou levado ao meu carro, que estacionei em frente ao bar, de uma forma completamente inapropriada. Engraçado, eu conseguir identificar isso, mesmo bêbado, será que cheio de álcool eu sou melhor piloto do que sóbrio?

— Eu posso dirigir, senhorita Diniz.

— Pode sim — ela toma as chaves da minha mão —, mas não vai. Eu ainda sou muito nova para morrer, *senhor Avellar*.

— Tem idade para dirigir? — Me viro em sua direção, assim que ela se senta atrás do volante, parecendo confortável demais em meu novo carro.

— Claro que eu tenho. Já passei há muito tempo dos dezoito, *doutor*. Me passe seu endereço, vamos lá.

— Que jornalista investigativa é você, que

sequer sabe onde eu moro? — pergunto, irônico, para ver um sorriso maroto surgir no rosto da mulher.

— Eu só queria ser educada. — Quando o carro dá a partida, vejo que ela dirige bem, até. Um pouco mais veloz do que eu esperava — Estive no seu prédio quando sua ex-noiva foi morta.

— Ah, verdade, havia esquecido que a imprensa decidiu pedir a minha cabeça, por conta daquele episódio. A senhorita, inclusive.

— Sim... — ela responde, sem tirar os olhos da pista, o que me parece bem apropriado. — Eu não vou mentir, delegado, tenho um certo problema pessoal com policiais. Então, à primeira vista, eu tenho o péssimo costume de pensar que são todos ruins, e isso incluía você também. Quando vi todos os indícios, achei que você seria mais um vendido para o crime organizado...

— Até que...

— Fui a fundo nas investigações. Eu posso parecer uma mulher fútil, mas sei bem fazer o meu trabalho. E notei que o senhor precisaria ser muito bom, para ser um policial corrupto e esconder isso de mim.

— Pelo que estou vendo, a senhorita é

muito modesta. — O portão da garagem do prédio se abre e ela para, ainda na entrada, me olhando com a sobrancelha erguida. — O que foi?

— Qual sua vaga, doutor? Eu sou boa, mas ainda não sou adivinha...

A direciono até minha vaga e desço do carro, assim que ela estaciona, tropeçando nas próprias pernas e precisando me amparar no capô. Ouço uma risada e me viro, pronto para xingar. Marília está parada, as mãos na cintura e só, então, eu paro para prestar atenção nela. Morena, cabelos castanhos repicados, olhos bem expressivos e um decote que foi escolhido, aposto, para enlouquecer qualquer um que esteja disponível a isso. Não é o meu caso.

— Obrigado. Como vai embora agora?

— Aplicativo. Mas, pelo que estou vendo, não consegue nem dar um passo na frente do outro, doutor. Venha, vou ajudar. — Ela se aproxima, passando a mão por minha cintura, mas eu nego, me afastando, sem muito sucesso. Eu realmente bebi demais.

— Só pare com essa *porra* de me chamar de doutor. Que coisa mais irritante!

É deprimente, inclusive, precisar de ajuda

PERIGOSAS NACIONAIS

para abrir a porta do meu apartamento, mas eu espero que a manhã seguinte me traga uma bela amnésia alcoólica e eu não lembre que precisei da ajuda de uma jornalista bocuda para chegar em casa. Pensei que o álcool me ajudaria, ao menos, a esquecer aquela ruiva infernal, mas a saudade e a raiva continuam aqui, pulsando firme.

— Eu sou um trouxa, mesmo... — murmuro, apoiado na bancada da cozinha.

— Precisa parar de se culpar pelo mal do mundo, Vicente. Parece ser um cara bacana, decente, honesto... não tem nada de trouxa.

— Não deve ser o bastante, não é? — Solto uma risada irônica, afinal, ser bacana e decente nunca me facilitou em nada. Muito pelo contrário, minha bunda deve ter se tornado um túnel de metrô, de tanto que ando tomando ultimamente. Sinto meu peito queimar e respiro fundo, seria o fundo do poço cair no choro, aqui, na frente da jornalista. Amanhã estaria estampado em tudo quanto é papel de enrolar peixe: “delegado bundão e frouxo chora, bêbado, a falta da namorada”.

De repente, sinto os braços da menina me enlaçarem por trás e enrijeço o corpo, sobressaltado.

PERIGOSAS ACHERON

— Sei que não está bem, posso ver isso. Me deixa cuidar de você esta noite...

Sinto suas mãos deslizarem por meu corpo e sigo o caminho que elas fazem, o juízo um tanto quanto nublado pelo tanto de bebida, mas não o suficiente para não me deixar nervoso, achando isso um tanto quanto errado. Não deveria, afinal de contas Malu está lá, com outro homem em seu quarto, enquanto eu fico aqui, me fodendo, preocupado, triste *pra caralho* e, ainda, sendo fiel.

Para o inferno essa coisa de ser fiel!

Me viro de frente e seus olhos cintilam, um sorriso enorme se abre em seu rosto. Ela diz que vai cuidar de mim e eu realmente poderia fazer isso, não poderia? Não é tão errado, por que seria, tudo é uma via de mão dupla, consideração, inclusive. Coloco minhas mãos em sua cintura, o corpo bem modelado não tem as curvas da minha ruiva. Aquela curva na cintura que me deixa doente... não, Vicente, pensamento errado, hora errada!

Talvez notando que estou indeciso, ela me segura pelo pescoço, forçando meu corpo para baixo, e eu acabo me desequilibrando, sendo obrigado a soltá-la. Rindo, ela segura em mim novamente, se virando até ter suas costas coladas

PERIGOSAS NACIONAIS

em meu corpo, rebolando e se esfregando em mim.

— Aproveita, delegado...

Tento esquecer, me focar no agora, neste momento... mas não consigo. Não é a mesma coisa. O cheiro é diferente. O comprimento do cabelo é outro. Passo a mão por seu braço desnudo, e a textura da pele não me causa nada. Se fosse Malu, eu já estaria aceso, mas aqui e agora? Meu pau sequer estava ereto, mas murchou sobremaneira, que deve ter se escondido atrás das bolas.

A seguro com as duas mãos, a empurrando para a frente, me sentindo péssimo. Todo errado, todo fodido.

— Não dá...

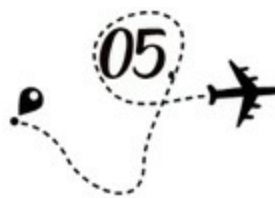
— Eu posso cuidar de você, delegado.

— Não. Você não é ela...

Me afasto, tropeçando, e caio deitado no sofá, sentindo tudo rodar. Quem sabe um coma alcoólico resolva?

PERIGOSAS ACHERON

Tudo cinza



Malu

Abro a porta dos fundos para receber a remessa de queijo e leite, e o frio me atinge imediatamente. Logo chega dezembro e o inverno está sendo bem rigoroso. Trabalhei os últimos quatro meses no modo piloto automático, nunca tivemos uma temporada tão cheia quanto essa, o que foi excelente para manter a cabeça ocupada. Quatro casamentos, sendo um deles feito de última hora para a filha do prefeito, que nos escolheu, entre tantos outros locais que lhe fora oferecido — alguns desses gratuitos, inclusive.

Por conta do aumento de trabalho, acabamos também dobrando o número de colaboradores. Estamos com um quadro grande, mais de vinte fixos, incluindo alguns que ficam pela propriedade, junto de Joseph, tornando o local mais seguro.

O episódio com Hudson, apesar de ter desencadeado uma merda gigante em minha vida, ao menos, serviu para me ajudar. Não só pelo

impulso para contratar mais funcionários, como também me ensinou a filtrar melhor as reservas, primando pela segurança, não só nossa, quanto dos hóspedes. Aquele tarado maldito havia sido deportado de volta para os Estados Unidos, e foi assustador saber que ele já era procurado por outros crimes sexuais e um assassinato, o que me deixou ainda pior ao imaginar o que poderia ter acontecido comigo, caso Eric não tivesse aparecido.

Eric...

Lembrar-me dele ainda me causa raiva. Não que eu não tenha me tornado um vulcão em erupção nos últimos meses, prestes a soltar larva na cabeça de qualquer um que me torre a paciência, mas pensar em meu ex-gerente ainda me causa uma certa revolta. E um tanto de tristeza.

Aquela ligação de Vicente me deixou arrasada. Chorei nos braços de Eric, como costumava fazer antigamente, por uma noite inteira. Eu me sentia péssima, parecia estar tudo desabando na minha cabeça e eu estava fazendo tudo errado, metendo os pés pelas mãos, sem saber direito como agir. E depois do ataque de Hudson, tudo o que eu queria era voltar para o Brasil, para os braços dele, onde eu me sentia segura.

Errei, mais uma vez, ao omitir o que estava acontecendo, mas estava decidida a contar somente quando chegasse ao Brasil. Claro que o gênio dele explodiria ao ouvir Eric de fundo, óbvio que ele entenderia errado e ficaria furioso comigo. Deveria ter dito “*dormi ontem no quarto do Eric porque o meu foi arrebentado, depois de quase ter sido estuprada*”, sei que sim. Mas eu tinha certeza que, assim que ele me ouvisse pessoalmente, entenderia o que tinha acontecido. E eu estava disposta a ir até ele, bastava as marcas horrorosas em meu rosto sumirem, o que levou uma semana.

Coloco o pacote com os queijos em cima do balcão, com um pouco mais de força ao relembrar aquela manhã, meses atrás.

— *Mo chridhe — Eric entra em meu quarto, parando na porta ao ver a mala aberta em cima da cama —, o que é isso?*

— *Uma mala. — Rolo os olhos, sem paciência, e sigo dobrando os jeans que pretendo levar.*

— *Vai atrás daquele idiota?*

— *Vou! Eu vou consertar a merda que eu fiz.*

— *Eu não acredito! — Eric esbraveja, e sai*

do quarto, batendo os pés, voltando mais umas três vezes e saindo novamente, enquanto eu continuo placidamente separando o que pretendo levar na viagem, até que o escuto vindo, falando alto pelos corredores. — Qual foi a merda que você fez mesmo?

— Eu deixei a procuração assinada no escritório. — Ignoro o tom manhoso, enquanto saio pelo quarto, pegando objetos que pretendo levar na mala. — Assim, qualquer coisa urgente que aconteça nesse meio tempo poderá ser resolvida por você.

— Maria Luiza, pare, agora! — Me sinto puxada pela cintura, derrubando a nécessaire de maquiagem que eu tinha nas mãos e, quando me viro, sustento o olhar raivoso que ele me lança.

— Pare já com essa histeria, Eric!

— Por que você gosta de se rebaixar, me explica? Aquele coigreach[\[6\]](#) não te merece, eu não vou deixar você sair daqui e ir se arrastar até ele, como se você fosse a errada da história.

— Eric, se esqueceu de tomar o seu remedinho hoje cedo? Você não tem que deixar nada, até porque eu não estou pedindo permissão. Eu simplesmente vou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Já faz dias, Maria Luiza, e ele não te ligou. Simplesmente te deletou da vida dele, quantas vezes mais vai se humilhar para as pessoas?*

— *Quantas vezes eu quiser, até porque a vida é minha.*

— *Não pode ir! Tem a pousada para cuidar!*

— *Pago você muito bem para isso. — Me abaixo, pegando os objetos que caíram no chão, e volto a arrumar a mala. — Agora, se me dá licença, eu preciso...*

Mais uma vez sou puxada, só que desta vez Eric encaixa meu corpo no dele, de uma forma completamente não amigável, se você me entende. A surpresa do ato me faz paralisar, eu ainda estou nervosa por conta de tudo o que tinha acontecido aquela noite e acredito que, por isso, fico sem reação. Relembrando a agressão, o toque daquele nojento. Muito provavelmente ele entendeu errado, porque sua mão sobe até minha nuca e seus olhos semicerram, olhando para minha boca.

— *Não vou te deixar ir... — ele sussurra, e seus lábios tomam os meus, sua língua tentando tomar passagem, tentando aprofundar o beijo.*

PERIGOSAS ACHERON

Sentir seus braços fortes e sua mão calejada por meu corpo me fez arrepiar. Mas não é um arrepio de prazer, muito pelo contrário. Pensar em Eric dessa forma é errado, de tantas formas, que interrompo o beijo — ou a tentativa dele — o empurrando para longe de mim.

— Nunca mais faça isso, Eric! Nunca mais tente me beijar!

— Eu amo você, Maria Luiza. Nunca te abandonei, nunca te larguei aqui. Estive sempre do seu lado, o que custa você me dar uma chance?

— Não funciona desse jeito! Meu Deus, em que mundo vocês vivem? EU AMO VICENTE! E você é importante para mim, Eric, mas de uma forma completamente diferente. Não sexual. Eu te vejo como um irmão!

— Não sou seu irmão! — ele grita, ainda mais alto.

— Eu sinto muito se, de alguma forma, eu fiz você ter esperanças. Mas o que você quer de mim, infelizmente nunca vai acontecer. Eu não vejo você desse jeito...

— Me vê como um escravo, que você deixa aqui, cuidando de suas merdas, enquanto fica por aí, fazendo papel de otária...

— *Ah, por favor, corte o drama! Você age como um pobre coitado que está aqui à força, trabalhando em troca de pão e água. Novamente, eu repito, Eric... você é PAGO para isso, e muito bem pago. E nunca foi obrigado a trabalhar aqui. O que você pensa, que o fato de você ser competente no seu trabalho te dá passe livre para a minha cama?*

— *EU NÃO DISSE ISSO! — Nervoso, Eric puxa o ar e vira de costas, e dessa forma ele se mantém, enquanto continua argumentando: — Eu só acho que aquele cara não te merece, ele não pensou meio segundo em riscar você da vida dele e te fazer chorar por uma noite inteira. Ele não merece esse altar que você o coloca!*

— *Não pense que eu esqueci a sua manobra para me fazer voltar correndo, Eric. Não venha querer se passar por um bom mocinho, incólume e sem defeitos.*

— *EU AMO VOCÊ!*

— *E eu amo outra pessoa. — Dou de ombros, cansada da discussão. — Não quero ter que ficar discutindo isso com você para sempre, Eric, nem ter que ficar me explicando. Não estou fazendo nada de errado, eu só amo outro homem.*

Me ouvir dizer isso com todas as letras parece ter feito algo se apagar dentro dele. A sua postura corporal muda imediatamente, como se ele voltasse a ser aquele rapaz tímido, que apenas consertava carros logo que eu cheguei aqui.

— Me desculpe. Eu não vou mais falar sobre isso com você, então...

— Eu falhei em não conversar com você sobre isso antes, mas o assunto nunca veio à tona. Eu pensava que era apenas brincadeira do pessoal aqui da pousada e...

— Claro, o cara simples, o mecânico da cidade, gostar de você, só poderia ser brincadeira mesmo.

— Não falei nesse sentido!

— Tudo bem, Maria Luiza. Está tudo certo. Eu não vou mais atrapalhar a sua vida, longe de mim, fazer você ficar se explicando.

— Você não atrapalha... meu Deus, vocês agora resolveram levar tudo o que eu digo para o extremo?

Ainda tento fazê-lo parar, ao ver que ele está saindo do quarto, chateado, como eu nunca tinha visto antes, mas ele não me deixa chegar perto, tampouco para para me olhar.

— *Eu vou embora. Vou passar um tempo longe, nunca saí daqui mesmo... Não adianta eu ficar aqui, alimentando algo que nunca vou ter para mim.*

— *Embora? Vai se demitir?* — *pergunto, atônita, e ele somente balança a cabeça, confirmando.*

— *Eu sempre pensei em você, Maria Luiza. Sempre te coloquei em primeiro lugar, desde o primeiro dia. Segurei o que eu sinto pra mim, por cinco anos, pensando em você. Mas eu agora preciso pensar em mim. Quem sabe, comigo longe, o seu brasileiro toma coragem e vem até você...*

Ele não espera uma resposta. Simplesmente sai, e eu posso ouvir o barulho de seu coturno nos degraus da escada, descendo, apressado.

— *Tudo bem, então...*

Olho para a mala aberta em cima da cama, todas as roupas espalhadas, e meu coração se aperta. Eu odeio magoar as pessoas, sempre fui do tipo que preferia sair machucada a deixar outra pessoa triste comigo, mas... eu já me doei demais a todo mundo, fiz demais o que todos esperavam de mim. Estou cansada. Exausta, é a palavra correta.

Mal sabia eu que exausta seria a palavra do

momento.

Não demorou muito, Eric reapareceu em meu quarto com sua carta de demissão. Nervoso, chorando, mas decidido a viver sua vida — segundo ele —, sem mim. E apesar da vontade que eu senti de apelar a ele que ficasse, não o fiz. Se ele queria se demitir, não iria me opor, eu nunca mais me curvaria a esse tipo de situação. E foi dessa forma que o vi partir, não muito tempo depois, levando apenas uma mochila, disposto a passar um tempo nas terras altas.

Com sua partida, Violet também se demitiu, já que me culpava pela infelicidade do irmão e se recusava a colaborar com alguém que não queria vê-lo feliz.

Dramalhão mexicano dos infernos!

Não vou mentir que tive medo de perder todos os funcionários, eles sempre foram muito devotos a Eric e o clima ficou um tanto difícil quando souberam de sua demissão — *por minha culpa*, foi o que Colleen espalhou, antes de ser demitida. Por sorte, eles acabaram ficando.

Essa situação me desestabilizou sobremaneira. Era muita coisa acontecendo simultaneamente e, mais uma vez, eu me sentia

perdendo tudo ao mesmo tempo. Não bastava eu ter perdido meu amigo, ainda tinha perdido meu gerente, não tendo ninguém que fosse de confiança o suficiente para me substituir. Minha viagem para o Brasil, dessa forma, nunca aconteceu, o que acabou culminando no fim do meu relacionamento com Vicente, visto que, ele nunca mais me procurou ou retornou minhas ligações.

— Luiza — Rose me chama, na porta da cozinha e eu me viro em sua direção —, quando vamos receber aqueles hóspedes vindos de Dublin?

— Amanhã, Rose. O segundo andar está reservado para eles, pode já organizar o menu para a semana.

— Tony vem também? — Bufo, negando.

Vocês devem se lembrar de que eu pedi socorro ao meu irmão quando ainda estava no Brasil. O bonito estava belo e folgado em Nevada, ocupado demais para me dar uma mão, mas assim que soube da demissão de Eric decidiu aparecer por aqui. Vocês não têm ideia de como eu fiquei nervosa. Não, nervosa é pouco, eu fiquei *furiosa*! Aquele papinho mole de ser meu irmão mais velho, de querer o meu bem, de achar que eu estava deixando me afetar demais por uma situação que,

talvez, tivesse sido benéfica e...

Foda-se! Isso, isso mesmo, Maria Luiza agora fala palavrão. FOOODAAAA-SEEEEE!

Peguei sua mala enquanto ele falava, joguei no meio do gramado e o mandei de volta a Dublin — ou para a *puta que o pariu*, se ele assim preferisse. Como já diria papai, “muito ajuda quem não atrapalha”, e se ele não tinha nenhum auxílio para me dar, bem...

Maria Luiza está descontrolada. Esse era o boato correndo entre os meus colaboradores aqui em Fonthill. E eu estava, confesso. O meu primeiro mês de volta aqui foi, realmente, infernal. Em menos de uma semana, eu tinha perdido meu gerente — e sua irmã, expulsado meu irmão, demitido outros dois funcionários e mandado à merda — assim, em português mesmo — umas quinze pessoas.

O meu mau humor extremo passou, mas essa situação toda me ensinou muita coisa. Não que eu tenha mudado a minha essência, longe disso, mas aquela Maria Luiza que se anula para o bem-estar dos demais, bem... não quero mais saber dela.

Sinto o celular vibrando no bolso quando estou voltando para a minha sala. Destravo a tela e

vejo que é Raquel, mandando um emoji engraçadinho. Essa virou sua forma de me perguntar se tudo está bem, depois de nossa última discussão.

Ah, sim... tem isso também. A minha situação no Brasil igualmente não se encontrava muito melhor. Para começar, existiu aquela reticência em falar comigo. As respostas curtas, sem sentido, como se tivessem preguiça em me responder. Eu entendia elas terem ficado chateadas comigo, por ter vindo embora sem dizer nada, mas, convenhamos... que infantilidade!

Parei de enviar mensagens a elas e, então, eu esperei. Uma semana, duas... o comportamento não melhorava. E, para completar, teve aquela merda toda envolvendo Vicente, e isso me deixou ainda mais possessa de raiva. Não queria mais saber dele, não quis nem pesquisar seu nome na internet, eu sabia que bastaria colocar “*o delegado da Federal*” na barra de pesquisas e teria notícias, mas... eu me sentia errada fazendo isso. Correndo atrás de quem estava correndo de mim.

O idiota bloqueou meu contato. Quantos anos ele tem, cinco? Inferno!

Lembrava de Eric me jogando na cara que

eu estava me rebaixando. Sempre buscando o melhor para todo mundo, ainda que me prejudicasse no percurso, e então decidi dar a eles exatamente o que eles estavam dando a mim. Não recebia notícias de lá e, em retorno, não enviava notícias minhas também. Pronto, se era infantilidade que elas queriam, eu daria uma creche em retorno!

O problema é que, mesmo em meio à minha revolta com tudo, eu ainda me sentia sozinha aqui. Ainda sentia falta das pessoas. Ainda sentia falta *dele*. Precisava constantemente conter a minha vontade de enviar mensagens, perguntando se estava tudo bem. Por vários dias, me peguei formulando planos mirabolantes para voltar ao Brasil, nem que fosse por uma semana, porque a sensação de estar com tudo em suspenso acabava comigo.

Quem resolveu meu problema foi Rodrigo, um mês depois, quando, no aniversário de Raquel, eu resolvi deixar o orgulho de lado e fiz uma vídeo chamada. Eles estavam todos lá na casa dela — Samuca, Sara, Marco, Laura, Rodrigo... — e eu acabei, sem nenhum filtro, perguntando por ele.

“Ele está namorando, Maria Luiza.”

PERIGOSAS NACIONAIS

Assim. Tirando o band-aid de uma só vez, sem pena alguma.

Assumi que, então, que a reticência em me dar notícias era por causa disso, ninguém queria ser o portador do desastre. Isso não quer dizer que eu fiquei feliz. Muito pelo contrário, aproveitei que todos estavam reunidos e descasquei o abacaxi de uma só vez, para poupar transtornos e evitar o leva e traz.

O único que sabia o que eu vinha passando por aqui era Tony, e eu resolvi manter dessa forma. Mas, dessa vez, eu não pensava em proteger ninguém. Eu só estava dando aos outros o mesmo tratamento que davam a mim.

E isso me traz de volta a este escritório, olhando para o celular e respondendo Raquel com outro emoji engraçadinho, um disfarce do bom humor que eu tento manter a todo custo, mas que dói demais fingir.



Da escadaria do salão ouço o latido de
PERIGOSAS ACHERON

Billie, minha deerhound que está correndo na margem do lago, talvez tentando esquentar-se do frio cortante. Resolvo ir até ela, somente para encontrá-la latindo para uma sacola plástica, sendo levada pelo vento. Os funcionários hoje estão de folga e estou praticamente o dia inteiro buscando algo para fazer neste enorme e silencioso lugar, sem sucesso.

Me sento em uma pedra grande na margem do lago. Ouvi há pouco Violet conversando ao telefone com Eric, ele ainda está em Inverness, levando muito a sério o plano de me eliminar de sua vida. Ainda fiquei um bom tempo olhando para sua varanda, imaginando que talvez hoje voltaríamos a conversar, como nos velhos tempos, mas, depois de uma longa troca de olhares, ela entrou, batendo a porta atrás de si.

Sinto falta dele. Estou cansada de sentir falta das pessoas.

Fico olhando em volta, a paisagem cinza, o céu cinza, o casarão em silêncio — cinza — e, se não fossem os latidos de Billie, que também é cinza, eu pensaria ter ficado surda. Ou monocromática.

Sinto meu telefone vibrar e o alcanço, é

uma chamada de vídeo de... Marco? Essa é uma grande novidade, ele nunca, nem uma vez, desde que eu voltei para cá, me fez uma ligação inesperada, tampouco uma chamada de vídeo. Sempre me liga depois que eu o cobro por mensagem.

— Oi, baixinha! — ele diz, sorridente, assim que aceito a ligação e seu rosto bonito aparece em minha tela.

— Olá, querido, que surpresa!

Assim que ouve minha voz, Laura aparece na tela, o sorriso enorme, dando pulos e acenando com a mão de um jeito bem palhaça.

— Ai, que saudade, amiga! Que saudade! Que linda! — Ela saltita, parecendo muito feliz. E meu irmão, no que posso ver, também parece estar realizado, o que me deixa muito feliz também. Sorrio, enquanto vejo Marco brincando com ela, “empurrando” para o lado, pedindo espaço, e voltando para a tela, ainda sorrindo, o ar leve de menino.

Ele ainda está respondendo processo por conta de sua trapalhada, de anos atrás, e é Gael Prieto quem o está representando. Da última vez em que falei com Babi, ela me disse que as chances

de ele ser inocentado são enormes e, talvez, por isso, ele tem esse ar mais leve. Menos carregado.

— Como está? Senti saudade, baixinha, você não me chamou esses dias todos.

— Desculpa, estive atarefada aqui esses últimos dias, as coisas foram meio... confusas.

— Reparo no local onde ele está, não parece seu novo apartamento ou a casa de Laura. — Onde você está, que lugar é esse?

— Ah, estamos em Atibaia. — Meu coração perde uma batida, para disparar desesperadamente fora de ritmo em sequência. Se ele está em Atibaia, provavelmente Vicente está lá com ele, e eu não estou sabendo lidar com essa informação. — É aniversário da Carolina, dona da casa onde Samuca e Sara ficaram, lembra?

Assim que ele cita o nome da moça, ouço um barulho, uma gritaria, as pessoas perguntando com quem ele está falando. Ele, então, responde que é comigo, e ouço Raquel gritar para levar o celular até eles.

Acompanhando o vídeo, eu vejo quando ele entra em um outro cômodo, e entendo que se senta, talvez num sofá. Então, ele vira o celular para mostrar todo mundo que está no local. Posso ver

Raquel e Samuca, Sara e Rodrigo, ele e Laura, Williams e mais umas duas pessoas que eu não conheço. Todos juntos, eles agora fazem parte da mesma turma. Virando a tela, posso novamente ver seu rosto e não sei se agradeço por não ter visto Vicente ou lamento por isso.

— Onde você está, Malu? Está toda encapotada, o inverno já chegou? — Ouço a voz de Raquel me perguntando, e ele vira a tela para ela. Minha amiga está linda, cara de gente feliz, bem-amada, realizada. Bom, e bem comida também, se cabe aqui o adendo.

— Estou ao lado do lago. E, sim, está bem frio aqui, o inverno está vindo com tudo.

— Tem um lago aí? — ela pergunta, surpresa, e me lembro de que ela nunca esteve aqui, em Fonthill. Balanço a cabeça, acenando, e resolvo fazer um tour com eles. Viro o celular para mostrar ao redor e vou virando, para que eles possam ver toda a extensão do lago, o bosque, as paredes do castelo, e a estradinha que nos leva até a saída para a rodovia. Aponto o celular para cima, mostrando o céu totalmente nublado e, quando volto, ela está com uma cara muito estranha.

— Essa é a parte de fora. Essa porta atrás de

mim é a entrada da pousada, o grande salão. Hoje está bem xoxo, porque está vazio, mas quando está sol, isto aqui fica lindo.

— Por que está vazio? — meu irmão pergunta, parecendo alarmado.

— Acabou a temporada, os últimos hóspedes dessa foram embora ontem. Vieram de Dublin. Com isso, sempre ficamos duas semanas fechados, para fazer a manutenção do lugar. Hoje os funcionários estão de folga.

— Eric está por aí? — Seu olhar vagueia por algum canto da sala onde está, até voltar para a tela do celular.

— Ele não trabalha mais aqui. Se mudou para as terras altas, não sei quando volta. Ou, se volta.

— Por que não nos disse que ele não trabalhava mais aí?

— Talvez porque ninguém se interessou em perguntar, oras... Todo mundo assumiu que Maria Luiza está ótima aqui na Escócia, então, vamos manter assim — respondo, um pouco mais rude do que gostaria, mas não me desculpo.

Nunca mais vou engolir coisas, pensando em proteger os sentimentos alheios, porque a

PERIGOSAS NACIONAIS

recíproca não é a mesma. Novamente ele meneia a cabeça, o semblante carregado, e ouço uma nova bagunça generalizada se formando. Mas desta vez eu consigo ouvir claramente quando alguém grita o nome de Vicente, e é minha deixa para desligar a chamada. Eu não tenho estrutura para vê-lo chegar com a tal namorada.

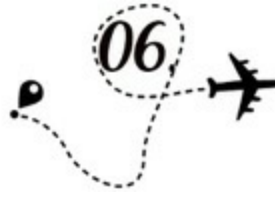
— Marco, eu vou desligar. Curte aí a sua festa, dê parabéns para a moça. Beijos, pessoal!

Não dou tempo para ninguém falar nada, desligo correndo a ligação e guardo o celular no bolso do casaco. O frio parece estar agora ainda mais cruel, olho em volta, procurando viva alma e não encontro. Chamo Billie para levá-la de volta ao canil, antes de me trancar em meu quarto e ficar por lá, de preferência até a primavera voltar.

Sinto como se tivesse um buraco no lugar do coração. A situação local nunca se espelhou tanto com meu estado de espírito, como agora: o tempo gelado, um vento cortante, o céu completamente nublado, a casa vazia e silenciosa. Igual a mim.

PERIGOSAS ACHERON

Sozinha



Vicente

Ah, olha aí, chegou o vacilão!

Eu bem sei que é o que você está pensando. Vai me dizer que, nunca na vida, fez algo estúpido o suficiente que te marca para sempre?

Duvido.

Enfim, faz um bom tempo que não nos vemos, isso não quer dizer que eu tenha ficado deitado em berço esplêndido. Os últimos meses foram, para ser sucinto, infernais. Resolvi acabar de vez com a LIB, se eles me odiavam por ter atrapalhado a vida deles, eu daria belos motivos para o fazerem, com força. Três meses de trabalho intensivo, e conseguimos acabar com praticamente noventa por cento dos postos de atuação dessa organização.

Ainda falta, claro. Nogueira e Alexandre estão foragidos e é questão de honra, para mim, capturar esses dois. Mas só de saber que a maioria desses filhos da puta estão presos ou mortos, já me causa um contentamento daquele. Semana passada

conseguimos localizar a ex-agente Michele Braga, em uma batida feita para combater o tráfico humano em um sítio localizado em Viamão, no Rio Grande do Sul. De papiloscopista respeitada, Michele por pouco não virou prostituta na Espanha, que era para onde a organização enviava as mulheres que tiravam aqui do país.

Ela ainda se recusa a colaborar, por incrível que pareça, tem uma fé que seu chefe, o tal Fiote, irá resgatá-la do presídio. Mal sabe ela que todos os “resgatados” foram enviados para o inferno, sem passagem de volta.

Malone estaciona o carro, me trazendo de volta ao presente. Um sol escaldante castiga a cidade, este verão será daqueles. Fui chamado ao posto da Polícia Federal aqui no aeroporto internacional, mas não quiseram adiantar nada por telefone. Só espero que não seja mais bucha, pois estou cheio delas.

Mostro meu distintivo a um dos agentes que rapidamente me leva a uma sala privada. Ao notar a escolta na porta, troco um olhar suspeito com Malone, porque, para um esquema de segurança desses, só pode ser algo grande. Para minha surpresa, ao entrar na sala, me deparo com Cibele,

sentada e acompanhada por uma policial.

— Ora, ora... Cibeles Nogueira, finalmente!

— Cibeles Guerra — ela corrige. — Eu não queria voltar, Vicente, mas o seu amigo da Interpol me garantiu que eu terei proteção aqui.

Ela parece assustada, e tem razão para isso. Puxo uma cadeira e coloco à sua frente, não quero que ela tenha nenhuma dúvida sobre as minhas intenções.

— Para você, é doutor Vicente. — Corto qualquer intimidade, deixando bem claro qual sua posição aqui. — Eu posso garantir a sua segurança, mas eu quero colaboração, Cibeles. Essa merda já foi longe demais.

— Eu pensei que você me prenderia...

— Deveria. Mas morta você não me tem nenhuma serventia. — Dou de ombros e fico no aguardo de sua resposta.

Quando ela concorda, eu ligo para a delegacia e peço um transporte seguro para removê-la aqui do aeroporto, preciso pegar seu depoimento e dar seguimento à sua proteção. Claro que, por toda a merda envolvida, eu poderia mesmo a colocar atrás das grades, mas todo mundo que foi detido, acabou eliminado e eu não posso correr esse

risco.

Pouco mais de uma hora depois, saímos em uma van fechada, direto para a delegacia. Apesar de não demonstrar, estou ansioso. Louco para pôr um fim nessa merda, de uma vez por todas.

— Me conte tudo agora, Cibeles. — Estamos acompanhados de seu advogado e do escrivão, em uma sala reservada, onde o depoimento será gravado.

— Meu nome é Cibeles Guerra, mas eu fui registrada como Cibeles Nogueira. Mudei meus documentos quando me emancipei, aos 16 anos. Sou filha de Armando Nogueira, delegado da Polícia Civil do estado de São Paulo. Rompi relações com a minha família há mais de vinte anos, quando meu pai trouxe um rapaz para viver conosco. Não em nossa casa, mas em nosso convívio, e eu não aceitei muito bem. Esse rapaz era filho de um amigo de Nogueira, que vivia em Ribeirão Preto, sua terra natal. Um dia, essa mulher morreu, e ele achou que seria uma boa ideia trazer o rapaz para casa.

Uma risada irônica rompe, mostrando que as lembranças são tudo, menos agradáveis.

— Eu não teria problemas em lidar com

PERIGOSAS NACIONAIS

esse rapaz, se ele não fosse mais velho do que eu, e não tivesse assumido a atitude de pensar que era “dono” da família, com total aceitação de meus pais. O que ele dizia era lei, e eu não gostei. Tinha dezesseis anos, na época, e fugi de casa, tive pouco contato com a minha família depois disso e meus encontros com eles foram esporádicos, até cessarem por completo. Só reencontrei meu pai, anos depois, quando ele já era delegado e Alexandre... bem, mandava e desmandava no crime aqui na cidade.

Cibele conta tudo com voz trêmula, mas olhando firme para a câmera de gravação.

— Alexandre conhecia um grande traficante no interior, onde ele morava. Chamava o cara de “imperador do tráfico”, ele foi até vereador aqui. Mas o cara estava sendo investigado, teve que sair de cena e precisava de alguém para assumir o controle, principalmente aqui na capital. Ele então assumiu, mas não podia aparecer, por ser “filho” de policial. Sempre usou seus laranjas, mas controlava tudo com mãos de ferro por trás. Era o herdeiro natural do tal imperador, mesmo não sendo filho dele. Foi escolhido por ser extremamente inteligente, dedicado e implacável.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então, você confirma que Armando Nogueira, seu pai, é membro da LIB.

— Membro fundador. Era associado ao imperador, quando ele ainda era candidato a vereador aqui em São Paulo. Tenho para mim que, ele queria ser o líder do bando, mas, por ser policial, não conseguiria e, por isso, investiu em Alexandre.

— Você era amiga de Eduardo Ramos...

— Conheci Eduardo quando fui fazer um trabalho fotográfico para promover suas boates. Na época, eu achava que seriam dele. Ficamos amigos, ele era muito gentil comigo e sempre me pedia para apresentar amigas, que ele teria bons trabalhos para elas, sempre meninas mais novas do que eu. Eu não sabia, a princípio, que era para traficar as meninas para fora do país, quem me contou foi o meu pai, ao me ameaçar de fazer o mesmo comigo caso eu não fosse trabalhar para eles. Tive medo, então fui.

— Quando aconteceu isso?

— Em uma festa de casamento. O lugar errado, a hora errada... meu pai me viu e não consegui mais fugir deles.

— E qual a ligação dele com os Dantas?

— Juan já trabalhava para eles, prestava

PERIGOSAS ACHERON

serviços nas boates e queria muito ser CEO da Dantas e Filhos. Mas Mônica fazia jogo duro com ele, o achava um incompetente babaca, e ele então resolveu começar a atacar sua família, tentar colocá-los em escândalos para enfraquecê-los frente ao conselho. Para isso, separou Marco de Luciana e nos apresentou. Eu gostei muito do Marco, ele é um homem especial, não conseguia manter a farsa que era o nosso relacionamento.

— Foi por isso que ele colocou drogas no carro de Marco Dantas?

— Sim. Era um cala a boca... A LIB forjou uma batida e ele foi flagrado com a droga, pagou propina para não ser preso, e tudo isso foi usado para mantê-lo calado. Eu queria que ele tivesse saído do país, mas ele nunca deixaria a irmã e a sobrinha, sozinhas com Juan.

— Era você quem entregava informações sobre Maria Luiza Drummond para Fiote? — Acho interessante que ela abaixa a cabeça e fica, por um bom tempo em silêncio, antes de continuar respondendo.

— Dei várias informações, sim. Eu era obrigada a isso, Alexandre é muito violento. Ele pedia nomes, fotos, a única coisa que acabei não

entregando foi a localização da pousada, ele pensava que ela nunca conseguiria sair do país.

— Então, é por isso que ele nunca foi até lá?

— Acredito fielmente que ele não foi até lá, por não conseguir sair do país, Vicente. Porque, com certeza, ele já deve ter a localização dela. Essa não é uma informação difícil de conseguir.

Não é algo que eu já não tenha pensado e, exatamente por isso, tenho um amigo da Interpol em vigilância, morando a exatos 100 metros da pousada.

— Malu disse que viu um encontro seu com Natália Fraga, próximo a uma estação do metrô, meses atrás. No outro dia, você apareceu com Mônica Dantas e Ivan *Renegade* no coquetel de Raquel Silveira. Ambos negam ter tido qualquer ligação com a LIB.

— Aquela ida ao coquetel era para atingir você, delegado. — Ela ri, diante da minha surpresa. — Imagina como eu fiquei nervosa ao ver que logo a minha amiga estava envolvida com o delegado responsável pelas investigações, o homem que eu deveria, supostamente, manter sob controle? Eu já tinha estragado a vida do Marco, acreditem ou não,

eu gosto mesmo deles... não queria que Malu tivesse um fim trágico. Então, eu queria separar vocês, porque sabia que ela corria riscos.

— Sempre soube de todos os ataques, Cibeles. O freio cortado, o sequestro... poderia ter nos alertado.

— Eles saberiam que eu tinha dado o alerta. Então, eu trabalhava de outra forma, tentando separar vocês dois. Eu usei o Ivan porque ele é um idiota egocêntrico, que se acha irresistível, ainda tinha certeza de que Luiza carregava um bonde por causa dele. Pensei que, no coquetel, ele não calaria a boca, você quebraria a cara dele novamente, e Luiza ficaria decepcionada.

— É, não deu certo...

— Não, não deu... — *Não por isso*, minha mente me relembra. — Só mais uma coisa... Eduardo e Alexandre não estavam em sintonia, confere?

— Alexandre é um maníaco. Até mesmo na organização existia um pouco de ordem e decência, por incrível que pareça. Vários parceiros já estavam indo reclamar para o imperador, querendo que ele voltasse, principalmente por ele estar comandando novamente uma rede de tráfico de drogas no

interior. A LIB já estava se quebrando por dentro, Vicente... somente ele não percebeu.

Pouco antes de finalizar o depoimento, ela me olha por um longo tempo. O bastante para me deixar incomodado, até que eu perco a paciência e questiono o motivo da inspeção.

— Alexandre tem uma rixa pessoal com você. Ele é obcecado, cada vitória sua frente à esta investigação o deixa ainda mais pilhado. Ele tenta manter uma pose blasé, como se não se importasse, mas, por várias vezes, o peguei reclamando sobre você “tomar tudo o que é dele”.

— Eu vi as fotos, não faço a menor ideia de quem seja esse sujeito.

— Mas ele sabe quem você é. Tome cuidado, Vicente.

Finalizo o depoimento, faço ela assinar e a vejo saindo direto para a proteção de testemunhas. Conseguimos colocá-la em um local afastado, onde ficará até o final do processo. Emito também um pedido de prisão preventiva para aquele safado do Nogueira, desta vez, baseado nesse depoimento, esse eu faço questão de ver mofar atrás das grades.

Sigo para casa, pensando em tudo o que me tem acontecido nesses últimos meses. Afundado no

trabalho, eu resolvi a maior parte dos casos que me jogavam na mesa, enquanto esperava por uma única cartada, que me faria liquidar com Fiote e Nogueira. Dormia mal, comia pior ainda. Andava estressado, cansado, ainda mais rabugento que o normal.

E doente de saudade dela.

Já faz quatro malditos meses que não ouço sua voz. Fiz o possível para mantê-la afastada de mim, na situação atual era o melhor a ser feito. O mais sensato. Acabava comigo, mas... foda-se. Antes me odiando, mas em segurança.

O telefone acusa uma nova mensagem de voz, e eu já sei que é ele, novamente.

“Vicente Avellar, passando mais uma vez para lembrar que os dias dela estão contados.”

Todos os dias esse desgraçado deixa uma mensagem que não conseguimos rastrear, ameaçando Malu, de alguma forma. Alexandre é um maníaco, e sabe como me atingir, como me enlouquecer, e faz isso com maestria. Tudo o que envolve Malu revira o meu mundo, para o bem e para o mal.

A primeira mensagem, como se adivinhasse o meu estado miserável, chegou algumas horas

depois do meu papelão ridículo com ela. Ainda estava tentando me recuperar daquele porre infernal, que serviu apenas para uma bela dor de cabeça no dia seguinte — e uma ressaca moral daquelas — quando o celular apitou, contendo nada, além do que uma localização.

Organizei uma equipe e fomos até o local, uma trilha localizada no Parque das Cantareiras, para encontrarmos toda uma cena montada por esse maníaco. Uma mulher ruiva, ainda com um cinto de couro enrolado no pescoço, estava jogada próxima ao lago, coberta por um manto xadrez. Sobre o corpo, um bilhete.

“Delegado Avellar, em breve teremos o pacote original. Uma troca justa, eu perdi a minha garota... você perde a sua.”

Não soube lidar com isso. Eu queria muito consertar as coisas com ela, tinha feito uma merda gigantesca, mas olhar aquele corpo em minha frente, daquele jeito, só me fez ter a certeza que mantê-la longe seria o melhor a fazer. Eu queria demais tê-la comigo, mas... do que adiantaria se ela não estivesse segura?

Claro que ninguém concordou com a minha decisão. Precisei reunir todos os seus amigos e

mostrar as ameaças, implorar por ajuda. Não foi nada fácil, devo dizer.

— *Você só pode estar maluco, Vicente! Como vamos esconder isso dela? — Raquel é a mais irredutível, rebate todo e qualquer argumento que eu dou.*

— *Não precisa esconder, Raquel. Quer contar a ela que tem um maluco a ameaçando por aqui, fique à vontade. Ela só não pode, de forma alguma, voltar.*

— *Se falarmos a ela que Vicente está recebendo ameaças, mesmo que direcionados a ela, não vai ter Cristo na terra que vai segurar essa mulher na Escócia! — Sara pontua, e todos parecem concordar com isso.*

— *Ainda assim, seria uma escolha dela...*

— *É temporário, Raquel. Mas, se não acredita em mim, pergunte a Rodrigo... ele estava lá. Ele VIU o corpo da mulher.*

Como se precisasse ainda de confirmação, ela se vira para nosso amigo e ele repete a ela tudo o que vimos aquele dia, mas com uma sádica riqueza de detalhes que eu queria esconder dela. Isso é o bastante para deixá-la apavorada.

— *Quem são essas pessoas, meu Deus? —*

ela choraminga, o rosto enfiado no peito de Samuca. — Para que fazer isso?

— Confie em mim, Raquel. Ela está segura longe daqui...

— E você vai continuar a ignorando? Ela... isso não vai dar certo, delegado. Ela vai acabar voltando, somente para saber o que diabos você tem na cabeça.

— Eu tenho uma ideia! — Rodrigo anuncia, e eu fecho os olhos, já sabendo o que viria a seguir.

Aquele maldito porre — juro, o último da minha vida! — acabou me fazendo dar munição àquela jornalista mau caráter, a tal Marília Diniz. Eu acabei a expulsando da minha casa aquela noite, depois de ela tentar, incansavelmente, ter uma relação comigo. Eu estava bêbado, mas, felizmente, não totalmente incapacitado, o que me salvou de talvez ver circulando fotos minhas por aí.

Lembrar a sua insistência, suas tentativas de se esfregar em mim, enquanto eu mal conseguia parar em pé, ainda é de embrulhar o estômago.

Mulherzinha asquerosa.

Mas o fato de tê-la contido e não dado chances a ela de consumir qualquer um de seus planos, não a impediu de tentar crescer na carreira

às minhas costas. Pelo contrário, por um mês inteiro eu tive que ler notinhas e piadas a esse respeito e, quer saber? Bem feito. Burro tem mais é que se foder mesmo.

Rodrigo utilizou essas notinhas que saíram, incansavelmente, como forma de notícia para manter Malu afastada. Disse a ela que eu estava namorando e se ela fosse pesquisar a respeito, com certeza encontraria isso internet afora.

Eu odeio isso. Com todas as forças, você não tem ideia. É difícil demais manter-me longe, principalmente com ela acreditando, talvez, que eu não me importo mais. A sensação de estar causando dor a ela acaba comigo, mas eu tenho certeza de que qualquer movimento que fizer em sua direção, a trarei de volta ao Brasil.

O que me mantinha são era o fato de saber que, na Escócia, ela estava segura. Estava a salvo. Até que, pouco mais de um mês atrás, Tony apareceu na porta da delegacia. Todo mundo sabia que a única coisa que trazia Tony para esse hemisfério era Malu, então foi desesperador quando recebi o anúncio que um tal Drummond me esperava do lado de fora. O susto foi tão grande, que tive uma sensação real de parada cardíaca, toda

a sorte de pensamentos macabros rondando a minha mente, imaginando que Fiote tinha conseguido alcançá-la.

— *Tony, aconteceu alguma coisa com a Malu?*

— *Curioso você se importar, depois de três meses de silêncio...*

— *O que aconteceu? O que está fazendo aqui?*

— *Eu poderia ter pegado o seu telefone, mas eu queria ver a sua cara de idiota pessoalmente. Imaginar, apenas, não seria o bastante.*

Quantas vezes eu disse a vocês que a minha imaginação é fértil? A imensidão de merda que eu consigo produzir por segundo é enorme, e o babaca deve saber, porque faz um certo suspense antes de revelar. Mas nenhuma merda que eu tenha pensado chegou perto do que ele diria.

— *Você terminou com a minha irmã porque pensou que ela estava de “casinho” com Eric. Eu vou te falar que sempre torci por eles, mesmo. Uma pena que ela o vê como irmão...*

— *Ela então teria dois irmãos ruivos e babacas.*

— *Não acho que você esteja em posição de fazer piada, delegado. Malu foi atacada na pousada, naquela noite. Por isso, ela não te ligou.*

Eu estava rindo, claramente em posição de deboche, e o sorriso morreu no mesmo instante.

— *Como?*

— *Estava sozinha na pousada porque, curiosamente, tinha discutido com Eric por sua causa. Um hóspede se escondeu no quarto dela, e a atacou, enquanto ela estava lá, sozinha e indefesa. Era um americano, procurado por assassinato e outros crimes sexuais, e se não fosse por Eric, talvez...*

Ele continuou falando e falando sobre como ela tentou me proteger, pois sabia que eu enlouqueceria ao vê-la toda machucada, mas era como se eu estivesse embaixo d'água. Um aperto no peito foi seguido por um tremor que eu tentava conter ao gritar, ensandecido pela calçada, louco de ódio... e de remorso.

O quão idiota eu fui? Ela tinha acabado de ser atacada e ainda teve que lidar comigo, a pessoa com quem ela deveria contar, sempre.

Devo dizer, aliás, que eu fiz questão de apresentar o meu punho àquela cara vermelha por

PERIGOSAS NACIONAIS

ter me garantido um dia que, longe de mim, Maria Luiza estaria a salvo. Paspalho arrogante! Esse tempo todo eu tentando a manter longe, pensando que, talvez, na pousada ela nunca passaria por esse tipo de coisa... Foi excelente descer o braço nesse ruivo idiota, mas, não vou mentir, levei alguns socos também. Merecidos.

Depois da sessão de *porradaria* pública, no entanto, entramos no pequeno restaurante que eu costumava almoçar todos os dias, para conversar com um pouco mais de calma. O proprietário já está, inclusive, acostumado com a rotina: *Vicente Avellar tem alguma merda para resolver, corre para o meu restaurante*. Expliquei a ele o porquê de me manter afastado, e ele concordou comigo. Lá na Escócia havia sido um caso isolado, mas, por aqui, estamos sob fogo cruzado todos os dias.

Agora, se existe algo certo nesta vida é que eu nunca vou deixar de me sentir um merda pela forma com que a tratei aquela noite. Ainda que tenha me arrependido, nada nunca vai apagar ou relevar o meu comportamento. Eu fui um babaca ridículo, e nunca vou me perdoar por isso.

Eu só espero que *ela* um dia me perdoe.

PERIGOSAS ACHERON



Estaciono o carro em frente à grande mansão em Atibaia, os carros tomam o estacionamento e a alameda em frente. Depois da morte de Bruno — e da situação vexatória pela qual Carolina foi obrigada a passar em seu enterro —, nossa equipe a tomou como um tipo de mascote. Sempre a mimando, tentando trazer-lhe um tipo de conforto. É curioso, afinal, Bruno não foi conhecido por sua simpatia e amizade com a equipe, mas até mesmo Diana, protagonista de imensos arranca rabos com o delegado, aparece aqui de vez em quando.

Fabão descobriu que hoje é aniversário de Carol e chamou a equipe inteira para uma festa surpresa, que, pelo visto, virou uma grande confraternização. Até mesmo Marco Dantas está presente, com sua namorada risonha e animada.

— E aí, delegado? — ele me saúda, assim que passo pela porta.

— Você não perdoa nem quando tem bolo em outra cidade?

— O único bolo que eu dispenso são os que Laura me dá... — ele brinca, enlaçando a namorada

pela cintura, e eu sigo até a grande varanda lateral, onde um pagode já se inicia.

— VICENTE CHEGOU! — Murilo avisa, e uma gritaria generalizada começa, me fazendo rir. Sou convidado a me juntar a eles, mas nego, ficando apoiado na parede, de braços cruzados, observando as pessoas que acabaram se tornando parte de minha vida.

É inevitável pensar em Malu, e como ela foi responsável por tudo isso. Antes dela, eu era um homem que tinha por muito sessões de musculação solitárias na academia do prédio, ou um futebol disperso uma quarta-feira ou outra. Agora essa turma inteira aqui se reúne, e fazem questão da minha presença. Amigos de longa data dela, seu próprio irmão... o amor daquela ruiva modificou a minha vida, mesmo sem ela ter a menor ideia que faria isso.

De repente, todo mundo se junta na sala, em frente a porta da varanda onde estou, seguindo Marco que está falando com alguém pelo celular. Uma balbúrdia, uma farra imensa, que só podia mesmo ser direcionado a uma pessoa.

Malu.

Ouvir sua voz, ainda que pelo aparelho

celular, depois de tanto tempo, é como ver um raio de sol abrindo espaço em meio às nuvens. Aperta meu peito de uma forma dolorosa, ao mesmo tempo que conforta somente por ouvi-la mais uma vez.

Servindo de cicerone para Raquel, falando um pouco sobre a pousada, e seu final de semana solitário, linda com um gorro de lã cobrindo o cabelo em tom de cobre, uma jaqueta imensa e a ponta do nariz muito vermelha, ela tenta sorrir e se conectar novamente a uma turma que acabou a deixando de lado, ainda que inconscientemente.

Inconscientemente porque todos embarcaram no meu plano maluco de afastá-la de mim, e isso acabou a afastando deles também. Magoada, decepcionada com todo mundo, ela simplesmente cortou assunto e quem pode culpá-la?

É difícil demais mantê-la afastada, são quatro meses de merda em que tudo o que eu penso é terminar esse caso e tentar reconquistá-la. Todas as vezes em que a saudade foi demais e eu fraquejava e pegava o celular, que eu pensava em desistir, eu ouvia os áudios que Fiote me enviava. Era o suficiente para me manter firme.

Mas vê-la hoje foi demais para mim. Assim

que ela desliga a chamada, alguns minutos depois, eu me sinto um tanto perdido, sem entender direito o que estou sentindo. Me posicionei atrás de Marco, em um ângulo em que eu conseguiria vê-la, mas que ela não pudesse me ver. Não queria que ela me visse, talvez eu não suportasse ter aqueles olhos lindos olhando diretamente para mim, sem poder tocá-la.

Mas eu senti algo dentro de mim se partir ao notar que os olhos da minha menina, os olhos mais lindos do mundo, agora parecem os olhos mais tristes do mundo.

E que é por minha culpa.

— Ela está tão sozinha... — Raquel fala, com voz chorosa. — Ela sempre fica sozinha assim lá, Marco?

Ele puxa o ar, pensando um pouco, antes de responder.

— Quando ela foi embora, da outra vez, eu fui contra. Todo mundo deu a maior força, mas eu achei absurdo e ela, claro, ficou magoada comigo, achou que eu estava a favor do Ivan. Mas não era isso... ela estava indo para outro país e nem era para uma cidade grande perto de onde ela tinha família e amigos, era uma cidade interiorana, afastada. Sem

conhecer ninguém, sem amigos. Eu nunca achei que seria necessário ela sair daqui para recomeçar, mas ela colocou isso na cabeça e foi. O meu medo era vê-la sozinha, longe da família, longe dos amigos...

Como a vimos hoje, eu completo, mentalmente. Vê-la mover o celular em volta daquele lugar absurdamente grande, mas assustadoramente vazio, esmagou meu peito.

— Mas ela tinha Eric... — Marco continua, desta vez, me encarando, muito sério —... e nós sempre achamos que ele tinha uma queda por ela, eu não o conheci, mas meus irmãos cantavam em verso e prosa os olhares compridos que ele dava em sua direção e ela sempre alheia, sempre o tratando como a um irmão. Mas independentemente do que ele sentia ou não, sempre estivera ali. Ela nunca tinha ficado um dia sozinha sequer, por causa dele.

— Por que ela não disse a ninguém que Eric não trabalha mais lá? — Sara questiona, olhando ao redor, como se nos cobrasse explicações para algo que nem ela mesma entende.

— Porque é a Malu... — eu respondo. — Ela se acostumou a resolver os seus problemas, sozinha, e ainda resolver a vida de quem está ao seu

redor.

— E ela ainda deve pensar que estamos todos contra ela... — Raquel sussurra.

Sinto, mais uma vez, aquela pontada incômoda no peito, lembrando-me dela tão sozinha, aquele olhar tão triste ao ver que todo mundo que ela gosta — assumindo e implorando que eu esteja nesse mesmo combo — está aqui numa boa, enquanto ela fica afastada de todos. Malu não merece passar por isso.

— E eu não posso sair do país... — Marco murmura ao meu lado, lamentoso, relembrando o processo que ele enfrenta e proíbe viagens desse tipo.

O ar começa a ficar rarefeito para mim, conforme eu vou ouvindo os comentários sobre ela. “Como ela está linda”, “tadinha, tão sozinha”, “daqui a pouco isso passa e ela melhora”, “de repente, ela arruma alguém”. Esse último, claro, vindo de Samuel, que tem como objetivo de vida me deixar puto. Decido voltar a São Paulo, minha cabeça lateja e eu preciso decidir o que fazer da minha vida, de uma vez por todas.

Entro no meu carro e tiro o celular do bolso, meus dedos não acompanham o meu raciocínio de

PERIGOSAS NACIONAIS

apenas colocar o celular no banco e, quando dou por mim, seu contato já está desbloqueado e me pego digitando uma mensagem para ela.

“Vicente: *Vendo como é frio onde você mora, consigo entender porque é tão branquinha...*”

As operadoras de telefone precisam arrumar um jeito do telefone gritar conosco, antes de enviar mensagens quando nos arrependemos delas. Onde estou com a cabeça, de mandar uma mensagem tão cretina, depois desse tempo todo de silêncio? Encosto a testa no volante, imaginando como ela deve pensar que eu sou um completo imbecil, e então me recordo de que enviei a mensagem para o seu número brasileiro, e solto um suspiro aliviado. Até que ouço o barulho da mensagem chegando.

“Número desconhecido: *Mistérios da natureza, aparentemente...*”

Pensou que a sorte iria me sorrir, não? Obviamente, aquele urubu que me acompanha não permitiria. Leio, imaginando a frase em sua voz doce e cantada, o leve sotaque puxando os ‘as’ e os ‘os’ para um tom mais fechado, e me encho de uma saudade desmedida, esmagando meu peito. Quando me dou conta, já estou discando seu número.

PERIGOSAS ACHERON

— *Vicente... tudo bem?*

Sua voz soa incerta, como se ela sondasse exatamente o porquê de eu estar ligando. Me lembro das primeiras vezes em que nos falamos, onde ela colocava um certo distanciamento entre nós e a vejo fazendo a mesma coisa, ainda que não consiga, está tentando, e isso me machuca um pouco. Dói saber que ela tenta me afastar.

A decisão foi sua, babaca.

— Você está bem aí, Malu? Achei esse lugar vazio demais.

— *Não sabia que tinha visto. Não te vi na tour da depressão...*

— Eu vi, sim... Marco não virou a câmera em minha direção. Você está bem?

— *Sim, estou. É temporário, esse vazio...* — ela suspira — *... vai ficar assim esta semana e a próxima. Mas logo os hóspedes voltam.*

— Mas não fica ninguém aí com você?

— *Greg dorme aqui, ele faz parte da segurança. Mas ele saiu hoje, foi... namorar, eu acho* — ela ri, achando divertida a vida sexual do homem — *, mas só hoje eles estão de folga, nos outros dias, trabalham normal.*

Ficamos um tempo em silêncio, apenas

PERIGOSAS NACIONAIS

ouvindo a respiração um do outro. E lamentando, novamente, o quão injusta é essa situação para nós dois.

— *Vince, eu...*

— Malu, eu...

Falamos ao mesmo tempo, e rimos juntos, perdemos alguns segundos em uma sequência de “*fala você, não, fala você*”, um turbilhão de imagens passa pela minha cabeça, nós dois, juntos, em seu apartamento, acordando todos os dias, rindo... Foram os melhores dias da minha vida inteira.

Meu coração dói. Literalmente dói.

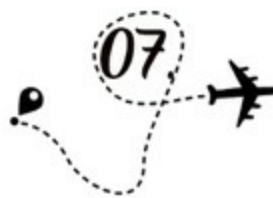
— Sinto sua falta, Malu.

— *Eu sinto muito* — ela responde, desligando o telefone em seguida. Refaço a ligação, e ela cai direto para a caixa postal. Provavelmente ela devolveu o favor, me bloqueando.

Com certeza eu não mereço nada, além disso.

PERIGOSAS ACHERON

Sinto sua falta



Malu

Passo a fita, fechando a última caixa que vou colocar no sótão, terminando a limpeza do escritório. Tinha tanta coisa antiga aqui, tanto documento que não estávamos mais usando, uma papelada imensa que Eric sempre fez questão de deixar à mão “caso precisássemos”, mas aproveitei os últimos dias — e meu extremo mau humor — para dar uma organizada aqui. Trancada aqui, eu não desconto nos outros a vida de merda que eu venho levando.

— Henry, por favor, leve essas duas últimas caixas para o sótão. Lembre-se de colocar naquela prateleira que eu limpei, está tudo organizado e catalogado, ok?

O garoto balança a cabeça e tenta pegar as duas caixas ao mesmo tempo, desistindo quando percebe que estou de braços cruzados, observando. Ele me lança um sorriso muito sem graça e se vira para sair, mas antes que ele cruze a porta, o chamo novamente.

— Obrigada pela ajuda.

Sua expressão surpresa me faz refletir que venho sendo um ser humano de merda ultimamente. Tenho tido uma grande dificuldade em encontrar um equilíbrio entre guardar tudo para mim e soltar o que me vem à trelha. Aquela velha preocupação em não magoar ninguém claramente anda esquecida, e isso também é um problema que eu preciso contornar.

Eu estou machucada, mas não posso direcionar minha mágoa a que não tem nada a ver com isso.

— *Louise! Louise!* — Violet entra correndo pela porta, me fazendo derrubar a caixa que estava carregando, devido ao susto. — *Aye, lass!* Veja que bagunça!

— São só papéis. O que aconteceu, por que entrou correndo desse jeito?

— Ah, eu queria saber se eu realmente posso pedir para Greg me levar até a cidade? Como a pousada está no último final de semana de recesso, eu não gostaria de ocupar o carro tendo hóspedes aqui.

Você deve estar se perguntando se voltamos às boas. Não, ela continua me ignorando noventa

por cento do seu tempo. Os outros dez por cento ela usa para me perturbar, quando precisa de algum favor, como agora.

— Sim, tudo bem... — Ela se vira, sem nem terminar de ouvir o que eu estava falando, e eu perco a paciência. — VIOLET! Eu não tinha terminado.

— Ah... tem algum recado para ele?

— Não, e se tivesse não pediria a você, que não trabalha mais aqui. — Coloco os papéis que se espalharam dentro da caixa novamente, e me levanto. — Eu iria dizer que preciso que ele me traga algumas coisas da cidade, então, você pode aproveitar a carona.

— Oh... — ela exclama, desapontada e eu quase poderia lamentar, não fosse a sua cara de pau.

— Eu vou fazer a lista, não saiam antes de falar comigo, por favor.

Ainda demoro um pouco até encontrá-los no estacionamento. Fico parada no passeio, olhando o carro saindo, lembrando-me de quando era eu quem fazia esse tipo de “tarefa”. Adorava ir até o centro de Kennoway, é calma e pacata, como toda pequena cidade e na área comercial as pessoas

costumam conhecer umas às outras. Para quem foi criada numa metrópole como São Paulo, é realmente incrível viver em um lugar como esse.

Suspiro, voltando para a minha atual realidade. Nosso último sábado de descanso e, a partir de segunda-feira, se inicia mais um ciclo, e desta vez eu estarei sozinha.

Sigo para os fundos da pousada, olhando para o gramado, cujos canteiros eu ainda consigo ver os tons lilás das heathers, uma flor típica da Grã-Bretanha que Rose fez questão de plantar, assim que eu voltei. Segundo ela, é uma planta fitoterápica que ajuda no sentimento de solidão. Parece que ela adivinhou como eu estaria nos meses seguintes.

Sento-me em um tronco que sempre usamos como apoio, úmido por causa do tempo frio, e fico relembrando o último final de semana, que eu tento incessantemente bloquear da minha memória, mas a frase continua me bombardeando.

“Sinto sua falta.”

Eu quero sentir raiva. De todos eles, quero muito. Por estarem lá, confraternizando felizes, festejando animados o aniversário sabe-se lá de quem. Por terem me deixado de lado, talvez me

culpando por algo que eu não tive culpa. Por uma escolha que já tinha me machucado demais, mas eu tive que fazer.

Preciso voltar à minha vida normal, sair dessa fossa insuportável, a vida continua para todo mundo e não é justo que a minha fique aqui, parada.

“Sinto sua falta.”

Será que ele levou a namorada naquele aniversário? Será que minhas amigas gostam dela? Eu morro de medo de perguntar e ouvir que a menina é legal. Que é linda, animada, festeira. Que o faz feliz. Será que ele está feliz? Quero tanto odiá-lo. Seria tão mais fácil se eu conseguisse. Já que não posso esquecê-lo, lembrar com ódio seria menos doloroso.

“Sinto sua falta.”

Minha nuca pinica e meu corpo inteiro arrepia, como se uma lufada de vento tivesse passado por mim, mas as plantas continuam imóveis. Viro o pescoço, olhando para a entrada da pousada e o tempo parece parar. Meu coração para de bater, de repente, e, quando volta, parece dar piruetas incontrolláveis dentro do meu peito.

É ele. Vicente está aqui.



Vicente

Eu nunca experimentei tantos meios de transportes diferentes quanto fiz nas últimas vinte e quatro horas. Metrô, carro, avião, carro de novo, trem, carro novamente, em um vai e volta interminavelmente cansativo. Quase quinze horas desde que pisei naquela estação de metrô ontem, e eu faria tudo novamente somente para ter este momento.

Assim que a vejo sentada, olhando para algum lugar distante, eu paraliso. Eu tinha me preparado, aliás tive um tempo bem extenso para isso, vim ensaiando tudo o que diria a ela. Mas os planos foram por água abaixo e me pego perdido, novamente a vendo à distância, como aconteceu meses atrás, naquela esquina. A luz bate em seu cabelo, e o tom de cobre que eu nunca tinha visto antes dela parece tomar conta de todo o lugar.

E então, como se o simples fato de saber que estou aqui a puxasse para mim, ela se volta em minha direção, o nosso olhar se encontra, e a mágica acontece, fazendo meu mundo inteiro parar

PERIGOSAS ACHERON

de girar.

Passo a passo vou descendo a grande alameda, um enorme gramado verde contrastando com o tempo cinzento e triste, sem conseguir desviar o olhar. Malu sequer pisca, surpresa, levando a mão aos lábios. Fico feliz de não ter sido anunciado, por sorte, não tinha ninguém olhando quando eu cheguei, odiaria ter perdido essa reação. Ou ser enxotado daqui, como eu bem mereço

Lentamente ela se levanta, conforme nossa distância diminui, e o tempo parece realmente ter parado, porque até o vento frio que estava cortando o ar quando entrei naquele táxi, uma hora atrás, deve estar nos assistindo neste momento. Minha pequena continua linda, mas o ar triste, ainda que surpreso, com que ela me olha poderia me matar mil vezes.

— Vince? — ela pergunta, baixinho. O tom incerto de voz entrega que ela, talvez, ainda duvide que possa ser eu aqui.

— Oi, Foxy. Senti sua falta.

Ela não se mexe, e eu também não consigo. Meu corpo inteiro treme de antecipação, precisando apertar a alça da mochila, como uma forma de segurar o instinto de correr até ela, de tomá-la nos

braços. Seus olhos brilham, enquanto ela me observa, em silêncio, talvez analisando a situação, analisando o que eu disse. Eu realmente não mereço consideração, não depois de tê-la deixado aqui, por esse tempo todo, deixando-a crer que eu tenho outra pessoa.

Estico minha mão, querendo tocá-la, mas respeitando seu espaço. Um convite claro de que estou aqui, a alguns centímetros de distância, esperando por ela, basta ela me querer. Seus olhos descem até meu gesto e eu me mantenho assim, em suspenso. Esperando. E então ela morde o lábio inferior, que passa a tremer, e abaixando um pouquinho a cabeça, começa a chorar em silêncio.

Isso me quebra ao meio. *Fodidamente* me quebra ao meio.

Solto a mochila no chão e vou até ela, a puxando pela mão e apertando-a em meu peito, o máximo que consigo. Morrendo de medo, de angústia e de tristeza a cada segundo que seus braços continuam ao longo do corpo, a cada segundo em que ela, com sua falta de reação, merecidamente me pune por eu ser um babaca imbecil.

E então eu sinto quando suas mãos

lentamente circundam minha cintura, devolvendo meu abraço — e devolvendo minha respiração que eu nem sabia estar segurando, enquanto esperava.

— Você veio... — ela sussurra, erguendo o rosto para me olhar. Os olhos mais lindos do mundo. Seguro seu rosto entre minhas mãos, que *porra* de saudade que eu estava...

— Eu vim.

Eu não queria beijá-la com tanta ferocidade, mas não consigo controlar. Minha língua busca a sua, em uma urgência de arrancar o fôlego, querendo apagar os últimos quatro meses de distância ao mesmo tempo que mostro a ela que, sem isso, eu não sou nada. Sem ela comigo, eu não sou ninguém.

Quebramos o beijo, ao mesmo tempo, buscando um pouco de fôlego. Sinto quando sua mão passeia pelo meu rosto, secando lágrimas que eu nem tinha ideia de ter soltado, tamanha loucura está sendo esse reencontro. Tamanha bagunça está em meu peito, uma mistura imensa de sentimentos que eu não consigo controlar.

— Me perdoa, Foxy. — Ela sorri, secando o próprio rosto com as costas da mão.

— Pensei que era contra pedidos de

desculpas, delegado.

— Pensei que já tivesse deixado claro que, depois de você, Maria Luiza, nada mais foi o mesmo. — Seguro seu olhar e ficamos assim, por um tempo, parados, somente nos olhando.

Um trovão soa ao fundo, nos tirando do transe.

— É melhor a gente entrar, vai chover e venta muito aqui...

Pego a mochila e seguro sua mão, a seguindo para o grande casarão. Abismado com o tamanho, não é que este diacho é um castelo mesmo? Passamos por uma grande porta de madeira marrom, que ela fecha, assim que nos encontramos dentro do ambiente, mas eu me pego curioso demais olhando ao redor.

Um maldito castelo!

À nossa frente um grande balcão de madeira toma a parede praticamente inteira, e considerando o monitor que temos sobre ele, assumo que deve ser a recepção. À esquerda, uma grande passagem em arco leva a um cômodo imenso, separado em dois ambientes. De um lado, as paredes pintadas em um tom de mogno claro, cobertas por quadros de pessoas bem velhas e vidraças imensas, parece

ser uma sala de descanso. Do outro lado, livros e mais livros cobrem as paredes do que parece ser uma biblioteca de filme antigo.

— Tentei ao máximo manter isso parecendo com um castelo mesmo, só não pode ser muito século XVI ou ninguém vai aguentar muito tempo sem internet e TV a cabo.

Seu tom risonho me faz voltar a olhar para ela, parada a alguns passos de mim, de braços cruzados, encostada na parede. Um blusão de lã imenso desce por seu corpo até metade das coxas, uma saia longa de tecido grosso se arrasta pelo chão, os cabelos cor de fogo presos em um coque bagunçado e eu tenho certeza absoluta de que nunca vi mulher mais linda, ainda que vestida em roupas mais feias, em toda a minha vida.

— Você tem canil aqui? — Me aproximo novamente e ela apruma o corpo, desencostando da parede.

— Tenho, fica nos fundos e... — A voz some quando eu, mais uma vez, a enlaço pela cintura, trazendo seu corpo de encontro ao meu. A respiração descompassada e o leve tremor de seu corpo vai, pouco a pouco, tirando toda a minha sanidade.

— Eu caibo lá? — Percorro a pele exposta do seu pescoço com a ponta do meu nariz, o seu perfume entrando por minhas narinas, me entorpecendo. Mas, quando eu a olho, aquela incerteza ainda ronda seu olhar, como se isso fosse algum tipo de visão, uma ilusão de ótica que ela teme não ser real.

Eu magoei muito essa mulher e chegou a hora de eu me desculpar.



Malu

Eu estou me sentindo em um teste ergométrico. O meu coração oscila entre disparar e quase parar a cada vez que Vicente se aproxima ou se afasta, sem ainda saber se é ele realmente aqui ou se minha mente solitária está me pregando uma peça. Eu esperei ele por um mês inteiro aqui, assim que cheguei, e a visão que eu fazia era exatamente como hoje, ele descendo a alameda para me encontrar, parada, esperando por ele.

Parece tanto com o que eu tinha imaginado, que isso aqui não parece real. Ainda que apertá-lo em meus braços, ainda que beijá-lo e sentir seu

PERIGOSAS ACHERON

gosto, seu perfume, seu calor... é real.

— Tem certeza de que eu não estou ficando maluca? — pergunto, mais para mim mesmo do que pra ele.

— Ah, Foxy... — Sua mão gelada segura meu rosto mais uma vez, os dedos circundando meu maxilar, meus lábios quando, de repente, o polegar volta para um lugar específico. Uma cicatriz no meu lábio inferior, que era inexistente quando nos despedimos, meses atrás. Posso ver quando seu maxilar trava, o corpo enrijece e os olhos escurecem sobremaneira, e quando ele reencontra a voz, ela não passa de um sussurro raivoso. — Eu nunca vou me perdoar por isso.

— Do que você está falando? — pergunto, confusa.

— Eu soube, Foxy. Tony me contou... eu sei o grande babaca que eu fui contigo aquela noite.

Paraliso ao ouvi-lo me contar que Tony havia feito questão de viajar e dizer a ele sobre o ataque que eu sofri, meses atrás. O encaro, estupefata.

— Sempre soube e, mesmo assim, não me procurou? — Uma lágrima teimosa rola, enquanto a pressão em meu peito se torna absurda. Uma

decepção imensa tomando conta de mim, fazendo com que eu me afaste dele.

— Eu não podia... — ele retruca, e eu poderia gritar de raiva.

— Brigou comigo, pensando que eu estava te traindo, soube que era viagem da sua cabeça e, ainda assim, não me procurou?

— Te juro, pequena, eu não podia. Na verdade, eu não deveria estar aqui, neste momento, mas...

— Não deveria, por quê? A sua namorada não sabe que está aqui? — Encontro coragem para perguntar, mas não para olhar em seus olhos. Pensando que, talvez, doa menos ouvir sobre ela dessa forma.

— Não existe namorada. Nunca existiu, Foxy... — Ele se aproxima e, segurando meu queixo, ergue meu rosto, e eu tento me desvencilhar, enquanto meu cérebro tenta entender o que está sendo dito. — Nunca teve outra que não você.

— Mas... O Rodrigo me disse e ninguém... — Minha mente entra em looping, todos eles estavam presentes, ninguém confirmou, mas...

— Era para que você não fosse até lá,

PERIGOSAS NACIONAIS

porque eu queria te proteger. Chegam ameaças diárias direcionadas a você, não tem ideia de como é enlouquecedor. Eu te queria perto de mim, mas... não consegui te colocar em risco.

Vicente tenta me segurar conforme vai falando, mas eu não permito. Puxo minha mão todas as vezes, dando passos para trás, enquanto eu tento processar isso tudo.

— Mas inventar uma namorada? Me afastar, me isolar... todo mundo me virou as costas!

— A culpa é minha. Toda minha. Eu não sabia o que fazer. Imaginei que você me odiaria, foi infernal conviver com isso, mas... eu não podia arriscar, pequena.

Me afasto dele, andando pelo saguão, irritada. Ele sabia, ele sempre soube...

— Soube desde o início? — pergunto, sem conseguir olhar para ele.

— Soube há um mês. Tony esteve no Brasil e me contou. Malu...

Balanço a cabeça, negando. A mente me trazendo de volta os quatro meses solitários que passei aqui, toda a dor que eu sentia pensando que ele estava feliz com outra pessoa.

O tanto que eu chorei. Que me senti errada.

PERIGOSAS ACHERON

E nunca houve outra pessoa. Nunca houve ninguém.

— Por que veio? — eu pergunto, baixo, mais para mim mesma do que para ele. Mas ele decide responder, mesmo assim.

— Queria ter vindo antes. Todos os malditos dias, Foxy, juro que eu queria ter vindo. O que me mantinha firme longe de você era a certeza de que estaria a salvo, mas... te ver daquele jeito, sozinha, neste lugar, derrubou qualquer convicção que eu tinha de que fazia a coisa certa. Eu não me importava de sofrer lá sozinho, mas... nunca quis te fazer sofrer também. Só queria te manter em segurança.

Eu não quero desculpar tão rápido. Estou ficando com raiva de mim mesma por ser tão fácil, já não consigo odiá-lo, mas jurei a mim mesma que, quando o visse novamente, não olharia em sua cara por, no mínimo, quinze minutos, para ele deixar de ser besta. Não só olhei como o beijei nem bem nos encontramos e agora me pego aqui, ouvindo sua explicação e internamente pensando “ah, que fofo!”.

Que raiva!

Mas, a Maria Luiza que eu me tornei não

deixaria passar batido assim, tão facilmente. Posso ter perdoado — fácil demais, repito — mas não vou deixar de dizer como eu me sinto.

Me viro para ele, e ergo o queixo, fingindo uma altivez que eu não sinto, não totalmente. Posso ver quando o pomo de sua garganta faz um movimento, e o vinco entre suas sobrancelhas estão ainda mais proeminentes, tamanho foco ele tem em qualquer coisa que eu vou dizer. Pigarreio, para que a voz não me falte. Porque ela não pode me faltar agora.

— Eu teria entendido, Vicente. Se me explicasse que eu não poderia voltar ao Brasil, eu teria entendido. Seria tão menos doloroso do que ficar aqui, nessa solidão, pensando que eu tinha feito uma burrada tão grande ao ponto de perder você.

— Eu sinto muito...

— Você uma vez enfrentou meu irmão em minha casa, se lembra? Disse a ele que me tratava como uma garota boba, que não sabia tomar minhas próprias decisões. Você fez a mesma coisa que ele, decidiu por mim. Me tratou como uma boba, incapaz, inconsequente.

Vince fecha os olhos, pesadamente. Os

ombros caem, como se ele tivesse realmente entendido o quanto esses últimos meses havia me ferido.

— Foxy...

— Tivemos vários problemas de comunicação, nunca dizíamos nada, e eu tenho muita culpa disso. Não tinha esse costume, eu costumava calar para não machucar ninguém e, no final, parece que passaram com um rolo compressor por cima de mim. E eu decidi que não vou mais fazer isso. Eu errei com você, ao não te ligar quando soube que teria que voltar. Eu errei com você ao não falar o que tinha acontecido aquela noite. Eu queria te proteger, as duas vezes, eu queria te proteger, mas eu te magoei no processo então... a proteção não valeu de nada!

Solto tudo, sem respirar, antes que a coragem de continuar dizendo me abandone, e ele tenta me parar duas vezes, mas eu não permito.

— Você diz que queria me proteger, e eu entendo, porque tentei fazer o mesmo por você. Mas não precisava... me deixar aqui, sozinha, pensando que você me odiava, te imaginando com outra pessoa? Foi cruel, Vicente. Imagine se fosse o contrário?

Como em câmera lenta eu o vejo se abaixar à minha frente, se apoiando em seus joelhos e me puxando em sua direção. A testa se apoia em meu estômago, enquanto ele respira profundamente, e eu fico sem entender.

Quando ele inclina o rosto e nossos olhos se encontram, a imensidão de sentimentos que vejo passar por eles é gritante.

— Me perdoa, Foxy. Por favor...

Fecho os olhos com força, suspirando pesadamente, tentando conter o reboliço que esse homem causa em mim.

— Ai delegado, você me desestabiliza...

Vicente tem uma vulnerabilidade emocional que me arrebenta quando toma conta dele. Se eu já não consigo lidar com ele em situações “normais”, imagina ver um homem desse tamanho ajoelhado, chorando e pedindo perdão? Não consigo, não sei lidar. Não tenho como ignorar isso.

E, a quem eu quero enganar? Eu não quero ignorar também! Apesar de ter ficado decepcionada, eu amo esse homem.

Sua expressão angustiada não me deixa ter outra atitude a não ser me abaixar à sua frente, tomando seu rosto em minhas mãos. Ficando tão

perto dele que nossas respirações se mesclam, e meu coração parece um bumbo de escola de samba dentro do peito com essa proximidade. E com a intensidade do momento. Sinto sua mão viajando pelo meu corpo, subindo por minha cintura, passando pela lateral do meu seio, até pousar em meu pescoço, me fazendo estremecer e nossos olhos não se desviam um do outro nem um minuto sequer. Ele me olha com reverência, me fazendo novamente sentir como se eu fosse todo o seu mundo. E com desespero, como se o meu perdão fosse, realmente, tudo o que ele precisava.

— Eu amo você, Malu. Amo feito um louco. Por favor, me...

— Eu te amo, Vicente.



Vicente

Quando Malu me olhou, com tanta dor e decepção ao me ouvir confessar que eu sabia sobre o que ela vinha passando, me desesperei. Pensei que tudo estaria perdido, que ela não me perdoaria, que eu tinha estragado tudo. Eu imploraria por horas, se preciso fosse.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não precisei. Ela é tão melhor que eu, que nem isso eu precisei fazer.

— Repete... — respondo, ofegante.

— Eu te amo...

Circundando meu braço por sua cintura e a ergo, em um rompante, impulsionando meu corpo para frente, a prensando na parede. Precisando de um apoio porque minhas pernas, no momento, estão verdadeiramente bambas. Fechando os olhos e encostando minha testa na dela, eu suspiro. E, por dentro, agradeço. Porque esses segundos achando que ela não me queria mais, deixam claro que, sem ela, eu não consigo.

— Eu fui um tremendo babaca ordinário, Malu. — Mergulho meus dedos em seus cabelos, sentindo a maciez e o perfume dos fios. — Não queria ter te magoado.

— O importante agora é que você está aqui, Vicente. Só não faz mais isso...

Roço minha boca na dela e, com os dentes, puxo seu lábio inferior. Acaricio seu rosto, enquanto com a outra mão, eu enrolo seus cabelos em meu punho, arrumando o ângulo de seu rosto e, então, a beijo. Primeiro, com delicadeza, permitindo que minha língua a acaricie.

PERIGOSAS ACHERON

Reencontrando meu espaço. Quando aprofundo o beijo, uso a mão livre para puxá-la mais de encontro a mim. Querendo fundir nossos corpos, senti-la inteira novamente, toda minha. Ela geme em meus lábios e apoia as mãos em meu peito, enquanto nosso beijo se torna desesperado.

Um arranhar de garganta nos chama a atenção e, quando eu olho por cima do ombro, uma senhora loira e rechonchuda de olhos vívidos está parada atrás de nós, de braços cruzados, com uma expressão inquisitória.

— Fala muito sério, Malu! — reclamo. — Você tem um arsenal de pessoas cujo objetivo de vida é somente nos interromper? Porque, honestamente, não é possível que sejamos cercados por eles até deste lado do planeta!

Malu gargalha alto e me apresenta à mulher, uma das funcionárias da pousada, responsável pela cozinha. Rose veio avisar que está indo embora, mas que deixou tudo pronto e que voltará na segunda-feira, em seu horário habitual.

— Pega a sua mochila, vamos subir as escadas para evitar espetáculos constrangedores — ela me diz, assim que a escocesa mal-humorada se despede, e eu aceito, de imediato.

Subimos três lances de escada, enquanto Malu me explica sem muitos detalhes cada espaço e o funcionamento geral da pousada, e eu continuo achando tudo muito incrivelmente maluco. O último andar é o único que contém apenas uma porta grossa, de madeira, mas que perde o ar de antiguidade ao se notar a fechadura digital.

O quarto grande e muito delicado, está todo iluminado por conta da luz que entra pelas vidraças, ainda que não esteja fazendo sol. As paredes pintadas de verde... *quem se importa com essa merda?* Só estou mesmo vendo a enorme cama, bem no centro do quarto, nos chamando para ela.

Solto a mochila aos meus pés e me viro para minha ruiva, ainda temos muito a ser dito, mas isso pode esperar. Nem mil *empata fodas* formando uma banda, tocando gaitas de folie, me parariam neste momento. E ela sabe disso. Parada no meio do quarto, em pé à minha espera, eu sinto a nossa conexão, tão forte quanto posso sentir o meu coração se dilatar. Eu não tenho visão de raio-x, mas posso visualizar seu corpo por baixo de toda essa roupa gigantesca e medonha, porque a minha mente guardou cada curva dele.

Me aproximando, eu seguro o blusão pela

barra e puxo para cima, com delicadeza, e ela ergue os braços, me auxiliando, até que a blusa deixa o seu corpo e voa para algum canto do quarto. Salivo ao ver que ela veste uma regata justa por baixo, e lentamente passo os nós dos dedos por sobre os mamilos já rijos, a fazendo ondular o corpo levemente.

Com um movimento rápido — e eu diria impaciente — solto o zíper da saia grossa, fazendo-a cair pelo chão, se avolumando sobre seus pés e gemo ao finalmente rever a curva de sua cintura, que eu percorro com os dedos, matando a saudade.

— Vince...

— Shhh... — Me aproximo, tocando a pele de sua orelha com os lábios. — Me deixa matar a saudade do meu jeito.

Mas é minha Foxy, e se já era indomável comigo, antes de encontrar sua rebeldia, não seria agora que ela faria o que eu estou pedindo. Se esticando na ponta dos pés, ela me enlaça pelo pescoço, e pressiona seus lábios nos meus. Sem controle, eu a puxo para mim, e ela ri, como se fosse exatamente essa a reação que estava esperando.

— Espero que a proteção acústica deste

lugar seja boa Foxy, porque você vai gritar muito hoje.

— Credo... que delícia!

Nunca me livreii tão rapidamente de minhas roupas quanto agora. Depois de jogar o casaco longe, me livro da camiseta e vejo Malu já se deitando no meio da cama, de calcinha e regata. Um movimento rápido com a cabeça e ela, entendendo, tira a regata também, e meu pau duplica de tamanho dentro da cueca. Não preciso de melhor incentivo para me livrar dessa peça também.

Em pé, no meio do quarto, a vendo linda e entregue à minha espera, como tantas vezes delirei nos últimos meses, posso ouvir meu coração disparado, batendo alto, fora de controle. Me aproximando lentamente, a puxo pelos tornozelos até à beira da cama, fazendo-a gritar, surpresa.

— O grito não é bem esse, meu amor...

Curvo-me sobre ela, aproximando meu rosto do tecido delicado já úmido. Mordo sua pele através da renda e ela arqueja, sussurrando meu nome. Me sinto um viciado que reencontra sua droga, depois de meses de abstinência. Colocando o tecido de lado, libero sua entrada e fico admirando,

dolorido e faminto. Esfrego o rosto lentamente, debaixo até em cima, sentindo seu calor.

— Vince... por favor...

— Sentiu saudade, Maria Luiza?

Não espero a resposta. Desço minha mão em busca de sua carne macia e gemo ao tatear a umidade, deslizando meus dedos por sobre seus lábios, explorando seu clitóris e, em seguida, substituo meus dedos pela boca. Abro mais suas pernas e prendo seus lábios íntimos com uma sucção forte. Sedento, passo a me dedicar a ela por inteiro, bebendo sua excitação, minha língua buscando tudo o que ela me oferece enquanto, desesperada, Malu rebola sob mim.

Impaciente, tentando domar o tecido da pequena calcinha rendada, eu o seguro pela lateral e puxo para baixo, sorrindo ao ouvir o som de tecido partindo. Me livro do que sobrou e, segurando sua perna esquerda, subo minha boca por sua pele, dando pequenos beijos. Calcanhar, tornozelo, joelho, e então deixo minha língua correr solta pela parte interna de sua coxa, até voltar ao meu lugar favorito. Tomo posse de seu clitóris, sugando com força, enquanto meu quadril cria vida, rebolando junto com ela ainda que esteja bem longe de seu

corpo. Ergo levemente seus quadris em minha direção, sem desgrudar minha boca de sua pele.

— Não pare, Vince...

Seu pedido me causa um certo frenesi e, contando com a ajuda dos dedos em seu interior, intensifico a velocidade, enquanto sinto seu corpo se contorcendo, espasmos sacudindo-o inteiro, enquanto ela grita meu nome. Como eu disse que ela faria. Arrastando-a para o meio da cama, ainda lânguida por conta do intenso orgasmo que acabei de lhe proporcionar, tomo sua boca em um beijo. Mordendo, sugando, lambendo seus lábios, sentindo-a subir as pernas pelas laterais de meu corpo, usando os calcanhares para me trazer ainda mais perto.

— Senti sua falta, delegado... — ela ronrona em meu ouvido, e minha mão escorrega por baixo de sua cintura, enquanto eu empurro em um golpe só meu pau para dentro dela. Fecho os olhos, enterrando o rosto em seu pescoço, tentando não gozar de imediato.

— *Porra* de boceta gostosa... — rosno, mordiscando seu ombro —... que saudade, *caralho*. Que delícia, Malu...

Ergo o corpo, me apoiando nos joelhos e a

seguro pela cintura, com firmeza. Lentamente saio dela, quase inteiro, deixando apenas a cabeça, e volto novamente, arremetendo com força. Sinto seu corpo arquejar, e ela soltar um lamento, conforme eu repito o movimento mais uma vez. E novamente.

— Vince... — Ela rebola, a cada arremetida, me deixando enlouquecido. E eu continuo estocando, segurando suas coxas possessivamente, enquanto a sinto me engolindo. O prazer me consome, eu me sinto ferver, o meu pau lateja, pedindo por mais.

Eu já tive essa sensação antes. Como se estar dentro dela fosse voltar para casa, depois de uma longa viagem. Mas aqui e agora, em seus braços, eu sinto como se tivesse recobrado minha sanidade. E eu não quero nunca mais perder isso.

Me dobro novamente por cima dela, buscando seus seios. Segurando um com a mão, apertando, apalpando, sugo o outro mamilo com força, como um faminto. Dedico o mesmo tratamento ao outro, mordiscando o bico ao soltar e voltar aos seus lábios em outro beijo possessivo.

— Diz que você é minha... — peço ainda em seus lábios, e a desgraçada rebola antes de

responder.

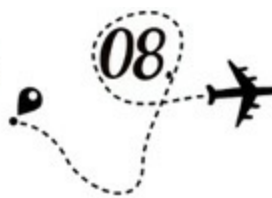
— Toda sua, delegado.

Continuo impiedoso, tomando dela o tanto quanto eu estou me doando, até que não suporto mais a pressão. Um arrepio cruzando minha espinha, aquele costumeiro ardor da porra vindo, me consumindo por inteiro.

— Goza *pra* mim, Maria Luiza... — sussurro, e ela vem, automaticamente, como se fosse uma boneca e eu o seu ventríloquo. E eu me desmancho dentro dela, no orgasmo mais delicioso da minha vida.

Pela primeira vez na minha vida, eu me sinto amado, acolhido, cuidado. E se isso for, realmente, um adeus, ele será perfeito.

Me mordo de ciúmes



Vicente

Ficamos o restante da tarde emaranhados na cama, abraçados. Nos amando, nos declarando o tempo inteiro, apaixonados. As minhas mãos sem conseguirem ficar longe dela, como se eu precisasse disso para me certificar que não é um sonho. Que eu estou aqui, e ela está comigo.

E desta forma, eu consigo prestar um pouco mais de atenção no lugar que se tornou sua casa nos últimos anos. Mentalmente me colocando aqui, se o futuro me sorrisse, neste quarto de velhinha romântica. Mas é inevitável lembrar que foi neste mesmo quarto que aquele americano maldito a atacou, fico tão descompensado que o ar chega a me faltar.

— O que foi? — Malu, obviamente, percebe minha mudança, e não aceita quando eu simplesmente murmuro que não é nada.

— Eu já te falei que a minha imaginação é fértil, Foxy. Eu me lembrei de que foi aqui que aquele americano... — Engulo a seco, sem conseguir terminar a frase.

— Ei... — se apoiando no cotovelo Malu se ergue, e puxa meu rosto em sua direção —... não pira com isso, Vince. O que aconteceu aqui não foi culpa minha enquanto mulher, mas foi erro meu, enquanto empresária. A pousada tinha falhas de segurança, que foram resolvidas.

— Aquele cara morreu, ao menos? Fez tanta propaganda dessa merda de lago, o seu gerente nos fez esse favor?

Ela suspira, alto, e os olhos vão para a janela. Ela então me conta, felizmente sem muitos detalhes, o que aconteceu naquela noite. Como foi pega de surpresa, agredida, e salva pelo ruivo panaca, que, ao ver sua janela aberta, percebeu que tinha alguma coisa errada.

— E foi por isso que não quis falar comigo por vídeo... — Ela confirma, e se existe alguma forma de eu me sentir pior, desconheço.

— Mas já passou, Vince. Por conta daquele episódio, eu melhorei a nossa forma de trabalhar aqui. Modifiquei todo o esquema de segurança da pousada, contratei mais funcionários, renovei o sistema de monitoramento, aprendi a filtrar os hóspedes. Não fazíamos nada disso, e até hoje não entendo como não tivemos problemas maiores

antes.

— À sua custa, Foxy... — Acaricio seu rosto, o dedo passeando pela pequena cicatriz em seu lábio inferior, tentando não deixar o ódio que eu senti quando soube, aflorar novamente. Tentando entender como alguém pode levantar as mãos para alguém tão delicada, tão pequena... — Ele não teria saído vivo se eu estivesse aqui, sabe disso, não?

— Sei, delegado. Pensei tanto nisso quando decidi não te contar. Eu imaginava você saindo correndo, pegando o primeiro avião a tempo de chegar aqui, antes de ele ser deportado.

— Me conhece bem, Foxy... — A puxo para mim, esfregando o nariz por seu cabelo, sentindo o perfume. — Eu tive medo que esse cara tivesse algo a ver com... — travo, temendo até mesmo pensar nisso. — Só tive paz quando obtive mais informações sobre ele.

— Está tudo bem agora, não se preocupa. Ele foi deportado, está trancafiado lá no país dele, era procurado, essas coisas... — Ela segura meu rosto e me dá incontáveis selinhos, antes de continuar falando: — Agora, me diz, veio para a Escócia com apenas uma mochila?

Eu vou te falar uma coisa, essa mulher presta uma atenção, que Deus me livre...

Quando eu cheguei aqui, neste literal fim de mundo, eu fiquei apavorado em imaginar que ela não me receberia. Assim que desci do trem, eu me hospedei em um hotel, apenas para ter um lugar onde esquentar minha bunda, caso ela me enxotasse daqui.

— Sua mala está em Markinch? — ela pergunta, de olhos arregalados, e eu dou de ombros.

— Se é esse o nome do lugar onde pegamos trem, sim...

— E o que tem naquela mochila que você trouxe?

— Uma cueca. Sabe como é, eu vim com péssimas intenções... ficar vestido não estava incluso.

Ganho um tapa no braço e ela, mais uma vez, se aconchega em meus braços. E com um certo deleite fico ouvindo suas histórias, me divertindo ao ver que ela se tornou uma verdadeira rabugenta. Gargalho alto quando Malu me conta que expulsou o irmão daqui, lamentando não estar por perto para ver aquele paspalho saindo com o rabo entre as pernas. Ah, sim, eu aparei minhas arestas com

PERIGOSAS NACIONAIS

Tony quando ele esteve no Brasil, mas isso não quer dizer que eu não vou achar divertido todas as vezes que aquele babaca entrar pelo cano.

A parte curiosa desses meses longe foi a sensação que tivemos, tanto eu quanto ela, de que não tivéssemos vivido. Eu tinha a impressão de tudo estar sem cor, sem sabor, sem sentido, os dias passando arrastados, e absolutamente nada acontecendo de interessante. Ao conversar com ela, noto que aconteceu a mesma coisa, o nosso mundo não saía do lugar, de forma alguma. Só que agora, deitados aqui, o que não nos falta é assunto para colocar em dia.

Estávamos vivendo, só não aproveitando nada por estarmos separados.

Já está anoitecendo quando descemos, de mãos dadas, em direção à grande cozinha. Ficamos um bom tempo entalados — porque não existe outra expressão para descrever o tempo que ficamos na banheira minúscula do seu quarto — e eu estou faminto. Não comi absolutamente nada ao chegar no país, pela garganta não passaria sequer alfinete, tamanha ansiedade. E, depois de todo esse exercício, se não me alimentar é capaz de rolar as escadas.

PERIGOSAS ACHERON

Não sei exatamente o que esperava encontrar, mas, definitivamente, não tinha sido essa completa e perfeita mescla de antigo com atual. Enquanto os móveis parecem realmente bem antigos, todo o maquinário é moderno, porém, sem tirar a harmonia da cozinha. Parecendo se divertir com minhas reações, vejo Malu flutuar pela cozinha, pegando utensílios aqui e ali, enquanto prepara algo rápido para o jantar.

— Aqui está sempre vazio, assim?
— pergunto, um tanto apreensivo. O vídeo da semana passada mostrou uma mulher sozinha em um lugar imenso, mas aquele vídeo, honestamente, não fez jus ao tamanho da propriedade.

— Não — ela responde, sem parar o que está fazendo. — Esse corredor atrás de você leva a um quarto, onde Greg dorme. Era o quarto de Joseph, o outro segurança que agora dorme do outro lado da rua, na casa da namorada. Hoje é folga, ainda estamos naquela semana de recesso, mas, a partir de segunda-feira, o local estará lotado de funcionários.

Nem bem ela termina de falar, ouvimos passos atrás de nós e uma garota ruiva de cabelos longos e bem cacheados entra pela porta,

acompanhada de um homem enorme com cara de Viking russo ou algo do tipo. Depois de depositar uma caixa em cima do balcão, ela se aproxima, sem deixar de me medir, de uma forma um tanto desconfortável.

— *Aye, lad.* — Sua saudação parece um cumprimento, mas, como não entendo, me abstenho de comentar. O sotaque dela é tão forte e ela fala tão rápido, que entender o que ela diz, pode se tornar um problema. — Não sabia que receberíamos hóspedes hoje, *Louise*.

— Na verdade, você não tinha que saber absolutamente nada, Violet. Esse é Vicente.

— O seu brasileiro? — ela pergunta, espantada e eu simplesmente sorrio, aberto. Já Malu, vira os olhos.

— Sim. Conseguiram tudo o que eu pedi? — ela pergunta ao viking russo, que confirma, dizendo alguma coisa que não consigo compreender, muito provavelmente perguntando a meu respeito.

— Não se preocupe, Greg, está tudo bem. Podem ir agora.

Assim que eles saem, ouço os pratos sendo colocados com uma certa força em cima da mesa.

Decido me adiantar e pegar a caçarola, antes que uma certa ruiva raivosa derrube tudo no chão — ou na cabeça da outra enxerida.

— Estou orgulhoso da sua capacidade de fazer amigos além-mar, Maria Luiza.

— *Vá se foder!*

Dou uma gargalhada alta, pouco me importando com a cara feia sendo direcionada a mim. Essa mulher é adorável!

Malu

A passagem de Violet pela cozinha parece ter despontado uma onda bem desagradável de ciúme. Ao vê-la devorando Vicente com os olhos, o que não é de se estranhar, se você levar em conta a figura deliciosa que é esse homem, eu fiquei imaginando-o sozinho, livre e solto, por quatro meses no Brasil. E, ainda que não tenha tido namorada alguma, aquela sensação espezinhando de que ele tinha tido *alguém* não me deixou.

E Maria Luiza Drummond não engole mais as coisas. Não, senhor.

— Você teve alguém no Brasil, Vince? — pergunto, de bate-pronto, e fico imaginando uma reação espalhafatosa. Algo como se engasgar com a comida, soltar o garfo no prato ou até mesmo

paralisar com ele no ar, antes de saborear um bocado de comida. Essas reações clichês que homens — ou mulheres, sejamos justas — dão quando questionados.

Mas meu Vince não é clichê. Ele simplesmente continua mastigando, apenas negando com a cabeça. *Ufa, que legal.* Vamos nos dar agora por satisfeitas, mudar de assunto e falar sobre qualquer outro que não cause desconforto.

— Nenhuma mesmo?

Ah sim, ele pode não ser clichê. Eu sou, e muito.

— Nenhuma, Malu. — Ele puxa o ar, com um pouco mais de força e eu fico com a sensação de que vou me arrepender de ter perguntado uma segunda vez. — Teve uma situação, mas não foi exatamente um flerte. Esteve mais para um enrosco.

Ouvir que Vicente quase ficou com outra mulher, ainda que envolto por uma nuvem de embriaguez, é deveras doloroso. Mesmo levando tudo em conta — o ciúme, a raiva, a decepção, e o álcool — não é lá uma coisa que eu gostaria de ter ouvido. Mas eu não posso ser hipócrita, além de eu ter insistido em saber, eu havia beijado Eric. Não,

ele havia me beijado, mas enfim... as situações eram diferentes, mas isso não muda o que aconteceu. Houve um quase, e isso já é um incômodo gigantesco.

Aliás, ainda preciso descobrir *como* contar isso a ele.

— E vocês... — puxo um pouco o ar, que ainda falta em meu pulmão, antes de continuar —... você se encontrou com ela depois? Digo... são amigos?

— De forma alguma. Mas não vou mentir, eu a encontrei outras vezes, sim. — Esfrego o rosto, tentando conter as lágrimas que tentam romper caminho, e Vince segura meus pulsos. — Uma delas foi quando eu a ameacei de prisão para deixar de ser pilantra. Outra foi quando um de meus agentes a chamou para conseguir informações sobre um investigado, ela é jornalista e tem meios de conseguir certas coisas.

— Imagino quais são esses meios...

— Um dia, quando você estiver no Brasil, ainda vai conhecê-la. E vai ver que ela não me interessaria em nada. — Rolo os olhos, e ele ri. — Ciumenta!

— Olha quem fala! — rosno.

— Eu te amo... — Eu nem estava olhando para ele, mas o tom usado foi tão doce que eu simplesmente me rendo. Seguro a mão que ele me oferece e ficamos assim, nos olhando, dizendo milhares de coisas em um silêncio confortável.

Eu não sei quanto tempo isso vai durar. Aliás, essa pergunta vem dançando em meus lábios desde que o convidei para entrar. “Veio para ficar?” ou então “Quando você vai embora?”, e pensando se seria aceitável sequestrar um delegado federal e mantê-lo em cativeiro por tempo indeterminado.

Mas eu não quis perguntar. Não hoje. Ainda temos uma noite inteira para aproveitar — e, acredite em mim, eu vou aproveitar muito! — então, se for para falar de coisas deprimentes, eu vou deixar para o último minuto. Depois de meses sofrendo de saudade, de desespero, de angústia e, por que não dizer, mágoa, eu quero ter uma noite perfeita.

Ainda segurando sua mão, eu me levanto e dou a volta pela cadeira, me posicionando entre as pernas do meu delegado. Seus cabelos estão um pouco mais longos, o deixando com uma franja muito charmosa quando o cabelo está bagunçado. A barba também está mais cheia que de costume,

fazendo com que fique com um ar deliciosamente perigoso. Quando ele me abraça, posso sentir a firmeza dos músculos de seu peito.

— Andou treinando, delegado?

— Tive que ocupar meu tempo livre, Foxy. Voltei para os treinos, o futebol também... até um abrigo infantil eu tenho visitado.

— Abrigo infantil? Como é isso? — pergunto, já arrumando espaço em seu colo para ir me sentando, o que lhe tira uma risada safada e eu faço o meu melhor ar inocente.

— Quem me convidou foi a Diana, ela é agente federal também, trabalha comigo. Tinha sido afastada naquela confusão toda, se lembra? — confirmo, torcendo o lábio e ganhando um selinho risonho. — Ela faz um trabalho legal lá, vai aos finais de semana brincar com as crianças menores e me chamou um dia para ir também. Apareci lá com Rodrigo e Malone, foi bem divertido, então... estou sempre voltando.

— São crianças pequenas?

— São de idades variadas. É ótimo, as horas passam que a gente nem sente...

— *Hmmm...* — Me remexo em seu colo, sem querer fazer a linha ciumenta, mas tendo esse

lado um tanto que aflorado pela distância e a falta de notícias. Obviamente eu sei que Vicente é totalmente diferente de todos os caras com quem me envolvi anteriormente, mas essa é uma informação inválida, aparentemente. Fico tentada a saber a respeito de tudo, com quem ele falou e por onde ele andou, mesmo tendo a noção de que ele não viajaria quilômetros, se eu realmente não fosse importante para ele.

— A sua cabeça não para, não é mesmo? — ele provoca, a ponta do nariz passeando pela pele do meu pescoço, enquanto a mão atrevida entra pela barra da camiseta, os dedos circundando minha cintura até chegar na base da coluna e subir, lentamente, pelas vértebras, fazendo meu corpo arrepiar inteiro no processo.

— É inevitável, eu acho. — Gemo quando Vicente captura o lóbulo da minha orelha e mordisca, provocante. — Ainda tem muito daquela mulher insegura comigo, Vince.

— Não acho que tenha, Foxy. — Com a mão livre ele segura meu queixo, me fazendo olhar para ele, enquanto a outra mão sobe, sorrateira, até alcançar meu seio. — Você colocou na cabeça que é insegura, mas é a mulher mais forte e decidida

que eu conheço. Olha ao redor, meu amor. Olha o que você construiu, sozinha, longe de todo mundo. Bateu o pé para conquistar, e veio, mesmo contra a vontade de todo mundo que você conhecia.

Sem que eu perceba, enquanto ele fala isso tudo, foi virando meu corpo, deixando minhas costas de encontro ao seu peito. Minha respiração está descompassada, enquanto eu ouço sua voz rouca me elogiando, e seus dedos manipulando o bico do meu seio.

— Você é uma mulher linda. Deliciosa, eu sou completamente tarado nessa pele macia e lisinha, no teu cheiro, no teu gosto... — Como guiada por sua voz, eu me apoio em seu peito duro, deitando a cabeça em seu ombro, enquanto ele continua falando em tom rouco e pausado no meu ouvido e sua outra mão já encontra o caminho por dentro do cóis da minha calça de malha. — Essa boceta molhada que vive me chamando, que está sempre pronta para mim. Esse vai ser para sempre o meu parque de diversões favorito, Foxy. Mas sabe a parte sua que mais me deixa maluco? — Vicente pergunta, enquanto seus dedos experientes já estão fazendo miséria *ali* embaixo.

O polegar acaricia meu clitóris, e um

movimento de entra e sai constante de seus dedos estão já nublando meu pensamento. Arquejo minhas costas no exato minuto que ele belisca meu mamilo.

— Vince...

— A sua personalidade ganha de qualquer curva que esse corpo delicioso tem, Malu. — Sua língua faz um caminho molhado do meu ombro até a base do meu pescoço, passando pelo lóbulo da orelha, que ganha uma mordida de leve, antes que ele continue. — Você é única, tem um coração enorme, é dedicada, inteligente. Nunca pensou em se colocar acima de ninguém. Você tem noção do quanto mudou a minha vida?

No momento, eu posso garantir que eu não tenho noção de nada, muito menos, do controle do meu corpo, que está totalmente à mercê de Vicente. Rebolo em seu colo, enquanto seu dedo continua bombeando cada vez mais rápido, o sinto morder meu ombro depois de um rosnado e eu cravo minhas unhas em sua coxa, o fazendo erguer o quadril de encontro ao meu corpo.

— Eu amo você, minha pequena. Amo quem você é...

— Mais forte, Vince... — peço, quando

minha pelve passa a arquear, pedindo por mais, embriagada por seu toque e sua voz rouca em meu ouvido.

— Gosta *assim*, Maria Luiza? — Seu dedo anelar serpenteia dentro de mim, encontrando o exato ponto que faz com que eu me perca totalmente. Ofegante, arqueio as costas sobre seu peito e, soltando um grito, me entrego a um orgasmo totalmente inacreditável.

E completamente vestida.

— Que delícia... goza, gostosa. Goza *pra* mim.

Entorpecida, desabo em seus braços, ainda ouvindo sua risada rouca e sentindo seu pau pulsando embaixo do meu corpo. Ergo o rosto, afundando-o em seu pescoço, aspirando seu cheiro almiscarado, a barba pinicando, o ouvindo gemer baixinho.

— Eu te amo tanto, Vicente. Tanto, que chega a doer...

— Então, vem aqui... me ama aqui, vem... — ele pede e eu viro meu corpo em sua direção, passando minhas pernas uma de cada lado do seu corpo. As mãos de Vince agarram minha bunda, enquanto meus braços se entrelaçam por seu

PERIGOSAS NACIONAIS

pescoço. A visão de seus olhos, totalmente escurecidos de tesão, é algo de outro mundo.

— Vai me comer aqui na cozinha, delegado? — digo, divertida. — O quarto do segurança é logo ali...

Aponto para um canto à nossa esquerda e Vicente segue meu gesto, passando o olhar rapidamente pelo cômodo e olhando de volta para mim, um tanto aturdido.

— Só me avisa agora, Maria Luiza? Anda com desejos voyeurs?

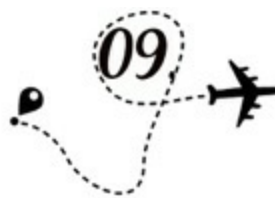
— O que tem de mais, delegado? — pergunto, rindo alto, quando ele, em resposta, se ergue e sai comigo pendurada nos braços em direção às escadas.

— E acha que eu vou deixar mais alguém te ver gozando, Maria Luiza? Veja se tem cabimento... *porra* de mulher doida!

Delegado ciumento...

PERIGOSAS ACHERON

O beijo



Vicente

Não existe nada melhor para entender o sentimento de outra pessoa do que passar pela mesma experiência. Digo isso porque eu agora sei, exatamente, o que Malu sentiu quando chegou ao Brasil, meses atrás, com data de partida pré-definida. Seria uma experiência completamente prazerosa se o relógio não vivesse apitando, me lembrando de que isso que eu tenho é efêmero.

Só que, neste caso, eu não sei se poderei dizer a ela que “eu volto”, como ela fez comigo.

Entre o aniversário de Carol e a minha chegada aqui a... esta cidade de nome estranho, muita coisa aconteceu. Foram cinco dias de puro inferno. Por duas vezes, eu escapei de uma emboscada, uma na saída do meu prédio e outra na saída da delegacia. A artilharia andava tão pesada que perdemos dois agentes no processo, já que o ataque à delegacia parece ter sido muito bem planejado. Eu sei que o cerco está se fechando, e que um confronto acontecerá em breve, até mesmo porque a minha paciência se esgotou. Por completo.

Essa é uma certeza que eu tenho, não demorará até eu encarar Alexandre Fiote na minha frente e saber o que diabos ele tem contra mim.

A certeza que me falta é se eu conseguirei sair vivo disso. Da forma como ele está agindo, completamente descontrolado, atirando para todos os lados, eu tenho essa impressão. De que eu serei pego de surpresa, ou num ataque completamente desproporcional, e não conseguirei... merda.

Eu não gosto de ser assim, mas algumas coisas eu sinto. É como se algo me avisasse com antecedência, e no meu peito eu tenho essa certeza, de que nada de bom sairá do meu encontro com Alexandre. Que será algo... definitivo.

É por isso que eu pedi a Hélio, em segredo, que liberasse as minhas férias. Trinta dias, apenas, para que eu conseguisse estar com Malu, ao menos, por mais um tempo. Quero me despedir como merecemos, se for o caso. Dizer a ela tudo o que eu sinto, fazê-la nunca mais duvidar o quão especial ela é. Se tudo der certo no Brasil, bem... porém, se não der, não terei aquele sentimento de coisa inacabada. Se eu for embora deste mundo, será deixando bem claro a ela o quanto eu a amei.

Mas É completamente irritante como o

tempo voa. Parece que eu cheguei ontem, no entanto, o final da semana seguinte já se aproxima. O ritmo na pousada, como ela bem me alertou, é maluco. Cinco da manhã a ruiva já está descendo a escadaria, para receber mantimentos e organizar os, como ela mesma diz, colaboradores. Receber hóspedes, cuidar para que tudo esteja em pleno funcionamento durante todo o dia até chegar a noite em que ela, exausta, cai na cama.

Passo o primeiro dia a observando trabalhar, até porque, além de eu mal entender o que esses escoceses dizem, eles parecem realmente não ir muito com a minha cara. Bem, se levar em consideração que essa pousada é a sede do fã-clubê do panaca, eu não posso realmente reclamar disso.

Já no segundo dia, assim que ela pula da cama, eu a sigo, e é, de certa forma, adorável ver como ela me olha, cada vez que eu me apresento para trabalhar, assumo alguma tarefa ou simplesmente tento entender como funciona determinada coisa, para poder ajudá-la depois. É como se ela visualizasse um futuro que eu torço para que estejamos juntos.

— Senhor, nós já terminamos aqui...
— Ouço a voz do homem, um sujeito bonachão,

vestindo um macacão surrado, já se preparando para entrar no pequeno caminhão e sair pela estradinha lateral. Maria Luiza dá prioridade para o comércio local, ainda que pagando mais caro, ela prefere comprar frutas, legumes, pães e queijos dos pequenos comerciantes ao nosso redor.

Recebemos uma pequena carga de frutas e, para evitar desperdício, a entrega é feita a cada dois dias e é a primeira vez que eu estou cuidando disso e acho deveras curioso o homem deixar as caixas empilhadas um tanto quanto longe da porta da despensa e se despedir.

— Vocês não colocam as caixas na parte de dentro? — pergunto, já apontando para a passagem que havia deixado aberta.

— Ah, não... Sempre fomos proibidos pelo senhor Eric de chegar perto da casa.

— E por quê? — O homem dá de ombros e eu acho meio absurdo que a pousada precise deslocar funcionários de outro setor para cuidar de algo que poderia ser resolvido por eles mesmos. — Ajude aqui, por favor...

Pegando uma das caixas, aguardo o homem fazer o mesmo e mostro a despensa, onde a mercadoria é sempre estocada — ou colocada para

ser separada —, enquanto explico que somente mulheres cuidam da cozinha e despensa e, por isso, eles deveriam sempre descarregar já no lugar correto.

— Amor! — Malu me chama na porta, o homem fica um tanto quanto desconfortável ao cumprimentá-la, e ela me olha outro tanto curiosa. — Olá, senhor Duncan, quanto tempo não nos vemos!

— Senhorita Drummond. Folgo em ver que está bem.

Não demora muito até que ele se despeça e saia, mais rápido que um raio. E demora menos ainda até que eu tenha noção do que realmente acontecia por aqui, já que todos os funcionários — excluindo o segurança e o primo do ex-gerente panaca — eram mulheres. Isso só mudou depois que Malu assumiu cem por cento da administração, contratando mais um segurança e alguns rapazes fixos para cuidar da manutenção.

O idiota nunca se declarou para Malu, mas achava que a deixar longe de outros homens a manteria solteira para sempre. Babaca.

— Queria falar comigo? — respondo, depois de colocar o saco de laranjas sobre a

bancada.

— Eu só vim avisar que vou até os fundos checar o canil. Rose disse que os cachorros estavam latindo demais.

— Vou com você. — Tiro as luvas e a seguro pela cintura. — Avisei ao senhor das frutas para entregar a mercadoria aqui dentro, a partir de agora. Assim, você não precisa pedir aos garotos que ficam lá na parte da frente para vir até aqui, apenas para carregar as caixas para dentro.

— Eu achei curioso ele ter aceitado. Eric disse que o homem odiava entrar nos estabelecimentos de clientes... — Balanço a cabeça, e me abstenho de comentar. Vai parecer ciúme e, definitivamente, passa longe disso.

O sujeito é tão babaca que nunca chamaria a atenção da Malu da forma como ele pretendia, agindo como um virgem de treze anos.

Seguimos para a área dos fundos, onde fica o canil. Como tudo neste lugar, as coisas aqui são grandes, inclusive, os cachorros, uma mistura de cavalo com lobisomem que eu nunca tinha visto antes.

— Esses são seus cachorros? — Ela acena, e eu olho novamente para os três gigantes peludos

PERIGOSAS NACIONAIS

presos no gradil. — Estamos em época de lua cheia? Desculpa, não entendo muito de lendas...

— Deixa de ser palhaço. Eles são deerhounds.

— Certo. Você sabe que isso não me diz nada, não sabe? — Olho novamente o trio sentado observando Maria Luiza se aproximar, e me sinto péssimo por, ao mesmo tempo que amo cachorros, estar procurando um pedaço de pau para nos proteger, caso esse bicho gigante avance em nós. Em minha defesa, lobisomens não são bichos de estimação.

— Eles são dóceis, Vicente, pare de implicância. — Assim que ela abre o gradil, os cachorros saem em disparada, me fazendo encolher. Devo, inclusive, ter dado um grito constrangedor que, felizmente, ninguém ouviu.

— Esses são Billie, Fergus e Angus. Meus *lobisomens* de estimação. — Malu está claramente achando muito engraçado, enquanto eu estou rodeado por três cachorros imensos, que ficam me cheirando e balançando o rabo amistosamente.

Que enganação!

— Esses poodles *hiper* crescidos são responsáveis pela segurança da pousada?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não — ela ri, enquanto afaga a cabeça do maior deles —, mas ninguém precisa saber disso. Se todo mundo tiver a mesma reação que você, ao vê-los, estamos salvos.

Foi preciso recolher minha dignidade que acabou no chão depois disso e garanto que se eu não fosse castigado junto, juro que deixaria essa atrevida de castigo por uns três dias, só por causa disso. Ainda ficamos um tempo por ali, nos certificando de que está tudo certo com os animais e voltamos para o casarão um tempo depois, ainda tendo o vislumbre da cozinheira que nos observa, rindo.

Maldito fã-clubes.



Malu

Estar com Vicente aqui em Fonhill é, literalmente, meu sonho de princesa. Eu pensei que ele não se envolveria nos trabalhos da pousada, não por preguiça, mas simplesmente por não ser sua área, porém, ele não somente se envolveu como parece estar, pouco a pouco, construindo um relacionamento amigável com os funcionários e se interessando cada vez mais pelo lugar.

PERIGOSAS ACHERON

E, sim, eu sei que prometi não me iludir, mas, concorda comigo que é difícilimo? Cada vez que ele aparece, falando naquele inglês com pesado sotaque sul-americano, confiante, seguro e delicioso, caminhando pelo lugar que eu tanto amo, eu só falto desfalecer de felicidade.

Passei a odiar o calendário e o relógio, mesmo sabendo que, por ora, eles terão que ser meus companheiros fiéis. E ando péssima em cumprir promessas. Havia prometido a mim mesma não perguntar a ele sobre sua estadia aqui, mas, ainda durante o domingo, no caminho para Markinch, me peguei questionando a esse respeito.

— *Você tem data para ir embora? — pergunto, sem tirar os olhos da estrada, usando um tom natural, mas as mãos firmes no volante, no entanto, não deixariam passar meu nervosismo a olhos mais atentos.*

— *Já quer me ver pelas costas, pequena?*

— *Depende... — aponto para a estrada vazia, nas proximidades do vilarejo de Balgonie, onde só existe um enorme campo esverdeado não importa para onde olharmos —... se prometer andar na minha frente, nu, por esta estrada, eu adorarei a ideia.*

— *É pra já! — Ele ergue o quadril, desfivelando o cinto. — Pare o carro!*

Faço um movimento jogando o carro para o acostamento, rindo quando noto seu olhar surpreso.

— *Maria Luiza, a senhorita anda muito safada... — Dou uma piscada e volto a atenção para a estrada, e então ouço um suspiro, indicando que terei a resposta que eu quero. E isso faz meu estômago revirar por antecipação. — Eu tirei férias, tenho algumas atrasadas.*

— *Ah, é?*

— *Consegui trinta dias... — ele diz, reticente, e quando me viro em sua direção, o vejo olhando pela janela. E, conhecendo Vicente como eu conheço, imagino que ele deve estar esperando eu dizer que ele vai dormir no canil ou algum outro tipo de negativa. Ele nunca espera ser bem-vindo de primeira e eu realmente gostaria de tirar isso dele.*

— *Espero que tenha trazido roupas suficientes, durante o dia não dá para ficar de cueca...*

Eu tenho certo para mim que fazer os gostos de Vicente, o deixar alegre e satisfeito, pode

se tornar a minha meta de vida. Porque não existe contentamento maior do que ver a sua expressão surpresa seguido por um sorriso aberto, que alcança os olhos.

— Fiquei sabendo que escocês usa aquelas saias sem nada por baixo. Se faltar cueca eu pego uma daquelas, sabe como é...

Entro na recepção rindo da lembrança e estaco no meio do caminho ao me deparar com Eric conversando com Joseph, parado em frente ao balcão. Desde que ele saiu daqui, meses atrás, eu não tive mais notícias dele e vê-lo aqui agora me deixa dividida entre ficar contente em saber que está bem, e sentir raiva por todo o tempo afastado.

— Estamos lotados... — respondo, indo já direto para trás do balcão, o fazendo sobressaltar, surpreso.

— Luiza... você está bem?

— Estou ótima, Eric! As coisas aqui estão funcionando perfeitamente bem, reiniciamos a temporada a todo vapor e, apesar de sozinha na administração, estou dando conta.

— Eu cheguei há pouco... — ele diz, reticente, e eu apenas aceno, atualizando algumas informações no sistema de gerenciamento, sem dar-

lhe muita atenção.

Eu ainda estou magoada com ele. Pela forma como saiu daqui, me deixando na mão. De certa forma, eu também o culpei pela minha separação, afinal de contas, eu não pude voltar ao Brasil porque eu não só tinha perdido o meu gerente administrativo, como tive problemas com vários funcionários antigos.

Alguns diriam que eu estou sendo egoísta e vendo somente o meu lado, mas... dane-se. Estou mesmo, se eu não ver o meu lado, outro não vai fazer isso.

Quando ele se demitiu, coube a mim, reunir os funcionários e dizer que ele estava indo embora. Foi complicado lidar com alguns deles, a grande maioria o considerava demais, chegando ao ponto de tratá-lo como o patrão — talvez por ser homem. Fui obrigada a ser enérgica, grosseira, por muitas vezes, e dispensar funcionários que não aceitaram trabalhar sem ele, receber ordens minhas ou tratar-me como se eu fosse uma usurpadora, algo do tipo.

Me tratavam como a bruxa que havia mandado embora o pobre príncipe ruivo, de propósito, e isso havia aumentado o meu nível de estresse, pois tinha sido um mês infernal. Fazia

apenas algumas semanas que Vicente e eu tínhamos nos separado, então lidar com o meu humor, as mudanças na administração, e os problemas que a partida de Eric me causaram foi além do que eu podia lidar aquela época. Mas eu, felizmente, consegui.

Conquistei o respeito dos funcionários que ficaram aqui comigo, consegui manter o nível elevado da pousada e, tudo isso, sozinha. Sem surtar... muito.

— Estive trabalhando em uma pequena pousada em Inverness — ele passa a dizer, talvez ao notar que eu não vou perguntar —, mas nada é parecido com Fonthill.

— Ah, eu imagino que não deva ser mesmo. Você fazia o que, lá?

— Serviços gerais. Era um local pequeno, um hotelzinho simpático no meio da cidade e...

— E você não podia agir como o proprietário do lugar. Eu entendi.

Suspiro fundo e desligo o monitor, querendo encerrar a discussão que sequer começou. Curiosa em ouvir o que ele tem a dizer, ciente do *porquê* ele resolveu aparecer exatamente agora, nesta semana, depois de três meses sumido. Porém,

ansiosa em evitar uma confusão qualquer quando meu delegado der de cara com o ruivo aqui na minha frente.

— *Mo chridhe...* — Eric segura meu braço, assim que eu tento passar por ele, e me volto, com brusquidão.

— Não me venha com essa de “meu coração”, Eric. Eu não estou com paciência para isso.

— Eu errei com você! — Sua voz sai alta, chegando a chamar a atenção dos hóspedes que se encontram na sala de descanso. — Precisava de mim e te deixei sozinha. Sei que fui errado, eu só queria me desculpar, Luiza.

— Está desculpado, agora eu preciso trabalhar e...

— Não! — Sinto sua mão me puxando pelo cotovelo, e me viro, lamentando que meu plano de evitar confronto foi por água abaixo. — Vamos conversar, por favor!

— Eric, olha só... aqui não é o lugar para isso e eu também estou ocupada agora. Está chamando a atenção dos hóspedes e não devemos agir dessa forma, esqueceu?

— Só me escute, por favor...

PERIGOSAS NACIONAIS

Rendida, eu sigo para a saleta seguinte, que está vazia. Aponto o pequeno sofá, para ele se acomodar, mas Eric passa a andar em círculos pelo cômodo, como sempre faz quando está nervoso.

— Diga logo o que tem a me dizer, Eric, porque eu tenho mais o que fazer.

— Eu já queria ter voltado há uns dias, mas sempre achava que não era o momento. Mas...

— O que você veio fazer aqui, afinal?
— interrompo, impaciente. — Espero que não tenha vindo me cobrar por nada, porque eu não te devia absolutamente nada. O seu trabalho foi remunerado e a sua amizade, retribuída com a minha...

— Posso voltar? A trabalhar aqui, eu digo...

— Não... — nego, imediatamente. — Não pode. Pelo que eu fiquei sabendo, você achou que eu não te valorizava. Então, não tem por que querer voltar a trabalhar em um lugar assim, concorda?

— Eu nunca disse isso... em momento algum eu falei algo assim.

— Foi o que chegou a mim. — Dou de ombros.

— Eu sinto falta... de tudo aqui. Das pessoas, do meu dia a dia. De você, Luiza.

PERIGOSAS ACHERON

— Quem jogou tudo isso fora foi você.

Sustento seu olhar por um bom tempo, esperando alguma argumentação que não vem. Estamos em frente a uma das janelas, ele se vira e fica lá, olhando para fora, observando o dia ensolarado, talvez pensando no que dirá.

Se eu disser que estou feliz em tratá-lo com certa dureza, estarei mentindo. Eu nunca gostei de ser assim, como vocês bem devem saber. Mas eu ando cansada. Eu quero ser tratada com respeito — como profissional, como amiga, como companheira — e se não fizer valer a minha voz, isso nunca acontecerá.

— Eu entendo... — ele diz, finalmente. — Eu ultrapassei todos os limites, não é? Profissional, quando te deixei aqui, e pessoal, quando te dei aquele beijo.

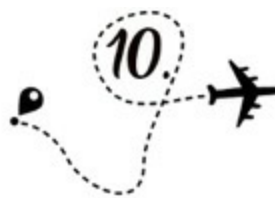
Eu queria argumentar. Afinal, o limite nem tinha sido passado com o beijo, isso eu entendi depois. O limite havia sido ultrapassado bem antes, quando ele agia como se fosse algo, além de um amigo querido. Quando se valia da *torcida* existente entre funcionários e amigos para alimentar um sentimento que eu sequer sabia existir. Quando, ainda que sem más intenções, ele

tinha atitudes que me deixariam presa a ele. E eu iria argumentar, não fosse uma voz grave nos interrompendo.

— Beijo?

Segurando o ar, e o coração que parece querer sair pela boca, eu me viro para encontrar Vicente com um olhar mortal parado na porta da saleta, de braços cruzados, nos observando.

Você é minha!



Vicente

Eu sabia que o babaca vermelho apareceria mais dia, menos dia. Soube no exato momento que sua irmã — a ruiva serelepe — me interpelou para saber se eu estava de passagem ou tinha vindo para ficar. Eu, como não sou idiota, disse que estava trabalhando para que meu lugar fosse permanente, e vi bem o ar decepcionado que ela lançou.

Sabia que ela contaria a ele, tinha certeza. Era questão de tempo até ele aparecer.

Entro no casarão vindo pela porta dos fundos e ainda do grande salão de jantar posso ouvir o tom de voz alto, pedindo para conversar. Não dá para ver, mas eu sei que é ele que já está aqui, importunando a minha garota. Sequer penso duas vezes e, a passos largos, sigo as vozes até encontrá-los conversando na saleta ao lado da biblioteca.

O rapaz é dedicado, isso eu tenho que lhes dizer. Joga com as armas que tem, isso ou ele não estaria parecendo um modelo de anúncio de... qualquer coisa, com essa barba de lenhador e essa

camiseta justinha por baixo do casaco. Mas confesso que fico deliciado ao ver Malu lidar com ele, até o maldito falar sobre um beijo.

Um maldito beijo. *Que beijo, porra?* Por que eu não fiquei sabendo desse fodido beijo? Antes mesmo que eu consiga usar o dispositivo que trava as merdas que eu digo, já me pego questionando, e o olhar de *fui pega no flagra* que Malu me dá é enfurecedor.

— Vince... — ela sussurra, e eu me aproximo.

— Então, você é o Eric? — Estico a mão, oferecendo um cumprimento. Por mais raiva que eu tenha, não esqueço que ela só não se machucou ainda mais porque ele estava aqui, e não eu. E, *caralho*, como eu odeio isso. Eu tenho uma dívida com esse idiota e preciso pagá-la antes de apagá-lo, se é que vocês me entendem. — Como vai?

— Eu estou bem, e você? *Finalmente* apareceu por aqui...

Ah, sim. Eu noto o tom com que isso foi dito.

— Sim, finalmente. E eu gostaria de te agradecer, Eric — digo, firme, ainda mantendo o aperto de mãos. — Não fosse por você, eu não

tenho ideia do que aconteceria com Malu naquela noite e não gosto nem de pensar a respeito.

— Ah... — O ar surpreso dele me faria rir, se eu não estivesse tão puto. — Não precisa agradecer, eu...

— Faria qualquer coisa para proteger Maria Luiza. Eu sei. Entendo.

Passo o braço pela cintura da diaba em miniatura, a trazendo para perto, enquanto troco mais meia dúzia de palavras muito educadas e cordiais com o rapaz, notando que o gesto o deixou aturdido e ainda mais vermelho do que o natural. Se a sua intenção era me provocar e causar uma cena, se deu muito mal. *Panacão*.

Já Malu se mantém calada, seu olhar viajando entre nós dois como se bastasse uma faísca para tudo explodir em *porradaria*.

Vontade não me falta, mas eu já prometi que vou ser um bom menino, não? Só espero que ele respire mais baixo, porque neste momento até mesmo sua respiração anda me irritando.

— E então, Eric... como foram as férias?

— Foram... confusas — ele responde, baixo, os olhos fixos nos sapatos, enquanto eu mantenho a pose de despreocupado, mesmo

querendo testá-lo para saber qual a profundidade daquele lago.

— Férias podem ser complicadas mesmo...

— E você veio para ficar?

— Estou trabalhando para isso... — Aperto Malu mais próximo ao meu corpo e noto quando ela fica menos tensa, chegando a relaxar em meu abraço, talvez percebendo que eu não vou agir com violência.

É a chance perfeita que eu preciso para sair daqui — e levá-la comigo. Quero ouvir qual é a história que ela irá me contar, porque eu estou, realmente, louco para ouvir.

— Prazer em conhecê-lo, Eric. Nos dê licença, agora, eu tenho uns assuntos da pousada para tratar com Maria Luiza.

— Claro. — Ele acena de volta, mas não consegue se dar por vencido. — Falo com vocês depois.

O *caralho* que vai.



Malu

Já pulou de paraquedas ou de bungee jumping alguma vez? Eu pulei há uns vinte anos,

uma das muitas aventuras que me enfiei junto com Tony, em minha juventude, e a adrenalina da espera é, por demais, sufocante, você nunca sabe o que irá acontecer, até que salta e é consumido pela adrenalina seguinte. Pois é, o sentimento que eu tenho agora, enquanto sigo Vicente de mãos dadas até nosso quarto, pode ser considerado equivalente à adrenalina de espera que eu tive nas duas vezes que pratiquei esses esportes.

Eu pensei que ele voaria, sem pensar duas vezes, no pescoço do Eric. Que seria grosseiro ou talvez irônico e debochado. Mas tirando uma frase solta, ele foi um primor de educação e simpatia. Tanto que me fez relaxar em seu abraço, pensando que não teríamos problemas com essa... revelação.

Você é estúpida, Maria Luiza? Como reagiria se fosse o contrário?

É com esse pensamento que o sigo, degrau a degrau, até que estamos em nosso quarto e ele fecha a porta atrás de si, seguindo direto para a janela, abrindo as vidraças e deixando o ar puro e gelado da tarde invadir o ambiente.

Ar puro. Algo que ele sempre precisa quando está nervoso.

— Então, quer dizer que você andou

beijando aquele sujeito... — Não é uma pergunta, e ele também não está me olhando enquanto diz.

— Eu não... — Sua cabeça chicoteia em minha direção, fazendo a voz sumir. Sua expressão não tem raiva, pelo contrário. Ele está desapontado.

Engulo o bolo que se forma em minha garganta, respiro fundo e prossigo, me explicando:

— Eu não o beijei. Mas, sim, aconteceu um momento, e foi o estopim para que ele pedisse demissão. Foi o dia em que ele, talvez, tenha entendido que eu nunca o veria de outra forma.

— E como você me vê, Maria Luiza? — Passo a passo, ele se aproxima, me fazendo prender a respiração. — Não deve ser como alguém confiável... já que não sou digno de merecer a sua sinceridade.

— Não fala isso, Vince.

Vicente fica tão próximo, que eu preciso inclinar a cabeça, se quiser sustentar seu olhar. Eu posso ver pela rigidez de sua mandíbula, e os olhos mais escuros que o normal, que ele realmente não está para brincadeira.

— Eu me lembro muito bem, Maria Luiza, do seu discurso. Falando sobre *não guardar mais nada*, sobre sermos honestos e todo esse

lengalenga. Valia só para mim o discurso?

Estico os braços em sua direção, mas antes que o alcance, ele segura meus pulsos e dá um passo atrás.

— Eu não sabia como te contar.

O tom desesperado em minha voz não o deixaria sentir dúvidas que eu estou sendo sincera, mas o seu estado de espírito não o permite notar isso.

— Geralmente quando queremos contar algo, abrimos a boca e passamos a falar. A não ser que na Escócia seja diferente, é assim que funciona, Maria Luiza.

— Para de me chamar assim!

— Ué... não é esse o seu nome? — O tom cínico de voz é dolorido de ouvir.

— Eu sei que errei em não contar, Vicente. Mas eu realmente não sabia como te dizer. Eu não tinha um argumento equivalente ao seu. Não estava brava, nervosa, não tínhamos acabado de brigar, e eu não estava bêbada.

— Nossa, está deixando tudo muito melhor, considerando que eu não beijei ninguém!

— Eu estava arrumando as malas para ir ao seu encontro! Eu queria voltar ao Brasil, estava

cansada de esperar você me procurar, então eu... — Travo, imaginando que se disser que fui beijada à força, Vicente descera as escadas e desta vez vai arrebentar a cara de Eric. E não é o que eu quero. Mas eu também não quero esse clima entre nós.

— Então, você...

— Eu disse a ele para nunca mais repetir aquilo. E foi por isso que ele pediu demissão.

Novamente eu me aproximo, temendo ser repelida de novo, mas desta vez ele não me afasta. Acaricio seu rosto, deixo um beijo em seu maxilar, segurando em sua camiseta. Ele não me afasta, mas também não me toca, mantendo a cabeça baixa, evitando meu olhar.

Essa distância imposta por ele me causa desespero. Sinto o ar faltar e os olhos marejarem no mesmo instante.

— Por favor, Vince... — Colo ainda mais meu corpo no dele, sentindo-o estremecer sob meu toque.

Quando ele levanta a cabeça e me olha, seus olhos buscando os meus, eu vejo refletido neles uma fúria contida. Tem raiva, sim, eu sei que por dentro ele está fervendo. O fato de não ter socado Eric foi uma curva fora do ponto, mas... não é só

raiva. Tem desejo, também. Tem um fogo que arde sempre que nos tocamos.

Sinto quando ele ergue a mão e leva até minha nuca, enrolando meu cabelo no punho como ele sempre gostou de fazer e, com força calculada, inclina minha cabeça para que fique olhando direto para ele.

— Eu não quero nenhum outro beijando essa boca, Maria Luiza. Não quero nenhum outro tocando em você. Você me disse uma vez que esse corpo tinha dono e ninguém colocava a mão nele sem que eu deixasse. Pois bem, eu não deixo, entendeu? Não deixo!

Sinto meu ventre apertar com seu tom de voz, seu olhar duro em minha direção, deixa minhas pernas bambas e meu coração disparado.

— Vince... — Sua mão livre segura minha cintura e me puxa ao seu encontro, grudando ainda mais nossos corpos, como se isso fosse sequer possível.

— Diga que é minha. Que é só minha, Maria Luiza. Que você não quer mais ninguém. Diga que seu corpo é meu, que sua boceta só encharca para mim, que só eu te deixo assim, excitada, mesmo estando puto de raiva...

Seu aperto em minha cintura aumenta e sinto meu corpo inclinar para trás. Olho por cima do ombro, ainda estamos longe da cama, o que me faz segurar mais firme em sua camiseta. Não demora muito sinto a textura do tapete felpudo, quando Vicente deposita meu corpo sobre ele.

— Diga — ele rosna, impaciente. — Diga, Maria Luiza.

Coloco minhas mãos por baixo de seu agasalho e tateio a quentura de sua pele. Vicente está posicionado sobre mim, apoiado nos cotovelos, e sinto quando ele estremece, a pele arrepia sob meu toque.

— Eu sou sua. Só sua, Vicente. Não quero mais ninguém, só você. Meu corpo é seu, minha boceta é sua, de nenhum outro.



Vicente

Eu sinto como se fosse enlouquecer. Sem conseguir desligar a mente de ficar imaginando aquela cenoura ambulante beijando Maria Luiza, suas mãos sobre seu corpo, tocando-a. Mexendo no que não lhe pertence. A pressão em meu peito é

absurda, e eu sinto tanta raiva que se eu socar alguma coisa para aplacar, só paro quando todas as falanges estiverem em frangalhos.

Essa mulher é minha. MINHA! Um frenesi possessivo toma conta do meu corpo, e tudo o que eu preciso ouvir é isso, ela me dizendo que nenhum outro terá posse do seu corpo, ao menos, não enquanto eu estiver com ela.

— Minha! — rosno, tomando sua boca em um beijo que não tem nada de delicado, pelo contrário, a ferocidade com que nossas línguas duelam, desesperadas, uma pela outra, faz com que o beijo fique ainda mais urgente, ainda mais guloso.

Sugo e mordo seus lábios, enquanto minhas mãos ansiosas seguem puxando a malha de lã para cima, desnudando sua pele, e ela faz o mesmo com o agasalho de moletom que eu visto.

— Vince... — ela sussurra, carente, quando eu tomo o bico do seu seio, segurando o brotinho com os dentes e o provocando com a ponta da língua. Seu corpo arqueia vindo em minha direção, enquanto sinto sua mão puxando meus cabelos.

— Preciso foder você... — declaro, abrindo o botão de sua calça. O desespero subitamente nos

toma, quando passo a brigar com a calça justa de lycra e ela se ergue, terminando de retirar a peça. Não demora muito a minha calça se juntam à dela em algum canto do quarto.

O dia está frio, o vento entra pela janela, mas, honestamente, não damos a mínima. Volto a olhar para ela, vestindo apenas uma calcinha fina de algodão branco, deitada no tapete felpudo com o rosto afogueado, os lábios entreabertos e o mar de topázio fixo em mim.

Me abaixo, flutuando a centímetros de sua calcinha, e esfrego o nariz na superfície já molhada, erguendo o rosto um pouco para olhar a minha garota, na expectativa, o peito em um sobe e desce desgovernado. Cheio de mim, eu sorrio.

— Encharcada...

— Só *pra* você, Vince...

Abocanho seu monte, ainda por cima do algodão, puxando o tecido, vendo-a arquejar e ronronar. E o som entra em meu canal auditivo deixando meu pau dolorido demais, a necessidade de estar dentro dela literalmente pulsando.

— Tire a calcinha — ordeno, e sem pestanejar ela engancha os dedos nas laterais do tecido e rebolando lindamente, ergue as pernas e

retira a peça, jogando por cima da cabeça para algum canto perdido do quarto.

Colocando minhas mãos na base de sua coxa, desço esfregando em direção aos joelhos e sigo abrindo suas pernas, a visão de sua boceta depilada, rosada e encharcada enche minha boca de saliva. Minha boca faz o caminho contrário de minhas mãos, saindo de seus joelhos e subindo pela coxa direita, passando sem tocar por sua boceta e descendo pelo outro lado, mordiscando a pele branca bem na parte carnuda de sua coxa e voltando.

Sinto tanto tesão que meu corpo inteiro estremece, desejoso.

Sem aviso, abocanho-a, abrindo a boca o máximo que consigo e fechando-a devagar, a sugando, enquanto minha língua traz para mim a sua excitação. Seguro seu feixe de nervos e chupo, com força, sentindo Malu puxar meus cabelos, gritando meu nome.

— Isso, Maria Luiza. É esse nome que eu quero ouvir você gritando... — digo, baixo, enquanto enterro três dedos em sua boceta, encontrando sua carne macia. Bombeio levemente, minha língua passeia atrevida por seu clitóris,

lambendo com delicadeza até que o tomo novamente, sugando com força ao mesmo tempo que curvo os dedos dentro dela, encontrando seu ponto de rendição.

— VICENTE! — Vejo seu corpo inteiro estremecer, sentindo meus dedos molharem com seu gozo. Levo-os à minha boca, não querendo desperdiçar uma gota sequer.

Me deito no tapete e a viro de lado, sua bunda linda bate em minha barriga e eu me abaixo ainda mais, esfregando meu pau, tão duro que chega a doer, nela. Gemendo, ela passa a rebolar contra ele, e eu me curvo, buscando seu pescoço, lambendo sua nuca, mordendo seu ombro, sentindo minha pelve arquear de encontro a ela.

— Hoje você é toda minha, Maria Luiza. Não vou poupar um canto sequer... — digo, e minhas mãos percorrem a curva de sua cintura, descendo pelo quadril. Segurando suas nádegas, as separo já dando o tom da minha próxima aventura. — E não adianta me dizer nenhuma piadinha, Maria Luiza. Não hoje...

Um gemido sôfrego escapa por seus lábios, e seu olhar escurece ainda mais, como se isso fosse possível. Noto a veia em seu pescoço pulsando,

passo a língua sobre ela e a sugo, sentindo o sangue de Malu correr mais rápido, e seu corpo se remexe, buscando alívio.

A penetro lentamente, sua boceta ainda pulsa do orgasmo anterior e eu deslizo com facilidade, centímetro a centímetro, a ouvindo arfar. Seus olhos presos nos meus, os lábios entreabertos, a bochecha corada de tesão, tudo me deixando ainda mais louco e orgulhoso, sim porque essa excitação é para mim, sou eu quem a deixo desse jeito.

— Você acaba com a minha sanidade, Maria Luiza. — Seguro seus cabelos com um pouco mais de força e ela rebola em resposta, me fazendo estocar em sua boceta, duro, com força.

— E você com a minha, delegado... — A voz sai trêmula, afetada pelo movimento de vai e volta que eu faço. — Só você mesmo para imaginar que eu possa ter prazer com qualquer outro.

— E não tem? — pergunto, deixando uma mordida em seu ombro, lambendo o local em seguida.

— Não tenho. É só você, Vicente...

Estoco com mais força, vendo-a ir ao limite e paro de me movimentar, saindo dela e ouvindo

PERIGOSAS NACIONAIS

um grunhido em resposta. Coloco meu dedo médio em sua boceta, trazendo o líquido que seu corpo ainda libera até sua entrada enrugada, a lubrificando bem e o uso para alargar o espaço, fazendo um movimento lento de entra e sai. A pressão em meu dedo faz meu pau latejar, querendo tomar seu lugar, e preciso respirar fundo para conter o gozo.

— Vince... — Malu tensiona o corpo, surpresa.

— Relaxa, gostosa... — mordo sua nuca —... relaxa e empurra.

Ergo sua perna, a segurando pela coxa e posiciono meu pau em sua entrada, o esfregando em sua pele, atijando. Escorrego minha mão mais uma vez até sua boceta, pingando de tesão, e passo a trabalhar em seu clitóris, a sentindo relaxar conforme a excitação toma conta de seu corpo novamente. Me introduzo devagar, gemendo descontrolado conforme sinto o avanço para dentro de seu cu apertado e ela também geme alto, seu corpo se contraindo a cada centímetro conquistado. Então, eu movo o meu quadril, lentamente a princípio à medida que seu corpo se acostuma com meu tamanho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Toda minha, Foxy. Sua boca é minha. Sua boceta é minha. E agora seu cuzinho também é meu. — Ela ondula, e eu gemo em resposta. — E isso não vai mudar.

Não demora muito até ela gozar novamente, e eu seguro seu pescoço, forçando seu rosto a me olhar, a ver quem está desbravando seu corpo, a quem ele pertence.

— Diz de novo, de quem você é... — imploro, sem controle. — Diz, Maria Luiza!

— Sua, Vicente... sou sua...

Uma rajada de vento mais forte entra pela janela, nos fazendo arrepiar, mas de frio desta vez. Saio dela e me levanto, a pegando nos braços, e a levando até o chuveiro. Ligo a torneira, deixando a água quente cair sobre nós. A segurando com firmeza em meus braços, tão apertada contra mim, que posso sentir as ondulações de seu corpo, os tremores, e até mesmo as batidas de seu coração contra o meu peito.

— Amo tanto você, Vicente. Tanto, mas tanto... — ela repete, sem parar, entre um beijo e outro. E eu tenho certeza de que ainda não a amei o suficiente por hoje.

Em um rompante fecho o chuveiro e saio do

PERIGOSAS ACHERON

box, nos enrolando em uma das toalhas imensas. A fazendo rir porque não a solto em momento algum, caminhando de um lado a outro com ela pendurada em mim, as pernas envolvendo minha cintura, até chegarmos à cama, onde a solto, bem no centro.

Mais uma vez caio de boca em sua boceta inchada e deliciosa, chupando com afinco, a fazendo gemer rouco. Subo pelo seu corpo, um certo desespero me tomando em imaginar que eu posso vir a ficar sem essa mulher. Que esses podem ser os últimos dias que eu tenho com ela.

Não posso permitir isso. Não posso. Não posso sair da vida dela, e a deixar para qualquer outro panaca ficar com ela.

Não posso!

Em um único movimento entro nela por completo, travando o maxilar e respirando fundo. Passo um braço por baixo do seu corpo, a grudando em mim, enquanto a outra mão segura seu cabelo bem rente a nuca. Passo o nariz por seu pescoço e voltando a olhar para ela, tudo o que eu quero é um futuro só nosso. Aqui ou lá, não importa, é tudo o que eu quero.

— Eu ainda vou fazer um filho em você, Foxy... — solto, para vê-la ofegar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Lentamente passo a me movimentar, sem tirar meus olhos dela. Reverenciando nosso amor, dizendo o tempo inteiro o quanto eu a amo, o quão importante ela é para mim. Ondulamos juntos até, mais uma vez, alcançarmos o orgasmo mais delicioso da nossa relação.

— Me perdoa, Vince... — ela diz, ofegante, segurando meu rosto.

— Está tudo bem. Achei uma forma bem produtiva de resolver minhas crises de ciúme sem bater porta ou desligar telefone. — Sorrio, roubando mais um beijo. O movimento na cama faz com que Malu faça uma careta.

— Acho que não vou andar por uma semana...

— É bom se acostumar com isso, pequena atrevida. — Beijo seus lábios e puxo o edredom, nos protegendo do ar frio que ainda entra, impiedoso, pela vidraça aberta.

Malu se aconchega em meu abraço e ficamos um bom tempo nos olhando, sem dizer nada com palavras, mas com certeza deixando tudo claro nesses minutos que passamos trancados aqui. Eu sou seu, meu olhar diz. Eu sou sua, o dela responde.

PERIGOSAS ACHERON

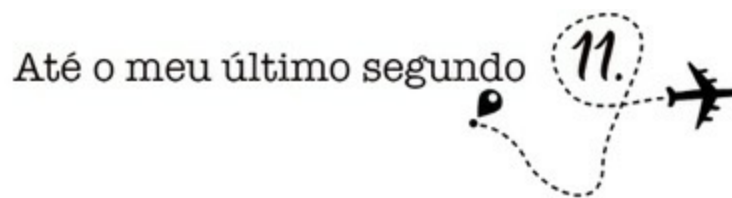
PERIGOSAS NACIONAIS

— Seu coração ainda está disparado, delegado — ela diz, com voz risonha, deitada sobre meu peito e com a mão pousada sobre o lado esquerdo dele.

— E você é cada batida dele, Foxy.

PERIGOSAS ACHERON

Até o meu último segundo



Malu

Estou com a barriga doendo de tanto rir de Vicente e sua completa inabilidade em conhecer a “mão inglesa”. No Reino Unido o volante fica do lado direito, segundo eles, para garantir a visibilidade. Conta a história que, na idade medieval, os cavalos circulavam à esquerda para deixar a mão direita livre e, assim, poder segurar a espada. Napoleão Bonaparte, que era canhoto, decidiu inverter a situação na França. Assim, França e Inglaterra, que eram países inimigos, passaram a circular nas cidades de forma diferente. Com o tempo, os ingleses começaram a dirigir apenas pela pista da esquerda. E isso enlouqueceu Vicente, que parecia estar pegando um carro pela primeira vez.

Durante todo o último mês servi a ele como guia de turismo. Nos finais de semana, íamos de carro *turistar* por locais ao nosso redor. Era delicioso ver sua expressão ao visitar locais históricos, principalmente em situações inusitadas, como quando o levei ao Castelo de Balgonie,

PERIGOSAS NACIONAIS

construído por volta de 1400, durante uma festa medieval. Segundo o próprio, era como ser figurante de Coração Valente vendo as pessoas vestidas como camponeses, mercadores, guerreiros e clérigos da época medieval.

O fato de morar em um local muito rico, historicamente falando, me dá muitas opções, à curta distância. Por muitas vezes, um percurso de quinze minutos nos leva a um parque diferente, um vilarejo, um castelo em ruínas. Faço com ele a mesma coisa que meu avô fazia conosco, quando crianças, pego-o pela mão e saio explicando tudo. Me sinto quase uma professora de história, explicando os *porquês* e os *quando*, e lamentando que no Brasil não temos o mesmo cuidado e carinho com o nosso passado, tendo muito pouco a visitar do nosso período histórico.

Já neste final de semana, sugeri irmos até Lower Largo, um vilarejo pequeno, de vias estreitas, às margens da praia de Largo. Vicente passou o tempo todo me provocando, falando que eu dizia viver em um “estado litorâneo” e só ter visto mato, a não ser quando fomos em St. Andrews, então, achei que seria interessante, até mesmo porque eu nunca fui até lá.

PERIGOSAS ACHERON

— Pela madrugada, como conseguem dirigir neste lugar?

Quando estamos passando pela Kennoway Road, que é relativamente tranquila, ele faz questão de dirigir meu carro, mesmo sabendo que é mão invertida, dizendo o tempo inteiro que “é tudo igual, só muda o lado” e passa um bom tempo reclamando, inconformado com a dificuldade. E eu só consigo rir.

— É falta de prática, gostoso.

— Já não basta o clima horroroso, o sol brigou com esta parte do mundo, por acaso? Ou está frio ou está chovendo... — O ouço sair do carro, reclamando, mas permaneço sentada, ainda no banco do carona, o vendo dar a volta, um tanto quanto indignado por não conseguir guiar o carro com a mesma habilidade que ele geralmente tem. — Vai ficar sentada aí? — ele pergunta, logo após abrir a porta.

Sorrio e busco seu olhar, mas me perco um pouco no meio do caminho, já que sentada, eu fico na altura de sua cintura e a visão é deveras convidativa.

— Não conheço muito bem as estradas por aqui, mas adoraria ficar sentada aí, se é que me

entende...

Com um grunhido, sou erguida do banco pelo braço e, logo após me girar rapidamente, Vicente me prensa de encontro à porta traseira. O movimento é tão inesperado que fico sem reação, sentindo apenas seu corpo roçando em minhas costas, a mão firme em meu pescoço e sua voz rouca, pausadamente, soando ao pé do meu ouvido.

— Também adoraria a senhorita sentada aqui, Maria Luiza, mas essa calça apertada que você está usando deixa as coisas um pouco mais difíceis, não acha?

E eu não sei vocês, mas a voz rouca desse homem em situações normais já deixa minha perna bamba. Imagina então da forma como estou agora, em uma estrada vazia ao anoitecer, o peito encostado na lataria do carro, e ele rebolando atrás de mim, enquanto sua mão percorre minha virilha, por cima da calça jeans, dizendo o quão apertada ela está.

— Vicente... — eu gemo, e ele aproveita a mão que está em meu pescoço para puxá-lo mais para trás, deixando um feixe de pele livre que ele maldosamente percorre com a língua, me fazendo estremecer.

— Quem sabe se você passar a usar apenas saias, a coisa não fica melhor, o que acha?

— *Uhum...* — concordo, porque no momento eu digo sim a qualquer maluquice que ele me proponha. E ele sabe, porque ri. Uma risada baixa, um som sexy feito o inferno, que só piora a minha situação. A essa altura, minha respiração já perdeu o compasso e se me dissessem que estamos entrando no inverno, eu diria que é mentira, tamanho calor me acomete.

Subindo a mão espalmada por minha coxa, Vicente segue até minha virilha, e a encaixa entre minhas pernas, a palma de sua mão fazendo pressão conforme ele aperta com força, nublando meu pensamento. Tento olhar para ele, mas o aperto em meu pescoço não cede e, com isso, fico praticamente imobilizada em seus braços, prensada na lataria do carro, e com a calcinha completamente arruinada.

— Queria ser um pouco mais demente e não ligar para deportação, Maria Luiza. Juro que deitaria você no meio desta estrada e comeria você à luz da lua, só para deixar de ser provocadora.

Sua mão desce pelo meu pescoço, seguindo direto para meu seio, que ele aperta, enchendo a

PERIGOSAS NACIONAIS

mão. Inclino o rosto em sua direção e nossos olhos se encontram, seu ar risonho poderia disfarçar seu estado, caso não o conhecesse bem — e não estivesse sentindo seu membro pulsando atrás de mim.

— Me beija, Vicente... — O sinto estremecer, e não preciso esperar muito até meu corpo ser girado, ficando de frente a ele, e ter minha boca tomada em mais um daqueles rompantes enlouquecedores que somente ele sabe dar. Ele geme contra minha boca e segura o lábio inferior com os dentes, passando a língua por ele antes de soltar.

— Você é gostosa demais, Maria Luiza. Tira todo o meu juízo, que já não é muito... — Um carro passa por nós em uma velocidade considerável, o que nos tira desse torpor sexual. — Vamos, antes que encontremos problemas por aqui.

Suspiro e dou a volta, sentando atrás do volante e perco uns minutos olhando para a frente.

— Foxy, tudo bem?

— Pernas bambas, meu amor. Vou precisar de um tempinho.

PERIGOSAS ACHERON



Uma vez me peguei respondendo a um desses testes que revistas femininas vivem trazendo, para saber o tipo de pessoa que eu era. Eu sempre escolhi montanha, e descobri nesses testes que era por ser uma pessoa introspectiva. Se é verdade, eu não tenho a menor ideia, mas areia de praia sempre me causou desconforto, e ser branca ao extremo me fez fugir do sol a vida toda, então eu nunca escolheria praia ao invés de montanha.

Mas eu viria à praia para o resto da vida somente por ter descoberto que meu Vicente é um garoto litorâneo. O clima não está propício para banho, mas, mesmo assim, ele faz questão de colocar uma bermuda e vir à beira do mar, receber as fracas ondas que beijam a areia. Fico de longe o observando, seu olhar fixo no horizonte, os braços cruzados, enquanto as ondas vem e vão.

Se eu tenho uma certeza na vida, é que esta nossa pequena viagem vai ficar marcada na minha memória para sempre. O hotelzinho simpático que nos hospedamos tem uma bela vista para a praia, e está consideravelmente vazio. O quarto é pequeno,

porém, confortável, mas, honestamente falando, depois da cena na estrada, eu realmente não prestei muita atenção a ele. Isso porque passamos a noite inteira nos amando, insaciavelmente, até cairmos exaustos a ponto de ter perdido o horário do café da manhã. Conviver com Vicente é estar em constante cio.

Tiro as sandálias e me levanto, seguindo em sua direção, desviando das pedras espalhadas pela areia e fazendo careta cada vez que não consigo e acabo pisando em alguma. Diferente das praias que costumava visitar no Brasil, Lower Largo tem um ar diferente, lindo, porém, quase triste. A faixa de areia em alguns pontos contém uma infinidade de pedras de variados tamanhos, a falta do famoso calçadão brasileiro deixa-nos mais próximos das construções, e o tom de areia escuro nos dá a sensação de estarmos em um filme antigo.

Enlaço Vicente pela cintura, por trás, e deixo um beijo em suas costas. Instantaneamente suas mãos seguram as minhas, me mantendo assim, grudada a ele.

— Já quer ir embora? — ele pergunta, depois de um tempo.

— Quando você quiser... — Notando o tom

PERIGOSAS NACIONAIS

de voz meio soturno, me solto de seu enlace e dou a volta, ficando de frente com ele. — Está tudo bem?

— Está... era só uma lembrança. — Sou trazida de volta para seus braços e, depois de me beijar no topo da cabeça, ele continua contando: — Quando eu era moleque, fui à praia pela primeira vez. Eu devia ter uns 12 anos, foi uma das poucas vezes em que meu pai tirou férias e decidiu sair da cidade. Fizemos um bate e volta, saindo pela manhã e voltando à tardezinha, e eu fiquei tão encantado, que prometi a mim mesmo que, um dia, visitaria todas as praias existentes no mundo.

— Vai precisar viajar bastante... — comento, em tom animado.

— Considerando que eu sequer consegui visitar todas as do Brasil...

Um senhor com os cabelos bem brancos passa por nós, trazendo um cachorro pela guia e eu sorrio, já imaginando um idoso Vicente andando na orla da praia, acompanhado de um cachorro.

— Ainda bem que não existe idade para ir à praia.

— É... — Ele apenas dá de ombros, reticente.

Voltamos para o hotel algum tempo depois,

PERIGOSAS ACHERON

comigo sendo carregada nos braços quando ele nota que eu odeio pisar na areia, e minha sandália arrebentou. Se conheço ogro mais galante, desconheço.



— Você está bem, Luiza?

Ergo os olhos da tela do celular, sorrindo para Freya, entrando esbaforida na recepção.

— Estou. O que faz aqui hoje? É sua folga, não?

— Ah, sim, mas não tinha muito o que fazer em casa. Vim porque Rose disse que faria aqueles bolinhos que eu amo...

Sorrio, ao lembrar que hoje também é a folga de Rose, mas que, ao contrário de todos os domingos, ela também está aqui. E que, assim como Freya, a primeira coisa que fez ao me ver pela manhã foi perguntar se eu estava bem.

— Ela está na cozinha. Vá até ela, veja se os seus bolinhos já estão prontos, está tudo em ordem aqui...

Com um sorriso empático, ela se afasta, e eu volto a olhar a tela do celular, fechando a aba

PERIGOSAS ACHERON

em que eu pesquisava sobre clínicas de reprodução assistida. Confesso que relutei um pouco para pesquisar a respeito, mas a frase que Vicente me disse outro dia não para de martelar em minha cabeça — e em meu coração. *“Ainda vou fazer um filho em você.”*

No final de semana passado, quando estivemos em Lower Largo, mais uma vez ele falou sobre filhos. Mas, talvez pelas lembranças que o local lhe trouxe, era dito com uma certa melancolia, como se ter filhos nunca fosse algo que ele experimentaria. A mesma melancolia que eu carregava comigo, há anos.

— Eu sempre sonhei em ter uma casa assim, à beira mar. Pé na areia, levantar cedo, sair para correr com meu filho, pegar onda quando a praia estivesse vazia. Por algum motivo o moleque sempre tinha a minha cara quando eu pensava nele. Eu iria gostar se ele tivesse sardas, cabelo de fogo e cara de sem-vergonha.

Ter filhos com Vicente já tinha passado pela minha cabeça, ainda no Brasil. O fato de esquecer de tomar a segunda dose da pílula do dia seguinte, e levando em consideração que não somos o casal mais cuidadoso do mundo em se tratando de

métodos contraceptivos, me fez pensar que seríamos em breve agraciados com um rebento, mas isso não aconteceu.

Eu cheguei a ficar desapontada quando menstruei, pouco antes de voltar para a Escócia. Talvez por viver imaginando um mini Vicente, marrento feito o pai, correndo por esses gramados, ou uma bebezinha ruiva de olhos claros, sendo mimada por ele e o deixando doido por antecipação, eu fiquei realmente triste por não ter engravidado. Entre todas as certezas que eu tenho na vida, uma das maiores é que Vicente será um excelente pai, de filho meu ou não, ele será maravilhoso. E isso só aumenta a minha vontade de ser eu a proporcionar isso a ele.

E o medo de não ser capaz de fazer isso é... devastador.

— Alguma coisa que eu possa fazer, Luiza?
— Cole, o recepcionista da noite, debruça no balcão e eu suspiro. Todo esse cuidado desmedido deles me emociona, mesmo parecendo um tanto exagerado.

— Pode ir embora, Cole. Seu horário já venceu há muito tempo, garoto.

— Os bolinhos... — Ele sorri, apontando

para a cozinha, como se fosse algum tipo de código secreto e eu então peço para ele ficar em meu lugar por um instante, enquanto eu vou ver o que elas estão aprontando.

O cheiro de canela já toma conta de todo o ambiente, assim como o calor provocado pela panela de fritura. Havia ensinado a Rose a receita do tradicional bolinho de chuva brasileiro, mas, diferente do que eu pensei, ela não quis inseri-lo no cardápio da pousada. Por ser parte de uma memória afetiva minha — já que a minha avó adorava fazer esses bolinhos nas reuniões de família — ela só faz em determinadas ocasiões.

— Bolinho de chuva... — digo, e ela sorri, apontando a cadeira.

— Daqui a pouco estará pronto. Onde está Vicente?

Abaixo os olhos, respirando fundo.

— No quarto, terminando de fazer as malas.

Meu coração está pequeno, do tamanho de um grão de mostarda, porque chegou o dia de Vicente voltar ao Brasil e eu não estou sabendo lidar com isso. O deixei no quarto e vim para a recepção, tentando conter a vontade de implorar a ele que não vá. A cada peça de roupa que ele

colocava dentro da bolsa, parecia que uma parte de mim era arrancada e eu não queria desmoronar. Não agora.

Diferente do que vivemos no Brasil, estamos totalmente abertos e sem reservas. Os sentimentos foram escancarados, se lá vivíamos um talvez, aqui é uma certeza sem limites. Um mês juntos, vivendo como casados, tal qual a história de amor que eu sonhei para mim, desde garota.

Ficar sem ele, ainda que temporariamente, está sendo ainda mais difícil do que foi a primeira vez.

— Então, vá ficar com ele, *lass*. — Ela vem até mim e sai me empurrando para fora da cozinha. — Aproveite os minutos, vá!

Sigo escada acima até chegar ao meu andar. A porta está entreaberta, da mesma forma que deixei, e o vejo sentado na cama, olhando pela janela para o horizonte cinzento e nublado. A mala, já fechada ao pé da cama, tem a passagem colocada em cima dela.

Subo na cama e, de joelhos, vou até ele, o abraçando pelas costas. Ele então deita a cabeça para trás, encostando-a na minha e entrelaça seus dedos nos meus.

— Essa merda é difícil pra caralho... — ele murmura, e as lágrimas que eu vinha tentando segurar decidem não mais me obedecer.

— Eu não sei se vou conseguir, Vince...

Ele se vira em minha direção e, com um movimento rápido, me deita na cama vindo por cima de mim. Seu beijo é exigente, desesperado. As mãos me apertam, como se fôssemos desaparecer e precisássemos nos manter grudados.

— Vamos fazer direito desta vez, o que acha? — Um sorriso triste brinca em seus lábios. — Marcando horário direitinho para podermos nos falar, e sem esconder nada que acontecer?

— Vamos mesmo passar o Natal juntos? — pergunto, e ele desvia o olhar, novamente olhando para o horizonte pela janela.

— Espero que sim. Agora vamos, levanta, que eu já chamei o táxi.

Sinto um baque no peito, como se tivesse levado uma pancada no local e fico, por um tempo, deitada na cama, o olhando se levantar e arrumar a roupa que já tinha ficado embolada.

— Co-como assim, chamou um táxi? Eu vou te levar até Edimburgo!

Aceito a mão que ele me estica e sinto meu

corpo mole, cedendo à emoção. Ele parece perceber, porque me envolve em seus braços, me mantendo presa próxima ao seu corpo.

— Eu não posso te ver no aeroporto, Foxy. Porque eu não terei forças para embarcar, sabendo que você está lá no salão de embarque me olhando. — Grudo em sua jaqueta, com força, e o soluço vem com tudo, um choro longo, dolorido, que eu venho segurando por toda a semana, sem coragem de soltar. — Não chora, meu amor. Por favor, não chora.

— Me deixa te levar até Markinch, ao menos?

— Não. Eu pedi para Rose ficar aqui e te fazer companhia. A gente se despede ali na frente e começa a contar os dias até nos vermos de novo, tudo bem?

— Assim eu não quero, Vicente. Por favor...

— Vem aqui, não chora. — Ele me beija novamente e, por Deus, eu nunca recebi beijo mais emotivo. Sua língua parece percorrer cada canto de minha boca, seus dedos emaranhados em meu cabelo não deixam que eu me afaste. Quando nossos lábios se separam, Vicente distribui beijos

por todo o meu rosto, tentando secar as lágrimas que não param de cair.

— Não vai... fica, Vince, não vai.

— Eu te amo, pequena. Não chora.

Argumento, choro, mas não consigo fazê-lo mudar de ideia. Logo estamos descendo as escadas e encontramos os funcionários no estacionamento, aguardando por ele. Todos os funcionários da pousada, inclusive os que não trabalhariam hoje, vieram se despedir. Ele não esperava, mas, após trinta dias, o *fã-clube do panaca* está todo rendido a ele.

E, por falar em panaca, ele também veio se despedir. Parado na porta de sua casa, Eric vem em nossa direção quando nos aproximamos, me deixando ainda mais tensa do que eu já estou.

— Boa viagem, Vicente.

— Obrigado. — Ele aperta a mão que lhe está sendo oferecida. — Por tudo.

Alguns diriam que essa súbita aproximação é muito suspeita, mas eu não estou com meu emocional em dia para prestar atenção nisso.

Não demora muito até o táxi chegar e, em silêncio, Vicente fica observando o taxista colocar sua mala no porta-malas, até que, com um olhar, o

PERIGOSAS NACIONAIS

homem diz a ele que está pronto para partir. E se estava tudo difícil demais para digerir até agora, ficou insuportável de aguentar o que veio a seguir.

— Vince...

— Assim que chegar ao Brasil eu te ligo, ruiva.

— Eu te amo... — sussurro, o rosto grudado em seu peito.

— Eu te amo mais.

Talvez por entender que não ficaria mais fácil do que isso, Vicente apenas me beija mais uma vez e entra no carro, batendo a porta, com força. E eu fico parada na calçada, sozinha, vendo o carro descer a grande alameda. O mês que vivemos passando em minha mente como um filme. Todos os beijos, todas as promessas, todas as noites que passamos juntos.

Alguns metros à frente o carro para, fazendo meu coração disparar. Eu sequer penso duas vezes e desço a alameda, correndo, vendo Vince descer do carro e vir ao meu encontro, os braços abertos a me receber. Ele me abraça tão forte e tão apertado, que tudo o que eu quero era ficar dentro deste abraço, até o fim da minha vida.

— Eu não consigo... — ele murmura e eu o

PERIGOSAS ACHERON

seguro pela jaqueta, puxando seu corpo para mim quando ele se afasta, e nossos lábios se encontram novamente.

Um beijo desesperado, apaixonado, cheio de significado. Há medo, há saudade, há vontade. Um grito para que o tempo pare e que ficássemos assim, para sempre.

— Você tem que me prometer que vai ser feliz, Foxy — ele sussurra, ainda em meus lábios e, confusa, eu o afasto.

— Por que está dizendo isso? — pergunto, mas ele somente nega com a cabeça.

— Você mudou a minha vida, Maria Luiza. Me deu algo que eu nunca tive. Nem eu sabia o quanto eu queria me sentir querido, amado, importante. O quanto eu queria ser suficiente para alguém. Mas você se deu *pra* mim, você foi minha, sem pedir nada em troca.

— Vince... — alerta, odiando o tom de sua VOZ.

— Eu falei esse mês inteiro o quão maravilhosa você é. E eu quero repetir isso para o resto da vida, Malu. Você é uma rainha. A minha rainha. Nunca deixe ninguém te fazer pensar o contrário. Te fazer pensar que não é capaz, que é

inferior.

Vince fala uma palavra atrás da outra, sem sequer respirar, me apertando junto ao seu corpo, nossas testas grudadas. Um desespero latente, como se essa fosse a última vez que ele tivesse a chance de me dizer isso tudo.

— Para de falar assim... como se nunca mais fôssemos nos ver.

— Eu amo você. Vou sempre te amar, até meu último segundo. Nunca se esqueça disso.

Em um rompante, ele me solta e entra no carro, que arranca em velocidade. Foi uma despedida, eu não tenho dúvidas, só não consigo entender o porquê. Sem conseguir ficar em pé, o corpo todo trêmulo, eu me ajoelho no chão, acompanhando o carro preto até sumir de vista.

— *Mo chridhe*, vem comigo. Não fica assim, vem...

Eric me ampara nos braços e me acompanha de volta até a pousada. Nunca mais conversamos, e eu sequer entendo o porquê de ele estar aqui.

— Ele te chamou? Vicente te chamou? — Ele confirma, me deixando ainda mais confusa.

— Ele não queria que você ficasse aqui sozinha. Me falou que te viu aqui um dia, solitária,

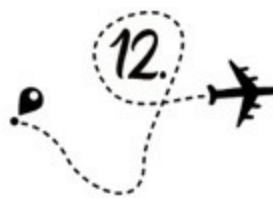
e disse que arrebentaria a minha cara se isso se repetisse.

— Ele não vai voltar?

— Fica tranquila, *mo chridhe*, Vicente nunca te abandonaria.

Eric me dá um sorriso sincero e carinhoso, mas esqueceu talvez que eu sou bem observadora e o conheço bem. Seja lá o que eles tenham conversado, é mais do que está me contando. E que só me dá uma certeza: Vicente havia se despedido de mim, de forma definitiva.

Uma visita curiosa



Vicente

Quanto o taxista arranca com o carro, doí tanto deixar Maria Luiza para trás que eu preciso me curvar no banco. Devo ter soltado algum ruído porque o pobre homem me olha pelo espelho retrovisor, perguntando se está tudo bem.

Como estaria tudo bem? Eu sei que estou magoando minha menina, de novo. Eu a ouvi comentar com Rose que iria a Edimburgo comigo este final de semana, me levaria até o aeroporto e... eu não podia fazer isso. Se o que ela sente por mim for minimamente equivalente ao que eu sinto por ela, ficar naquela sala de embarque vendo o avião decolar seria cruel demais. Muito mais do que a deixar aqui, na pousada, cercada de pessoas que a querem bem. Que irão cuidar dela para mim.

Talvez eu esteja indo embora para sempre. Eu fiquei esses trinta dias sem ligar meu celular, sem ler mensagens ou e-mails, completamente desconectado da minha vida. Não queria saber de nada, a única coisa que me importava era Maria Luiza, eu queria dar a ela todos os meus minutos.

Mas não pude evitar de fazê-lo hoje e... está tudo tão complicado.

As ameaças não cessaram. Os ataques, muito menos. O meu apartamento foi incendiado, perdemos mais agentes em ataques recentes, e já tentaram resgatar Camacho mais duas vezes. Várias mensagens pedindo para eu voltar. E Rodrigo implorando para que eu fique. Como eu poderia? Só de imaginar que Malu correria riscos porque eu decidi abandonar esse caso, é motivo o bastante para eu retornar, e encerrar isso, de vez.

Seria muito prático para mim, ficar por aqui e fazer de conta que nunca fui delegado de polícia. E passar o resto da nossa vida olhando por cima dos ombros, esperando que alguém aparecer por aqui a mando deles.

Não. Essa não é uma opção.

Olho pelo retrovisor e posso ainda ter o vislumbre da minha mulher parada no meio da avenida, abraçando o próprio corpo, vendo o carro descer lentamente. Será que eu disse o bastante? Será que ela entendeu o quão importante ela é para mim? Se eu nunca mais voltar, eu deixei claro tudo o que ela fez por mim?

Não consigo ir embora sem ter essa certeza.

Não consigo.

— Para o carro um minuto, por favor!

O pobre homem freia, mas ele talvez esperasse que eu fosse realmente pedir isso, tão baixa estava a velocidade. Abro a porta e, olhando para trás, vejo Malu descer a rua correndo ao meu encontro. A vontade de largar tudo para o alto é tão *fodidamente* grande que, *porra*, demanda muita energia simplesmente não pegar minha mala de volta e dizer a ela que estou ficando, para sempre.

Abro os braços e ela se joga de encontro a eles, eu aperto o enlace e fecho os olhos, relembrando tudo. Os últimos meses desde quando a vi pela primeira vez. Me lembro de ter acordado aquela manhã com uma sensação diferente no peito, na época eu pensava que tinha a ver com o meu trabalho, mas, não... era ela chegando em minha vida. Derrubando paredes, preenchendo espaços, me dando um sentido que, até então, eu não tinha.

Abro meu coração para ela. Não posso ser *filho da puta* o bastante para deixar claro que talvez nunca mais nos veremos, mas acho que não sou sutil o bastante para mascarar isso. Eu só não posso deixar de dizer essas palavras, não posso ir sem que

ela saiba. Eu preciso ser claro e cristalino acerca dos meus sentimentos. Ela percebe, claro, e isso faz com que eu me sinta ainda pior. Me sentindo um burro por ter parado o carro, porque se ela estava triste antes, parece devastada agora.

Não tenho mais o que dizer. É entrar no carro ou abrir o jogo, e eu sou covarde demais para abrir o jogo com ela. Me afasto, sentindo um frio desgraçado no processo, e entro no carro, implorando para o motorista sair o mais rápido que ele conseguir. Ainda dá tempo de ver Malu sentada no meio da rua, aos prantos, e Eric se aproximando, para a consolar.

Eric.

Aquele ardor no peito ao pensar nele ainda existe, mas a última semana havia sido essencial para eu perceber que eu não deveria tratá-lo como inimigo. Minha Foxy ficava em desespero, pobrezinha, quando eu estava em algum ponto externo da pousada e o ruivo aparecia na varanda de sua casa. O seu olhar sempre procurando algo pelo casarão. Cuidando dela.

E isso, ao mesmo tempo que me irritava, me dizia que não precisaria me preocupar com ela, caso algo me acontecesse. Precipitado? Talvez.

Maluco? Com certeza. Mas eu precisava disso. Saber que ela não ficaria aqui sozinha nunca mais.

— *Tem um tempinho para mim, Eric? — Me aproximo ao, mais uma vez, notar que ele está na varanda, buscando Malu pelo perímetro.*

Ele se sobressalta, não tinha me visto chegar e eu acho graça em como ele me analisa, olhando em minhas mãos, o coitado deve ter pensado que eu estaria armado, ou algo do tipo.

— *Claro, pode entrar...*

A casa dele é bem... diferente. Talvez seja um estilo escocês de residências, não sei, parece muito casa de vó. Tudo antigo, de madeira escura, porta-retratos espalhados pela sala. Nem parece que é um casal de jovens quem vive aqui. Ele aponta para o grande sofá de couro e eu me sento, sendo seguido por ele.

— *Eu vou embora no domingo, Eric.*

Um suspiro alto sai de suas narinas, e o corpo se inclina para a frente, pesaroso.

— *E Luiza vai com você... — Nego, e ele parece surpreso.*

— *Não, ela não vai. Ela precisa cuidar disso aqui, é o trabalho dela. A vida dela está aqui, e você sabe bem disso.*

— Entendo... — Ele cruza os braços, e encosta no sofá. Uma pose que se divide entre curiosa e desafiadora. — E você veio me visitar para ter a certeza de que eu vou ficar longe dela.

Um sorriso involuntário toma meus lábios, como resposta ao seu.

— Muito pelo contrário. Eu vim pedir a você para cuidar dela.

E é a minha vez de cruzar os braços e recostar no sofá, enquanto vejo o rapaz abrir e fechar a boca, meio sem saber como reagir ao meu pedido.

— Tudo bem, brasileiro. Qual é a pegadinha?

— Não tem pegadinha, Eric. O fato é que ela chegou aqui meses atrás, e... não preciso te lembrar, você sabe o tamanho da merda que eu fiz. Mas você não ficou muito atrás, a primeira coisa que fez foi sair correndo e a deixar aqui, sozinha.

Acusando o golpe, ele se levanta, na defensiva. Mas eu nem o deixo argumentar, porque se vier com desculpa esfarrapada, sou capaz de arrumar confusão, e não estou aqui para isso.

— Não quero saber dessa pose de ofendido, depois você choraminga para o pé de salsinha que

tem plantado ali atrás. Sabe que não é mentira, levou um não no meio das fuças e saiu correndo.

— Eu não consegui ficar, Vicente. Já era difícil não a ter. Vê-la jogando tudo para cima por sua causa era demais para aguentar. Porque, sim, ela deixaria tudo isso cair abaixo só para estar com você, e não estou te vendo fazer o mesmo por ela. Está a deixando de lado, mais uma vez.

— Estou a colocando acima de tudo, o problema é que eu não quero que ela fique sozinha neste fim de mundo. Foi doloroso pra caralho vê-la sentada ali, em frente ao lago, sem viva alma para conversar. Ainda mais, sabendo pelo que ela tinha passado aqui.

— Vai ficar jogando isso na minha cara para sempre, não é?

— Vou. Porque fomos dois imbecis, sabíamos que ela tinha sido atacada. Eu estava lá no Brasil, resolvendo as minhas merdas, mas você estava aqui do lado. E, mesmo assim, foi embora e a deixou sozinha.

— Eu fui, porque vi que aqui não tinha nada para mim. Mas não a deixei desamparada, apesar de ela pensar assim. Eu cuidei dela, mesmo à distância, cuidei de cada passo da segurança

deste local, junto com Joseph, o segurança. O esquema todo foi modificado pensando na segurança dela. Mesmo longe, eu estava cuidando da Malu, só não fiquei fazendo propaganda.

— Sim, mas o apoio de quem ela confiava, ela perdeu. — Dou de ombros e ele suspira, talvez cansado de argumentar. Deve ter percebido que comigo não adianta muito.

— Quanto tempo você vai ficar longe? — ele pergunta e, resignado, conto a ele como está a situação no Brasil quando eu parti e por que eu estou voltando. Não precisa ser nenhum gênio da lâmpada para chegar a mesma conclusão que eu.

— Acha que vai morrer... — Dou de ombros, mas desvio o olhar. Pensar nisso é doloroso, não é algo que me agrada, ainda mais agora que eu tenho Malu em minha vida.

— Eu não quero que entenda errado. Eu acho Malu perfeitamente capaz de se virar, ela, inclusive, provou isso nos últimos meses, carregou esta pousada aqui nas costas lindamente. Não quero ninguém aqui para tomar os louros dela. Só que... se acontecer algo comigo, eu não a quero sozinha neste fim de mundo. As amigas dela estão em outro país. Tony e Marco têm sua vida

arrumada longe daqui, todo mundo já tem o rabo bem coberto...

— E pensou em mim... — Ele se senta, novamente, e esfrega a mão na barba, pensativo. — Vicente, não sei se o que me pede é muito justo. Porque, vejamos, eu gosto da sua mulher.

— Eu sei disso.

— E eu tirei meu time de campo porque vi que era um caso perdido para mim.

— Eu também sei disso.

— E agora você me diz que vai embora, deixa um talvez no ar e, mesmo assim, quer que eu fique por perto, cuidando da sua mulher? Ou você me odeia, imensamente, ou confia demais no seu taco.

Como vocês bem sabem, eu não passo recibo, ao menos não deliberadamente. Ele não precisa saber a dificuldade que é, para mim, pedir isso.

— Eric, marcha lenta do jeito que você é, eu claramente não preciso me preocupar. Malu estará com sessenta anos e você ainda pensando se está na hora de tentar alguma coisa...

— Você é um filho da puta, mesmo...

— Nunca neguei. Aliás, acho até bem

apropriado esse termo. Mas voltando ao assunto, é matemática simples, você mora aqui na frente. Este é o seu país, não precisa abandonar nada. Só continuar sendo para ela o que você sempre foi.

O ruivo fica me observando por um tempo e eu quase posso ver as engrenagens de sua cabeça se mexendo, trabalhando, tentando encontrar alguma pegadinha no meu pedido ou a forma mais rápida em que ele vai se ferrar. E eu continuo aqui, sentado, recostado no sofá, braços cruzados e um meio sorriso no aguardo de sua resposta.

— Ela sabe? Que você corre perigo?

— Não. Eu não consegui contar, não pretendo também. Se ela souber, com certeza irá atrás de mim. E lá, Malu corre perigo.

— Deveria deixar ela decidir isso...

— Eu sei — novamente me pego enrolado na mesma situação que nos separou a princípio —, mas eu não consigo, Eric. Colocá-la em perigo deliberadamente, eu não consigo.

— Eu vou ser bem sincero, Vicente. Você sequer precisaria me pedir para tomar conta dela. Eu faço isso involuntariamente, e continuaria fazendo com sua anuência ou não. Não se preocupe, ela estará bem segura...

A vontade de esquecer essa conversa toda passa a ser gritante, mas no fundo, eu sei que estou fazendo a coisa certa.

— Por que eu pedi ajuda a você, mesmo?

— Porque eu sou irresistível... — Ele ri, e se levanta. — Agora, só uma coisa... você mesmo disse que Malu é capaz de se virar. Despertou a fera, camarada, talvez terá que lidar com ela.



A viagem de volta se torna infernal. Mais de dezoito horas de voo, combinadas com uma espera de 4 horas em Londres, me deixam completamente exausto. Quando o avião pousa no aeroporto de Guarulhos, passa das cinco e meia da manhã e eu fico, honestamente, um tanto quanto perdido. Sem lugar para ir, sem saber como proceder daqui em diante.

É como se minha vida estivesse no limbo e, vou lhe dizer, que sensação horrível do *caralho*.

Saco o celular, o mantive desligado desde que saí da pousada, evitando qualquer tipo de mensagem que acabaria com a minha já pouca vontade de partir. Instantaneamente uma mensagem

PERIGOSAS ACHERON

recebida pisca na tela.

Malu: *Não vou suportar ficar sem você por aqui.*

Vicente: *Te amo pra sempre, Foxy. Logo a gente se vê.*

Dizer que já estou com saudade dela é redundância demais. Eu já sentia saudade assim que entrei no táxi e fechei a porta. É um sentimento muito louco esse, quase uma dependência independente, como se eu necessitasse estar perto dela — ou ao menos saber que a verei em breve — para funcionar direito. E essa incerteza que eu trago no peito está deixando tudo muito mais difícil de lidar.

Ouçó um assovio ao redor e levanto o rosto, vendo Rodrigo parado, um pouco mais adiante, com cara de poucos amigos. Avisei a ele meu horário de chegada, assim que comprei minha passagem ontem, e ele ficou um bom tempo tentando me fazer mudar de ideia.

— Você é mais teimoso que uma mula! — Posso ouvi-lo dizer, enquanto eu ainda me aproximo.

— Olá, para você também, e não quero ter que me explicar novamente. Meu apartamento está

mesmo inabitável?

— Jura mesmo que você voltaria para lá? *Porra*, Vicente... a Natália entrou lá, tacaram fogo naquela merda, e você quer voltar? Tá *vida loka*, cansou de viver, algo do tipo?

— Machucou alguém? — Ignoro de propósito a provocação, enquanto caminhamos até a viatura. Williams também veio, e agora notei que ambos estão de uniforme. — Estão indo para alguma operação?

— Sim. Operação “salva rabo de Vicente”. Tem um colete para você no banco de trás, faça o favor de enfiar aquela merda e não tirar mais. Tome banho com aquilo, se precisar. — Cumprimento Williams e me sento no banco traseiro da viatura, meio que me sentindo um garoto de dez anos de idade tomando bronca. — Sobre o apartamento, não machucou ninguém, mas o síndico está encrocado. Já estávamos investigando por conta da Natália, e agora mais essa o deixou em maus lençóis.

— Descobriram algo?

— Somente que ele tem algumas dívidas e uma filha de dezessete anos.

Acho curioso. O síndico do prédio não é

gente boa como Jarbas, o porteiro, mas nunca aparentou estar metido com essa bandidagem. O fato de estar cheio de dívidas não é o que mais me chama a atenção, mas, sim, ter uma filha adolescente, que pode ser uma fonte de chantagem da LIB, o obrigando a fazer o que eles querem.

Nos mantemos em silêncio pelo resto do percurso, a tensão é palpável porque dois dos três ataques a nossos agentes foram feitos de surpresa, no trânsito. Williams é um excelente motorista e segue cortando caminho e indo pelos locais menos óbvios até o bairro onde Rodrigo mora. Claramente não tão mão de vaca como eu, ele mora bem, num condomínio bem mais seguro, onde vivem outros policiais e um juiz federal.

O apartamento é grande e o quarto de hóspedes já está à minha espera. Dona Leila, mãe dele, está à nossa espera e me dá um daqueles abraços longos e reconfortantes, antes de puxar minha orelha e me dar um tapa na lateral da cabeça.

— Não tem mais idade para molecagem, Vicente! Não te avisaram o inferno que está isso aqui?

— Saudade da senhora também... — Afago seu rosto, tentando aliviar sua expressão

preocupada, enquanto ela nos leva até uma mesa posta com o café da manhã.

Rodrigo sempre evita falar sobre as operações na frente da sua mãe, aquela velha proteção de sempre, mas, neste caso, é impossível manter segredo. Cada bomba que estoura, a mídia explora incansavelmente, chegando a ter uma linha do tempo em um grande portal de notícias, mostrando nossos avanços e derrotas. Passo a passo a operação Dublê é destrinchada, a partir da morte de Bruno, e talvez com o destaque da mídia, a LIB acabou ficando mais animada.

Bandido sempre gosta de propaganda gratuita, sabe como é...

— E meu nome é citado nesse portal?

— Acham que iam deixar o *delegado gato da Federal* sem ser notícia?

Esfrego o rosto, nervoso.

— Malu vai ler essa merda...

— Alma gêmea, cara. Se você espera menos dela, não a conhece, realmente...



Malu

PERIGOSAS ACHERON

Entrego todo o cronograma do mês à Freya, que está se mostrando mais empolgada que o normal nos últimos dias. Confesso que dei muita sorte, mesmo, ao contratá-la para recepcionista. A bela menina, mais parecida com uma modelo, está cursando Turismo e apareceu um dia na pousada, procurando emprego. Na verdade, ela queria uma chance, já que nunca tinha trabalhado no ramo, e eu pedi a ela que me convencesse. Sem nenhuma experiência, mas muita desenvoltura, a diaba me ganhou nos primeiros cinco minutos, e vem sendo essencial nos últimos meses.

— Não aceitou nenhum casamento, então?

— Ela passa a organizar as fichas dos hóspedes que fizeram reserva nos próximos meses, e eu apenas balanço a cabeça.

— Nenhum, além dos que já estavam certos. Liguei para todos que esperavam confirmação de reserva e já os dispensei, assim todos terão tempo de procurar um novo espaço. Não estou com cabeça para eventos desse porte.

Continuo organizando a papelada quando sinto sua mão segurando a minha, por cima do balcão. Fico um tempo parada, olhando para os papéis e, em seguida, a encaro e preciso respirar

fundo porque eu bem sei o que ela tem a dizer.

— Vai dar tudo certo, Luiza. Ele volta logo...

Quando Vicente partiu, há dois dias, eu pirei. Não conseguia entender o porquê aquilo me parecia uma despedida definitiva, e então resolvi monitorar as notícias sobre a polícia federal paulista, fazendo uma busca mais detalhada pela internet. As notícias variavam da morte do tal *DuBom* até a morte do delegado Bruno, e a única certeza que eu tinha no momento era que Vicente saiu daqui direto para o olho do furacão.

A princípio, a minha vontade foi telefonar a ele, imediatamente, e xingar até a sua quinta geração. Mas não foi difícil entender sua motivação. Se eu não soubesse, não me preocuparia por antecipação. Foi cretino, mas cuidadoso, e em consideração a isso eu apenas passei uma mensagem dizendo que eu não suportaria ficar sem ele.

Verdade maior que essa, não existe, e vale para todas as situações.

No entanto, saber me deixou péssima. Há dois dias eu mal como, não consigo dormir, e fico o tempo inteiro livre com o celular nas mãos,

navegando por portais brasileiros à espera de notícias que, eu sei, não virão por ele. E Freya tem sido uma companhia e tanto nessas horas, o seu jeito leve acaba sendo uma distração, ainda que momentânea.

— Espero que sim...

Um barulho chama nossa atenção e quando nos viramos, damos de cara com minha cunhada, Adriana, entrando carregada de malas, seguida por sua filha. Um adendo aqui para dizer que Mia parece *minha* filha. Se você pegar uma foto minha, na idade dela, poderá até confundir pela semelhança.

Foco, Malu.

Adriana circunda o balcão, passando por Freya e me toma nos braços, em um abraço apertado de urso, uma de suas marcas registradas. Apesar de nos falarmos toda semana, lembro que não nos víamos pessoalmente há mais de um ano.

— Que saudades de você, Malu!

— O que fazem aqui? — pergunto, me desvencilhando do seu abraço e olhando para a porta, procurando por Tony. Ele nunca, NUNCA, permite que elas viajem sozinhas.

— Recebemos uma visita muito curiosa em

casa ontem. — Ela faz um certo suspense, rindo frente à minha cara de impaciência. — Eric foi nos visitar.

— ERIC? Por quê?

— Foi nos contar as estripulias do seu namorado, Maria Luiza!

Ouvir a voz do meu irmão, em um período tão complicado, acaba me quebrando um pouco. Eu tenho tentado me manter forte, não querendo surtar, enchendo minha cabeça de trabalho para não pensar em uma desgraça iminente, e tentando encontrar uma forma de pegar um avião e voltar ao Brasil. Suspiro fundo, e me viro, encarando seu sorriso de tubarão que morre, assim que olha para mim.

— Não aguento mais ver você chorar por causa desse homem, Maria Luiza!

— Se você veio até aqui para criticá-lo, acho que pode pegar o caminho de volta. Talvez tenha se esquecido do que eu lhe disse da...

— CALMA, MALU! — ele diz, rindo, e vira para minha cunhada. — Não te falei que parece um galo de briga, defendendo o delegado?

— Por favor, Tony... — Sento-me novamente no banco de madeira que temos atrás do balcão da recepção. — Hoje não é um bom dia.

O aparelho celular vibra em minhas mãos, indicando uma nova mensagem e todas as vezes que isso acontece, eu só falto desfalecer, esperando uma notícia ruim. Mas, como acontece desde que Vicente partiu, é somente Raquel mandando uma figurinha no aplicativo de mensagens, Samuca aprendeu a fazer e agora é esse inferno diário.

Eu sei que ela faz isso para saber se eu estou bem, desde que vim para cá e houve toda aquela confusão, não nos falamos direito, então somente respondo com um *joinha* e levanto a cabeça para encarar Tony ajoelhado na minha frente, a expressão séria, me analisando como que a procurar algo. E, apesar de termos brigado, nossa relação não mudou. Ele ainda é o meu irmão mais velho, protetor e preocupado que aterrissou aqui ao, provavelmente, imaginar que eu estaria destruída por dentro. E esse é um motivo grande o bastante para me fazer apenas respirar fundo, e não perder a cabeça.

— O que Eric foi fazer em sua casa?

— Pedir ajuda... para você. Me convencer a ficar aqui tomando conta de Fonhill, enquanto você tenta a sorte indo ao Brasil atrás de Vicente.

A revelação acaba sendo um tanto chocante

para mim. Assim que eu descobri o que realmente estava acontecendo no Brasil, fui direto até a casa de Eric. Tinha ficado muito claro para mim que Vicente o tinha alertado, e deixado ele tomando conta de mim aqui. E eu, claro, fiquei furiosa com a armação desses dois idiotas. Mas Eric não estava, sua irmã apenas disse que ele tinha viajado.

Para a Irlanda, posso ver agora.

A sensação de que, talvez, eu vou conseguir viajar de volta ao Brasil faz meu coração disparar. E um sorriso involuntário toma meu rosto o que, claro, chama a atenção de meu irmão.

— Malu, você sabe que eu amo você. Nós fomos criados, os cinco, como irmãos, mas... somos nós dois. Anthony e Maria Luiza, sempre fomos nós dois contra o mundo. — Sorrio, um filme de nossa infância passando em minha memória de todas as vezes que Tony havia sido meu super-herói. — E eu não aguento te ver triste desse jeito, minha irmã. Mas arrebenta comigo a ideia de que, talvez, esteja contribuindo para que você se machuque.

— Tony...

— Se Vicente não te disse nada, é porque sabe que está perigoso. Nesse ponto, ele foi mais

inteligente que o ruivo burro. Que poderia aproveitar esse período para te ganhar e...

— E fazê-la infeliz para o resto da vida — Eric completa, aparecendo logo atrás de nós. — Porque ela não me ama, Tony. Ela ama o enroscado brasileiro, e o cara está lá, na merda, sabe-se lá o que pode acontecer com ele. Se fosse eu, iria querer estar perto. Se ela fica feliz ao lado dele, deixe-a ir e fique aqui, tomando conta. Acho que está na hora dos irmãos da Malu fazerem algo por ela, no final das contas...

— Vocês não estão pensando direito. O delegado disse que é perigoso...

— Será perigoso aqui ou lá. Em uma situação extrema, você não iria gostar de ficar separado da sua família. Eu também não. Vale o mesmo para eles...

Ele não me olha nem uma vez sequer, mas eu, na verdade, não esperava por isso. Mesmo assim, me levanto em um salto e vou até ele. O escocês alto até tenta se manter indiferente, mas acaba me encarando, assim que eu paro à sua frente.

— Obrigada... — digo, baixinho, e ele me devolve um meio sorriso, que não alcança os olhos.

— Qualquer coisa por você, *mo chridhe*...

Toda a mágoa que eu sentia por ele parece ter desvanecido com esse simples gesto. O enlaço pela cintura, em um abraço apertado de gratidão, e sou retribuída imediatamente. E agora só me resta convencer a parte mais difícil...

— Nem adianta vir me pedir nada, Maria Luiza. Sabe o que eu penso sobre você arriscar a sua vida e...

— Tony, querido... cale a *porra* da boca!
— Adriana diz, com sua voz suave. — Eu acho que já passou da hora de você parar de agir como se fosse guardião do portal que se tornou a boceta da Maria Luiza.

Fico feliz de Adriana ter dito isso em português porque entre hóspedes e funcionários, não posso dizer que o nosso saguão se encontra vazio. Fico dividida entre acompanhar as reações de Mia, rindo com a boca tapada por uma das mãos e Tony, completamente perplexo.

— *Honey*...

— *Honey* o *cacete*! Chega! Quando você decidiu largar tudo no Brasil e vir para a Europa, não pensou duas vezes em usar Maria Luiza para convencer os seus pais... *e os meus*. E ela foi

PERIGOSAS NACIONAIS

incansável, mesmo chorando por viver longe de você, foi incansável porque sabia que você seria infeliz se não viesse.

— Eu não estava em perigo aqui!

— Ela quase foi estuprada aqui, seu ruivo sem noção! Aqui também é perigoso, ora bolas!

— Mas aqui ela não fica sozinha e...

— Não fica? — Ela ergue a voz e, mais uma vez, ele não consegue falar e estou quase dando a fantasia de Capitã Marvel a ela. — Maria Luiza passou *meses* sozinha porque é rodeada de imbecis que acham normal e aceitável decidir as coisas por ela. Mesmo ela dizendo, em claro e bom som, que quer ficar ao lado dele!

E, se virando para mim, com um sorriso no rosto, ela pergunta:

— Quer ficar ao lado dele, não quer?

— É tudo o que eu mais quero...

— Pronto! — Adriana dá a volta no balcão e para em frente ao marido, que tem uma mistura de contentamento e estupefação no rosto. — Então, fica decidido assim, meu amor: ficamos aqui na pousada para ela viajar para o Brasil, ou então você viaja sozinho de volta para casa, enquanto eu fico aqui na pousada para ela viajar para o Brasil.

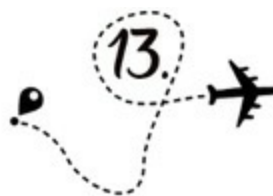
PERIGOSAS ACHERON

— Viajar sozinho?

— Sim, porque se você disser não à sua irmã mais uma vez, ficará solteiro.

Eu nem sabia que minha cunhada era meio psicopata, mas, confesso, adorei essa versão. Talvez precise de algumas aulas...

Deixa eu dizer que
te amo



Malu

A última semana havia sido muito corrida, e um tanto... diferente. Era desafiador ficar trocando mensagens com Vicente como se eu não soubesse de nada que estivesse acontecendo no Brasil, enquanto ele agia como se tudo estivesse na mais perfeita calma. E não estava, eu sei.

As notícias que saem a respeito da operação que ele é responsável são desesperadoras. A última que eu peguei dizia que seu apartamento havia sido incendiado e ele estava desaparecido, e eu teria pirado não estivesse em contato com ele o tempo todo. Ontem foram mais de duas horas ao telefone, jogando conversa fora e falando sacanagens, e ele sequer me disse onde está morando.

Bem, se ele pode me esconder coisas, eu assumo que também posso.

Eu compreendo a motivação dele. Juro que sim. Vicente é completamente protetor, é algo dele, e isso eu não vou conseguir mudar. Para o azar dele, eu também sou, então vocês já devem imaginar o quão complicada é essa equação.

PERIGOSAS NACIONAIS

Estive trabalhando incansavelmente para deixar tudo em ordem, inclusive, fazendo questão de checar qualquer entrave legal que possa aparecer e tendo a certeza de que Tony pode resolver, caso eu não estiver presente. Meu irmão, apesar de ter parte na pousada, sabe vários detalhes sobre o negócio em si e tudo o que eu não preciso é uma trapalhada épica acontecendo que... bem, atrapalhe a minha vida.

Acabei também me reaproximando de Eric nos últimos dias. O fato de ele ter ido atrás do meu irmão, tentando facilitar as coisas para mim, me mostraram que ele está dando o primeiro passo para voltar às boas comigo.

No entanto, notei que ele retornou dessa estadia fora de Kennoway muito diferente, mais calado que o normal, um tanto perdido. Não sei o que aconteceu com ele por lá, mas eu o vejo deslocado, sem saber como agir com as pessoas. Cheguei a ouvir Violet o cobrando por conta de crises de insônia, logo ele, que sempre foi um dorminhoco de carteirinha.

Então tentei colocar os *pingos nos is*, certa manhã, quando o vi sentado na varanda de sua casa, olhando para o horizonte, o pensamento longe...

PERIGOSAS ACHERON

— Oi, ruivo... podemos conversar?



Eric

Estou tão absorto em meus pensamentos que sequer vejo Luiza se aproximar. Eu odeio o que fiz com a nossa amizade, ela agora vive reticente, cheia de cuidados. Como se eu fosse um cristal prestes a quebrar. Mal sabe ela...

Me levanto para abrir o portão de acesso e ela entra, olhando ao redor.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não eu só... — ela diz, e olha ao redor, um tanto insegura.

Vê? É disso que eu falo. Essa incerteza, coisa que nunca aconteceu antes que eu, estupidamente, abrisse a minha boca. Eu deveria ter percebido que ela me via como um irmão, mas, principalmente, deveria ter levado em conta o tanto que eu conheço Maria Luiza e saber que o sentimento que ela nutre pelo brasileiro é diferente.

Os olhos dela brilham quando fala dele. Até o tom de voz dela fica diferente quando ela menciona o nome daquele grandessíssimo idiota.

PERIGOSAS ACHERON

— Já está indo para o Brasil?

— Vou no final de semana. Tony ainda tem algumas coisas para aprender, é meio tapado aquele lá.

Dizer que Tony é *meio tapado* é de uma redundância inacreditável. Quando estive em sua casa, dias atrás, eu mesmo poderia ter socado a cara dele quando eu contei o que estava acontecendo aqui e ele, estupidamente, achou que tudo ficaria bem.

Se ele visse o que eu vi. Se visse como eles ficaram quando tiveram que se separar...

O brasileiro também me pegou de surpresa. Violet me ligou, avisando que ele, finalmente, estava aqui e eu achei que seria um bom momento para voltar e fazer as pazes com Luiza. Com ele por perto, ela nunca pensaria que eu estava tentando forçar uma situação.

Quantas vezes algo que tinha tudo para ser certo pode dar errado?

Fui acusado de ser um usurpador. Fui acusado de ser mal-agradecido. Se eu não tivesse insistido, Maria Luiza sequer me ouviria. E no momento que fui me desculpar por ser um idiota, por ter estragado tudo, o brasileiro ouve o que não

devia.

Eu honestamente pensei que ele quebraria o meu pescoço ali. Fiquei perplexo quando ele não reagiu, muito pelo contrário, deu um show de civilidade.

— Você está bem, Eric? — ela pergunta, cuidadosa, e eu sorrio. Estou?

A pior merda que eu fiz foi sair de Fonthill e correr o mundo. Acabei por, de certa forma, perder tudo o que eu achava que era certo e correto em minha vida. Bagunçou tudo aqui dentro. Tudo.

— Estou tentando voltar ao que era antes, Luiza. Descobri que eu não sirvo para ser um cara do mundo.

— Aconteceu algo enquanto você estava fora?

— Ah, aconteceu... — Me sinto afundar no banco, em um gesto de, talvez, autopreservação, eu enfio a touca ainda mais fundo, ao mesmo tempo que sinto o rosto queimar. — Aconteceu que eu descobri que sou irresponsável. Não sirvo para andar por aí sem supervisionamento.

— Que exagero, Eric! — Ela ri, mas garanto que não iria rir, se tivesse me visto.

Ergo o pescoço, buscando mais uma vez a

casa dela. Será que ela irá aparecer novamente na janela? Não, com Luiza aqui do lado isso não acontecerá, ela não iria se mostrar assim. Ousada, desse jeito. Não iria...

A visão dela deixando cair o roupão está cravado em minha mente. Ali, na janela, se mostrando para mim. Me deixou tão fissurado que agora eu mal consigo dormir.

— Eric! — Luiza me chama mais uma vez, e eu balanço a cabeça, tentando voltar ao normal. Preciso tirar essa garota da cabeça, daqui a pouco tenho uma ereção aqui e só me faltaria isso para piorar a minha situação.

— Desculpe, Luiza. Eu... não ando bem. O que você dizia?

— Eu queria saber se você quer voltar a trabalhar em Fonthill...

Rapidamente corro os olhos em direção ao casarão. Trabalhar, ali? Será que ela sabe?

— Ainda confia em mim para esse trabalho?

— Nunca duvidei da sua capacidade como profissional. Eu fiquei brava com você, não vou mentir. Mas... compreendo.

Trabalhar em Fonthill era a minha vida.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sempre tinha sido, desde que eu era moleque, e depois veio a obrigação e então... veio Maria Luiza. Que me deu um propósito, fez eu me sentir produtivo, importante. E eu joguei tudo para cima por uma ilusão. Me iludi pensando que ela poderia ficar comigo um dia. Não prestei atenção na forma como ela me tratava, como falava comigo. Não prestei atenção em nada.

Nunca presto atenção em nada.

Eu adoraria voltar a trabalhar aqui, ainda com essa nova... situação. Mas a forma como Luiza me acusou ainda machuca.

— Acho que precisamos conversar direito, antes de você me chamar de volta, Luiza. Da forma como tudo ficou, eu não vejo como eu posso ser útil.

Decidida, ela se vira em minha direção, apenas esperando o que eu tenho a dizer e eu confesso que adoro essa nova versão dela. A Maria Luiza que eu deixei aqui, meses atrás, era uma mulher muito boa, competente, honesta, amiga, parceira. Mas era um tanto insegura, louca para agradar as pessoas, deixando qualquer um fazer o que bem entendesse ainda que não fosse o que ela queria.

PERIGOSAS ACHERON

Essa Maria Luiza de hoje tem fogo. É como se um fusível tivesse sido trocado, despertando a essência que ela trazia dentro de si. Bonito de ver, inclusive.

— Isso está me incomodando já há alguns dias, e eu preciso deixar claro, Maria Luiza, que eu nunca quis tomar o seu espaço aqui. A minha intenção nunca foi passar por proprietário, me perdoe se eu fiz parecer isso.

— É por isso que está desse jeito, acuado e enfurnado em casa? Por causa das coisas que eu te falei?

— São várias coisas, na verdade. Algumas... — volto automaticamente o olhar para a janela do casarão à nossa frente —... algumas eu não quero comentar a respeito. Mas tem isso também.

— Eu errei ao dizer aquilo, Eric. Não estava em um bom momento, acabei descontando em você. As coisas ficaram bem difíceis aqui quando você saiu. Mas... eu não esqueci tudo de bom que você fez. Cinco anos não foram apagados por um mês estúpido...

— Me perdoe também por ter virado as costas e te deixado aqui. Eu só precisava de um tempo. Não me arrependo de ter ido, eu precisava

me afastar, mas... aquele beijo e as coisas... as...
— Imagens daquele beco escuro em Inverness aparecem novamente em minha mente. Eu estava tão ensandecido de ciúme, me sentindo rejeitado, solitário.

Se eu, ao menos, soubesse que ela apareceria aqui em Kennoway.

— Ei, ruivo... — Sinto-a segurar a minha mão, novamente, me chamando a atenção.
— Aceita a minha proposta?

Mais uma vez Maria Luiza aparece em minha vida me dando chance de melhorar. Só espero ser merecedor dessa chance.



Malu

A vida continua dando voltas, mas desta vez eu não vou permitir me perder nelas.

Por muito tempo eu acabei enrolada em meu próprio destino. Aceitava tudo o que a vida me dava, para o bem e para o mal, e lidava com as consequências depois. Desta vez, não vou aceitar tão placidamente o que a vida me oferece. Não vou sentir o gosto do paraíso e deixar escapar de mim,
PERIGOSAS ACHERON

não sem lutar por ele.

Lembro-me de meu pai nos contando como ele se sentiu quando mamãe fugiu para a Escócia. Ele sabia que ela era sua *cara metade*, assim como tinha certeza de que ela quebraria a cara. Mas que preferiu esperar, viver, e conviver com a sua escolha. E vivia nos aconselhando para não seguir os seus passos, afinal de contas, quando se encontra um grande amor, não pode dar de bandeja para outro.

Sinto muito, destino... a jogada agora é minha.

Prendo o cabelo em um coque, e pego o boné que deixei na bolsa de mão e o coloco na cabeça, antes de sair da aeronave. Espero a maioria das pessoas saírem antes de mim, e com um sorriso simpático, me despeço da aeromoça e desço as escadas, recebendo o sol brasileiro no meio das fuças. Felizmente os óculos escuros estão à mão, o que facilita bastante, já que eu pareço um cabide ambulante equilibrando casacos nos braços.

É inacreditável a diferença no clima, saí da Escócia com aquele frio cortante para chegar aqui em São Paulo nesse sol escaldante, em plena oito horas da manhã. Ah, o verão brasileiro... e olha que

sequer começou!

Confesso que eu sinto um certo medo de estar aqui, sozinha. Imaginar que possa ter alguém seguindo meus passos, me aguardando no aeroporto, chega a me causar ansiedade. Vou andando entre as pessoas, aproveitando o benefício de estar de óculos escuros para analisar toda e qualquer pessoa que esteja no local, tentando captar qualquer movimento suspeito e correr, se necessário.

É horrível viver nessa paranoia!

Estico o pescoço, procurando a minha carona. Ontem à tarde, assim que cheguei a Edimburgo, fiz uma ligação para Samuca pedindo que me buscasse hoje no aeroporto. Como sei que as coisas no Brasil estão complicadas, achei que seria uma boa estratégia chegar ao país sem nenhum tipo de alarde. A minha intenção, na verdade, era avisar apenas meu irmão, mas levando em conta todo o entrave e o fato de ele estar sob proteção policial, acabei optando pela opção mais segura.

Opção esta que me espera de braços cruzados e um sorriso mole no rosto.

Sorriso que eu não retribuo. Ainda não

conversei com ele — ou com qualquer outra pessoa — sobre os meses infernais em que me esconderam coisas ou me deixaram de escanteio. Isso será algo para resolver depois, com todos juntos, mas, no momento, eu tenho coisas bem mais importantes para fazer.

— Fala, *goxto*. Que tanto de blusa é essa? — Ele me recebe com um de seus abraços de urso, e esse eu acabo retribuindo. Então ele passa a me ajudar com os vários casacos que trago pendurados no braço, enquanto eu saio empurrando o carrinho com minhas malas.

— Inverno, querido.

— Não sei como vocês aguentam. Eu morreria naquele frio, carioca não se cria no gelo, não...

— Vocês são muito exagerados. Calor em excesso também é muito ruim!

Ele ri, mas noto sua preocupação, olhando ao redor. Assim como o meu delegado, Samuel também vive com um alvo nas costas, apesar de ter me garantido que as coisas para o seu lado tinham acalmado desde que Vicente havia praticamente acabado com a organização. Mas era esse “praticamente” que atrapalhava a equação inteira,

enquanto o tal Alexandre não estiver preso, nenhum de nós terá sossego.

— Fez o que eu te pedi, Samuca? — Ele se vira para mim, rapidamente, mas em seguida já está olhando para todos os lados, acredito que buscando alguma movimentação suspeita. Eu tinha sido bem clara em meu telefonema, não queria que ninguém soubesse que eu estava voltando, nem mesmo Vicente.

— Eu fiz, Luiza. Mas achei temerário, Vicente precisa saber que você está aqui. Tudo o que ele fez foi para te proteger, e você chega aqui, desacompanhada, e sem aviso?

— Ele irá saber, Samuca... E chegar sem aviso foi a forma que eu encontrei para a tal organização não ser informada.

Obviamente eu soube, por ele mesmo, que tinha um agente me observando em Kennoway. Despistar o homem não foi a coisa mais fácil do mundo, claramente ele deveria ter ordens para não me deixar sair do país, mas acabei conseguindo, com a ajuda de Eric. Imagino que ele já deve ter dado por minha falta e deve estar arrumando uma forma de contar a Vicente.

Meu delegado vai enlouquecer, coitadinho.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tem conversado com ele? — Aceno, confirmando, e entramos em uma SUV preta, totalmente insulfilmada.

— Falo com ele todos os dias. Trocamos mensagens, telefonemas...

— Ele vai ficar muito puto.

Acabo não respondendo. Eu sei que se avisasse a Vicente que estava vindo, ele surtaria. Tentaria me convencer a ficar longe. E eu... não podia fazer isso. Não só eu *queria* estar com ele, como necessitava dizer isso, pessoalmente. Preciso que ele entenda que tudo o que eu quero é estar ao seu lado, tomando conta dele, dando-lhe apoio, como costumava fazer. Lá eu estava segura, mas ele está aqui então... ficar separados não faz o menor sentido.

Pouco tempo depois estamos estacionando em frente ao meu prédio. Seu João fica surpreso ao me ver e, coitadinho, pela expressão que ele tem, deve já estar se perguntando quando os problemas irão retornar a esse pacato local. O que ele não sabe, ainda, é que eu não pretendo ficar aqui. O prédio é adorável mas a segurança é precária demais para nós.

— Vou checar se está tudo em ordem... —

PERIGOSAS ACHERON

Samuca avisa, assim que passamos pela porta. — Se tivesse deixado uma chave comigo, eu teria cuidado das fechaduras, colocado umas câmeras de segurança aqui.

— Sam — brinco com seu apelido, e ele para a inspeção —, está tudo certo. Obrigada.

— Ainda está chateada comigo?

— Não vou mentir, Samuel, eu estou chateada com todos vocês, mas eu só vou falar sobre isso depois. Agora isso realmente não é importante.

Ele assente, e continua vasculhando o apartamento. Portas, janelas e lugares escondidos onde escutas e câmeras possam ter sido instaladas sem que soubéssemos. Depois que o apartamento de Vicente foi invadido por duas vezes, isso realmente é algo a ser considerado.

Quando ele se certifica que tudo está perfeitamente em ordem, se senta ao meu lado na sala, e eu já sei que vou ouvir sermão.

— Olha só, *goxtosa*, preciso te dizer que eu não concordo com nada disso. É muito perigoso e você sabe que pode estar se fazendo exatamente o que eles querem. Se tornando um alvo, tirando a concentração de Vicente, deixando a coisa mais

difícil do que já é.

— Eu sei disso, Samuca. — Suspiro, e recosto no sofá, olhando para o teto. — Como eu também sei que ele corre perigo. Como eu sei que ele se despediu de mim, pensando que não voltaria. Eu não posso deixá-lo sozinho agora.

Pacientemente então ele me explica que tem um policial de sua confiança de olho em mim, e não é como se já não esperasse por isso.

— Tem certeza que vai ficar bem, Maria Luiza? — ele me pergunta, antes de ir embora.

— Sim. E, Samuca? — Ele me olha, já do corredor. — Por favor, não avise ninguém que eu cheguei.

— Tudo bem, não vou falar para ninguém que se chama Vicente que você está no país.

A porta se fecha e fico aqui, olhando em volta e me lembrando de meses atrás, de como eu fui feliz neste lugar. Tomo um banho, acerto o celular para despertar em algumas horas e me deito para tirar uma soneca, parece que todo o sono do mundo resolveu baixar neste corpo na última semana, se eu pudesse passaria os dias dormindo. De forma automática, busco o travesseiro do lado, como acostumei fazer quando queria sentir o seu

perfume, nas horas em que ele não estava em casa. Aspiro, mas obviamente o perfume se foi há muito tempo. Sinto o sono chegar e abraço o travesseiro, destinando a ele um último pensamento, como se todos os anteriores não tivessem sido dele também.



Tive sorte com o trânsito, é sexta-feira, mas apesar disso a pista está livre. Olho o relógio, são sete da noite e, pelo que me informei, Vicente não sai da delegacia antes das oito, então eu tenho tempo. Espero ter sorte de encontrá-lo, planejei o meu dia inteiro baseado em me acertar com ele hoje, não consigo imaginar o que farei caso isso não aconteça.

Honestamente, não o ver hoje está fora de cogitação!

Desço do carro preto que o policial amigo de Samuel está dirigindo, casualmente agindo como um motorista de aplicativo, e paro em frente ao portão do estacionamento da delegacia, indecisa sobre o que fazer. Não querendo entrar e me anunciar, e ter que ouvir que ele não está ou desencontrar e não o ver saindo. Penso em ficar

PERIGOSAS ACHERON

parada aqui, mesmo fazendo de conta que estou tirando terra do sapato, mas isso não seria lá muito inteligente. Não, considerando todos os agravantes.

A noite está fresca, uma brisa suave balança meu cabelo e sinto frio, mas não por causa da temperatura, mas por causa do meu estado emocional. Não demora muito e sinto um já conhecido arrepio na base da coluna, como se alguém estivesse me observando e meu coração dispara, quase como um déjà-vu. Passo meu olhar pelo estacionamento, através do portão, e não vejo ninguém, mas fico com uma sensação sufocante, aquela ansiedade, a boca seca.

Ouçõ passos e vejo quando uma agente chega no portão de acesso a pedestres e o abre, se dirigindo a mim, me convidando a entrar. Não sei se a conheço, mas em meu estado atual eu não reconheceria a mim mesma se visse meu reflexo no espelho.

— Maria Luiza, certo? — Aceno, confirmando. — Eu sou a agente Diana. Não sabia que estava pelas redondezas. Está... procura por doutor Vicente?

A sua postura é desinteressada ou, ao menos, ela tenta parecer dessa forma. Mas a forma

como ela me olha, como se estivesse... decepcionada, diz muito sobre seus sentimentos.

— Estou, sim. Ele ainda está aqui? — eu pergunto, assim que passo pelo portão e ela o fecha atrás de si.

— Deve estar saindo, se você seguir por aqui — sigo o olhar para onde ela aponta —, vai acabar o encontrando.

Agradeço e me viro, seguindo adiante, mas antes de me distanciar eu paro, e a chamo.

— Não acho que seja preciso marcar território, Diana, porque Vicente não é o tipo de homem que eu precise ter esse trabalho, mas, ainda assim, vou dizer como garantia: eu vim para ficar.

— Não entendi, me desculpe...

A postura desinteressada dá lugar a uma tensão aparente, e o tremor em sua voz não a deixa disfarçar desta vez.

— Entendeu. Claro que entendeu. Até logo, Diana...

Vince já tinha me dito sobre como admirava essa agente, por seu trabalho e seriedade, e como ele tinha brigado com o outro delegado para mantê-la na equipe. Até eu, que sou mais besta, cairia de paixonite por um homem desses me defendendo em

um meio tão... masculino. E nesses últimos meses ela fez questão de se fazer presente, oferecendo amizade, o levando até a conhecer um abrigo de crianças.

Enfim, eu posso estar do outro lado do planeta, mas não sou besta.

Sigo caminhando até o espaço onde alguns carros estão estacionados e, de repente, o vejo saindo do prédio. Passos confiantes, vestindo uma calça jeans e uma camiseta simples de gola V, alheio a tudo ao redor. Rodando a chave do carro nas mãos, ele para ao lado de um Jeep branco e de cabeça baixa checa alguma coisa em seu celular. Sua presença toma todo o espaço, como se absolutamente nada mais tivesse importância ou fizesse sentido, me fazendo paralisar no lugar.

Noto como ele fica aturdido, lendo a mensagem no celular. A mão livre sobe até os cabelos, puxando-os nervosamente, a outra segura o celular enquanto ele faz uma ligação para alguém. Nervoso, mas impressionantemente lindo.

E então ele leva a mão à nuca e, lentamente, se vira para trás. Minha mente volta meses antes, quando o vi pela primeira vez, uma cena parecida com essa. Ele parado e me olhando fixo, tão lindo e

sedutor tal qual agora. Ignoro as minhas pernas terem virado geleia e meu estômago que agora habita toda a sorte de animais e não somente borboletas e vou ao seu encontro. Como deveria ter feito desde o primeiro dia.

Vicente fica parado, me observando chegar até ele, sem mexer um músculo sequer. Não demonstra nenhuma reação e eu não sei se por estar surpreso ou irritado, e pensar nisso me deixa um pouco apavorada, esperando uma negativa, uma reprimenda que eu, honestamente, não gostaria de ouvir. Nosso olhar se prende um no outro, e eu não consigo desviar.

Também não consigo respirar, se vale a observação.



Vicente

Me sinto incapaz de me mover, como se estivesse em um tipo de pegadinha e eu até chacoalharia a cabeça se conseguisse desviar meus olhos da visão que eu tenho agora: Maria Luiza, linda, vindo ao meu encontro. O andar não parece tão confiante, e posso ver que ela belisca o lábio

inferior com os dentes, algo que ela faz sempre que está nervosa ou insegura com algo, mas, ainda assim, ela continua, passo a passo, se aproximando.

Já eu? Mal consigo sair do lugar. Meu coração virou uma ala de bateria de escola de samba, o bumbo disparado no peito, batendo tão forte que o ar me faltará a qualquer momento.

Eu acabei de receber uma mensagem de Simon, o agente que deixei de olho nela, dizendo que ela tinha *desaparecido*. Poderia ter morrido nos segundos que se passaram entre ler a mensagem e tentar completar a ligação, até sentir mais uma vez aquele arrepio na linha da coluna me avisando que ela está por perto.

O que ela faz aqui? O que eu perdi?

— Foxy... — sussurro, com um certo medo de ser apenas um devaneio e ela sumir, assim que se posiciona na minha frente, e então seu perfume toma conta de tudo.

— Oi...

— Quando... — puxo o ar, tentando recuperar a voz —... quando chegou?

— Hoje cedo. Eu vim porque tenho tanta coisa para te dizer e isso não poderia ser dito por telefone, sabe? Aquelas chamadas de vídeo

impessoais também não me agradavam muito...

Ela fala de um jeito engraçadinho, dando de ombros e franzindo o nariz daquele jeito que eu tanto amo. E que poderia me distrair caso eu não estivesse tão nervoso e confuso.

— Dizer o quê?

Lentamente ela estica o braço, e alcança minha mão, esticada ao longo do corpo e ainda segurando a chave do carro. Com o dedo indicador ela percorre meu pulso, seguindo pela lateral da mão até alcançar meu dedo mínimo e, dessa forma, fechar sua mão pequenina na minha.

— Dizer que eu te amo, Vicente. E que ficar longe de você nunca vai ser uma opção. Você pode ter os seus pensamentos malucos e acreditar que eu estarei melhor longe de você, mas... isso não é verdade. Eu só fico bem do seu lado.

Eu ridiculamente fico paralisado, ouvindo, e ela então dá mais um passo à frente. Baixinha, precisa erguer o pescoço, o que me faz sorrir. Com a mão livre ela toca meu rosto, fazendo um carinho suave em meus lábios com o polegar.

— Eu também vou te amar até o meu último segundo só que... quero passar todos eles, do primeiro ao último, com você. Seja aqui ou do

outro lado do oceano, não importa. Você nunca mais vai ficar sozinho, menino bonito, porque eu não vou deixar.

Tudo é dito em um rompante, sem desviar os olhos e me causa um reboiço interno que eu não consigo controlar. Antes que me dê conta, estou puxando-a de encontro ao meu corpo, a trazendo para um abraço apertado, tão forte que acredito ter erguido seu corpo do chão.

— Que saudade de você, pequena.

— Não me afasta mais, Vince. Não me esconda mais as coisas... eu morreria se algo te acontecesse e eu estivesse longe. Prometemos não esconder mais nada um do outro, lembra?

— Eu tenho medo que isso te afete, Foxy.

— Seguro seu rosto entre as mãos, os olhos brilhando e o queixo tremendo indicam que o choro está por um fio. — Não quero que nada te aconteça, meu amor. Está tudo tão maluco por aqui...

— Você está bem? — Como se lembrasse de algo, os olhos arregalam um pouquinho e ela se afasta, me olhando dos pés à cabeça e as mãos tateiam como se procurasse por algo fora do lugar. — Está tudo bem? Seu apartamento, eu li...

— Agora está tudo certo. — Sorrio,

encostando minha testa na dela, a acalmando. A vontade de rir ao notar que ela está usando um sapato de salto e, ainda assim, eu preciso me abaixar para fazer isso. E então aquela mágica que só acontece quando estamos juntos se faz presente... Tudo em nossa volta some, desaparece ou congela, no universo inteiro só nós existimos, o silêncio se faz e o único som é o do meu coração batendo disparado dentro do peito. Imãs, como sempre nos puxando na mesma direção.

Pouso minha mão em seu pescoço, o polegar passando pelo seu queixo, mas ela, impaciente, gruda em minha camiseta e me puxa ao seu encontro. Trocamos um beijo cheio de saudade, cheio de sentimentos, com tanta coisa ainda para ser dita, mas que não podem ser traduzidas em palavras. Sua língua toca a minha e me rouba um gemido, e então me lembro de onde estamos.

— Nós dois temos uma fixação por estacionamentos, Foxy... — Ela ri, e olha ao redor, um sorriso safado despontando nos lábios.

— Esse, ao menos, não é no meio da rua.

— Eu perguntaria novamente na sua casa ou na minha, mas temos um pequeno problema. — Ela ri, e olha ao redor.

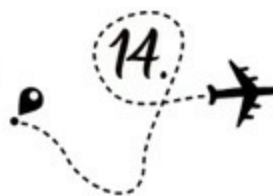
PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu arrumei o meu apartamento inteiro para esperar, Vicente. Mas eu vou para aonde você quiser.

Entre sorrisos, embarcamos e dou a partida. Nada parece tão certo quanto isso, ainda que todos os meus medos continuem por aqui, nos rondando.

PERIGOSAS ACHERON

Esqueça essa mágoa



Vicente

Ela voltou. Mal consigo acreditar que estamos aqui de novo. Me sinto em um sonho — erótico, devo apontar, mas, ainda assim, um sonho. Ignorando momentaneamente todos os meus receios, e todo o perigo que essa maluquice envolve, somente focando em quão bom é isso tudo.

Talvez para ter certeza de que não é um sonho, eu a seguro com firmeza pela cintura, auxiliando nos movimentos enquanto ela rebola *fodidamente* gostoso em cima de mim. A ouço gemer meu nome, daquele jeito que me enlouquece, e me impulsiono para a frente, sentando e a trazendo mais para perto, sabendo que nessa posição a pressão adicionada contra seu clitóris deixa mais gostoso para ela.

— Vince...

— Sou louco por você, Foxy.

Passo o braço em volta de seu corpo, na linha de sua cintura, quando ela se apoia nos joelhos para os movimentos ficarem ainda mais

intensos e não demora muito a sinto se contrair em volta de mim. Sua cabeça se apoia em meu peito e eu mergulho os dedos em sua cascata cor de cobre, enquanto acompanho seu gozo. Demorado e intenso. Um prazer quente explode em meu corpo, delicioso, e me deito de costas, a trazendo junto comigo. Mantendo-a deitada, grudada em mim, até nossos corpos voltarem ao ritmo normal.

— Você é gostoso demais... — Ela me beija, e acaricia meu rosto, cuja barba não é aparada há uns dias. — Está deixando crescer?

— Andei com preguiça. Quer que eu tire?

— Por mim, tanto faz, você fica gato de qualquer jeito. — Seus dedos ficam fazendo um carinho em meu maxilar. — Pediu mesmo para Eric tomar conta de mim?

Sorrio, balançando a cabeça. Tinha mesmo que me lembrar desse panaca logo agora?

— O que esse idiota te disse, aliás?

— A mim, nada. Tentei saber mais a respeito da conversa que tiveram, mas ele se fechou em copas.

Eu tinha ficado tão surpreso, chocado, emocionado e excitado com sua chegada e seu discurso, que não cheguei a perguntar exatamente o

que ela faz no Brasil ou *como* ela tinha chegado até aqui.

— Por que não me avisou que estava vindo, pequena? — pergunto e ela ergue o rosto, um sorriso triunfante brincando nos lábios como quem diz “agora você me paga!”.

— Pelo mesmo motivo que te levou a me esconder que a situação aqui no Brasil anda um tanto quanto... *complicada*, meu amor.

Você não pode ouvir o tom que ela usa ao dizer isso, mas eu posso e vou te dizer... se minha resposta não for aceitável, eu vou estar muito ferrado.

— Eu naufraguei meu brilhante plano no minuto em que decidi sair daquele táxi. — Sorrio, passando a ponta dos dedos por seu rosto, e descendo até a curva do pescoço. — Eu tinha certeza de que você iria atrás de respostas por causa daquilo, mas eu não poderia vir embora sem dizer tudo o que eu tinha entalado na garganta.

— Nem tudo você disse, no entanto...

— Aquilo não estava entalado... — Dou de ombros e ganho um tapa no braço, que me faz rir e a aconchegar de volta, a impedindo de se afastar.

— Não tem graça!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu vou te contar... já que está aqui, não faz sentido mesmo esconder as coisas. Mas, primeiro, me diga... como escapou de Simon?

— Digamos que eu contei com uma ajuda muito providencial...

Freya, a garota espoleta que trabalha na pousada, apresentou uma amiga da faculdade para o agente. A menina conseguiu distraí-lo por uma hora, que era o tempo que Maria Luiza precisava para chegar até Markinch e embarcar rumo a Edimburgo, com a ajuda de Eric.

— Como eu posso confiar em um sujeito desses para tomar conta de você? Não se ofenda, Foxy, mas capaz de eu dar duas tartarugas para ele tomar conta e uma delas fugir!

— Está me chamando de tartaruga, seu palhaço?

— Raposa... — A deito novamente na cama, quando vejo que ela irá se levantar, e me deito por cima dela. — A minha raposa. Minha Foxy...

Passo o nariz por seu pescoço mais uma vez, aspirando seu perfume e a sinto estremecer. E poderia recomeçar, se ela não tivesse se recuperado e segurado meu rosto, me pedindo para parar.

PERIGOSAS ACHERON

Passo então a detalhar tudo o que aconteceu desde que ela saiu daqui, cinco meses atrás. Não tem outra forma de iniciar a não ser pela ameaça que recebi de Fiote, de se vingar nela pela morte de Natália. Detalho tudo: a morte de Bruno, as emboscadas, o incêndio em meu apartamento, as ligações anônimas. Obviamente, ela chega à mesma conclusão que eu, consigo ver pela sua expressão assustada, a respiração descompassada e como suas mãos apertam minha cintura.

— Por isso, eu não queria te contar nada, Foxy. Não queria te ver nervosa. Olha só, já está toda tremendo...

— Eu não estou nervosa, Vicente. Eu estou apavorada! Porque se te acontece alguma coisa, eu sou capaz de morrer junto.

— *Shiu*, não fala besteira. Vem aqui, usa essa sua boquinha para outra coisa...

Trago-a para mais um beijo, tentando acalmá-la, e acabo me perdendo novamente em seu cheiro, em seu gosto, querendo viver aqui nos braços dela, enroscado. Amando e sendo amado. A empurro, deitando-a de costas no colchão e logo estamos novamente entregues e exaustos. Eu, ao menos, fico tão exausto que não demora muito para

o sono me alcançar.

Acordo um tempo depois e imediatamente olho para o travesseiro ao lado, quantas vezes repeti esse mesmo movimento nos últimos meses, para encontrar o espaço vazio? Me apavoro um pouco ao não ver Malu ao meu lado. Olho para o relógio de cabeceira, 5:20 da manhã. Aonde ela foi, tão cedo?

A luz do banheiro está apagada, então me levanto e saio à sua procura, para encontrá-la na cozinha passando um café, distraída com os seus pensamentos ao ponto de nem me ver chegar. Me aproximo por trás, a enlaçando pela cintura e deixando um beijo em seu pescoço.

— Por que está em pé tão cedo? Não consegue dormir?

— Costume com a rotina da pousada. E você, *tá* em pé por quê?

— Só consigo dormir bem com uma certa ruiva ao meu lado. — Não consigo me lembrar de uma única noite que tenha passado sozinho, depois de conhecê-la, em que não tenha dormido com a ajuda de remédios ou de álcool. E que não tenha me sentido um completo merda no outro dia por causa disso. E hoje, diferentemente, dormi feito um anjo e

só acordei porque ela não estava lá.

— Que decepção saber que te dou sono... —
Ela ri, e me estica uma xícara de café, e seguimos para a mesa, logo a estou ajudando, buscando as frutas e um bolo que foi comprado no dia anterior.

— Está sem fome? — pergunto, ao ver que ela deu apenas uma mordida em uma maçã e não tocou em mais nada, além disso.

— Acordei enjoada, fiquei o dia inteiro sem me alimentar ontem. Ainda teve a viagem e... enfim. Vai trabalhar hoje?

Sorrio frente à expressão ansiosa e, honestamente? Ainda que tivesse que trabalhar, daria um jeito de ficar em casa. Mas apenas nego, dizendo que estou de folga e que teremos o dia inteiro livre. Não demora muito voltamos para a cama, mas, diferente do que a sua mente pervertida imagina, nos deitamos e dormimos por um bom tempo. Sou despertado um tempo depois com o telefone tocando insistentemente. E o nome na tela me faz sobressaltar.

— Avellar.

— *Bom dia. Desculpe o horário.*

— Tudo bem, não tem problema.
Aconteceu alguma coisa, Vítor?

Ah, sabia que você ficaria surpreso. Essa foi só uma das mil coisas que aconteceram comigo, enquanto Maria Luiza estava longe, nos últimos meses. Depois do ataque que causou a morte de Bruno, visitava Fabio no hospital diariamente, até ele ter alta, e então o acompanhava às consultas e fisioterapia. Me matava ver o homem largado, sem família, e ainda ter que lidar com um período pós-traumático como esse. Com Vítor trabalhando no mesmo local, acabamos nos aproximando, ainda que de uma forma totalmente estranha para dois irmãos. De uma conversa estranha no corredor, migramos para um café, trocamos números de telefone... mas eu nunca pensei que ele realmente me telefonaria.

— *Sim, agora está tudo bem. É... a mãe quer te ver.*

— ME VER? — Minha voz sai um pouco mais alta do que esperava, e acabo acordando Malu, que se mexe ao meu lado. — Me ver exatamente *para* quê?

— *Ela teve um pico de pressão ontem. Eu não estava em casa, nem Orlando, acabou chamando uma ambulância e agora está achando que vai morrer.*

— E na hora da morte quer me ver... — respondo cinicamente e ouço um suspiro do outro lado.

— *Sei como se sente, Vicente. Eu compreendo. Não ataque o mensageiro, ela queria ligar diretamente a você, mas preferi fazer eu mesmo.*

— Agradeço a consideração. Não faça com que eu me arrependa de ter te dado meu número.

— *O que eu respondo aqui?*

— Eu não sei, Vítor. Não estou sozinho e nem acho isso uma boa ideia. Eu não tenho nada a dizer para essa mulher.

— *Tudo bem. Eu vou dizer a ela que você está ocupado, mas se mudar de ideia, você me avisa?*

Murmuro um *tudo bem* sem nenhum ânimo e desligo o telefone, me afastando, precisando de um pouco de ar. Sempre me sinto sufocado quando penso nessa mulher, e em tudo o que sua indiferença me causou por todos esses anos. Me inclino na grade da sacada, apoiando as mãos no gradil, sentindo o vento matinal bater no rosto, uma angústia sem fim no peito. Me sentindo todo errado por estar negando de volta algo que me foi negado

a vida inteira, sei que não deveria me sentir assim, não devo nada a essa mulher, mas, no final, acaba sendo inevitável eu ser o tonto que sempre quer ceder em tudo.

Sinto o abraço de Malu por trás, é sempre assim, quando estou me sentindo desse jeito, ela parece sentir e se aproxima, me enlaça, cuida de mim, fazendo com que a angústia fique menor.

— O que aconteceu? — Enlaço nossos dedos, e trago uma de suas mãos até meus lábios, deixando um beijo, mas não me viro. Continuo olhando para a rua, tentando não parecer o velho garoto idiota de sempre.

Um movimento inútil, se levar em conta o tanto que essa mulher me conhece. Explico a ela quem era ao telefone, e sobre o que se tratava a ligação. Malu então me solta e me puxa pelo braço, fazendo com que fique de frente a ela. Como se soubesse que eu não vou ficar ouvindo por muito tempo o que ela tem a me dizer, me segura pela cintura com uma mão e a outra mantém meu rosto firme, fazendo com que a olhe.

— Me deixa te falar uma coisa... eu sei o que você sente em relação à sua mãe. De forma alguma eu vou tentar diminuir isso, essa dor é

antiga e ninguém pode te dizer como se sentir em relação a ela. O que eu quero que você pense é que ela, talvez, esteja dando o primeiro passo para fazer as pazes contigo. Ela errou feio, mas pode estar tentando consertar, e precisa de abertura para isso, meu amor.

— Tem muita mágoa nessa história, Foxy...

— Eu sei. E não é para você esquecer. As pessoas têm o costume de achar que pedir desculpas e fazer as pazes anula tudo o que de errado foi feito. Não anula e nem faz esquecer, e eu não espero que você esqueça. Mas talvez seja bom que você perdoe e siga em frente, principalmente enquanto tem tempo. Eu perdi todo mundo, amor... meus pais, minha mãe. Queria ter mais um tempinho e não tenho. Seria bom você aproveitar o tempo que ainda te resta.

Pondero o que ela diz, mas um riso irônico não falha em surgir.

— Eu não vou me iludir achando que vai ser um encontro bonitinho, de reconciliação e recomeço.

— Não quero que se iluda. Faça a sua parte e, se ela não fizer a dela, tudo bem. Eu vou estar lá com você. — Ergo a sobrancelha imediatamente

PERIGOSAS NACIONAIS

ante à surpresa.

— Vai comigo? — Ela sorri, e dá de ombros.

— Falei sério quando disse que não te deixaria mais sozinho.



Quando estaciono o carro em frente ao casarão de muros altos, meu coração está disparado no peito. Eu não tenho sequer uma lembrança boa deste lugar, tudo aqui me remete a abandono e solidão, e a sensação no peito ao estar aqui novamente é quase sufocante. Como se soubesse disso — a quem eu quero enganar? Ela sempre sabe... — Malu aperta minha mão, murmurando um “*vai ficar tudo bem*”, e vejo Vítor abrindo o portão principal, sorrindo, simpático, ao nos ver descer do carro.

— Fiquei surpreso quando ligou confirmando que viria, Vicente.

— Espero não me arrepender... — Retribuo seu aperto de mão, mas consigo perceber que ele está tudo, menos confortável com nossa visita. — O que ela quer, exatamente, Vítor?

PERIGOSAS ACHERON

— Te juro que ela somente reclamou demais que estava morrendo e queria te ver — ele responde, depois de um longo suspiro. — Maria Luiza, prazer em revê-la.

— Doutor Vítor... que surpresa. — O olhar curioso navega entre os dois irmãos, talvez buscando semelhanças que não temos. Vítor é mais alto e mais magro do que eu, e é completamente... arrumadinho. Barba bem-feita, cabelo bem aparado, roupa impecável. A única coisa que todos dizem termos em comum é o sorriso. Sorriso esse que o babão tem escancarado em direção à Maria Luiza.

— Confesso que estou me sentindo meio idiota por não ter reconhecido a familiaridade aquele dia no hospital. E você ainda me disse seu sobrenome!

— Compreensível, estava preocupada com sua amiga. Seja bem-vinda... — Vítor a cumprimenta e nos acompanha pelo caminho de pedras até a grande porta que nos dá passagem a uma sala grande. Sinto Maria Luiza apertar minha mão, com força, em um silencioso lembrete de que ela está aqui, comigo, e eu quase consigo esquecer todas as lembranças que esse pequeno percurso me

traz de volta.

Quase consigo, porque, assim que entramos no suntuoso cômodo, a vejo sentada no grande sofá branco. Uma manta cobrindo suas pernas, apesar do calor, o cabelo tingido num tom loiro dourado em cachos muito bem feitos contém mais laquê que o estoque da perfumaria perto de casa e, como sempre, ela se mantém muito bem maquiada e perfumada, como eu me lembrava.

Outra coisa que não mudou, de forma alguma, é o seu olhar ativo e avaliador. Mas, diferente das outras vezes, agora ele não é direcionado a mim e, sim, à Maria Luiza. O olhar de desaprovação que ela lança depois de medir minha mulher dos pés à cabeça faz com que eu me arrependa imediatamente de ter vindo.

Obviamente quero ficar e mostrar a ela que posso ser melhor que essas picuinhas, mas não sou bom em lidar com gente destratando minha garota. Garota essa que é muito melhor do que eu, e está agora cumprimentando dona Helena, como se não tivesse visto nada de mais.

— Vicente.. que bom que veio! — Ela me estica a mão e eu limito a apertá-la, já acho constrangedor o suficiente não saber como

conversar com minha própria mãe. — Quanto tempo não nos vemos. Está muito bem, bonito...

— Se sente melhor? — corto os elogios, sem saber como lidar com eles.

— Sim, foi somente um pico de pressão. Sentem-se. — Ela aponta para o sofá largo, dou uma olhada rápida pela sala e parece a mesma desde que vim aqui pela última vez, anos atrás. Cheia de bugigangas caras e porta-retratos. Fixo meu olhar particularmente no móvel coberto de fotos da família para notar que, como sempre, não tem uma foto minha sequer.

Nesse ponto, é impossível não comparar com a mesma mania que Malu tem por porta-retratos, e o tamanho da nossa foto que ela colocou em sua sala, dias depois que começamos a sair. Mostrando a diferença, com uma pequena atitude, entre ser importante e descartável. E eu poderia me sentir magoado com isso, mas honestamente? Já estou calejado pelo tratamento que recebo neste lugar.

— Vítor tinha me dito que sua namorada estava fora do país? — Helena pergunta, usando um tom que soa calculadamente desinteressado. — Maria Luiza, o seu nome, não? Ouvi vocês

conversando, muito bonita você. Tem sotaque, de onde é?

Noto que Malu está nervosa e posso ver daqui suas mãos inquietas, ela segue apertando os dedos, como se não soubesse o que fazer com eles.

— Obrigada. Nasci na Escócia, mas alternei residência entre os dois países, acho que foi o suficiente para não perder muito o meu sotaque.

— Interessante... — Ela volta seu olhar para mim, e segue falando no mesmo tom de voz, ainda que o assunto tenha mudado totalmente. — Então, Vicente... andei acompanhando suas entrevistas na televisão, mas curiosamente diminuíram bastante nas últimas semanas.

— Estava de férias.

— Ah, tirar férias é sempre bom. Andou fazendo sucesso, sabe? No meu clube do chá isso foi muito comentado, aliás, ando muito bem cotada por lá, imagina, mãe de um delegado federal?

— Clube do chá?

— Ah, sim... — Ela abana a mão, em um gesto exagerado. — Me reúno com algumas mulheres que fazem parte da elite paulistana, sabe? Muitas famílias ficaram realmente interessadas ao ver que eu tinha um filho solteiro e bem

posicionado na vida. Sabe como é, existe muita mulher solteira e nova que poderia dar uma excelente esposa, e elas ficam ouriçadas quando surge um bom pretendente.

Consigo ouvir um suspiro alto ao meu lado, e talvez Malu me dê algum crédito agora, afinal, ela está totalmente desconfortável, de cabeça baixa, sem saber como agir. E me irrita vê-la assim, principalmente por saber que o comentário é proposital.

— O que exatamente você quis ao me chamar aqui?

— Não precisa ficar na defensiva. Eu queria te ver. Encurtar esse caminho longo que você colocou entre nós. Já faz muito tempo, Vicente, está na hora de você esquecer essa mágoa, todos nós erramos nessa história.

Fico olhando para ela, sem acreditar na versão que ela criou para isso tudo. Mordo o lábio para evitar de soltar um palavrão, que é a minha vontade neste exato minuto, e respiro fundo.

— Eu não sei exatamente qual erro uma criança de quatro anos deve ter cometido, mas com certeza deve ter sido algum bem grave para ter sido punido com uma infância inteira separado da mãe e

do seu único irmão. — Ela abre a boca, iniciando algum argumento que eu não permito que continue. — Mas acho interessante você achar que a culpa dessa distância toda é minha.

Me levanto e vou até a janela da sala, olhando para o grande jardim sem fim, milimetricamente bem cuidado. Observo um homem abaixado, puxando o que parece ser algumas ervas daninhas crescendo no meio das flores coloridas, exatamente como era no meu tempo de criança. No entanto, não é mais o mesmo homem que me dava atenção quando eu era enviado para cá, esse parece ser bem mais novo do que eu, inclusive.

— Não precisa explodir desse jeito, Vicente. — Sinto sua mão pousar em minhas costas e me viro, a encarando. — Eu não fui uma boa mãe, concordo com isso. Tive meus motivos, que não vem ao caso agora porque, a essa altura, não iria justificar as minhas ações. Eu deveria ter cuidado de você, mas você se deu muito bem, mesmo sem mim, não? Melhor que seu irmão, devo dizer...

Vítor está sentado na poltrona localizada num canto da sala e posso ouvi-lo rir ao ser

mencionado. É exatamente o tipo de comportamento que ela utilizava quando éramos menores, e ela queria me fazer sentir como um merda, elevando a moral do meu irmão.

— Você continua querendo nos jogar um contra o outro! — Minha voz sai baixa, rasgada, entredentes. Encaro meu irmão, que parece um tanto arrependido por esse encontro, pensando que, no final, talvez a vida dele não deve ter sido tão boa quanto eu sempre o acusei de ter. — O que foi, dona Helena, ele não foi o grande médico que você idealizou?

— Não é nada disso, Vicente. Eu não tenho muito jeito com isso, confesso. Você tem sido surpreendente, meu filho, eu só quis elogiar você.

“Meu filho.”

Por anos, isso foi algo que eu quis ouvir. Muito. Desejava ter uma infância normal e não ser tratado como um fardo, sendo jogado de um lado para o outro. Mas, principalmente, se tratado dessa forma. Uma expressão tão simples, mas que eu não ouvia, não dela. Era chamado pelo meu nome. Ou por “garoto”, “menino”, “moleque”. Filho era algo que não estava destinado a mim. E ouvir isso, agora, mexe comigo. De alguma forma, mexe

comigo. Tanto que não consigo retrucar, e ela percebe, porque se aproxima e me puxa para um abraço desajeitado.

Busco Malu com o olhar e ela está lá, sentada, observando, séria. Tão séria que isso aqui até parece errado vendo pelos olhos dela.

— Vamos recomeçar, o que acha? Hein? — Suas mãos me seguram pelo ombro, e ouvimos um barulho na entrada. Orlando, o marido elitista de minha mãe, chega acompanhado de algumas pessoas e não demora muito sou engolido por apresentações e cumprimentos.

Um dos convidados é Rubens Rech, um dos maiores empresários brasileiros, dono de uma rede varejista de moda, que chega acompanhado com esposa e filha. E enquanto eu sou envolvido em uma conversa meio maluca sobre política, que me interessa muito pouco, vejo que Vítor continua sentado no sofá, e Malu está conversando com Helena em um canto afastado da sala.

E a situação de ambos parece tão miserável quanto a minha aguentando esse falatório sem sentido.

— Vicente, com a visibilidade que você vem conseguindo na carreira, acredito que logo

poderá ter uma boa promoção, não acha?

— Então, Rubens, na verdade, não acho, não... — Dou-lhe um tapa no ombro, e continuo ignorando Orlando, como fiz desde sua chegada. — Mas não consigo te explicar, porque eu estou indo embora, agora.

— Embora? — Orlando exclama, surpreso. — Pensei que ficaria para o almoço.

— Temos compromisso. — Com a cabeça, os direciono a olhar para Malu, que parece me implorar com os olhos para irmos embora daqui. Lembrem-me depois de dizer “bem feito” a ela, por ter me convencido a vir.

Uma sessão rápida de despedida, uma promessa vazia de voltar depois e seguimos de mãos dadas até o carro, onde Vítor nos espera, claramente desconfortável. E olhando para a cara dos dois, eu me sinto o portador do “*eu te disse*”, mas mantenho ele para mim.

— Eu acho que você acabou se fodendo tanto quanto eu. Com um pouco mais de dinheiro...

— Teríamos economizado porrada se conversássemos mais, eu acho...

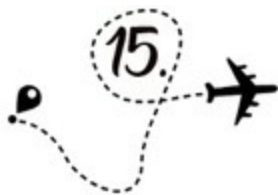
Nos despedimos, sem promessas. Nada dessa conversinha de “passa lá em casa” ou “te ligo

amanhã”, nada disso. Como bons estranhos que somos, estamos tateando o relacionamento, o que chega a ser ridículo, se você levar em conta que somos irmãos, mas... é o melhor que posso fazer.

No caminho de casa, Malu fica silenciosa, o que eu estranho. Depois de três tentativas em saber o que se passa por essa cabeça, desisto. No final, ela deve estar frustrada, que é o que sempre acontece quando se tem expectativas.

E no caso de dona Helena, eu não tenho nenhuma.

Ei, carinha!



Malu

Meu pai tinha o costume de dizer que eu era muito Poliana. Que eu gostava de ver o bem em tudo, que eu realmente achava que todo mundo tinha um lado bom e que não deveríamos ser muito rápidos em julgar, sem conhecer as motivações das pessoas. Se minha vida fosse um livro e você usasse post-its para marcar todas as vezes que esse comportamento me prejudicou, o livro seria um mar colorido que, de longe, iria berrar “Malu se ferrou!”

Ele sabia disso. Você sabe disso. Até eu sei disso. Mas quem diz que eu aprendo? Não, estou sempre relevando, achando que a pessoa nem é tão ruim assim, até que acontece algo e eu entro pelo cano. Como ontem.

Assim que entrei na mansão onde vive a mãe de Vince e recebi seu olhar avaliador e... desaprovador, eu me arrependi imediatamente da minha brilhante ideia em fazê-lo visitar a mãe. Foi questão de segundos, mas o suficiente para que eu soubesse que dali não sairia nada de bom.

A gentileza calculada. O arrependimento tardio. A voz doce e mansa, como se ela fosse a eterna vencedora do concurso miss simpatia. Tão bem-intencionada na carreira do filho, tão bem cotado no clube do chá cheio de moças solteiras e de boa família.

Ah, desculpem, não estou acostumada com o clichê de sogra-bruxa-má-do-oeste, mas essa é a típica sogra para se odiar. Se é que *isso* possa ser chamada de sogra!

Não peguei de imediato o que ela intencionava, mas eu sabia que tinha alguma pegadinha nessa visita. Me senti tão burra, tão ingênua... tive raiva de mim, quando vi o esposo

dela chegando com um casal de amigos e uma filha solteira. Filha essa que ficava rodeando Vicente tal qual mosca de padaria, tentando se fazer notar.

Vítor, coitado, parecia mortificado, sentado no sofá, sendo solenemente ignorado por todos — que sequer se dignaram a lhe cumprimentar quando chegaram, o fazendo sair do ambiente sem ser notado, algum tempo depois. Uma sorte, eu diria, afinal de contas, não pude fazer o mesmo. Nem sair, e nem deixar de ser notada.

Relembrar a conversa ainda me causa embrulho.

— *Onde conheceu meu filho?*

— *Aqui mesmo, em São Paulo... — Estico os dedos e passo a brincar com um anel cuja pedra solitária, lápis-lazúli, é conhecida por suas propriedades energéticas que ajudam em situação de estresse. Passo a me sentir deveras esperta por ter escolhido este anel, entre tantos, para usar hoje.*

— *Eu não sei muito sobre você... o que faz?*

— *Sou empresária, mantenho uma pousada.*

— *Ela murmura um “que interessante”, e estica os olhos novamente para onde Vicente conversa com os convidados.*

— *Essa pousada fica aqui mesmo, no estado?*

— *Não, fica na Europa.*

— *Entendi... e está voltando para lá em breve, eu suponho.*

— *Não tenho uma data para voltar... — respondo rapidamente, e puxo uma linha imaginária da blusinha de linha que estou usando.*

Talvez a minha negativa ou falsa segurança, tenha irritado a mulher, porque sua doçura esvaiu-se em segundos.

— *Escute, minha querida... eu tenho planos para Vicente. E em nenhum deles inclui uma estrangeira que não nos trará benefício algum. Vicente precisa ser pai, não acho que você consiga o feito.*

— *Eu não...*

— *Não. Tem quantos anos? É mais velha, consigo ver. Aquela mocinha ali — ela aponta para a menina rondando a conversa — recém completou vinte e dois. É a idade perfeita, sabe? Para encher a casa de filhos?*

— *Entendi — engulo seco, tentando não fazer uma cena —, mas, engraçado, Vítor me parece bem solteiro.*

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Um médico do SUS não interessa a essa família... já um delegado federal é muito bem-visto, principalmente se tiver ambição de crescer na carreira.*

— *E você realmente acredita que Vicente fará isso somente para alegrar os seus lindos olhos cor de bosta?*

O meu rompante, ainda que baixo, a sobressalta. Mas não dura muito, pois logo ela abre um sorriso cínico e se aproxima ainda mais.

— *Vicente sente falta de carinho materno, eu vi. É um bobo, coitadinho. Bastou chamar de “meu filho” que ele até esqueceu como se reclama. Ele vai fazer o que eu quero, porque eu vou ser a mamãe que ele não teve. E você vai ser apenas a mulher rancorosa, que o atrapalha de recuperar o tempo perdido com a mãe.*

— *Helena... — Sorrio, pedindo aos céus paciência para não fazer uma cena e dar a ela ainda mais munição. — Vicente me avisou que esta visita seria inútil, e eu estupidamente achei que ele merecia isso. Merecia tentar. Mas sabe, você não merece nenhuma tentativa, não enquanto está usando o filho que abandonou a vida inteira como uma forma de trampolim social. Sua bruxa!*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não consegui falar muito mais do que isso porque meus olhos cruzaram com os de Vicente e imediatamente ele abandonou a conversa para nos tirar daquele lugar horroroso. Não ficamos muito lá, mas foi o suficiente para acabar com meu dia, me deixar péssima, irritada, enjoada...

Passei o dia tentando achar a melhor forma de dizer a ele que sua mãe era uma pessoa horrível — não que ele não soubesse disso, mas enfim, não é sempre uma coisa boa de se contar. Eu não queria ver a mágoa em seus olhos, percebi como ele ficou quando ela se aproximou dele e o abraçou, como se isso fosse algo tão inédito que ele não conseguia acreditar.

Me sentia como alguém tirando um pirulito de uma criança.

Sinto cheiro de café vindo da cozinha e me sinto um próprio cartoon saindo voando atrás do cheiro, até chegar na cozinha e estacar no meio do caminho. Cabelo molhado, só de toalha, Vicente está de costas, mexendo no balcão, preparando alguma coisa, acredito que torradas. Que não faço a menor questão de olhar para confirmar, porque seria necessário desviar meus olhos e me recuso, esse homem é um espetáculo!

PERIGOSAS ACHERON

— *Tá* gostando do que vê? — Seu tom de voz é divertido, nosso olhar se cruza pela porta espelhada do armário e ele pode ver que estou literalmente salivando com a visão à minha frente.

— Por favorzinho, me receba assim todos os dias de manhã. — Vince solta uma daquelas suas gargalhadas maravilhosas e meu corpo responde bem lá embaixo, como de costume. — eu não ligo de acordar sozinha se for para chegar aqui e te encontrar embaladinho para presente.

— Embaladinho, é? — Com passos firmes ele se aproxima, tal qual um leão predador encurralando sua caça, e me enlaça nos braços, sorrindo. Esse homem é bonito demais em qualquer versão que apareça na minha frente.

— Eu acho que já te falei que você tem que parar com essa coisa de ser bonito. Chega a ser chato com o resto da humanidade.

— Posso lidar com isso. Agora, mexe essa bunda, vamos nos arrumar ou chegaremos tarde ao abrigo.

O tempo que ficamos separados foi, de certa forma, bom para a vida social do meu delegado. A convite da tal Diana ele passou a visitar um abrigo, não muito longe da casa dele. Eles fazem um

trabalho bacana com as crianças que, por muitas vezes, ficam um bom tempo sem receber visitas de ninguém.

Quando o carro estaciona em frente, o grande portão de ferro está fechado, mas a movimentação dentro do espaço é grande. Diferente do que eu imaginava, o abrigo está localizado numa casa residencial comum, um sobrado de dois andares, limpo e organizado.

Assim que entramos, somos direcionados para uma sala, uma senhora risonha recebe os voluntários e os direciona para a parte do fundo, onde ficava a extensa área de lazer. É neste espaço onde as crianças estão, curiosamente não tem adolescentes e eles estão espalhados, já entretidos com os visitantes.

— Bom dia, doutor Vicente. Já tinha um tempo que não aparecia por aqui! — Uma mulher de meia idade se aproxima de nós, com um sorriso enorme no rosto. Aliás, todas as pessoas aqui parecem um tanto quanto sorridentes.

— Oi, Aparecida. Eu estava viajando... — Com um leve meneio de cabeça, ele aponta para mim e a mulher, então, arregala os olhos, de forma animada.

— A sua estrangeira? Finalmente! — Recebo um abraço apertado, como se nos conhecêssemos desde sempre. — Que bom que está aqui. Seja bem-vinda! Meu nome é Aparecida e eu sou psicóloga.

— Muito prazer. Maria Luiza, mas pode me chamar de Malu.

— Que bonita sua estrangeira, doutor... — Uma piscadinha é o bastante para me fazer simpatizar por ela para sempre. — Sua primeira vez aqui, Malu?

— Minha primeira vez em um abrigo. Estou até envergonhada agora, por saber que esses locais são abertos para visitação. Sempre ajudamos, mas financeiramente, apenas...

— Ajudar financeiramente   importante ssimo. Sabe como  , sobrevivemos de doações. Mas para eles, veja... — ela faz um movimento com o braço, mostrando ao redor as crianças brincando e se divertindo —... essa interação com as pessoas faz diferença. Sempre temos algo a doar, e quando podemos doar o nosso tempo, isso se torna muito prazeroso.

Sou apresentada a outros funcionários, e nos aproximamos dos voluntários. Somente então eu

vejo que Diana está aqui, e me olha com uma certa expectativa. Talvez pensando que eu tenha feito sua *caveira* para Vicente.

— Pensei que não viria mais, doutor...

— Até parece. O que estão fazendo? — Vicente aponta para um grupo adiante, e eu consigo reconhecer um dos agentes que ficou tomando conta do meu prédio quando ele viajou, antes de eu ir embora.

— Williams disse que ensinaria judô às crianças. Não chegaram ainda a um consenso.

— Você tem uma biblioteca aqui, Aparecida? — pergunto, lembrando-me imediatamente das caixas de livros que tenho em casa, muitos deles ganhados quando ainda éramos crianças e nunca doados.

— Alguns títulos só, quer dar uma olhada? — Sorrio em resposta e seguimos para dentro, ouvindo o som das risadas. O ambiente é alegre e colorido, a estante é pequena, mas o local tem um sofá vermelho, três pufes espalhados e uma mesa redonda com cinco cadeiras, o que me deixa curiosa.

— Quantas crianças vocês têm aqui? — pergunto, passando o indicador pelos títulos

disponíveis.

— Quatorze. São seis meninos e oito meninas. O mais novinho está no berçário, tem um aninho. E a mais velha tem onze anos.

Ela então passa a me “apresentar” as crianças, muitas delas são vítimas de abandono, mas existem aqueles que o conselho tutelar retirou do convívio com a família, e as crianças são acolhidas no local, no aguardo de retornar à sua família de origem. Ficamos um bom tempo conversando, Vicente se aproxima, também interessado no assunto, enquanto acertamos a entrega dos livros. Decido doar todos os que eu tenho, mesmo os que não servem para as crianças aqui do abrigo, podem ser vendidos e o valor revertido em benefício da instituição.

— Vamos ali fora um pouquinho, amor? Vai começar uma disputa de futebol e preciso de uma líder de torcida.

— Líder de torcida? Em futebol? — Ele ri, dá de ombros, parecendo um garoto.

Me preparo para segui-lo quando o vejo estacar no lugar, olhando para um dos cantos da parede, no limite entre este cômodo e outro. Me abaixo um pouco, curiosa, e vejo um garotinho

sentado no chão, segurando a barra da camiseta, os olhos inchados de chorar.

— O que ele tem? — Vicente se adianta, perguntando para Aparecida, sem tirar os olhos do menino.

— Ele chegou ontem e está com problemas de socialização. Não consegue brincar com ninguém, não conversa, e não quis comer hoje pela manhã. Chorou tanto que optamos por deixá-lo livre um pouquinho.

— Quantos anos ele tem?

— Ele tem três anos. A mãe morreu há dois meses e o pai abriu mão dele.

Consegue ouvir esse barulho? É meu coração se partindo, porque ele é a coisa mais fofa que eu já vi. O cabelo castanho bem curtinho, a bochecha vermelha — acredito que de tanto chorar — os olhos têm um tom castanho claro e entre olhar para nós e o joelho todo ralado, consigo perceber a tristeza que eles trazem.

— Como ele chama?

— Felipe... — a mulher mal termina de responder e Vicente já está ao lado do garoto, de joelhos, para ficar menos intimidador, puxando conversa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ei, carinha! Por que está chorando? Não quer ir ali fora brincar comigo, não?

Eu sei bem o que Vince está fazendo. Sei que ele ama o pai, mas foi um garotinho deixado para trás, com pessoas ao seu redor que não tinham tempo para ele. Aposto que se viu várias vezes na mesma situação desse menino, sozinho num canto, querendo brincar, mas sem companhia.

Meus olhos marejam ao ver o garotinho aceitar a mão que Vince oferece e sair com ele para o lado de fora. Antes de sair, meu menino grande me dá um olhar alegre, um sorriso de criança e isso só me faz amá-lo ainda mais, como se isso fosse possível.

Os acompanho, rindo, vendo Vicente improvisar um campo de futebol exclusivo para brincar com o menino. Em posse de meu par de tênis, os posiciona um ao lado do outro — com uma certa distância entre os pés — formando um gol. E tirando seus próprios sapatos, faz a mesma coisa do outro lado.

Não demora muito o garotinho já está com as bochechas vermelhas e um sorriso enorme no rosto, correndo de um lado a outro do pequeno espaço disputando a bola com Vicente.

PERIGOSAS ACHERON

— Ele fica sempre sozinho, Aparecida?

— Ah, Malu... estamos tentando, mas é complicado. Ele tem todo um histórico de abandono afetivo, violência parental, chegou aqui realmente muito retraído, muito triste. — Ouvimos uma comemoração acompanhada de uma gargalhada infantil bem alta, nos viramos e Felipe acabou de fazer um gol, e está neste momento caído em cima de um Vicente estatelado no chão. Volto meu olhar para a mulher que pisca, cúmplice, e sai, com um sorriso no rosto.

— Conta *pra* ela, Felipe! — Vicente se aproxima trazendo o garoto como se fosse um aviãozinho.

— Tia, tia, eu *fazi* gol no tio Vince!

— Eu vi, que lindo! Vicente, para de chacoalhar o menino! — Tento pegar o garoto que está sendo jogado de um lado a outro e, quando menos espero, me vejo correndo atrás deles pelo local, rindo junto.

Quem nos visse neste exato momento, sem saber exatamente onde estamos ou quais as circunstâncias, pensaria que somos uma família feliz, passando um final de semana em um parque, brincando despreocupadamente com seu filho

pequeno. Paro de correr, buscando um pouco de ar, enquanto apoio as mãos nos joelhos, olhando para Vicente correndo atrás da bola com o molequinho, enchendo meu peito de um amor absoluto por esse homem.

As horas passam e sequer notamos, me pego envolvida com as crianças, organizamos várias brincadeiras com as crianças menores, fazendo com que Felipe participe e se enturme, mesmo ele querendo ficar pendurado no pescoço de Vicente o tempo inteiro. Mas é muito bonitinho vê-lo correndo, conversando naquele português todo errado, mas se entendendo e fazendo amigos.

Saímos além do horário combinado, pois esperamos o lanche da tarde. No almoço, Felipe só quis comer sentado em meu colo, e no lanche precisamos convencê-lo a sentar na cadeira igual a todas as outras crianças, foi um pouco trabalhoso, mas acabou dando certo. E, no final, fomos os últimos a deixar o local, prometendo voltar no próximo final de semana.

No caminho de casa, no entanto, Vicente está particularmente pensativo.

— O menino é muito bonitinho, não é, Foxy?

— Uma graça. Viu como ele ficou feliz jogando bola contigo? — Seu sorriso se espalha, talvez se lembrando da correria pelo jardim, rolando pelo chão, enquanto o menino se desmanchava em risadas.

— Ficou, *né*? Um domingo de sol desses não combina com moleque chorando, trancado em casa.

Vendo-o com Felipe hoje me fez ter a certeza de que ele será um excelente pai. O que me deixa momentaneamente triste, porque se eu o tivesse conhecido há uns dez anos, poderia estar hoje com uma casa cheia de crianças, de preferência, todos assim, parecidos com ele. Mas agora não me vejo mais engravidando, o que é uma pena. Esse homem merece ser pai.

E, como uma serpente, a voz da mãe dele soa em minha cabeça. “*Não acho que consiga o feito.*”

— Mas então tio Vince veio para o resgate!
— Empurro a melancolia de lado, focando na tarde maravilhosa que tivemos.

— Acho que meio que me vi nele. Passei muito tempo quando era criança trancado em casa, sem ter com quem brincar. Neusa não ligava muito

e meu pai fora dos plantões só queria descansar. Vivia esperando alguém vir ao *meu* resgate.

Seu tom de voz entrega mais do que ele diz. Parece mais uma sondagem do que uma conversa despretensiosa e, eu não duvido muito se daqui a algumas semanas ele não tenha ideias mirabolantes sobre adoção ou coisas do gênero.



Vicente

Se me fosse entregue, ao acordar, uma folha em branco e eu tivesse que escrever o que eu esperaria do meu dia, com certeza eu nunca teria escrito o meu dia de hoje. Correndo feito um moleque com um garotinho nos braços, somente para fazê-lo parar de chorar.

Foi como se eu estivesse me vendo ali, sentado no chão, olhando para os meus próprios pés e esperando que alguém compreendesse o que passava naquela cabecinha. Pedindo atenção, carinho, cuidado. Querendo sentir-se notado e importante. No instante que eu doeie um pouquinho da minha atenção a ele, o garotinho desabrochou. E mais importante do que vê-lo parar de chorar, foi

PERIGOSAS NACIONAIS

vê-lo gargalhar solto ou brincar com os coleguinhas.

Foi emocionante *pra caralho* quando ele confiou em mim, quando segurou minha mão e aceitou levantar e ir brincar comigo. Não sei o que o molequinho viu em mim, aquela hora, mas me fez sentir gigante.

Vir embora foi bem difícil, também. Porque eu sabia que o menino voltaria à sua rotina de espera. Porque é isso que a criança faz, ela espera. As reações podem ser as mais diversas, algumas se tornam insuportavelmente malcriadas e birrentas, outras ficam retraídas e solitárias. Esse garotinho passou na mesma fila que eu, com certeza.

Quando Aparecida contou sobre o pai dele, a vontade que eu tinha era procurar esse sujeito no inferno e arrebentar a cara dele. Por ter coragem de abandonar o menino assim, deixá-lo para trás, como se fosse uma mala velha, uma bagagem difícil de carregar.

Se bem que, pensando bem, algumas coisas se tornam um livramento. Sabe-se lá o que o babaca poderia fazer com o garoto. Ali ele terá a chance de encontrar alguém que se preocupa com ele, que cuide dele e o ame como ele merece.

PERIGOSAS ACHERON

“Tio Vince.”

Com certeza vou ficar ouvindo as gargalhadas altas e soltas do menino por um bom tempo, cada uma delas respondia direto em meu peito e quanto mais ele ria, mais eu queria me dedicar a fazer ele rir novamente.

— Ficou pensativo, amor... — Malu solta, enquanto eu espero a cor do semáforo trocar, tivemos que passar no apartamento do Rodrigo antes, pois eu preciso de algumas roupas para trabalhar amanhã.

— Só repassando o dia... e a semana.

Cheguei à conclusão de que a minha vida está bagunçada demais e preciso de uma resolução, que eu ainda não sei qual será, mas da forma que está agora, em suspenso, se torna inaceitável. Morando de favor na casa dos outros, sem saber onde é realmente o meu lugar ou como será o meu futuro.

Nunca fui de me importar realmente com essas coisas, tanto que vivi, por anos, em um local que me servia bem, apenas por ter um teto sobre a cabeça e um colchão embaixo dela, mas agora, não consigo mais viver assim. Não me acostumo mais com a solidão, ou com a total impessoalidade que

minha vida se tornou. Ter Malu comigo mudou tudo dentro de mim e o dia de hoje... fez com que eu quisesse ainda mais resolver a minha vida.

— Aquele condomínio onde o Rodrigo vive é muito bom, não?

— Pedi para me avisarem se aparecer um apartamento vago ali. É mais seguro, eu já deveria ter providenciado algo do tipo há muitos anos, mas sempre fui mão de vaca.

“Mais seguro.” Conversei com Malu também sobre sua segurança, agora que ela está de volta. Curiosamente, nenhuma movimentação foi feita durante essa última semana, como se esperassem eu ficar descuidado e confiante o suficiente para contra-atacar. Claro que ela não gostou de saber que a escolta voltará à sua porta, mas é inteligente o bastante para não dispensar o cuidado.

No entanto, ao passar pela porta do apartamento dela, me sinto estranho. Estou, teoricamente, sem casa e ao mesmo tempo estando aqui me sinto em casa. Quero demais ficar o tempo todo ao seu lado, mas não quero mais pular etapas, me jogando em seu espaço como fiz antes. Quero tudo com ela, mas no tempo certo, para não

estragar nada, e não consigo entender direito o rumo que meus pensamentos estão tomando agora. É quase como se eu estivesse buscando complicar algo que veio para mim, de forma simples.

Mas que porra, Vicente!

— Vicente, o que está acontecendo com você? Está distante desde que saímos do abrigo...

— Ela me vê parado no meio da sala, olhando ao redor, e se aproxima, meio incerta.

— Estou confuso, Foxy. E eu queria poder dividir contigo tudo o que eu estou pensando, mas eu tenho receio de ser mal interpretado e ter que dormir no colo do seu João esta noite.

— Me teste. Eu prometo perguntar antes de atirar.

Duvido.

Mas de qualquer forma, conversar com ela pode me ajudar a clarear a mente. A puxo pela mão até a poltrona larga que ela tem na sala, me sento, e a coloco em meu colo. Fico pensando na melhor forma de dizer o monte de merda que minha cabeça anda produzindo nos últimos minutos, sem parecer um imbecil completo.

Ela parece compreender minha confusão porque se senta de frente para mim, colocando suas

pernas uma de cada lado do meu corpo, contorna meu pescoço com as mãos e passa a me fazer um cafuné delicioso, que sempre me acalma.

Fecho meus olhos e encosto minha testa na dela, queria que isso fosse o bastante para transferir minha imagem mental e ela interpretar da melhor forma. Suspiro, sem encontrar outra forma de desabafar...

— Antes de você viajar, eu me enfiei na sua casa sem sequer pedir licença. Eu não conseguia ficar longe, não conseguia dormir à noite sem te ter por perto, mas principalmente eu *queria* me fazer presente o tempo todo. Queria que você não pensasse em ir embora porque não conseguia ficar sem mim.

— E eu não conseguia... — Coloco meu dedo em seus lábios porque se ela me interromper, talvez eu não consiga completar isso direito, e eu estou indo bem até agora. Eu acho...

— No entanto, chegar aqui, de mala e cuia, agora, foi estranho. Porque eu me sinto em casa aqui, mas, ao mesmo tempo, eu não quero ocupar um espaço forçado. Não quero... pular etapas.

— Não entendi. Você não quer ficar aqui?

— Quero muito todos os minutos contigo,

Foxy. Sempre quis desde a primeira vez que coloquei meus olhos em você. Mas também eu quero ter uma vida de namorados. Fico sempre me lembrando do que você me contou sobre aquele renegado idiota, o cara que foi chegando, tomando espaço, até estar morando contigo...

— Você não é ele, e não somos aquele casal.

— Não somos. Mas eu tenho medo de nos precipitarmos e acabar como vocês, em um relacionamento frio e falido. Não quero ir rápido demais e ser responsável por estragar nada entre nós.

Ela sorri, como se tivesse finalmente me entendido, e aumenta o enlace. Meu corpo, claro, começa a responder e fico na dúvida se ela faz isso para me acalmar ou confundir, porque minha mente começa a ficar turva, conforme ela se aconchega mais e se esfrega em meu corpo, naquele vai e volta viciante.

— Eu quero você aqui comigo. Não atravesssei o oceano para ficar separada de você. Mas se você não quiser ficar aqui, tudo bem também, procuramos um lugar mais seguro para você morar. — Ela se esfrega um pouco mais,

agora passando a unha em minha nuca, me fazendo ver estrelas. — Desde que você entenda que não forçou presença em minha vida. Você me conquistou, é diferente.

Aperto sua cintura e me inclino para frente, buscando seus lábios, mas ela não permite. Segura minhas mãos na lateral do corpo, sem deixar que a toque, e morde o lóbulo da minha orelha, me fazendo soltar um gemido. O ar chega a me faltar conforme um arrepio se instala em minha coluna, sinto uma queimadura descendo em direção ao local onde ela continua se esfregando, sem nenhuma misericórdia.

— Eu amo você, Vicente. Amo como se preocupa, pensando que, de certa forma, está estragando alguma coisa quando, na verdade, não está. Você não estraga nada, tudo fica melhor quando você está por perto — ela ronrona baixo em meu ouvido, o timbre rouco responde por todo o meu corpo, enquanto sua mão vem para o botão da minha calça e, quando dou por mim, estou somente de camiseta. Ela então volta a se sentar e se esfregar em mim, beijando meu maxilar, segurando minhas mãos, dizendo várias coisas que já não entendo porque estou fixado no movimento

contínuo de vai e volta em meu colo.

— Me diz que você vai repetir isso tudo depois? Porque, agora, com essa esfregação, eu não consigo assimilar nada.

Ela sorri e levanta as mãos, como em rendição, e é tudo o que eu preciso. Me levanto com ela nos braços e parto para o quarto, antes que exploda de tanto tesão.

Essa mulher ainda vai me deixar maluco. A jogo em cima da cama, e puxo seu jeans até ela estar como eu, nua da cintura para baixo. Rindo, vou até ela, cobrindo seu corpo com o meu.

— Estamos melhorando nisso, não acha? — falo em seu ouvido, e ela devolve o carinho com uma mordida em meu maxilar.

— Acho que precisamos de mais prática...

— Gosto dessa ideia... — Puxo sua blusinha pela barra, desnudando sua pele, deixando uma trilha de beijos, mas, de repente, ela segura meu rosto, buscando meus olhos.

— Quer mesmo procurar um lugar para morar sozinho?

— Eu não sei, Malu. Isso é hora? — Ela ri, e eu suspiro, erguendo mais o corpo até ficar mais próximo. — Quando eu falo que estou confuso,

estou falando sério. Quero ficar contigo, mas não quero ficar enfiado no teu apartamento, no teu espaço... parece que estamos juntos há tanto tempo, mas, se formos calcular, nem tem tanto tempo assim.

— Por falar em tempo, eu já fiquei tempo demais longe de você, gostoso. Tudo o que eu quero agora é passar todo o tempo que eu posso grudada contigo. — Em um movimento rápido, ela impulsiona o corpo até eu estar deitado com as costas no colchão e sentar-se com os joelhos em cima do meu quadril, passando uma perna de cada lado do meu corpo. Eu arfo, surpreso, e a seguro pela cintura.

— Safada gostosa! — Viajo os olhos pelos seios nus, durinhos com os bicos intumescidos, mas volto a olhar seu rosto, que traz um sorriso muito do sem vergonha. — Eu também não gosto de pensar em dormir longe de você, Foxy. Esses meses foram infernais para mim. Eu só...

— Isso mesmo — ela aperta as coxas em volta do meu quadril, fazendo nossos corpos nus friccionarem e eu gemo alto com a surpresa —, estamos juntos. Você não tem motivo para gastar dinheiro em outro lugar tendo minha cama para

ficar. — Ela aperta de novo e eu arquejo, sentindo meu pau latejando com o contato. — Principalmente quando eu quero *tanto* que você fique.

Mais um aperto e a sensação é deliciosa, eu me sento, agarrando seu cabelo na nuca e segurando sua cintura, enquanto seu quadril não para de se mover.

— Você tira meu juízo, Foxy. Fazendo isso, você consegue qualquer coisa de mim...

— A única coisa que eu quero de você... — ela ergue o corpo, levando a mão até meu pau e posicionando até sua entrada —... é que não vá para longe de mim. — E sentando bem devagar, sinto quando a preencho inteira e quase gozo só com esse movimento.

— *Caralho*, Malu... Ah!

— Diz que vai ficar aqui comigo, diz? — Ela encosta sua testa na minha, prendendo nosso olhar, e começa a se movimentar, subindo e descendo, rebolando de um jeito enlouquecedor. — Diz que não vai morar longe de mim, meu menino?

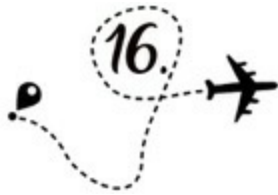
— Não vou. Te amo. Sou louco por você.

Seguimos num ritmo insano, até que gozamos, juntos, e eu me jogo de costas na cama, a

trazendo comigo.

— Você é muito, muito safada...

Roubei sua vida



Vicente

Com passos firmes sigo pelos corredores vazios, acompanhado por um agente carcereiro que me direciona até a sala de depoimentos. Foi um custo conseguir essa visita hoje, ainda mais em caráter de urgência, mas o bom de se trabalhar direito é conseguir alguns *bônus* com a chefia.

Paulo Camacho está preso na carceragem da Polícia Federal de Brasília desde o ataque que causou o assassinato de Bruno. Não é o local ideal para mantê-lo, mas é a melhor opção no momento, um lugar cheio de políticos e colarinhos brancos tem a segurança um pouco mais reforçada. A morosidade da justiça é tanta, que espero ainda alguns meses até que ele seja julgado e condenado por seus crimes.

Tudo bem, Vicente, mas isso não explica o que você está fazendo aí, em Brasília!

Apressadinha, você...

Eu voltei ao Brasil em meio ao desespero.

PERIGOSAS NACIONAIS

As notícias que eu recebi não eram nada animadoras, iam desde ataque à delegacia, passando por morte de agentes, até incêndio no meu apartamento. Todos a mando da LIB, ou o que restou dela, vulgo Alexandre Fiote. Enfiei minha viola no saco, me despedi de minha garota, crente que nunca mais a veria novamente — afinal de contas, eles estavam a todo vapor — e voltei, imaginando que receberia uma saraivada de balas no meu primeiro dia na cidade.

Duas semanas se passaram, e absolutamente nada aconteceu. E a sensação de estar em suspenso é ainda pior do que sob fogo cruzado, porque você precisa ficar em estado de constante alerta. Imagina, ter a necessidade de andar sob escolta para ir à padaria, homens armados na porta de casa, o seu direito de ir e vir cerceado por estar em constante ameaça.

E uma ameaça muda, o que é pior.

Ontem fui obrigado a pedir à Superintendência que me liberasse para vir até Brasília, conversar com esse saco de estrume. Não esqueci a facilidade que foi a sua apreensão e tudo o que acarretou em sequência, assim como não engulo a incapacidade de conseguirem uma pista

PERIGOSAS ACHERON

sequer que ajude a capturar aquele maldito.

— O advogado dele foi chamado, e está presente, doutor Avellar.

Aceno e passo pela porta que ele deixa entreaberta, a sala pequena se torna ainda menor quando eu noto que o sujeito está sentado na cadeira, a cabeça baixa ouvindo qualquer coisa que o seu advogado lhe diz, instruções para o depoimento, talvez. A raiva que eu sinto desse homem não cessa, nunca, tampouco diminui.

— Bom dia.

Me sento na cadeira do lado oposto onde ele está, bem em frente a ele, e apoio os cotovelos na mesa, estralando os nós dos dedos. Tentando conter o tremor que passei a sentir, assim que vi sua expressão debochada me olhando, quase rindo como se me ter aqui fosse uma vitória pessoal.

— Delegado Avellar. Confesso que estou surpreso em vê-lo aqui, eu realmente não esperava que ainda estivesse vivo.

— Não andam obedecendo as suas ordens, presumo...

O velho abaixa a cabeça, rindo baixo, até que é acometido por um acesso de tosse, que eu acompanho com um certo deleite e só não torço

para que caia duro, porque preciso de respostas.

— Ah, Vicente... eu juro que gostaria de ser responsável por todos os males do mundo, mas ainda não cheguei lá.

— Que tal cortarmos a cordialidade e irmos direto ao assunto? — O velho inicia uma resposta, mas é interrompido pelo advogado.

— Meu cliente irá colaborar, fará uma delação premiada e...

— Eu não tenho o costume de dar presentes a dedos-duros, doutor Pacheco. Fora que eu sou somente um delegado, não sou eu quem julgo.

— ... com isso responderá a todas as perguntas que o senhor fizer. Caso contrário, não temos nada a oferecer.

O estralo nos dedos necessita de um pouco mais de força, é isso ou eu acabarei acertando a cara dos dois. Eu já sei, por antecedência, que não tenho nenhum tipo de benefício a oferecer, era claro e cristalino que eles pediriam relaxamento de prisão e isso está completamente fora de cogitação.

— Não acho que eu tenho muito a oferecer a vocês.

— Uma transferência para outra carceragem seria muito bem-vinda, doutor. O meu cliente tem

desafetos aqui neste local.

— E *onde* o seu cliente não tem desafetos?

— A carceragem de Curitiba anda bem cotada ultimamente, seria uma boa escolha.

Inclino meu corpo, atingindo o encosto da cadeira estofada, os olhos indo em imediato para as câmeras por onde este depoimento está sendo filmado, e meneio a cabeça, um aviso mudo que vou precisar de ajuda aqui. Saio da sala e volto vinte minutos depois e um tanto mais estressado, mas com uma promessa de transferência.

— Posso conseguir a transferência, mas você tem que me entregar alguma coisa boa, Camacho. Fábulas da Carochinha não vão contar nesse caso, ou você ajuda ou continuará aqui, com seus coleguinhas.

— Como meu cliente irá saber que cumprirá com sua promessa, doutor? Precisamos de algo assinado.

— Não assinarei nada. — Levanto-me, alcançando o celular em cima da mesa. — Posso ir embora, e ficamos por isso mesmo.

— Sente-se, doutor. O depoimento está sendo gravado, isso será transcrito depois, de qualquer forma. Eu devo ter uma coisinha ou outra

para lhe contar...

É totalmente irritante a forma como o sujeito fala, parecendo que me faz um favor. Demora cerca de uma hora até ele estar confortável, um copo d'água gelada ao seu lado, a pressão aferida porque ele, de repente, não se sente muito bem, até que finalmente possamos dar início. E o início soa como um soco no estômago, conforme eu esperava — ainda que de uma forma totalmente nova.

— Eu não mandei matar o seu pai, doutor Vicente. Sim, ele andava investigando, mas até onde eu soube, tudo o que tinha a meu respeito era refutável. Soube de sua morte pelos jornais.

— Claro. Obviamente você não vai querer depor contra si mesmo, em um crime que já prescreveu, não teria chegado aonde chegou sendo um completo idiota.

— Acredite se quiser. O seu pai era um bom policial, mas também era desatento... alimentava a cobra que o picou com a mão direita. Eu fui responsável por dar-lhe trabalho, mas não por ter lhe ceifado a vida.

— Certo... me diga uma coisa, Camacho, você não agia mais na capital, correto?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Há muito tempo. Mas eles queriam muito que eu voltasse. Os associados à LIB estavam insatisfeitos com as perdas que a organização vinha sofrendo nos últimos meses e não estavam mais confiando na liderança. Eduardo, que Deus o tenha, queria muito tomar a liderança, mas... ele era complicado.

— Era bem fiel a você, inclusive. Tentou te resgatar...

— Não, doutor. Ele queria era matar você, mesmo. Ele seguiu o delegado até Ribeirão Preto, soube, inclusive, que ele matou uma testemunha que havia falado um pouquinho demais.

— E você tem todas essas informações, mas, obviamente, é completamente inocente...

— Não o enviei atrás do delegado porque eu não sabia que estavam indo atrás de mim. Sabia, claro, que o doutor estava na cidade, mas infelizmente, não tinha informações privilegiadas. Da mesma forma que o senhor tinha infiltrados, a LIB também tinha e bloqueou todo o acesso à informações. Quando vocês chegaram, só restou a rendição.

— Fácil. Sem nenhum tipo de defesa...

— Estavam levando o meu carregamento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sou um homem prático, doutor, sem a carga, eu sou um homem morto. Antes preso, e vivo...

— Você diz que Eduardo Ramos queria me matar...

— Ele tinha ficado obcecado por sua senhora. Não a conheço, mas soube que ele ficou um tanto irritado quando voltou a São Paulo e descobriu que ela tinha partido. Talvez ele tenha tentado matar dois coelhos em um ataque só, tiraria o delegado do caso e ainda conseguiria me soltar. Isso poderia trazer a ele algum benefício dentro da organização.

O tom de piada que esse homem conta isso, como se estivesse contando um *causo*, é enfiurecedor. Eu sempre disse a vocês que odeio o meu trabalho. Resolvo todas as minhas merdas e faço o possível para que esses filhos da puta não se cresçam, mas, confesso, é difícilimo encarar um bandido desses, ostentando esse ar de tranquilidade, e manter a cabeça fria.

— Onde eu encontro Alexandre Fiote?

Talvez ele não esperava a mudança repentina de foco, mas eu realmente não gostaria de usar uma causa atenuante de pena antes de ter respostas.

PERIGOSAS ACHERON

— O que sabe sobre Fiote?

— Na verdade, eu prefiro conversar sobre o que eu *não* sei. Onde eu acho esse filho da puta?

— Não contava que Fiote faria uma aliança com o Primeiro Comando, não é? — ele diz, parecendo satisfeito e orgulhoso de sua cria. — Soube aqui e ali que o doutor acabou com quase toda a organização, mas o moleque é tihoso.

— Onde? — Ergo o tom de voz e o ar risonho esvaece.

— Ele não é lá muito fácil de ser capturado, doutor. Mas a última notícia que tive dele era que estava se reorganizando em Santo Amaro.

— O que ele tem contra mim? Mais de uma testemunha disse que essa era uma cruzada pessoal e eu, honestamente, não acreditava muito nisso, mas...

— O garoto acha que o doutor lhe roubou a vida.

— Como assim?

— Uma infeliz coincidência, eu diria. Ser logo o filho de Vagner Avellar a estar investigando a LIB. Isso deixou o rapaz um tanto quanto... irritado. E, por isso, a vontade de lhe derrubar foi maior que a inteligência que o manteve por anos à

frente da organização.

Eu honestamente não estava entendendo nada, e a minha expressão devia estar dizendo exatamente isso, porque o velho parece se divertir. Até que eu me lembro daquela semana em Ribeirão Preto, e da testemunha que foi morta, logo após nos dar um depoimento.

Ele é filho de um policial e foi levado para a capital, assim que a mãe morreu.

Eduardo era laranja de Alexandre, ele não podia aparecer por ser filho de policial.

O garoto acha que o doutor lhe roubou a vida.

Não pode ser. Apoio os cotovelos nas pernas, enquanto relembro de todos os depoimentos que tinha tomado desde que assumi de volta a Dublê, e quando me levanto, encarando novamente o velho à minha frente, sua expressão confirma tudo o que eu suspeito.

— Ele é filho do meu pai?

— Uma escapadela. Deu dinheiro para a mulher tirar, mas ela se recusou. Ao menos, era o que ela nos dizia. O garoto tinha essa mágoa contra policiais e eu consegui canalizar isso direitinho, principalmente porque o velho Vagner já estava

morto. Logo ele foi adotado por um dos nossos, e soube que nem todos os policiais eram iguais.

Eu sei que ele continua falando, e falando, mas a minha cabeça passa a girar de uma forma inacreditável. Alexandre Fiote é filho do meu pai? Puxei sua ficha, ele é três anos mais velho do que eu, não foi registrado com o nome do pai, e foi “adotado” por Nogueira... que era o melhor amigo do meu pai, desde sempre. Ele sabia? Ele sempre soube?

— Eu tomaria cuidado com ele, doutor. Uma pessoa magoada e vingativa, e que não tem nada a perder, pode se tornar perigosa.



Malu

— Não creio que você deu um chá de boceta nele, só para ele fazer o que você quer!

A gargalhada de Sara enche a sala, assim que conto a ela e a Raquel, a minha pequena “conversa” com Vicente, dias atrás, sobre ele continuar dormindo aqui em casa comigo. Como Vicente teve que ir até Brasília, não pensei duas vezes em chamar minhas amigas para ficarem

PERIGOSAS ACHERON

comigo.

— Não — sorrio, cínica —, apenas mostrei a ele o que perderia, indo dormir longe de mim, todos os dias.

Dou de ombros e pego mais uma porção de pipoca do balde que Raquel está segurando.

Chamei as duas para uma conversa esclarecedora, elas estavam acostumadas com a Maria Luiza que tudo calava, mas eu decidi deixar essa personalidade bem longe de mim. Gosto das duas, são minhas amigas, mas essa equação não apaga o fato de que me magoaram e fizeram tudo errado durante os meses que fiquei lá, sozinha.

Elas entenderam meu ponto. Eu também entendi o delas, mesmo não concordando com absolutamente nada que elas fizeram. Depois de tudo em pratos limpos, ficamos emboladas no tapete da sala, um filme qualquer passando na televisão, mas obviamente, a atenção das duas está presa às minhas peripécias sexuais.

— E o que ele disse?

— Concordou, claro. Mas eu o conheço, Vicente é muito independente e não duvido que ele não volte com a ideia de alugar um apartamento para ele.

— Detesto esse pensamento machista do Vicente e já falei isso para ele, inclusive. — Raquel coloca mais uma pipoca na boca, enquanto ajeita a postura, se encostando no sofá. — Conversamos um dia sobre ele ir para a Escócia, bem antes de vocês voltarem, e ele achava *absurdo* ter que viver sendo sustentado por você.

— Eu sei... — suspiro —... falamos sobre isso. Mas eu tenho que ser justa nesse ponto. Eu também não aceitaria ser sustentada por ele, por isso não o critico. Ele só precisa entender que vamos construir *juntos*.

— Serve outro chá para ele, explicando direitinho, que ele entende.

Explodimos em gargalhadas quando o interfone toca. Me levanto para atender, jogando uma pipoca que tenho em mãos na direção de Sara, que desvia a tempo, rindo. Para minha total surpresa, Helena Ferraz está na portaria, querendo falar comigo e, confesso, não estou nem um pouco preparada para essa conversa.

Assim que a campainha toca, minutos depois de eu autorizar a sua subida, troco um olhar com minhas amigas, tentando me recompor, antes de abrir a porta, com um sorriso bem morno no

rosto.

— Dona Helena. Que surpresa.

A mãe de Vicente me mede de cima a baixo, não sei o que ela esperava encontrar, além de uma mulher descalça, vestindo shorts e camiseta e um coque muito do mal feito prendendo o cabelo. Dou espaço para ela entrar, indicando o caminho com o braço, e ela passa por mim, segurando a bolsa firmemente no ombro, parando ao ver minhas amigas, ainda sentadas no tapete da sala.

— Atrapalho alguma coisa?

Você nasceu para atrapalhar, sua bruxa!

— é o que eu tenho vontade de dizer, mas relembro de todas as vezes que mamãe me alertou para ser educada com as visitas e respiro fundo, antes de bancar a social.

— Não, claro que não. Essas são minhas amigas, Sara e Raquel. Meninas essa é... a *mãe* do Vicente. — Faço questão de tonalizar a palavra “mãe”.

— A sogra... — Helena tem um tom cínico, que eu não gosto, mas não compro a provocação. Não antes de saber o que ela veio fazer aqui.

Indico a poltrona para que ela sente, e ofereço algo para beber, me sentindo bem

desconfortável com a inesperada aparição. Duvido muito que tenha sido Vicente, ou até mesmo Vítor, a dar meu endereço a ela.

— Não quero nada, obrigada. Gostaria de falar com você, mas preferia que fosse em particular. Se importam?

Sara se levanta automaticamente, murmurando um “não, claro que não”, mas Raquel é mais reticente. Só se mexe quando eu indico com a cabeça que está tudo bem, e ela passa por nós, muito séria, avisando que está no quarto, caso eu precise.

Assim que ouço a porta do quarto bater, me viro para a mulher sentada em minha sala. Seus olhos fixos nos porta-retratos que eu tenho em minha sala, com fotos da família inteira — e, principalmente — de Vicente. Fico me perguntando se isso mexe com seu interior, de alguma forma.

— Não sabia que a senhora tinha o meu endereço.

— Conseguimos tudo o que queremos nesta vida, Maria Luiza...

Certo. Só aceno com a cabeça e resolvo esperar. Ela talvez nota que eu não vou puxar assunto, e decide finalmente abrir por que diabos

está sentada em meu sofá com cara de bosta.

— Eu não acho que você seja má pessoa, Maria Luiza. Só não é o que eu... *esperava* como nora. — Mantenho o silêncio e ela arruma o corpo no sofá, talvez aguardando uma resposta que não chega. — Eu esperava alguém mais nova, sabe? Quero muito ser avó...

— Avó de um filho do Vicente? — Tento manter a compostura, mas a expressão surpresa acaba saindo sem que eu consiga conter. — Ou está falando do Vítor?

— Como? — Sua cabeça se inclina, a sobrancelha franzida, tentando entender.

— Acho curiosa a sua preocupação com a *procriação* do Vicente, sabendo tudo o que eu sei sobre a vida dele e a interação familiar...

— Nem tudo o que Vicente diz é verdade, Maria Luiza. Ele passou muito tempo sob a influência daquela mulher com quem o pai dele foi casado. Tem a visão muito deturpada.

— E isso mais testemunha contra você do que a favor. Mas ele não precisou dizer muito, a decoração de sua casa falou bem mais sobre como você se sente a respeito dele. Só não entendo ainda o porquê da preocupação em vir aqui repetir tudo

novamente.

— Pelo visto, você também acha que fotos na estante falam mais sobre relações do que atitudes.

— Não sei, realmente, se o que eu acho possa ser levado em consideração aqui, não é mesmo? Mas eu continuo confusa. A senhora veio em minha casa somente para me dizer o quão... — pauso e faço um barulho com a língua, para maior carga dramática —... “inapropriada” me acha para o seu filho?

— Acho que ele poderia arrumar mulher mais nova, menos vivida. Até vocês se acertarem e estarem prontos para formar uma família serão, o que... cinco anos? E então você vai me dar um neto adotado? Porque, se hoje você já não tem idade...

Sorrio e apanho uma almofada que está na poltrona, atrás de mim, e a coloco sobre meu colo. Precisando muito de um ponto onde possa aliviar o stress. Almofadas são ótimas para receber porrada. Se bem que o ideal seria mesmo a cara de pau dessa mulher.

— Anda com uma certa fixação por ser avó. O que foi, dona Helena, a idade anda batendo?

Posso notar a sobrancelha erguendo, e o

esforço que ela faz para não perder a pose. Maquinando, buscando alguma coisa que pode me atingir, fazer com que eu me sinta mal.

— E, sabe... meu filho precisa de alguém que o faça se aproximar de nós, que lhe dê filhos, não uma pessoa que vive do outro lado do planeta, sem família... — Ela me olha, ajeitando o cabelo como se não estivesse falando nada de mais. — Você é bonita, mas para um caso passageiro. Para formar família, deveria escolher alguém desquitado ou viúvo, que já teve filhos, sabe?

Suspiro e me levanto do sofá, me aproximando lentamente da poltrona onde ela está sentada. A minha vontade é estapear essa cara cheia de Botox, até o penteado, que ela insiste em arrumar, estar tão bagunçado que os fios nunca mais encontrem o caminho correto. Mas, ao invés disso, apenas a puxo pelo cotovelo, fazendo com que se levante, e sigo a puxando até a porta.

— O que é isso? — Ela tenta puxar o cotovelo, sem sucesso. — Que grosseria é essa?

— Primeiro, quero que a senhora se retire e esqueça esse endereço. Segundo, para dar conselhos sobre maternidade e família, a senhora precisaria, no mínimo, ter sido uma excelente mãe

e nós duas sabemos que não foi bem assim. Terceiro, amanhã mesmo eu vou ao primeiro abrigo que encontrar, me cadastrar para encher esta casa de filhos adotivos. Todos com o sobrenome do Vicente e faço questão de colocar seu nome na certidão como vovó!

— Você não se atreveria..

— DUVIDE! — Resolvo colocar a educação que minha mãe me deu em modo de espera e abro a porta, a empurrando para fora.

— Vicente é mesmo... — ela fala com desdém, balançando a cabeça, mas eu a interrompo.

— Excelente. Incrível. Uma pessoa maravilhosa, responsável, educado, bondoso. Bom companheiro, bom amigo. Excelente profissional. E você não tem ideia disso porque foi um lixo de mãe. Uma pessoa desprezível, imprestável, um zero à esquerda. Tenho PENA do Vítor por ter que conviver com você. Agora, se manda daqui, antes que eu faça bom uso dessa escadaria e te faça descer rolando!

Não a espero responder, bato a porta e interfono imediatamente para a portaria, deixando ordens explícitas para essa... *bruxa* nunca mais aparecer aqui em minha porta. Quando me viro,

vejo Sara e Raquel me olhando. As duas com um sorriso no rosto.

— Podia ter socado a cara dessa vaca! — Sara se anima, mas logo nota que eu não estou achando muita graça. — Não deixou que ela te atingisse com esse monte de bosta, deixou?

— Já falei a vocês o que penso sobre ter filhos. O quanto eu queria... enfim. Sempre tem alguém que joga em minha cara que estou velha demais para isso. E acaba me atingindo, mesmo que eu não queira.

— Porque é idiota. — Raquel me puxa pela mão, até eu estar sentada no sofá. Ela se senta ao meu lado, apoiada sobre uma das pernas, virada de frente para mim. — Você não é velha e não estamos em 1930, em que mulheres de quarenta anos não podiam engravidar por falta de recurso. Pelo amor de Deus, Maria Luiza!

— Eu sei, mas...

— A única coisa que te impediria de ser mãe, seria a mesma coisa que te impediu de engravidar de Ivan: Vicente não querer ter filhos. E, até onde eu sei, ele já até falou em enfiar uns rebentos aí, nessa sua barriga magricela, Maria Luiza!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pare de me chamar de Maria Luiza, *mamãe!*

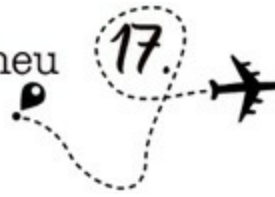
— Basta parar de agir como criança, ué...

Suspiro e abaixo a cabeça, meus dedos inquietos tirando o esmalte de uma das unhas, voltando a me lembrar de Vicente, no domingo, brincando com Felipe. Consigo claramente imaginá-lo brincando com um filho nosso, jogando futebol, empinando pipa...

Decido marcar uma consulta no ginecologista, fazer alguns exames e, depois, quem sabe, falar com Vicente sobre o tratamento que andei pesquisando. Vou mostrar a essa bruxa que ele chama de mãe o que é uma família.

PERIGOSAS ACHERON

O mesmo filme que o meu



Vicente

Estaciono o carro em frente ao prédio alto, localizado em uma rua arborizada e vazia e me viro para uma Malu muito curiosa, olhando em volta no que, talvez, seja a sua próxima casa. Recebi ontem à noite a ligação de Marcelo, meu amigo corretor, sobre um apartamento vago no mesmo prédio que Rodrigo mora e sequer pensei muito ao pedir uma reserva.

Sim, eu não esqueci nada do que conversamos dias atrás, mas as coisas tiveram uma leve mudança, desde então. Agora eu sei qual a motivação de Alexandre Fiote e, definitivamente, não pagarei para ver. Nunca deixaria minha mulher sozinha em um apartamento, cujo controle de entrada e saída fica nas mãos de um senhor de idade — nada contra ele, o velhinho é por demasiado simpático, mas tenho certeza que vocês me entenderam.

A minha intenção, aqui, é alugar esse apartamento e trazê-la para morar comigo. Um lugar seguro, confortável, e nosso.

“Nosso.”

O simples fato de estarmos vindo visitar um apartamento, juntos, mexe ainda mais com tudo dentro de mim. Me pego lembrando-me de meses atrás, quando eu mal conseguia ouvir falar na palavra relacionamento, até essa mulher aparecer e tirar tudo do lugar, me fazendo, inclusive, pensar naquela palavrinha paroxítona que todo malandro corre ao ouvir.

Casamento.

Sim, hoje eu penso nisso. Em uma casa nossa, um canto nosso, filhos, cachorros, gatos ou qualquer coisa que ela queira criar ao meu lado.

Se tiver essa mulher do meu lado, eu crio até cactos.

— Vamos? — Seguro sua mão, e ela devolve entrelaçando seus dedos nos meus.

— Contigo? Para qualquer lugar...

Nos aproximamos de mãos dadas da portaria, e o porteiro, um grandalhão sério que em nada se assemelha ao sujeito boa praça que é o Josué, ou até mesmo o tagarela do Seu João, nos atende de um jeito carrancudo.

— Vicente e Maria Luiza — eu respondo, e começo mentalmente a pensar como nossos nomes

ficariam juntos. *Vicente e Maria Luiza Avellar*. Preciso ir depois ao banheiro para ver se meu pau não caiu, porque tenho certeza que esse é o tipo de coisa que mulher faz quando começa a se relacionar seriamente com um cara.

— O corretor aguarda vocês no sexto andar, pode subir, segunda torre à direita.

Sequer comentei com vocês sobre este condomínio, cheguei aqui tão fora de mim, que isso não era mesmo importante naquele instante. O lugar é legal, são três torres dispostas triangularmente, com bastante verde para todo lado, um chafariz — sim, eu sei. Malu e eu também achamos muito brega — bem na entrada, duas piscinas, pista de corrida, campo de futebol. De tédio, garanto que ninguém morre vivendo aqui.

Mas o mais importante, no caso, é a segurança. Forte, vigilante, porque as pessoas que vivem aqui não são *pouca bosta*. Subimos o elevador e, para minha surpresa, nesta torre são somente dois apartamentos por andar. A porta está aberta e Marcelo já nos aguarda no hall de entrada.

— Cara, que bom que vocês puderam vir hoje — ele fala, animado, abraçando Malu e me dando um tapinha nas costas. — Eu tenho certeza

que este apartamento não fica muito tempo disponível. Separei porque sei que é colocar no sistema e alugar.

— Nossa, é tão bom assim? — Malu vai se esgueirando para dentro e me concentro em ver sua reação ao local. — Ué, Marcelo, está mobiliado?

— Sim, tudo novinho, Luiza. Três quartos, duas varandas, esta da sala é gourmet e dá de frente com o parque. Para o tamanho do apartamento, o valor do aluguel é excelente. E a segurança é excepcional, como você bem sabe...

Saímos olhando o apartamento e, realmente, o local é ótimo, espaçoso e bem conservado, parecendo, inclusive, nunca ter sido habitado. Ele nos explica que o apartamento foi totalmente reformado, mas o casal se separou às vésperas do casamento e, por isso, o local todo mobiliado e o ar intocado. Consigo realmente me ver morando aqui, o que convenhamos, nem é um absurdo, se levar em consideração o buraco em que viva antes de conhecer Malu.

Fico um tempo tirando algumas dúvidas com Marcelo, sobre o tempo de contrato, valor e outras chatices burocráticas, enquanto deixo a arquiteta livre, analisando o lugar. A encontro,

minutos depois, parada na sacada do quarto, olhando para o parque arborizado e correndo as mãos na grade, com ar pensativo. A abraço por trás, e ela envolve minhas mãos com as dela, deitando a cabeça em meu ombro, se encaixando como sempre.

— Gostou daqui, Foxy?

— Amei. Amei muito. Bem localizado, seguro... esse parque aqui atrás parece cenário de um filme.

A voz insegura não consegue esconder o monte de caraminhola que essa cabeça parece gerar por segundo. Muito disso, culpa minha, confesso. Além de não ter dito a ela nada do que descobri ontem em Brasília, também não disse exatamente quais são as minhas intenções vindo até aqui hoje.

Somos excelentes em tirar conclusões precipitadas e aposto que ela pensa que eu vou simplesmente trocar de parque.

— Eu espero que seja o mesmo filme que eu estou produzindo, Foxy. — A viro de frente, enlaçando as mãos em sua cintura e me abaixo, esfregando o nariz no dela, sentindo sua respiração e o leve tremor que esse simples contato causa. — Vamos alugar? Juntos? Não quero morar na tua

casa, e nem você morando na minha... — Sorrio ao ouvir seu arfar, quando passo o nariz em seu pescoço, sorvendo o perfume que amo demais. — Se é para ser nosso ninho, então que seja *nosso* desde o começo. Nosso, meu e seu. Você topa?

— Vince — ela fica um tempo com aqueles olhos lindos presos nos meus, brilhando feito dois faróis —, eu acho bom você saber direitinho as coisas que me pede, porque para você vai ser sempre sim.

— Sempre sim? — Meu peito abriga uma escola de samba neste exato momento, tal a força com a qual meu coração bate.

— *Uhum...* então, se você resolver sequestrar um elefante no zoológico, saiba que se me chamar, eu vou.

— Elefante, não, mas uma girafa, quem sabe... esse parque aí pode ser uma boa casa para ela. — A trago mais para junto de mim e a beijo com todas as promessas que eu tenho guardado desde a primeira vez que fiz isso. — Eu te amo.

Claro que as coisas não vão se manter simples assim, para sempre. Não se manteriam, simples assim, sequer por cinco minutos, ou esqueceu que eu tenho um urubu de estimação que

adora sobrevoar minha cabeça e me foder? Você pode até ter esquecido, mas eu não. E nem ele, o maldito urubu.

Malu continua tendo um negócio do outro lado do oceano, que não vai ter seu irmão tomando conta dele para sempre. Aliás, eu acho até que ele tem sido muito bonzinho, sem cobrar nada dela, já faz incríveis sete dias que ela chegou e não tivemos nenhuma bomba vinda daqueles lados.

Um recorde, em se tratando dessa história, veja só.

E esse assunto, claro, vai aparecer. Agora, neste exato momento, quando ainda estamos bem felizes.

— Eu também te amo. — Um suspiro baixo é dado, e então ela me olha, muito séria, contrastando um pouco com a leveza do momento. — Vince, mas você sabe que eu não posso virar as costas para a pousada indefinitivamente, não sabe? Digo...

— Eu sei. Não se preocupe com isso, Foxy. O assunto “pousada” nunca mais será uma sombra entre nós. — Olho por cima do ombro e vejo uma cadeira larga atrás de nós, na varanda. A puxando pela mão, nos sentamos juntos, ela em meu colo,

como sempre.

— Cada vez que eu penso em encarar um avião novamente, te deixando para trás, ou ver você entrando em um táxi e me deixando outra vez... o ar chega a me faltar, Vicente. E eu sei tudo o que envolve sua estadia aqui, mas...

— Eu sei... — sussurro, em seus lábios, quando vejo que sua voz se tornou trêmula. — E eu sei que tenho prometido deixar essa vida, há mais tempo do que é aceitável. Eu só não posso agora.

Malu puxa o ar com força e morde o lábio inferior, contendo qualquer coisa que ela tenha a dizer no momento.

— Eu vou tentar ficar aqui, com você, o máximo que eu puder, Vicente.

— E quando não puder mais, eu vou te encontrar lá. As coisas não mudaram, meu amor. Você é minha, e eu sou teu. Para sempre.



Quando eu comprei o meu apartamento, anos atrás, foi tudo muito básico. Lembro-me de ter mudado, tendo apenas um colchão, um fogão, uma geladeira e uma televisão. Tudo o que eu queria era

PERIGOSAS ACHERON

sossego, morar com Júlio não seria mais uma opção, porque o idiota iria se casar, voltar para a casa de Neusa seria menos opção ainda. Demorou um tempo até eu conseguir me organizar com roupas de cama, utensílios para cozinha e toda essa bobagem que eu não dava muita atenção.

Foi Natália quem me ajudou a terminar de mobiliar, mas eu também não me importava muito com isso. “*Precisamos de um armário no quarto*”, eu comprava um guarda-roupa qualquer. Ou quando ela reclamou que não tínhamos um sofá, eu escolhi o mais barato, só para ter onde sentar a bunda. Não à toa que meu apartamento era feio, desconjuntado, ou como Malu mesmo dizia: sem alma. Se Natália não tivesse sido tão filha da puta comigo, eu até me sentiria mal pela forma canalha como lidei com o nosso relacionamento. E, muitas vezes, chego a pensar que ela foi filha da puta porque *eu fui* um canalha com o nosso relacionamento.

Algumas coisas, você sabe, temos que assumir.

E então você me pergunta por que diabos estou me lembrando disso. Bem, digamos que eu estou numa fase de amor e ódio com atividades

domésticas. A locação do apartamento foi finalizada em tempo recorde, são poucas as vezes que me orgulho de ter dado carteirada por aí, mas usar minha funcional como acelerador de processos às vezes é necessário.

Solto mais uma caixa no chão, antes de apertar o botão do elevador de serviços e seco o suor do rosto com a manga da camisa. Depois de dois dias encaixotando as coisas dela em seu antigo apartamento, estamos neste momento fazendo nossa mudança para a casa nova.

Para minha sorte, Malu é a pessoa mais fácil deste mundo porque esse sobe e desce com caixas e tralhas não é realmente a minha parte favorita, ainda mais em um domingo, e eu devo estar um pouco mais chato que o normal.

E olha que eu já sou um tanto quanto chato. Tenho até pena das pessoas neste momento.

Felizmente, o que não nos falta também são pares de mãos para nos ajudar a carregar e descarregar coisas. Me deparo com a porta de entrada aberta e passo por Vítor, carregando uma pilha de pratos, ao mesmo tempo que, por pouco, não tropeço em Rodrigo, sentado no meio da sala, separando alguns fios, o que eu imagino seja para

ligar a aparelhagem de som.

Para onde eu olho tem um amigo perdido desembalando ou arrumando alguma coisa, risadas por todo canto ou uma piada solta sobre como o “*delegado antirrelacionamentos está amarrado pelas bolas*”. Não vou nem desmentir, se puder ser sincero, deve ser um laço de fita vermelho, ainda por cima.

Olho a etiqueta pregada no topo da caixa, e sigo para o quarto, onde os objetos pertencem, e encontro Malu tentando organizar algumas caixas que descarreguei na sacada. Deixo a caixa no chão e me sento na cama, esticando as costas, soltando um grunhido que a faz notar minha presença e se aproximar, parando atrás de mim.

— Cansado, *bebezão*? — Suas mãos escorregam até meus ombros, fazendo uma massagem que deveria ser relaxante, mas acaba respondendo em outro lugar.

— Perdido. Tem certeza que vamos conseguir achar o lugar disso tudo que está esparramado?

— Tenho — ela ri —, só estou preocupada em não conseguirmos organizar tudo hoje, e acabarmos a noite dormindo em meio às caixas.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pena que não dará tempo de irmos ao abrigo hoje... — lamento, lembrando-me do garotinho e todas as brincadeiras que tínhamos programado para nossa próxima visita.

— Podemos compensar indo sábado e domingo que vem, o que acha?

Sorrio, agradecendo ter achado uma mulher doida o bastante para embarcar em qualquer maluquice que eu resolva fazer. Outra mulher não gostaria de ter uma mudança de residência resolvida de última hora, tampouco ter os seus finais de semana sendo gastos semanalmente em um abrigo, mas... depois de ver aquele menino tão sozinho, eu senti quase uma obrigação de fazer mais por ele, nem que seja gastar, ao menos, algumas horas do meu dia somente para lhe dar alguma atenção.

— Se sente mesmo confortável, Foxy? Com o abrigo, eu digo... — pergunto e ela se posiciona à minha frente, parada no espaço entre minhas pernas, as mãos fazendo um carinho gostoso em meu cabelo.

— Eu adoro crianças, amor. Sabe disso. E fizemos uma promessa a Felipe, promessas feitas a crianças não podem ser quebradas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Jamais... — Afundo o rosto no vale entre os seus seios e ficamos assim, abraçados por um tempo, presos em nossa bolha particular, até que o barulho de risadas na sala ecoa, nos chamando a atenção.

Olho em volta, tentando montar uma estratégia para arrumar tudo mais rápido e não perder a nossa primeira noite aqui, desempacotando coisas, mas desisto antes mesmo de começar ao entender que sou péssimo nisso.

— Vamos deixar só a parte importante arrumada: a cama! O resto... — Dou de ombros, e ela sorri, se afastando.

— Vou fechar a porta e tacar todo mundo para fora, espera aí... — A puxo de volta para um beijo, caindo de costas no colchão. E então eu te digo que esse é o motivo por eu ter me lembrado da minha mudança, anos atrás. Se aquela época tudo foi feito por obrigação, apenas para ter um lugar para dormir, aqui o que não falta é amor.

Nos separamos ao ouvir uma balbúrdia na sala, todo mundo gritando e aplaudindo quando uma música começa a rolar.

— Parece que Rodrigo conseguiu fazer o som funcionar...

PERIGOSAS ACHERON



Malu

Desperto, sentindo um raio de sol bater no travesseiro, fomos nos deitar já de madrugada e nos esquecemos de fechar a cortina. Levanto a cabeça, pensando em uma mudança de móveis estratégica, adoro sol, mas não quando quero ficar até tarde na cama e esqueço-me de escurecer o quarto.

Vicente dorme pesadamente, seu braço envolto em minha cintura, como sempre, ressonando tranquilo. Me aconcheio mais em seu corpo, deixando um cheiro em seu pescoço e instintivamente ele aperta mais seu abraço. Mesmo dormindo, está sempre me procurando, seu corpo sempre grudado ao meu, seus braços sempre me envolvendo.

Meu menino bonito agora parece não querer perder tempo com nada. Pouco mais de uma semana se passou desde que eu desembarquei aqui e parece que nosso relacionamento evoluiu por todo o tempo em que ficamos separados. Claro que ainda existe indecisão, a minha obrigação em Fonthill continua a me chamar, mas, diferente do

PERIGOSAS ACHERON

que era antes, agora sabemos o que queremos — e *como* queremos.

Até mesmo a minha iminente partida para a Escócia — porque, sim, vai acabar acontecendo novamente — não parece nos assombrar como antes. Tudo fica bem mais fácil quando posto às claras e se não tivéssemos sido tão cabeças-duras, não teríamos sofrido tanto.

Minha mãe costumava dizer que precisávamos quebrar a cara às vezes para aprender. Deveria ter tomado nota, ainda na adolescência, de prestar mais atenção a tudo o que minha mãe me dizia. O sofrimento, com certeza, teria sido bem menor, em múltiplos aspectos.

Sinto um pequeno desconforto e me liberto do abraço dele, não muito feliz porque estava bem aconchegada, e saio da cama sem que ele acorde. Ainda estou exausta, morta de sono e talvez isso explique a pequena vertigem que me acomete, pouco antes de eu entrar pela porta do banheiro, me fazendo segurar na parede até minha visão clarear novamente.

Acredito que finalmente a correria e o stress dos últimos dias estão cobrando seu preço.

Ouçó o interfone tocar e olho para o relógio,

passa pouco das sete da manhã e acho estranho, afinal, é cedo demais para visitas.

— Pois não? — Minha voz sai rouca, equilíbrio o telefone no ombro, enquanto amarro o cinto do robe.

— *Dona Maria Luiza, a senhora tem uma visita querendo subir. Cibeles Guerra.*

O que essa mulher está fazendo aqui? E, o mais importante, quem deu o meu endereço a ela? Meu pensamento vai logo para Mônica e, apesar de estar evitando, talvez precise ter uma conversa definitiva com ela, se for o caso.

— *Senhora?*

— Ah sim, desculpe. Por favor, não a deixe subir. Diga que eu entro em contato, se precisar.

— *Tudo bem. Tenha um bom dia.*

Me despeço e desligo, uma pequena parte de mim ainda querendo se sentir mal por ter feito isso, e empurro o sentimento de lado. Passei tempo demais rodeada de pessoas que nada agregavam, agora eu só quero mesmo é quem me faz bem perto de mim.

No entanto, acho estranho que ela esteja fazendo visitas por essa região, sendo que, até onde eu sei, foi mandada longe para sua proteção.

Volto para o quarto e fico em pé na porta, observando Vicente ainda na cama. Deitado de bruços, o lençol o cobrindo da cintura para baixo, lindo demais...

— Vai ficar aí só olhando? — ele fala baixo, a voz rouca, sem nem abrir os olhos. Mas o sorriso já estampa a cara sem-vergonha.

— É meu, oras... olho se eu quiser.

Vicente abre somente um olho e levanta o lençol, em um convite para me juntar a ele. Sequer penso duas vezes, tiro meu robe e vou ao seu encontro, me deitando novamente em seus braços. Seu cheiro me atinge de imediato, seu corpo quente, sua barba por fazer arranhando minha pele em um carinho preguiçoso.

— Bom dia, cheirosa. — Ganho um beijo no pescoço, ele enrola meu cabelo em seu punho e puxa minha cabeça em direção ao seu rosto. — Quem mandou sair da cama antes de mim?

— Queria ver quanto tempo você levaria para notar que eu não estava aqui.

— Não se acostumou ainda? — Sua voz é rouca e sua mão alcança o bico do meu seio, beliscando e fazendo com que eu aperte minhas pernas, tentando aliviar a resposta que sua carícia

me causa. — Eu posso estar dormindo, mas sempre vou saber quando você se afasta de mim.

A combinação de sua voz rouca e seu toque em meu corpo mexem comigo cada vez mais. Me sinto dependente desse toque, desse cheiro, desses beijos. E ele sabe disso, porque sorri, cheio de si, ao mesmo tempo que me vira na cama e coloca seu corpo por cima do meu.

— Vicente... — Suspiro, quando sua mão abaixa a alça da minha camisola, deixando meu seio livre, e tenho pouco tempo para pensar. O que, convenhamos, sempre acontece quando estamos juntos na cama. Antes de sua boca tomar o mamilo que estava em seus dedos.

— *Hmmm...* — Sua mão invade minha calcinha e sinto quando seus dedos passam por toda a minha abertura, se demorando um pouco mais em meu clitóris, em uma carícia circular que me faz arquejar. — Molhada... logo cedo, que delícia.

Ouçó sua risada rouca ao me ver impaciente, forçando meu quadril ao encontro do seu dedo, buscando um alívio que ele não parece com pressa em me dar.

— Por favor, Vince...

— Por favor, o que, Maria Luiza? — Seus

dedos não me dão uma trégua. — Fala para mim, o que você quer nesta manhã ensolarada?

Estico minha mão e acaricio seu pau, por cima da cueca, fazendo-o soltar um gemido ao mesmo tempo que continua mordiscando meus seios.

— Me fode, Vince.

Não preciso pedir novamente. Sua cueca é retirada em uma rapidez inacreditável e, assim que ele se posiciona entre minhas pernas, me penetra de uma só vez, colando sua testa na minha, dando um tempo para que meu corpo se acostume com seu tamanho, como ele sempre faz.

— Você é tão gostosa. Eu passaria o dia inteiro aqui dentro, de tão gostoso que é.

Contorno sua cintura com minhas pernas, puxando seu corpo de encontro ao meu, fervendo por dentro, não suportando mais esperar. Ele começa a se movimentar, tão rápido e fundo que logo eu já estou explodindo em um orgasmo, sendo seguida por ele.

— Sem camisinha de novo... — Beijo seu maxilar e vejo sua sobrancelha se juntar, rapidamente, enquanto ele se ergue um pouco, me encarando.

— Ficou preocupada? Porque eu te falei, não tive ninguém e...

— Não fiquei preocupada. É só que não somos muito cuidadosos quanto a isso. Nunca fomos, na verdade...

— E isso é um problema? — Ele tenta parecer casual, mas a voz sai em um tom magoado e nem eu mesma sei o porquê meu subconsciente vive me lembrando de camisinha. Toco seu rosto, enquanto seguro seu braço, o impedindo de sair do lugar.

— Não fica bravo comigo. É costume, eu nunca tive relações antes sem usar camisinha. Quando tudo passa, minha cabeça dispara que não usamos, só isso...

Nos dez anos em que vivi com Ivan ele nunca acreditou 100% nos métodos contraceptivos que eu usava. Acho que pensava que eu forçaria uma gravidez e por isso nunca, por nenhuma vez, se permitiu transar comigo sem proteção.

— Entendi... — Ele fica um tempo ainda me olhando, eu tenho a sensação de que ele vai dizer mais alguma coisa, mas ele simplesmente se abaixa, para beijar meus lábios.

— Espera, não fica magoado. — Me

apresso a segurá-lo, quando vejo que ele vai se levantar.

— Não estou. Eu só não quero que você fique sempre me comparando com o seu ex. Achando que eu vou agir como ele. Sou babaca, mas até a minha babaquice tem limites.

— Eu sei. Sei que não vai. É... automático. Ele passou muito tempo evitando ter filhos comigo, acho que a minha mente ficou condicionada.

— E até nisso somos diferentes. Sei que falamos em ir com calma, mas eu confesso que “calma” e “Vicente” não combinam. Eu vou adorar enfiar um neném nessa barriga quando chegar a hora, e acho que essa hora está demorando muito... — ele fala, alisando minha barriga, o olhar ansioso.

Minha mente começa a viajar, lembrando-me da minha vontade de ser mãe, a dele de ser pai, e sua mãe dizendo que eu sou *inadequada*. Meu silêncio dura poucos segundos, mas eu acredito ter sido o suficiente para que ele entenda como uma negativa, pois seu semblante cai um pouco.

— Quem era ao interfone?

— Cibele. Mas não quis atender, pedi para a dispensarem já da portaria.

Seu rosto se transforma imediatamente, e

ele tensiona o corpo.

— Cibeles? Tem certeza?

— Foi o nome que o porteiro deu. Por quê?

— Curiosidade, só...

Ele se levanta, depois de um beijo rápido nos lábios, veste uma bermuda e sai do quarto.



Vicente

Queria ter mais tempo para digerir suas reações quando toco no assunto de ela engravidar, mas não tenho tempo para isso. Cibeles era para estar sob proteção, o que diabos ela veio fazer aqui? Saio para a varanda, preciso de um pouco de ar. O telefone toca duas vezes, antes que eu possa ouvir a voz grossa do outro lado da linha.

— *Machado.*

— Machado, bom dia. Aqui é o delegado Avellar, da subdivisão de São Paulo.

— *Bom dia, delegado. No que eu posso ajudar?*

— Temos uma testemunha sob proteção, da operação *Pink e Cérebro*. — Ouço sua risada, é sempre a mesma reação. Acho que uma das partes

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mais divertidas em se ter uma nova operação é escolher o nome que daremos a ela.

— *Sei, sei. A que veio do exterior. O que quer saber?*

— Alguém se apresentou em minha portaria usando o nome dela. Quero saber se era ela mesma.

— *Em sua portaria? Aí em São Paulo? Acho meio difícil, doutor.*

— Eu também, mas achei melhor confirmar. Pode checar para mim?

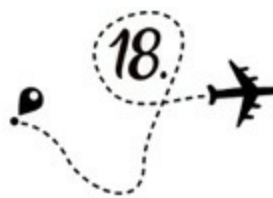
— *Claro, retorno assim que tiver uma resposta.*

Suspiro, esfregando o rosto, preocupado. Porque se não foi Cibele, tem alguém usando seu nome, tentando chegar perto de nós. Felizmente trocamos de prédio e a segurança neste local é bem mais eficiente, mas, ainda assim, não posso descuidar. Não com Malu aqui.

As ameaças pararam nas últimas duas semanas, não é possível que começará tudo outra vez.

PERIGOSAS ACHERON

Você me esqueceu?



Malu

Sorrio ao ver o policial grandalhão entrar, carregado de pacotes, pela porta do hall. Confesso que ando me sentindo meio uma Kardashian encubada, andando com seguranças o tempo todo, e hoje, fazendo-o carregar um monte de sacolas para mim, foi quase como se eu fosse Julia Roberts saindo às compras. Claro que eu deveria sentir uma pontinha de culpa ao fazer o rapaz trabalhar de carregador, mas... não sinto, não. É até divertido brincar disso.

Aproveitei o dia livre hoje para comprar algumas coisas que estavam faltando no apartamento, a cozinha agora está equipada do jeito que eu gosto. Brincar de dona de casa também anda sendo uma das minhas coisas favoritas no mundo.

— Obrigada, Hugo!

— Disponha, Maria Luiza... Voltarei para o meu posto, qualquer coisa, passe mensagem, ok?

— Aceno a ele, que bate a porta atrás de si e saio pela casa com as sacolas

Sento-me no sofá da sala, tirando os sapatos

e jogando longe, passando a olhar dentro das várias sacolas, pensando em separar as coisinhas que comprei. Cuidar da minha casa sempre foi algo que me deu muito prazer, mas agora, por ser um lugar que divido com *ele*, tudo parece ser ainda mais prazeroso.

Vicente também colabora, não vou mentir. Interessado, dedicado, ouviu cada mínimo detalhe que eu dizia querer, dando palpites, ideias. Montei um cantinho para colocar os livros que ele gosta, ou recomprar seus cds que foram perdidos no incêndio e isso o deixou tão emocionado, que me agarrou no meio da sala, em um abraço apertado que fez meus pés saírem do chão.

Ele quer um lar, e é isso que eu estou dando a ele.

O toque do celular interrompe meus pensamentos, e levo um tempo até localizar a bolsa, e depois até encontrar o aparelho dentro dela. Bolsa de mulher é quase um portal para outra realidade. E, vejam bem, é uma mulher aqui dizendo isso.

— Alô — respondo, rapidamente, sem ter reconhecido o número.

— *Maria Luiza? Aqui é Aparecida, psicóloga do abrigo Santa Clara, tudo bem?*

— Ah! — Sento-me, novamente, buscando na memória como ela ficou com o meu telefone, relembrando em seguida que marcamos a doação de alguns livros. — Olá, Aparecida! Como vai, tudo bem? Menina, anda tudo tão corrido aqui, esqueci os seus livros.

— *Não se preocupe, não estou ligando por causa dos livros. É... o Felipe.*

— Aconteceu alguma coisa com ele? — respondo, alerta, sentindo o coração acelerar.

— *Veja bem, não é o nosso procedimento padrão. Eu, na verdade, sequer deveria estar te ligando, esperei para conversar no final de semana, mas vocês não apareceram...*

— Ah... nós mudamos de casa no domingo, estava tudo tão confuso. Mas o que aconteceu com Felipe?

— *Ele está ardendo em febre, Maria Luiza. Depois da visita de vocês, ele ficou muito bem, se alimentou e brincou a semana inteira, mas quando o domingo chegou e vocês não apareceram, o humor dele caiu um pouquinho e... bem, hoje ele está realmente choroso e febril. E chamando por Vicente...*

— Oh, meu Deus... — murmuro, já olhando

em volta, procurando o sapato que joguei longe não muito tempo atrás. — O Vicente está trabalhando, mas, será que eu consigo fazer alguma coisa?

— *Você pode vir até aqui? Estamos realmente preocupados com ele...*

Passo uma mensagem para Hugo, dizendo que preciso ir até o abrigo, e ele responde imediatamente que está a postos, esperando. Ele, inclusive, é um dos muitos agentes que tem ido fazer trabalho voluntário no local nos finais de semana, e durante o caminho ele me diz que esteve sábado no abrigo e respondeu a várias perguntas ansiosas do garotinho esperando pelo “*tio Vince*”.

Meus olhos chegam a lacrimejar ao lembrar o garotinho apegado a Vicente de forma imediata, brincando de bola e correndo pelo gramado, imaginando como deve ter sido triste e frustrante para ele não nos ver novamente. Não havia passado muito tempo, hoje ainda é quinta-feira, mas eu preciso colocar na mente que, para uma criança abandonada, as coisas são diferentes.

Ele tem uma percepção totalmente oposta do que nós entendemos por “muito tempo.”

Em um estalo, me lembro de que não avisei Vicente que estou saindo e, antes de matar meu

delegado do coração, decido fazer uma ligação rápida.

— *Foxy...* — Vicente atende minha ligação, sem sequer esperar o terceiro toque. — *Está tudo bem, pequena?*

— Sim, está. Te liguei para avisar que estou indo com Hugo até o abrigo. Me ligaram de lá há pouco...

— *Aconteceu alguma coisa?*

— Parece que Felipe está doente e... enfim, estava chamando por você.

— *Doente? O que ele tem?* — Consigo ouvir um barulho de fundo, como um arrastar de móveis e um bater de portas.

— Aparecida disse que ele está febril. Estou indo até lá, ok? Não se preocupe, estou com Hugo.

— *Tudo bem. Estou um pouco enrolado aqui, mas qualquer coisa, me ligue, por favor.*

O abrigo não fica muito longe de nosso apartamento então, mal encerro a ligação e já estamos estacionando em frente ao grande portão de ferro. Como se estivesse ansiosa ao meu aguardo, Aparecida abre a porta de entrada, um grande sorriso no rosto nos dando as boas-vindas.

— Maria Luiza, Hugo! Que bom que

puderam vir.

Somos direcionados até a ala interna do abrigo, por conta dos ataques que os agentes andaram sofrendo, todos os locais visitados por eles com certa frequência acabaram tendo uma certa mudança na rotina.

— Onde está o Felipe? — pergunto, olhando ao redor.

— Está no dormitório. Vem comigo... — A acompanho até a ala superior da casa, deixando Hugo na recepção. Vou observando o dia a dia das crianças quando não têm visitas, entretidas em atividades com os educadores, todos me olhando com um ar curioso, conforme eu vou passando por eles.

— Não estão acostumados com visitas, assim, fora de horário, não é?

— Só visitas pontuais, quando queremos introduzir potenciais famílias substitutas. Como a que Felipe está recebendo hoje.

Aparecida então me conta que existe um casal interessado em adotar Felipe, já que o menino preenche todas as “qualificações” que foram colocadas no banco de dados. Os dois são casados há muitos anos, a mulher não consegue engravidar

e, por fim, Felipe seria o adicional perfeito a essa família. No entanto, o garoto não recebeu bem a notícia. Quando a mulher disse a ele que, em breve, eles estariam indo juntos para casa, o estado do menino piorou e que agora, além de uma febre intensa, ele tem um choro ininterrupto.

Confesso que a notícia de que alguém pensa em adotá-lo mexe comigo também. É um sentimento que eu não estava esperando, essa... decepção, como se algo estivesse sendo tirado de mim. Chega a ser egoísta de minha parte, afinal de contas, vimos o garoto somente uma vez, mas a forma como ele se apegou a nós — e particularmente a Vince... — pensar em não o ver mais, me causa um desconforto gigantesco.

O quarto onde Felipe dorme é pequeno, posso ver três camas no cômodo sendo, uma delas, beliche. É limpo, bem arrumadinho mas completamente impessoal — o que é compreensível. Abrigos são lares provisórios, infelizmente algumas crianças passam por ele mais tempo do que seria aceitável.

Novamente me pego pensando em Vicente, e nas similaridades entre os dois. Lembrando-me daquela visita que fiz em sua casa, aquele

bonequinho perdido em meio aos seus cds de música...

Cumprimento um casal de meia-idade que está encostado na parede, próxima a pequena cama onde posso ver Felipe ainda soluçar, de tanto que chorou. Uma funcionária tenta fazê-lo beber um pouco de água, sem sucesso, e parece aliviada ao me ver entrar pela porta.

— Oi, pequenino... por que está chorando assim?

Os olhinhos vidrados demoram um pouco a focar em mim, mas segue a direção da minha voz, mesmo assim. Passo a mão por seus cabelos molhados de suor e sorriso, ao ver o reconhecimento em seu rosto.

— Tia Malu...

— Oi, bebê. *Tá* dodói?

Os lábios dele se transformam em um biquinho doloroso quando ele, magoado, solta toda a sua decepção conosco. O choro volta, sentido, e eu não penso duas vezes em tomá-lo nos meus braços, me sentando com cuidado na pequena caminha e o aconchegando em um abraço apertado.

— Não chora, pequenino... — Encho seu rostinho quente de beijos e noto que a camisetinha

está ensopada.

— Eu fiquei sozinho, tia Malu...

Se eu tivesse essa capacidade, estaria chutando minha bunda ao mesmo tempo que acalanto o garotinho em meus braços. Sua reação me faz perceber o quanto de responsabilidade esse tipo de ação é necessária, porque essas crianças já estão vulneráveis, solitárias, e não podem se apegar e depois sofrer com mais uma decepção.

É por isso que os abrigos acabam limitando as visitas e o contato com as crianças. Criar esse tipo de expectativa nelas, para não as suprir depois, acaba sendo um novo baque na vida deles. E mesmo tendo sido algo completamente fora do controle, por conta da mudança, Vicente e eu agimos muito errado com ele.

— Você me perdoa? Não vou mais fazer isso, eu prometo... — Estico a mão, pegando o copinho que a funcionária segura, o fazendo beber água, e peço a ela para me trazer uma muda de roupa seca. — Você comeu hoje?

Entre um suspiro e outro ele nega, balançando a cabecinha freneticamente, e eu analiso o rostinho abatido, os olhos inchados e caidinhos.

— Não pode, *né*, Lipe? Lembra que eu te falei aquele dia? Tem que comer bastante, *pra* crescer e ficar gigante.

Vou conversando com ele, o vendo lentamente se acalmar, ainda que soluços rompam de vez em quando, devido ao tanto que ele chorou. Troco sua roupinha, enquanto espero Fernanda, a moça que cuida das refeições, trazer a ele um copo de vitamina que, sentado em meu colo, ele devora.

— *Gotoso...*

— Viu? Encheu o barrigão, olha... — Levanto a barra da camisetinha e dou leves cutucões em sua barriga, o fazendo rir. — Conta para mim, o que você fez hoje?

— Eu chorei.

O trago para mais um abraço apertado, notando que a febre está cedendo, já que sua temperatura corporal está bem mais baixa do que quando eu cheguei, e ele se aconchega, grudando os bracinhos ao meu redor.

— Não vai chorar mais, *tá* bom?

— *Tá*. Cadê o tio Vince?

— O tio Vince está trabalhando. Lembra que ele te contou que é policial? — Ele confirma, arrumando o corpinho. — Então... a essa hora ele

está na delegacia, trabalhando.

— Por isso ele não veio, ontem?

— Não, não foi por isso... — Passo o dedo por seu rostinho, e bato a ponta do dedo em seu nariz, o fazendo rir. — Não viemos porque mudamos para uma outra casa, ficamos o dia inteirinho carregando um monte de caixas *pra* lá e *pra* cá, e acabou ficando tarde.

— E tinha criança? — Sorrio, ao notar a pontinha de ciúme.

— Não, nenhuma criança. Só gente grande e chata.

— Você vai brincar de bola comigo hoje, então? — ele pergunta, esperançoso, e eu olho para Aparecida, sem saber direito o que fazer, porque, tecnicamente, hoje não é dia de interação.

Mas ela sequer tem tempo de responder, logo a voz irritantemente alta da senhora que estava o tempo todo observando nossa conversa, irrompe pelo cômodo, me causando antipatia imediata.

— Não vai brincar com ela, não, Heitor. Viemos ver você, então como já está bonzinho...

Vejo a sombra da mulher se aproximando atrás de mim, mas nem precisaria, tal desespero toma o garoto que se gruda em meu pescoço e

retoma o choro. O que me enfurece, afinal de contas, ele já tinha se acalmado e, em um impulso, me levanto da cama, levando o menino comigo.

— Eu não sei se a senhora notou, mas ele não está muito com ânimo para brincar. — “Com a senhora”, eu queria completar.

— Isso não importa muito. Ele terá que se acostumar comigo, de uma forma ou de outra, logo ele vai embora para minha casa.

Meu olhar corre ao redor, onde as funcionárias do local estão paradas, observando. Acho, inclusive, que elas se posicionam de uma forma um tanto estratégica, como se estivessem esperando uma grande cena, que não vai custar muito para acontecer se a mulher continuar se aproximando. Olho por cima do ombro dela, o marido está um pouco mais além, plantado em pé, com cara de banana, sem movimentar um músculo, como se tudo o que ela estivesse falando e fazendo fosse perfeitamente aceitável.

Como se forçar uma criança que já tem muito pouco nesta vida a aceitar a sua presença fosse algo normal. Chega a me causar dor lembrar que esse casal é quem tem a intenção de adotar Felipe e isso me deixa ainda mais nervosa. Ele é

perfeito, sim, para essa família, mas eles, nem de longe, são perfeitos para o menino.

— Ele não tem nada... — Aperto o garoto nos braços, que aumenta os gritos, conforme a mulher se aproxima, tentando puxá-lo pela camiseta. — E eu acho bom a senhora se afastar. Pode não parecer, mas eu não me dou muito bem com gente folgada mexendo com quem eu gosto.

— Aparecida! — Consigo ouvir o barulho dos saltos da mulher batendo no chão, irritada. — Eu vim para conhecer o garotinho, não acho que uma denúncia a este local surtiria efeito positivo, imagina perder o seu certificado no Conselho Municipal?

— Calma, Margot. O menino está nervoso, estava doente...

— Estou calma. Quem parece estar nervosa é essa pessoa que você chamou para se meter. Venha, Heitor...

Mais uma vez a mulher se aproxima, o chamando por um nome que não é o dele, e mais uma vez sinto o aperto dos bracinhos em volta do meu pescoço. Firmo meus dois pés no chão, testando em caso de necessidade de dar uma voadora ou duas, caso ela se aproxime novamente.

— Quem é que está chorando aqui? — A voz grossa e potente soa ainda no corredor, do lado de fora, e como se fôssemos dois girassóis em busca do nosso raio de sol, nos viramos para ele. Vicente passa pela porta, todo de preto, com um sorriso no rosto que, o conhecendo bem, vejo que não alcança os olhos, mas, ainda assim, mantêm a pose. — Ei, carinha!

— TIO VINCE!

Desesperado, o menino pula do meu colo e sai correndo, tomando o cuidado de desviar da bruxa, e pula no colo de Vicente, que está ajoelhado, esperando por ele, de braços abertos.

— Estava chorando, é?

Rapidamente o menino passa a limpar o rosto, como se quisesse apagar os vestígios da choradeira, mas acaba chorando ainda mais, agarrado ao pescoço de Vicente. E me emociona, ao ver o quão rápido o menino se apegou a ele. Aquele final de semana foi um divisor na vida desse garoto e, pelo que posso ver, o *tio Vince* acabou se tornando um super-herói.

— Você me esqueceu? — Felipe pergunta, entre lágrimas, e recebo um olhar devastado de Vicente. A mesma culpa que eu senti o tomando,

tenho certeza disso.

— Claro que não esqueci. Olha aqui *pra* mim. — Entre soluços, o menino ergue o rosto, que Vicente passa a secar com a mão, enquanto fala, no tom mais doce do mundo. — Eu não te esqueci. Me lembrei de você todos os dias, mas aconteceram umas coisas e eu não consegui vir. Mas isso não vai acontecer de novo, tudo bem?

Qualquer um poderia sentir a sinceridade na voz dele. Até mesmo a antipática senhora que resmungou algo atrás de mim, enquanto o garotinho acenava com a cabeça, perdido entre segurar no pescoço de Vicente, limpar o rosto e soluçar.

— Parou de chorar agora? Ou *tá* chorando ainda?

— Eu não, tio Vince! *Tô* rindo, ó... — Ele abre um sorriso cheio de dentes que me faz rir, e isso chama a atenção do meu delegado.

— Me fala uma coisa, Felipe... você sabe quem é aquela moça bonita ali?

— Quem? — Felipe olha em minha direção, e se vira, sorrindo. — Ah, tio Vince. É a tia Malu!

— E você *tava* agarrado com a minha namorada? Não acredito! — ele exclama, fazendo o

menino arregalar os olhinhos e levar as mãos à boca, como se tivesse sido pego em flagrante.

E, nesse ponto, meu útero já está convulsionando.

Eles são perfeitos juntos. Acabo me sentindo até meio louca e, em minha loucura, penso que o menino chega a se parecer um pouco fisicamente com Vicente.

O dormitório está relativamente cheio de pessoas que foram atraídas pela gritaria de Felipe, quando a mulher tentou pegá-lo, à força. Uns cinco funcionários, mais Aparecida, o casal e eu estamos em pé, parados, olhando os dois como velhos parceiros, como se o menino não tivesse quase derrubado a casa de tanto chorar, minutos atrás.

Felipe fala sobre a semana, as brincadeiras, os novos amigos... e como ficou triste quando Vicente não apareceu, conforme prometido. E Vince ouve tudo atentamente, comentando e encorajando o garotinho a cada coisa divertida que ele diz.

— Sinceramente... estão me fazendo perder um precioso tempo de qualidade com o garoto, nesse lengalenga.

A tal Margot, talvez cansada de esperar,

decide novamente se manifestar, mas antes que ela se precipite até Felipe, mais uma vez, eu passo por ela, esbarrando de propósito como se eu tivesse doze anos de idade, e paro ao lado dos dois, com os braços cruzados.

Eu até iria confrontar a mulher, mas não precisei. A paciência de Vicente, pelo que eu pude notar, está no limite e ele nunca faz questão de esconder isso.

— Eu não sei se a senhora percebeu, mas o menino não tem o menor interesse em perder o tempo dele, de qualidade ou não, na sua companhia. Deveria ir *perder o seu tempo* em outro tipo de situação, porque claramente crianças não são o seu forte.

— Você é muito abusado! Quem você pensa que é para falar assim comigo?

Foi uma troca de olhar. Duraram segundos, não mais que isso. O tempo suficiente para que nos olhássemos e ele enlaçasse o corpinho do garoto, com ainda mais afinco, antes de responder:

— Vou ser o pai dele.



Vicente

Eu estou, honestamente, tremendo de nervoso. A razão querendo me mandar calar a boca, enquanto todo o restante do corpo quer pegar essa reencarnação de satã vestida em seda e jogá-la pela janela, só para ela calar a *porra* da boca e deixar o menino em paz.

Será que ninguém nota o desespero do menino ao chegar perto dela? Será que estão, ao menos, monitorando o garoto, prestando atenção nele? Alguma coisa ela deve ter dito a ele, o garoto não ficaria tão desesperado perto dela, somente por uma promessa de brincadeira.

Quando eu cheguei, conseguia ouvir o choro sentido dele do andar de baixo! Não, isso não é normal, tampouco aceitável!

Troco um olhar rápido com Maria Luiza, e eu sou um sortudo do *caralho* por tê-la perto de mim. Porque ali, estampado no rosto dela, está tudo o que eu preciso. O suporte, a confiança, o amor... e a certeza de que aqui estamos iniciando a nossa família.

Mas, claro, nem todo mundo parece satisfeito com a minha afirmação.

— *Pai?* — A pergunta sai em um tom fino

e cínico. — Esse garotinho vai ser meu filho, então acho bom vocês irem procurar outro tipo de diversão e cessarem a confusão na cabeça do meu filho. Venha, Heitor...

— O nome dele não é Heitor! — Malu para na frente da mulher, antes que ela consiga chegar perto de nós novamente, e eu mentalmente agradeço o favor. Não gostaria de sair daqui algemado por ter descido o braço nessa mulher sem noção.

— É o nome que eu darei a ele, assim que for embora comigo. Venha, Heitor! — ela pede, mais uma vez, e novamente o garoto se gruda em meu pescoço, choramingando.

— Não quero! Tio Vince...

— O *Felipe* não vai a canto algum com você! — Me viro para a psicóloga, achando um absurdo toda essa negligência em tirar a mulher de perto do garoto. — Aparecida, olha o estado da criança... eu não estou aqui para ensinar a você o seu trabalho, mas *que porra!*

— Vamos ter calma, Vicente... — Ela se aproxima de nós, e passa a mão na testa de Felipe, talvez medindo a temperatura, não sei. — Margot, por favor, me acompanhe. Precisamos conversar.

A coisa ainda fica confusa por um tempo, com a mulher se negando a sair, chamando Felipe por outro nome, ameaçando todos os funcionários e eu estou a ponto de dar voz de prisão a ela. Felizmente, não preciso, e somos deixados sozinhos no dormitório por um bom tempo.

A cama onde Felipe dorme é frágil, pequena. Uma cama de bebê, mesmo... então, como não tem nenhum aviso de “proibido” na cama ao lado, me sentei nela, as costas amparadas na parede, o garoto deitado em meu peito e Malu sentada ao meu lado.

— Estamos fazendo certo, não?
— pergunto, ansioso. Receoso de ter entendido errado seu olhar, mas tão certo da minha decisão. Isso aqui é certo. Nós três, nossa família, bem aqui...

— Estamos. Somos três agora...



— Vocês precisam entrar no banco de dados. Precisam se encaminhar a uma vara da Infância e Juventude e preencher um cadastro com informações e documentos pessoais, antecedentes

PERIGOSAS ACHERON

criminais e judiciais. — Mirtes, a administradora, passa a explicar para nós, com ar entediado, o procedimento, pouco tempo depois de deixarmos Felipe dormindo no quarto.

— Essa é a listagem de documentos necessários? — pergunto, analisando a enorme folha.

— Sim. Eu aconselharia você a dar entrada como solteiro. Como Maria Luiza é estrangeira e vocês não são casados, isso pode dificultar o processo. Por lei, a adoção só é concedida a estrangeiros quando não existem candidatos brasileiros disponíveis e, como puderam ver hoje, eles existem.

Ouçó Malu suspirar ao meu lado e aperto sua mão. Acabo ficando frustrado porque parece que sempre temos um empecilho, um *porém* nos atrapalhando.

— Depois de ter dado entrada nos papéis, o que acontece?

— Vocês passarão por entrevistas, receberão visitas de assistentes sociais para checar o ambiente onde vivem, e se estão aptos a receber uma criança. E então serão chamados quando o perfil da criança que vocês indicarem no cadastro

for encontrada.

— A criança já foi encontrada, Mirtes. Eu não posso simplesmente colocar isso no cadastro?

— Não funciona mais assim. Antigamente você poderia apontar uma criança, mas, convenhamos, um órfão não é uma criança em prateleira de supermercado. As regras se tornaram mais rígidas... mas nós podemos apontar o interesse pela criança durante o processo.

— Certo. Passamos na entrevista, colocamos um neon piscando em cima da cabeça do Felipe, dizendo que é ele que nós queremos... o que acontece depois? — pergunto, impaciente, para ouvir Aparecida rir atrás de nós, balançando a cabeça, achando tudo muito engraçado.

Eu só acho burocracia demais, isso sim.

— Vocês ficarão um tempo convivendo com a criança, poderão visitar todos os dias por algumas horas. Mas eu já adianto, pode levar algum tempo. Alguns processos chegam a levar três anos.

— Três anos? — Minha voz sai um pouco mais alta do que gostaria. — Ele ainda ficaria todo esse tempo neste lugar?

— Calma... — Ouço Malu ao meu lado, e respiro fundo. Três anos... essa criança não pode

PERIGOSAS NACIONAIS

ficar todo esse tempo esperando uma família, é tempo demais!

— Entenda uma coisa, Vicente... o processo é burocrático por uma boa razão, eles precisam encontrar a melhor família possível para a criança. O processo seria mais fácil se vocês já estivessem no sistema, e se não houvesse nenhuma família interessada no garoto.

A mulher tem uma paciência de cão, comigo, tenho que confessar. Porque depois de ter explicado tudo, eu ainda a fiz repetir, só para ver se tinha entendido corretamente ou ela não iria passar nenhuma informação conflitante que nos faria perder tempo depois. Anos de investigação me deixaram um tanto quanto calejado.

No entanto, somente a ideia de ter Felipe conosco me anima, mesmo sabendo que será um processo longo. A vontade é sair daqui com ele neste exato minuto, ver o garoto chorando, se sentindo abandonado, acabou comigo. E me fez ter a certeza de que nunca mais eu o desapontarei novamente.

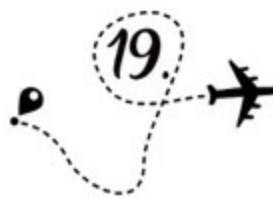
Nunca mais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

A raposinha



Vicente

Dirijo para casa com um certo desconforto sobre tudo o que foi dito naquela sala. A minha intuição a todo momento tentando me alertar que algo está fora do lugar. A forma como Mirtes explicava os procedimentos com uma certa preguiça apressada, me deixou um tanto incomodado. Era quase como se estivesse me desencorajando, de alguma forma.

— Aconteceu alguma coisa, Vince? Você está estranho...

Presta uma atenção, que Deus me livre...

Eu deveria não a deixar preocupada, afinal de contas, pode ser apenas paranoia de minha mente investigativa, mas... se eu não puder dividir minhas *merdas* com ela, com quem eu o farei?

— Não é nada de mais... mas eu estou pensando em falar com Gael.

— Sobre o quê?

— Sobre Felipe. Eu não sei, ando meio por fora da legislação, mas alguma coisa ali naquela burocracia toda me pareceu meio forçada. — Me

viro, capturando seu olhar curioso. — Porque, veja bem, poderia ser uma exceção, já que claramente o garoto tem uma ligação conosco. E ela parecia mais querer dificultar a nossa vida do que, propriamente, nos facilitar.

— Acha que ela tem algum tipo de rabo preso com aquela insuportável?

— Se tem, vai entrar pelo cano. Não vou deixar Felipe morar com a madame Satã, não, sem brigar com tudo o que eu tenho.

Por ter sido obrigado a exercer advocacia por um tempo, eu me lembro de algumas coisas. Claro que muita coisa pode ter mudado, no Estatuto da Criança e do Adolescente principalmente, mas alguma coisa ali parece fora do lugar e, por causa disso, eu não posso simplesmente acreditar na palavra dela. Não quando ela parece muito inclinada a agradar o outro casal.

Felipe é nosso, e não haverá nenhum tipo de discussão a esse respeito, e eu moverei céus e terra para o ter conosco. Fico tão ansioso que acabo não esperando muito, nem bem chegamos em casa já passo a mão no telefone e vou até a varanda.

— *Fala, babaca!* — Gael atende de forma animada, depois que se acertou com sua garota a

vida parece ter voltado a lhe sorrir.

— Essa saudação é minha, italiano idiota. — ouço a gargalhada alta do outro lado, e acabo acompanhando. — Olha só, eu acho que preciso da sua ajuda.

— *NÃO! O delegado certinho andou fazendo merda?*

— É sério... — Talvez alertado pelo meu tom, ele cessa a brincadeira e, curioso, ouve o meu relato. Conto tudo a ele, desde a nossa primeira visita ao abrigo até o que aconteceu na tarde de hoje. E, claro, não deixo passar também todo o direcionamento que recebemos no abrigo.

— *Você sabe que eu estou meio enferrujado, voltando agora, depois de um bom tempo parado, mas... eu sempre acho que instintos devem ser seguidos. Se você sentiu algo estranho, não custa dar uma olhada. Você disse que o garoto adoeceu de saudade?*

— Nem me lembre disso... — lamento. — Malu foi chamada pela psicóloga, e quando eu cheguei lá, um tempo depois, o menino estava aos prantos.

— *Eu vou te falar, pela pouca experiência que eu tenho com isso, por causa do Bruno, posso*

PERIGOSAS NACIONAIS

te dizer que o menino te escolheu, Vicente.

Meu coração chega a disparar no peito, por causa dessa afirmação.

— Conosco funciona do mesmo jeito.

— *Vamos fazer o seguinte? Eu vou consultar os universitários e te ligo em seguida, pode ser?*

— Fico no aguardo. — Desligo e sigo para a sala de estar, reparando nas várias sacolas que estão espalhadas pelo tapete. Curioso, abro uma pontinha da que está mais próxima de mim, tentando descobrir o que tem dentro.

— A curiosidade matou o gato! — Malu diz, alto, e eu pulo no lugar. Sua gargalhada melodiosa toma todo o espaço, enquanto eu sinto o rosto corar por ter sido pego no flagra.

— O que é tudo isso?

— Compras... — Ela dá de ombro e se aproxima, descalça e vestindo apenas uma camisetinha justa. A puxo pela cintura, trazendo-a para perto.

— Você está com um belo par de seios, Foxy... — Acaricio o belo monte arredondado por cima da blusa, a fazendo respirar fundo. — Eles estão maiores.

PERIGOSAS ACHERON

— Já vai me chamar de gorda...

— Gostosa. — Beijo seu pescoço e ela ri, preguiçosa, mas logo está me olhando novamente com aquele par de olhos cor de topázio, pidões e curiosos. — O que foi?

— Vem aqui comigo...

Malu sequer espera eu falar, já sai me puxando pela casa, até estarmos em um dos quartos que ainda estão vazios. O local está todo mexido, já está mobiliado, assim como toda a casa, mas ela, pelo visto, não anda muito contente com a decoração do lugar.

— Anda com ideias, Foxy?

— Várias. Uma delas é trazer Laura para transformar este quarto numa belezinha mirim em tons de azul, o que acha?

Eu acho que já comentei com vocês como é diferente o meu relacionamento com Malu de tudo o que eu já tive nesta vida. Se bem que eu não posso, mesmo, chamar nada que eu tive antes de relacionamento, mas, mesmo assim, nada se compara. Ela se esforça, de um jeito incrível, para me incluir em tudo. Em cada detalhe da nossa casa, em cada decisão, em cada mudança.

E não que ela precise de direcionamento,

permissão, ou nada do tipo. Malu se achava esse tipo de mulher, mas ela nunca foi assim. Ela sempre foi dona de si, só precisava mesmo perceber isso. Ainda assim, ela nunca precisou de nenhum tipo de concordância minha para fazer o que quer que seja, sempre foi rebelde, dona do seu nariz.

Então, quando ela me inclui em seus planos, quando me pede opinião, quando me chama para decidir, juntos, é porque ela acha importante que eu faça parte e... algo que *pra* alguns é tão pequeno, que *pra* outros seria bobagem, para mim, se torna gigante.

Ela me coloca no centro do mundo dela e isso é muito mais do que eu um dia esperei. Emocionado, entregue e completamente rendido eu a enlaço pela cintura, a trazendo pra mim.

— Acho que não o sei mais o que eu faço da minha vida sem você nela. Isso que eu acho...



Gael me telefonou não muito tempo depois que nos falamos, me convidando para vir até o escritório onde ele trabalha. A *Santos Neto Advogados e Associados* é um grande escritório,
PERIGOSAS ACHERON

que vem por um bom tempo representando gente importante, e era o local onde Gael trabalhava, antes de toda aquela merda acontecer em sua vida. Achei fantástico ele estar retomando sua vida ainda no mesmo lugar, mas com uma mentalidade completamente diferente.

É triste a gente só aprender quando toma... *enfim*.

— Sente-se aí. — Ele me indica uma cadeira, na sala de reuniões onde estamos esperando a advogada *pica das galáxias* que ele disse poder nos ajudar. — A Ana Paula já vem.

Assim como eu, Gael detectou uma falha no sistema de Mirtes. Pela idade de Felipe e a nossa ligação, não seria necessário ela me fazer entrar no sistema, bastaria eu entrar com o pedido de adoção direto com o juiz. E isso, claro, levantou nossas antenas. *Por que* ela dificultaria o processo?

— Estou nervoso, Gael. Preocupado. Eu odiei a mulher que está interessada em adotar o Felipe. Caso ela consiga, eu tenho certeza de que ele vai ser a criança mais infeliz do mundo e eu... não estou sabendo lidar com isso.

— acredite em mim, Vicente, ela não irá. Talvez ela fique tal qual Marley, correndo atrás do

próprio rabo por um tempo, será, inclusive, uma boa distração.

— Quem é Marley?

— O cachorro do Bruno... — ele responde, como se essa fosse uma informação completamente relevante e não parecesse a mais pura loucura. Mas não tenho tempo de responder, a porta da sala se abre e uma mulher imponente entra, ostentando um belo sorriso.

— Doutor Avellar, que bom vê-lo. — A mulher de dedos compridos me oferece a mão gelada, que eu aperto rapidamente. — Tenho acompanhado o seu trabalho através da mídia.

— Eu preferia trabalhar sem essa atenção toda, mas sabe como é, a bandidagem, adoram holofotes.

— Gael me procurou mais cedo, e expôs o caso. O senhor conhece o abrigo em questão?

— Não faz muito tempo. Comecei a fazer um trabalho voluntário lá há pouco mais de dois meses.

— Já tinha se interessado em adotar alguma criança?

Balanço a cabeça, negando imediatamente, sem sequer pensar a respeito. Adoção não tinha

mesmo passado por minha cabeça, principalmente com os últimos meses caóticos que passamos aqui no Brasil.

— O meu interesse é em Felipe. O *nosso* interesse é em Felipe.

— Certo. E vocês são casados? Você e... — ela olha as anotações em um papel, antes de se voltar a mim novamente —... Maria Luiza Drummond, correto?

— Não. Não somos casados, *ainda* — reitero, e ouço a risada de Gael ao meu lado, a qual eu respondo com um chute por baixo da mesa.

— Eu pergunto porque, para adoção conjunta, é indispensável que os adotantes estejam casados ou em união estável. Porém não existe impossibilidade na adoção em caso de solteiros.

— Se um casamento for necessário, não me oponho.

— Não, vamos manter assim. Para não parecer que está se casando apenas para conseguir adotar o garoto.

A advogada me explica, irritantemente como se eu tivesse dois anos de idade, os próximos passos. Ela entrará com um pedido de adoção via judicial, enquanto, para as pessoas do abrigo,

estaremos agindo exatamente como eles nos sugeriram. Eu vou continuar com as visitas, enquanto apenas estou no aguardo do nosso nome aparecer na famigerada lista.

O meu problema aqui é a espera, como devem saber. Esperar já não é o meu forte, esperar sabendo que tem alguém querendo o mesmo que eu é ainda pior.

Assim que acertamos tudo, a advogada nos deixa, prometendo uma resolução rápida. E eu continuo sentado, batendo uma caneta qualquer que seguro na mesa, preocupado. Inseguro, de certa forma, sabendo que as pessoas sempre dão um jeito de corromper o sistema. Me viro para Gael, a tempo de vê-lo com um sorriso idiota no rosto.

— *Tá rindo do quê?*

— Você me disse uma vez que chamava a sua namorada de Foxy? — Aceno, confirmando, e ele continua: — Vocês terão uma raposinha para brincar com a minha raposinha.

— Que raposinha você tem, italiano? Até onde eu sei, a sua garota não é ruiva.

— Como você consegue ser delegado, me diz? — Ele ri, e bate em minhas costas, um convite mudo para irmos embora e eu o sigo. — Eu chamo

o Bruno de raposinha, por causa de um livro que ele gosta. Enfim, longa história...

— Isso quer dizer que nossos filhos serão amigos e eu terei que aturar você? — Ele gargalha, alto. — Eu não mereço tamanha provação...



Malu

Se existe algo que eu amo é ver Laura trabalhar. Ela tem uma empolgação que nem eu, em meus anos áureos, conseguiria ter. A minha ligação para ela, pouco depois de Vince ter saído, era apenas uma sondagem sobre um quarto infantil e não demorou muito o porteiro estava anunciando sua chegada, acompanhada por meu irmão e um pacote de fraldas descartáveis.

Sim, ela pensou que a decoração infantil era para um bebê. O nosso bebê, ou como ela mesma disse, meu *federalzinho*. Se isso tivesse acontecido há algum tempo, eu ficaria deprimida. No entanto, agora eu só consigo mesmo é focar em transformar esta casa em um lar aconchegante e acolhedor para Felipe.

E é com isso em mente que minha cunhada
PERIGOSAS ACHERON

está com um caderno de esboços em mãos, fazendo um apanhado geral de todas as ideias que discutimos há pouco, enquanto Marco e eu ficamos encostados na parede, observando. E, no caso dele, com um sorriso bobo no rosto.

— Estou feliz por você, baixinha — ele diz, baixo, me empurrando de leve com seu ombro. — Eu gosto do seu delegado.

— Ele já tem dona, nem adianta... — respondo, risonha.

— Papai teria gostado dele, você sabe...

— Eu tenho certeza absoluta disso. Acho, inclusive, de uma injustiça imensa que eles não tenham se conhecido.

— Como você vai fazer, Luiza? — ele pergunta, e eu o encaro, confusa. — Com a pousada, como você vai fazer?

O encaro por alguns poucos segundos, pensando em uma resposta que eu, neste momento, não tenho. Obviamente abrir mão de Fonthill não é uma opção, nunca foi. Mas, neste momento, a minha prioridade é outra. É a minha família.

— Vou fazer o que der.

— Tony vai ficar por lá?

— Se não ficar, eu dou um jeito.

Não tenho tempo, no entanto, de me sentir mal por isso, ou por qualquer fantasma que, mais uma vez, parece rondar meu relacionamento. Ouvimos a porta se abrir e logo Vicente se junta a nós, me enlaçando em seus braços ao mesmo tempo que cumprimenta meu irmão.

— O que é isso? — Ele aponta para o enorme pacote de fraldas que eu deixei encostado no armário lateral.

— Presente de Laura. Quando eu pedi a ela para vir decorar um quarto infantil ela logo pensou em bebezinhos.

— Em minha defesa, ela não explicou nada direito, delegado!

— Não precisa se defender, Laura, não estou te prendendo!

Vicente ri e me abraça por trás, fazendo com que eu apoie minhas costas em seu peitoral firme. Sinto quando sua mão resvala sobre meu estômago, ao mesmo tempo que sua respiração próxima ao meu ouvido me causa um certo arrepio.

— Eu ainda vou colocar raposinhas nesse *forninho*... — Rio da entonação cretina com que ele diz isso.

— Raposinhas?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, filhote de raposa é raposinha.

— De onde você tirou isso?

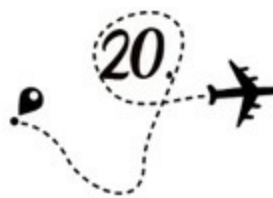
— Gael... — Dá de ombros. — Eu o xinguei, mas no fundo, até gostei. Raposinha fica mais bonitinho que *little fox*[\[7\]](#).

Ergo meu rosto, passando o nariz por seu maxilar e ele se abaixa, deixando um beijo rápido em meus lábios. Quando olho novamente para Laura, ela está abraçada ao seu caderno, a sobrancelha franzida e a boca em formato de bico, como se fosse chorar.

— Ai, meu Deus, vocês são tão fofos!

PERIGOSAS ACHERON

Sou teu, só teu



Malu

O toque interminável do telefone tocando na mesa de Laura, me faz apoiar a testa na escrivaninha, me fazendo lamentar ter saído da cama. Aproveito para dar mais um gole em minha garrafa d'água, que hoje virou minha companheira inseparável, enquanto checo o horário. Ainda são onze e meia da manhã e parece que estou aqui há décadas.

Também parece que fui atropelada, se vale a observação.

— Melhorou, Malu? — Ouço a voz de Laura atrás de mim, e nego. Acordei péssima hoje, o estômago em frangalhos e nem de longe com o melhor dos humores.

— *Tô* melhorando, mas o pior foi mais cedo, mesmo. Deve ter sido alguma coisa que eu comi ontem, fomos a um restaurante japonês.

— Sei... — ela diz, me analisando. — Faz tempo que anda com esses enjoos?

— Não... — Paro, lembrando os últimos dias. — Sim, mais ou menos.

— Você disse que iria marcar uma consulta, por que não marcou ainda, mulher?

Aperto a tampa da garrafinha, e ergo o rosto, encarando Laura por um tempo. Sem querer tocar nesse assunto, mas sabendo que, pela sua expressão, não vou me ver livre dos questionamentos. Uma vez que você dá liberdade para se meterem em sua vida, é um caminho sem volta.

— Eu já passei por isso antes, Laura. — Abaixo a cabeça mais uma vez, lembrando o passado. — De ter sintomas, sabe? Não menstruava, tinha náuseas... me empolguei achando que, finalmente, eu seria mãe.

Relembro a vez em que, depois de uns dias de menstruação atrasada, eu acordei enjoada e corri na farmácia para comprar um exame. Fiz cinco, para garantir, e todos deram negativo. Mesmo assim, os sintomas continuaram.

— E da outra vez... você foi ao médico?
— Confirmo, um leve balançar de cabeça.

— Ele me disse que eu queria tanto engravidar que o meu organismo já estava produzindo os sintomas...

Gravidez psicológica, era o que me diziam.

Cheguei a ficar um pouco perdida ao receber os exames todos negativos, enquanto Ivan somente comemorava.

— Mas agora pode não ser isso, amiga.

— Eu sei, mas — suspiro, e esfrego as mãos no rosto, irritada — eu não quero ouvir novamente. Prefiro esperar um pouco, sabe?

— Certo. É, faz bem, daqui a uns meses você pode pensar que comeu uma melancia e ouvir o seu *federalzinho* dizer: “*Olá mamãe, eu cheguei!*”, quando você parir no meio da rua. Agora se arrume, porque daqui a pouco temos que ir lá na Cia Ferraz.

Abaixo a cabeça, novamente, ignorando sua provocação e olho mais uma vez para a planta que me apresentaram. Zé Mário me pediu ajuda em um projeto meio complicado que ele está trabalhando e, como estava sem fazer nada, acabei vindo até a *Casa 22*. Qualquer coisa seria melhor do que ficar de molho em casa, passando mal.

Milton Ferraz é um dos maiores clientes do estúdio. Era cliente da Dantas & Filhos antes, e não pensou duas vezes em trocar quando descobriu que o trio de ouro da construtora (Zé Mario, Alexandre e Laura) estão atendendo aqui, agora. Quer que o

estúdio reforme o apartamento de sua filha, e a primeira visita é daqui a pouco, em seu escritório no centro da cidade. E é para essa visita que Zé Mario me pediu ajuda.

Trabalhar novamente com Arquitetura me dá um gás extra, por ter sido uma profissão que escolhi com muito carinho. Mas ainda me pego sentindo falta da rotina da pousada, e dos amigos e colaboradores que deixei na Escócia. Fonthill, por enquanto, anda muito bem com Tony e Eric tomando conta, mas sei que, em breve, as cobranças começarão novamente.

— Ou! *Tá* viajando sentada? — Laura me dá um leve cutucão nas costas, mas estava tão entretida em pensamentos que chego a dar um pulinho na cadeira com o susto.

— Cruz credo, Laura. Qualquer dia eu tenho um troço! — Coloco a mão no peito enquanto ela ri, divertida. — O que foi?

— Vamos? Antes que você durma sentada...

Já que não tem outro jeito, pego minha bolsa e me levanto, arrastando o pé para fazer drama.



O sol está a pino e o salto está me matando. Atravesso a rua em direção ao restaurante, com Laura atrás de mim, discutindo algo com meu irmão ao telefone. Aparentemente ele planejou uma viagem romântica sem consultá-la.

— *Tá, Marco. Puta merda, a gente vê isso depois. Não, não estou brava. Não estou, droga. Tá bom. Tchau. Outro. Também.*

Ela desliga o telefone e olha para mim, a cara fechada já preparada para iniciar uma cantilena reclamando do meu irmão, quando se depara com minha expressão risonha.

— Não falei nada... — Levando as mãos em rendição.

— Seu irmão é um idiota controlador. Ele não consegue, é impossível ele perguntar alguma coisa antes de decidir. Comprou um pacote para passarmos o final de semana em Campos do Jordão, nem perguntou se eu *queria* ir para lá...

— Eu sei que é chato não ser consultada, Laura... mas ele queria te fazer uma surpresa. Onde estaria a surpresa se ele te contasse?

— Essa família Dantas-Drummond é insuportável. Vocês vivem se defendendo!

Rindo, passo meu braço por sobre seus ombros a trazendo para um abraço e seguimos para dentro do restaurante. Como fica perto da Cia Ferraz e já passou há muito do nosso horário de almoço, resolvemos ficar por aqui mesmo. É um local simples, self-service, mas que foi bem recomendado pela secretária de Milton Ferraz.

Aceno para o policial que sempre nos acompanha, em um convite para se juntar a nós, mas ele nunca, em momento algum, sai do seu posto. Pobre rapaz.

Paro em frente ao balcão, analisando as opções de cardápio. Não tenho maturidade emocional para essa coisa de self-service, não, por que... três tipos de arroz, panqueca, macarrão, frango assado, bife à milanesa? Nhoque, estrogonofe, purê de batatas? Se bobear, acabo jogando sopa por cima do feijão. Me perco um tempo decidindo o que escolher, quando sinto Laura me puxando pelo braço.

— O que foi, demente? Preciso de calma e tranquilidade para escolher... — Seu rosto está tenso, paro de graça e decido prestar atenção.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos embora, *xu*? A gente come em outro lugar...

— Ah, Laura... *tô* roxa de fome. Por que isso, o que aconteceu?

— Achei aqui meio... sei lá, *sujinho*. Vamos embora?

Dou uma olhada no balcão de comida e não acho que o local esteja *sujinho*. Viro ao redor para me certificar que as mesas estão em ordem, a secretária falou que todo mundo da empresa vem almoçar aqui, não consigo entender a implicância. Até que meus olhos param numa mesa nos fundos do restaurante, e congelo. Meu coração chega a afundar no peito, causando uma dor física que me obriga a buscar apoio no balcão.

Não é possível.

Vicente está sentado numa das mesas do fundo, acompanhado de uma loira. Duas garrafas de cerveja em cima da mesa, cada um com seu copo, alheios ao que acontece em volta. Sentados lado a lado, olhando algo no celular, e ela dá uma gargalhada, deitando a cabeça no ombro dele. Ele então empurra o ombro nela, risonho, e estica a mão para pegar um dos copos em cima da mesa.

Uma tristeza absurda toma conta de mim.

PERIGOSAS ACHERON

Tão grande que mal consigo respirar direito.

— Vamos, cunhada. Depois vocês conversam. Vamos embora. — Laura segura meu braço, talvez temendo que eu vá fazer um escândalo. Mas, como sempre, eu não faço nada.

Eu falei com ele não tem nem uma hora. “Estou na delegacia”, foi o que ele me disse. Passou a noite na rua, “plantão extra, uma apreensão gigante”, ele disse. Deve ter alguma coisa errada comigo, não é possível. Alguma coisa eu faço errado, porque não é normal, certo?

Fazendo um esforço sobrenatural, saio do restaurante, sem olhar para trás.



Vicente

Aperto o espaço entre os olhos, tentando espantar um pouco a dor de cabeça, enquanto continuo tomando o depoimento de um sujeito que estava sendo procurado há um bom tempo por assalto a cargas postais. De todos os dias em que a minha equipe tinha para ser competente, obviamente o escolhido seria hoje.

— ... então eu só dirigi o caminhão, senhor.

A voz arrastada do homem está me dando ainda mais sono. Felizmente o depoimento está sendo gravado e tanto eu quanto Henrique, o escrivão, poderemos ouvir isso depois, sem dormir.

— Hugo, por favor, encaminhe o sujeito para o CPD. Vou encaminhar o pedido para que a prisão dele seja estendida até o julgamento.

Assim que meu agente tira o suspeito da sala, vejo Henrique deitar a cabeça na escrivaninha, gemendo de cansaço. Não estou muito melhor do que ele. Minha cabeça parece abrigar um grupo de salsa cubana, e eu já devo ter tomado uns quinze litros de café, só na última hora.

— Avellar, tem certeza que precisamos entregar os dois relatórios hoje? Eu mal terminei o da apreensão da madrugada...

— Henrique, agiliza e então você pode ir dormir.

Ouçõ duas batidas na porta, antes de ela se abrir e uma loira colocar a cabeça para dentro.

— Delegado Avellar? — Confirmo, e a mulher termina de entrar. — Prazer, sou a delegada Heloisa Freitas.

— Ah! — Me levanto para cumprimentá-la, recebi o ofício pela manhã de que receberíamos

uma pessoa vinda direto da Academia Nacional. — Muito prazer, sou Vicente. Esse aqui é nosso escrivão, Henrique.

Apresento os dois e tenho vontade de chutar Henrique, por estar medindo a mulher com cara de cachorro faminto. Ela é bonita, claro, e, pelo jeito como encara nosso colega, já sei que vai ser daquelas que bota maluco para correr se passar da linha.

— O prazer é meu. Era para ter me apresentado mais cedo, mas fiquei mais tempo do que deveria conversando com o superintendente. Ele me disse que poderia falar com você, caso precisasse de alguma coisa.

Heloisa — ou Helô, como ela mesma se apresenta — se formou recentemente e foi logo locada em São Paulo, para substituir Bruno, o que me faz sorrir internamente ao me lembrar dele e sua implicância com Diana. Tanto machismo e mandam logo uma mulher para substituí-lo.

A nova delegada nos conta que seu marido é promotor e trabalha no Ministério Público, e que ser delegada era um sonho antigo, ela também tem uma cruzada como a minha. Heloísa é simpática e prestativa, e aproveito que preciso retirar alguns

documentos para apresentá-la ao nosso dia a dia. Não vamos trabalhar juntos, mas é bom deixá-la a par do andamento da parte burocrática. Chamo Vargas, que vai dirigindo a viatura, e seguimos até o centro.



— Doutor, acha que podemos beber alguma coisa antes de ir embora? Estou morta de sede, o calor hoje está de matar.

Não é má ideia. Depois de passar a noite em claro, preciso mesmo me distrair um pouco ou vou acabar dormindo fora de hora. Olho para Vargas, que dá de ombros. Um restaurante self-service simpático aparece bem à nossa frente, não muito cheio, e decidimos parar nele mesmo. Não gosto de me sentar em mesas escondidas, mas, no momento, só temos uma opção, nos fundos do restaurante. Me dispondo a voltar dirigindo, peço duas cervejas, uma Coca-Cola e sento-me na cadeira ao lado de Heloisa.

Ficamos debatendo um processo que o Ministério Público denunciou contra o atual prefeito da capital que, se deflagrado, vai arrancar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

muitas cabeças. Apesar de gostar bastante do meu trabalho, a parte burocrática me cansa demais e já prevejo muito trabalho de escritório nos próximos meses.

— Vou ali no banheiro rapidinho. — Vargas deixa a mesa por um instante, enquanto Helô me mostra, no celular, a foto de seus filhos. Ela tem um casal de gêmeos que acabaram de completar três anos, na foto estão brincando de...

— Que diabos seus filhos estão fazendo nesta foto?

O menino está deitado no chão, de barriga para baixo, enquanto a menina parece estar andando nas costas dele, com os braços abertos, como se equilibrando.

— Pula pirata. — Ela dá risada. — Haydée é a pirata que tem que pular a ponte. Henrique é a ponte.

— Não tem vergonha? — Empurro ela com o ombro. — Coitado do moleque!

Dou um gole em minha Coca-Cola e sinto uma sensação estranha no peito. Me viro, preocupado, afinal de contas, ainda somos alvo, quando vejo de relance aquele cabelo cor de cobre que tanto amo saindo do restaurante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Malu! — chamo em voz alta, mas ela não se vira. Está acompanhada de Laura, que se vira apenas para erguer o dedo médio, me deixando sem entender. — Já venho, rapidinho — aviso Helô e saio atrás das duas, chamando Malu novamente.

Na calçada, vejo quando ela entra no carro, no banco do passageiro. Laura no volante, olhando fixo para mim e ligando o carro, com pressa. Malu sequer me olha, seu rosto está virado para o outro lado, eu chamo mais uma vez, inutilmente. O carro passa por mim, acelerado, e eu fico perdido, sem saber o que aconteceu aqui.

— Tudo bem, doutor? — A voz de Vargas me alcança, seguido por Heloisa.

— Malu estava aqui, mas saiu sem falar comigo. — Faço uma ligação para o seu telefone, mas chama até cair.

— A sua mulher?

— Sim... saiu cantando pneu, não entendi nada! — Tento mais uma ligação, mas cai direto na caixa postal.

Quando volto meu olhar para onde estão Heloisa e Vargas, ela tem um olhar condescendente, me fazendo sentir mais burro que o normal.

PERIGOSAS ACHERON

— Doutor, ela estava no restaurante? — Aceno, afirmando, e ela continua: — Nos viu sentados na mesa? Garrafas de cerveja abertas? Rindo? Em horário de expediente?

Fecho os olhos, esfregando o rosto, sem querer acreditar que Malu teve uma crise de ciúme.

— *Caralho...* — Bufo, exasperado, e, de certa forma, indignado. Por que diabos ela não foi até a mesa, nem que fosse para jogar uma garrafa na minha cabeça? Em dois segundos entenderia que essa viagem não passava disso mesmo, de viagem da cabeça dela. Disco seu número outra vez, cai novamente na caixa postal, e decido deixar um recado: — Malu, não tem graça isso. Me ligue, por favor, assim que pegar esse recado.

— Vamos? — Vargas aponta para a viatura, Heloisa já está sentada no banco traseiro. Balanço a cabeça, inconformado, sentando-me atrás do volante e batendo a porta com um pouco mais de força.

Eu faço tudo o que essa mulher quer. Vivo para ela. Como pode achar que eu tenho olhos para outra mulher, seja ela quem for? Ainda mais, uma mulher casada, mãe... Ah, Malu, o que eu faço com você?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sua mulher é brava, não, doutor?

— Vargas parece se divertir com a situação.

— Não dou motivo. Nunca dou motivo. Estou inconformado.

— Olha, Vicente, não conheço o senhor e nem a sua mulher. Sei de mim. Eu tenho um bom casamento, um marido que me ama, uma família feliz. Mas se meu marido passasse a noite fora e, no outro dia, eu o pegasse tomando cerveja com uma mulher que não fosse eu, em horário de expediente, a jiripoca piaria antes que ele conseguisse me explicar o que estava acontecendo.

Helô me fala tudo isso sorrindo, me olhando pelo espelho retrovisor, e eu acho melhor checar o resultado do teste psicológico dela, porque isso não é lá muito normal. Inclusive, resolvo não responder.

Ainda no estacionamento da delegacia, tento outra vez ligar em seu celular, caindo direto na caixa postal. Mudo de tática, como ela trabalharia no estúdio hoje, essa hora já deve ter chegado.

— *Casa 22, Bárbara falando, boa tarde?*

— Babi, boa tarde, é Vicente. Malu está por aí?

PERIGOSAS ACHERON

— *Oi, Vicente, tudo bem? A Malu não voltou para cá.*

Ouçó um burburinho, alguém falando com Babi, quando de repente ouço uma voz diferente que chega até mim com uns decibéis a mais.

— *Ah, é você, seu idiota? Quer o quê? A deixar pior? Tripudiar? Fazer papel de bom moço? Enganou todo mundo, delegado, todos pensavam que você era diferente! Marco vai quebrar a sua cara em quinze pedaços, você vai ver só, seu... porco!*

— Laura! Primeiro, pare de gritar. Segundo, não acredito que esteja incentivando essa insanidade, seja lá qual for. Terceiro, ninguém vai quebrar a cara de ninguém. Cadê a Malu?

— *Insanidade é o que eu vou alegar quando eu matar você! Malu não está aqui, a deixei em casa. Quantas vezes ela vai passar pela mesma coisa?*

É inútil argumentar, ela não para de gritar e não vai me ouvir. Desligo o telefone, mais irritado do que estava antes. Aperto a base do nariz, respirando fundo, procurando acalmar, mas relembrando tudo o que foi dito aqui.

“Se meu marido passasse a noite fora e eu o

pegasse tomando cerveja com outra mulher.”

“Quantas vezes ela vai passar pela mesma coisa?”

Odeio ser comparado com os outros, mas também entendo de loucura temporária quando se trata de ciúme, afinal, eu também já fiz das minhas. Ela deve estar muito, mas MUITO puta e a única coisa que eu preciso, no momento, é ir até ela.

Corro até minha sala, passo a mão em minha jaqueta, celular, as chaves do meu carro e bato nas costas de Henrique, que aparentemente cochilou na mesa entre um minuto e outro do depoimento que ele colocou para ouvir. Consigo ainda ouvir um resmungo, antes de sair da sala, deixando avisado que meu plantão está entregue.

Vejo o vai e volta dos policiais entrando e saindo e só consigo agradecer o dia ter sido ligeiramente calmo. Inclusive, calmo até demais desde que voltei de viagem.

Entro no carro, buscando uma tranquilidade que eu não sinto no momento. Detesto brigar com Malu, detesto vê-la chorar, ainda mais sabendo que é por minha causa, e já estou sofrendo por antecedência. Preciso fazê-la entender que nunca nesta vida eu a traíria, e dar a ela a mesma

segurança que, hoje, ela me dá.

Quando estaciono em nosso condomínio, minutos depois de sair da delegacia, não estou muito melhor do que estava antes. Imagino que Laura tenha conseguido falar com ela, avisando que estou chegando, e não sei o que me espera. Talvez parte da nossa decoração voará porta afora, em busca da minha cabeça. Talvez ela saia gritando, como Laura fez, me chamando de porco idiota, querendo partir minha cara.

Talvez acalmar a fera seja divertido, no final das contas.

Mas a visão que eu tenho quando abro a porta do apartamento não é a que eu esperava. Sentada no chão da varanda, as costas apoiadas no vidro, Malu segura um porta-retratos em suas mãos, olhando para lugar algum. Um silêncio ensurdecedor deixa a cena ainda pior.

— Malu...?

— Não explica nada, por favor. Não quero ouvir explicações ou desculpas. Não quero e não consigo ouvir nada disso agora.

Ela diz tudo em um tom baixo, vazio, e sem olhar para trás. Sem se mexer. E eu me apavoro. Sigo em sua direção e me ajoelho ao seu lado,

esperando levar uns tapas no processo, mas nem isso acontece.

— Foxy, olha *pra* mim. — Ergo minha mão e seguro seu queixo, virando seu rosto em minha direção. Ela não chora, mas seus olhos parecem ter uma represa aprisionada ali. E a tristeza que eles carregam, a decepção... quase posso me sentir aliviado em saber que não sou merecedor desses sentimentos todos, porque ser merecedor disso acabaria comigo. — Eu não estou aqui para explicar nada. Quero que você escute e entenda, o que você pensou que viu...

— Não era bem o que eu estava pensando. Eu sei. Conheço o mantra.

Porra!

Será que eu tenho tempo de sair daqui, quebrar a cara de todo mundo que fez com que ela se sentisse assim um dia, e voltar para tirar esse ar desolado de seu rosto? Eu consigo lidar com crises de fúria, mas essa... desesperança me quebra. Puxo o ar um pouco mais forte, buscando por controle.

— Poderia ter ido até a mesa quebrar a minha cara. Eu iria...

— Não me conhece — novamente ela me corta, o mesmo tom monocórdio e sem emoção

—, eu nunca faria isso. Talvez precise aprender, no entanto, quem sabe um dia...

Ela sustenta meu olhar, e chega a ser ridículo eu não conseguir suportar todas as acusações que ela tem ali para mim, sendo que eu não fiz absolutamente nada para merecê-las. Baixo os olhos, vendo que ela tem nas mãos uma foto dos seus pais. “O relacionamento perfeito”, é o que ela sempre diz sobre eles.

— Foxy... — Arfo, tentando continuar e mais uma vez ela me interrompe.

— Não quero conversar, Vicente. Estou cansada. Triste. Me deixa aqui quietinha, por favor.

Mais uma vez ela se vira, quebrando o contato, e me canso da brincadeira. Tiro o retrato de suas mãos e a puxo para meu colo, finalmente tendo dela alguma reação. Malu me empurra, se debate, mas não a solto. A trago para um abraço apertado, coração doendo, pedindo para que me escute e deixe de besteira.

— Para, Foxy. Por favor, para com isso.
— A aperto ainda mais forte em meus braços, sentindo-a parar de se debater. — Eu não fiz nada, amor.

Ela não me abraça de volta, apenas deixa os

PERIGOSAS NACIONAIS

braços caírem ao longo do corpo. Seguro seu rosto entre as mãos, fazendo com que ela me olhe. E ela faz, por um tempo que parece infinito, aquele olhar triste com lágrimas presas, me deixando angustiado.

— Não mente *pra* mim. — Balanço a cabeça, negando, sem desviar meu olhar. — Quem era?

— Heloisa, a nova delegada. Fomos buscar um documento junto com Vargas, outro agente novo.

— Não vi agente nenhum lá — ela acusa. — Só vocês dois.

Puxo pela memória exatamente o que estava acontecendo antes de notar sua presença no restaurante.

— Ele devia ter ido ao banheiro. — Ela torce os lábios, desconfiada. — Pergunta, eu respondo.

— O que estava vendo no celular?

— Que olho de águia... — Ela tensiona o corpo e, sim, eu sei, não é hora de brincar. — Ela me mostrava as fotos dos filhos dela. Um casal de gêmeos, brincando de pirata. A menina estava andando em cima do moleque, jogado no chão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Casada? — pergunta, em um fio de voz.

— Sim. O marido é promotor. Hoje foi o primeiro dia dela, estavam todos na rua e sobrou *pra* mim, deixá-la a par das coisas. Paramos para beber algo por causa do calor, antes de voltar à delegacia. Só isso.

Os olhos incessantemente buscam em mim alguma mentira. Alguma falha na narrativa. Algum tipo de comportamento que ela já conhecia, que já tinha vivenciado antes. Querendo ceder ao mesmo tempo que tem medo de baixar a guarda e isso é de partir o coração.

— Você é minha vida, Foxy — digo, com toda a sinceridade que eu posso.

E então eu vejo acontecer. O peito solta o ar que estava preso e junto com ele as lágrimas que estava segurando, os braços sobem para, finalmente, me enlaçarem. E eu poderia estar muito puto aqui, muito mesmo, mas não consigo. Só me lembro de todas as vezes que ela me disse pensar não ser suficiente para alguém, ter sido sempre traída, sempre a segunda opção. Aperto meu abraço ainda mais forte.

— Desculpa. Eu sou uma idiota, me perdoa...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Olha *pra* mim. — Seguro novamente seu rosto, fazendo com que ela me olhe — Não faz mais isso. Esse negócio de dar *piti* e sair batendo pé, sem ouvir é coisa minha. Você precisa inventar um jeito novo, não dá para ser invejosa a esse ponto.

Sorrio e passo o polegar em seu rosto, secando as lágrimas que não param de cair.

— Eu nunca te trairia, Foxy. Não tem ninguém nesta vida que consiga mudar isso, entendeu? — Ela balança a cabeça, deixando mais lágrimas caírem. — Para de chorar. Está me matando te ver assim.

— Eu fiquei tão triste, Vince. Tentando saber o que tinha de errado comigo, porque isso sempre acontecia...

— Não tem nada de errado com você. Nada, entendeu? Se quem passou pela sua vida antes foi trouxa o bastante para não notar isso, azar o deles. Só me promete uma coisa? — Ela concorda, ainda ofegante do choro que cessou, mas que ainda lhe tira o fôlego. — Me bate. Quando ficar brava, ou triste, ou puta da vida, briga comigo. Grita, xinga, quebra a casa inteira, se precisar. Só não foge e chora desse jeito. Por favor...

PERIGOSAS ACHERON

Seus lábios tomam o meu em um beijo desesperado, colocando nele tudo o que palavras não podem fazer. E eu tomo tudo o que ela me dá. Cada lambida, cada chupada, quero tudo.

— Vince...

— Eu te amo, Foxy. Te amo. Sou teu. Eu sou teu, só teu...

Tomo novamente seus lábios e enfio meus dedos em seus cabelos, agarrando com força. Malu arqueja em minha boca, e eu rosno na dela. Coração acelerado, respiração descompassada, viro rapidamente meu corpo fazendo com que ela se deite no chão, me posicionando entre suas pernas. Deixo sua boca e vou fazendo um caminho de beijos passando por seu maxilar, seu pescoço, seu colo...

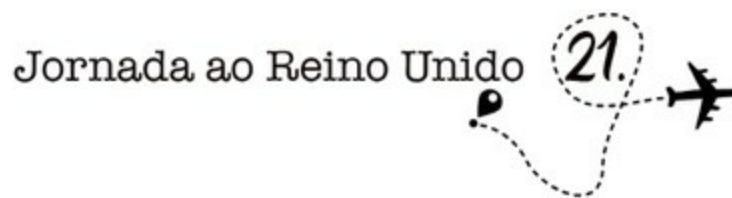
Demoro um tempo para notar que o celular está tocando, para ser sincero nem me toquei que ainda estamos deitados, perdidos um no outro aqui no meio da sacada. Coloco a mão no bolso, para ver quem está ligando, e vejo a foto do meu cunhado na tela.

— Laura disse que ele quebraria minha cara em quinze pedaços diferentes. — Sorrio, antes de atender. — Fala, Marco...

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Eu vou matar você, Vicente...*

PERIGOSAS ACHERON



Malu

Eu confesso que não tenho muitos fantasmas guardados comigo, não mais. Conhecer Vicente despertou em mim um lado que eu, honestamente, desconhecia. Me pego me lembrando de todos os conselhos que o meu pai me dava, cada vez que eu quebrava a minha cara e o procurava para chorar, de que eu tinha dentro de mim alguma força escondida, bastava eu saber *como* ativá-la.

Algumas pessoas precisam de uma mudança brusca. Outros, de um terapeuta. Eu precisei achar um amor que me correspondesse. E nem adianta virar os olhos, como eu bem sei que você está fazendo agora, eu não estou mentindo.

Eu nunca achei que eu fosse capaz de suprir as necessidades de ninguém. De ser necessária, imprescindível, e essas coisas todas. Nunca me vi como a pessoa favorita do mundo de ninguém, e isso nem é me fazer de coitada, longe disso, é apenas a realidade. Todas as pessoas que eu conhecia, e que gostavam de mim, tinham alguém

que lhes era ainda mais caro. Tony, por exemplo... é meu irmão, meu amor, meu herói, mas o centro do mundo dele são sua esposa e seus filhos.

Qualquer outro exemplo que eu te der, será a mesma coisa. E não digo que está errado, não mesmo. Mas isso não era direcionado a mim. E eu havia chegado a um ponto em que eu me via me doando muito mais do que eu recebia. E, eu vou te falar... isso cansa. Cansa por demais.

Até que ele chegou. Devagarinho, sem aviso. Carente, apaixonado, dedicado, marrento. Sabendo tanto quanto eu o que é ser importante para alguém, mas se doando completamente, se colocando em minhas mãos, mesmo sem ter a certeza de que eu estava fazendo o mesmo a ele.

Me mostrou que lutaria as minhas lutas, sem pestanejar, mas que eu poderia fazê-lo por mim mesma, por ser capaz disso. Acendeu algo aqui dentro que se manteve apagado por quarenta anos.

É amor da vida, que chama?

O último fantasma que eu tenho guardado eu pretendo eliminar, ainda esta semana. Depois de tanto pensar, de tanto hesitar, de tanto me achar incapaz, chegou a hora de dar um basta nisso. E é

com esse sentimento que eu estico meu documento para a atendente do consultório ginecológico da doutora Eva Magalhães, onde vim, finalmente, marcar uma consulta.

— Só vamos ter horário no dia vinte e sete, senhora. Por conta das festividades... — ela explica, depois de analisar a agenda.

— Não tem problema, eu não viajarei.

— Qual o melhor horário? — ela pergunta, e eu deixo agendado para a parte da manhã. Se levar em conta a minha ociosidade, qualquer horário seria bom, mas como eu ando hibernando no período da tarde, temo acabar perdendo a hora.

Sinto o celular vibrar em minhas mãos e olho para a tela, vendo que é uma mensagem de Eric. Suspiro fundo antes de desbloquear a tela, ainda parada na porta do consultório, torcendo para que não seja nenhum problema grave.

“Eric: Mo chridhe, como está? Não nos falamos há uns dias, espero que tudo esteja bem. As coisas por aqui continuam bem, no entanto, eu gostaria que você olhasse uma proposta que recebemos, enviei em seu e-mail. Tony definitivamente não serve para isso.”

Considerando que a vida de Tony sempre

foi música, ele deve estar querendo se jogar, de cabeça para baixo, em nosso lago.

“Malu: *Olá, querido, estamos bem. Essa proposta... estamos com problemas?”*

Sim, sim, eu sei que ele disse no início da mensagem que tudo está bem. Meu irmão também não tem me enviado nenhuma mensagem em desespero e ranger de dentes, o que indica que as coisas não estão ruins, mas... aquele “no entanto” me deixou cismada. E eu posso ter perdoado toda aquela história de viajar na última hora para assinar documentos, mas, esquecer? Definitivamente, não.

“Eric: Não, nenhum problema. Muito pelo contrário! Fonthill recebeu um convite para participar da Jornada ao Reino Unido. Já ouviu falar, se lembra? ;)”

Meu coração dispara, e eu seguro o telefone com um pouco mais de força. Uma grande agência de turismo internacional faz, há anos, essa “jornada”, selecionando os melhores pontos turísticos no Reino Unido como parada obrigatória. É uma excursão anual e, por muito tempo, ouvi que grandes hotéis e pousadas tentavam ser inclusos no projeto e eram sumariamente ignorados.

É um sonho meu, levar Fonthill até esse

projeto. Seremos o nível de excelência, ainda que pequeninos, a ponto de fazer parte da “parada obrigatória em Fife”.

Sem conseguir manter essa conversa por mensagem de texto, aperto seu número na discagem rápida e ele atende, com voz risonha.

— *Não conseguiu esperar chegar em casa, não é?*

— Eric, você não está brincando comigo, está?

— *E correr o risco de ter meu pescoço cortado?* — Ele ri. — *Claro que não, mo chridhe. E eu sei que esse sempre foi um sonho seu, mas precisa ser analisado com cuidado. Porque, para ser incluso, temos que oferecer hospedagem a preços menores.*

— Muito defasado? — Me preocupo, sabendo que com a grande visibilidade que o projeto nos trará, não podemos ter, absolutamente, nenhuma falha.

— *Não muito, mas é bem menor. O nosso ganho será menor e não podemos errar em nada. Mas, antes que você se preocupe, eu preciso dizer que todas as mudanças que foram feitas aqui são proveitosas e, por isso, acredito que é viável.*

— Como eles nos acharam, Eric? Como chegaram até nós?

— *Um hóspede que passou uma semana aqui, há um mês mais ou menos, gostou tanto de tudo que nos recomendou. Aparentemente ele fazia parte do projeto...*

— Verão, certo? — pergunto, tentando relembrar a agenda.

— *Sim, especificamente em Agosto. Eu enviei tudo para o seu e-mail, você só precisa ler e analisar com calma, temos uns dias ainda para responder.*

Saio da clínica, já lamentando ter saído do ar-condicionado ao sentir o sol impiedoso do meio-dia, e olho para o outro lado da rua, onde a minha escolta se mantém firme e forte.

— Vou ler e te retorno. Mas... Eric, eu ainda não tenho data para voltar. As coisas aqui estão diferentes, indo por um caminho que eu não esperava.

— *Não se preocupe. Tony está por aqui e se ele tiver que ir embora, eu não vou falhar com você desta vez, Maria Luiza.*

— Sei que não. Te retorno quando chegar em casa, tudo bem?

— *Fico no aguardo!*

Desligo o telefone, ainda sorrindo, um orgulho que não cabe dentro de mim. Não sei quem é o tal hóspede que nos indicou, mas, pelo tempo mencionado por Eric, ele esteve na pousada sob a minha responsabilidade. Minha e de Vicente, e isso faz com que meu coração se expanda de uma forma inacreditável, imaginando um futuro não tão distante conosco tomando conta de Fonthill e tornando aquele lugar referência em Fife.

Me preparo para atravessar a rua quando tenho a passagem interrompida, de forma irritantemente surpreendente.

— Marilu...

— Ivan, nossa, que surpresa agradável.

Existe um ditado que diz, claramente, que o *ranço*, depois de instalado, é impossível desinstalar. E eu tenho muito, o estoque está cheio. Meu pote de ranço, quando o assunto é Ivan, mal fecha a tampa.

— Pensei que você tinha ido embora... ao menos, foi o que me disseram, no meio daquela confusão toda.

— E isso te interessa por que, mesmo?

— Marco comentou comigo que a situação

aqui estava um tanto perigosa, tinha achado bom você ter ido embora. Fiquei surpreso ao ver você aqui... — Ele olha para cima, tomando consciência de onde eu estava. — Está doente?

— Eu serei curta e grossa: some.

— Será que não podemos conversar? — Ivan para em minha frente, mais uma vez e eu olho para cima, o encarando. Cruzo os braços, sem nem um pinga de paciência para ouvir seu discurso de conquistador barato arrependido, e me pego analisando sua figura.

Quando começamos a namorar, anos atrás, ele gostava muito de fazer exercícios. Tinha um corpo malhado — longe de ser musculoso, mas bem definido — que, combinado com as tatuagens, chamava muita atenção. A barba estava sempre bem aparada e o cabelo sempre curto, deixando o rosto — principalmente os olhos em um tom de verde bem aceso — em evidência. Tão em evidência que chegou a fazer duas campanhas publicitárias para uma marca de roupa jovem.

Não sei o que aconteceu com ele nos últimos cinco anos, mas, definitivamente, o tempo tem lhe sido cada vez menos generoso. Os cabelos agora estão longos, sem corte, ressecados. A barba

enorme tampa uma boa parte do seu rosto e as tatuagens já não fazem tanta diferença em seu corpo um tanto quanto magricelo. Sorrio, imediatamente relembrando Vicente dizendo que ele tinha pose de *rockstar falido* e, realmente, parece bem isso.

Das duas uma: ou ele realmente tem ficado cada vez mais feio ou ele nunca foi bonito e eu só reparei nisso agora, porque tenho um excelente espécime comigo.

— Eu não tenho nada para falar com você. Não tenho nada o que *ouvir* de você. A nossa história acabou, anos atrás, e não sobrou nada. Nem carinho, nem amizade, nem consideração.

— Ele não te deixa falar comigo?

— Nem todo mundo é igual a você, Ivan. Vicente não tem que deixar ou não, apesar de não ser esse tipo de homem. Eu não *tenho* que falar com você porque não me interessa nada que você tenha a me dizer. Eu fiz uma grande retrospectiva da nossa relação, quando eu fui embora, cinco anos atrás, e sabe o que de bom ela me deu? Nada.

— Não é assim...

— Quando você passa por uma relação ruim, às vezes você olha para trás e consegue ver

PERIGOSAS NACIONAIS

algo de bom. Alguma coisa que foi construída junto. A minha mãe teve um Ivan na vida dela, como você bem sabe. E até ele deixou frutos, deixou dois filhos com minha mãe, ainda que não pudéssemos contar com ele para nada. Você me deixou o quê?

Abro os braços, no aguardo de uma resposta que ele, claramente, não tem.

— Você não me deu nada, Ivan. Pelo contrário, você tirou de mim. Tirou tanto que agora eu não tenho nada para te dar, nem mesmo a minha atenção.

Me desvio mais uma vez, tentando atravessar e ele tenta me parar, mas sinto quando ele estaca no meio do caminho. Isso chama a minha atenção e eu, então, acompanho seu olhar para ver Vicente parado ao lado da viatura, do outro lado da rua, nos observando, de braços cruzados.

Sorrindo, atravesso a avenida e vou ao seu encontro, que se mantém parado, sério, estático. Os braços cruzados deixam os bíceps ainda maiores e o colete preto, por cima da camiseta, o deixam com uma aparência um tanto apetitosa.

Perigosa, porém muito apetitosa.

— Oi, gostoso...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele estava te importunando? — ele pergunta, enquanto eu fico na ponta dos pés, deixando-lhe um beijo nos lábios. Ele sequer desvia os olhos para mim, mantendo fixo do outro lado da rua. Quase como se desafiasse Ivan a atravessar e vir aqui perguntar o que tanto ele olha.

— Ele é uma importunação ambulante, Vince, mas eu lidei com ele.

Um suspiro, alto e profundo, indica que sua atenção não está mais no idiota distante, e então ele se vira para mim. Sorrindo, levo a ponta do dedo até o centro de suas sobrancelhas, alisando o local, tentando tirar aquele vinco mal-humorado de sua expressão.

— Não gosto de você parada, em pé, no meio da rua, Maria Luiza.

— Que estranho, pensei que gostava. Porque é exatamente o que estamos fazendo aqui, agora, neste exato minuto.

— Engraçadinha. Do mesmo jeito que ele chegou perto de você, a organização também pode.

— Então, vamos sair da rua, o que acha?
— Sorrio, dou-lhe uma piscada, uma reboladinha e logo ele está desanuviando a expressão, um meio sorriso brincando no rosto.

PERIGOSAS ACHERON

Cuidadoso, ele me acompanha até a viatura, assumindo o volante, enquanto eu me sento ao seu lado. Colocando o carro em movimento, ele buzina ao passar por Bento, que se prepara para nos seguir.

— Você estava ali há muito tempo?

— Tinha acabado de chegar. Bento me disse que não tinha muito tempo que você tinha saído da clínica. Como foi lá, inclusive?

— Marquei para a semana que vem. Ainda dei sorte, vão atender entre o Natal e o Ano Novo.

— Tem certeza que está tudo bem, Foxy? Por que precisa de médico?

Ergo a mão, fazendo um carinho em seu rosto.

— Consulta de rotina, meu amor. Não se preocupe.

Claro que eu não tinha lhe dito nada sobre os meus medos, preocupações, tampouco o enchimento de saco que tinha sido a conversa com sua mãe. E, não, eu não pretendo esconder nada disso dele, mas eu quero fazer exames, saber se está tudo bem comigo e, só então, ter essa conversa. Eu não quero encher a cabeça dele com um medo bobo e sem sentido, se não tiver necessidade.

Durante o caminho até em casa conto a ele

as novidades a respeito de Fonthill. Como eu imaginava, ele se empolga, comemorando comigo — ainda que por antecendência — o grande feito da pousada. E, claro, dando ideias ridículas de diversão para os hóspedes.

— Eu tenho certeza de que todo mundo irá apreciar, Foxy. Imagine só, vestimos Eric com um daqueles maiôs que as pessoas vestiam no início do século, para combinar com aquela cara de antigo que ele tem, e promovemos o “gerente ao lago”! Vai ser um sucesso!

— Coitado dele, Vince. Pare de implicar!

— Para quem não gosta de água, podemos promover uma corrida de cavalos.

— Nós não temos cavalos na pousada, meu amor.

— Tem aquelas cruzas de lobisomem, tenho certeza de que funciona do mesmo jeito!

— Você é insuportável! — eu digo, entre gargalhadas.



Sentada na mesa de jantar, rodeada de anotações, eu deito a cabeça em cima dos papéis,
PERIGOSAS ACHERON

cansada de fazer cálculos. A primeira coisa que fiz ao chegar em casa foi imprimir os documentos que Eric me enviou e calcular todos os gastos que teremos, baseado no que o projeto venha a nos pagar.

Não é muita diferença, longe disso, mas nos deixa com pouca folga, caso algum imprevisto aconteça. E eu aprendi a não contar com a falta de imprevistos, de forma alguma. Considerando isso, e o fato de estarmos há oito meses de distância do evento — e sendo assim, sem base real de gastos — eu já estou ficando maluca.

— Foxy, você já calculou isso quinhentas vezes.

— E ainda acho que estou deixando passar algo... — respondo, sem levantar a cabeça da mesa.

— Claro que está. Não está contando com o caixa que irá fazer *antes* do evento... — Ergo a cabeça, e me viro em sua direção, um pouco confusa. Vicente está parado na porta da cozinha, o lado do corpo encostado na parede, os braços cruzados e uma perna por cima da outra. Só de cueca, devo dizer, o que me faz demorar um pouquinho na apreciação.

— Não entendi...

— Você vai fechar esse acordo agora, certo? — Aceno, confirmando. — Tem uma cláusula bem bonitinha aí, indicando que a parte que quebrar o contrato terá uma multa rechonchuda a ser paga e, bem... essa parte não será você. Assinando agora, em janeiro você terá sete meses para se gabar de manter a pousada em Kennoway que fará parte do roteiro da tal Jornada ao Reino Unido. Se gabar em anúncios, vários, inclusive, fazendo os dois idiotas que você chama de irmãos promoverem isso em Londres e Dublin.

— E ganhando clientes extras...

— E ganhando clientes extras! — Ele sorri, satisfeito ao ver que eu me animei. Porque, sim, como eu não tinha pensado nisso antes? — A propaganda é a alma do negócio, esqueceu disso, Foxy?

— Às vezes você tem excelente ideias...

— Nenhuma perto do arremesso de gerente, mas eu faço o meu melhor.

Levanto a mão, o chamando para perto com o dedo e ele vem, parecendo um felino delicioso, passo a passo até estar ao meu lado.

— Abaixei aqui... — Ergo os braços e ele se agacha, afundando o rosto em meu pescoço quando

PERIGOSAS NACIONAIS

eu o enlaço. — Eu adoro quando você se envolve com os assuntos da pousada.

— É sua vida, aquilo, amor... quero te ver brilhando.

— Nossa vida. Lembra-se do que me disse quando viemos para este apartamento? Não tem mais meu ou seu. É nosso...

Consigo ver a incerteza que paira sobre ele. Vicente é transparente demais para esconder os sentimentos, sejam eles quais forem.

— Juntos, Vince.

Vicente é um sujeito muito orgulhoso. Tem orgulho do que ele construiu na vida, porque o fez sozinho, na raça. Ele batalhou muito para chegar onde está e, por isso, não gosta de nada que venha de mão beijada. Eu compreendo isso, mesmo. Apesar de querer socá-lo às vezes, eu compreendo.

E me emociono ao perceber que ele, finalmente, compreende o que eu quero dizer.

— Eu amo você. Faço o que for, se isso te deixar feliz, sabe disso. Logo isso tudo aqui acaba, pegamos Felipe e sumimos para a Escócia. Vou passar o resto dos meus dias vivendo em um castelo, de saia e sem cueca, tomando conta de vocês.

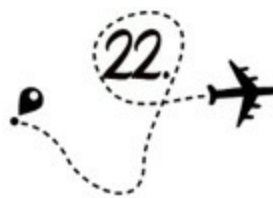
PERIGOSAS ACHERON

Minha risada ecoa alta, enquanto ele se levanta para atender ao telefone, que não para de tocar, saindo para a varanda.

— Agora? — Ouço-o perguntar. — Tudo bem, me dá uns trinta minutos, vou me arrumar e já chego aí.

Não demora muito e ele sai, em direção à delegacia. E eu fico aqui, olhando em volta, presa em uma rede de contentamento, feliz com o que o futuro, finalmente, parece me reservar.

O final inesperado



Vicente

Estaciono o carro em frente à delegacia, depois de ser chamado com urgência e ter deixado tudo para trás, saindo correndo. Detesto esses chamados, nunca trazem coisa boa. Encontro a equipe toda já reunida na sala de reuniões, somente aguardando a minha chegada.

— O que está acontecendo?

— Pegamos eles! — Rodrigo tem um sorriso enorme no rosto, todo mundo empolgado, como se estivessem indo a uma final de campeonato. Depois da morte de Bruno, nos dedicamos a maior parte do tempo a acabar com a LIB e o nosso maior desafio é finalmente tirar Alexandre Fiote de circulação.

Alguns agentes novos foram adicionados ao nosso time e, agora, estamos aqui, no que parece o fim de um caso que tem durado toda a minha vida.

— Pegaram como? — Sento-me, abrindo a pasta com as informações.

— Havia informações nas escutas que colocamos nos pontos informados pela testemunha

PERIGOSAS NACIONAIS

Delta B — Cris adianta, me entregando um arquivo com transcrições de uma conversa telefônica entre um membro do alto escalão do Primeiro Comando e Alexandre Fiote.

— A testemunha continua em segurança?
— pergunto a Romero, que confirma.

Depois que alguém tentou se passar por Cibeles em nosso apartamento, dias atrás, acabei ficando um tanto quanto preocupado, não somente com a nossa segurança, mas também com a dela. A mulher nunca saiu do ponto onde a escondemos, então, com certeza, a LIB já sabe que ela colaborou conosco. Por sorte, a informação de sua localização é sigilosa e somente eu e o superintendente temos acesso a ela.

Abro novamente o arquivo, passando os olhos pela transcrição, sentindo um arrepio diferente pelo corpo.

— O que temos aqui? — pergunto à Cris, que foi o responsável pelas escutas.

— O grupo completo vai se encontrar hoje à noite. O chefe do bando, conhecido por Fiote, estava na Colômbia nesses últimos dois meses, e pretende retornar para lá em seguida. Ou seja, é nossa última chance, doutor.

PERIGOSAS ACHERON

Conforme Cris segue relatando tudo o que foi captado na investigação, eu sigo vendo um filme em minha frente. Anos de trabalho a serem encerrados esta noite.

— Não vamos desperdiçar a chance!
— Acertamos a operação, divido os grupos e sigo para casa. Quero ver minha menina, passar um tempo com ela, me ter em um lugar bom e bonito, antes de me enfiar na ira que irá me levar até esses malditos.

Nada do que eu tenho pensado por meses me escapa. Aquela sensação segue comigo, mas agora eu tenho uma visão real do que perderei, caso sucumba. E, não... sucumbir não é uma opção.

Como o apartamento novo é ainda mais perto que o meu antigo, em menos de quinze minutos estou estacionando e me pego rindo com a lembrança de quando tinha que subir os degraus correndo para encontrá-la. Agora temos elevador, mas já me peguei pensando em subir correndo as escadas, somente para lembrar os bons tempos.

O aroma de comida me acerta em cheio, e só então eu noto o quão faminto eu estou. Malu está na cozinha, vestindo só uma camisetinha, rebolando com a música, enquanto mexe algo na

panela. Uma visão dos deuses, se é que os deuses têm a mesma sorte que eu.

— Oi, Foxy. — Amo demais o sorriso aberto com que ela me recebe todas as noites, quando eu chego do trabalho. E, como sempre, ela larga tudo o que está fazendo para vir me recepcionar.

— Oi, gostoso. Chegou cedo! — Os braços me enlaçam pelo pescoço e ganho um selinho no percurso. — Com fome?

— Muita, mas vou tomar um banho, tudo bem?

Recebo uma piscadinha safada como resposta e vou para a nossa suíte. E no caminho, sigo olhando em volta o que estamos construindo, juntos. Há pouco menos de seis meses eu estava em um apartamento vazio e completamente impessoal, e agora tenho um lar. Um lar, uma mulher que me ama, um filho para buscar.

Tudo o que falta para a minha vida ficar realmente perfeita é pegar aqueles canalhas.

Paro em frente à árvore de Natal montada em um canto da sala, sorrindo feito um idiota. O Natal é daqui a três dias e essa será a primeira vez que eu passo em minha casa, sem estar

PERIGOSAS NACIONAIS

completamente sozinho, bêbado ou comendo macarrão instantâneo. Muito pelo contrário, só não está perfeito porque nosso garoto continua naquele abrigo e não aqui, conosco.

Estico a mão, tocando em umas embalagens a mais que Malu colocou como enfeite na árvore. *Christmas Cracker*, ela disse chamar. São umas embalagens feitas de papelão que tem formato de rojões e são embalados, de forma divertida, como se fossem bombons. Segundo ela, contém surpresas dentro e teremos que abrir os nossos, juntos, na noite de Natal.

Do jeito que é diaba, não quero nem ver o que me aguarda...

Apesar do ar leve que está em casa, eu me sinto muito tenso. Mais do que costumo ficar quando tenho operação, devo dizer. Como se tivesse um nuvem negra sobrevoando minha cabeça, me fazendo pensar merda o tempo inteiro, deixando meu peito apertado. Me demoro tanto no banho, por conta disso, o pensamento distante analisando tudo o que vem a seguir, que mal vejo quando Malu abre a porta do box.

— Já deve estar todo enrugado aí dentro e o jantar vai esfriar!

PERIGOSAS ACHERON

— Olha, tem algo aqui enrugado mesmo, mas juro que não é por causa de banho demorado.

— Palhaço. Vem jantar...

Depois do jantar, a levo até nosso quarto, ficando abraçado com ela, sentindo seu calor e seu perfume. E tentando achar a melhor forma de comentar sobre a operação. A minha partida deixou esse assunto um tanto quanto sensível e eu acredito que será um choque saber que sairei mais tarde para enfrentá-los.

— Vince, fala logo, meu amor. Toda vez que você fica se revirando, eu sei que vem bomba.

Sorrio, sem conseguir resistir. Como pode me conhecer tão bem?

— Não é bomba. — Aperto mais meus braços ao seu redor, sentindo seu dedilhar em minha pele. — Eu tenho uma operação, mais tarde. Williams, Cris e Rodrigo vão passar aqui para me pegar, às quatro e meia.

— Da manhã? Que operação é essa?

Eu não deveria contar, mas fizemos uma promessa, de que nunca mais esconderíamos nada um do outro. Ergo o corpo, encostando na cabeceira da cama, e a trago para deitar junto comigo, suas costas apoiadas em mim, e apoio meu

PERIGOSAS NACIONAIS

queixo no alto de sua cabeça.

— Encontramos Alexandre. Acaba hoje, meu amor, vou me certificar disso.

Ela se vira, posso ver que fica apavorada, e mesmo sabendo que é inevitável, eu não gostaria de vê-la com medo. Desço então minha mão por sua barriga lisinha até chegar ao cós de sua calcinha, a afasto e continuo descendo minha mão até encontrar sua fenda.

— *Shhhh*. Não fala nada, só me deixa ouvir você gemer gostoso.



Aperto o laço do coturno, sentado na pequena poltrona perto da janela, e posso, daqui, ouvir os passos de Malu pela casa, tão nervosa que já passou mal duas vezes. Tentei convencê-la a dormir, mas foi inútil.

— Foxy — chamo, ela vem quase de imediato —, sossega aqui, meu amor. Daqui a pouco o vizinho de baixo vem reclamar.

— Eu o mando à merda em dois tempos! Ele que nem tente...

Estico minha mão, a chamando para vir até

PERIGOSAS ACHERON

mim. E ela aceita, vindo, o corpo gelado e trêmulo entregando seu estado de espírito. A coloco sentada em meu colo, afundando o rosto em seu pescoço, e então ergo a cabeça para observá-la. Linda, os cabelos soltos emoldurando o rosto bonito, os seios branquinhos aparecendo por baixo da camisa do pijama entreaberta. É uma excelente visão, caso seja a minha última.

— Está se sentindo melhor?

— Só vou me sentir melhor quando você voltar *pra* casa.

Sorrio, os dedos correndo pelos cabelos, colocando uma mecha atrás de sua orelha. Sinto seu corpo estremecer, e queria muito tirar toda essa apreensão, mas sei que, enquanto eu tiver essa vida, trabalhando nisso, esse sentimento será uma constante.

— Eu falei com Samuca há pouco. — Ela reage, exasperada, puxando o ar, com força. — Escuta, não fica nervosa, é importante. Por favor, me escuta... — peço, e ela engole a seco, mas balança a cabeça, concordando. — Pedi a ele para ficar de olho no prédio. Ficar de olho em você. Mas eu quero te pedir algo.

Seguro seu rosto entre minhas mãos, os

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos marejados me fitam, ansiosos.

— Não quero saber de despedida, Vicente. Você já acabou com minha sanidade por quatro vidas quando se despediu de mim, em Fonthill.

— Eu não ia... — Sorrio e a beijo, encostando minha testa na dela em seguida. — Não ia. Eu só preciso que me prometa que não vai sair de casa. Fique aqui até ter notícias minhas, pode me prometer isso?

— Vince...

— Por favor, Foxy. Eu não vou ter paz, imaginando que você está sacolejando pela cidade, enquanto eu estou tentando acabar com a vida daquele desgraçado.

— Eu não vou sair daqui. Juro.

Tomo sua boca em um beijo desesperado. Nem eu sei direito o porquê — ou talvez saiba, só tenho dificuldade de assumir. O fato é que desde que ela entrou em minha vida, tudo o mais acabou perdendo o sentido. Antigamente, sair pela manhã e me arriscar, correndo o risco de não voltar para casa, não me causava tantas dúvidas quanto agora. Hoje eu tenho certeza de que só não fico aqui porque preciso garantir que ela e Felipe estejam a salvo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu te amo, Foxy. Queria poder te mostrar o tanto que eu amo você.

— Não começa, pelo amor de Deus!

Seguro sua nuca e a trago para outro beijo, mas, desta vez, ela parece raivosa. Sinto seu punho me batendo, seguidos socos me acertam em meu ombro e meu peito, mas eu não a solto. Sigo beijando-a e posso sentir sua rendição, quando os braços se cruzam atrás do meu pescoço, nos aproximando ainda mais, aumentando o enlace. Nosso beijo é urgente, mas repleto de sentimentos diversos.

Ouçó o alarme que coloquei em meu celular, para me alertar do horário que terei que descer, tocar e isso faz com que nos separemos. Com muito custo a coloco em pé, me levantando também e pegando meu colete, o vestindo por cima da camiseta preta. Checo a munição da arma que vou levar em punho e dou um último olhar para minha garota, parada próxima ao espelho.

— Eu te amo, Vince. Só volta *pra* mim...

— Também te amo. Eu volto, prometo.

Rodrigo me avisa por mensagem que os rapazes já chegaram e estão me esperando. Sem querer protelar muito, me dirijo à porta de saída,

PERIGOSAS ACHERON

mas, em um estalo, eu paro. Olho para trás e vejo Malu parada no meio da sala, abraçando o próprio corpo, os dentes fisingando o lábio inferior. Abro meus braços e ela vem, correndo, e se joga em um abraço apertado, dolorido.

— Nós vamos ficar aqui, te esperando... — Sorrio, adorando que ela agora inclui Felipe em tudo o que diz.

— Volto logo.

A solto em um rompante, ou nunca conseguiria sair do apartamento e, sem paciência de esperar o elevador, desço pelas escadas até o estacionamento, onde os rapazes me esperam em um carro à paisana. Sento-me no banco de passageiro, ao lado de Rodrigo que está ao volante. No banco detrás estão Williams, Cris e um dos novatos, Edson.

Seguimos para o local, um ponto distante na Zona Sul da cidade, em completo silêncio. A concentração e a apreensão chegando a ser quase insuportável de aturar. Nunca é fácil, nunca é bonito, sempre sabemos que é arriscado e, por isso, o aperto no peito nos acompanha.

Relembro os cursos que fiz na Mossad, anos atrás, em que ficava impressionado com o bom

PERIGOSAS NACIONAIS

humor que os agentes demonstravam todos os dias pela manhã. Achava que eu era o errado, o rabugento dramático, até o dia em que acompanhei uma operação real, e o humor deles foi infernal.

Saber que você pode tirar a vida de alguém, ou perder a sua, nunca é algo animador, posso garantir.

Chegamos ao local já no final da madrugada. Distante e afastado, o lugar é cercado por matagal, próximo a um pesqueiro, com várias construções inacabadas e galpões com carcaças de automóveis.

— Deve ser desmanche... — Edson aponta, quando passamos por um dos galpões.

— Ou cemitério — Cris completa, em seu humor peculiar.

Estacionamos um pouco afastados do endereço e seguimos a pé, e pelo rádio me certifico que todos os homens estão em posição. Para o sucesso desta operação de hoje, o ataque surpresa é o nosso trunfo. Alguns metros adiante, já posicionados, levanto o rosto, observando que em breve o sol irá raiar, o horizonte já começa a ficar avermelhado e logo o escuro da noite não será mais nosso aliado.

PERIGOSAS ACHERON

— Todos em posição! — Me viro para os atiradores, alguns ficarão posicionados do lado de fora, enquanto agimos, nos dando cobertura. — Os homens da segurança, quero todos apagados, utilizem o silenciador. Pode passar, sem pena. Os da cobertura, fiquem atentos a qualquer movimento. Fiote é meu, faço questão.

Coloco minha touca e sigo adiante, passando pelo grande portão de ferro que está entreaberto. O caminho, uma grande alameda rodeada por mato, leva a um galpão grande com uma porta de madeira. A lateral alta mostra apenas quatro janelas pequenas, quadradas, e por elas eu consigo visualizar as luzes acesas, indicando que realmente há alguém no local.

Posicionado, vejo minhas ordens sendo cumpridas, três seguranças são abatidos sem alarde e sem chance de nos denunciar. O silêncio do lado de fora é tamanho que conseguimos, inclusive, ouvir as vozes que vêm de dentro do local, posso identificar, no mínimo, quatro tons distintos.

Assim que de aviso para aguardar o meu comando, Cris, impaciente, mete o pé na porta de madeira, arrebentando e entrando no local. Sem escolha, os homens que estão posicionados frente à

entrada o seguem e, com verdadeiro horror, ouço a saraivada de balas com as quais são recebidos.

Grito para Williams, juntos somos considerados os melhores atiradores do grupo, e avançamos, metendo bala onde tem malandro de pé. É uma investida arriscada, mas levando em conta a loucura que está aqui dentro, talvez a nossa frieza pode ser providencial. O problema é que não existe frieza que resista ao inferno que nos recebe dentro deste galpão.

Em minha esquerda, localizo Rodrigo, caído, baleado no abdômen e corro até ele, o arrastando para trás de uma pilastra. Tiro minha touca, não é o ideal, mas é o que tenho em mãos agora, e uso para fazer pressão no ferimento.

— Falou tanto da *porra* do colete, cadê o seu, *filho da puta*?

— Está com o Cris... não vem me dar bronca, *caralho*, isso aqui tá doendo.

Ouçó Hugo soltar um grito ao ser atingido e, de onde eu estou, encoberto pela pilastra, consigo uma boa mira para derrubar três que estão com um fuzil à minha direita. Do outro lado posso ver Williams também tendo sorte, conseguindo limpar o outro lado, enquanto do lado de fora do galpão

podemos ouvir um grande tiroteio.

Um verdadeiro inferno, isso sim.

Não era para ser assim, eles foram alertados, com certeza. Todos estavam bem preparados, bem posicionados e, o pior, muito bem armados. Ou foram alertados de nossa chegada ou caímos direto em uma armadilha. Quando consigo perceber que somente agentes nossos se encontram em pé, saio de trás da pilastra, batendo a mão no bolso da calça, procurando o rádio e noto que ele está caído um pouco adiante.

Me ajoelho para pegar o rádio e sigo um movimento captado por minha visão periférica a tempo de ver Cris chegando por trás de Williams, que está dando cobertura para a equipe do lado de fora do galpão. Estranho o movimento porque a mira de sua arma está focada nas costas do nosso agente, e ainda grito, mas não rápido o suficiente para Williams se proteger, e ele acaba sendo atingido no ombro, sendo obrigado a largar o fuzil que segurava.

— O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO?

Lentamente, ele se vira para mim, apontando a arma em minha direção. E então tudo se explica, o porquê eles estavam sempre um passo

à frente, todos os avanços sendo neutralizados e, principalmente, o porquê eles eram tão bem informados a meu respeito. Cris tinha acesso à investigação por ser parte da equipe, tinha a chave do meu apartamento, tinha acesso à minha vida inteira. Durante todo o tempo em que Rodrigo trabalhou com Bruno, o meu braço direito havia sido esse *filho da puta* traidor.

— Sinto muito, doutor...

— *Filho da puta...* — Miro nele também, e aperto o gatilho para notar que estou sem munição. Não tenho tempo para uma segunda reação, no entanto, antes de ouvir uma voz grave atrás de nós.

— Tudo bem, soldado, pode deixar esse comigo.

Fiote vem confiante, arma em punho e sorriso no rosto. Não sei se pelo fato de eu estar de joelhos o faz pensar que eu estou ferido, mas é confiança demais para lidar comigo e a raiva que eu tenho. Olho por cima do ombro, Rodrigo está deitado no chão e não parece muito bem, mas, com um movimento de cabeça me mostra que a arma continua em sua mão.

— Então finalmente nos encontramos, *Fiote da puta!*

— Demorou, hein, doutor? Espero que tenha escondido bem a dedo-duro da Cibele, porque, quando eu acabar contigo, ela estará morta.

— Muito confiante. Prendi seu mentor, palhaço. Hoje você irá fazer companhia a ele.

— Não vou e sabe por quê? Porque sou mais esperto. Tenho amigos nos lugares certos e você já era, doutor.

— Tanta raivinha... e isso por quê? Ficou *magoadinho* que papai não te deu atenção?

Comentar isso, em tom de zombaria, parece ter lhe atingido um nervo. Consigo ver o seu maxilar travando e o olho direito chega a tremer um pouco e, apesar de nervoso, mantenho o ar de deboche.

— Eu acho uma pena que ele esteja morto, sabe? Adoraria que ele me assistisse acabar com a raça do filhinho favorito dele. E eu poderia até, depois disso, fazer o que eu sempre quis, que é provar a boceta daquela rata ruiva.

— Eu não contaria muito com isso... — Troco o peso do corpo, tomando o cuidado de não fazer um movimento muito brusco. — Acho que seria mais fácil que, finalmente, eu fizesse o gosto dele e acabasse com a sua vida. Foi o que ele quis

quando pagou sua mãe para abortar, não foi?

Ah, sim. Provavelmente você está me xingando neste exato momento, afinal de contas, eu estou ajoelhado, desarmado, e o maluco à minha frente acabou de engatilhar a arma, puto da vida com o que eu disse. Mas eu não funciono muito bem quando mexem com a minha mulher e você já deve saber disso. Todo mundo sabe disso. Inclusive, ele.

— Não acho que esteja em posição de ameaçar ninguém, Avellar.

— Ah, mas sabe como é, com gente babaca acaba sendo natural. — Engulo seco ao vê-lo apontar a arma em minha direção, mas mantenho a pose. — Me diga aí, e os negócios, andam bem mal? Se aliar com o Comando parece baixo até mesmo para você.

— Você tentou, Vicente. Mas, como eu te falei, eu tenho amigos nos lugares certos. Minha aliança com o Comando era só mesmo até acabar com sua raça. Como pode ver, isso termina hoje.

Alexandre dá dois passos à frente e me pego analisando seu rosto. Sabendo quem ele é, agora, a coisa fica ainda mais surreal. E triste, porque olhando para ele, vejo o quanto ele parece com meu

pai, algo que, observando suas fotos, meses atrás, eu nunca tinha notado.

— Soube que a rata ruiva está novamente no Brasil — ele interrompe meus pensamentos, claramente buscando uma reação que eu ainda não lhe dei. — Bem que DuBom disse que ela era corajosa. Qualquer outra, depois da morte estúpida de Natália, teria sumido.

Ele sorri, mas eu não respondo. Continuo em silêncio, tentando não explodir. Tentando não dar nenhum indicativo de que eu estou fervendo por dentro.

— Aliás, uma pena o que aconteceu com Natália. Ela era boa. Competente e gostosa. Soube que sua rata também é competente e, para virar sua cabeça desse jeito, também deve ser gostosa. Vou fazer questão de provar.

Ele fala demais. Fala *pra caralho*, fala tanto que nem presta atenção em nada. Como se fosse combinado, Rodrigo me passa a arma pelo chão e em um movimento rápido a saco e o acerto no peito, agradecendo por ele ser um puto arrogante e ter vindo de peito aberto, achando que estaria tudo resolvido. Sua arma acaba disparando e, para minha sorte, eu, sim, estou de colete e somente sinto o

impacto, o corpo chegando a impulsionar para trás, me levando ao chão. A ardência se espalha por meu peito e com algum esforço consigo me levantar, porém, ele não.

Me aproximo, chutando sua arma, que havia caído, para longe enquanto ele continua deitado, ofegante e rindo, feito um maníaco. Foram anos preso nessa investigação. Muitas perdas, incontáveis, e os últimos meses foram infernais. Minha mente relembrando as ameaças que ele enviava diariamente, que me separaram de Malu e que me faziam jurar que eu o faria engolir, uma por uma.

Não terei tempo de fazê-lo engolir uma por uma, no entanto, foram muitas e a minha paciência não durará tanto. Mas chega a ser quase prazeroso vê-lo caído, ensanguentado, ferido por uma bala que partiu da minha arma.

— Acabou, Alexandre. Não vai mais traficar mulher, não vai mais estuprar menina inocente, não vai mais tocar terror na minha cidade, mas, principalmente, não vai mais tocar no nome da minha mulher. Deu *pra* você, acabou!

Ele tenta dar uma gargalhada, mas guincha feito um porco. Se sentindo superior, se sentindo

vencedor. Já eu, sou só raiva. Ela toma conta de mim, me enche inteiro, é um combustível poderoso. E esse bosta falando e falando, com um humor doentio.

— A hora que eu te pegar, doutor, vai pagar caro por isso.

— Em outra encarnação, quem sabe...
— Um único tiro na testa e encerro a palhaçada. Me viro para ajudar Rodrigo, vejo que ele está inconsciente e olho em volta, procurando o rádio para pedir suporte porque temos vários feridos. Mas, então, escuto um estalo seco e sinto algo acertar minha coxa. Caio de joelhos, olhando imediatamente para onde Cris estava antes, mas só o vejo caído em uma poça de sangue.

— Tanto que eu te avisei, Vicente, para parar de se meter nisso... quantos avisos eu precisei dar? Surra na amiga, sequestro da namorada, ataque à delegacia... precisava de algo mais radical para te manter distante.

— Nogueira — rosno seu nome, enquanto o vejo se aproximar, vagorosamente. Passo a passo, vestindo uma roupa toda preta e uma touca ninja no rosto, seu olhar espertamente não desvia de onde eu estou. Era isso ou eu sacaria a minha arma reserva e

estouraria seus miolos ao reconhecer a arma que ele traz nas mãos. — Foi você. Você matou meu pai...

— Era enxerido, igual a você. Não sabia quando parar de fuçar nas coisas. Queria crescer na carreira sendo todo certinho, e eu tinha os meus planos.

— *Filho da puta...* — rosno baixo, minha perna passa a queimar e posso sentir o líquido quente escorrer pela minha pele, o cheiro insuportável de sangue aqui dentro, me deixando enjoado.

— Igualzinho... — Ele ri, parando à minha frente. — Seu pai sempre foi um verdadeiro *pé no saco*, Vicente, sempre se metendo em meu caminho. Conseguiu a promoção em meu lugar, conseguiu as duas mulheres que eu queria para mim, e ia conseguir desmantelar o meu projeto para a organização. Fui obrigado a dar um jeito.

— Duas mulheres?

— Sempre gostei de sua mãe. Mas ela caiu no encanto do Avellar, somente para descobrir, anos mais tarde, que ele era simplório, não tinha ambições do tamanho que o ego dela queria. Sua mãe costumava dizer que nasceu para ser mulher de governador, de prefeito... não de um simples

investigador de polícia. Quando ela o largou, eu tentei convencê-la de que eu seria o par perfeito, mas ela já não tinha interesse por policiais, os olhos dela já estavam na fortuna do grande cirurgião.

— E então você cooptou Neusa?

— Essa é uma idiota. Não se engane, ela não gostava de você porque era um garoto chorão mesmo, eu não tive nada a ver com isso. Mas, confesso, seu pai se casando com Neusa foi uma baita rasteira. Ele sabia que eu tinha interesse nela.

Sinto outra fígada na perna, e posso garantir que esse ferimento é a única coisa que está me impedindo de levantar aqui e arrebentar esse sujeito na porrada.

— Aquela cena na operação, meses atrás... foi você quem matou o policial, quem forjou aquela cena.

— Era outro fracote. Ele ia dar com a língua nos dentes, estava *cagado* de medo. E eu sempre fui favorável a ter opções de descarte.

— O tempo todo era você comandando isso aqui?

— Ah, não — ele vira o rosto, em direção ao corpo de Alexandre —, eu não poderia. Policial, e essas coisas, a organização não me aceitou, não

no comando. Mas vi potencial no meu garoto. E ele era muito bom, sabe? Focado, dedicado. Duplicou os nossos avanços, conseguiu até nos organizar na Europa. Sabe, não é? Com aquela loira...

Evito responder. Tento manter minha atenção ao redor, ainda consigo ouvir alguns disparos do lado de fora, mas, aqui dentro, somente gemidos de quem sobreviveu — ou tenta.

— Mas, como sempre, a família Avellar atrapalhou tudo — ele volta a falar, e eu mais uma vez foco minha atenção nele. — E o idiota simplesmente perdeu o foco ao saber que o *irmãozinho* dele era o responsável por fazê-lo perder dinheiro.

O sorriso dele, cínico, combinado com o tom tranquilo com que diz cada palavra é enfurecedor. Me pego relembrando a última manhã em que vi meu pai, se arrumando para sair, dizendo que o seu parceiro não estava muito interessado em ajudar no caso. Ele não chegou a ir muito longe, seu carro foi encontrado algumas quadras à frente, bem estacionado, e seu corpo com três disparos no peito.

— Meu pai era seu amigo, seu desgraçado! Ele confiava em você!

— Era. Mas descobriu o que eu fazia, e tive que apagar. Como tenho que apagar você, Vicente. Não queria mesmo, sempre gostei de você, mas não me deu escolha. Vai você e sua namorada gringa, não sei o que andou falando para ela, então, você sabe, eu preciso me garantir.

Meu corpo nunca me enganou. Chame de sexto sentido, se quiser, mas eu sabia que esse confronto seria definitivo. Um arrepio toma conta de minha espinha e eu sei que, nesse ponto, eu tenho somente uma chance. Ainda que eu vá junto, eu não posso deixá-lo chegar perto dela. Com habilidade, saco a arma do coldre que trago nas costas e atinjo Nogueira no peito, mas, assim como aconteceu antes, a sua arma também dispara.

Sinto o baque, caindo de costas no chão e uma ardência insuportável no peito me deixa um pouco confuso, afinal estou de colete. A mão fica trêmula e não consigo segurar a arma, me apoio no cotovelo forçando o corpo para a frente, até estar novamente de joelhos e ergo a cabeça, buscando um pouco de ar, sentindo a camiseta ensopar ao mesmo tempo que minha vista escurece.

— Vamos juntos, Vicente... — Sigo sua voz e o vejo apoiado na pilastra em frente a mim,

PERIGOSAS NACIONAIS

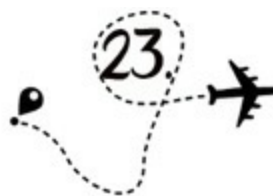
ofegante, porém, com a arma em punho, mirando em minha cabeça.

Fecho os olhos e deixo minha mente voar, o pensamento viaja até Malu, a visão que tive dela sentada em meu colo somente com a camisa do pijama, e tudo o que eu quero é ver minha pequena de novo.

— Foxy... — sussurro ao mesmo tempo em que ouço o disparo.

PERIGOSAS ACHERON

Ele se machucou



Malu

Vicente segue porta afora e eu tenho uma crise de choro. Meu coração bate tão forte no peito que chego a sentir dor e, mais uma vez, sou obrigada a correr para o banheiro quando um enjoo insuportável toma conta de mim. Ajoelhada, mal consigo respirar, enquanto sinto os espasmos em meu estômago, eliminando algo que eu sequer comi.

Esse aperto no peito não é comum. Não pode ser somente preocupação.

Levanto-me com dificuldade, seguindo até minha cama. Sentada, fico agarrada ao meu celular, aguardando notícias, quaisquer que sejam.

Da última vez que ele esteve em uma operação desse caso, foi quando prendeu o tal assassino do seu pai e não me telefonou, uma vez sequer, chegou no início da noite quando eu já estava enlouquecendo — e partindo. Pedi várias vezes para ele nunca mais fazer isso comigo, para me ligar, assim que possível, e preciso ter a certeza de que ele vai fazer isso hoje, que vai se lembrar.

Não consigo imaginar como deve ser para ele estar com tamanha responsabilidade em resolver esse caso e ainda manter a frieza para que tudo dê certo. Porque tudo *precisa* dar certo.

Com os cotovelos apoiados em minha perna, eu seguro minha cabeça repetindo o mantra uma, duas, dez vezes.

Vai dar tudo certo. Vai dar tudo certo.

Salto da cama assustada com o toque do interfone. Corro até a entrada, e sou informada que Raquel e Sara estão lá embaixo. Autorizo a entrada, a mente ainda confusa, pois não consigo formular um pensamento coerente, sem conseguir entender o que as duas estão fazendo aqui, assim, tão cedo.

Mas não poderia ser diferente, afinal. Raquel e Sara são minhas fiéis escudeiras.

— Eles te contaram? — Abro a porta, disparando perguntas para todos os lados. — Sara, você veio sozinha? Cadê o Samuel?

— Samuca sabia da operação, Vince contou a ele. Ele não conseguiu ficar de fora, decidiu chamar a equipe tática para ajudar, e viemos ficar com você porque... está impossível ficar sozinha.

Concordo. Melhor aqui com elas.

Raquel está silenciosa, apreensiva, mas

PERIGOSAS NACIONAIS

mais inteira do que eu, que mal sinto as pernas. Não consigo ficar parada, olho ao redor, procurando algo para fazer, mas a nossa sala está ridiculamente arrumada. Abro as cortinas para olhar pela varanda, os primeiros raios de sol já estão dando sinal e o céu tem um tom avermelhado, espantando todo o preto da noite.

Deveria ter perguntado mais sobre essa operação. Quantos agentes iriam, onde seria... eu não sei absolutamente nada a respeito do que vai acontecer hoje, somente que eles saíram daqui cedo para ter tudo resolvido ao amanhecer

— Que horas são?

— Devem ser seis horas, Malu. Por quê?

— Por nada... está amanhecendo.

Sento-me no chão, em frente a porta de vidro da varanda, abraçando as pernas. Mandando energias positivas para o universo, quase uma versão hippie de mim mesma, pedindo proteção para o meu menino, para os meus amigos. Rodrigo e Samuel também estão lá, Hugo, que me protegeu por tantas vezes, também está lá... isso acaba deixando tudo muito pior. Meu coração bate tão rápido que meu peito parece que vai explodir, tamanha pressão. Eu só queria mesmo que o relógio

PERIGOSAS ACHERON

acompanhasse seu ritmo, porque parece tudo lento, é como se o tempo tivesse congelado.

Sara decide ligar a televisão, pensando que de repente possamos ter alguma notícia positiva vindo dela. Mas os minutos vão passando e até o telejornal é o mesmo de sempre.

— Vou fazer um café, o que acham? — ofereço, cansada de ficar sentada, e elas gostam da ideia. Seguimos para a cozinha, abro a porta do armário, tentando alcançar o pote com pó de café e sinto uma dor insuportável no peito, tão forte que deixo tudo cair no chão.

— Malu, o que foi? — Raquel corre em meu socorro, mas não consigo reagir, não consigo respirar, e o rosto de Vince aparece na minha mente.

“Foxy...”

— Vince... ele se machucou!

Não consigo explicar, eu só sei. Sinto como se meu coração estivesse sendo tirado à força do meu peito, um gelo insuportável corre pela minha espinha, minha cabeça gira e então tudo fica escuro.



Ouçó vozes ao fundo, forço meus olhos a abrirem, e fico meio confusa. O que aconteceu? Imediatamente penso em Vicente.

— Vince...

— Malu, meu Deus! Que susto!

— Raquel, o que aconteceu?

— Você apagou na cozinha. Começou a gritar e simplesmente apagou.

— Quanto tempo faz isso? — Me sento no sofá e sinto a cabeça girar. — Quanto tempo eu fiquei apagada?

— Nem cinco minutos, Malu. Já estava pensando em ligar para o resgate, meu Deus do céu, que susto! Relaxa, Sara foi buscar um copo d'água.

Não quero água, quero saber de Vince. Alcanço o celular e passo a discar seu número, que só chama. Disco o número de Rodrigo, idem. Tento novamente umas dez vezes, o desespero começa a aumentar e não dou atenção aos avisos de minhas amigas me dizendo que eles podem ainda estar em ação, e por isso não conseguem atender.

Sara me diz que isso é excesso de preocupação, que eu preciso ficar calma, mas eu sei

que é mais que isso. Preocupação eu sinto todos os dias, quando ele sai de casa. Dessa vez foi como se tivessem tirando algo de mim, como se eu nunca mais fosse vê-lo. Eu *sei* que alguma coisa aconteceu, eu simplesmente sei!

Raquel liga para Samuel, que atende, mas não pode falar. Como a ligação é feita no viva-voz, posso ouvir todo o barulho ambiente do local onde ele está, inclusive, as sirenes. Que eu tenho certeza, são de ambulância, mesmo elas tentando me tranquilizar, dizendo que ouvi demais.

Oito da manhã e estou andando de um lado para outro na sala, aguardando um telefonema somente. Apenas um “*tá tudo certo, pequena*” e nada além disso. Meu estômago não ajuda também, já não tenho mais o que colocar para fora, tornando a espera ainda mais insuportável.

Me sento em frente ao aparador, onde eu coloco as fotos de família. Nossa foto sorridente, em destaque, tirada na catedral de St. Andrews, no primeiro final de semana que fomos “turistar” na Escócia. O sorriso largo ao, finalmente, estar em um local litorâneo o deixou com uma expressão de menino que nem mesmo os óculos de modelo aviador conseguem esconder. Passo o dedo sob o

vidro, não querendo pensar que ele possa estar machucado, mas a falta de notícias me esmaga de tal forma que tudo fica muito difícil de suportar.

O celular toca, estamos cada uma em um canto da sala e corremos todas para o mesmo lugar, buscando apoio mútuo. Não reconheço o número, atendo e coloco no viva-voz.

— *Maria Luiza, bom dia. É Vítor, está em casa?*

— Estou Vítor. Me conta o que aconteceu.

Pergunto de bate-pronto. De certa forma, ele não precisa me dizer em palavras. O fato de ele, um médico, ser o primeiro a me ligar, já me traz a confirmação que eu queria. Se isso não for indicativo, o seu tom de voz, soturno e trêmulo, é. Meus joelhos perdem a força, antes mesmo de ouvi-lo novamente, e me vejo sentando no chão, esperando o restante da notícia.

— *Vicente deu entrada aqui no hospital, ele e mais uns cinco policiais. Vem pra cá, Malu. Ninguém está autorizado a subir, mas vou deixar o seu nome na recepção, ok?*

— Vítor... ele...

— *Só... só vem.*

Muito maior do que o meu medo de perdê-

lo agora é o meu ódio, que extravasa de uma forma tão violenta quanto a força do que eu estou sentindo. Saio esmurrando tudo o que eu vejo pela frente, jogo almofadas, rasgo a cortina, jogo o vaso na parede, derrubo a árvore de Natal. Estava tudo dando certo, estávamos felizes... por quê?

Ajoelho no chão e grito com toda a força do meu pulmão, sem querer acreditar que isso está realmente acontecendo.

Qual o prazer que a vida tem em nos tratar dessa forma? Por que não podemos ter um minuto de sossego? Eu não aguento mais sofrimento, mas meu Vince sofreu a vida inteira, quando ele terá paz?

Alguém demita a merda de roteirista que escreve a nossa vida, porque eu não aguento mais isso!

— Malu, vamos para o hospital. Se acalma senão eles não te deixam entrar.

Sara treme, talvez com o mesmo medo que eu sinto. Vítor disse cinco policiais, e não conseguimos falar com Rodrigo. A puxo para um abraço, tentando pegar um pouco de sua força e passar um pouco da minha — se é que ainda tenho — para ela também.

Não demora muito estamos indo ao hospital, um policial nos espera na saída do prédio, enviado por Samuca. Mas eu estou, honestamente, entorpecida. Me sento no banco traseiro da viatura, os braços cruzados e a testa encostada no vidro, somente vendo a paisagem passar, enquanto ele dirige a uma certa velocidade. Na rádio sintonizada a notícia da *carnificina* não dá uma trégua, e o nosso motorista parece não se importar que, a cada atualização, eu morro um pouco.

Estou agindo no piloto automático, pouco me recordando o que eu estou fazendo, como se pouco a pouco a minha sanidade estivesse me deixando.

Ao chegar no hospital, desço do carro e sigo, sozinha, até a recepção. Ainda posso ouvir as meninas me chamando, mas sequer olho para trás. Me certifico que nosso nome está realmente autorizado a subir, e sou orientada a procurar Vítor no quarto andar, onde fica a emergência cirúrgica. E o encontro ao meu aguardo, seu semblante é preocupado, ele está abatido, parado, com as mãos no bolso do avental.

— Maria Luiza. Meninas...

— Vítor, cadê *ele*? Como ele está?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Em cirurgia, Maria Luiza. Ele e o Rodrigo. — Sara soluça, apoiada em Raquel, e eu apenas suspiro fundo. — Outros dois policiais tiveram ferimentos, nada tão grave e devem ir para o quarto em breve. Dois que foram trazidos até o hospital vieram a óbito.

— Cadê meu irmão?

— Está ali dentro, com algum figurão da polícia, Sara. — Ele aponta para uma sala com parede de vidro, no que parece a reunião de vários homens com ânimos exaltados. — Eu aviso que vocês estão aqui, não vão poder entrar.

— Vítor, ele... é grave?

— Neste momento eu sei tanto quanto você. Por ser irmão, estão me deixando de fora. Nunca parei para pensar como essas regras hospitalares são estúpidas, eu, por ser irmão e trabalhar aqui, teria que ser o primeiro a ser informado. — Ele balança a cabeça, em um gesto inconformado. — Assim que tiver notícias, eu te aviso.

Sento-me em uma das cadeiras próximas à janela e fico olhando para fora, vendo as pessoas levarem sua vida tranquilamente, enquanto estamos aqui dentro, nesse desespero. Minha mente se desliga um pouco, tento afastar o enjoo que

PERIGOSAS ACHERON

novamente se instala, quando sinto uma mão firme em meu ombro. Levanto o rosto e vejo que é Samuel, o semblante abatido e a camisa toda suja de sangue.

— Samuca... você está bem? — pergunto, me sentindo um pouco zozza ao ver tanto sangue em sua camisa.

— Te conto tudo, se você prometer se acalmar, ok?

— Eu estou calma, Samuca. Ficar tentando me acalmar sem necessidade vai me deixar nervosa, e estamos no quarto andar, gostaria de te lembrar disso — respondo, impaciente, e ele passa a mão em meu cabelo, sentando-se ao meu lado.

O relato, ainda que contado superficialmente e com cuidado, acaba me fazendo tremer. Quando a equipe tática chegou ao local, já era tarde e o grupo de Vicente já tinha sido engolido pela emboscada. Foi Murilo quem entrou no galpão no exato momento em que o tal Nogueira apertaria o gatilho, meu Vince estava totalmente rendido, ferido e desarmado.

— Eles morreram? Esses demônios, eles morreram?

— Sim, Luiza. Vicente já tinha cuidado de

um, e Murilo cuidou do outro. Quanto a isso, não precisamos mais nos preocupar. — Sua mão alcança a minha, que aperta a alça da bolsa, com certo furor. — Eu só lamento não ter chegado a tempo, antes de ele se ferir.

Meu estômago embrulha novamente ao imaginar Vicente rendido, ferido e acuado e preciso mais uma vez correr até o banheiro.

Queria chorar. O bolo que tenho em minha garganta parece que vai me sufocar por completo, mas eu simplesmente não consigo. Apoio as mãos na parede do cubículo, o estômago se contraindo, tentando expelir sabe-se lá o que mais. Sentindo uma culpa imensa porque o informante era o tal Cris, que meu sentido aranha vivia alertando ter algo de errado e eu, estupidamente, nunca falei nada para Vicente. Sempre achei que era implicância minha, temendo estragar a carreira do rapaz.

— Idiota, Maria Luiza. Você é uma idiota! Uma idiota! Idiota! — Esmurro a parede uma, duas, três vezes, e então sinto uma mão em meu ombro.

Me viro e dou de cara com uma moça loira que não conheço, ela tem os olhos vermelhos —

talvez de chorar —, mas força um sorriso, que sai parecendo mais uma careta.

— Maria Luiza, certo? — Aceno, e ela continua: — Eu sou a Carol, amiga dos meninos. Seus amigos ficaram hospedados na minha casa, uns meses atrás...

— Ah, em Atibaia.

Suspiro, alto, relembrando o relato que Vince me deu sobre ela. Era namorada do delegado que foi morto em operação e acabou meio que se tornando uma mascote da turma. Estremeço, olhando para longe de sua figura, não suportando a minha mente que, no momento, acaba nos comparando. *“A namorada do delegado que foi morto em operação.”*

Não! Não, Maria Luiza! Não! Pare de pensar besteira!

Volto a apoiar as mãos na parede e respiro fundo, tentando não me entregar a todas as sensações que meu corpo me envia neste momento. Eu só queria chorar. Eu queria chorar...

— Você está bem?

— Estou. É só esse cheiro de hospital que está me embrulhando o estômago.

— Entendi. Vamos voltar lá *pra* sala?

Estavam te procurando...

Aceno e, depois de lavar o rosto e escovar os dentes pela vigésima vez na manhã, voltamos à sala de espera. Sou informada de que Rodrigo está no pós-operatório, que sua cirurgia foi bem, o que talvez explique o surto que Sara está tendo, chorando tão alto que, acredito, possam ouvi-la do estacionamento.

Já faz mais de duas horas que estamos aqui sem notícias e isso está me consumindo. Ocupo novamente uma das cadeiras próximas à janela e fico observando a sala de espera encher. Agentes, amigos dos policiais, familiares. A mãe de Vicente aparece, e fica em um canto, apoiada em Vítor. Marco e Laura chegam pouco tempo depois, Gael também aparece. Todos circulando, conversando, ansiosos, e tentando me tirar algum tipo de reação que eu simplesmente não consigo ter.

Me sinto em suspenso, sabe como é? No aguardo de apenas uma palavra para saber o que será da minha vida daqui em diante.

Me assusto com a entrada do médico na sala de espera, ele parece cansado, abatido. Me sinto como ele, sem forças para sair do lugar e fico estática, em pé, amparada por meu irmão que

apareceu ao meu lado, assim que me viu tentar, sem sucesso, me levantar da cadeira.

— Familiares de Vicente Avellar? — Ele olha em volta, vendo algumas pessoas se aproximarem, e eu continuo parada no lugar, sentindo as pernas bambas. — A cirurgia terminou agora.

O médico dá outra pausa, tira o gorro que tinha na cabeça, enquanto olha ao redor, as pessoas fixando a atenção no que ele tem a dizer. Vejo quando ele procura Vítor, que se aproxima com a bru... a *mãe* apoiada em seu braço.

— O paciente foi alvejado em dois locais, na parte posterior da coxa e no pescoço. O projétil atingiu uma importante artéria, que fez com que ele perdesse muito sangue e quase fosse a óbito. Ele sofreu duas paradas cardíacas, uma ainda a caminho do hospital e uma na mesa de cirurgia, que conseguimos reverter. Seu estado é crítico, no momento, e inspira cuidados.

— Quando podemos vê-lo? — Mal reconheço a voz que sai da minha boca, parece outra pessoa tentando parecer tranquila no meio da tempestade.

— Ele está na UTI, tivemos que deixá-lo

em coma induzido. Por vinte e quatro horas as visitas estão proibidas e, após isso, apenas familiares.

Em coma. Ele está em coma e quase morreu. Aquele maldito atirou duas vezes no meu menino e ele quase morreu. Tento me afastar e não consigo, sinto frio, tudo gira e, de repente, novamente escuridão.



Sinto minha cabeça pesada, o estômago embrulhado. Abro os olhos, um teto branco, muito branco. Um cheiro de álcool — ou será éter? — faz meu nariz arder. Noto alguém mexer-se do lado e me viro na direção, para ver Vítor entretido, lendo algo em uma prancheta.

Fico um pouco confusa a princípio, sem saber como vim parar em um quarto de hospital, mas então logo a realidade me toma.

— Vince...

Ao me ouvir sussurrar, Vítor se aproxima e acabo achando o seu sorriso um tanto quanto fora de hora.

— Olá, mamãe! — Sinto minha testa
PERIGOSAS ACHERON

enrugar por ele ter me chamado assim. Fico meio em dúvida se ele e Vicente conversaram sobre Felipe, ou se de repente Gael comentou alguma coisa com ele, o que seria temerário.

— Vicente te contou? — Ele balança a cabeça e o sorriso esmaece um pouco, ficando triste.

— O exame de sangue me contou. Pedi um quando sua amiga disse que você havia desmaiado hoje, combinado com os enjoos. — Balanço a cabeça, tudo ainda muito confuso para mim.

— Não entendi, Vítor. O que Vince te contou? — Ele tem um ar confuso, nega com a cabeça e se aproxima, conforme eu ergo meu corpo, me apoiando nos cotovelos.

— Seis meses atrás meu irmão era um cabeçudo sem eira e nem beira, e agora está prestes a ser pai de família. Você está grávida, cunhada. De aproximadamente cinco semanas.

Grávida!

Meu coração dispara no peito sobremaneira, que a respiração chega a falhar. Me levanto rápido da cama, arrastando tudo comigo. Lençol, travesseiro, tudo vem abaixo com meu rompante. Tentando ignorar a tontura que sinto, olho ao redor

procurando as sapatilhas que estava usando e as calço, enquanto um aturdido Vítor me pede calma, sem entender o que está acontecendo.

— Tenho que contar a ele, Vítor.

— Maria Luiza, se acalme, por favor... ele não pode te ouvir, está sedado.

— Vítor, você não entende! — O puxo pela gola do avental, a voz saindo um pouco mais alta que de costume. — Eu preciso ir lá, agora, preciso contar a ele!

Suas tentativas de me conter são inúteis, não demora muito estou puxando-o corredor afora, ele continua me dizendo que não posso, mas eu não me importo, estou carregando um filho dele e Vince precisa saber. Ele precisa ouvir de mim!

Quando chego à porta da UTI a sala de espera está um pouco lotada e uma certa comoção se forma quando eu apareço, meu irmão se aproxima, tentando me conter e eu estou a ponto de sair esperneando e xingando todo mundo, dizem que grávidas têm privilégios e estou a fim de usar o meu primeiro hoje, aquele que permite grávidas terem um surto sem serem contidas.

Se não existir esse privilégio, pode anotar. Eu quero!

Olho novamente para Vítor, uma súplica muda que, enfim, parece convencê-lo. Ele pede à enfermeira uma máscara e libera minha entrada, me acompanhando.

— Temos que ser muito rápidos, Malu...

Vítor me alerta, mas eu mal presto atenção, meus olhos já fitando a cama no pequeno espaço, através do vidro. Quando ele puxa a porta de correr, eu me aproximo a passos lentos, o coração chegando a falhar incontáveis batidas.

Vicente está deitado, entubado e com vários fios grudados nos braços e no peito, conectados a um monitor que segue bipando seus batimentos cardíacos ou algo do tipo. Chega a ser insuportável vê-lo deitado, imóvel, logo ele que é tão ativo e falante. Nem parece o meu menino...

Paro ao lado da cama, notando sua palidez. Toco seu rosto, com cuidado, sentindo a pele gelada demais. Tateando sua sobrancelha, seu nariz perfeito, os dedos correndo por seus cabelos grossos. Sem desviar um minuto dos seus olhos, torcendo para que eles se abram como um milagre, morrendo de saudade de suas íris escuras me olhando, de seu sorriso de menino.

Não vou suportar se isso me faltar. Não vou

conseguir suportar sua falta.

Desvio os olhos por um instante e em seu pescoço o curativo faz minha mente anuviar novamente, mas forço-a a manter o controle, ele precisa de mim e não posso viver desmaiando pelos cantos. Seguro sua mão, estranhando os dedos frios, sem controlar a comparação com seu toque quente e firme de antes, sinto vontade de chorar e nem isso eu consigo.

— Vince, meu amor. Eu vim correndo, assim que soube. Você precisa acordar rapidinho, gostoso. Tem mais um *artilheirozinho* aqui para você salvar nos domingos de sol. Estou esperando um bebezinho, amor... um bebezinho teu. Acorda *pra* você comemorar comigo?

Fico relembrando todas as histórias que eu li com essa mesma cena. Um homem desacordado, uma mulher que se descobre grávida, a revelação da notícia ao lado da cama e então magicamente o rapaz acorda, para comemorar junto o milagre da vida. Lindo isso, não?

Bem, seria, se essa merda funcionasse comigo. Nem isso dá certo nesse inferno porque Vicente continua dormindo, sedado e imóvel.

— Volta logo, Vince... — Me abaixo,

PERIGOSAS NACIONAIS

deixando um beijo em sua testa, sua temperatura baixa me deixando nervosa. — Por que ele está tão gelado, Vítor?

— Combinação de anestesia com hemorragia. Não se preocupe, logo a temperatura volta ao normal. Agora vem, vou ter trabalho negando outras visitas.

O acompanho para fora do quarto, mas não sigo em direção à sala de espera, saindo pelo outro lado, tentando colocar os pensamentos em ordem.

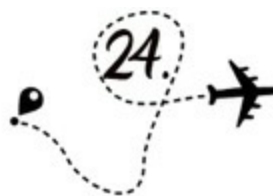
Passo a mão em minha barriga, sorrindo. Bem que ele disse que colocaria raposinhas em meu *forninho*. Cinco semanas, o bebê foi concebido em Fonhill, durante nossas semanas mágicas e perfeitas.

Um soluço escapa de minha garganta e eu encosto na parede, um misto de alegria e desespero me tomando por completo.

Quando, meu Deus, eu vou poder ser feliz de uma vez?

PERIGOSAS ACHERON

O ogro que salvou a
princesa



Malu

Mantenho os olhos fixos na tela da tevê, cujo som está felizmente baixo, então eu consigo, mentalmente, dar eu mesma a minha narrativa às imagens que passam, ininterruptas, no jornal local sobre a operação dessa noite. Sentindo meu peito doer a cada vez que a foto de Vicente aparece em destaque, noticiando que ele está em estado grave no hospital.

Não tenho a menor noção de que horas são e o vai e vem de pessoas na sala de espera diminuiu consideravelmente, mas eu não consigo ir embora. Não consigo sair daqui e me levantar, sabendo que ele está deitado ali dentro.

— Malu... — ouço a voz doce me chamar e me viro, vendo Raquel parada, segurando um copo de qualquer coisa nas mãos —... trouxe um suco, não pode ficar sem comer.

— Cadê a Sara? — pergunto, depois de dar um generoso gole no suco e ouvir meu estômago, finalmente, reclamar.

— Sam a levou em casa e vai voltar em

seguida, para te buscar.

— Eu não vou embora!

— Não pode ficar aqui, amiga. Daqui a pouco amanhece, precisa descansar. Eu fico lá com você, prometo...

Ouvimos o barulho de saltos estalando no chão, quando alguém se aproxima rapidamente e me viro a tempo de ver Helena entrando acompanhada do marido e, sem me dirigir um olhar sequer, ir conversar direto com a enfermeira. Puxo o ar, com força, e fecho os olhos. Talvez se eu fingir que estou dormindo não vou precisar lidar com sua presença.

Me sinto tão exausta. Perdida, precisando novamente reagrupar meus pensamentos, mas sem conseguir reagir.

— A senhora pode se afastar... — Ouço Raquel dizendo, em tom firme, e aperto os olhos.

— Eu vim somente avisar que vou restringir as visitas a este espaço, como mãe, eu tenho esse direito e não quero saber de ver essa multidão aqui, atrapalhando a recuperação do meu filho.

— Direito? — eu digo, ainda de olhos fechados, mas logo estou levantando o rosto e encarando a mulher à minha frente. A roupa

impecável, o cabelo idem, bem maquiada e ativa, como se estivesse chegando para uma reunião de associados e não a uma sala de espera do hospital onde o filho está lutando pela vida.

Coloco a bolsa na cadeira ao lado e me levanto, dando dois passos firmes e parando à frente da mulher, pouca coisa mais alta que eu.

— Que direito acha que tem, Helena? Pensa que pode, depois de trinta anos, chegar aqui e resolver assumir o seu papel de mãe?

— Eu *sou* mãe dele, querida. Diferente de você, que não passa de uma...

— Não complete — interrompo. — Não ouse completar, ou a cama vazia que tem naquela outra sala será ocupada por você. Você não é mãe dele, Helena, não passa de uma progenitora salafrária. Não tem, absolutamente, nenhum direito de vir aqui e tentar dar ordens. Aquele homem deitado ali dentro é meu marido, pai dos meus filhos e você não vai dar ordem alguma aqui. Não se for relacionada a ele.

— Pai dos seus filhos... — ela desdenha, rindo.

— Sim, pai dos meus filhos. Eu estou grávida, Helena. Grá-vi-da — soletro,

pausadamente, para seu completo choque. Posso ver como as narinas se expandem, acompanhando o formato do olho. — Não é incrível? Tão inadequada, e grávida de um pequeno Avellar.

Vejo quando ela forma alguma resposta, que simplesmente não sai. Os olhos vão de minha barriga para o meu rosto, a garganta faz um movimento quando ela engole a saliva, sem ter o que me dizer.

— Mãe! — Vítor chama, ainda do corredor, mas não posso dizer qual sua expressão porque simplesmente não desvio meu olhar dos dela. — O que faz aqui?

— Está tudo errado, Vítor. Essas pessoas aqui, deveria ser um lugar tranquilo, um...

— Quem está tumultuando é a senhora. — Carolina, que eu sequer tinha notado que ainda está por aqui, para ao meu lado.

— Vai *pra* casa, mãe. Deixe Maria Luiza em paz, acredito que Vicente tenha sido bem claro com a senhora.

Não sei a que ele se refere, mas mantenho a postura, as mãos fechadas, contendo a vontade de estapear a mulher à minha frente, enquanto eu a vejo se afastar, resignada, mas ainda murmurando

qualquer besteira que passe naquela cabeça.

— Essa mulher é inacreditável! — Raquel exclama, e segura minha mão. — Vamos, Malu, Sam avisou que está subindo.

— Eu não vou a canto algum, já disse! — Solto o braço e me sento novamente na poltrona, cruzando os braços e respirando fundo, buscando o mínimo de controle.

— Me escute, Maria Luiza — Vítor se aproxima —, ele está bem, estável e monitorado. Já você, cunhada, precisa descansar. Começo de gravidez é complicado em situações normais, em tempos de estresse elevado você precisa de cuidado redobrado. Tem que descansar, se alimentar. Pensar no bebê.

Levo automaticamente as mãos à minha barriga, e sinto meu olho queimar. Puxo o ar com firmeza e me viro, encarando Vítor, que parece ter envelhecido uns cinco anos durante esse dia.

— O que você quis dizer sobre Vince ter sido claro com aquela... com a *sua mãe*?

— Ela o procurou na delegacia, uns dias atrás, quando passou no seu antigo apartamento e foi informada que você não morava mais lá.

— Ela voltou lá, mesmo depois de tudo o

que você disse? — Raquel parece indignada, enquanto o pobre médico parece querer abrir um buraco e se enfiar dentro. Não deve ser fácil ser filho de bruxa.

— Vicente não comentou nada comigo — murmuro, depois de buscar pela memória se ele tinha citado sua mãe alguma outra vez.

— Porque para ele não foi importante. Não se preocupe com ela, Maria Luiza, nada que ela disser aqui no hospital vai valer, eu me certifiquei disso. A responsável por Vicente e seu bem-estar é você.

Os lábios trazem um sorriso que não alcança os olhos, mas eu compreendo que não é direcionada a mim a sua falta de alegria. Estico minha mão, alcançando a sua e ele se sobressalta, tensionando o corpo, antes de relaxar e aceitar o carinho.

— Como vocês voltaram a conversar? Você e Vicente?

— Ele não te contou? — Nego, e vejo quando ele vira o rosto, olhando em direção ao quarto, antes de começar o relato. — Eu o encurralei aqui no hospital, quando ele vinha trazer um policial amigo dele para a fisioterapia. Sabia os

seus horários, então sempre *aparecia*, até que ele se tocou que não era coincidência e me chamou para tomar um café.

— Fazia tempo que vocês não se falavam, certo?

— Quase dez anos. Eu fui muito idiota, mereci as porradas.

— Se levar em conta o humor do delegado, não sei, não... — Sorrio, porque conheço *bem* aquele rabugento, mas Vítor não me acompanha.

— Eu pensava que Vicente havia tirado a sorte grande quando ficou para trás. Porque a minha mãe era tudo, menos fácil. A única hora do dia em que ela facilitava para o meu lado era quando Vicente estava presente. Desde sempre ela fazia questão de alimentar o meu ego na frente dele. O problema é que ela não mantinha esse comportamento longe dele, e eu só fui prestar atenção nisso, anos depois.

O tom que ele usa para contar denota uma autocrítica bem dolorosa. Helena foi uma mãe horrível para ambos, conseguiu ser ruim para o que ela afastou, e para o que manteve perto. E, por incrível que pareça, manter Vítor perto dela parece ter causado mais danos do que causaria se o tivesse

afastado.

— Eu deveria ter notado isso, sabe? Não quando era pequeno, porque seria pedir demais, mas conforme eu crescia. Conforme entrava na adolescência, eu deveria ter notado. Mas eu aproveitava esses momentos para me sentir bem, afinal de contas, ao menos uma vez eu era elogiado. Pena que era à custa dele.

— Ele nunca disse nada? — Carolina se mantém sentada à nossa frente, o corpo inclinado para a frente, os braços apoiados nas pernas, focada no relato. Vê-la à sua frente parece ter tirado um pouco o foco do assunto, e Vítor divaga por um instante, antes de voltar a si, negando levemente com a cabeça.

— Ele sempre foi durão. Nunca demonstrou o quanto essas coisas o atingiam, desde moleque. Ele chegava sério, aguentava tudo calado e ia embora, como se nada tivesse acontecido. E eu ficava vendo a sua postura e me irritava, sabe? Porque a indiferença dela me machucava, eu não conseguia entender por que não machucava a ele.

— Machucava. Mas Vicente nunca gostou de, como ele mesmo diz, *passar recibo*.

— O dia que passou, no entanto, eu precisei

PERIGOSAS NACIONAIS

de gelo e tratamento odontológico. — Desta vez o sorriso foi genuíno, e posso garantir uma coisa a vocês: Helena pode ser uma mãe de merda, mas sabe fazer filho bonito.

— Fico feliz que vocês tenham se acertado — aperto sua mão —, ele sempre sofreu por ser muito sozinho.

— Estamos caminhando. Muita coisa entre nós poderia ter sido resolvida com uma boa conversa, mas, aparentemente, somos adeptos ao drama.

Todos somos, eu completo, mentalmente.

Me convencer a sair do hospital não foi uma tarefa fácil, mas conseguiram e, pouco mais de uma hora depois, me vejo deitando na cama vazia, depois de comer um prato de sopa que sequer imagino como apareceu em minha frente.

— Descansa, Malu. Vou estar no quarto ao lado... — Ouço Raquel dizer, antes de fechar a porta atrás de si e me deixar na penumbra.

Estico a mão, alcançando o travesseiro de Vicente e o trazendo para mim, apertando contra meu corpo e inspirando o seu perfume. Pouco mais de vinte e quatro horas ele estava aqui comigo e agora...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

É inevitável pensar que, mais uma vez, estou fazendo isso. Passando a mão no lado vazio da cama, abraçada a um travesseiro, morrendo de saudade dele. Mas, diferente de todas as vezes, desta vez não é escolha nossa. Diferente de antes eu não posso simplesmente passar a mão no telefone e ouvir a sua voz.

— Acorda logo, Vince...

Relembro nossa despedida em Kennoway. E em como ele tinha certeza de que algo aconteceria, e por isso tinha dedicado trinta dias a nós dois. Deixou Eric tomando conta de mim, porque lá no fundo ele sabia. De certa forma, ele sabia.

O que seria de mim se não tivesse vindo atrás dele? Se estando aqui, eu estou a ponto de enlouquecer, o que seria de mim, se estivesse longe?

Aperto o travesseiro com mais força, o aperto no peito que não cessa, que não diminui em minuto algum, me sufocando, e encontro um ponto específico onde o perfume parece estar mais presente. E é nesse ponto que encontro um certo conforto, inspiro fundo e fecho os olhos, tentando dormir.

PERIGOSAS ACHERON



Abro os olhos, piscando repetidas vezes até recuperar o foco, e olho para as cortinas entreabertas, notando que o dia está começando a clarear. Devo ter dormido pouco mais de duas horas, levei muito tempo até conseguir desligar a mente.

Sento-me e logo preciso sair correndo para o banheiro, agora tendo explicação para os enjoos frequentes que venho sentindo — e me achando um tanto quanto boba por não ter levado a sério o aviso de Laura esta semana. Lembro-me de minha mãe contando em verso e prosa que suas gravidezes sempre foram plenas e satisfatórias, nada de náuseas e eu, confesso, não reclamaria nunca se comigo acontecesse do mesmo jeito.

Ainda sentada no chão, ao lado do vaso, passo a mão em minha barriga. O dia ontem foi tão difícil, tão complicado e tão dolorido que eu mal consegui pensar direito.

— Bom dia, bebê. Desculpe a falta de jeito, não te tratei muito bem ontem, *né?* Prometo compensar, juro *juradinho*. Mas eu estava um tanto

PERIGOSAS ACHERON

preocupada com o papai, sabe? Ele tem essa mania, de tirar sua mãe do sério.

Amparo as costas no blindado do box e estico as pernas, sentindo o gelado do porcelanato em minhas pernas. Tantas foram as vezes que eu sonhei com esse momento, em ter um bebê aqui. Um bebê dele. Sonhava em comprar um exame de farmácia e ficar com ele aguardando o resultado, só para poder ver a sua reação ao finalmente saber que será pai.

— Vamos ter que fazer um pouquinho diferente, bebê, o seu pai vive me fazendo mudar os planos. Mas tenho certeza de que vai ser tão emocionante quanto eu esperava.

Ergo a cabeça para encontrar Raquel parada na porta, de braços cruzados, me olhando.

— Passou mal?

— Enjoo. Mas já passou. — Estico a mão, pedindo ajuda para me levantar. — Preciso comer algo, mas não sei o que vai parar neste estômago.

— Nossa! Finalmente! — ela grita, e se abaixa, colocando o rosto próximo à minha barriga e grita: — Obrigada, bebê!

Enquanto belisco algumas frutas, planejo o meu dia. O hospital conta com dois períodos de

visita, um pela manhã e outro à noite, e eu pretendo estar em ambos. E hoje eu também preciso visitar o abrigo e não tenho nem ideia do que dizer a Felipe quando chegar lá e ele descobrir que o seu super-herói não vai aparecer.

Já tínhamos ido ao abrigo para uma visita, depois que anunciamos aquela tarde que iríamos adotá-lo. Fomos obrigados a dividir o espaço com aquele casal insuportável, mas ter Felipe conosco era tudo o que precisávamos. Ele simplesmente era outra criança quando estava em nossa companhia: falante, ativo, esperto, sagaz.

Meus olhos correm até a poltrona onde o pacote que seria entregue a ele hoje ainda repousa, e sorrio ao relembrar meu delegado, ansioso e impaciente, embrulhando o pequeno burrinho para presente, resultado de sua tentativa em contar uma história.

— *Tio Vince, você demora demais para contar histórias...*

— *Não demoro nada, o senhor que é muito impaciente. Então, me deixa continuar... então o patinho feio estava cansado dos outros dizerem que ele era muito feio e resolveu partir, mas em todo lugar que ele passava, as pessoas continuavam a*

dizer que ele era muito feio.

— Ah, tio Vince, essa história é muito triste, eu não estou gostando. Já acabou essa, tem outra?

— Felipe, você está parecendo o burrinho do Shrek...

Passamos no shopping, ainda aquela tarde, e Vince comprou um burrinho de pelúcia, que me fez gargalhar, afinal, a escolha era muito apropriada. O burrinho falante e o ogro que salvou a princesa presa no castelo.

Volto ao presente com Raquel me chamando, avisando que Gael está à minha espera e eu realmente deveria estar em outra realidade, pois sequer ouvi o barulho do interfone. Encontro o moreno alto na sala, as mãos enfiadas no bolso da calça, entretido com algo no bico do seu tênis — ou algo do tipo, visto que sua atenção está toda dedicada ao seu próprio pé.

— Gael... — o chamo, e o impressionante par de olhos azuis me fita, de forma... compreensiva.

— Ei. Como está, Maria Luiza? — Dou de ombros, porque por mais que esteja mais calma, “bem” não seria uma expressão que eu iria utilizar.

— Estou indo. Acabei não falando com

você ontem, me desculpa.

— Nem pense nisso, eu compreendo, infelizmente já passei por algo semelhante. E me desculpe vir até aqui tão cedo, sua cabeça deve estar cheia com tudo o que aconteceu e não conversamos nada a respeito do processo de adoção.

Gael parece urgente e, por isso, eu o levo até a sala de estar, oferecendo o sofá para que se sente. Automaticamente seus olhos vão para o aparador, que acabou sobrevivendo ao meu rompante de ontem.

— Esse *babaca* vai ficar bem, Maria Luiza.

Assinto, em silêncio, e me sento, no aguardo do que ele tem a me dizer. E ele tem muito, tanto que chego a me surpreender. Junto com outra advogada, eles montaram uma estratégia para que consigamos a tutela de Felipe, mas segundo ele, tudo depende, a princípio, de nossa descrição. Para isso, eu preciso continuar agindo como se estivéssemos fazendo tudo conforme nos foi dito — nos inserindo no banco de dados e entrando na fila de adoção. De forma alguma, podemos dizer que procuramos um advogado, e posso dizer que a amizade entre Gael e Vicente

nesse ponto é providencial, ele pode me visitar e me deixar à par do processo, sem parecer uma visita profissional.

— E você acha que dará certo?

— Acredito que sim. Tudo depende de nosso êxito na busca. De qualquer forma, estou investigando também o casal, baseado no que o *babaca* me contou. — sorrio, sem controle, achando graça em como ele tenta parecer não suportar Vicente, enquanto seus olhos dizem exatamente o contrário. — E, para isso, eu também preciso do seu controle.

— Do meu?

— Ele me disse que a mulher é histérica e provocadora. Você está grávida, sensível com tudo o que está acontecendo, o que eu compreendo. Mas, de forma alguma, ela pode saber dos nossos passos.

— Acha que ela está usando algum meio ilícito para conseguir adotar Felipe?

— Minha profissão é um tanto injusta nesse ponto, Malu. Sempre achamos que as pessoas são piores do que elas realmente são. Principalmente eu, que sou criminalista, já vi cada lobo em pele de cordeiro, que você se assustaria.

Sorrio, lembrando a lista infinita de

estorvos que apareceram em minha vida então, sequer preciso dizer a ele que concordo, acho que minha expressão diz tudo porque ele somente ri, empático.

— Não vou dizer nada, prometo.

— Eu vou adiantar tudo o que eu posso, enquanto aquele folgado fica dormindo. Assim que ele estiver liberado pelos médicos, entramos em ação.



A sala de espera não está vazia, como eu esperava, quando chego, dez minutos antes do horário previsto. Uma mulher morena, muito bonita e com um decote um tanto quanto inapropriado para a ocasião está sentada de pernas cruzadas, olhando através da porta de vidro para o quarto onde Vicente está. Não me lembro de tê-la visto antes, então, somente me aproximo, me sentando em uma cadeira próxima, logo após cumprimentar a enfermeira.

— Você deve ser Maria Luiza — a mulher diz e eu ergo os olhos em sua direção, assentindo em silêncio. — Reparei pelo tom de cabelos, as
PERIGOSAS ACHERON

enfermeiras disseram que você era ruiva.

— E você, é?

— Marília Ruiz. Eu sou jornalista.

— Ah, e veio até aqui tentando conseguir uma exclusiva? — pergunto, tentando o meu melhor tom amistoso, e a mulher parece comprar, porque sorri, abertamente.

— Eu vim, na verdade, para visitar Vicente, somos... amigos. Mas, claro, não vou me opor a uma exclusiva, se você quiser.

Coloco o meu melhor sorriso no rosto e respiro fundo, analisando a figura à minha frente e me lembrando das coisas que Vicente havia me dito a seu respeito. As notinhas plantadas na mídia sobre um suposto caso entre eles. A noite em que ela havia tentado garantir uma vaguinha em sua cama, talvez para alavancar a carreira.

— Amigos, sei bem. — Me viro para a enfermeira, que parou seu serviço para nos assistir, curiosa. — Doralice, meu amor, por favor... peça para o segurança retirar essa mulher daqui, porque ela faz parte da imprensa — e me virando em direção à jornalista, completo, dizendo todas as sílabas muito claramente — *marrom*.

— Você está entendendo errado...

— Não, eu estou entendendo muito certo. E vou dizer uma única vez, apareça aqui novamente e vou dar um jeito de alguém te trancar em uma cela. Você não vai usar meu marido para crescer na carreira, muito pelo contrário. Se atreva e nunca mais irá trabalhar novamente na vida!

A certeza com que eu digo isso me assusta, afinal de contas, eu nem teria poderes para isso, porém, não me importo. Ela acreditando é o que interessa e a mulher parece acreditar, porém, não tem sequer tempo de retrucar, sendo convidada a se retirar ao mesmo tempo que Doralice, a enfermeira, me chama para colocar a máscara. Talvez tentando me distrair, ela avisa que, depois eu saí ontem à noite, o movimento de visitantes continuou intenso. Era um entra e sai de policiais querendo notícias do delegado, que ela chegou a ficar emocionada.

Conforme ela abre a porta de vidro, me dando passagem, o apito da máquina se torna mais alto. Me aproximo da cama, buscando sua mão estendida ao longo do corpo, notando que sua temperatura corporal está normalizada, e ele já não está tão pálido como ontem.

Aperto seus dedos, como se com isso ele pudesse sentir meu calor e encontrasse o caminho

PERIGOSAS NACIONAIS

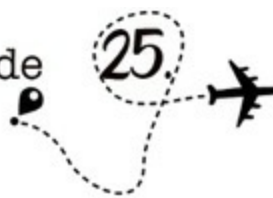
de volta para mim. Apesar de saber que são os medicamentos que o mantém sedado, não deixa de ser menos desesperador vê-lo imóvel, repleto de fios, ligado a uma máquina.

Encosto meu rosto no dele, buscando seu cheiro, seu calor. E sussurro baixinho, próximo ao seu ouvido:

— Oi, meu amor. Estou com saudade...

PERIGOSAS ACHERON

Tudo o que eu quero de
Natal é você



Malu

Desde que minha mãe faleceu, na véspera de Ano Novo, que comemorar as festividades de final de ano passou a ser algo totalmente mecânico para mim. Eu participo, obviamente, mas é algo que não me fazia falta. Entende o que eu quero dizer?

Na pousada, a ceia de Natal era feita no casarão mesmo. Todos os funcionários esperavam por isso, o local era decorado e até mesmo as tradições eram mantidas e trazidas à tona. Mesmo assim, eu não conseguia me emocionar. Era tudo mecânico.

A virada de ano então, conseguia ser pior. Sempre aquele vazio, aquelas lembranças e aquela tristeza que era somente minimizada quando alguém de minha família aparecia por lá.

Claro que, geralmente, eu estava ocupada trabalhando, nunca fechava a pousada nessa época exatamente para não ter que lidar, sozinha, com todos esses sentimentos. Uma fuga, é o que diriam. E eu responderia que eles estavam redondamente

corretos.

Então Vince apareceu na pousada e eu fiz planos. Diversos, como nunca havia feito antes. Ele me contava sobre os seus natais passados — sozinho em casa, comendo macarrão instantâneo — e eu imaginei que seria diferente, para nós dois, mas, principalmente, para ele. A boba aqui se imaginava em uma comédia romântica de natalina, trocando presentes em frente à árvore ou beijando embaixo do visco.

Quase deu certo. Vim atrás dele no Brasil, alugamos uma casa juntos, montamos uma árvore, enchemos de presentes... para eu terminar como agora, sentada em frente a ela, ainda torta depois do meu rompante, faltando mais da metade dos enfeites que se quebraram quando eu surtei aqui mesmo, dois dias atrás.

— Malu, seu cunhado está subindo... — Raquel me alerta, e eu apenas balanço a cabeça, ainda mexendo nos fios do pisca-pisca tentando fazê-lo acender novamente.

Uma árvore de Natal sem pisca-pisca é como... sei lá, circo sem palhaço. Não tem graça nenhuma.

— Ei... — Sinto o toque em meu ombro e

PERIGOSAS NACIONAIS

me viro, encontrando Vítor parado atrás de mim.

— Oi. Estava no plantão até agora?

— Passei em casa somente para trocar de roupa. Como estão? — Sorrio, e dou de ombros, uma resposta óbvia. Vou dizer que estamos saudáveis, vou dizer que estamos vivos. Isso ele pode ver. — O que está fazendo?

— Quebrei a árvore. O pisca-pisca não funciona.

— Devia ter me dito, eu traria um novo.

— Não lembrei...

Apesar da casa relativamente cheia, estamos em silêncio. Sara está no apartamento de Rodrigo, fazendo companhia à sua mãe que não quis vir até aqui, e eu respeito. Samuca está dividido entre fazer companhia a ela, e à Raquel, que não arredou o pé um segundo sequer de perto de mim, desde que tudo isso aconteceu. Marco e Laura ficam sentados no sofá, me olhando como se um surto estivesse prestes a acontecer. E Carolina tenta arrumar tudo com comida, porque diz que ninguém fica triste se estiver de barriga cheia.

Deve ser por isso que as pessoas quando querem ficar tristes param de comer.

— Entregou o burrinho ao Felipe?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. Ele achou divertido, principalmente porque eles tinham acabado de assistir àquele filme de Natal...

— O Shrek tem um filme de Natal?
— Balanço a cabeça, afirmando, e tento mais uma vez acender as luzinhas, sem sucesso. — Deixa isso. — Ele tira os fios da minha mão e me puxa, até que eu esteja em pé. — Já tomou banho?

— Não quero. Por que não deixam a gente passar a noite lá? — reclamo, e recebo um sorriso de volta. Daqueles, condescendentes, que damos à crianças manhosas que fazem birra para ter todas as suas vontades feitas.

— Porque não podemos servir peru na UTI.

— Você é mais parecido com ele do que imagina... — Bufo e sigo para o quarto, me jogando em cima da cama, afundando o rosto no travesseiro.

Dois minutos. Talvez menos, e sinto a cama afundar, levemente, e quando levanto a cabeça, vejo Raquel sentada, me olhando.

— Devia ter ficado com sua mãe. Ela adora Natal, Raquel, e está sozinha.

— Mamãe não está em casa. Arrumou um namorado e foi viajar com ele, a essa hora deve estar curtindo uma boa noitada em Fortaleza.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Namorando? — Arrumo o corpo, encostando-me na cabeceira da cama.

— Um turista, acredita? Chegou na Amorrino uma tarde e se encantou por dona Márcia. Voltou todos os dias, estendeu a viagem por mais uma semana, até ela aceitar sair com ele.

— Faz quanto tempo?

— Uns quatro meses.

Barulhos de rojões interrompem a conversa, e eu bufo, desanimada. Nunca entendi por que as pessoas soltavam fogos no Natal, de qualquer forma, mas hoje, em particular, isso acaba me irritando um pouco além. O nosso prédio é bem animado, diferente da fachada sisuda que aparenta à primeira vista e hoje, pelo que parece, todas as famílias estão reunidas e animadas.

— Vamos comer, gente? — Carolina aparece na porta, e eu apenas sorrio, sem nada responder.

— Já estamos indo — Raquel anuncia, e, depois de uns minutos em silêncio, me pergunta em um fio de voz: — Vocês já eram amigas?

— Ciumenta... — Sorrio. — Não éramos. Não somos. Não sei... ela se aproximou no hospital e tem sido tão gentil.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sara gosta bastante dela. Por conta do tempo que passaram escondidos lá em Atibaia.

— E você não gosta...

— Não é que eu não goste. Ela só é gentil *demais* com Samuel.

— Ela é gentil com todo mundo, sua boba.

— Ei... — Marco entra, sem cerimônia, e para em frente à cama, os braços cruzados. — Não tomou banho, vai jantar de bunda suja mesmo.

— Eu não estou com fome, Marco.

— E eu não perguntei.

A ceia em minha casa tinha sido parte dos planos que eu havia feito. Seria a primeira ceia de Vicente em sua casa, entre amigos, todos cuidadosamente convidados. Trocaríamos presentes. Teria música alta rolando, até o sol raiar — ou até o primeiro vizinho bater em nossa porta, mandando abaixar a porcaria do som, o que seria mais provável de acontecer.

Eu tinha calculado tudo direitinho, na minha cabeça estava tudo lindo. E veja onde estamos hoje...

Ainda tento argumentar que ceia de Natal não é um programa aceitável para mim, mas ele parece ter incorporado o espírito de nosso pai, que

PERIGOSAS ACHERON

nunca aceitava “não” na hora das refeições em família. Se aproximando da cama, ele me ergue no colo e sai, me carregando nos braços, alheio às minhas reclamações, até me depositar sentada na mesa.

Desconcertante. Constrangedor. Eu não sei definir este momento. A mesa está posta, bonita. A comida está perfumada. As pessoas à minha volta tentam sorrir. E eu só quero me deitar em formato de concha, principalmente quando olho para minha frente e vejo Vítor sorrindo, o mesmo sorriso de seu irmão. Idêntico.

É um garoto, tal qual o irmão. Menos sisudo, menos rabugento, ele solta vez ou outra alguma frase de efeito, ou diz alguma bobeira somente para deixar o ar mais leve.

— Eu coloquei fogo no peru, certo Natal...
— ele diz, despretensiosamente, capturando minha atenção.

— Como assim?

— Estava bravo. Devia ter uns oito anos ou nove. Não lembro bem, mas com certeza tinha menos que dez anos. Havia pedido um skate de Natal, mas sabia que meu pedido não tinha sido atendido.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Papai Noel respondeu antes? — Carolina pergunta, enquanto serve a ele um prato generoso.

— Essa é uma tradição que nunca ganhou forma em minha casa. Desde pequeno, dona Helena sempre fez questão de deixar claro que Papai Noel não existia, que os presentes caríssimos que eu ganhava eram comprados por ela.

— Sua mãe é uma bruxa — pontuo, sem remorso, e ele apenas sorri. Uma concordância silenciosa.

— Ela me disse que tinha comprado uma enciclopédia. Veja bem, eu não tenho nada contra crianças inteligentes, mas eu era moleque, não queria enciclopédias de Natal.

— E então você descontou no peru.

— Não podia botar fogo na minha mãe. A cozinheira havia deixado o peru dentro do forno, semipronto. Eu joguei álcool nele, e acendi o fósforo.

— Torrou o peru! — Samuel conclui, rindo.

— E o fogão. Acabei com a ceia daquela noite, porque eles não tinham como cozinhar mais nada.

— Podia ter colocado fogo na casa inteira! Aposto como apanhou bastante...

PERIGOSAS ACHERON

Vítor observa Carolina por um tempo, curto, porém, o suficiente para deixá-la desconfortável pela observação. E então continua o relato.

— Dona Helena sempre foi sagaz. Ela sabia exatamente o que nos motivava a revidar, e fazia sempre o contrário do que esperávamos. Eu queria mesmo uma surra, acho que isso doía menos do que a indiferença. Ela passou o Natal e o Ano Novo sem falar comigo.

— Nossa, por que trazer esse assunto triste para a mesa de Natal, então?

— Foi inevitável lembrar do peru queimado, olhando para esse... — Ele não termina de dizer, apenas aponta para a pobre ave tostada que temos em cima da mesa.

É inevitável explodir em gargalhadas, também. A expressão que Carolina faz, como uma criança pega em uma travessura extrema, é muito engraçada de ver. Ela é uma mulher bonita, bem diferente do que eu imaginava quando ouvia as pessoas falando dela. Alta, os cabelos loiros são irritantemente bem ondulados e os olhos verdes ainda carregam uma certa tristeza por tudo o que ela passou nos últimos meses.

E se eu já era completamente empática a ela, por causa disso, agora então eu a entendo totalmente e imagino que deva demorar muito até os olhos dela voltarem a brilhar novamente, isso, se voltarem.

A ceia termina sem maiores alardes, mas a troca de presentes, obviamente, foi cancelada. Ninguém sequer sugeriu e eu não consegui me sentir culpada por estar, talvez, estragando o Natal deles.

— Cunhada, eu vou te falar uma vez só, correndo o risco de sair daqui sem um convite para voltar, mas gosto de viver perigosamente...

Vítor se abaixa em minha frente, pouco depois de eu ter me retirado direto para a varanda do nosso quarto e procurado abrigo na espreguiçadeira.

— Fala, Vítor... me conta o que te aflige.

— Eu não conheço Vicente muito bem, você sabe. Mas o pouco que conheço dele me faz ter certeza que ele vai detestar saber que você não aproveitou o Natal.

— Como eu vou aproveitar, me diga? — Ergo o telefone, a tela acende mostrando a foto que uso de fundo. Uma *selfie* que eu havia pedido para

PERIGOSAS NACIONAIS

Vicente tirar, em nossa breve separação, assim que ele voltou da Escócia e vivia reclamando que estava entediado.

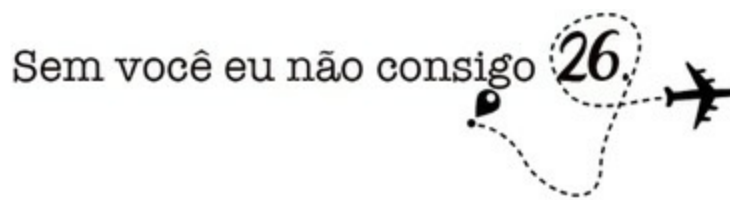
— Não estou dizendo para você comemorar, ir à festas, encher a cara. Não é isso. Sei que não deve estar sendo fácil... só não se entrega.

— Eu estou irritada. Mais do que preocupada ou triste, eu estou irritada. Nervosa com a vida. Querendo um pouco de sossego, que nunca vem. Estou cansada de tanto drama...

— Não sou eu quem vou lhe dizer que existe alguma lição nisso tudo. Eu sou médico, mas até hoje não consegui ver nenhum tipo de lição positiva quando esse tipo de coisa acontece com gente boa. Mas as coisas vão melhorar. Logo ele estará em casa, seu bebê vai nascer, tudo voltará ao normal.

Eu conto com isso. De verdade. O que me mata é a espera, com essa eu não estou sabendo lidar.

PERIGOSAS ACHERON



Malu

Deixo o corpo cair no sofá da sala, fugindo um pouco do calor da manhã. Não é nem meio-dia e a temperatura já está insuportável. Olho em volta e xingo mentalmente a bagunça que está nosso apartamento, desde que esse inferno se instaurou em nossas vidas, não tenho a menor vontade de fazer absolutamente nada que não seja estar no hospital ao lado dele.

Descalço os tênis usando os pés mesmo, e os atiro para o lado, vendo cada um cair em uma posição diferente. Sorrio ao me lembrar de minha mãe reclamando quando fazíamos isso. *“Levanta e recolhe esses tênis agora, sua bagunceira, ou vou fazer você comer isso no café da manhã!”*.

Talvez eu aproveite que hoje é sábado para dar um jeito neste apartamento. Tudo precisa estar em ordem para quando Vicente acordar e vier para casa. Seis dias, seis infernais dias sem ele e tudo o que eu quero é ouvir a sua voz de novo.

Como se não houvesse drama o bastante, Vicente contraiu uma infecção no hospital,

descoberta ainda no terceiro dia de internação. Isso derrubou o prognóstico de retirar a sedação ainda esta semana, segundo o médico é mais fácil tratar a pneumonia com ele desacordado.

Foi um baque saber dessa pneumonia, ele estava ardendo em febre quando cheguei para vê-lo na manhã de Natal, tão alta que seu corpo chegava a estremecer. A enfermeira me garantiu que ele estava sendo medicado, mas que a bactéria devia ser mais resistente que o esperado.

Não vejo a hora de isso acabar.

Sigo até a cozinha, preciso preparar algo para comer, mas me deparo com a despensa quase vazia. Tenho sobrevivido de lanches e comidas rápidas e é melhor comer algo mais nutritivo ou o bebê logo vai começar a reclamar. Passo a mão pela barriga, ainda lisa, seis semanas de gravidez, nosso bebê é praticamente uma ervilha. Pego uma maçã, isso vai servir até que eu tenha disposição para sair novamente e enfrentar esse calor miserável.

O jeans que eu visto começa a incomodar por conta do calor, corro até nosso closet e, mecanicamente, abro a porta do armário onde estão as roupas de Vince. Meu peito queima de saudade,

estou tão exausta de sentir saudade dele, de ter sempre alguma coisa atrapalhando, nos separando. Quando pensamos que está tudo certo, acontece alguma merda e não sei mais por quanto tempo isso pode ser suportável. Trago uma de suas camisetas até meu rosto, queria muito sentir o seu perfume, mas o máximo que consigo é sentir cheiro de amaciante.

Devolvo a camiseta no lugar e puxo um macacão saruel para vestir, já imaginando que em breve terei mesmo que comprar algumas roupas mais soltinhas. E roupas de bebê... suspiro, tenho tantos planos, mas me recuso a dar andamento a eles sem Vicente aqui do meu lado, fazendo parte de tudo. Meus pensamentos são interrompidos quando vejo a tela do celular acendendo, indicando o recebimento de uma nova mensagem.

Eric.

Desde que ficou sabendo do ocorrido, ele me manda mensagens constantes, preocupado com meu bem-estar e com a recuperação do, como ele chama, *grandessíssimo idiota*.

Não sei qual a dificuldade que Eric tem para me mandar mensagens diárias querendo saber sobre Vicente, mas imagino que fácil não deve ser. E

isso, honestamente, só faz o meu carinho por ele triplicar. Depois daquela confusão toda, tudo o que eu quero é que ele se encontre e seja feliz.

Nem bem coloco o celular de lado ele volta a tocar novamente, me fazendo rolar os olhos. Não posso reclamar de indiferença ou solidão, ando recebendo ligações de todo mundo que eu conheço, seja para ter notícias de Vicente ou para saber se estou me cuidando.

Vejo que a ligação é do abrigo. Foi extremamente difícil a minha visita no final de semana passado, tendo que agir como se tudo estivesse bem, não querendo preocupar a criança e ainda tendo que lidar com a mulher que continuava indo diariamente marcar território, agindo como se fosse mãe de Felipe. Respiro fundo e atendo, torcendo para que não seja mais problemas.

— Alô...

— *Maria Luiza, tudo bem? É Aparecida. Onde você está?*

— Estou em casa, cheguei há pouco do hospital.

— *Vicente está bem? Viu ele hoje?*

— Vi sim. Está... na mesma, Cida. Dormindo.

— *Você não quer dar um pulinho aqui? Adivinha quem está perguntando de vocês?*

— Ele está bem? Está tudo bem?

— *Está. Só pergunta todos os dias de Vicente e não sabemos mais o que dizer a ele, Malu. Ele acha que vocês... sabe como é criança, né? Pensa que se esqueceram dele, Vicente não veio no final de semana e como ele sempre vinha...*

A forma como ela diz “vinha” me atinge em cheio. Fecho os olhos, contendo a vontade de dizer que ele não foi a canto algum, e as pessoas podem parar de falar sobre ele no passado.

— *Malu?*

— Estou aqui, Cida. Eu vou me trocar e dou um pulo aí, tudo bem? Avise ele, por favor?

Desligo o telefone e olho para a roupa que estou vestindo, decido que para um passeio rápido está de bom tamanho. Calço um par tênis baixinho, pego minha bolsa, celular, e saio batendo a porta atrás de mim, planejando comprar um ventilador quando estiver voltando para casa.

O elevador para em meu andar e um casal que mora dois andares acima está descendo também, me lançam um olhar penoso, antes de me cumprimentar. Esse tem sido o tratamento que

recebo de todo mundo no prédio, desde que souberam que o “delegado” está no hospital, eles me olham com muita pena. O que me irrita, não quero pena, quero meu homem de volta.

— Bom dia, Maria Luiza. Tudo bem?

— Bom dia, dona Odete. Seu Nestor. — O homem acena com a cabeça em resposta. — Tudo como sempre.

— Está indo visitar o delegado?

— Mais tarde.

— Estimo as melhoras dele. O prédio inteiro está torcendo por sua recuperação.

Acho um exagero falar em nome do prédio inteiro, mas somente agradeço, as pessoas não têm culpa do meu mau humor. Felizmente o elevador chega no térreo e não preciso continuar a conversa, apenas aceno e sigo em direção à garagem. O ar quente do dia, e o ambiente mais claro me atingem, sinto uma vertigem e procuro um dos bancos para me sentar.

— Dona Maria Luiza, tudo bem? — Um dos porteiros, um rapaz franzino e simpático que começou a trabalhar no local há pouco tempo, vem em meu socorro.

— Tudo bem, sim. Só tive uma vertigem,

mas já passou. É normal nesse comecinho de gravidez.

— Ah, a senhora está grávida, que beleza! É assim mesmo, bebês dão trabalho, antes mesmo de nascer. Minha mulher também está grávida, sei bem como é isso.

O rapaz continua a falar, animado, sobre o filho que espera e como a vida dele mudou com isso, a ponto de ele estar trabalhando em algo que sequer gosta, somente para dar uma vida digna à família. Agradeço a conversa e, já me sentindo um pouco melhor, sigo até a vaga onde o Jeep de Vicente está estacionado. O carro tem a cara dele e cada vez que eu preciso sair, parece que posso vê-lo abrindo a porta para mim, posicionado calculadamente para roçar em meu corpo, antes que eu sente no banco.

Que saudade desse safado, meu Deus!

Será que ele estaria animado desse jeito, conversando com estranhos, falando do futuro do nosso bebê? Eu tenho para mim que ele estaria ensandecido, contando as horas, com uma régua em mãos, medindo o tamanho da minha barriga, dia após dia.

Não consigo deixar de imaginar como ele

teria ficado na sala da ginecologista, dias atrás, durante a minha primeira consulta. Vicente deve ser o tipo de pai empolgado, que faz mil perguntas e surta quando ouve o coração do bebê.

— Ainda bem que a mamãe gravou tudo, bebê... não é a mesma coisa, mas papai não ia me perdoar.

Entro no carro e dou partida, colocando o ar-condicionado no máximo, sem suportar o calor infernal. Ligo o rádio, tentando espantar um pouco os pensamentos que estão começando a incomodar e uma música conhecida do Tiago Iorc com a Sandy começa a tocar, me fazendo cantar junto, até que o refrão me acerta em cheio.

“Tenta me reconhecer no temporal, me espera. Tenta não se acostumar, eu volto já, me espera.”

Respiro fundo, segurando o choro, contendo a tormenta que, por vezes, tenta romper a barreira que venho segurando esses últimos dias. Tentando me manter firme, por ele. Por eles.

Estaciono em frente ao casarão, as coisas aparentemente voltaram ao normal por aqui. Com todas as ameaças de antes, era difícil chegar aqui e encontrar crianças brincando na parte da frente da

casa, e agora elas estão todas aqui, entretidas em um tipo de amarelinha ou algo parecido.

— A dona está abatida. Tudo bem? — Um homem sai pelo portão, não sei quem é, mas parece preocupado comigo e eu apenas sorrio, dando um passo para o lado, me afastando do seu toque.

— Na medida do possível. Estou meio enjoada, comecinho de gravidez e este calor não está ajudando.

— Mas que surpresa boa! Seu marido deve estar radiante!

— Vai ficar. — Ele me olha sem entender.
— Ele está no hospital. Vou entrar, bom dia!

Me sinto extremamente cansada, cada vez que eu tenho que explicar o que aconteceu, parece que um pouco mais de energia do meu corpo é drenado. A minha vontade inicial era não falar, nunca, sobre o estado de saúde de Vicente por aí, mas agir como se tudo estivesse bem, parece ainda mais doloroso, e estava me fazendo mal.

Sigo pelo corredor lateral até a parte dos fundos, onde as crianças menores costumam brincar e nem bem chego no espaço vejo Felipe sentadinho no chão, com seu burro do Shrek no colo, olhando para a porta, com um olharzinho

perdido.

— Tia Malu! — O sorriso que ele dá e a corrida até mim, para me receber de braços abertos, me arrebatava toda vez.

— Deixa eu apertar você! — Dou-lhe um abraço cheio de beijos, que o faz se revirar em meu colo, rindo — *Hmmm*, você está tão bonito hoje, o que aconteceu?

— Eu nasci bonito, tia. O tio Vince que disse. — Acabo gargalhando, Vicente não tem um pingão de vergonha em ensinar essas coisas para o menino. — Tia, cadê *ele*?

O coloco no chão e me ajoelho para ficar à sua altura, seu olhar ansioso fica toda hora trocando entre mim e a porta de entrada. Vejo Aparecida parada, um pouco atrás de nós, com os braços cruzados e um sorriso no rosto, nos observando. Aceno para ela e volto minha atenção para o garotinho em minha frente.

— Lipe, o Vince não vai poder vir, nem hoje e nem amanhã. — Ele arfa, e arregala os olhinhos, já lacrimejando. — Ele está dodói.

— O que ele tem? Eu *podo* dar o meu remédio e ele fica bom rapidinho. Lembra que eu *tava* fazendo *atchim* e a tia deu remédio?

— Lembro, mas esse remédio não serve. Ele está dormindo, e tem que dormir bastante para poder melhorar e o dodói sarar. Você espera *ele* ficar bonzinho?

Ele me olha, meio incerto, mas balança a cabecinha, concordando, super bonzinho. Seguimos para a área de brinquedos, ele sabe que eu não sou boa em futebol então nem tenta me puxar para a bola, segue para o escorregador grande e fica lá, entretido. Me sento no gramado, com as pernas esticadas, enquanto o ouço gritar e acenar antes de cada escorregada, até que ele fica estático em cima do brinquedo. Seu comportamento me confunde por um instante, principalmente quando o vejo descer correndo e vindo até mim, se jogando em meus braços, agarrando em meu pescoço.

— Tia, eu quero ir *pra* dentro, não *quer* mais brincar.

Olho em volta e vejo aquele casal se aproximar, passos firmes, em nossa direção. Tenho vontade de socar essa mulher, mas imagino que isso não seria um bom exemplo. Fico com pena do menino porque quanto mais perto eles chegam, mais forte ele me aperta.

— Oi, Felipe, vim ver você. — A mulher

tenta uma voz alegriinha e convidativa, como se realmente essa fosse uma boa notícia para o menino. — Vamos brincar um pouquinho com a gente. ali no parque?

— Não, eu tô aqui — ele responde, rapidamente, e eu, inclusive, acho uma explicação muito válida e coerente, ele não precisa ir com eles, porque está comigo, ora bolas.

— Só um pouco, vem com a mamãe — a mulher insiste, estica a mão e o puxa pelos braços, e ele repete a cena da última vez, gritando e grudando em meu pescoço. O marido banana fica só observando, alguns passos atrás, e eu olho em volta, as crianças brincando, felizes, e o pobre menino nem isso tem chance.

— Aparecida! — eu chamo, quando a mulher puxa Felipe com um pouco mais de força.

— Não se meta, Aparecida! Eu já tenho tudo acertado com Mirtes. — A mulher tenta pegar o braço dele novamente, mas eu a empurro, ficando em pé.

— A senhora pode prestar atenção no que está fazendo um minuto? Está vendo que ele não quer ir? Que está assustado? — Aponto para o parque, algumas crianças já pararam de brincar e

passaram a prestar atenção na gritaria, o que não é bom, já que muitas crianças têm um histórico de violência em casa. — Ele estava bem aqui, estava brincando, rindo. Qual o prazer em fazer a criança chorar?

— Não importa o que ele quer! — A mulher tenta puxar novamente e começo a testar as pernas para ver se estão firmes o bastante para um chute colocado. — Eu sou a mãe dele, e o que eu falo ele tem que obedecer!

— Tire as mãos dele! — A empurro quando ela tenta puxar o garoto novamente, o segurando ainda mais forte.

Um pequeno tumulto se forma, atraído pela gritaria. Logo estamos rodeados por funcionários, e a primeira coisa que fazem é retirar Felipe dos meus braços e o levar para dentro e posso garantir que os gritos dele chamando meu nome vão ficar um bom tempo na minha cabeça.

— Como a senhora pode fazer isso? Como pode ser tão... tão... — Sinto um braço me puxar para trás, estou tão fora de mim, que não consigo reconhecer quem é, apenas acredito que a pessoa previu que eu estava prestes a voar na mulher e decidiu intervir.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O filho é meu. Tenha um para você e pare de interferir.

— Maria Luiza, vamos até minha sala, venha... — Mirtes me chama, e sigo com ela, acompanhada por Rosa que é assistente social. Olho em volta, sem conseguir localizar Aparecida e torço para que ela esteja com ele, no momento ela é a única pessoa que eu confio aqui dentro.

Ao chegar na sala, estou trêmula e a primeira coisa que faço é buscar uma cadeira para me sentar. Puxo o ar com força, tentando me acalmar, ouço a cadeira à minha frente ser arrastada e logo Mirtes está sentada, me olhando com um ar condescendente.

— Maria Luiza, eu entendo que esteja nervosa. Não deve estar sendo fácil para você essa situação com o seu namorado e, por causa disso, não gostaria de restringir o seu acesso às visitas, mas eu queria que você também entendesse o nosso lado.

— E o lado de Felipe, quem entende?

— Veja bem, Margot chegou primeiro, Maria Luiza. E eu acho que essas visitas, trazendo presentes, inclusive, estão confundindo a cabeça da criança.

PERIGOSAS ACHERON

— Você só pode estar de brincadeira com a minha cara! Essa criança nunca gostou deles, e eles nunca respeitaram o menino! Eu fui chamada aqui para acalmá-lo!

— E eu agora estou pedindo pelo seu bom-senso. Porque, veja bem, Maria Luiza, quem entrou com o pedido de adoção foi o seu namorado, e não você. E com ele naquele estado, no hospital... bem, ele não sobrevivendo, a criança não seria entregue a você, de qualquer forma.

Sou atingida pela frieza com que ela passa a relatar os diversos impedimentos que me permitiriam adotar Felipe, na falta de Vicente.

— Você é estrangeira, com residência em outro país. E, como sabe, brasileiros têm preferência. É solteira, e um casal teria preferência. E está grávida, como ouvi Aparecida comentar com nossa assistente social, e um casal sem filhos teria preferência. Nenhuma das alternativas te colocam como uma candidata em potencial para adotar a criança e, mesmo assim, você continua vindo e confundindo a mente do menino. Eu gostaria que você, por livre e espontânea vontade, parasse com isso, mas pelo que notei, eu terei que intervir.

A sensação é desesperadora. O ar me falta,

PERIGOSAS NACIONAIS

a vista escurece, e eu preciso abaixar a cabeça um minuto para me recuperar. Sinto uma pontada em meu baixo ventre e sei que preciso me acalmar e, por isso, puxo o ar com força, fechando os olhos e mentalizando coisas boas. Uma tarde feliz em Kennoway. Vicente e Felipe correndo pelo gramado com Billie, Fergus e Angus latindo atrás deles. Eu parada na grande porta de madeira, um barrigão enorme em final de gravidez, feliz da vida.

— Não me tire ele, Mirtes — peço, baixo, ainda de olhos fechados —, por favor.

— Foque em sua gravidez, Maria Luiza. Felipe já tem uma família encaminhada. Eu agradeço muito todo o tempo que você esteve aqui, voluntariando, mas vou deixar um aviso na portaria que suas visitas estão proibidas, a partir de agora.

Inclino meu corpo para frente, e apanho sua mão que batia uma caneta sobre um bolo de papel, fazendo um barulho irritante. Aperto, mesmo ela tentando puxar eu não solto, um certo desespero tomando conta de mim.

— Por favor, Mirtes. Você nos viu juntos, nem uma ou duas vezes, você nos viu. Não é possível que não tenha percebido que aquele garoto é meu filho tanto quanto eu sou mãe dele!

PERIGOSAS ACHERON

— Não, Maria Luiza, você não é mãe dele...
— Ela se levanta, libertando sua mão da minha, e aponta para a porta. — Agora, eu gostaria que você se retirasse, eu preciso receber Margot e ela se recusa a dividir o espaço com você.

Permaneço imóvel, um pouco pela minha teimosia inerente, e outro pouco porque meu corpo parece incapaz de reagir. A vontade de jogar na cara dela que não desistirei é grande, mas me lembro do pedido de Gael.

“Eu preciso do seu controle.”

Ouçó um barulho atrás de nós, vindo da porta do corredor, e me viro para encontrar o segurança, me olhando com ar pesaroso. Ele murmura um “sinto muito” e eu compreendo que ele vai me acompanhar até a saída. Sentindo todo o peso do mundo nas costas, eu me levanto e o sigo, sem sequer me despedir.

Eu preciso ir para casa, sei disso. Sinto outra pontada, assim que me sento atrás do volante e abaixo a cabeça, logo após ligar o ar do carro no volume máximo, deixando o ambiente mais frio do que o normal. As palavras daquela mulher indo e vindo, como um looping, sem me dar um minuto de paz. “Margot chegou primeiro.” “Está confundindo

a criança.” “Você não é mãe dele.” “Ele não sobrevivendo.”

Dou partida, colocando o carro em movimento, tendo um turbilhão de coisas se misturando dentro de mim neste momento. Eu tenho lidado bem com tudo, por muito tempo tenho me virado sozinha, mas essa é a primeira vez que eu sinto não ser capaz de resolver nada. Me sinto perdida, completamente perdida e sozinha, sem saber como agir.

Sem me dar conta, acabo me dirigindo ao hospital e, somente quando estaciono, paro para olhar as horas. Não são sequer seis da tarde, a visita no horário da noite é somente às vinte horas, mas eu preciso vê-lo, nem que seja através do vidro. Paro na sala de espera, aceno para a enfermeira de plantão, que me reconhece e vem ao meu encontro. Os enfermeiros da UTI são sempre muito amáveis comigo, desde que souberam no primeiro dia que estou grávida, me tratam muito bem, sempre gentis e cuidadosos.

— Olá, Maria Luiza, tudo bem? — Ela sorri, mas sua voz que geralmente é alta, está contida, reticente.

— Oi. Eu... Será que eu posso vê-lo pelo

vidro, só um pouquinho? Eu prometo não entrar no quarto, nem fazer barulho. Não quero arrumar problemas, só preciso mesmo vê-lo.

— Doutor César quer conversar com você, pensei que está aqui por causa disso...

Balanço a cabeça, confusa, e pego o telefone na bolsa, notando que tem mesmo uma mensagem dele, pedindo para eu comparecer ao hospital, com certa urgência. Em silêncio, sou levada até à sala do médico, que felizmente está sem pacientes no momento e me recebe imediatamente.

— Desculpe, doutor... o dia hoje foi um tanto quanto confuso, não peguei sua mensagem.

— A senhora está pálida, está tudo bem? — Ele se levanta ao mesmo tempo que eu me sento na cadeira, e gentilmente me oferece um copo d'água.

— Estou bem, é o calor... — Sorvo um generoso gole de água, e fecho os olhos, agradecendo o alívio que o líquido traz à minha garganta. — O senhor quer falar comigo?

— Sim. Eu sei que você está em um período complicado devido à sua gestação, mas como você é a responsável pelo paciente, eu me sinto no dever de mantê-la informada sobre os avanços de sua

recuperação... assim como os entraves também.

O tom de voz cauteloso, principalmente quando ele dá uma leve pausa, antes de dizer “entraves”, faz meu coração disparar.

— Está tudo bem com Vicente, doutor?

— Estamos com uma certa dificuldade em combater a infecção, Maria Luiza. Ela está se mostrando um pouco mais agressiva do que o normal, a essa altura, com o tratamento recebido, já era para a febre ter cedido.

— O que exatamente o senhor está querendo me dizer, doutor César?

— Eu gostaria que a senhora ficasse preparada para qualquer coisa. Para uma melhora, o que obviamente pode acontecer, porque acabamos de mudar toda a medicação para algo um pouco mais forte, mas também...

— Não! — Perco a força das mãos e o copo, que não estava vazio, acaba caindo no chão.

— Se acalme, por favor. — dando a volta pela mesa, o médico me ampara, vendo que eu estou, claramente, sem controle algum. Eu o seguro pelo jaleco, sentindo a vista turvar por um momento.

— O senhor tem que me prometer, doutor,

que não vai deixá-lo morrer! O senhor precisa me prometer!

— Estamos fazendo o impossível. Vou mantê-la informada, mas, por favor, se acalme.

Obviamente pedir isso a mim, é inútil. O seria em um dia comum, em que a minha única preocupação seria o bem-estar de Vicente. Hoje, levando em conta o tudo o que aconteceu, calma é algo que eu desconheço.

Preciso de um tempo até conseguir me manter em pé, e conter o tremor que toma conta do meu corpo. Aperto os olhos, implorando internamente para que, quando eu os abra novamente, isso tudo não passe de um pesadelo. Um sonho ruim. Mas quando os abro, eu continuo no mesmo consultório, com o médico me olhando atentamente.

— Por favor, doutor. Não me deixe sem notícias... — eu imploro, sabendo que ficar aqui será inútil.

Assim que ele abre a porta do consultório, encontro a enfermeira que, talvez, estava ao meu aguardo. Ele a pede para me acompanhar novamente até a saída, mas eu não posso, de forma alguma, deixar o hospital sem vê-lo. Cortesia que

me é negada, claro, por estarmos fora do horário de visitas.

— Por favor! — Paro em sua frente, lhe impedindo a passagem. A mulher me encara com uma expressão de completa pena, e eu poderia me sentir mal por estar fazendo-a quebrar as regras do local, mas o meu desespero é maior que o meu bom senso.

— Ah, Maria Luiza...

— Não, você não... — seguro sua mão e respiro fundo —... por favor. Eu só quero vê-lo.

Ela parece se compadecer do meu estado, eu estou quase histérica quando sou acompanhada até o quarto. A porta de vidro se mantém fechada e eu então me apoio nela, o olhando através do vidro. Ele continua deitado, entubado, imóvel. Começo a repassar tudo o que vivemos até então, como um grande filme. Nosso encontro na porta da Amorrino, os esbarrões nas boates, o convite para tomar café. A forma louca e apaixonada com que nos envolvemos, com que nos amamos. Nossa despedida conturbada, nosso reencontro em Fonthill. O mês maravilhoso que passamos, para nos separarmos mais uma vez de uma forma ainda mais dolorosa. A busca pelo novo apartamento, ele

e Felipe...

Parece que consigo ouvir sua risada rouca, sentir o seu perfume, sentir o seu toque. Sinto tanta falta dele, do seu abraço, do seu carinho. Sinto outra pontada, um pouco mais forte, e levo a mão até meu ventre, puxando o ar com força.

— Ah, bebê... não faz isso comigo, por favor. Não me deixa também, eu não vou suportar.

Tenho procurado me manter forte, desde que me descobri grávida. Depois daquele desmaio, aqui mesmo no hospital, acabei colocando na cabeça que não adianta me desesperar, que Vicente precisa de mim, forte, e nosso bebê precisa de mim, tranquila e confiante. Mas hoje, depois daquela conversa horrorosa, eu me sinto completamente inútil. Como se eu não bastasse, sozinha, para nada sem ele comigo.

— Vince, você precisa acordar... eu não vou conseguir, sozinha eu não dou conta. Se eu perder você, eu vou perder tudo e eu não posso, não consigo...

Minhas forças se esvaem e tudo o que eu não chorei nessa última semana acaba tomando conta de mim. Me pego escorregando pela porta, até ficar sentada no chão, aos prantos, querendo

PERIGOSAS NACIONAIS

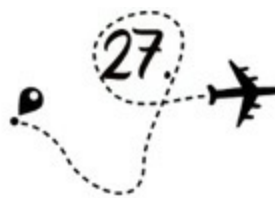
que ele somente se levante dali e venha me dizer que tudo ficará bem. Ouço a enfermeira me chamando, mas não consigo mais assimilar nada do que ela diz, meu peito dói, como se meu coração estivesse, mais uma vez, sendo arrancado do peito. Choro de medo de perdê-lo, choro de medo de não ser suficiente, choro por medo de não dar conta da situação, de perder Felipe, de perder nosso bebê.

Sinto uma mão me enlaçar e me erguer do chão, tento me livrar, mas a pessoa não me ouve. Quando levanto meu rosto para ver quem está me tirando dali, vejo que é Tony e, mais uma vez, eu desabo, afundando o rosto em seu peito e chorando novamente, repetindo sem parar que eu não aguento mais.

Porque, sim... eu não aguento mais.

PERIGOSAS ACHERON

Belo adormecido



Malu

Hoje completam quinze malditos dias que Vince está no hospital e se eu já tinha problemas com calendários anteriormente, você já deve imaginar como eu os odeio neste momento. É como se olhar a passagem do tempo fosse um castigo, que eu honestamente nem sei se mereço.

Junte isso com todo as festividades sem fim, as pessoas alegres e felizes, a virada do ano e... bem. Deve imaginar como eu estou, vou lhe poupar de detalhes.

Apesar de tudo, as coisas melhoraram um pouco. Depois de todo um tratamento de choque — e de quase me enlouquecer no processo — a infecção acabou controlada e, ainda que não totalmente recuperado, a sedação foi retirada agora cedinho e, de acordo com o médico, estamos por conta de seu organismo.

Que bom, porque eu não aguento mais hospitais, apesar de me reservar o direito de estar ao lado dele o máximo que me é permitido, e se puder extrapolar podem contar comigo também.

Os cuidados comigo por todos à minha volta redobraram depois da minha crise. Fiquei em observação por uma noite inteira no hospital, e saí de lá com mil recomendações e ameaças de restringir o meu acesso ao hospital, caso não me cuidasse. E isso, bem, está fora de cogitação.

Rodrigo teve alta durante a semana também, e ganhou duas enfermeiras em tempo integral. Sara e sua mãe se desdobram em fazer todos os seus gostos, mesmo minha amiga garantindo que eles não têm nenhum relacionamento e que ela não é, definitivamente, sua namorada.

Deus tá vendo, Sarinha.

Minha visita a ele foi muito emocionante. Deitado na cama, reclamando horrores, eu consegui ver que ele ainda está um tanto traumatizado com aquela ação. E um tanto revoltado, afinal de contas, ele poderia ter morrido por ceder o seu colete justo ao traidor da equipe. Evitando detalhes, ele me contou como tinha sido protegido por Vicente, que o tirou do fogo cruzado e o levou a um ponto escondido.

É odioso lembrar como fomos cegos em relação a Cris. Me recordo particularmente do episódio em que estapeei Cibeles em meu antigo

apartamento, e de repente ele estava lá, nos separando, a levando embora. A conclusão que tivemos é que foi até lá me para me observar, a mando da organização.

Mas nem tudo foi ruim ou deprimente em minha visita. Rodrigo ficou muito emocionado ao saber que eu estou grávida, já fazendo planos infinitos e cobrando seu lugar de padrinho. Fez questão de me lembrar que sempre foi presença constante em nosso relacionamento, quase um espectador desde nosso primeiro encontro então, é justo.

“Faço questão de escolher o nome, inclusive. Mereço esse prêmio, estou convalescendo!”

Ao menos, ele ainda consegue rir e fazer piadas, mesmo todo remendado, porque sabe que finalmente acabou. Vince, ele e, até mesmo, Sara conviveram com todos os infernos dessa organização, por mais tempo que seria suportável.

E falando em mais tempo que o suportável, vamos nos sentar agora e conversar sobre o quão difícil é o início da gestação. Porque todo mundo diz que é a primeira maravilha do mundo — e, calma, bebê, a mamãe não está falando mal de você

PERIGOSAS NACIONAIS

—, mas esses enjoos matutinos, tonturas e náuseas, um sono insuportável, os seios que parecem ter duplicado de tamanho e mal consigo tocá-los sem sentir dor... minha nossa, é coisa demais! Amanhecer abraçada, de joelhos em frente ao vaso, virou minha mais nova rotina matinal.

Aperto o botão de descarga e lavo minha boca, acho que por hoje meu enjoo acabou. Sigo para a cozinha e vejo o belo café da manhã que Álvaro está preparando.

— Bom dia, *mi amor*! — ele diz, animado, misturando português e espanhol com seu forte sotaque cubano. — Está pronta para o café ou esse *niño* ainda não te deixa comer?

— Bom dia, lindeza. — Dou-lhe um beijo estalado na bochecha. — Acho que agora estou livre para o café. O que temos aqui? — Sigo em direção à mesa já posta e posso ver uma variedade de frutas, iogurte, sucos, queijo, torrada, e ele me estende um prato com ovos mexidos.

— Pode comer qualquer coisa daí, *menos* café preto.

— Além de me torturar, tirando meu café, ainda quer me engordar feito uma porca, é isso mesmo?

PERIGOSAS ACHERON

— Imagina se ele não faz a mesma coisa comigo? — Beto aparece, vindo do quarto, barulhento e sorridente como sempre e me enlaça pela cintura, em um abraço que me tira do chão. — Se eu não frequentasse academia, estaria um verdadeiro balão.

Assim que Tony foi informado do que estava acontecendo por aqui, ele quis largar tudo e correr para o Brasil, como sempre fez. Eu não permiti, preocupada com a pousada e insegura com tudo o que podia acontecer por lá, mesmo tendo recuperado a confiança em Eric. O fato é que eu estava uma bagunça imensa, eu não estava sozinha aqui no Brasil, mas sem Vince por perto eu me sentia completamente perdida.

Ainda sinto, na verdade. Organizar pensamentos, sentimentos, é complicado demais.

Mas então Tony veio, sem avisar mesmo, e ainda trouxe minha cunhada, Adriana, e nosso irmão, Beto, junto com Álvaro, seu marido cubano. A minha casa se tornou uma extensão de Fonthill, todo mundo passa os dias — ou as noites — aqui. A versão oficial é que vieram passar o Ano Novo no Brasil, mas todos nós sabemos que eles vieram apenas para me fazer companhia, evitando me

deixar sozinha.

Assim que o barulho na cozinha se inicia, a família inteira se levanta. Marco passou a noite aqui também, com Laura, e logo estamos reunidos em volta da mesa, rindo em um falatório alto, comendo tudo o que Álvaro, exageradamente, serviu. Sempre uso esse tempo com eles para desanuviar a mente e me distrair um pouco do momento que estou passando. Geralmente funciona, eles conseguem me deixar mais leve.

— Cunhada, já sabemos qual o sexo do *niño*?

— Não, ainda é muito pequenino, Álvaro.

— Mas já pensou em nomes?

— Nem precisa. Já até sabemos quais são as opções... — Tony coloca três uvas na boca, uma atrás da outra, fazendo um certo mistério antes de começar a enumerar. — Valdemar, Venâncio, Venceslau, Vidigal, Virgolino... — Ele segue com as opções mais estapafúrdias, nos arrancando gargalhadas. — Ou, se for menina: Veridiana, Valdete, Vitalina...

— Esses não. Mas eu bem pensei em Valentina, se for menina. Ou Vinicius... — Dou de ombros, e meu irmão arregala os olhos.

— Não teria coragem, Maria Luiza. Pobre criança!

— Valentina é um nome lindo! — exclamo, rindo, para concordância geral, menos do rabugento em questão.

Quando meu irmão me abraçou no hospital, aquela tarde em que eu perdi o chão, ficamos horas conversando quando eu, forçadamente, tive que passar a noite internada. Tentando erguer a minha moral, porque segundo ele, eu fui a mulher que recomecei mais vezes que ele podia contar, e ele simplesmente não aceitava que eu estivesse prostrada e entregue daquela forma.

Eu até concordo que sou mais forte do que me dou conta, mas pensar que posso estar sozinha, sem Vicente, me tira as forças. Não vejo recomeço sem ele, não dá.

Sigo para o quarto, precisando me arrumar para o horário da visita. Sentada em nossa cama, pego uma de suas camisetas, trazendo até meu rosto, tentando sentir o seu perfume. Sinto saudade de sua barulheira matinal, ele vive dizendo que é uma pessoa mal-humorada pela manhã e eu não consigo visualizar isso. Geralmente, quem acaba ficando de mau humor sou eu, com tanto falatório e

risada logo cedo.

Não consigo conter um sorriso ao me lembrar dele gargalhando, sentado aqui na cama, em resposta a qualquer porcaria que eu tenha dito. A cabeça jogada para trás, o olho apertadinho, os músculos do abdômen sacudindo conforme a risada se expande. As sensações que o som dessa gargalhada causa em mim.

Que saudade, meu Deus...

A visita na parte da manhã geralmente é menos concorrida, geralmente só Carolina e Raquel revezam comigo. Mas hoje, ao chegar ao local, encontro Williams, que ainda está de licença médica e tem o braço preso em uma tala.

— Fala, *chefa*. Como está nosso *delegadozinho*? — Ele me oferece um abraço carinhoso, meio torto por causa da tala, e eu retribuo com o mesmo carinho.

— Está bem, me dando trabalho desde o primeiro dia, ou não seria um Avellar. E você, resolveu vir pela manhã, hoje?

— Sim, eu vinha à noite antes, quando era na UTI, mas agora que mudou para apartamento, o horário da tarde fica ruim para mim. Vamos?

Sigo à sua frente, em direção ao quarto,

ouvindo o bip sonoro do monitor cardíaco aumentar conforme nos aproximamos. Uma enfermeira sai pela porta e me sorri, simpática.

— Bom dia, Luiza, tudo bem com vocês?

— Sorrio, adorando quando me cumprimentam incluindo meu bebê.

— Sim, tudo bem. E aqui, como estamos?

— pergunto, os olhos já buscando meu menino bonito dentro do quarto. Meu belo adormecido agora não está mais entubado, apesar de ter um cateter de oxigênio no nariz. A barba cresceu nesses últimos dias e os cachos na parte da frente do seu cabelo hoje parecem estar totalmente sem controle.

— Tudo normal, estamos somente no aguardo. Pode entrar.

Passamos pela porta e eu me aproximo da cama, acaricio seu cabelo, enrolando a parte da frente nos dedos, escovando-os para trás, deixando-o com um ar menos louco. Seguro sua mão imóvel, enroscando meus dedos nos dele, e me sento na cadeira ao seu lado.

— Você vai ficar um mês inteiro sem dormir, Vince, juro *pra* você. — Trago sua mão até meus lábios, não aguento mais vê-lo assim, imóvel.

Williams permanece ao lado da cama sem dizer uma palavra. Engolindo seco, somente observando Vicente deitado. Ele me contou um pouco sobre a loucura que havia sido aquela operação e que era para estar morto a essa hora, não fosse por Vicente. Segundo ele, o alerta que Vicente deu a ele o possibilitou desviar de um tiro, segundos antes de ser disparado.

“Antes o ombro que a cabeça, sabe como é, chefa...”

— Acorda logo, doutor — ele murmura, antes de sair. Vem todos os dias, mas é o que menos fica, e parece ser quem mais fica mexido durante essas visitas.

— Vince, sabia que nosso bebê está do tamanho de uma ervilha? Você não pode ficar dormindo para sempre, meu amor. Eu não quero que você veja minha barriga crescer por fotos, não é a mesma coisa.

Passo os dedos por seus lábios, um pouco rachados de tão secos, e alcanço um chumaço de algodão na mesinha ao lado, que passo umedecendo o local, depois de embeber em um pouco de água mineral. Me inclino, deixando vários beijos em seu rosto, segurando a vontade que eu

tenho de chorar toda vez que o vejo desse jeito.

Sento novamente e deito minha cabeça no dorso de sua mão, tentando sentir um pouco de seu calor. Dou um salto na cadeira quando, subitamente, fico com a impressão de ter sentido ele mover os dedos.

— Vince? — Aperto sua mão, prestando atenção nas reações, mas tudo parece igual. — A vontade de ver você acordado é tanta, que já estou a sentir coisas. Acorda, gostoso...

Sento-me novamente na cadeira e passo a relatar o meu dia, como eu sempre faço. Conto da consulta que fui, de como está indo a gravidez, repito a reação de Felipe ao receber o burrinho que ele me deu, sentindo mais uma vez aquele aperto no peito incômodo de saudade do nosso menino. Me dou conta que, mais uma vez, estou escondendo coisas dele, porque não contei sobre o que aconteceu no abrigo.

Enlaço nossos dedos e me deito novamente sobre sua mão, respirando fundo.

— Volta *pra* mim, Vince. Volta, meu amor, por favor. Você disse que voltava...

O horário de visitas passa tão rápido que logo já está na hora de sair novamente. Tento

argumentar que, como ele não está mais na UTI, eu poderia ficar aqui mais do que os pobres sessenta minutos que eles nos dão, mas acho que meu poder de persuasão não anda muito bom.

— Preciso ir embora, meu amor, mas eu volto mais tarde. Eu te amo, não esquece. — Beijo seus lábios e sigo, porta afora, acenando para os enfermeiros que estão em frente a uma mesa no final do corredor.

Sigo para casa, agradecendo mentalmente que o carro de Vicente tem ar-condicionado, o calor anda insuportável ultimamente. Escuto uma buzina ao lado do carro, viro meu rosto e um moço bonito faz sinal para que eu abaixe o vidro. Faço um gesto que sou surda, e ele dá de ombros. Olho no painel, checando se todas as portas estão fechadas, de repente ele estava sendo amigável, mas não tem nenhum sinal de alerta, era só xaveco mesmo.

Essa é outra característica brasileira que eu estava desacostumada, morando há tanto tempo em Kennoway. A cidade é pequena e todo mundo se conhece, a coisa mais difícil é sair na rua e ouvir alguma gracinha. Nem mesmo entre os hóspedes eu tive problemas, a não ser com aquele Hudson.

Entro no apartamento com a casa em

silêncio, Beto e Álvaro iriam até a casa de Mônica, de quem eu não tenho notícias, há meses — e não faço questão, devo dizer. Já Tony e Adriana eu não sei onde estão, não vejo um bilhete sequer e penso que certas coisas não mudam, nunca. Relembro o início de namoro deles, e como deixavam os pais ensandecidos ao sumir, por dias — acampamento, litoral, pousadas —, sem deixar uma notinha sequer.

Aproveito a solidão e saio pela casa, arrancando a roupa, indo direto para o chuveiro. Em breve, não poderei mais fazer isso, Gael me garantiu que as coisas com Felipe estão se encaminhando da melhor forma possível e fico feliz por ele ser tão dedicado, fazendo questão de me atualizar diariamente sobre o processo.

Ao sair do chuveiro, a cama parece convidativa o bastante, fico me perguntando quando o sono excessivo vai diminuir porque tem dias que eu pareço um urso hibernando. Enrolada no pequeno roupão felpudo, eu me deito, puxando o lençol para cobrir os pés e, como sempre, trago o travesseiro de Vicente para mim. Sentindo os olhos pesados, eu me entrego ao sono.

Sinto o colchão afundar ao meu lado e um

braço me enlaçar pela cintura, a mão espalmar sobre minha barriga ao mesmo tempo que recebo um beijo na curva do pescoço. O perfume almiscarado de Vicente toma todo o ambiente e eu suspiro fundo, enlaçando meus dedos sobre os dele.

— Vince...

— Foxy... acorda, dorminhoca!

Me viro, um pouco confusa ainda, nublada pelo sono, e me deparo com o rosto sorridente de Vicente me olhando, os olhos brilhando percorrendo meu corpo.

— Está tudo bem? — Acaricio seu rosto barbeado e ele segura meu pulso, dando um beijo em minha palma.

— Estava com saudade. De sentir seu cheiro, de sentir seu gosto...

Olho ao redor, um tanto confusa. Estou em meu quarto, vestindo o mesmo roupão de banho de minutos atrás, a casa continua silenciosa e, mais uma vez levo a mão ao seu rosto, tentando me certificar que não é um sonho, que ele está realmente aqui.

— Como... quando? — Ele ri de minha confusão, afundando o rosto em meu pescoço, deixando um beijo molhado e posso sentir sua

ereção pulsando em minha coxa.

— Estou tão duro por você, pequena. Já faz uns dias...

A saudade que senti doía demais, mal me permitia respirar. Seguro seu rosto e o trago para mim, tomando sua boca em um beijo desesperado. Tentando mostrar, nesse beijo, todo o meu amor e o quanto ele me fez falta nesses últimos dias. E ele retribui com o mesmo desespero em troca, os dedos cravados em meu cabelo, a outra mão firme em meu quadril, quase me fundindo ao seu corpo, necessitado e entregue.

— Ah, Vince, que saudade...

— Eu ouvi você me chamar, Foxy. Eu não conseguia achar o caminho de volta, então ouvi você me chamar e segui sua voz...

Sinto quando, com urgência, ele somente abre a fenda do roupão, rindo ao notar que estou nua por baixo dele, e me penetra. Assim, sem preliminares, sem dizer uma palavra, mantendo nossos olhos conectados, me mantendo cativa em seus braços. Cada estocada tira de mim um gemido alto, que ele retribui da mesma forma. Somos fome, somos pressa, somos saudade. Ondulamos sobre a cama, em nossa dança particular de prazer, eu

dizendo o tempo todo como o amo e ouvindo de volta a mesma declaração.

É grudada nele que chego ao clímax, estremecendo e mal acreditando que estamos juntos novamente, depois de tanto medo, de tanto desespero. Afundo meu rosto em seu peito, os olhos fechados, duros, tentando ainda me recuperar.

— Abra os olhos — ele diz, carinhoso. — Foxy, abra os olhos!

Obedeço, e sinto um baque no peito ao notar que estou sozinha na cama, abraçada com seu travesseiro. Era um sonho, somente um sonho...

Sento-me, um pouco perdida, a sensação do calor de seus braços ainda presente, o seu perfume ainda no ar. Afundo o rosto no travesseiro e choro, em desespero, sem conseguir suportar mais essa distância, essa saudade. Até quando, isso?

Deixo os olhos correrem pelo quarto e noto que já são quase duas da tarde, eu dormi demais e se não me apressar, vou acabar me atrasando para o horário de visita. Levanto-me rapidamente, o coração batendo rápido no peito, uma sensação estranha me tomando. Não, estranha, não... diferente.

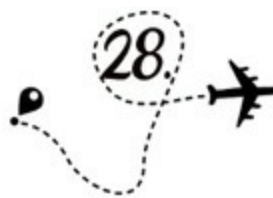
Me arrumo, com pressa, vestindo a primeira

PERIGOSAS NACIONAIS

roupa que encontro no armário e sequer olho meu celular, jogo tudo dentro da bolsa e, pegando a chave do carro, fecho a porta de casa atrás de mim, ainda mexida com o sonho que tive.

PERIGOSAS ACHERON

Adivinha quem?



Malu

O caminho para o hospital, como se já não bastasse ter saído atrasada de casa, se torna mais demorado que de costume. Um trânsito maluco, lento e intenso que não sei de onde surgiu, apenas para aumentar a minha ansiedade, que não está pouca.

Aquele sonho mexeu comigo, tanto que meu coração ainda está batendo firme no peito. Eu não sou uma mulher de sonhos, não, senhores. Dificilmente sonho, e se o faço, não me lembro deles no dia seguinte, então um sonho tão real e intenso como foi esse, chegando ao ponto de me fazer sentir o perfume dele, foi incomum.

Aperto o volante, com força, querendo espantar os pensamentos ruins que sempre tentam irromper e ganhar espaço, já estou tão acostumada com o mundo caindo em minha cabeça, que a tragédia sempre acaba querendo se manifestar mesmo sem eu pedir. Condiciono minha mente a repetir, enquanto presto atenção no semáforo: *ele está bem. Ele está bem!*

Olho para a bolsa, jogada de qualquer jeito em cima do banco, tentada a pegar meu celular e passar uma mensagem para Vítor. Desisto, antes mesmo de tentar, se ele me diz que algo grave aconteceu é capaz de eu sofrer um acidente e preciso pensar em meu bebê. Não posso mais agir intempestivamente, não sou mais somente eu aqui.

Sorrio, sem controle, ao refazer essa última frase com mais afinco em minha mente. Não sou mais somente eu aqui.

Estaciono o carro na primeira vaga disponível e desço, me perguntando internamente quem passou pela porta do inferno e a deixou aberta. Este calor não é normal, cruz credo! Passo pela recepção, pegando meu cartão de visitante, recebendo cumprimentos dos funcionários que devem estar um tanto cansados de me ver por aqui.

Entro no elevador, sorrindo, sabendo que ao chegar no andar vou poder ver o quarto de Vicente, assim que a porta do elevador se abre. É sempre a mesma visão, a porta fechada no corredor silencioso, que já, inclusive, gerou piadas entre as enfermeiras, de que eu colocaria um pitbull imaginário na porta para evitar visitas indesejadas.

Mas não é essa a imagem que eu vejo

quando a porta se abre. A porta está escancarada, a luminária mostrando o número do quarto está acesa, indicando que alguém acionou a emergência. Uma enfermeira sai rapidamente do quarto, empurrando um carrinho que não consigo identificar o que contém e eu preciso firmar meus joelhos, que estão a ponto de dobrarem, antes de impulsionar o corpo e sair correndo pelo corredor, até parar na porta, puxando o ar com força.

Fecho os olhos, em uma prece silenciosa, pedindo para que tudo esteja bem e quando os abro novamente, vejo aquele par de íris escuras me olhando de volta.



Vicente

Sinto meu corpo dolorido e pesado, e a cabeça ainda confusa. Algo incomoda meu nariz e puxo para arrancar, com certa dificuldade. A visão está embaçada e tento firmá-la para poder enxergar onde estou, mas só vejo um local todo branco, uma luz muito clara me atinge, fazendo com que eu aperte os olhos novamente.

Um biplano toca ao meu lado e tento
PERIGOSAS ACHERON

me levantar, mas uma dor lancinante me impede. Arfo, e me ajeito novamente, tentando chamar alguém para me ajudar, mas a garganta dói e arranha, me deixando sem voz.

Mas que diabos está acontecendo?

Foxy...

Tenho certeza que senti o perfume dela, que ouvi sua voz... tenho me sentido em uma névoa, perdido, tentando me localizar, tentando alcançar sua voz que ouço ininterruptamente.

“Volta, meu amor, por favor. Você disse que voltava.”

Pude sentir seu toque, era como um choque percorrendo meu corpo, eu olhava em volta, tentando encontrá-la e não conseguia, tudo o que eu via era um local frio e vazio e fui seguindo sua voz, tão doce e tão triste, até chegar nesse barulho infernal e essa luz que não me deixa ver nada.

Minha visão volta a turvar e não consigo controlar o sono, sinto-me toda hora como se apagasse e voltasse e não sei quanto tempo se passa até que me pego um pouco mais consciente.

Um cheiro característico de hospital me atinge, fazendo meu estômago embrulhar e, imediatamente, me lembro da operação, e do

inferno que foi. Como será que meus homens estão? Eles conseguiram nos emboscar, devem ter machucado muita gente, lembro-me de Rodrigo desacordado e suspiro fundo, torcendo para ele estar bem.

Fecho os olhos, sentindo uma pequena físgada no ombro, ao tentar, mais uma vez, me mover. Tudo estaria acabado nesse minuto, se não fosse Murilo entrando, providencialmente. Sempre reclamei que sou cercado de pessoas incapazes de seguir ordens, tinha pedido a Samuca para tomar conta de minha garota e onde ele estava? Isso mesmo, lá salvando meu rabo.

Foxy...

Como será que ela está? Minha pequena deve ter saído de órbita, quanto tempo será que passou? Uns dois, três dias?

Levanto a mão novamente, mais firme desta vez, inseriram de novo aquela borracha em meu nariz e isso incomoda demais. Da próxima vez, vou mandar enfiar isso na bunda. Na deles, não na minha, deixa de ser ridícula.

Ouçó alguém se aproximar e tento firmar a visão, me sentindo exausto. Uma voz feminina — simpática demais, devo dizer — fala mais alto do

que deveria.

— Não acredito! Delegado, que bom que acordou. Vou chamar o médico para te examinar.

Não consigo vê-la direito, posso vê-la puxando um fio perto da minha cama, conforme ela tagarela, e sinto um alívio quando ela se afasta com sua voz de mil decibéis. Não passa mais do que alguns minutos e um senhor entra no quarto, parando ao lado de minha cama.

— Vicente, estávamos esperando você acordar. Sou o doutor César, como se sente, consegue falar? — Tento, mas minha garganta dói e a voz não sai. Fico agitado, e o médico segura em meu braço, tentando me acalmar. — Não se preocupe, foram muitos dias dormindo e sua garganta deve estar ainda sensível por conta do tubo de ventilação. Logo, teu corpo se recupera, e isso inclui a tua voz.

Muitos dias? Encaro o médico, que tem um sorriso encorajador, me sinto irritado, pois tenho várias perguntas que não vou conseguir fazer.

— Hoje faz quinze dias que está internado. — QUINZE DIAS? Arregalo os olhos, devido à surpresa, é muito tempo e novamente fico agitado, tentando me levantar e não consigo, meu ombro

novamente lateja e o homem se aproxima, me fazendo deitar novamente. — Se acalme, ou todo o progresso das últimas semanas será perdido.

Quinze dias. É tempo demais desacordado...

— Você se lembra de uma operação policial da qual fez parte? — Aceno com a cabeça, pedindo que continue. — Pois bem, nessa operação você foi atingido por dois disparos. O da coxa não foi muito grave, mas o que o atingiu no pescoço quase lhe tirou a vida. Foi preciso uma grande transfusão de sangue, porque acertou uma artéria importante e, por isso, ficou em coma induzido esse tempo todo. Sem contar uma infecção pulmonar, que acabou atrasando um pouco sua recuperação, mas que está bem controlada e quase curada.

Infecção pulmonar. Isso é o que, cacete, pneumonia? Eu nunca tive essa merda antes, mas deve ser por isso que estou cansado e com dor. Inferno.

Olho novamente para o médico que deve estar achando tudo muito divertido, porque sorri. Trocar de lugar comigo, que é bom, ninguém quer...

— Retiramos pela manhã a sua medicação, porque vimos que teu corpo já estava apto a

trabalhar, estávamos só aguardando seu despertar.

Tento falar novamente, perguntar por Maria Luiza, mas a voz não sai e balanço a cabeça, exasperado.

— Tenha calma, rapaz. Você precisa de paciência para se restabelecer. Vou pedir à enfermeira para te trazer água, com certeza isso vai ajudar. — Bufo, ao menos *isso* eu consigo fazer. A enfermeira tagarela volta, trazendo um copo d'água com um canudinho, e a ardência parece diminuir conforme o líquido desce pela garganta.

Relembro mais uma vez da operação. Será que agora acabou? Camacho está preso, DuBom, Fiote e Nogueira estão mortos, tem que ter sido o fim desse inferno. Nogueira, aquele maldito, o tempo inteiro agindo como se fosse amigo da família, sempre tive o assassino perto de mim, sem saber.

Sinto meu peito queimar. Se não fosse por Murilo, a essa hora eu estaria morto e nunca mais veria minha garota. Ela deve estar apavorada, assustada, cansada *pra caramba*. Será que a avisaram? Tento me levantar mais uma vez, buscando pelo controle que chama enfermeiras tagarelas e, mais uma vez, a dor me impede. Eles

precisam dizer a ela que eu acordei!

— Vicente! — A voz de meu irmão chega até mim, me volto para a porta e o vejo parado, com o característico jaleco branco, me olhando, sorridente. Tento falar um “oi” e minha voz sai rouca, arranhada, e eu bem que poderia beber mais um pouco daquela água. — Não tente falar, não force a voz. Quanto menos forçar, mais rápido ela volta. Sua garganta deve estar sensível por conta do tubo. Está se sentindo bem?

Balanço a cabeça, confirmando. Não estou ótimo, como gostaria. Mas poderia estar bem pior. Tento me mexer novamente, mas a dor me rasga, fazendo com que eu me deite novamente.

— Ei, apressado. Me deixa ajeitar isso aqui. — Vítor levanta um pouco a cama, para me deixar inclinado, e ajeita meu travesseiro. — Você deu um susto dos diabos na gente, acho bom se comportar para sair logo daqui. Ninguém aguenta mais te ver deitado!

Seguro sua mão, em agradecimento. Aparentemente ganhei uma segunda chance, então, melhor fazer isso direito. Acho que ele entende, porque vejo uma lágrima correr por seu rosto, e ele disfarça, virando de costas.

A enfermeira volta, sorrindo e falando sem parar, enquanto refaz o curativo em meu ombro, dizendo coisas como fisioterapia e água boricada, não sei como as duas coisas convergem, mas ela fala tanto que sequer presto atenção. Olho mais uma vez para Vítor, que tem um ar divertido no meio da fuça e gostaria de saber que tanta graça existe em um sujeito baleado.

— Mande uma mensagem para sua garota, assim que me disseram que você tinha acordado. Se prepare que daqui a pouco ela chega, feito um furacão. — Meu coração acelera, involuntariamente, e o monitor cardíaco dispara, o fazendo gargalhar. — Ah, eu queria ter gravado isso, ela adoraria. Você não tem ideia, Vicente, ela foi incansável aqui do seu lado. Fez amizade com todas as enfermeiras, já as ouvi dizendo que vão ter saudade dela.

Sorrio, a minha garota é dessas, conquista todo mundo por onde passa. Ainda estou sorrindo quando ouço um barulho do lado de fora, alguém vem correndo e eu só sei que é ela. Fico olhando fixamente para a porta, até que a vejo, parada, a mão no peito, ofegante, e os olhos fechados se abrindo, lentamente, até me ver na cama, olhando

de volta para ela. Linda, tão linda, que só essa visão já me faz esquecer todo o restante ao nosso redor.

— Ah, meu Deus, Vince! — Ela se aproxima lentamente da minha cama, e eu sorrio, sem conseguir segurar as lágrimas. — Você acordou... — Os dedos passam lentamente por meu rosto e eu ergo o braço bom, ignorando até a dor e o desconforto, passando os nós dos dedos em sua bochecha e seguindo até seus cabelos, colocando uma mecha atrás das orelhas.

— Oi, Foxy... — A voz sai rouca, baixa, quase inaudível e em um rompante ela segue intercalando frases e beijos por todo o meu rosto, olhos, lábios.

— Que dorminhoco! Preguiçoso! Molengão! — Ouço um soluço alto e, de repente, ela passa a chorar, o rosto afundado em meu peito e eu a aperto contra mim, aliviado por estar com ela novamente.

Vejo-a suspirar, alívio talvez, e voltar seus olhos para mim. Eles brilham tanto, eu poderia dizer que são pelas lágrimas, mas não é só isso... Aperto sua mão na minha, trazendo até meus lábios para um beijo em seus dedos delicados.

— Te... amo. — Minha voz sai rasgando a

garganta, mas eu tinha que dizer.

Ela se aconchega em meu peito, com cuidado para não chegar perto de onde levei o tiro — que, convenhamos, está dolorido *pra burro* — e responde com um choro “eu também.”

— Eu tenho tanta coisa para te contar, Vince. — Ela ergue a cabeça e me olha, muito séria. Séria demais para o meu gosto, acabo ficando nervoso e a máquina novamente acusa. — Não fica assim, não é nada grave, eu juro. Mas eu quero te contar quando sua voz voltar. Sou péssima em entender mímica.

Palhaça. Semicerro os olhos em sua direção e ela sorri, entendendo bem onde estão meus pensamentos nesse minuto. Forço novamente para perguntar de minha equipe desta vez, e só sai a palavra “homens”, mas ela entende.

— Rodrigo está em casa, ganhou duas enfermeiras porque Sara cuida dele em tempo integral. Williams esteve aqui mais cedo, aliás, o senhor só esperou a gente sair para acordar, não é? — Sorrio, retribuindo seu tom animado, e ela continua: — Hugo está bem também, os três estão de licença. O tal traidor morreu no dia da operação, foi Rodrigo quem cuidou disso.

Cris. Esse desgraçado, cheguei a deixá-lo tomando conta dela, pensando estar mantendo-a segura da organização e, por pouco, não estava facilitando a vida deles. Ele ia me matar, chegou a apontar a arma para mim, quando Fiote o parou. E depois só me lembro de vê-lo caído no chão, em uma poça de sangue. Aceno a cabeça, em concordância, filho da puta traidor tem que morar no inferno.

— Lipe... — Seu sorriso é triste, ela segura minha mão e já sei que as coisas não andam bem.

— Tenho muito para te contar sobre ele, mas só quando você estiver melhor. Por ora, vou te falar que ele disse que já estava bom de dormir, e que ele viria te dar remédio de *atchim* para ver se melhorava mais rápido. — Dou uma gargalhada e preciso parar imediatamente por conta da dor no ombro, seguido de um acesso de tosse, que me deixa de mau humor. — *Shhh*, não força. Precisa se recuperar.

Não demora muito, acabo pegando no sono novamente. Não queria, dormi por muito tempo, mas não tive muita escolha, conforme ficava vendo o movimento no quarto, o meu olho ia pesando até que eu estava entregue. Quando acordo, vejo Malu

sentada na cadeira ao lado da minha cama, sua cabeça repousada no colchão, a mão grudada na minha. Aperto sua mão e ela ergue o rosto, rapidamente. Parece tão cansada, cheia de olheiras.

— Oi... acordou.

— Acordei. — Testo a voz e ela sai naturalmente, um pouco mais grossa e rouca talvez, mas sem tanta dor, e ela abre um sorriso imenso. — Consigo falar.

— *Tá* com dor?

— Não, amor, eu *tô* bem. Você é quem parece exausta, tem dormido? Tem comido?

— Ah, você também? — Ela rola os olhos, me fazendo sorrir. — Não estive *vivendo*, meu querido. Vou resolver isso tudo daqui em diante.

— Me conta... que tanto de coisa tinha para me dizer?

Um suspiro profundo, uma mordida no lábio inferior, e já sei que não vou gostar nada do que estou para ouvir.

— Eu vou te contar agora, mas não quero que fique nervoso, *tá*?

Alguém precisa escrever um manual de “como iniciar uma conversa” e entregar a essa mulher. Nele, explicar letra por letra que, quando

você pede para alguém não ficar nervoso, o resultado é exatamente o contrário. Claro que fico nervoso, e ela vê isso, tanto que se aproxima, deixando um beijo em meus lábios, antes de continuar.

— Eu não estou tendo contato com o Felipe.

— Como assim? Por que, o que aconteceu?

— Restringiram meu acesso ao abrigo, as únicas notícias que eu tenho dele vêm por Aparecida, nos falamos todas as noites.

— Gael?

— Disse estar cuidando de tudo. — Anuo, olhando em volta, tentando achar uma saída rápida para essa situação.

— Qualquer coisa podemos sequestrá-lo, não podemos?

— Pensei nisso — ela sorri —, mas não acho que seria apropriado.

— Quem ficou com você esses dias? Te deixaram sozinha?

— Álvaro ficou comigo. — Afasto o corpo, recostando no travesseiro, e a encaro, após sentir meu estômago revirar um pouco. Eu conheço esse cara? Talvez sabendo para onde minha mente está indo, ela sorri, docemente, e continua o relato: —

Beto, meu irmão, e seu marido, Álvaro, estão passando o mês em casa. Tony veio também com a esposa.

O ar risonho entrega que ela somente citou esse tal Álvaro primeiro porque sabia que eu não o conhecia e morreria de ciúme. Ordinária.

— Marco?

— Vem te ver todos os dias. Um fila de visitantes, que mal podem acreditar que o delegado falastrão passou tanto tempo quieto, em silêncio.

— Esse bando de *filho da puta*.

Sorrio novamente e a vejo se erguer, indo lentamente até a poltrona onde sua bolsa está. De dentro, ela tira um pequeno pacotinho, bem embrulhado em um papel colorido, traz até mim e me entrega. Olho do pacote para ela, que segura as mãos à frente do corpo, ansiosa.

— Eu guardei esse pacote para te entregar, trazia ele dentro da bolsa todos os dias. Nunca foi assim que eu imaginei, mas... foi o melhor jeito que eu encontrei. — Ao ver que eu estou olhando confuso para o pacote, sem entender, ela me encoraja: — Abre!

Rasgo o papel, e nele tem um saquinho com um tecido dentro, branquinho. Tiro o durex e abro o

pacotinho, para ver uma camisetinha branca... de bebê? Meu coração nesse ponto dispara no peito, e com as mãos trêmulas estico a blusinha em minha frente, conseguindo finalmente ler a mensagem.

“Adivinha quem vai ser papai?”

Eu queria poder colocar em pensamentos tudo o que eu senti ao entender a mensagem, mas não consigo. Olho para ela, que tem um sorriso no rosto, e imediatamente desço os olhos para sua barriga, esticando a mão, querendo tocá-la.

— Grávida?

Ela só confirma, e eu sinto algo explodir dentro do meu peito. Uma alegria imensa, uma emoção indescritível, isso é muito melhor do que qualquer coisa que eu pudesse pedir. Eu vou ter um filho!

— Vem aqui ao meu lado, não consigo ir até você, sente aqui. — Bato a mão no colchão e ela vem, sentando-se na beiradinha da cama. A seguro pela nuca, puxando-a para um beijo, sorrindo e chorando ao mesmo tempo, esperando que com isso eu consiga dizer a ela tudo o que eu não posso colocar em palavras. — Meu Deus... de quanto tempo você está?

— A médica me disse que estou de

aproximadamente oito semanas. Você me disse em Fonthill que colocaria raposas em meu *forninho* e não é que fez isso mesmo?

A vontade de sair gritando pelos corredores que eu vou ser pai é incontrollável. Levo minha mão até sua barriga, acaricio com carinho sabendo que ali dentro, seguro e protegido, está a coisa que eu mais queria nesta vida.

— Ah, moleque... eu já te amo tanto!

— Como sabe que é moleque? — A encaro, sem saber como responder. Saiu tão natural, como se não fosse possível não ser um moleque ali dentro. Acabo me sentindo mal por isso, como aqueles pais imbecis, que ficam escolhendo o sexo do bebê e ela percebe, porque se aproxima, deixando um beijo em meu rosto. — Ei, não foi uma crítica, meu amor. Eu perguntei, porque, apesar de ser muito cedo para saber, eu também tenho essa impressão.

— Dois moleques, Foxy. Dois filhos contigo. Se tem algo melhor do que isso, eu desconheço.

A puxo novamente para um abraço, sinto uma nova pontada no ombro, mas a mantenho aqui, apertada em meu peito. Vou ser pai, com a mulher

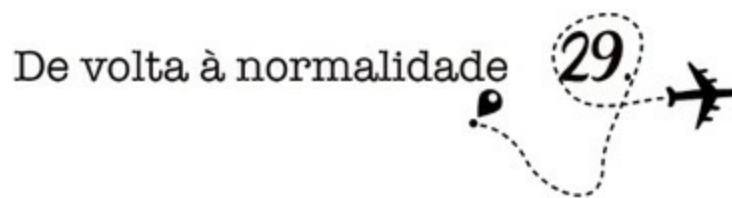
PERIGOSAS NACIONAIS

que eu amo.

O quão BOM isso pode ser? A vida, finalmente, decidiu deixar de ser madrasta comigo!

PERIGOSAS ACHERON

De volta à normalidade



Vicente

Os dias passam arrastados, e minha recuperação acaba não sendo tão rápida quanto eu esperava. Por conta do tiro na coxa, eu precisava de um andador para me locomover, até ter firmeza nas pernas para caminhar novamente. O problema é que eu não conseguia fazer esforço com os braços por causa do tiro no pescoço, então me movimentar passou a ser um tormento.

E eu infernizei os funcionários no hospital por conta disso, tenho certeza. Eu queria ser gentil, até tentava, mas o meu humor não ajudava, eu odiava depender das pessoas. Ter ajuda para o banho, para mudar de roupa no início, até mesmo ajeitar a *porra* do meu travesseiro era algo que eu não conseguia fazer sozinho e isso acabava comigo.

Ficar deitado me irritava. Eu tinha muito o que resolver fora desta cama, meu moleque estava ainda naquele abrigo, há dias, sem saber de nós, eu não podia me dar ao luxo de ficar aqui com cara de paisagem. Era terrível precisar da cooperação do meu corpo que, claramente, não queria cooperar

comigo.

— *Agora você entende, Maria Luiza, porque o médico o sedou...*

Vítor parecia se divertir. Toda hora ele aparecia em meu quarto, fosse para ver se tudo estava bem, fosse para me fazer companhia. E eu tenho descoberto em meu irmão uma companhia muito agradável. Espirituoso, sarcástico, paciente... chego a lamentar os anos em que, por conta de uma família de merda, nós acabamos separados, quase inimigos.

— Vê se você consegue se apoiar em meu ombro... — Marco segura a muleta com sua mão esquerda, enquanto, com a direita, tenta me auxiliar a sair do quarto, porque eu, teimosamente, não quero depender de uma cadeira de rodas.

Dou um passo e sinto a fígada — não tão lancinante, mas ainda presente — na perna, fechando os olhos e soltando um palavrão.

— Deviam deixar de serem teimosos, os dois! — Vítor puxa a cadeira de rodas para dentro do quarto e eu só balanço a cabeça, vigorosamente.

— Eu não quero me sentar nessa coisa, *caralho!*

— Amor — Malu se aproxima, utilizando o

que eu acho que seria o mesmo tom com o qual ela daria uma bronca em nossos filhos, mas o sorriso consegue disfarçar suas intenções aos mais desavisados —, você não tem tamanho e nem peso para ser difícil assim.

— Marco está aqui, Vítor está aqui, Tony está aqui...

— Me tire fora dessa, eu vim mesmo só para ver você pulando em uma perna só — o ruivo babaca retruca, piscando ao ver Maria Luiza o olhando, de cara feia.

Mostro a ele o dedo do meio ao mesmo tempo que Malu me enlaça pela cintura.

— Sente na cadeira, gostoso, e eu vou no seu colo até lá fora.

Bem, capturando minha atenção desse jeito, obviamente que eu vou fazer qualquer coisa que ela pedir. Peço a cadeira, que Vítor me entrega, rindo, enquanto eu ouço Tony reclamar o quão absurda é essa situação. Sento-me e a puxo pela mão, fazendo-a sentar-se em meu colo sobre a perna boa.

— Deste jeito, eu vou até o inferno...
— sussurro baixo em seu ouvido, e ela deixa soltar uma risadinha. Somos interrompidos pelo barulho no corredor, um intenso movimento que me

sobressalta. Por instinto, passo a mão por sobre a barriga de Malu, como se com isso eu pudesse proteger a ela e ao nosso bebê, me acalmando ao ver Hélio, o superintendente da divisão paulista entrando no quarto, acompanhado de Paulo Romão, o Diretor Geral da PF.

O sorriso amarelo que essa visita me causa, no entanto, é automático.

— Avellar, senhores... senhora — Hélio cumprimenta a todos, e não posso deixar de notar o tom diferente que foi utilizado ao se dirigir à Maria Luiza. — Que bom que está recuperado. Acabei de saber que recebeu alta?

— Sim, estou indo para casa.

— Me perdoe não ter vindo antes, Avellar — Paulo estica a mão, amistoso —, mas sabe como são as coisas, corridas demais.

— Sem problema, eu não iria poder conversar com você, de qualquer jeito.

— Claro. Quanto tempo ainda fica de molho?

— O máximo que eu conseguir — respondo, despretensioso, e ouço quando Malu solta o ar, com força, impaciente. E eles notam, pois trocam um olhar um tanto quanto receoso.

— Vamos conversar depois, quando você estiver para voltar, então... Seu trabalho foi impecável e a DICOR^[8] está muito satisfeita, e vou lhe dizer que chegaram algumas boas propostas, que podem, inclusive, te levar a Brasília.

Heloísa já havia mencionado, em sua última visita, que o clima na delegacia está muito bom por conta do encerramento da operação — o que eu acho um absurdo, tivemos baixas inestimáveis durante o processo, fora todos os agentes que haviam se ferido. Apesar disso tudo, o fato de termos eliminado a LIB animou o Ministro da Justiça e, obviamente, eles vão gostar de alavancar suas próprias carreiras devido a isso.

Não vou mentir ao pensar que uma promoção seria boa para mim. Eu sou aquele cara que nunca quis ser policial, que modifiquei todo o meu futuro, pensando em desvendar o assassinato do meu pai, e não somente fiz isso, como também desmontei uma organização internacional. *Tá*, eu quase morri no processo, nunca é bom esquecer isso, mesmo eles nunca levando isso em consideração.

Seria bom, financeiramente falando. Seria interessante, em termos de carreira. Mas,

PERIGOSAS NACIONAIS

considerando a tensão no corpo da ruiva sentada em meu colo, interessante, porém, bem pouco provável.

A primeira noite que passamos aqui, logo que acordei, há cinco dias, foi deveras complicada. Meu coração ainda dói ao imaginar por tudo o que ela passou no tempo em que eu estive aqui, internado, desacordado. Todo aquele estresse, a ameaça de aborto... felizmente ela não estava sozinha como ficou na Escócia, os irmãos dela finalmente resolveram lhe serem úteis, mas, ainda assim, ouvir seu relato, seu choro foi... complicado.

Abriria mão da minha carreira mil vezes, somente para não a ver em desespero novamente. Quase morri, levei a minha vida inteira para ter exatamente esse pedacinho do paraíso que tenho aqui, não vou jogar tudo para cima por conta de status. Nem fodendo.

O caminho até em casa é feito em silêncio. O meu humor não está dos melhores, e o dela foi afetado pela nossa visita. Soube que não havia sido impressão minha o tom de Hélio em sua direção, ele foi terminantemente proibido de me visitar, depois que chegou ao hospital, acompanhado pelo marido de Helena.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha mulher pode não ter tamanho, mas pensa num bichinho raivoso...

— Está rindo do quê? — ela pergunta, me servindo de apoio conforme esperamos o elevador no saguão de nosso prédio.

— Estou tentando lembrar qual aquela raça de cachorrinho pequenino e adorável que é metade raiva e metade tremedeira.

— Pinscher — Marco responde, se dividindo entre rir e me auxiliar.

— Por que se lembrou disso agora?

— Ah, Foxy... eu sou delegado, aprendi a não produzir provas contra mim mesmo!

— Idiotas! — ela exclama, ao se dar conta de que é alvo de nossa piada.



Abro os olhos, sobressaltado, sentindo o incômodo na região do ombro voltar. Segundo o doutor César, a recuperação é um pouco mais lenta neste local, por ser impossível ficar totalmente imobilizado. Irritado, me questiono de que adiantou tanta propaganda daquela merda de colete, estava com ele e quase morri, do mesmo jeito.

PERIGOSAS ACHERON

Desde que despertei, no hospital, venho sonhando com aquela manhã. Infinitas versões diferentes, milhares de outros finais e em nenhum deles eu acabo bem. Parece que ainda estou ouvindo o maldito clique da arma, e o disparo final que eu aguardava, de joelhos, e que nunca chegou. Felizmente, nunca chegou, mas em meus sonhos aquela bala sempre tinha um destino certo. E em todos eles eu terminava perdendo isso que eu tenho bem aqui.

Inclino o pescoço, até meu nariz alcançar o topo da cabeça de Malu, que repousa deitada em meu peito. O sono leve de quem está sempre alerta não a deixa descansar, e nem bem eu me movo, ela já está levantando a cabeça, procurando algo errado em mim.

— Você está bem? Já está na hora do seu remédio?

— Foxy — a seguro, assim que ela se senta, já olhando ao redor —, você precisa descansar, meu amor.

— Está com dor?

Suspiro, segurando seu braço, a puxando de volta para o meu peito.

— Deita aqui comigo. Você precisa

descansar, não aguento te ver de um lado para o outro o tempo inteiro.

— Estou cuidando de você, Vince...

— E eu de você. Estou bem, e ainda é madrugada.

Ela me olha um tempo, analisando, talvez procurando algo errado. Faço um carinho em seu rosto, mesmo que isso me custe umas físgadas no ferimento, até ver sua postura relaxar e ela vir, aconchegando-se a mim, com cuidado.

— Quando tem médico? — pergunto, logo após esticar o braço um pouco e tocar sua barriga, um carinho que acabou se tornando comum.

— Daqui a três dias.

— Não vejo a hora — exclamo, notando o sorriso que surge no rosto dela.

Malu teve o cuidado de gravar, por celular mesmo, sua primeira consulta. Claro que eu podia ouvir suas fungadas ao fundo, debilitada emocionalmente, ela não conseguia parar de chorar, mas o gravador captou toda a consulta médica, tudo o que estava sendo dito e, principalmente, quando aquele som preencheu todo o ambiente.

“Tum-tum-tum-tum-tum-tum.”

É engraçado como algumas coisas na vida

nos transformam. Os laços familiares, um dia, me tornaram o homem que eu era. Inseguro, carente, me achando incapaz de ter um relacionamento afetivo por pensar que me faltava algo essencial para manter isso. Até que um dia, uma mulher me olhou, numa esquina qualquer. Até que um dia, um garotinho aceitou a mão que eu estendia a ele. Até que um dia, tinha um coração batendo, ainda que através de uma tela de celular.

O homem que eu era não existe mais, e eu gosto *pra caralho* deste novo homem.

— Vince, o que Gael te disse mais cedo? — a pergunta é feita com os dedos fazendo um círculo em meu peito, um gesto que soaria despretensioso, se não soubesse o turbilhão que o assunto nos causa.

Nos últimos dez dias que Malu ficou impossibilitada de visitar Felipe, a preocupação com o bem-estar físico e mental do menino aumentou a nível estratosféricos. Nós sabíamos que ele não ficaria bem, se ele teve febre uma vez, por estar com saudade, era um tanto quanto óbvio que ele teria problemas em lidar com essa nova realidade, principalmente se Mirtes teimava em forçar aquele casal como pais do menino.

E é essa parte que me deixa nervoso. Porque, por mais burocrático — e por vezes falho — que é o sistema, ainda existem funcionários que fazem a coisa andar direito. Eu preciso acreditar que nem todos visam outro tipo de motivação que não o bem-estar da criança. Eu preciso acreditar que não vão permitir que aquele casal adote o menino e transforme a vida dele em um inferno.

Essa espera, esse suspense, acaba comigo. A minha vontade era nem ter vindo para casa, ao sair do hospital, e, sim, rumar direto ao abrigo, meter o pé na porta, pegar meu moleque no colo e trazê-lo para casa. Infelizmente, a minha impulsividade só nos traria problemas.

Eu me lembro que a intenção de Gael era entrar com um pedido de adoção direto com o juiz. Seria demorado, mas não tanto quanto pelas vias normais, que costuma levar mais de três anos. Estava confiante que seria isso que ele tinha vindo me dizer, em sua visita de hoje, mais cedo, mas ele me surpreendeu com uma negativa.

— *Como assim, você não deu entrada, Gael? — Respiro fundo, tentando me ajeitar na poltrona ao tentar, inutilmente, me levantar de supetão, como estou acostumado.*

— Não dei, porque levamos os primeiros dias levantando algumas questões e dar a entrada direto no juiz mais atrapalharia do que ajudaria. O meu foco é trazer o garoto direto pra cá e não dar um passo que o deixaria preso em um limbo burocrático.

— Que questões você levantou?

— Algumas que não vêm ao caso agora, Vicente. Estamos à caça do pai do garoto e acredito ter conseguido uma ajuda providencial para conseguir isso.

— Ajuda de quem? Quem está te ajudando?

— Confia em mim? — ele pergunta e eu paro, analisando sua figura. Gael fora incansável, por anos, ao lado de Samuca, em desvendar o assassinato de sua família. Se colocou na linha de tiro mais de uma vez para defender o seu garotinho. Se existe alguém que transpira confiança, é esse idiota sentado ao meu lado.

Balanço a cabeça, afirmando, e ele bate em minha perna, não sem antes fazer uma graça, passando a mão pelo alto da coxa machucada, como se fosse acertar em cima do ferimento.

— Ele disse que vai trazer Felipe.



Malu

Minha mãe me disse, certa vez, que somos treinadas a ser mãe no minuto em que nos casamos. Porque, por melhor que seja o pai dos seus filhos, ele vai ser sempre o seu primeiro filho, aquele em que você precisa tomar conta para não fazer merda, dar bronca em momentos oportunos, e até mesmo o socorrer em momento de *quase morte*. E eu digo quase morte não levando em conta o tiro que Vicente levou, mas as suas trocas de curativos, que pareciam mais fatais do que o próprio tiro em si.

Manhoso.

Vendo-o passar por toda a recuperação, compreendo como a natureza é sábia, imagina um homem engravidando e tendo que colocar um filho no mundo? Gente, a humanidade já estaria extinta.

— Para qual lugar está indo essa cabecinha, que te faz sorrir tão bonito? — ele pergunta, e me estico no sofá da sala de espera, deixando um beijo em seu rosto.

— Nada de mais... estou mentalizando coisas boas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Poderia, claro, aproveitar o momento para fazer piada, mas eu seria realmente injusta. Apesar de toda a manha, de ainda sentir dor e desconforto, ele sequer vacilou ao se levantar hoje para vir comigo à consulta. Tivemos que sair uma hora antes do previsto, os passos ainda são vacilantes e lentos, mas não estar aqui comigo, não aproveitar este momento, nunca foi sequer cogitado.

E ter a minha primeira consulta com ele ao meu lado é emocionante demais. Eu morri de medo de ele perder isso tudo quando ainda estava no hospital. Tony me aconselhava a fotografar minha barriga, documentar o passo a passo diário para que ele não perdesse nada, mas... não era a mesma coisa. Nunca seria a mesma coisa do que vê-lo como está agora: lindo, inteiro e ansioso. E, apesar de sentir dor e ficar mal-humorado por conta disso, o sorriso de menino aparece todas as vezes que nosso bebê é mencionado.

— Maria Luiza Drummond. — Ouço meu nome ser chamado na porta do consultório e lá vamos nós, atravessando o corredor, de mãos dadas, passo a passo, a ansiedade por saber que ele finalmente irá viver este momento quase me sufocando.

PERIGOSAS ACHERON

Doutora Eva nos recebe na porta, a conheço há muitos anos. Ela é filha de meu antigo ginecologista, que se aposentou há três anos, lhe passando o bastão.

— Fico feliz em saber que está melhor, doutor Vicente. Luiza ficou um tanto triste na primeira consulta, por você não estar aqui.

— Fico feliz em estar aqui agora, também. Obrigado.

A consulta segue sem maiores problemas. Vicente é muito participativo e resolve tirar todas as dúvidas que ele tem sobre gestação e gestante. Por sorte, Eva é descolada, já tem todas as respostas na ponta da língua, chegando a me piscar o olho, dependendo da resposta. “*Ela precisa de repouso constante?*”, “*Até quando ela pode trabalhar?*”, “*O sexo pode ser feito normalmente?*”. Vê-lo tão dedicado, querendo fazer parte de tudo, só me faz ter a certeza de que encontrei o homem certo para mim.

Por ser uma situação atípica, havia conseguido marcar para o mesmo dia a consulta de retorno e o meu primeiro ultrassom. Somos levados a uma sala à parte, e Vicente fica em pé ao meu lado, conforme eu me deito na maca, empurrando o

cós da calça para baixo e erguendo a blusinha solta. A médica responsável passa um gel em minha barriga e lentamente desliza o transdutor pela minha pele, apontando para o monitor posicionado à nossa frente.

— Agora, você olha aqui nesse monitor, Vicente, que eu vou te mostrar o seu bebê. — Ela aponta para a tela, fazendo as marcações necessárias, e eu bem gostaria de ficar olhando para a tela, mas eu não consigo. Fico olhando fixamente para Vicente, e todas as expressões que passam por seu rosto ao tentar entender aquelas manchas que aparecem na imagem.

A sobrancelha forma aquele vinco entre os olhos, tão presente quando ele fixa a atenção em alguma coisa. A cabeça inclina lentamente para o lado, observando a cena toda com cuidado. Os olhos brilham feito dois faróis, que poderiam iluminar tudo à sua frente. E, de repente, um meio sorriso brinca em seus lábios quando o braço aponta para uma parte qualquer da tela.

— É uma perninha!

— Sim... essa parte aqui são os membros inferiores. Aqui, os superiores...

— Quando dá para confirmar o sexo dele,

doutora?

— Confirmar? — eu pergunto, achando engraçada a escolha da palavra.

— Sim — ele dá de ombros, sem tirar os olhos da tela —, tenho certeza que é moleque. Só quero mesmo confirmar.

Balanço a cabeça, sorrindo, e troco um olhar com Eva, que parece se divertir bastante.

— A partir do quarto mês, Vicente, então... daqui a duas consultas. Mas para você desmanchar essa cara de desapontado, vou te mostrar outra coisa.

Ela mexe no aparelho e, de repente, a sala se enche com o barulho alto das batidas do coração do nosso bebê. Vince e eu estamos de mãos dadas e ele aperta a minha mão, com força, assim que ouve a primeira batida, seu olho brilhante, arregalado, fixo na imagem do monitor. Sei bem o que ele está sentindo, em minha primeira consulta eu mal conseguia respirar ao ouvi esse som e a gravação no celular não fez jus ao que é esse momento.

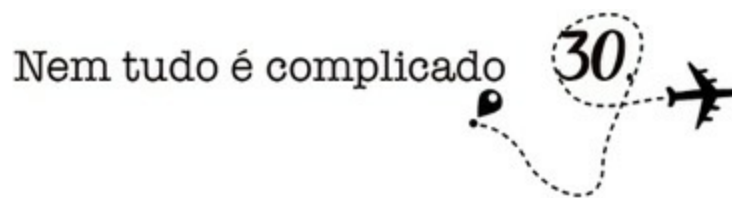
— É... é rápido, assim mesmo?

— Sim. É um *bebezão* forte. — Eva sabe como mexer com o ego dele, porque nem bem ela diz isso e ele desvia o olhar do monitor, me fitando

com um sorriso orgulhoso e o rosto todo molhado de lágrimas.

— Te amo — ele balbucia, emocionado.

Nem tudo é complicado



Vicente

Olho ao redor, ainda vendo os resquícios da reunião que fizemos ontem à noite aqui em casa, uma forma de comemoração pelo final de uma etapa: Operação *Pink e Cérebro* finalmente encerrada. Chamei Murilo, Samuca e minha equipe — de serviço ou em licença médica — para comemorar e celebrar o delegado Bruno.

Essa celebração serviu para outras coisas, também. Carolina estava presente, fez questão disso, e gosto de como parece que ela e Malu iniciaram uma amizade. A menina, ainda abatida, disse que agora ao menos tem paz por saber que os responsáveis pela morte dele estão mortos. Foi o fechamento de um ciclo para todos nós.

Outra coisa ótima foi usar essa pequena comemoração como um bota-fora para os irmãos de Maria Luiza. Beto e Tony embarcaram hoje pela manhã, de volta à Europa, e agora somos, novamente — e finalmente! — ela e eu aqui em casa.

Não me leve a mal, eu gosto dessa

novidade, estar rodeado de pessoas que eu gosto. Fui sozinho a vida inteira, às vezes por opção própria, e meu relacionamento com Malu me trouxe muita coisa que antes eu não tinha. Mas nada paga ter uma certa normalidade, ao menos, enquanto podemos aproveitar. Porque, sabe como é, logo estaremos rodeados por mamadeiras, chupetas e fraldas, e esse pensamento me faz sorrir, aleatoriamente.

Outra coisa muito boa foi o fato de, mesmo sem ter a menor noção na época, ter alugado um apartamento com três quartos. Laura está empolgada em finalizar a decoração dos quartos, um para Felipe e outro para o nosso bebê, ainda sem nome.

Sim, ainda tem isso. Nosso bebê não tem nome. Malu é favorável à ideia de esperar o parto e olhar para a carinha dele. Eu tenho urticárias em chamá-lo por “bebê”, “neném”, essas coisas. Se nome não fosse uma coisa importante, não teríamos um ao sair da maternidade.

Cheguei a sugerir Paulo, uma homenagem ao pai de Malu, mas ela não se empolgou. Achou injusta a homenagem unilateral e *Paulo Vagner* não é uma combinação bonita. Graças a Deus, minha

mulher tem bom gosto.

Fora a incerteza. Eu acho que é um moleque. Ela acha que é um moleque. Mas eu tenho um urubu de estimação e capaz de decorarmos o quarto todo com tema de menino, enxoval de menino, nome de menino, e sair uma *perereca* da barriga da mãe.

Sorrio, ao me imaginar sendo pai de uma menina. Certeza que vou enfartar. Muito provavelmente vou passar a vida babando nela, totalmente rendido a qualquer coisa que ela queira fazer, e treinando aquelas misturas de cavalo com lobisomem que temos na pousada para afugentar qualquer espertinho que se aproxime dela por, no mínimo, trinta anos.

Respiro fundo ao sentir uma nova pontada no ombro e endireito o corpo. Já não dói tanto, mas dependendo do esforço e da posição, ainda sinto um pouco de dor, ainda que já tenham se passado vinte dias desde que acordei. E finalmente vou sair um pouco de casa, tomar um pouco de ar e resolver a minha vida, estou tão cansado de ficar enclausurado que estou a ponto de ter um troço.

— Está pronto? — A voz doce de Malu chega até mim e me viro para olhá-la, linda, parada,

me esperando na porta do quarto, mais reluzente do que nunca. Sua barriga ainda não aparece muito, só consigo notar as mudanças em seu corpo porque o conheço de olhos fechados. Seus seios, por exemplo, estão sensacionais.

— Estou. Gael já chegou? — Ela acena, confirmando, e me levanto, caminhando em sua direção.

— Não gosto dessa ideia de você sair por aí, sem estar totalmente recuperado, Vince. E, principalmente, não gosto de ficar em casa te esperando.

— É muito não gostar em uma boca tão linda. — A puxo para perto de mim, e ela vem, mesmo parecendo a contragosto. — Está tudo bem, meu amor. Eu não estou sozinho.

Me levanto e rapidamente ela está ao meu lado, passando a mão em minha cintura, para que eu possa me apoiar nela até chegar à muleta que estou usando. Me esforço para não jogar todo o meu peso em seu corpo e saímos devagar, a cada fígada eu xingo mentalmente aquele *filho da puta* pelos tiros.

— Tem certeza de que está bem para sair? — ela pergunta, preocupada, e eu sorrio,

agradecendo tamanho cuidado.

Uma risada infantil explode na sala, chamando nossa atenção, e seguimos em direção para ver Gael jogado no meio da sala, com Bruno sentado em cima dele, balançando as mãos para cima, enquanto Babi observa a cena com as mãos na cintura. Ela, inclusive, é a primeira que nos vê chegar e se aproxima, com a expressão constrangida.

— Seu advogado, senhor... — sem jeito, ela me dá um abraço —... desculpem por isso.

— Não se preocupe. Logo terei duas crianças para fazer o mesmo na sua casa. — Notando que Gael está tão distraído com o moleque que sequer nos viu chegar, resolvo chamar sua atenção. — E aí, babaca?

— Fala, delegado manquitola^[9]! — Em um impulso, ele se levanta, trazendo o moleque risonho nos braços. — *Tá* melhor?

— Consigo andar... vamos? — Aceno e me despeço de Malu, sentindo uma certa culpa por deixá-la para trás, mas sabendo que hoje, especificamente, é o melhor a ser feito.

Quando Gael me disse que resolveria a situação com Felipe, eu imaginei que ele seguiria o

óbvio, ou seja, entraria com um pedido direto com o juiz, explicando a situação. Mas Prieto não é um sujeito óbvio, se fosse assim, não teria tido tanto êxito em sua carreira e, por conta disso, ele decidiu ir a fundo, rastreando o pai de Felipe. Segundo ele — e a advogada que, oficialmente, estava cuidando do caso —, seria muito mais rápido se o pai de Felipe me passasse a guarda do garoto, levando em conta que a justiça ainda não tinha destituído seu pátrio poder.

Estar no lugar onde Felipe viveu anteriormente é quase como reviver a história da minha infância. Um prédio simplório de três andares, localizado em um bairro pobre, relembra muito o local que eu vivi com meu pai, pouco antes de ele se casar com Neusa. A varanda do primeiro andar, lugar onde o garotinho vivia, e que parecia ser o único espaço disponível para brincar ao ar livre, foi transformada em depósito de entulho.

O som alto da televisão não deixa dúvidas que tem alguém em casa, mas, ainda assim, são necessários três toques na campainha, até que um sujeito desalinhado aparece na porta.

— O que é?

— Juvenal Miranda? — Gael pergunta, e o

homem apenas ergue a sobrancelha. — Meu nome é Gael Prieto, eu sou advogado. E esse é Vicente Avellar, delegado de polícia. Nós gostaríamos de conversar com o senhor.

— Um advogado e um delegado? Eu não tenho feito nada de errado!

— Queremos conversar sobre Felipe. Tem um tempinho?

— Felipe não mora mais aqui, já há algum tempo... — Suspiro alto e recebo um olhar de esguelha de Gael, que me alertou incontáveis vezes no carro sobre não abrir a boca e deixá-lo lidar com a situação.

— Sabemos disso. Mesmo assim, gostaríamos de conversar, se possível.

Ainda indeciso, mas talvez curioso para saber o que um advogado e um delegado têm a lhe dizer sobre um moleque de três anos, ele nos dá passagem e, ao entrar em sua casa, o aperto no peito que eu já tinha se torna ainda maior.

O único sofá da pequena sala é nada mais do que um pedaço de espuma coberto por um pano sujo e rasgado. A televisão, antiga e de tubo, está ligada, mas sem imagem, colocada em cima de uma tábua de madeira, cujos pés de apoio são tijolos. E

não acredito, honestamente, que este lugar saiba o que a palavra “vassoura” significa.

Lentamente o homem se aproxima do aparelho, abaixando o volume, e cruzando os braços, se vira em nossa direção, nos observando por um tempo.

— Acho que os moços não vão querer se sentar, então, me digam, o que eu posso fazer por vocês?

— Conhecemos Felipe no abrigo em que ele está. O senhor o levou lá pessoalmente?

— Não. — O homem, claramente desconfortável, esfrega o pescoço antes de responder. — Uma vizinha aqui trabalha lá às vezes, me dizia que eu não cuidava bem do moleque e ia chamar o conselho do lar.

— Tutelar — corrijo, e o homem me encara pela primeira vez. — Conselho tutelar.

— Isso aí. Eu falei para ela pegar o menino e levar embora, se fosse o caso. Eu não tinha tempo para cuidar de criança, nem dinheiro. Podem olhar em volta, isso é tudo o que eu poderia oferecer, e ele ainda ficava chorando o tempo inteiro, querendo atenção, com saudade da mãe.

— Assinou algum documento?

— Não, senhor. Veio uma mulher aqui, uma tal de Mirtes, falar sobre assinar alguma coisa, mas ela não me pagou nada, então, por que eu vou facilitar?

— Talvez porque possa, ao menos, proporcionar um futuro melhor ao garoto? Talvez porque possa pensar nele, um minuto que seja? — Dou um passo à frente, e Gael me segura, me fazendo parar e respirar fundo.

— O que vocês querem? Essas coisas vocês têm que decidir lá no abrigo.

— O meu amigo aqui, o *delegado* Avellar, quer adotar o Felipe. — Eu poderia rir só pelo fato de ele ter grifado e colocado neon em minha profissão, o que parece surtir efeito sobre o homem, que fica tenso todas as vezes. — Mas, como o senhor deve imaginar, qualquer coisa neste país passa por uma burocracia absurda. Seriam anos aguardando na fila, e enquanto isso o menino ficaria lá no abrigo, sozinho, quando poderia estar sendo bem cuidado.

— Ele não é bem cuidado no abrigo?

— Não disse isso. Mas o senhor deve imaginar que, para uma criança de três anos, por melhor que seja o ambiente, não estar com uma

família pesa bastante. Ele está em fase de crescimento, aprendendo valores, é importante se sentir querido.

— O senhor tem mais filhos? — o homem pergunta, me analisando, curioso.

— Não. Felipe será o primeiro. — afirmo, e vejo o homem erguendo a sobrancelha mais uma vez, um tique extremamente irritante, devo salientar.

— O que eu teria que fazer?

— Teria que nos acompanhar até um cartório, passando a tutela do garoto para ele. — Gael se aproxima um pouco mais, esticando a pasta transparente que ele traz em mãos, com alguns documentos de pesquisa, que honestamente não sei qual é a serventia porque, obviamente, o homem não vai entender nada. — E eles então fariam uma nova certidão de nascimento.

— E quanto eu ganho com tudo isso? — o homem pergunta, e eu explodo de vez.

— Eu não quero comprar o seu filho, desgraçado! Eu quero cuidar dele! Sabe como eu o conheci? Sentado, sozinho, num canto da sala, chorando porque se sentia abandonado. Uma criança sem amigos, que não conseguia dormir, que

PERIGOSAS NACIONAIS

não conseguia comer, porque perdeu a mãe e o pai simplesmente mandou um *foda-se* para ele.

Ouçó Gael me alertar, mas não consigo controlar a revolta.

— Felipe é um bom garoto. É ainda um bebê, você tem noção disso? Ele tem apenas três anos e, já nessa idade, tem que lutar contra o abandono, contra a solidão, contra a saudade. Tem que se proteger sozinho de pessoas que ele não gosta e tentar organizar naquela cabecinha que ainda está se formando o porquê ele é rejeitado!

Cuspo tudo para fora, tendo noção de que não falo somente de Felipe. A vida dele, do meu garotinho, é quase um reflexo da minha vida em sua idade. E, de jeito algum, eu quero que ele cresça com o mesmo sentimento ruim que eu cresci. Me sentindo um nada, tendo que esperar trinta e cinco anos para me ver sendo importante na vida de alguém.

Me pego nervoso, revoltado, mas, principalmente, emocionado. A voz chega a embargar, conforme eu continuo, parado no meio da sala:

— Você podia não ter muito a oferecer, mas eu tenho. Eu tenho...

PERIGOSAS ACHERON

Abaixo a cabeça, respirando fundo, enquanto um silêncio retumbante toma conta do local.

— Me deixa ver esses papéis aí...



— Vai dar tudo certo, Vicente... — Ouço Gael dizer, assim que o carro estaciona na vaga destinada aos visitantes. O caminho todo de volta foi feito em silêncio, porque eu simplesmente não consegui voltar ao normal depois dessa visita.

Tudo foi acertado para ser resolvido no decorrer da semana. Vamos buscar o homem e levá-lo até o Tabelião de Registro Civil, juntamente com algumas informações coletadas diretamente com Aparecida, que também está nos auxiliando. Temos a resolução a nosso favor, mas não é *tão* simples assim, precisaremos comprovar que não há coação e tampouco nenhum tipo de transação financeira.

Nesse ponto, eu compreendi Gael e sua preocupação com meu gênio impaciente. A vontade de socar o homem era grande, mas, mesmo que ele não fosse o sujeito mais alinhado da face da terra,

PERIGOSAS ACHERON

qualquer fio de cabelo fora do lugar nos comprometeria. Ainda que não fosse nesse sentido, ainda que ele apanhasse somente por ser um pai de merda.

Mas não é isso que me preocupa. Teremos que provar, também, que existe um relacionamento afetivo entre mim e o garoto e é essa parte que está me tirando o chão. Já não é algo fácil, levando em conta a proibição de contato que nos fora imposta, mas em todas as pesquisas que eu tenho feito a esse respeito, as relações informam “anos” de relacionamento. E, *porra*, eu não tenho sequer um mês de tempo, se juntar todas as horas que passamos juntos.

É nisso que Aparecida está envolvida. Junto com a assistente social do abrigo, ela tem se empenhado em documentar toda a interação entre os internos e a suposta família substituta. Temos provas de que Margot não é, de forma alguma, adequada para adotá-lo, mas eu não sei se temos o bastante para provar que *eu* sou.

E essa merda está me sufocando.

Para Gael, é algo simples, e com a aceitação do progenitor, isso está praticamente resolvido. Mas enquanto eu não estiver com o moleque nos

braços, o trazendo para casa, não estarei tranquilo.

Um cheiro delicioso de chocolate toma todo o ambiente quando abrimos a porta de casa, e sigo imediatamente para a cozinha. Consigo ver Malu, Babi e Bruno entretidos e bem sujos, preparando algo que eu, espero, termine comestível.

— Ei! — Malu solta a colher de pau com que mexia algo dentro de uma grande tigela plástica e vem ao meu encontro, o sorriso morre conforme ela me analisa. — *Tá* tudo bem?

— Vai ficar.

A enlaço, trazendo seu corpo para mais perto e, talvez, sabendo o seu poder sobre mim, ela ergue os braços, os cruzando em meu pescoço, em um abraço apertado. É curioso como uma pessoa tão pequena e compacta pode ser tão gigante. Quando ela está por perto, não existe angústia, tristeza ou solidão que predomine.

— Eu te amo... — ela sussurra, a respiração fazendo um carinho em meu pescoço.

— Ei, tio Vince — sinto minha camiseta ser puxada incessantemente e me viro, encontrando o par de olhos azuis mais curiosos que eu já vi na vida —, papai falou que você também tem raposas. Você leu o Pequeno Príncipe?

PERIGOSAS NACIONAIS

Desvio o olhar para Gael, que tem uma expressão zombeteira, me fazendo ter certeza de que a ideia do garoto me chamar foi dele, e me abaixo, ficando da altura de Bruno, dando-lhe atenção.

— Eu li, mas faz muito tempo. Mas as minhas raposinhas não são por causa do livro...

— Não? — O olhar de espanto é tão engraçado, que eu preciso me controlar para não rir.

— Não. É porque eu sou casado com uma raposa...

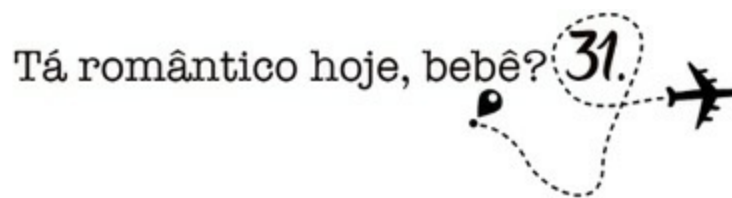
Eu quase posso enxergar as engrenagens de sua cabecinha trabalhando, tentando assimilar o que eu acabei de dizer. Lentamente ele olha para Malu, a medindo dos pés à cabeça, e cruzando os braços, se vira para mim novamente.

— Se tem preguiça de ler, é só dizer, tio Vince, não precisa contar mentira. É feio isso!

A gargalhada que se segue é estrondosa, deixando o garotinho ainda mais irritado. Pobrezinho.

PERIGOSAS ACHERON

Tá romântico hoje, bebê?



Vicente

Eu me lembro de quando eu era pequeno, e minha vó dizia que o meu nome do meio deveria ser impaciência. *Vicente Impaciência Avellar*, era como ela me chamava, sempre que eu me via sendo incapaz de esperar por qualquer coisa. Em minha defesa, eu estava sempre esperando. “Já vai, Vicente, tenha um pouco de paciência!”

Coisa mais irritante!

Não sei ter paciência, por mais irônico que possa parecer, afinal de contas, me enfiei em uma profissão em que paciência é algo vital. Me envolvi com uma mulher que ter paciência é questão de sanidade. Vou ser pai e paciência é algo lógico, afinal, temos que esperar nove meses. E acabei de falar com Gael, querendo saber mais detalhes sobre nossa ida amanhã ao Tabelião e ele me pediu exatamente o quê? Exato, paciência.

Cada vez que alguém me pede para ter paciência, eu me sinto como aquele garoto dos *memes* da internet, entortando a boca, botando a língua para fora e repetindo com voz fina: “*vici*

pricisi tir piciincii![\[10\]](#)”

Sabendo que paciência está em falta em meu estoque, Malu resolveu me animar hoje. Dona Márcia, mãe de Raquel, nos chamou para almoçar e, apesar de saber o endereço, nunca tinha ido até sua casa. Nos meses que fiquei separado de Malu, os convites eram infinitos, mas saber que estaria em um lugar tão importante para ela, era um pouco mais do que eu podia suportar no momento.

Descobri que generosidade é algo que Maria Luiza aprendeu com Paulo, marido de sua mãe e pai de coração. A casa onde Raquel vive com a mãe era anexa à residência da família Dantas. Tia Maria, avó de Raquel, era empregada da família e se mudou para essa casa com sua filha, assim que Paulo se casou e Marco nasceu. Depois de anos de serviço, ele desmembrou a casa e as presenteou.

Conforme Malu guia para o seu antigo bairro, me contando um pouco sobre a história deles, é impossível não fazer os paralelos entre esse ato e o que ela fez em Fonthill, ao doar a casa onde Eric vive para ele e sua irmã. O que eu achei estranho, a princípio, quando ela me contou, agora eu vejo como um movimento natural. Generoso, bondoso, fruto do coração enorme que ela foi

ensinada a ter.

Estacionamos em frente a um sobrado grande, com um imenso gramado lateral e uma placa de vende-se tomando praticamente a grade do portão inteira. Ouço Malu soltar um suspiro profundo e me viro a tempo de vê-la abaixar a cabeça por alguns segundos, antes de recolher o celular e colocar dentro da bolsa.

— Ei... o que foi? — Seguro seu queixo, fazendo com que ela me olhe.

— Nada de mais, é só que este lugar me emociona, sabe? Vivi nessa casa, aqui — aponta para a casa vazia, em frente onde estamos estacionados —, a minha infância e adolescência praticamente inteira. Mas foi nessa casa que meus pais faleceram, então, acaba sendo doloroso olhar para ela novamente.

Me inclino, roçando meu nariz no dela e deixando um beijo em seus lábios.

— Longe de mim querer ser o pobre homem de passado infeliz, mas pense pelo lado positivo, Foxy. Você tem memórias maravilhosas para recordar deste lugar. Tem as memórias tristes também, claro, mas se você fizer uma retrospectiva, as boas vão sempre se sobressair. Tenho certeza de

que se você olhar para esse gramado, vai se lembrar de um cachorro que tinha quando era pequena, correndo atrás de você e latindo, feliz.

Os lindos olhos então se desviam dos meus, por um instante, atravessando as grades vazadas, e posso ver um brilho diferente ali, como se uma lembrança a tivesse atingido. Isso acaba me motivando a continuar.

— Aposto como se olhar para cima, em uma dessas sacadas que eu claramente não sei qual era a sua, vai se lembrar de alguma travessura. Uma festinha do pijama com as amigas. Uma tarde gasta com seu livro favorito, sentada ali, somente para ler.

— A terceira... — Ela aponta, a voz trêmula, emocionada, e eu sigo com o olhar até onde ela mostra. — Papai reformou nosso quarto, meu e de Mônica, de tanto que reclamávamos que era injusto somente ele ter uma sacada com varanda. O meu quarto era menor que o dela e, por causa disso, ele fez uma sacada menor, mas eu me beneficiei das árvores que existiam no jardim aquela época.

— E fazia naquela sacada alguma das coisas que eu mencionei? — pergunto, em tom divertido,

e ela se volta em minha direção, risonha.

— Diria que a parte de travessuras era bem constante...

— Safada! — A puxo pela cintura, deixando um beijo em seu pescoço.

— O que mais você acha que eu me lembro?

— *Hmmm*, claramente um desafio! — Me afasto, olhando novamente para o imóvel, tentando imaginar, sobre o que ela me contava, um pouco da infância feliz que ela teve neste lugar.

— Lá atrás — aponto, seguindo o espaço além do gramado verde, onde podemos ver o teto do que acredito ser uma edícula —, deve ser a piscina, confere? — Ela afirma, risonha. — Aposto como deve se lembrar de todas as reuniões que foram feitas aqui, cheias de jovens, porque o que mais tinha nessa casa era irmão com um milhão de amigos fazendo festinhas nos finais de semana.

— Era lotado... — ela afirma, quando viu que eu esperava alguma confirmação.

— E as árvores — eu aponto para os troncos cortados que consigo visualizar —, eu tenho certeza de que você devia ser algum tipo de jabuticaba, pendurada nos galhos, junto com

Raquel, enlouquecendo as mães de ambas.

— Essa parte não vale, eu já te contei, inclusive, usando a expressão “jabuticaba”!

— Contou? Não contou nada, Foxy! Eu sou um exímio delegado, consigo ver tudo, analisando a cena...

— Consegue ver a Maria Luiza namoradeira, analisando a cena, também?

— Desagradável... — *Fecho a cara* e dou-lhe às costas, sem conseguir conter um sorriso, quando ela se aproxima, se desculpando e eu me viro novamente, somente para garantir que eu realmente não tinha ficado bravo. Maria Luiza só teve namorado traste, não seria agora que eu ficaria com ciúme.

— Obrigada, Vince... — Seu corpo se inclina em minha direção e eu a enlaço, acariciando seu rosto com os nós dos dedos da mão livre, e vendo uma miríade de sentimentos passando por seus olhos, enquanto ela me observa, em silêncio.

Eu deveria ter trazido aquela caixinha comigo...

Somos tirados de nossa bolha por Raquel, que bate no vidro e coloca as mãos na cintura, impaciente. Aciono o vidro elétrico, sorrindo, ao

vê-la bufar.

— O que tanto fazem aí dentro, à luz do dia? Não é possível...

— Oi, *pra* você também, Raquel.

Destravo a porta e abro, desembarcando do carro e sendo recepcionado por um abraço apertado.

— Bom te ver aqui, doutor.

— Bom ver que a senhorita andou aprendendo uma coisinha e outra com aquele babaca do seu namorado.

Seguimos devagar até o pequeno portão lateral, onde dona Márcia já nos espera com um sorriso enorme no rosto. A casa é simples, térrea, mas muito bonitinha. Tem uma pequena garagem em frente, e posso ver o carro de Samuel estacionado nela, tomando o espaço do carro da família.

— Ô, meu querido — sou recebido por um abraço apertado, que eu tento retribuir, ainda que meio sem jeito —, que bom te ver em pé novamente. Nunca mais assuste a gente desse jeito!

— Farei o meu melhor! — Passo por ela, e entro na pequena sala, onde encontro Samuel sentado no sofá, assistindo a um programa

culinário. Sorrio, totalmente empático à situação, afinal, se Malu me pedir para assistir a quinze horas de documentários sobre turismo, eu faço, com prazer, só para ficar ao lado dela.

— E aí, parceiro? — Ele se levanta, logo após dar pausa no vídeo, e me ajuda a chegar até o sofá, mesmo eu dizendo que não tem necessidade. Se nós dois já éramos próximos na época em que Malu foi embora do Brasil, depois de ele ter colaborado para salvar a minha vida, esse laço somente aumentou.

Passamos uma tarde agradável e consegui descobrir por que Samuel disse estar se empenhando a cada dia mais nos exercícios físicos. Raquel pode ser ótima com doces, mas sua mãe é imbatível com salgados, nos fez um almoço sensacional, que eu comi até ficar triste.

Acabo sabendo, entre as várias histórias que esse tipo de reunião desenterra, que Malu frequentava os bares onde seu pai, o escocês, tocava quando ela ainda era uma garotinha de doze anos. Ele a levava para vê-lo tocar, e ela ficava escondida embaixo do balcão do bar cada vez que aparecia alguém ameaçando denunciar o estabelecimento.

— Certa vez, Paulo ficou tão bravo com James, que saiu de casa a uma da manhã, com um taco de baseball no carro, e ficou esperando do lado de fora do bar. Quando viu Maria Luiza saindo de mãos dadas com o pai, desceu do carro e ameaçou quebrar as duas pernas do homem.

— E digamos que ele tinha muita coragem — Malu relembra, rindo. — Porque Paulo não era um sujeito alto, você pode ver pela diferença de altura entre Marco e Tony. E meu pai, além de muito alto, era muito... grande. Forte, barbudo, parecia um viking. Paulo ficou tão bravo por ele ter me segurado até de madrugada em um bar, que sequer pensou que poderia se dar mal.

— E ele se deu mal? — eu pergunto, curioso.

— Que nada! — Dona Márcia ri, alto. — O escocês só tinha tamanho, nunca vi mais bunda mole!

Malu não se cansa de falar de seu “segundo pai”, e de como ele foi perfeito em sua criação. Era incansável em fazer com que ela e Tony não sentissem nenhuma diferença na criação dos cinco filhos, e vejo que ela tem um carinho muito maior por ele do que pelo próprio pai biológico. E estando

aqui, ouvindo as histórias e a forma como tudo é contado, eu consegui entender o porquê.

E torço para que eu possa ser, um dia, lembrado dessa forma por meus filhos também.



A volta para casa é risonha e ansiosa, ao menos da minha parte. E ela percebe, porque nem bem passamos pela porta, ela já está me olhando, curiosa.

— Você sabe que é bem transparente, não sabe?

— Como assim? — Faço cena, procurando algo em meu corpo, e ela revira os olhos. Completamente certa, afinal, não consigo esconder nada dela por muito tempo.

— Não seja bobo. O que quer contar? E nem adianta negar, está desde cedo me enrolando, me olhando de canto de olho. Conte logo!

— Conto. Mas sente-se ali no sofá, preciso pegar algo no quarto.

Ela acena com a cabeça e eu adoraria ser esses caras que conseguem fazer sua mulher obedecer a todas as suas vontades, mas, com essa

PERIGOSAS ACHERON

aqui, é meio impossível. Conforme vou indo pra o quarto, ouço seus passos atrás de mim, me seguindo, e só consigo rir depois de berrar um “*me espera lá!*” e ela responder com um “*tá bom!*” e continuar me seguindo.

Abro a gaveta do criado-mudo e pego a pequena caixinha de veludo. Comprei esse anel na manhã em que acertamos a locação deste apartamento, não me contive ao passar em frente a uma joalheria e ver um solitário lindo de ouro branco com uma pedra de topázio que é, claramente, um réplica da cor dos olhos dela. Claro que, aquele dia, um pouco antes de sair de casa, eu tinha para mim que esperaria o tempo que fosse preciso para pedi-la em casamento, mas não custava nada esperar com o anel comprado.

Seguro a caixinha e me viro, encarando Malu sentada em nossa cama, curiosa, e custo a acreditar na sorte que eu tenho. Puxo o ar, nervoso, querendo que tudo saia perfeito.

— Você nunca me escuta. — Ela sorri, e meneia a cabeça, negando. — E deve ser por isso que eu te amo tanto. Porque você me desafia, me leva ao limite, não me deixa nunca estacionar. Fico sempre tentando buscar o melhor que eu tenho para

te oferecer, ser sempre a melhor versão de mim.

Sua expressão entrega que ela não tem a menor ideia do que está acontecendo. Já me mediu dos pés à cabeça, já tentou ver o que eu tenho nas mãos, e agora está ali, sentadinha como eu pedi, esperando eu terminar. Analiso minha perna, mexendo um pouco para ver se rola ficar de joelhos e... bem, melhor evitar cenas constrangedoras. Me aproximo e sento-me ao seu lado na cama.

— Quando eu te conheci, eu era um bosta sem eira e nem beira. Só um cara sozinho, procurando justiça, sem saber o que era ser amado e ter carinho. — Ela acaricia meu rosto, negando com a cabeça, mas sorri. — E então você chegou e bagunçou tudo. Tirou tudo do lugar, todas as minhas convicções e as minhas certezas. Me deu amor, me deu uma casa, me deu um futuro, me deu uma família... — Acaricio sua barriga, pensando em nosso tiquinho de gente ali dentro.

— *Tá romântico hoje, bebê?*

— Não atrapalha — sorrio —, porque eu não sou bom nisso. Eu não ia te falar nada tão cedo, Malu. Eu planejava uma viagem a dois, ou uma outra maluquice qualquer, um pano de fundo melhor do que o nosso quarto. Como se existisse,

neste mundo, um lugar melhor que a nossa cama, mas enfim, não era assim que eu planejava. Mas eu quase morri. E eu lembro que naquela loucura toda a última coisa que veio em minha mente foi o seu rosto. Desde que eu te conheci o meu primeiro pensamento, e o meu último, são teus. Eu nunca tive dúvidas de nada disso, mas depois de tudo o que aconteceu, eu tenho pressa.

Abro a caixinha e mostro a ela o anel que comprei, e seus olhos, que estavam marejando, deixam soltar as primeiras lágrimas ao fitar a joia.

— Vince...

— Eu te amo, Foxy. Você é a minha vida. Casa comigo, pequena? — Ela puxa o ar, respirando fundo, e novamente tenho seus olhos presos aos meus. Ficamos um tempo assim, perdidos um no outro, quando ela sorri e se levanta, vindo sentar-se em meu colo.

— Eu já te falei que *pra* você é sempre sim.



Malu

Sim! Sim! Sim! Eu quero sair gritando como uma adolescente bobona, mal acreditando em

minha sorte. O homem da minha vida me pediu em casamento!

— Sempre sim? — Seus olhos brilham e eu preciso tomar cuidado com a empolgação, para não o machucar.

— Sempre. Você é o amor da minha vida, Vince. — Vejo seus olhos encherem de lágrimas, e ele aumenta o aperto em minha cintura.

— E você o da minha.

Sua boca vem ao encontro da minha, me devorando. Suas mãos passam a deslizar pelo meu corpo, me fazendo arrepiar. Desde que ele saiu do hospital, não tínhamos ficado tão íntimos, a casa sempre estava cheia ou eu tinha medo de machucá-lo, mas seu cheiro é entorpecedor, eu estou tão feliz que mal consigo raciocinar direito.

— Eu vou te machucar — constato, com preocupação.

— Não vai. Preciso de você, Malu. Preciso sentir você, estou com saudade, não aguento mais isso — ele fala, com o rosto encostado na base do meu pescoço, sua voz rouca já fazendo loucuras comigo por antecipação.

As mãos sorrateiramente se embrenham por baixo da minha blusa, alcançando os seios por cima

do sutiã, iniciando uma massagem tão dolorosa quanto entorpecedora. Sinto seus dedos apertarem meus mamilos, me fazendo gemer de tanta saudade, enquanto ele suga deliciosamente meu queixo.

— Eu te amo, Vince.

— Não mais que eu, Foxy... — Seu olhar é quente, e se fixa em meus lábios, como se me desafiasse a sair dessa ligação invisível que nos toma a cada vez que nos olhamos, e corresse para lhe tomar um beijo. E, eu confesso, posso adorar seu olhar, principalmente quando estamos nos amando e ele está escurecido e focado, mas não dispenso um beijo desse homem por nada.

Sua língua penetra minha boca, em um já conhecido baile sensual, sinto sua ereção pulsando sobre mim, tirando todo o meu discernimento, enquanto suas mãos percorrem meu corpo. Vicente segura minha cabeça com firmeza, não permitindo que eu me afaste, enquanto com a mão livre faz um caminho erótico, saindo dos meus seios, descendo pela lateral de minha cintura e caminhando por meu ventre, até alcançar o meio de minhas pernas, me fazendo ofegar.

— Mais de um mês sem sentir você, Foxy. Já estava me dando tremedeira, tal qual aqueles

viciados, sabe? — A mão invade minha calcinha, e ele geme rouco ao notar que eu já estou molhada.

— Estava em abstinência? — sussurro, e ele mordisca o lóbulo de minha orelha.

— Sim, um caso grave de abstinência.

Nossas roupas vão sendo abandonadas, e eu aproveito para matar a saudade de cada canto de seu corpo. Beijando seu tórax, seu maxilar, sentindo sua pele arrepiar conforme minhas mãos o apalpam, o ouvindo gemer meu nome e me deixando louca.

O ajudante se senta encostado na cabeceira da cama, e me sento por cima dele, apoiando meu peso nos joelhos. Dispensando totalmente as preliminares, o ajudante enquanto ele me preenche, e seus olhos não escapam dos meus. Suas mãos espalmam minha bunda, com firmeza, e eu começo a me movimentar sobre ele, a princípio lentamente, mas logo estou entorpecida, envolvida em uma névoa de prazer, sem conseguir pensar direito. Agarrada a seu corpo, não querendo nunca mais sair daqui.

— Malu, desculpa, eu... eu não estou aguentando mais — ele me diz, puxando o cabelo em minha nuca, mas sou incapaz de responder.

Nossos gemidos se misturam, sinto meu corpo inteiro tremer e logo estou entregue a um orgasmo intenso, sendo seguida por ele.

Deito minha cabeça em seu ombro e continuamos enlaçados em um abraço apertado, como se o mundo fosse acabar neste momento e eu precisasse dele grudado em mim. Levanto meus olhos, ainda com a respiração descompassada, e o vejo me observando, risonho, um ar de menino lindo que me enche de amor.

— O que foi agora?

— Vai casar comigo. Vai ser minha *pra* sempre.

— Não vou, não — falo séria, e ele junta as sobrancelhas, curioso. — Não tem nenhum anel aqui no meu dedo, olha. — Levanto a mão, balançando os dedos.

— Ah, isso... desculpa, é que eu estava muito entretido contando sardinhas aqui e ali — ele vai falando, e deixando beijos em meus ombros, já me aquecendo de novo. Se estica na cama, tateando até encontrar a caixinha, e abre, tirando o anel de dentro.

Sei que ele disse que tinha pensado em outro cenário para isso — e eu, honestamente,

sequer pensava que seria necessário um anel, uma cerimônia, um contrato. Ele é meu, eu sou dele, isso sempre foi o que me bastou. Mas vê-lo agora, sentado comigo nua em seu colo, suado e lindo pós-orgasmo, segurando um anel de brilhantes para colocar em meu dedo, é muito mais do que eu poderia esperar. Sendo muito sincera, nenhum cenário no mundo bateria esse.

— Dá esse dedinho aqui... — Estico a ele minha mão direita e ele escorrega o anel por meu dedo, me fazendo sorrir ao ver que a medida é exata. — Pronto. Voltando...

— Já sou sua *pra* sempre, seu bobo. Desde aquele primeiro olhar, não precisava nem de anel.

— Claro que precisa! Anel *e* aliança, não quero saber de nenhum urubu vindo ciscar em meu terreiro.

— Quer botar um cinto de castidade também? — Ele para, olha para cima torcendo a boca, fazendo uma gracinha e depois volta a me olhar risonho.

— Sabe onde vende?

— Posso pesquisar, mas se você perder a chave, já sabe...

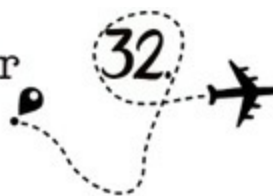
— É, deixa *pra* lá. Aliança larga deve

PERIGOSAS NACIONAIS

servir.

PERIGOSAS ACHERON

Assine aqui, por favor



Vicente

A noite segue insone, como é de se esperar. Me reviro na cama, levanto incontáveis vezes, tentando fazer o mínimo de barulho possível para não despertar Maria Luiza, obviamente sem sucesso. Todos os meus fantasmas batendo à porta, incessantemente.

Dará certo no cartório? Dará certo no abrigo? Dará certo na vida?

O medo de não ser um bom pai me sufoca. Claro que eu sei, de cor e salteado, tudo o que é necessário para fazer uma criança feliz. Basta eu fazer com ele exatamente o contrário do que fizeram comigo, e estará tudo perfeito. Mas... sou eu capaz de fazer isso?

Que exagero, Vicente, Malu está grávida e você não surtou!

Espera só a hora do parto, engraçadinha.

Ergo o rosto, sentindo a brisa noturna que entra pela porta da sacada e olho, mais uma vez, para o relógio de parede. Cinco e quarenta e três, passaram apenas quatro minutos da última vez que

eu olhei as horas. Daqui a pouco chega domingo, mas o relógio não vai marcar oito e meia, que é o horário que combinei com Gael de passar para me buscar.

— Gostoso — me viro, e vejo Malu vestida em uma camisola branca, longa e decotada. Sorrio ao me lembrar de que ela não estava vestida assim quando eu saí do quarto —, vem *pra* cama, vem?

— É dessa forma que você trata um sujeito convalescente? — pergunto, me aproximando devagar, e a enlaço pela cintura. — Que maravilha de tratamento, meu pai!

— Do que você está falando? — Sorri, fingindo um ar inocente e quase posso ver um rabinho pontudo saindo por baixo do tecido transparente.

— Não me lembro de você estar usando isso quando eu saí do quarto...

— Esse anel — ela ergue a mão direita, mexendo os dedos — tem propriedades mágicas. Você nem acredita, eu bati a mão no lado vazio da cama e, de repente, estava vestida assim! Mas, tudo bem — ela dá de ombros e faz menção de se virar —, eu tiro...

— Quem vai tirar isso sou eu.

— Oh, não! — Poderia rir ao ver sua expressão engraçada, os olhos arregalados e a mão espalmada em frente a boca que forma um O um tanto indecente, mas seguro o riso. E ela percebe que conseguiu o que queria, porque dá um passo atrás. E mais outro. E outro. Todos sendo seguidos por mim, até que estamos em nossa cama.

Essa mulher me conhece como ninguém. Sabe que basta um abraço dela para diminuir as minhas loucuras, da mesma forma como sabe que hoje, particularmente, um abraço não irá me ajudar.

Um pelo par de seios sardentos, no entanto...

Me perco um pouco em seu corpo, conseguindo me desligar de todas as preocupações que me afligem por um tempo. O café da manhã, porém, é feito em silêncio. Mal consigo mastigar, o alimento formando um bolo em minha garganta, impossível de engolir, tamanho nervosismo me acomete.

— Vai dar tudo certo, amor... — ela me garante, ao mesmo tempo que o interfone toca, anunciando que Gael chegou.

Desta vez, ela irá conosco, os nossos planos são sair do cartório direto para o abrigo e nada

neste mundo seguraria essa ruiva em casa. Me levanto, respirando fundo e pegando a carteira com documentos e saímos em direção ao elevador.

Gael veio em seu carro, me fazendo sorrir ao ver que ele trocou a lata velha com a qual andava antes, por um carro “de pai”, um modelo sedã quatro portas um tanto quanto espaçoso. Provavelmente o meu sorriso entrega o que estou pensando, porque ele rola os olhos, antes de indicar a porta, impaciente.

Em cima do banco, uma pasta de elástico, um tanto grossa, está cheia de papéis e com um envelope de cor parda por cima. Seguro a pasta e me viro, em um questionamento mudo.

— Aparecida vai estar lá no cartório, falei com ela há pouco — ele começa, acelerando o carro, prestando atenção na pista. — E vai servir de testemunha para o relacionamento que você tem com o garoto. Nessa pasta existem alguns documentos necessários que levantei sobre você e Maria Luiza. Antecedentes, profissão, tudo o que eu acho necessário para mostrar ao tabelião.

Solto o elástico da pasta, e vejo algumas fotos impressas. Reconheço todas elas, são de visitas que fizemos a Felipe no abrigo e ergo uma

delas em particular, mostrando à Malu, que está sentada atrás de nós, ao lado da cadeirinha instalada no banco. Nossa primeira visita, o nosso jogo de futebol, devidamente documentado.

Isso me causa um frisson desmedido, e posso ver que nela acontece o mesmo. Os olhos brilham, trocando entre a foto e meu rosto, um sorriso — ainda que nervoso — enorme no rosto.

— Quando essas fotos foram tiradas?

— Aparecida documenta tudo, felizmente. Cada visita que as crianças recebem, de potenciais famílias substitutas, ela tem esse cuidado. Temos vídeos também, que foram feitos, para controle interno mas esses estão com ela.

— Ela tem vídeos dele com aquela... família?

— Tem, Malu. Confie em mim, vai dar tudo certo.

Não muito tempo depois estacionamos em frente ao cartório civil, o coração dispara no peito ao ver o homem parado, na calçada, ao lado de Ana Paula, a advogada que trabalha junto com ele nesse caso. Durante o trajeto Gael explicou que conseguiu uma colocação para Juvenal no depósito onde ele trabalhava, chegando, inclusive, a fazer

piada sobre o lugar, visto que o proprietário chama Joaquim e o outro funcionário chama João.

3 Jotas Materiais de Construção.

Poderia rir, se meu coração não parecesse que vai sair pela boca.

— Delegado... — O homem estica a mão, segurando a minha com firmeza, e eu cumprimento Ana Paula e Aparecida. Gael se junta a nós minutos depois, alertando que o Tabelião está à nossa espera.

A sorte está lançada.



Malu

Cinquenta minutos. Cinquenta intermináveis minutos que eu intercalo entre me levantar, sentar-me novamente, ir até o balcão de atendimento, esticando o pescoço para o corredor por onde a *comitiva* desapareceu tempos atrás. Checo o celular, checo o relógio e... nada acontece.

Um barulho na porta e, de repente, vejo Aparecida se aproximar, lentamente. O olhar incerto me procura, fazendo meu coração falhar uma batida. Chego a apertar os dedos, tão forte que

PERIGOSAS ACHERON

eles estralam.

— Onde estão os outros?

— Ainda perdidos entre mil burocracias. Uma assistente social está acompanhando todo o processo, esse tabelião é deveras certinho.

Balanço a cabeça, mil questionamentos que tenho até medo de fazer, aquele aperto no peito que não cede em momento algum, temendo que algo possa dar errado. Gael estava tão confiante que eu, estupidamente, pensei que seria algo rápido, mas essa espera está minando a minha segurança.

— Queria ter entrado com eles... — murmuro, dizendo para mim mesma, não esperando dela nenhuma palavra reconfortante.

— Compreendeu o ponto de vista do advogado? — ela pergunta, e eu aceno, confirmando.

A advogada que está acompanhando o processo acha que a minha presença pode atrapalhar, pelo fato de eu ser estrangeira e ter moradia em outro país. Muitas pessoas ainda encaram o fato de um estrangeiro tentando adotar uma criança brasileira como um fator negativo — e, enquanto isso, milhares de crianças ficam nos abrigos, esperando a morosidade da justiça. Enfim,

ela realmente acredita que o processo pode ser dificultado se eu estiver presente.

Compreender eu compreendo, mas não é algo fácil de engolir. Tampouco Vicente ficou feliz, principalmente quando disseram que, tudo dando certo, a certidão sairá daqui sem o meu nome nela.

Estico os dedos, os olhos fixos no anel, usando isso para diminuir um pouco a angústia.

— Vai dar tudo certo, Maria Luiza... — ela afirma, novamente, e viro o pescoço em sua direção, notando o sorriso vacilante.

— Obrigada pela dedicação, Aparecida. Acho que nunca te agradei, você sempre nos apoiou, desde o primeiro dia.

— A culpa, por muitas vezes, nos leva a tentar fazer a coisa certa, ainda que tardia.

A afirmação, em tom de desabafo, me chama a atenção. E, talvez temendo cortar qualquer coisa que ela tem a dizer, fico em silêncio, esperando por mais.

— Eu perdi um filho, anos atrás. Ele tinha a idade de Felipe. Fui desatenta, estava cansada, era mãe solteira, sabe? Me peguei ocupada em mil obrigações domésticas, lavando roupa, limpando a casa, preparando o jantar. Não notei o silêncio, tão

incomum quando temos criança pequena. Já ouviu aquele velho ditado: “*o silêncio é sagrado, menos quando se tem filhos*”?

Uma pausa na narrativa, que para outros poderia ser para carregar o drama, mas aqui foi somente uma forma de conter a dor, que ela ainda sente, posso ver.

— Meu menino caiu dentro de um balde com água, que eu tinha deixado destampado perto ao tanque. Como ele era pequeno, e o balde estava cheio, não conseguiu sair. E eu não vi. Notei algum tempo depois, uns dez minutos, talvez, mas já era tarde.

Aperto sua mão, sem fôlego ao imaginar a dor que ela sentiu, e a culpa que carrega por causa disso. Sem conseguir dizer nenhuma palavra que possa trazer a ela algum conforto.

— Por isso, eu decidi trabalhar com crianças. Não era a minha intenção trabalhar em orfanatos, mas, uma vez que eu comecei, nunca mais quis parar. De certa forma, eu sempre esperava ter uma conexão especial com alguma criança, sabe? Eu nunca mais tive filhos desde que o meu Pedro se foi. Então, quando uma das funcionárias do abrigo comentou sobre Felipe, eu

sugeri que convencesse o pai a entregá-lo.

Meus olhos se expandiram na hora, surpresa.

— Ela comentou sobre a situação precária que o menino vivia, a falta de amor, de atenção, a morte da mãe... eu achava que o garoto poderia ter algo melhor. Que *eu* poderia dar-lhe algo melhor. Mas não foi assim que aconteceu, aquele garotinho não parava de chorar, ele... — Uma lágrima desce pelo rosto, e ela seca rapidamente, como se não quisesse que ninguém a visse chorar. — Ele não me quis, não como sua mãe. Eu conversei com Mirtes, pensando que devolver o menino ao pai seria o ideal, mas ela se recusou.

— Ela achou que ele poderia ser adotado... — menciono, ao ver que ela parou o relato por um tempo, querendo ouvir até o final.

— Eu sempre acreditei em adoção pelo coração. Eu acredito que exista aquela ligação sobrenatural entre as pessoas, que as ligam. Por isso, algumas crianças são até desejadas, mas a adoção acaba não acontecendo... falta essa “ligação”, entende? Não é nada científico — ela se apressa em esclarecer, como se alguém a tivesse julgando por isso. — É algo meu, pessoal. Uma

crença minha, que foi mais uma vez confirmada quando vocês apareceram aquela manhã.

Somos levados, mais uma vez, àquela manhã de domingo, em que um garotinho muito triste mal queria comer e aceitou a mão que Vicente lhe estendia, mudando para sempre o nosso futuro.

— Ali eu vi que vocês eram a família que ele precisava. Vocês brincavam, e eu conseguia ver um futuro lindo, bem ali. Por isso chamei você quando não compareceram na outra semana, e o menino adoeceu de saudade.

— E, ainda assim, Mirtes não enxergava o mesmo.

— Eu não conseguia compreender. Até que compreendi, e mais uma vez senti culpa, porque eu fui uma das responsáveis por ela estar ali, na administração. Nos conhecíamos há muito tempo, eu a achava competente, fui seu cabo eleitoral. A considerava minha amiga, sabe? Mas não poderia permitir que isso continuasse, não conseguiria ver o que o futuro reservava àquele garoto, sem tomar nenhuma atitude.

— Foi você quem procurou Gael? Digo... depois que fui impedida de voltar lá?

— Felizmente ele me achou. Eu não saberia

onde procurar, e você tinha tanto com o que lidar, eu estava realmente preocupada que você pudesse perder o seu bebê.

— O que ela fez de tão grave? — eu pergunto, mas não consigo ouvir a resposta, porque logo vejo uma movimentação no corredor e Vicente passa pela porta, de cabeça baixa.

Me levanto, imediatamente, sem conseguir sair do lugar. Temerosa que uma negativa nos tenha sido dada, insegura, assustada... e certa de que, neste caso, eu não teria outra atitude a tomar a não ser invadir aquele lugar e tirar o garoto de lá, à força.

Já consigo até fazer toda a imagem mental da cena, socos e pontapés sendo distribuídos, enquanto eu tento chegar até meu garotinho, quando Vicente ergue a cabeça, me buscando com o olhar. E quando nos conectamos, um sorriso vitorioso desponta em seus lábios.



Vicente

— O senhor tem certeza de que é isso o que quer? — A pergunta é feita diretamente a Juvenal,

depois de tudo ter sido explicado, exposto, debatido. Fotos e vídeos mostrados, depoimentos dados, documentos entregues. Minutos arrastados de algo que uma explicação simples bastaria: Felipe me escolheu.

— É o melhor para o garoto.

— Doutor Avellar, o senhor sabe que esse é somente o passo inicial, não sabe?

— Estou ciente de todos os trâmites — confirmo, sem suportar mais um segundo desse suspense.

Ana Maria me alertou que essa saída encontrada me permite ter os mesmos direitos que Juvenal, como pai de Felipe. E que, mais adiante, eu posso entrar com um pedido em juízo para incluir Maria Luiza na declaração de filiação socioafetiva, ou pleitear por uma adoção unilateral. Eu aceito tudo, mesmo querendo que tudo se resolva de imediato eu aceito o que for para tirar meu garoto daquele lugar e o levar embora comigo.

— Assine aqui, por favor... — O papel me é entregue, e minha mão treme tanto que mal consigo segurar direito. Sem conseguir conter um sorriso irônico ao ver o nome de Helena Ferraz na linha que indica os “avós do reconhecido” e lembrar o

rompante de Maria Luiza dizendo a ela que encheria nossa casa de filhos adotivos.

Cinco intermináveis minutos depois, uma nova certidão me é entregue e eu instantaneamente olho para o papel colorido em minhas mãos. O coração acelerado, a garganta formando um bolo, a vista embaçada ao ler Felipe Miranda, filho de Juvenal Miranda, Maria Rosa Miranda e Vicente Avellar. O papel treme tanto em minhas mãos que ler o que vem escrito nele se torna quase uma missão impossível.

— Acho que posso dizer que essa foi a melhor gambiarra que fiz em minha vida! — O tom animado de Gael em minhas costas não consegue me tirar do torpor, e sigo para fora da sala sem ver muita coisa ao meu redor, fixado naquele papel em minhas mãos.

Ergo o rosto, querendo dividir isso com ela e a vejo em pé, parada no meio da recepção. Abro um sorriso, o maior que consigo e ela vem correndo ao meu encontro, sem nem se importar onde estamos ou se o rompante é apropriado. E eu, honestamente, também não dou a mínima.

Abro os braços e a recebo, um abraço apertado, firme, definitivo. Ela treme tanto em

meus braços que a sensação é que ela partirá ao meio e, por isso, eu me afasto um pouco, somente para capturar seu olhar.

— Vamos buscar nosso garoto?



Fico surpreso ao estacionar o carro em frente ao abrigo e ver uma viatura da PF estacionada do lado de fora. Os vidros escuros não me deixam ver quem está ali dentro, ou se tem alguém ali dentro, no final das contas. Desembarco, e logo Maria Luiza está ao meu lado, uma sacola de papel nas mãos, tão nervosa quanto eu.

Gael segue até o portão entreaberto e para, olhando para trás, talvez tentando entender o porquê eu não estou o acompanhando. A verdade é que nem eu sei, eu simplesmente estou tão nervoso que não consigo me mover.

— No seu tempo, fera... — ele provoca, apontando mais uma vez para o portão, e eu o sigo, logo após respirar fundo. Malu aperta minha mão e trocamos um olhar, encorajador, conforme nos aproximávamos da administração.

O local está silencioso, talvez por ser

PERIGOSAS ACHERON

próximo ao almoço, o fato é que eu nunca tinha visto este lugar tão calmo. Sequer funcionários estão ao redor, e isso é uma novidade.

— Espere aqui, por favor... — Gael pede, antes de bater na porta e ser convidado a entrar. — Boa tarde. Meu nome é Gael Prieto e sou advogado de Vicente Avellar...

A porta é deixada entreaberta, de propósito, eu imagino, e não consigo deixar de sorrir ao lembrar quando esse insuportável apareceu em minha frente com essa mesma banca de superior. O mesmo sorriso de quem sabe que está chegando para foder a sua vida, e, felizmente, eu agora o tenho a meu favor.

Ficamos do lado de fora, ouvindo a conversa com um certo deleite.

— Ah... não consigo entender o porquê doutor Vicente enviaria um advogado até aqui.

— Viemos buscar o menor Felipe Miranda. Tenho aqui uma certidão que dá a Vicente Avellar poderes paternos sobre o garoto e... — Ouço o barulho de uma cadeira se afastando, ao mesmo tempo que os saltos da mulher batem, apressados, no chão de granito.

— Impossível! Me deixe ver esse papel!

— Claro. Só fique ciente que essa é uma cópia, ainda que autenticada. A original está em posse do pai.

— Esse papel não tem nenhuma validade.

— Aí é que a senhora se engana. O Conselho Nacional de Justiça autorizou esse tipo de reconhecimento, talvez a senhora não saiba porque é muito recente, mas, ainda assim, é válido.

A porta se abre em um rompante e logo a mulher está à nossa frente. Sinto o aperto de Malu em minha mão aumentar e instintivamente me viro para observá-la. Altiva, o queixo erguido, só faltando rosnar quando vê a mulher à sua frente.

— Doutor Avellar, veja só, esse...

— Traga o meu filho, agora Mirtes. — Malu dá um passo à frente, fazendo a mulher se calar. — Agora, ou eu não respondo por mim.

— Vocês não entendem. Procedimentos foram feitos e a esse ponto é impossível voltar atrás.

— Você gastou o dinheiro que foi pago pelo garoto, Mirtes? — Gael pergunta, ao mesmo tempo que estica a ela um papel — Porque, veja bem, você será indiciada por corrupção, tráfico de influência e alguns outros crimes. Quantas crianças

você vendeu, nos diga?

— Vocês não entendem...

Gael bombardeia a mulher com perguntas e posso ver o movimento ao redor da administração aumentar. Funcionários se aproximam de nós, aquela roda de curiosos trocando cochichos, alguns tentando entender o que está acontecendo, enquanto outros parecem saber que é uma questão de tempo até ter alguém esfregando um papel em sua fuça.

E eu me seguro para não apertar o pescoço dessa mulher, tudo fazendo sentido agora. Ela nunca facilitou o processo para nós, inclusive, nos indicando o caminho mais longo do processo, porque ela tinha *vendido* Felipe àquela família nojenta.

Todo aquele falatório, a mulher tentando se explicar, aquele burburinho todo foi me tirando o chão porque, de repente, a ideia de ele não estar mais aqui foi tomando forma dentro de mim.

“Procedimentos foram feitos e é impossível voltar atrás.”

— Onde está o meu filho, Mirtes? — Dois passos largos e já estou encarando a mulher, quase a encurralando na parede, o pouco controle se esvaindo. — Me diga, cadê o meu filho?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vicente, se acalma... — Gael me segura pelo ombro, sinto o aperto de Malu em minha mão, todo mundo tentando evitar uma catástrofe que está prestes a acontecer.

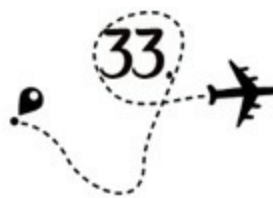
— Eu vou me acalmar quando estiver indo embora daqui com meu filho. Onde ele está? — grito, a todo pulmão.

— Tio Vince? — A voz fraca e chorosa chega até mim e, quando me viro, vejo Felipe nos braços de Diana. E, conforme ela o coloca no chão e ele vem até mim, ainda que em passinhos vacilantes, tudo parece ter voltado ao seu lugar.

— Ei, carinha...

PERIGOSAS ACHERON

O federalzinho



Malu

Eu estou prestes a soltar a mão de Vicente e correr escadaria acima, batendo em todas as portas possíveis até encontrar Felipe, depois da insinuação de Mirtes que alguma coisa irreversível foi feita. O pavor de ele não estar aqui me tomando por completo, mesmo Aparecida não tendo nos dito absolutamente nada, enquanto estávamos no cartório.

Não o fiz porque, bem, sabe como é... não seria a mesma coisa levar o garoto para casa, se Vicente estivesse atrás das grades. Por isso, seguro em sua mão, enquanto ele, à beira do descontrole, encurrala a mulher na parede, desesperado gritando por notícias de nosso garoto.

Nosso garoto.

Quando a vizinha dele se sobressai no meio de toda a gritaria, é como um bálsamo em meio à loucura. No colo de Diana — e não, não me perguntem, porque eu também não entendi — ele tem os olhos arregalados, não sei se assustado pelo rompante que vê em Vicente ou pela surpresa em

nos ver aqui novamente.

— Ei, carinha... — Vince se abaixa, esticando a mão que Felipe toma, incerto. — Tudo bem?

Um soluço, magoado, e o choro vem, com força. Vicente sequer hesita, tomando Felipe nos braços, o apertando firme e se levantando com ele.

— Pronto, acabou. Não chora mais, acabou.

É lindo ver Vicente, com aquele tamanho todo, abraçando Felipe com tanto cuidado, como se ele fosse quebrar, ao mesmo tempo que tenta lhe passar com um abraço toda a segurança que a criança precisa neste momento. Colocando a mão sobre sua cabeça, ele o faz deitar em seu ombro e o menino se aconchega, os bracinhos lhe envolvendo o pescoço, o choro diminuindo conforme o acalanto aumenta.

Eu? Mal consigo respirar, emocionada. Apertando a sacola com as roupas que separei com carinho — e um toque de surpresa — contra o peito, vendo os agora dois homens da minha vida se conectando, se recebendo.

Vicente abaixa a cabeça, e fala alguma coisa para Felipe, baixinho, que eu não consigo ouvir. O menino rapidamente balança a cabeça,

concordando com qualquer coisa que Vince tenha lhe dito, e sendo colocado no chão vem correndo ao meu encontro, rindo solto, nem parecendo o menininho chorão e retraído de minutos atrás.

— *Iti*, como você está lindo! — Aperto-o em um abraço apertado e encho a bochecha ainda molhada de beijos estalados, o fazendo gargalhar. — Que saudade de você, pequenino!

— Também. A tia Cida falou que você também ficou *dodói*.

Busco Aparecida com o olhar, e um sorriso de agradecimento aparece, assim que a encontro.

— Fiquei, muito, muito, muito, muito *dodói* de saudade, mas agora acabou. Eu trouxe uma roupa bem linda nessa sacola aqui, vamos lá vestir?

Sequer espero sua resposta, que vem de qualquer jeito, e me viro em direção à escada, mas um burburinho que se inicia entre os funcionários me faz parar e olhar para trás, a tempo de ver Heloisa, a delegada que está substituindo Bruno, aparecer no corredor. Simpática, ela cumprimenta quase todos, e ordena a Diana que acompanhe Mirtes até a viatura.

Fico confusa, buscando Vicente que mantém a pose de durão, os braços cruzados ao

lado de Gael, enquanto a mulher, que reclama e ameaça a todos, é conduzida para fora do recinto.

— Nós descobrimos que essa mulher estava agindo já há algum tempo, utilizando o abrigo para vender crianças que eram entregues aqui sob o cuidado do Estado — Heloisa se vira, explicando a situação para os funcionários que se aglomeram no pequeno corredor. — As crianças chegavam até este abrigo, mas não eram inseridas no sistema, pois dessa forma as negociações eram feitas com mais facilidade.

A delegada continua contando que a denúncia chegou até ela através de Gael, que foi pedir ajuda para encontrar o pai do garoto. Estranhando o fato de que Felipe ainda não constava no sistema de adoção, o que era totalmente fora dos padrões, e indicava que, portanto, a mulher teria outros planos para ele que não uma adoção padrão.

O valor recebido por cada criança “vendida” era dividido entre ela, uma das assistentes sociais que trabalhava no abrigo e um juiz, responsável pela documentação da adoção e emissão das autorizações para novas certidões. A “adoção” de Felipe só não tinha sido finalizada

porque o menino detestava o casal que havia pagado por ele, e Mirtes estava contando que o mantendo um tempo afastado de nós, melhoraria o seu humor, e não levantaria suspeitas.

— E você sabia disso tudo e não falou nada *pra* nós por que, italiano de uma figa?

— Queira garantir a emoção... — Gael dá de ombros. — Mas também garantir que não fizessem nenhum movimento que indicasse a eles que estávamos no caminho certo. Se eu digo a você, ou a ela — com um movimento de cabeça ele aponta para mim — que Mirtes estava vendendo Felipe, eu não daria dez minutos para vocês invadirem este lugar e levarem o garoto embora, sem esse papel aqui que lhe dá plenos direitos de fazer isso.

— O advogado claramente conhece seu cliente... — Heloísa zomba e, após cumprimentar a todos, se despede dizendo que tem muito trabalho pela frente.

— Vamos trocar a roupinha? — pergunto a Felipe, que concorda, e seguimos até o quarto, acompanhados por Aparecida.

— Me desculpe, Maria Luiza. Eu realmente não sabia que ela era assim, quando sugeri que

PERIGOSAS NACIONAIS

trouxessem o garoto para cá. Como eu te disse...

— Não tenho o que te desculpar, Aparecida. Por sua causa, ele está indo *pra* casa comigo hoje.

Paro no corredor, em frente à mulher. Simpática, a senhora baixinha de olhos puxados e cabelos descoloridos carrega consigo uma dor que eu sequer posso imaginar como deve ser pesada. Desajeitada, com Felipe em um braço e a sacola no outro eu a puxo para um abraço, que parece fazer com que ela solte o ar, aliviada.

— Eu espero que você consiga se libertar dessa culpa, Aparecida. Compreendo o seu sentimento, mesmo não tendo noção do que você sente aí dentro, mas tente se perdoar.

Se ela tem algo a dizer, não consegue. Apenas respira fundo, e indica a porta do quarto onde Felipe dormia, nos deixando sozinhos minutos depois.

Eu detesto este lugar. A impessoalidade dele, por mais que elas se esforçassem para que transmitisse algum carinho, não passa de quatro paredes com móveis dispersos, sem calor, sem emoção. Imaginar que meu garotinho ficou esse tempo todo aqui, à mercê de pessoas sem escrúpulos, enche meu peito de raiva.

PERIGOSAS ACHERON

Suspiro, porque esse não é um sentimento que eu deva ter hoje. Não hoje, não agora.

— Sente-se aqui. — O coloco na cama, olhando para o conjuntinho de moletom surrado que ele veste, e passando os dedos pelos fios lisos que estão caindo pela testa, necessitando de um corte. — Eu trouxe uma roupa muito linda, e você vai ficar igualzinho Vicente. Quer ver?

Felipe me lança um olhar curioso e fica de joelhos na caminha, esticando o pescoço para olhar dentro da sacolinha. Eu já tinha planejado esse dia com uma certa antecedência, logo que saímos daqui, decididos a adotá-lo, semanas atrás. A sacolinha está pronta há dias, só aguardando este momento e meu estômago, neste instante, está em ebulição, tamanha ansiedade que eu sinto em imaginar a cara de Vince ao vê-lo vestido assim.

Eu sempre fui uma boa tia, lidar com crianças é um enorme prazer. Sou a tia que os sobrinhos escolhem para fazer farra, levar ao shopping, ocupar a casa aos finais de semana, ser babá. Por isso, escolher a roupinha dele, e acertar o tamanho, não foi lá uma tarefa difícil. Ao terminar de dar o laço nos tênis, pretos como o restante da roupa, o coloco em pé sobre a cama, sem conseguir

conter um sorriso.

Meu federalzinho.

Encomendei pela internet uma camiseta réplica do uniforme de Vicente, preta e escrito nas costas, em amarelo, “Polícia Federal”. Uma calça comprida preta e tênis básico, estilo botinha, completam o visual.

— *Tá* bonito... — ele diz, os bracinhos abertos, esticados, enquanto ele tenta se olhar mesmo sem ter um espelho por perto.

— Está sim, muito gato. — Passo os dedos pelo cabelo, ajeitando a franjinha, e o pego no colo. — Agora, vamos.

— Aonde a gente vai, tia?

— Vamos embora. — Sinto quando a respiração dele fica suspensa, afinal, mais de uma vez ele nos viu sair por aquela porta e não voltar. Faço o meu melhor para capturar sua atenção, segurando seu rostinho e lhe dando um sorriso. — E hoje você vai com a gente.

— Eu vou?

— Vai. — Sigo com ele no colo, sequer me importo em pegar a sacola de volta, apenas apanhando seu burrinho de pelúcia que tinha ficado jogado, e desço as escadas que levam ao andar

inferior. O burburinho perto da sala da administração ainda está mantido, mas o falatório vai diminuindo conforme eu me aproximo do grupo. Os olhos fixos no meu menino grande que acompanha meus movimentos, com um sorriso no rosto.

Sorriso que é substituído por um maior quando eu viro meu corpo, girando um pouco, somente o suficiente para deixar Felipe de costas para ele, mostrando a inscrição na parte de trás da camiseta.

Eu posso até ter ouvido um “*aaaaaawwww*” enquanto sou abraçada por Vicente, não sei. A única coisa mesmo que eu tenho certeza de ter ouvido é sua declaração, apaixonada.

— Eu amo vocês.



Vicente

Quando Malu sai com Felipe, seguindo para o andar superior, eu ainda estou tremendo de nervoso. Conforme a adrenalina vai baixando, o entendimento de que estivemos há passos de perder

PERIGOSAS ACHERON

Felipe para sempre me toma e o meu corpo não está respondendo muito bem a isso.

— Você estava monitorando esses *filhos da puta*, Gael? — pergunto, sem olhar para ele, ainda irritado por não ter me dito nada.

— Sim. Por isso Diana já estava aqui quando chegamos, eu havia alertado a delegada que hoje seria o “dia D” e ela deixou a agente de prontidão, para evitar qualquer surpresa desagradável.

— Devia ter me contado, Gael...

— Olha *pra* mim. — Respiro fundo e me viro, o ar risonho já não existe mais. — Acredite, Vicente, eu entendo tudo o que você está pensando. Esqueceu que eu fui o cara que viajou até o Rio de Janeiro, escondido da polícia, para trazer meu filho de volta?

— Por isso mesmo, *porra*...

— Eu não posso te dizer que eu faria diferente hoje. Pelo bem-estar do Bruno, eu faço o que for preciso, e *sei* que você também faria pelo seu moleque. Mas eu não sou idiota, Vicente, e te conheço pouco, porém, o bastante para saber que você viria aqui, de muleta e tudo, e arrancaria o menino daqui. E sequer posso garantir que o

pescoço da Mirtes ficaria intacto...

Me viro para o lado oposto, tentando manter a pose de durão, sem conseguir conter o sorriso que surge ao me imaginar torcendo o pescoço daquela galinha velha. Mulherzinha mau-caráter...

— O que eu fiz, Vicente, foi para garantir que vocês não tivessem nenhum empecilho em ter o garoto para sempre. Ainda teremos algumas batalhas, dessa vez para tirar o nome de Juvenal da certidão dele, mas... era necessário.

— Obrigado.

Ainda tenho tempo de vê-lo dar de ombros, como se não tivesse feito nada de mais, mas com uma expressão orgulhosa no rosto, antes de se virar e começar a conversar com os funcionários do abrigo. Mirtes será, obviamente, afastada do cargo e outra pessoa será escolhida para administrar o local, ou então as crianças vão ser transferidas para outra entidade. É de partir o coração, sinceramente, porque eles já estão acostumados com aquele ambiente e será mais uma mudança brusca na vida dos pequenos.

Um barulho no corredor chama minha atenção e então vejo Malu se aproximando com Felipe nos braços. Sorrio ao vê-lo vestido todo de

preto, contrastando com a pele branquinha, cujas bochechas vermelhas estão ainda mais evidentes. Sorrindo de volta, ela para um pouco adiante e vira o corpo, sem desviar o olhar, chamando minha atenção para a inscrição em amarelo atrás da camisetinha.

A mente viaja, anos atrás, quando eu estava vivendo ainda com Júlio e ele me anunciou que estava noivo. Um jeito educado que ele arrumou para me dizer que eu teria que arrumar minhas coisas e procurar outro canto para viver, sabe como é. Eu já namorava Natália, obviamente não era nada sério, mas todas as pessoas que eu conhecia me diziam que “casar e ter filhos era o novo preto”. Júlio estava entre essas pessoas, ele queria muito ser pai e quando eu perguntei o porquê, a resposta foi simples.

— *Quero me ver em um garotinho. Passar alguma coisa boa adiante. Ser um exemplo, sabe?*

Eu não sabia. Eu não tinha ideia, nem mesmo quando, estupidamente, coloquei um anel no dedo de Natália, somente visando filhos. Nem mesmo aquela época eu sabia, mas agora, olhando esse menino vestido de uniforme, no colo da mulher que eu amo, aquela frase passa a fazer todo

PERIGOSAS NACIONAIS

o sentido do mundo.

Me aproximo deles, sabendo que agora o meu abraço terá que caber mais gente. E cabe, sem sombra de dúvidas, cabe... entre meus braços agora eu tenho todo o meu mundo.

— Eu amo vocês.



Eu não tenho muita experiência com crianças, aliás posso garantir que tive zero contato com elas. Sem muitos amigos, sem parentes próximos, eu nunca fui o irmão, o tio, o primo, o... nada, eu não era nada. E quando Gael estacionou o carro em frente ao condomínio, eu já estava em estado de semipânico, pensando que eu não conseguiria suprir qualquer coisa que o garoto precisasse de mim.

Malu é uma santa, devo dizer. Nunca vi pessoa com tamanha paciência. Entramos pelo portão do condomínio de mãos dadas, Felipe segurando a minha esquerda e Malu a minha direita, com força, me lembrando o tempo todo de que ela estava ali e eu não ia fazer nada disso sozinho.

PERIGOSAS ACHERON

E Felipe vinha alheio a todo o meu desespero. Os olhos curiosos observando tudo ao redor, brincando com o cachorro de um dos vizinhos, correndo para a entrada da quadra de futebol, fazendo cara feia para o chafariz brega, maravilhado com a “caixa que anda” — comumente conhecida como elevador — até chegar em nosso apartamento.

Pacientemente Malu foi mostrando a ele cada parte da casa, e nisso eu acabei percebendo que Felipe era a criança mais fácil da face da terra. Atencioso, obediente, ele seguia ouvindo tudo o que ela dizia, encantado com a sua nova realidade.

— *Esses brinquedos são meus?*

— *Sim — Malu explica, colocando o burrinho de pelúcia dentro do baú de madeira repleto de brinquedos diversos —, mas tem que deixar tudo arrumadinho quando não estiver brincando, tá?*

— *E essa cama grande é minha?*

— *Também é sua... tudo o que tem aqui dentro é seu.*

— *E você vai dormir aqui, tio Vince?*

— *O meu quarto é esse aqui da frente — aponto para a porta —, bem pertinho do seu.*

— Ah...

Vendo que ele ficou descontente com a novidade, afinal de contas, em sua antiga casa ele dormia na cama dos pais e no abrigo ele não tinha um quarto só para ele, me aproximo, sentando-me ao seu lado.

— *Você não precisa ter medo de ficar sozinho nunca mais, Felipe. Eu e a Malu vamos estar sempre aqui, se você tiver medo é só chamar.*

— *Não vão embora?*

— *Nunca mais...*

Percebi, naqueles poucos minutinhos de conversa, que nossas partidas o havia marcado demais e que ele precisava confiar em nós, acreditar que estaríamos aqui quando ele acordasse. E tentamos lhe mostrar isso... durante as refeições, ou no banho. Ou até mesmo naqueles minutos gastos em frente à televisão em que ele brigava com o sono, já de pijama, empoleirado em meu colo, a mãozinha grudada na minha camiseta como se isso me impedisse de ir embora.

E isso já faz horas. A casa está em silêncio, Malu dorme ao meu lado, pegou no sono há pouco, exausta pelo dia cheio, e meu sono não vem. Alerta, sem ter a menor ideia do porquê.

Repassando o dia desde a madrugada passada em que eu estava aqui, insone, exatamente como agora.

Sim, eu sei. Dormir seria excelente!

Um som, de repente, chama a minha atenção. Fraquinho, quase imperceptível, como se fosse um miado de gato ou algo parecido. Devagar, me levanto e sigo para fora do quarto, parando ao lado da porta de Felipe e então eu consigo identificar melhor o som. Um choro, sentido, abafado pelo travesseiro, cuja respiração parecia vir do fundo do peito.

Devagar, para não o assustar, entro no quarto e vejo o pequenino deitado de bruços, o rosto afundado no travesseiro, tentando chorar escondido. A luz noturna que Laura arrumou para clarear o quarto fazendo pouca diferença, então, eu somente toco o interruptor, clareando o ambiente e chamando sua atenção que, como sempre, limpa o rosto, tentando disfarçar o choro.

— Está triste? — pergunto, me sentando ao seu lado.

— Não. Estava escuro...

— Tem medo de escuro? — eu pergunto, e ele não responde de imediato. Talvez pensando que, se passar por forte, possa ter um pouco mais

PERIGOSAS NACIONAIS

de valor. Sei bem como é isso porque eu era exatamente igual.

Me levanto, indo até o armário lateral, onde várias coisas que compramos para ele continuam encaixotadas. Uma delas em particular bem escondida, um abajur que achei muito engraçadinho, mas que, ao voltar para casa e ver o quarto decorado, achei que não combinaria.

Tiro da caixinha, um bonequinho com fone de ouvidos em cima de um skate, a lâmpada forma a cabeça do boneco que, quando acesa, mostra uma carinha muito engraçada. Foi inevitável comprar quando o vi aceso na loja e, acredito eu, vai chamar a atenção dele.

— Olha isso aqui, o que você acha?
— Mostro a ele, chamando sua atenção.

— Carrinho! — Ele aponta para a rodinha, e eu confirmo, batendo o dedo na rodinha, a fazendo girar.

— Ele acende, quer ver?

Me sento ao seu lado na cama, arrumando um espacinho no criado-mudo. Conecto os fios e ligo o botão, fazendo a cabeça do boneco se acender e, automaticamente, a expressão risonha desenhada na lâmpada tomar forma.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele ri! — Felipe aponta o dedinho direto na boca do boneco, rindo junto.

— Vou te mostrar outra coisa, espera aí...
— Levando e sigo até a porta, desligando a luz do quarto. Como esperado, a claridade vinda do abajur é maior, deixando o local menos escuro. Volto até a cama, e me sento ao seu lado. — Gostou?

— Sim, é bonito.

— Vamos dormir?

— Não precisa. *Tá* bom assim.

Sorrio, balançando a cabeça, enquanto ele puxa a pontinha da meia, ainda encabulado, até que uma simples pergunta parece captar sua atenção.

— E se eu dormir aqui com você hoje?

— Aqui? Na cama? — Balanço a cabeça, confirmando, e isso parece tê-lo animado porque rapidamente ele se deita na beiradinha da cama, me deixando um espaço enorme ao seu lado.

— Tem muito colchão aqui, chega mais perto antes que você caia... — Me deito, o trazendo para mais perto. — Assim está bom?

Sorrato, ele se aconchega, deitando-se em meu peito, grudando as mãozinhas na camiseta e suspirando fundo, aliviado.

— Não vai embora?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nunca vou embora. Agora dorme, que está tarde.

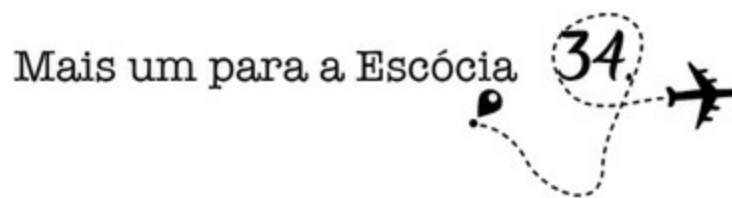
Não demora muito sua respiração fica cadenciada, enquanto eu gasto meu tempo prestando atenção em cada detalhezinho do seu rosto. Uma risada melodiosa, vindo da porta, acaba chamando minha atenção. Me viro para ver Malu parada, os braços cruzados, nos observando.

— Perdi o marido... — ela sussurra e eu apenas ergo o lençol, um convite mudo que ela não demora a aceitar.

E assim, em uma cama de solteiro, num quarto de criança, acabo pegando no sono, em uma das melhores noites da minha vida.

PERIGOSAS ACHERON

Mais um para a Escócia



Malu

Desligo o forno, depois de checar o relógio e garantir que a sexta fornada de cookie está pronta. Esfrego o pescoço, dolorido, e fecho os olhos por meio segundo, tentando descansar. Ainda perdida entre todos os afazeres que preciso preparar para a reunião de hoje à noite.

Completo uma semana que Felipe está em casa conosco, e agora que as coisas acalmaram um pouco, resolvemos fazer uma pequena reunião. Nada muito grande ou trabalhoso, mas se levarmos em conta que todos os meus planos para o final do ano foram frustrados, eu ainda fico nervosa somente ao pensar em organizar alguma coisa.

Estico o pescoço, buscando Felipe que está sentado no tapete da sala, os olhos vidrados em um desenho na TV, que é, inclusive, muito popular no Reino Unido. Conta a história de uma ferrovia onde vários meios de transportes falantes narram suas aventuras.

Vicente e eu pensamos que Felipe teria problemas aqui em casa. Um ambiente novo, uma

rotina diferente, várias coisas desconhecidas para ele poderiam lhe causar estranheza. Mas, talvez, acordar nos vendo deitados em sua cama e perceber, dia após dia, que não vamos mais o deixar sozinho, pode tê-lo convencido de que ele está seguro conosco.

— Tia Malu... — ele me chama, e eu coloco a assadeira em cima da pia, indo em sua direção em seguida. — O tio Vince vai demorar *pra* chegar?

Eu vou lhe dizer, tenho sorte de não ser ciumenta. Não muito. Um pouco só. Enfim. O que eu quero dizer é que Felipe tem um chamego tão desenfreado por Vicente que, se eu fosse ciumenta, estaria muito mal.

— Daqui a pouco ele chega. Tio Vince tinha umas coisas a resolver, mas ele volta antes de ficar escuro, tudo bem?

Vicente foi chamado na delegacia, ainda que seja um sábado e ele esteja de licença. Em uma de suas milhares de mensagens entediadas, me disse que foi convidado a visitar uma psicóloga, mas que o convite não era declinável.

Ele pensa que eu não noto suas noites insones. Desde que tudo aconteceu, ele se mexe mais do que o necessário, levanta a noite inteira e,

por muitas vezes, eu acordo pela manhã e o vejo já sentado na varanda, lendo um livro qualquer. Mesmo eu odiando que seu superintendente esteja tentando fazê-lo voltar à ativa, compreendo ser muito importante que ele tenha algum tipo de acompanhamento.

O toque da campainha me faz suspirar fundo, Babi se ofereceu para vir mais cedo e me ajudar, e trazer Bruno junto com ela. Para Felipe será muito bom ter um amigo mais ou menos da mesma idade para brincar, principalmente enquanto as aulas não se iniciam.

Assim que abro a porta, o garoto furacão se adianta, me abraçando pelas pernas, simpático toda a vida.

— Tia raposa, tudo bem? Adorei o convite, muito obrigado.

Rir com o “*tia raposa*” é inevitável.

— Eu estou ótima, e você? — Me abaixo, dando um beijo estalado em sua bochecha, que fica vermelha imediatamente.

— Estou bem. Papai disse que você agora tem um filhinho?

Aponto para a sala, onde Felipe está parado em pé, muito calado, observando os visitantes.

— Aquele ali é o Felipe. Vem aqui, bebê, conhecer seu amiguinho?

Enquanto ele se aproxima, ainda um tanto reticente, eu me viro para cumprimentar Babi com um abraço apertado, e logo noto o loiro alto, sorridente e muito bonito atrás dela, me deixando um tanto quanto confusa.

— Espero não atrapalhar... — ele estica a mão, sorridente —... muito prazer, eu sou o Pedro. Ou Pepê, chame como preferir.

— Claro que não atrapalha, entrem... fiquem à vontade. — Recebo Babi com um abraço apertado, e me viro para Pedro, após me lembrar do que tinha acontecido com ele. — Espero que esteja recuperado.

Pedro tinha sido responsável pela *fuga* de Babi, quando ela tentava se esconder do grego maluco, e acabou levando um tiro no processo.

— Não adianta que não vou dizer que estou pronto *pra* outra... — Ele ri e segue até a sala, onde as crianças parecem trocar suas impressões sobre o programa na televisão.

Bárbara, falante como sempre, segue até o balcão da cozinha onde deposita uma sacola que tem em mãos, tirando alguns vidros de dentro e os

dispondo sobre a pia.

— Eu avisei o Pê que viria até aqui com o Bruno e ele quis vir junto, é bom que teremos alguém para ficar de olho nos meninos. É ruim porque teremos mais uma criança para tomar conta...

— Não tem problema... — Me aproximo, pegando os vidros de compota para ler os rótulos, me sentindo salivar por conta dos doces.

— A esposa do segurança do colégio sempre me envia esses doces, mesmo eu não trabalhando mais lá — ela explica. — Ela faz para vender, são deliciosos.

Passamos a nos organizar, e confesso que Bárbara não é muito versátil na cozinha, apesar de experiente. Ela conta que anda tendo aulas de culinária com a mãe de Gael, mas que, ainda assim, ela faz somente o trivial.

— Eu aprendi muito com a mãe da Raquel — completo, enquanto abro os armários, buscando o restante dos ingredientes, quando me lembro de que não comprei o que precisava.

— O que foi? — Babi pergunta, e eu me viro um tanto desesperada, explicando que faltam alguns ingredientes e eu preciso sair para buscar. —

Não tem problema, o Pedro fica com os meninos, não fica, Pê?

— Pode ir tranquila, sou uma excelente babá!

Sem muita alternativa, calço um sapato e saio com Bárbara até o supermercado próximo ao condomínio. O que foi excelente, porque no processo acabo enchendo o carrinho com outras opções de petiscos e saímos carregadas, cada uma com três sacolas cada.

— Malu, devo dizer que encontrei minha alma gêmea. Gael vive reclamando que, quando eu vou ao mercado, nunca compro somente o que preciso.

— Nesse ponto, Vicente é pior que eu. Te garanto que teríamos que comprar uma daquelas sacolas retornáveis somente para colocar tudo o que ele acha que precisa ter na despensa, ainda que ele não coma nada do que compra.

Estamos chegando, animadas, tagarelando pelo saguão, quando avistamos Gael e Vicente esperando o elevador. Babi até tenta fazer uma brincadeira, chegando despercebida, mas com Vicente é impossível. Nem bem pisamos no local, ele se vira em minha direção, sorrindo abertamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ei, tudo bem? Aonde foram?

— Comprar ingredientes. — Levanto a sacola, me adiantando para entrar no elevador que chegou, já vazio.

— E quem ficou com os meninos? — Gael pergunta, assustado.

— O Pedro... ele veio comigo.

— *Pepê?* Não tem juízo, neném?

Rolo os olhos, lembrando do ciúme que ele sente da namorada, e subimos os andares rindo das provocações de Vicente, que Gael rebate firmemente, dizendo que só se preocupa porque deixamos três crianças sozinhas em casa.

— Deixa de ser exagerado, Gael... — exclamo, enquanto a porta do elevador se abre, e ouvimos um som alto e estridente vindo de dentro do nosso apartamento.

Abro a porta, e fico parada ao encontrar Pedro dançando, animado, inventando coreografias com Bruno e Felipe no meio da sala.

Baby shark, doo-doo-doo-doo-doo... Baby shark, doo-doo-doo-doo-doo



PERIGOSAS ACHERON

— Eles não tiveram infância, esse é o problema! — Pedro justifica em meio às gargalhadas dos demais, conforme Vicente conta como encontramos o trio ao voltar da rua.

Sentada na sala, de olho nos pequenos, eu sorrio, satisfeita que, ao menos, desta vez, tudo deu certo. No tapete, assistindo a um desenho com Felipe, estão Bruno e Lincoln, e eu confesso que adoro imaginar uma amizade futura entre os três. Laura e Carolina não se cansam de preparar petiscos e eu já começo a me perguntar como elas têm esse corpo maravilhoso, se não param de comer. Samuca, Sara e Raquel parecem decidir o destino das próximas férias. Enquanto isso, do lado de fora, Vicente, Vítor, Murilo, Rodrigo, Marco, Gael e Pedro estão em uma disputa acirrada sobre quem é o mais idiota.

Se me perguntar quem está vencendo, eu honestamente não saberei responder.

Já Babi, saiu há pouco, em silêncio, dizendo ter alguém na portaria — o que eu estranhei.

— Beba. — Laura aparece com um copo de suco em minha frente, e eu aproveito para convidá-la a se sentar ao meu lado. Apontando para os meninos, bato meu ombro no dela, sorrindo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Precisa de uma menina nessa turminha, você não acha?

— Deve ter uma menina aí dentro... — ela retruca.

— Não tem. Eu tenho certeza que é outro garoto. Precisamos de uma menina, Laura.

— Não tenho nada a ver com isso.

Ao contrário de mim, Laura não tem a menor pressa em ser mãe. E tampouco tem as mesmas preocupações que eu tinha, vive bradando que está cheia de quarentona por aí tendo filho e que, por isso, não precisa ter pressa.

Ouvimos a porta de entrada se abrir e Babi chega, acompanhada de uma moça, muito bonita e... muito mal-humorada. Correndo os olhos pelo local, só sorri quando Bruno nota sua presença e se levanta correndo para recepcioná-la.

— Tia Jordie! Você veio! — Pegando o garoto no colo, ela o beija, mas logo está olhando mais uma vez para Babi.

— Vim, claro que vim, apesar de ter sido convidada, mas não terem me esperado.

— Pensei que viria com Gael, Jordie... eu já te expliquei. Agora para de cena que você está passando vergonha. Essa é Malu, a dona da casa.

PERIGOSAS ACHERON

— Muito prazer... Jordie, certo?

— Jordie Prieto. Sou irmã do Gael.

O seu tom um pouco mais alto — de propósito, imagino — chama a atenção dos rapazes e logo todos estão na sala, seguindo Gael que parece um pouco confuso sobre o que sua irmã está fazendo aqui.

— Ei, Jô, tudo bem?

— Fiquei te esperando em casa, você disse que passaria para me buscar...

— Ah, é... — Gael olha ao redor, e eu, a essa altura, tenho certeza que a moça acabou sendo esquecida. — Desculpe. Eu me enrolei.

— Deve ter se enrolado mesmo, tanto que sua namorada veio de carona com Pedro.

— Sabia que ia sobrar *pra* mim... — Pedro resmunga, balançando a cabeça, e sai pisando duro até a cozinha, chamando por Carol. — Tem mais petisco aí, loira?

Foi um movimento inocente. Ao menos me pareceu, ele somente queria sair de perto, e usou a cozinha como a área de escape mais próxima. Mas isso parece ter liberado algum tipo de demônio interno na mulher que, de repente, está berrando no meio da minha sala, o chamando de cínico,

aproveitador e outros adjetivos não muito elegantes.

Chocada, eu encaro Vicente, sem saber como agir. Pegando as crianças pelas mãos, os levo até o quarto de Felipe, espalhando os brinquedos pelo espaço, tentando distraí-los. Todos eles parecem um tanto assustados com o rompante, principalmente Bruno, que tem os olhos marejados e toda hora espia pela porta, tentando entender que diabos aconteceu ali.

— Quem quer mais suco? — eu pergunto, e todos se levantam, me fazendo lamentar a estratégia. — Então, vamos fazer o seguinte. Vocês ficam sentados quietinhos, enquanto a tia vai até a cozinha buscar, tudo bem?

Sussurros no corredor, no entanto, me fazem paralisar na porta.

— *Me solta!*

— *Pra quê? Você solta é um perigo, gata brava...*

— *Você é muito atrevido. Quem você pensa que é para...*

— *Cala a boquinha, por favor. Ninguém aguenta mais ouvir você berrar.*

Espera... esse é Murilo? E isso são... beijos?

E... ai, meu Deus, isso foi um tapa?

— *Se você gosta de tapas, eu posso te ensinar a apanhar direito. O que acha, hein?* — Um grunhido um pouco mais alto, e logo ele está rosnando novamente. — *Não te deixei falar. Você já falou demais, Jordie.*

— *Não fale assim comigo...*

— *Então, não seja desagradável e mal educada. Você não está na sua casa.*

— *Chega, Murilo...* — A voz de Vicente soa alta e eu aproveito para abrir a porta. Ainda posso ver Jordie saindo correndo, enquanto Murilo ri, um tanto satisfeito.

— Você agarrou a menina?

— Só calei a boca dela. E ainda levei um *tapão*.

— Que babaquice, Murilão...

— Ela é chata, Vicente. Onde já se viu, dar *piti pra cima* da sua cunhada?

— Ela brigou com Laura? — pergunto, aturdida.

— Com a Carol. Fui obrigado a tirar a marrenta de lá, antes que ela agredisse a loira fisicamente.

— Cunhada? — pergunto a Vicente, e ele

dá de ombros.

Seguindo para a sala, vejo que a confusão acabou com a leveza da reunião. Babi está arrumando a bolsa para ir embora. Samuca levou Raquel para a casa de Rodrigo, junto com Sara, para evitar que algum *estapeamento* coletivo acontecesse. Vítor se ofereceu para levar Carol em casa e Marco tenta consolar um irritadiço Pepê.

— Sempre assim. Sempre esse inferno...
— ele murmura, o rosto vermelho feito um pimentão.

— Não conheço vocês — Marco diz, calmamente —, mas me pareceu uma baita crise de ciúme.

— O tempo de ter essas crises passou. Acabou. Não quero mais saber disso.

— Pedro... — sento-me ao seu lado, notando seu nervosismo —... se acalma.

— Estou cansado, Malu. Fui trouxa por muito tempo, mas cansei. E, veja... não posso sequer fazer parte de uma reunião de novos amigos que ela já aparece, estragando tudo.

— Conversa com ela...

— Não quero. Eu cansei, sério mesmo. Vou dar um tempo, sabe? Viajar, espairecer.

— Quer ir com a gente, Pê? — Babi aparece, com Bruno nos braços, e ele nega.

— Não se preocupe, estou de carro. Fica em paz, Babi, eu tô bem.

E pensar que há uma hora eu estava comemorando que tudo tinha dado certo. Eu sinceramente estou começando a acreditar que Vicente tem mesmo um urubu de estimação, porque não é possível.

Pedro acaba me contando um pouco de sua história quase-romântica com Jordie. Quase, porque foi um romance em que um amou sozinho a vida inteira, até que se cansou. Penalizada, não me resta muito depois dessa confusão toda a não ser oferecer a ele um período de férias em Fonthill, tal qual eu havia feito com Gael.

Mas confesso que fiquei com pena também da garota. É sempre muito fácil reclamar da mocinha “*xiliquenta*” e *barraqueira*, sem saber exatamente o que se passa na cabeça dela. Sei bem como funciona isso porque, por anos, eu fui muito julgada também. Claro que eu não era a barraqueira, mas era a tonta que tudo aceitava, que perdoava a todos, sem reclamar. No final das contas, os extremos são sempre criticados mas,

quem para e tenta nos entender? Ninguém.

Não é muito educado chegar na casa de pessoas que você não conhece arrumando confusão. Como também não foi elegante deixar a menina esperando em casa. O sentimento de não ser importante é doloroso, machuca. Chega a ser cruel.

Olho a bagunça ao redor, e suspiro. Todo mundo foi embora e, para mim, restou a bagunça. E, sinceramente, nem ferrando eu vou limpar isso hoje, ainda mais sem ajuda. Não, nada disso. Sou mãe, estou gestante, cansada e trabalhei o dia inteiro. Chega.

Entro no banheiro, me despindo em segundos, e ligo a torneira, recebendo o jato da ducha direto nas costas. Nunca falei a vocês que uma das partes favoritas do nosso apartamento é essa ducha espetacular. Confesso que cheguei a tirar fotos porque vou querer instalar uma dessas em Fonthill, nem que seja apenas uma em meu mirrado banheiro.

— Tem lugar para mais um? — Vicente pergunta, abrindo a porta do box e entrando, claro, sem esperar resposta. Afinal de contas, quando ele esperou?

— Felipe dormiu?

— Já estava desmaiado, quando eu entrei no quarto. Você sabe, enquanto ficava ali consolando o alemão e o convidando para uma temporada em Fonthill.

Contendo a vontade de rir, me viro para ele, olhando para cima. Corpo tenso, semblante fechado, e aquele pulsar no maxilar confirma o tom sério da conversa.

— Está com ciúme do Pep... do Pedro?

— Alemão demais, Foxy...

— Exatamente, gostoso. Falta uma certa *morenice* que eu amo...

Os dedos se embrenham em meus cabelos, rente à nuca, mantendo-me firme na posição, olhando para ele.

— Eu tento ser um cara tranquilo, Foxy. Juro mesmo. Mas meu estômago se torce toda vez que alguém tem sua atenção e o seu cuidado.

— Eu sou sua, Vince. — Enlaço sua cintura, sem desviar os olhos, mas notando o peito molhado subir e descer ao acompanhar uma respiração um pouco mais profunda. — Você não precisa ter ciúme de ninguém, porque eu não sei mais respirar sem você.

Com um movimento brusco, ele me ergue

PERIGOSAS NACIONAIS

do chão, me segurando pela bunda, e me prensa na parede, empurrando seu corpo contra o meu. Envolver sua cintura com minhas pernas, enquanto sua boca toma a minha em um beijo possessivo, urgente.

Uma estocada, firme, e ele me penetra. Assim, sem preliminares, tomando o que é dele como se precisasse dessa confirmação. Minhas mãos se firmam em seus ombros, quando ele quebra o beijo e eu mantenho meus olhos nos dele, me dando com a mesma fome com que ele me toma.

Louco. Intenso.

O barulho de nossos corpos se amando, os nossos gemidos, sua boca buscando meu seio, os dedos firmes afundados em minha carne, enquanto o movimento enlouquecedor de vai e vem nubla meu juízo e me toma por inteiro. Não demora muito um orgasmo me toma, e eu me agarro a seu corpo, chamando seu nome. E ele apoia a mão na parede quando explode dentro de mim, gemendo tão gostoso que eu poderia gozar novamente só com esse som.

— Amo você, Foxy...

— Também amo você, *moreno*.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Vendo tudo desmoronar



Vicente

O Carnaval está chegando e eu confesso que nunca tinha visto a cidade tão movimentada e voltada à essa festa popular quanto este ano. A decoração do shopping está toda temática, o que faz Felipe ficar encantado com o colorido alegre e descontraído das lojas, saindo tagarelando pelos corredores, apontando para todo canto.

Malu, no entanto, parece cansada. Anda irritadiça, exausta, e um tanto triste desde que descobriu que tem problemas de pressão arterial. Felizmente são só mais três meses e então teremos dois garotinhos nos rodeando.

Honestamente? Eu mal posso esperar.

Me aproximo por trás, ouvindo Felipe, de mãos dadas com sua mãe, comentar sobre algo que está olhando na vitrine, e a enlaço pela cintura, firmando as mãos em sua barriga já volumosa.

— Que tanto de conversa é essa?
— pergunto, risonho.

— Felipe está falando sobre sua *profissão futura*, novamente...

O tom usado não é animador. É quase acusatório, se vale a observação. O problema é que Maria Luiza anda bem chateada com o fato de eu não ter me afastado da polícia, como prometi fazer, e ainda aceitei um cargo mais alto, logo que voltei de minha licença. Pensei em nosso futuro, claro, o salário é excelente e eu tenho estabilidade, preciso levar em conta que sou pai de duas crianças e que, se depender de mim, as coisas não vão parar por aí.

Ela não gostou, mas a coisa meio que desandou quando levei Felipe até a delegacia, e ele se encantou com tudo e com todos. Saiu de lá dizendo que vai policial quando crescer, igual a seu pai, e que vai prender todos os bandidos do mundo todo. Quase um argumento *vicentesco*, tirando a parte mórbida que me levou à polícia.

— Ele só tem três anos, Foxy. Daqui a pouco ele arruma outra profissão para se encantar. Não é, garotão?

Ergo o moleque nos braços, o jogando para cima, e ele ri alto.

— De novo! De novo, papai! — ele pede e eu, totalmente rendido, faço o que ele me pede, o jogando ainda mais alto.

— Gosta de uma bagunça, *né*? — pergunto,

e ele balança a cabeça em concordância.

— Estou cansada. Vamos embora? Está muito cheio aqui, eu não gosto de multidão.

Suspiro, e concordo, tentando evitar outra discussão. Esqueci de comentar sobre isso também, aparentemente a nossa lua de mel acabou há uns dois meses, no mínimo. Agora tudo o que eu faço parece errado, de alguma forma.

— Está com fome? Podemos ir almoçar naquele restaurante ali da avenida, o que acha?

Malu se vira em minha direção, séria. Me encarando com os olhos lindos que, já há alguns dias, não vejo mais brilhar para mim. Um aperto no peito me tomando, temendo que, de alguma forma, eu a esteja perdendo. Eu não sei, honestamente, se funcionaria sem isso. Sem ela. Engulo a seco e estico a mão livre, a segurando pela cintura. Quase implorando que baixe a guarda, que me compreenda ao menos um pouquinho. Porque, talvez, se ela tentar me entender, verá que tudo o que eu faço é por ela. Por eles.

Por favor, Foxy. Por favor, por favor...

— Vamos. Você gosta da comida de lá, não é? — Ela sorri pela primeira vez no dia, e isso acaba sendo responsável por um suspiro aliviado,

que sai sem controle do meu peito.

— Gosto. E eles servem aquele risoto que você adora.

Ela se aproxima, tentando se aconchegar em meus braços. Um tanto desajeitada, porque de um lado Felipe parece um bicho preguiça agarrado ao tronco de uma árvore e, do outro, sua barriga volumosa ocupa mais espaço do que deveria. Ainda assim, eu a aperto contra mim, encostando os lábios no topo de sua cabeça, deixando um beijo demorado.

— Eu te amo, Foxy.

— Também te amo, Vince. Me perdoa, eu ando um tanto chata. Não estou sabendo lidar com os hormônios, eu acho.

— O que é *homônio*, tia Malu?

— É uma coisa que eu estou muito confusa agora para poder te explicar. — Ela sorri, mas vejo que não alcança os olhos. Isso acontece todas as vezes que Felipe a chama de “*tia*”, eu sei que isso mexe com ela.

Com menos de um mês vivendo conosco, Felipe passou a me chamar de papai. Assim, naturalmente, estávamos brincando na sala, montando legos despreocupadamente esparramados

no tapete, quando saiu de sua boca “*me ajude aqui, papai?*”. O mundo pareceu parar por um instante, me senti abobalhado, enquanto ele me olhava, segurando as pecinhas em sua mão pequenina, esperando uma resposta.

Mas, diferente do que pensávamos, o mesmo não aconteceu com ela, mesmo Malu ficando com ele diariamente. Cheguei a incentivá-lo, mesmo que não na frente dela, a chamando por “*mamãe*”, mas ele nunca aderiu.

Sei que isso ainda vai acontecer, talvez quando ele ver o bebê a chamando assim, ele resolva fazer o mesmo. Mas isso, de certa forma, a entristece.

No restaurante o almoço parece transcorrer sem maiores problemas. O atendimento é impecável, a comida deliciosa, estamos acostumando o paladar de Felipe com variedades de alimento e, felizmente, não precisamos fazer nenhum esforço para que ele aceite comer de tudo. Tudo está perfeito até eu notar uma presença, parada, atrás de mim.

Hélio, o superintendente da Polícia Federal, mais conhecido por meu chefe, nos observa, risonho.

— Avellar, que surpresa!

— Hélio — estico a mão, em um cumprimento rápido, notando que Malu simplesmente vira para o outro lado, sem fazer questão de ser cordial —, nem em minha folga eu fico sem ver sua cara.

— O que é providencial. Eu preciso muito falar com você, Vicente. Temos uma grande operação surgindo e os homens querem você os liderando, novamente.

O talher que Malu segura bate no prato com um pouco mais de força. Fico, como se bem diz no popular, entre o fogo e a frigideira, afinal de contas, é o meu chefe e minha esposa aqui. Dois lados que eu preciso manter equilibrados.

— Eu não sei, Hélio. Falei a você que não pretendia voltar a campo...

— Conversaremos melhor na segunda-feira. Tenho certeza de que conseguirá conciliar bem as duas funções. — Batendo em meu ombro, ele se afasta e eu me viro, novamente, sem conseguir encarar Maria Luiza. Porque eu sei, agora, que todo o bom humor conquistado na última hora foi por água abaixo.

— Será que podemos ir embora? Acho que

esse passeio já deu o que tinha que dar.

Balanço a cabeça, e chamo o garçom, pedindo nossa conta, enquanto ela se levanta e leva Felipe até o banheiro. Quase quinze minutos depois, eu estou prestes a ir atrás deles, quando a vejo entrando novamente no salão, trazendo Felipe pela mão.

— Tudo bem? — eu pergunto, inutilmente. Afinal os olhos vermelhos indicam que a ida ao banheiro foi mais para evitar chorar em público.

Um meneio de cabeça, quase imperceptível, só para não me deixar sem resposta e passa por mim, levando Felipe pela mão. E eu vou te falar, a visão de vê-la pelas costas, levando meus moleques junto a ela, é dolorida demais. Não consigo ficar parado, vendo tudo desmoronar.

— Foxy! — A alcanço, já próximo a nosso carro, estacionado na entrada do Vallet. — Espera, pequena. Não quero passar o resto do final de semana nesse clima.

— Eu não consigo lidar com isso, Vicente. — Sua voz sai baixa, magoada, ela mal me olha, entretida em colocar Felipe na cadeirinha. — Não vou conseguir passar por tudo aquilo novamente. Você tinha me prometido que sairia, que nossa vida

seria calma...

— Olha *pra* mim, Maria Luiza! — Minha voz sai um pouco mais alta do que eu gostaria, mas eu confesso que estou um tanto nervoso, no aguardo de uma despedida a qualquer minuto. Ela suspira, fundo, bate a porta do carro e se vira em minha direção. Os olhos marejados, magoados, cheios de acusação. — Por favor, Foxy. Eu sei tudo o que eu te prometi.

— E não cumpriu...

— Porque as coisas mudaram um pouco, meu amor. Tem o Felipe e toda a burocracia que envolve a adoção dele, tem sua gravidez...

— Sabia que foi essa a desculpa que seu pai deu à Helena para não sair da polícia quando ela pediu? “Nossos filhos, Helena...”

— Por favor, não invoque o nome de Satã em vão. Desde quando você leva em conta qualquer coisa que aquela mulher diga?

— Só estou mostrando os paralelos. — Dá de ombros. — Ela havia pedido para o seu pai sair da polícia, ele nunca quis, negligenciou a família por conta do trabalho....

Nada disso é mentira. Por anos, eu ouvi tanto de Helena quanto de Neusa que o trabalho era

PERIGOSAS NACIONAIS

a coisa mais importante para Vagner Avellar. Mas a comparação não é justa, porque eu não sou assim. Eu não sou como ele.

— Não vamos acabar como eles, Maria Luiza. — Me aproximo, segurando seu rosto entre as mãos, fazendo com que ela me olhe e entenda que estou sendo sincero. — Essa história não vai acabar daquele jeito...

— Ou não... — A voz dita, grave e em um tom risonho atrás de nós, arrepia meu corpo de uma maneira que me sinto congelar. Me viro, para ver, incrédulo, Nogueira parado atrás de nós.

— Não é possível... — Posiciono meu corpo em frente ao de Malu, o coração disparado no peito querendo olhar ao redor, mas sem conseguir desviar meus olhos da figura à minha frente. — Você morreu!

— Isso foi o que quiseram te fazer acreditar. Eu te disse que não seria tão fácil, garoto.

Me sinto sufocar. É como se tudo o que eu tivesse lutado esse tempo todo não valesse de nada neste momento. Estático, eu mal consigo raciocinar direito, mesmo sabendo que preciso me mexer, que minha família está aqui comigo, frente a frente com esse louco.

PERIGOSAS ACHERON

A primeira a se mover é Malu. Esticando a mão para alcançar a porta do carro, onde Felipe está sentado no banco traseiro, ela tenta ser o mais imperceptível possível mas, claro, não consegue.

— Vamos lá, rata ruiva, colabora comigo e não seja difícil. Não me faça cravar esse carro de balas, porque eu tenho muitos planos para esse garotinho.

Olho ao redor, tentando achar uma rota de fuga para ela, mesmo sabendo que Malu não sairá, facilmente, de perto de nós. O local parece inacreditavelmente vazio, como se todas as pessoas tivessem visto a cena à nossa frente, um maluco armado mirando uma mulher grávida, e se escondido.

Instintivamente levo a mão às costas, procurando a arma que, estupidamente, deixei dentro do carro. Desde que essa maldita operação terminou, eu voltei a ser o sujeito despreocupado com segurança. Um erro, posso ver agora.

Sinto o impacto em minha perna, o projétil entra rasgando, me fazendo desabar de joelhos. Me vejo, mais uma vez, desarmado e rendido frente a esse homem, mas dessa vez tudo é muito mais complicado. Não estamos em uma operação, e

minha família está aqui.

Malu grita ao me ver ferido, e se vira em minha direção, instintivamente. Uma forma de proteção, tentando me amparar ao me ver cair de joelhos. Com horror, eu o vejo atirar nela duas vezes, uma delas atingindo sua barriga. O impacto é tão forte que seu corpo pequeno desaba, eu tento me levantar, mas, novamente, sou atingido, voltando ao chão.

— Não! — Me arrasto até onde ela está caída, ainda sentindo sua respiração descompassada. Beijo seu rosto, seu ventre, me desculpando incontáveis vezes. Os olhos azuis fixos nos meus, vítreos, tentando focar em algo até que eles, lentamente, vão se cerrando. — Não, Foxy, por favor, não! Eu te amo, por favor, não me deixa. Por favor...

— Veja bem, Vicente... a sua família me tirou tudo um dia e agora chegou a minha vez. Esse garotinho vai comigo...

Forço meu corpo conforme o vejo pegar Felipe, que parece dormir, nos braços dele, mas minhas pernas não respondem. Caio novamente de joelhos, desta vez em frente a ele que sorri, vitorioso, e mira a arma em minha cabeça.

— Adeus, Vicente...



Malu

O grito desesperado de Vicente me faz despertar de imediato, o coração aos pulos no peito. Acendo o abajur e me debruço sobre ele, notando o rosto retorcido molhado de suor.

— Amor... — toco seu rosto, com cuidado —... Vince, acorda, por favor.

— Não! Não, Foxy, por favor, não!

O chacoalho com um pouco mais de força, é a primeira vez que ele tem um pesadelo assim, geralmente Vicente acorda agitado e se levanta, mas agora ele se debate, sem conseguir despertar, preso em uma cena que não o liberta.

— Vince! — grito, sem saber direito o que fazer e ele parece despertar, depois de um urro ele se levanta, ainda perdido, tentando se localizar. O peito puxando o ar com dificuldade, trêmulo, completamente apavorado.

Quando ele se vira, me buscando ao seu lado, a mão vem direto em minha barriga, os olhos percorrem meu corpo inteiro até chegar em meu

PERIGOSAS ACHERON

rosto. Aturdido, confuso, ele apenas suspira.

— Foxy...

O recebo em meus braços quando ele, tal qual um garoto, se deita em minhas pernas, enlaçando meu corpo em um abraço apertado. Chorando muito, ele mal consegue respirar direito e, mesmo nervosa, eu tento consolá-lo, murmurando que tudo está bem.

— Se acalma, Vince. Está tudo bem. Você está em casa, está tudo bem.

Me deito, o trazendo comigo até que esteja deitado em meu peito. Acaricio seu cabelo, como ele sempre me dizia que se acalmava e deve realmente funcionar, pois, passado algum tempinho, sua respiração está novamente compassada, ainda que seus braços continuem firmes ao meu redor.

Quero perguntar a ele sobre o pesadelo, mas me falta coragem. Uma, obviamente, porque me envolvia, era o meu nome que ele gritava com desespero. E outra porque ele se acalmou, e se existe algo que me tira completamente do prumo é ver Vicente desestabilizado.

— Eu te amo... — digo, e recebo um apertozinho em resposta, ao mesmo tempo que ele

ergue a cabeça e deixa um beijo em meu peito, no exato local em que ele está deitado. A mão segue para o meu ventre, já não tão lisinho mas longe de demonstrar a estranhos que eu estou esperando um bebê e ele fica ali, por um tempo, acariciando. Dizendo baixinho ao nosso bebê que ele também o amo muito. Se desculpando sem motivo algum para isso, tão agitado, tão nervoso...

— Parecia tão real, Foxy...

— Não era. — Seguro seu rosto, o fazendo me olhar. — Seja lá o que você tenha sonhado, era apenas isso. Um pesadelo, somente.

— Você estava barriguda, quase sete meses de gravidez. — Mais uma vez ele alisa minha barriga, suspirando. — Mas tudo estava errado.

— Errado como? — pergunto, curiosa, e ele me encara.

— Brigávamos muito... — Sorrio, meneando a cabeça, sabendo que isso seria impossível. — Eu não tinha pedido exoneração, como você queria.

Ouvir isso faz com que um som saia de minha garganta, de forma totalmente involuntária. Não é segredo para ninguém que eu adoraria ver Vicente fora da polícia, mas... brigar com ele por

causa disso? Eu não faria isso.

— Essa nossa vida perfeita que temos não existia, pequena. Não mais. E isso já seria um pesadelo enorme o bastante, se não tivesse tido todo o desenrolar.

Decido não falar nada, e apenas ouvir o seu relato. Que ele conta, sem dar maiores detalhes, mas já sendo o suficiente para compreender o seu desespero.

— Você tem conversado com a psicóloga sobre esses sonhos?

— Ela diz que eu estou sofrendo de estresse pós-traumático, e que tudo melhoraria com remédios. Ansiolíticos, paleolíticos, mesozoicos e coisas do tipo.

— Vicente, pare de me fazer rir, que eu estou nervosa.

— Perdão — ele ri e me puxa, aconchegando-me em seus braços —, mas quando ela falou o tipo de remédio, não consegui pensar em outra coisa. Remédio de dinossauro.

— E o que mais ela disse?

Um suspiro profundo, um lamento silencioso, precede um silêncio incômodo. Quase como se ele ainda estivesse perdido, sem saber o

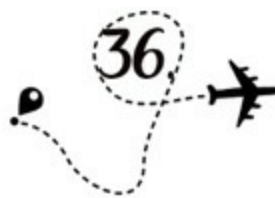
que fazer.

— Eu disse que o meu objetivo na polícia está findado, Foxy. Ela me falou que, talvez, é chegada a hora de eu procurar outros objetivos na vida, que me façam bem. O problema é que eu não sei o que fazer, e ainda tem toda a burocracia envolvendo Felipe.

— Ei! — Notando que ele está, mais uma vez, ficando nervoso eu interrompo seus pensamentos, cativando sua atenção. — Vamos resolver isso, juntos. Agora eu só quero que você entenda que tudo aquilo foi um sonho. Nós estamos bem.

O importante agora é mantê-lo são, enquanto eu tento achar uma forma de resolver esse problema. Sim, porque vê-lo dessa forma não é algo que vou conseguir suportar por mais tempo.

Mas por que?



Malu

Estaciono o carro em frente ao prédio simples, não muito longe de onde eu morei por anos. Fui praticamente vizinha de Gael Prieto por quase a minha vida inteira, e nunca o tinha visto antes.

Ah, acredite, eu teria reparado. Respeito, mas não sou cega, sabe como é.

Atravesso a rua tranquila, parando em frente ao guichê da portaria, tocando o interfone de acesso. Uma, duas... quatro vezes, até ser atendida.

— Pois, não...

— Bom dia. Gostaria de falar com Bárbara Cardoso, do 4B, por favor? É Maria Luiza Drummond...

Ele levou inacreditáveis dez minutos para me retornar, felizmente com uma autorização para entrar. Faço questão de me certificar, ao passar pelo saguão, que meu relógio não está mostrando o horário errado e, ao invés de onze da manhã, seja mais cedo. Imagina o constrangimento em um domingo?

Quando o elevador chega ao andar, Babi já me espera na porta. Ainda chateada, pelo que posso ver por sua expressão, por toda a confusão de sexta-feira. Abro um sorriso e aperto a menina em um abraço, tentando desta forma mostrar a ela que tudo está bem.

— Tudo bem? — ela pergunta, ao nos separarmos.

— Não sei... na verdade, eu queria falar com Gael.

— Comigo? — A voz alta soa vinda da cozinha, e não demora muito estou me divertindo o vendo virar panquecas no ar, fazendo Bruno gargalhar com cada acerto.

— Tia raposa, o meu pai não derrubou nenhuma!

— Ele é bom em jogar panquecas, vamos ver se é bom cozinhando...

— Olha isso, neném, já não basta o delegado!

Uma das coisas boas em estar grávida é não precisar negar as coisas *por educação* ou ir embora com vontade de comer algo, por pura vergonha de pedir. E eu sequer *preciso* pedir, todo mundo me oferece tudo o que aparece pela frente.

Algun tempo depois, Babi inventa alguma coisa no playground para fazer com Bruno, me deixando a sós com Gael.

— Quer falar sobre sexta-feira? A culpa foi toda minha, Malu. A minha irmã...

— Não tem nada a ver com aquilo. Aliás, não devia ter esquecido a sua irmã, coitada. Ela ficou mesmo magoada.

— Eu sei. Ela estava com Babi quando eu passei o endereço, perguntou se poderia ir e eu disse que passaria mais tarde para pegá-la, mas... ela tem outros amigos, não tem o costume de andar conosco. Eu pensei que ela não quisesse ir, realmente, só estava sendo simpática.

— Coitada...

Se antes eu já tinha compreendido o seu rompante, mesmo não achando legal o que ela fez, agora eu a entendo mais ainda. Eu teria ficado muito magoada também. Junte isso aos ciúme e, pronto... temos uma bomba armada.

— Mas se não é sobre minha irmã, sobre o que você quer falar?

— Sobre Vicente, e a adoção de Felipe.

Evito entrar em detalhes sobre os pesadelos que Vicente vem tendo, e toda a parte pessoal da

coisa. Mas digamos que aquela pressão no peito, que incomoda demais, surge cada vez que lembramos que a certidão de nascimento dele é diferente. Dois pais e uma mãe que não sou eu. E eu não sei o que fazer. Quero ir embora, tirar meus meninos daqui, seguir nossa vida, com a minha família em uma realidade que não seja tão tóxica. E não sei se isso será possível.

— Quero saber como funciona caso precisemos ir embora. Para a Escócia, você sabe...

Se ele notou que tem alguma coisa a mais em minha sondagem, não falou nada.

— Veja bem, Maria Luiza, Vicente é pai do garoto, legalmente falando. Mas, neste caso, precisaria de uma autorização judicial para viajar e tirar o garoto do país.

Desvio o olhar, assimilando o que me foi dito. Se precisa de uma autorização judicial, ela pode não ser concedida. E se precisa de uma autorização, a palavra daquele homem parece ter mais peso do que deveria.

— Ele pode mudar de ideia enquanto estamos fora, não pode? Exigir sua volta, querer ver o menino... — Minha voz acaba saindo tremida, e Gael segura minha mão, apertando com força.

— Eu não acho que ele faria isso. Juvenal parece o tipo de homem que se sente satisfeito em não ter esse tipo de responsabilidade.

— Mas...

— Mas, sim. Digamos que sempre que damos algo como certo, a possibilidade de decepção é enorme, então, como advogado, eu sempre digo para as pessoas esperarem por tudo. Eu acredito que ele vá fazer isso? Não. Ele pode me surpreender e agir fazendo exatamente o contrário? Claro que sim.

A noção de que possamos ficar presos nessa realidade esmaga o meu peito. Conhecendo Vicente como eu conheço, ele não se aventuraria, a essa altura da vida, a começar qualquer outra profissão tendo uma família para sustentar. Não, ele faria o que acha correto, continuaria na polícia. Arriscando sua vida, tendo pesadelos.

Sair e deixar Felipe para trás não é uma opção, também. Eu sequer consigo me imaginar saindo do país para resolver qualquer assunto na Escócia, deixando meus meninos a me esperar aqui.

— Eu preciso ir embora daqui, Gael — Tento explicar, exasperada. — Ainda tenho um local para cuidar fora do país, logo preciso voltar

PERIGOSAS NACIONAIS

para tomar conta dele e, de forma alguma, eu deixarei a minha família para trás.

— Vicente já havia me dito que vocês iriam embora do país, em certo ponto. Mas... não vai esperar o bebê nascer?

— Talvez eu não tenha escolha quanto a isso. Mas seria bom que, quando o bebê nascer, tudo já esteja certo para podermos partir.

Gael me analisa, sério, tentando compreender o que exatamente se passa em minha cabeça. Os olhos se fixam em minhas mãos, que apertam a alça da bolsa, focando no anel de noivado.

— Vão se casar, certo? Já tem uma data?

Sorrio, passando o dedo sobre a pedra azul.

— Já... Não se preocupe, eu te mando o convite para a recepção.

— Vou encarar essa sua preocupação como estresse pré-casamento. — Sorri. — Mas voltando a falar sobre a adoção, podemos, sim, entrar com um pedido formal junto ao juiz. Não é um processo rápido, eu tenho que alertar, mas que pode ser facilitado se apertadas as *porcas* corretas.

Minha sobrancelha se franze com a expressão, e isso o faz rir.

PERIGOSAS ACHERON

— Digamos que Vicente ser um delegado federal em ascensão pode facilitar as coisas. Ele não gosta muito de dar carteirada, mas eu farei questão de usar esse argumento.

— Então, você acha que, se ele sair da polícia, as coisas ficam mais difíceis? Mais... demoradas?

— Acho que se ele esperou até agora, pode esperar mais um pouco...



Vicente

— Aqui, Felipe! Chuta aqui para mim! — grito, chamando sua atenção para o lado vazio do gol onde estou posicionado e ele vem, semblante sério, totalmente focado na bola à sua frente. Um chute e a bola vem rolando, rolando, rolando e eu, em câmera lenta, pulo, fazendo um arco desnecessariamente exagerado até ver a bola passar por mim.

— *Gooooooooool!*

Com divertimento o vejo correr em círculos, com os bracinhos levantados, comemorando o grande feito. Me levanto, apoiando-me em meus

PERIGOSAS ACHERON

joelhos e ele ri, vindo em minha direção.

— Que golaço! — Em um único impulso o ergo nos braços, jogando-o para cima.

— Eu ganhei! Eu ganhei!

— Ganhou. Agora precisamos subir e tomar um banho, o que acha? Malu daqui a pouco chega e não vai ficar nem um pouco feliz em ver nós dois fedendo como porcos.

— Vamos!

Uma coisa sobre Felipe: a criança aceita tudo o que propomos. Ele primeiro diz sim e depois ele pensa se seria uma boa ideia.

Vamos comer chocolate? Sim!

Vamos pular pelado na piscina? Sim!

Vamos puxar o rabo do leão no zoológico?

Sim!

Enfim. É maravilhoso, mas ao mesmo tempo demanda uma certa dose de sabedoria e paciência e, principalmente, exemplo. Porque se não estivermos vigilantes, fazendo tudo certinho, ele vai achar qualquer coisa fenomenal e, adivinha? Vai fazer. Sorrindo e *se ferrando* no processo.

Subo com ele nos braços, o acompanhando na infame música do tubarão bebê^[11]. Essa música é infernal, gruda na cabeça da gente e aparece

mesmo quando não estamos pensando nela, e eu poderia xingar aquele alemão folgado por ter ensinado ao garoto tamanha música insuportável, mas... o fato é que é bem divertida.

Tudo bem que eu não sei a letra, não quero aprender, mas o *do-do-do-do* é universal e serve para tudo.

Vamos pra casa, do-do-do-do-do-do-do, tomar banho do-do-do-do-do-do-do e jantar do-do-do-do-do-do, baby shark.

Perdemos uns bons muitos minutos no banheiro e, ao olhar a *molhação* que fizemos, posso garantir que mamãe não ficará nem um pouco feliz.

— Felipe, depois que vestir essa blusinha, você precisa ficar bem quietinho sentado ali no sofá. Praticamente um anjo.

— Com asinha? — ele pergunta, e olha automaticamente para trás, me fazendo rir.

— Quase. Mas se você ficar muito muito quietinho, vamos olhar para você e ver as asinhas, igual a um anjinho.

— *Tá*. Mas por quê?

— Porque eu preciso limpar aquela sujeira que fizemos no banheiro.

— Mas é água, não é sujeira.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Certo. Preciso secar a bagunça que fizemos no banheiro.

— Mas por quê?

— Porque senão a Malu vai chegar e brigar conosco.

— Mas por quê?

— Porque ela fica cansada, e então fica brava.

— Ah, por isso ela nunca joga futebol... *né?*

Ele diz com uma certeza que me tira uma risada, enquanto concordo. Passo o pente no cabelo liso e olho meu trabalho. Camiseta do lado correto, uma perna em cada buraco da bermuda, tudo OK.

O levo até o sofá da sala, ligo a televisão e me viro, para ver dois olhos curiosos fixos em mim.

— Vai ficar pelado?

— Eu não estou pelado. Estou enrolado na toalha.

— Se a toalha cair, está pelado, porque pelado é quando o *pipiu* aparece.

— A toalha não vai cair.

— Por quê?

Fecho os olhos, tentando me lembrar se minha fase de porquês era assim tão... ativa.

— Porque eu vou tirá-la. Se lembra do que

PERIGOSAS ACHERON

eu disse? Quietinho feito um anjo, tudo bem?

Sigo para a lavanderia, com um sorriso no rosto, e volto munido de rodo, balde e um pano seco, passando pela sala e dando um olhar ao garoto que está sentado, estático, olhando para a tevê. Se eu olhar firme, posso ver uma auréola despontando sobre a cabecinha.

Fico entretido secando o banheiro, me perguntando por que diabos eu inventei de jogar água para o alto, quando ouço o barulho da chave na porta e, automaticamente, faço uma careta. Tento o meu melhor ar de anjo e continuo secando as paredes, quando ouço a voz suave atrás de mim.

— *Hmmm*, pelado.

— Você também? Não estou pelado, estou de toalha.

— Se a toalha cair, está pelado...

— Ah! — Paro o que estou fazendo e a encaro, cruzando os braços. — Agora eu vejo de onde veio a lógica infantil. Pode me explicar?

Ela se aproxima, olhando ao redor e me lançando um olhar acusatório que eu somente dou de ombros em resposta.

— Ele queria imitar você outro dia, depois do banho. Ficou tentando se enrolar na toalha, para

ficar igual ao tio Vince. Fui obrigada a pensar rápido, sabe como é...

— *Hmmm*, espertinha. Ensinando o garoto a usar roupa, pensando desde cedo em afastar as namoradinhas. Vai ser esse tipo de sogrinha, meu amor? — Sorrio, a envolvendo em um abraço e cheirando seu pescoço.

— Sogra? — Ela se afasta um pouco, os olhos arregalados.

— Bebês crescem, meu amor...

— Sogra... — Ela faz uma cara engraçada, claramente a pobrezinha tem os piores exemplos de sogras.

— Você vai ser uma excelente sogra, pequena.

A risada alta de Felipe nos chama a atenção, e ela decide ir até ele. Não muito tempo depois, me junto a eles na cozinha, Malu entretida em esquentar qualquer coisa que ela trouxe pronta da rua para o nosso almoço e Felipe sentado no cadeirão em frente ao balcão, observando tudo o que ela faz.

Relembrar o pesadelo da noite passada acaba sendo inevitável. Essa merda, aliás, tem deixado meu coração pesado desde que acordei. Foi

como se todos os meus medos estivessem bem ali, acontecendo à minha frente. Eu sendo um pai relapso, dedicando poucos minutos do meu tempo à minha família por estar focado no trabalho, perdendo-a no processo... e então a LIB de volta, em forma daquele demônio de homem, me tirando tudo.

Malu saiu hoje pela manhã, não me disse onde iria. Também não perguntei. Ela deve estar cansada de tanto pepino, a mulher não tem um pinga de paz desde que entrei em sua vida.

— Terra chamando! — Malu e Felipe me olham, sorrindo, e me aproximo, parando atrás da cadeira do meu garotinho, deixando um beijo em sua cabeça.

— O que vamos almoçar hoje?

— Comprei uma massa na rotisseria aqui perto. Sente aí, vou servir e comemos aqui mesmo, no balcão.

— Tudo bem. Aonde foi?

— Falar com Gael. Te conto depois... — Com um gesto, aponta para Felipe e segue servindo a comida, colocando um prato bem generoso de *nhoque* à minha frente.

Fico observando enquanto ela espeta as

bolinhas de massa no garfo, mergulhando no molho antes de esticar até Felipe, uma após a outra. Chega a ser divertido ver tamanho apetite, ele mastiga e engole muito rápido e logo está olhando novamente para o prato, talvez calculando quantas bolinhas faltam para o final.

Seus olhos então vêm até meu prato, ainda intocado, e em seguida ele me olha, muito sério, as sobrancelhas cerradas. E a *ordem* que ele me dá literalmente me tira de órbita.

— Come, papai...

Troco um olhar com Malu, cujos olhos se expandem e lacrimejam, tão surpresa quanto eu. Volto a olhar para o menino que sequer tem ideia do que ele acabou de fazer comigo.

— O papai está distraído hoje não é, Felipe?

— Malu reforça, enquanto eu só sinto a garganta arder, segurando as lágrimas. Certamente cair no choro aqui seria assinar atestado de maluco, aos olhos do menino.

— Tem que comer, *pra* ficar forte. A mamãe que disse.

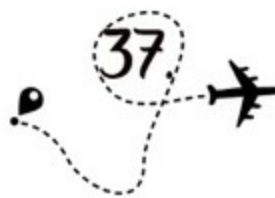
Ah, sim. Agora somos dois chocados aqui, mas, diferente de mim, ela não segura o choro. E nem o rompante de contornar o balcão e agarrar o

garoto no colo, o enchendo de beijo, deixando-o em um misto de confuso e contente.

Se aproximando, com Felipe no colo, Malu simplesmente sorri.

— Viu só? Vai ficar tudo bem.

Atrás de sossego



Vicente

O barulho do relógio, aquele tic-tac irritante, parece tomar conta de toda a sala. À minha frente uma pilha enorme de papéis aguardando minha assinatura, mas tudo o que eu quero, na verdade, é ir para casa.

E isso porque é meu primeiro dia de trabalho desde que fui liberado de minha licença pelo médico. Tudo ao redor me faz mal, me deixa tenso, preocupado. Entrar na sala de reunião, pela manhã, foi um evento e tanto. Sem controle, fui transportado para aquela manhã de sexta-feira em que eu chegava aqui, apressado, e era informado que a LIB estava no fim.

Minha equipe se animou com minha volta, até mesmo Rodrigo — que retornou um pouco antes de mim — ficou empolgado, querendo ação. Estão todos sob o comando de Heloísa e eu, sinceramente, prefiro assim. Ciente de que só estou aqui porque preciso de minha posição para facilitar a adoção de Felipe.

Uma batida na porta e logo ela se abre,

PERIGOSAS NACIONAIS

antes mesmo de eu autorizar a entrada, somente para *melhorar* o meu humor.

— Avellar, bem-vindo de volta. Estava em seu aguardo.

— Doutor Hélio.

— Ânimo, rapaz. Vou precisar de toda a sua atenção em um caso que, aparentemente, é um desdobramento da operação que você comandava.

Um arrepio. Aquele costumeiro arrepio.

— Que caso? — pergunto, e sorridente o homem estica uma pasta em minha direção, com algumas fotos e transcrições.

— Algumas garotas desapareceram no último mês. O mesmo *modus operandi* da LIB.

— Hélio... — fecho os olhos, e balanço a cabeça. Lamentando que esta sala não tenha uma janela, já sentindo o ar ficando rarefeito —... eu realmente não gostaria de lidar com esse caso agora.

— E eu não gostaria de acordar pela manhã e vir trabalhar, mas ainda não fiquei rico.

Respiro fundo e pego a pasta, dispondo os papéis à minha frente. Estranho ao ver que muitos estão com a assinatura de Heloísa.

— Esse caso já está sendo investigado... —

PERIGOSAS ACHERON

Estico a pasta de volta.

— Sim, mas Heloisa é difícil. Eu até deixaria o caso com ela, caso você aceitasse a proposta da DICOR.

Arrumo o corpo na cadeira, analisando bem o sujeito à minha frente. Hélio tem anos de serviço e sempre estranhei o fato de ele parecer meio *bobão*, o que não combina com o cargo que ele assume. Ingênuo, eu, porque de bobo ele não tem absolutamente nada.

— Estão, é isso. Ou eu faço o que você quer, ou vai me obrigar a assumir um caso que eu, obviamente, não tenho estrutura ainda para comandar.

— Você levou um tiro no ombro, Avellar, e não nas bolas. Tenho certeza de que estou fazendo a coisa certa, o trazendo de volta ao jogo.

Quando ele sai, batendo a porta atrás de si, eu deito a cabeça sobre a mesa, tentando me acalmar. Apesar de ter sido liberado pelo clínico, a psicóloga com quem me consulto acredita que, por enquanto, eu não esteja apto a fazer trabalho de campo. Que é, basicamente, a única coisa que eu gostava de fazer na polícia.

Pego o celular e saio, batendo a porta, indo

até a área externa. Caminho até uma pilastra qualquer e me encosto nela, puxando o ar com força. Uma, duas, três vezes até isso começar a fazer efeito e eu me sentir um pouco menos puto.

Se não fosse por Felipe, eu mandava tudo isso à merda. Certamente o faria. Segui o conselho de Malu e fui atrás de Gael, pedindo para dar entrada em um pedido de adoção formal. Já alertado que isso pode demorar, no mínimo, seis meses para ter um parecer favorável.

Seis meses. Até lá nosso bebê estará conosco, se tudo for calculado certo em breve mandarei essa merda para o alto e vou embora com minha família.

— O que está fazendo aí? — sobressalto com a chegada repentina de Rodrigo, e isso o faz rir.

— *Desemputecendo.*

— Mas já? *Porra*, você é rápido. Não deu nem horário do almoço ainda.

— Hélio foi me procurar. Me passar uma operação, sobre umas garotas desaparecidas.

— As meninas do litoral? — Confirmo, um meneio de cabeça. — Esse caso é da Helô!

— Eu sei. Vi a assinatura dela nos papéis.

Posso notar que tem algo errado pela expressão que ele lança. Mas conheço esse puto, ele sempre precisa processar a informação, antes de soltar qualquer coisa e, por isso, não estranho quando ele busca um banco próximo para sentar e gasta uns poucos minutos olhando para o chão.

— Não entendo. Ela teve uns excelentes avanços no caso. E todo mundo sabe que você não está liberado para ir a campo, e nem quer isso.

— Ele quer que eu aceite aquele cargo, em Brasília.

— E vai te chantagear ferrando uma operação bem-sucedida?

Não precisa ser um gênio para chegar à conclusão que nós chegamos. Alguns meses atrás, eu seria o primeiro que tentaria derrubar esse canalha, por estar usando o departamento para fins ilícitos. Porém eu não sou mais esse cara.

— Preciso conversar com a Helô. Alinhar os passos.

— Vai mesmo assumir? — Nego, olhando em volta, calejado.

— Oficialmente, sim. Mas quem vai trabalhar nisso será ela. Se ela está sendo retirada do caso, e você me disse que ela teve excelentes

avanços, sinal de que chegou perto.

— Mas aí eu não entendo. Porque você desmantelou a LIB e nunca foi sequer cogitada a sua remoção no caso, a não ser quando teve aquela confusão envolvendo o seu pai.

— Estratégia. Eu fui trazido de volta para o caso porque Alexandre queria um confronto comigo. Foi ordem de cima, simplesmente isso.

Eu sempre admirei as pessoas que tinham vocação para suas profissões, abrindo mão de tudo para o bem maior. Desprendidas, altruístas, essas merdas. O meu pai, talvez, fosse assim. Sempre diligente, sempre focado, um caso atrás do outro, mal sossegava. Mas não sou mais assim.

Deveria, inclusive, me sentir mal por saber que existe um caso desses à minha frente e só me preocupar em passar o tempo rápido e eu, finalmente, poder me exonerar. Acho, inclusive, que a bandidagem deve amar profissionais como eu.

Não é tão simples. Ser policial no Brasil é uma tarefa inglória. A atividade policial, por si só, já é complexa, estressante, difícil e mal compreendida. Não temos número de horas para trabalhar, não temos horário fixo, não recebemos

PERIGOSAS NACIONAIS

horas extras. Entramos em serviço sem saber quando vamos terminar, porque, por muitas vezes temos que dobrar horário, cumprir escalas, trabalhos emergenciais.

Você já deve ter ouvido que a atividade policial é a mais perigosa no país em que vivemos. Se você levar em conta que, no Brasil, são assassinados em um ano mais policiais que nos Estados Unidos em quinze anos, você deve saber que essa estatística é assustadora para quem está na estrada “combatendo o bom combate.” Saímos de casa pela manhã, sem saber se é a última vez que estamos vendo as pessoas que amamos. A morte está sempre à espreita.

Existe também toda a pressão sobre o policial. Ele não pode falhar, nunca. Nosso trabalho exige perfeição, por lidar com vidas humanas e, como todo mundo sabe, perfeição não existe. O problema é que essa perfeição exigida não se estende às condições que temos para trabalhar. Eu tenho sorte de fazer parte da Polícia Federal, mas estou rodeados de amigos que trabalham em outras áreas da segurança pública e, sinceramente, é uma vergonha. Salário ridículo, apoio zero, sem nenhum suporte físico e moral, todos os dias ficamos

PERIGOSAS ACHERON

sabendo de um colega que está passando por problemas psicológicos, que teve a família destruída por causa disso. Divórcios, suicídios.

Tô fora.

Já é difícil viver assim quando você tem a vocação para o trabalho. Imagina para quem cresceu querendo ser médico e só caiu de cabeça nessa merda, por conta de um tipo de vingança?

Que me achem um bunda mole, covarde, se quiserem. Já pastei muito nesta vida, agora eu estou atrás de sossego.



Estaciono o carro, irritado, cansado e... bem, resumindo, puto da vida. Passei mais tempo na delegacia do que planejava, perdi a consulta na psicóloga, fui obrigado a conviver com Hélio, fora fazer de conta que estava liderando uma operação que não é minha.

Bato a porta do carro um pouco mais forte do que o necessário. Dez e meia da noite, e é apenas o meu primeiro dia. Sigo buscando o meu prédio, passando por algumas pessoas que ainda aproveitam a noite quente do lado de fora, como o PERIGOSAS ACHERON

condomínio é arborizado sempre está lotado de gente. Recebo cumprimentos simpáticos, ainda estranhando a comoção que se criou à minha volta desde que fui hospitalizado.

Não sou acostumado a esse excesso de atenção, de jeito algum.

— Papai chegou! — O som de sua voz me atinge antes mesmo que eu possa localizá-los e me viro, esticando o olhar até ver Felipe vindo correndo ao meu encontro, com Malu logo atrás. Linda, um vestido soltinho para abrigar a barriga que já começou a crescer, sorridente e, como sempre, me analisando.

Me abaixo, pegando Felipe nos braços, o jogando para cima como ele gosta e o enchendo de beijos.

— Ei, carinha! Tudo bem com você?

— Demorou... — Ele segura meu rosto entre as mãos, um carinho gostoso que aprendeu com a mãe.

— Muito, muito trabalho. — Enlaço Malu, que se aconchega, e noto que solta um suspiro. — Tudo bem?

— Tudo sim. Estava acostumada a ter você em casa o dia inteiro. Fiquei com saudade.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu também. Estou com saudade de ficar pelado.

— Vince... —Ela arregala os olhos, tapando os ouvidos de Felipe que, honestamente, mal estava prestando atenção na conversa, entretido com um cachorro que corre pelo espaço.

— Tomar banho, mente suja... tomar banho. Vamos subir?

A puxo pela cintura, e seguimos para o elevador. Ela então me conta que estava ansiosa e isso parece ter afetado Felipe, de alguma forma, pois ele estava um pouco mais elétrico do que de costume. Então, havia decidido descer para o playground e deixá-lo correr até quase desmaiar de exaustão.

Analizando os olhinhos pesados, acredito que deu muito certo.

— Vou tomar banho e aproveito para dar banho nele — aviso, já partindo direto para o banheiro, ainda tendo tempo de ouvi-la me lembrar de que está tarde, eu estou cansado e, portanto, não vou querer ficar enxugando banheiro até tarde.

Não me lembro de ela ser mandona assim antes. Deve ser coisa de mãe.

PERIGOSAS ACHERON



Me jogo na cama, indo arrastado até onde Malu está deitada, afundando o rosto em seu pescoço e ficando ali por um tempo, inerte. Somente sentindo o carinho gostoso que ela faz em meu cabelo, enquanto segue assistindo a um filme qualquer na televisão.

— Foi difícil o dia hoje, gostoso?

— Foi insuportável. Passei o dia querendo deixar tudo e vir embora.

— Logo acaba... — ela declara, cheia de certezas.

Certeza essa que eu não tenho. Não depois de ter dito a mesma coisa, não muito tempo atrás, e agora estar às voltas com o mesmo dilema, o mesmo problema. O mesmo caso.

— Meus irmãos chegam amanhã. Fiz reservas para eles naquele hotel da avenida.

— É bom aquele hotel? — Ela dá de ombros.

— Deve ser. Se não for, será por duas noites apenas, eles vão sobreviver.

Levanto o rosto, olhando a expressão

risonha de quem certamente não checou porcaria nenhuma o hotel onde vai enfiar os irmãos. Apesar de, internamente, torcer para ser uma pocilga que deixe Tony irritado até o último fio de cabelo ralo, fico com pena dos outros que virão também.

Isso não me impede de dar uma gargalhada.

— Já decidiram com *quem* vai ficar Felipe?

— Com Babi. Segundo Bruno, raposa fica com raposa...

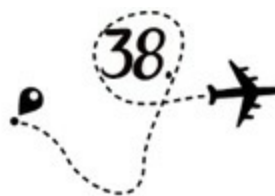
— Raquel aceitou?

— Sou gestante, Vince. E uso bastante esse argumento porque só posso utilizá-lo por nove meses.

— *Foxycracia*. Entendi...

A aperto mais forte, contra meu corpo, ouvindo sua risada melodiosa. Agradecendo cada segundo que me resta dessa vida de solteiro.

I do



Malu

Contenho, pela décima vez nos últimos cinco minutos, a vontade de arrancar uma lasca de unha nos dentes e, dessa forma, estragar o trabalho impecável da manicure. Estico os dedos, talvez como forma de me convencer que elas estão lindas demais para que eu as estrague em um impulso nervoso.

— Quer ajuda com o cabelo? — Adriana oferece e eu olho novamente no espelho, indecisa entre prender o cabelo e o deixar solto. Seguro a parte de trás com uma mão e ergo, imitando um rabo de cavalo frouxo, deitando a cabeça um pouco para observar o caimento, e solto novamente.

— Não sei...

— Fica melhor preso, já que seu vestido é tomara-que-caia.

— Que já me arrependi de ter escolhido. Tomara-que-caia com esses peitões imensos.

— Um poço de nervoso. Relaxa, Malu, você só vai se casar.

— “Só” isso — Raquel completa, fechando

a porta do quarto e se aproximando com o batom que pedi a ela para procurar. Havia comprado, um dia antes, vários produtos de maquiagem diferentes e quase enlouqueci, minutos atrás, sem saber onde os tinha colocado.

— Onde estava isso?

— No quarto do bebê. Aliás, preciso dizer que Samuca está até agora tirando sarro de Vicente por causa do resultado do ultrassom.

Sorrio, acariciando a barriga que carrega o pequeno *sarrista*. Fomos ontem para mais uma consulta que, teoricamente, revelaria o gênero do bebê. Que, claro, não nos deixou ver em momento algum, não importasse o tanto que a médica passasse o aparelho em minha barriga, mexendo com ele.

Você deve estar se perguntando se Vicente ficou chateado. Longe disso, ele achou até engraçado o fato de o bebê ser tão genioso e fazer as coisas somente quando *quer* fazer, no estilo “*ninguém manda em mim*”!

Adriana me ajuda, fazendo um coque baixo e frouxo, deixando a parte da frente do meu cabelo meio solto. Fico em pé, olhando no espelho. O vestido tomara-que-caia de renda, branco com um

tom envelhecido, é confortável e delicado o suficiente para que eu não pareça uma noiva — apesar de ser uma.

Incontáveis e infindáveis dias desde que demos entrada nos papéis para o casamento, e finalmente hoje chegou o dia em que me torno a senhora Avellar. Sorrio, ao lembrar que ele se tornará o senhor Drummond. Sim, porque não entro nesse jogo para mudar o meu nome sozinha. Eu serei Maria Luiza Drummond Avellar. E ele, Vicente Drummond Avellar.

Uma batida na porta, e Tony entra, sem sequer esperar resposta, recebendo um olhar entediado das três.

— Vamos chegar atrasados e o seu futuro marido vai fazer um buraco no chão.

— Querido, já era para vocês estarem no cartório!

— E ele, por acaso, quer ir sem Malu? Não, tive que ouvir uma cantilena de meia hora em quão ridículas são essas tradições.

— Ele tem razão... — Pego a *clutch* e saio, indo até a sala, sem prestar atenção nas reprimendas que minhas amigas me lançam.

A primeira pessoa que vejo é Sara, abraçada

a Rodrigo. Trocamos um olhar carinhoso e ela, instintivamente, se vira para o outro lado da sala onde um nervoso Vicente está caminhando de um lado a outro na varanda.

O olhar que eu recebo, assim que me nota parada no meio da sala, não se equivale a olhar nenhum que eu tenha recebido dele até hoje. Lentamente os olhos percorrem meu corpo, fazendo uma varredura até os pés e voltando até meu rosto. E quando nossos olhares se cruzam, o meu coração bate tão forte e ritmado no peito que eu acho que todos aqui na sala podem ouvir.

É como se ninguém mais estivesse aqui. Somente ele e eu. O meu *futuro marido*.

Um sorriso de lado e ele vem ao meu encontro, me enlaçando pela cintura.

— Está linda, Foxy...

— Você também não está nada mal... —
Movo o pescoço, dando uma conferida no look do dia. Uma calça preta, uma camisa branca com os punhos dobrados. Cabelos bem penteados, barba aparada... — Vou te falar, o futuro *senhor Drummond* é muito, muito gato e eu tenho uma sorte lascada.

— Então, mas se não formos logo, capaz de

o tabelião desistir de esperar porque, adivinha? Vamos chegar atrasados.

Claro que a chatice de Tony não sairia impune. Nem bem ele termina de falar e todos já estão gritando, vaiando e o mandando calar a boca. Sabe como é, certos hábitos nunca mudam.

Seguro no braço de Vicente, que traz Felipe no colo, e saímos todos em direção ao cartório. Fechamos a Amorrino para a recepção e, em seguida, Vicente e eu vamos para uma casa que ele alugou na Riviera de São Lourenço. Uma lua de mel curtinha, digna de pais de criança pequena.

Não temos muitos convidados no cartório. Raquel e Rodrigo serão nossas testemunhas, depois de muita confusão e eu deixar claro que terei uma cerimônia tradicional de casamento mais à frente, com duzentos e cinquenta padrinhos e mais oitenta pajens.

Parece ter funcionado.

Tony e Adriana não abriram mão de estar presentes, assistindo a cerimônia, assim como Sara, Laura, Vítor e Marco. Todos os outros nos esperam na *pâtisserie*.

Chegamos em cima da hora, nem cinco minutos depois já estamos sendo chamados para

uma sala, pequena e decorada com flores. Uma pequena mesa, coberta com uma toalha branca, localizada no canto extremo esquerdo com duas pessoas sorridentes atrás dela, apontando a frente da mesa onde devemos nos posicionar.

Logo após um arranhar de garganta, chamando a atenção de todos que entraram no pequeno salão, o homem inicia a cerimônia.

— Bom dia, obrigado pela presença de todos. Vicente Avellar, é de sua livre e espontânea vontade receber Maria Luiza Drummond como sua legítima esposa?

— Sim — ele declara, depois de um olhar acompanhado por um sorriso de lado.

— Maria Luiza Drummond, é de sua livre e espontânea vontade receber Vicente Avellar como o seu legítimo esposo?

— Sim. — A vontade era de fazer um charme, responder em inglês, mas o “sim” saiu antes mesmo que meu cérebro pudesse processar a brincadeira.

— Assim sendo, por favor, deem-se as mãos e preparem-se para dar e receber os votos.

— Votos? — Vicente olha para o lado, fazendo Rodrigo gargalhar do nosso lado. — Que

votos, Foxy?

— Fala qualquer coisa que tiver no seu coração, seu banana, e está tudo certo...

O conselho de Vítor faz todo mundo rir, mas Vicente parece estar à beira do pânico. Eu devo estar, também, mas o fato é que eu já sei exatamente o que dizer a ele.

— Quer começar, Maria Luiza? — o juiz me pergunta, e eu me posiciono à sua frente, segurando sua mão gelada e suada.

— Quando eu era pequena, sonhava em ter um amor igual ao dos meus pais. Já te falei isso, inclusive. Aquele amor tão grande, que respirar sem ter a pessoa ao lado seria difícil. O tempo passou e eu achei que isso nunca seria possível, até que nos vimos em um cruzamento e, não, não foi um acidente. — Sorrio, sendo acompanhada por quem mais nos ouve. — Eu olhei para o outro lado da rua e vi um homem lindo, tão lindo que todo o resto parou de funcionar. Hoje eu olho *pra* você e vejo o meu melhor amigo. Vejo o pai dos meus filhos. Vejo o amor da minha vida. Entendo a razão pela qual Vinicius um dia escreveu que “*não há você sem mim, e eu não existo sem você.*”

Suspiro, e entrelaço nossos dedos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sua vez, Vicente...

— Não me pressione... — Ele ri, nervoso.

— Foxy, eu nunca me casei antes. Não sabia que tinha essas coisas de votos. Mas se for *pra* dizer o que está em meu coração, fica fácil. Porque eu não consigo pensar em um momento em que eu não amasse você. Eu amei você desde que a cor do teu cabelo me chamou a atenção e me fez parar naquele cruzamento. Eu te amo. Existem milhares de motivos para eu amar você, mas o principal deles é que você me deu seu coração, e eu fiz meu lar aí dentro. E eu sempre quis um lar. Sem nem saber disso você chegou e me deu tudo o que eu sempre quis, e eu te prometo que eu vou passar o resto da minha vida fazendo você a mulher mais feliz deste mundo.

Eu nunca participei de nenhum casamento no cartório, não sei se existe a hora de “pode beijar a noiva”, mas eu, honestamente, não me importo. Simplesmente fico na ponta dos pés e, o puxando pela camisa, tomo seus lábios em um beijo apaixonado.

— Você já faz — sussurro, quando separo nossos lábios.

Um arranhão de garganta e eu rapidamente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

volto ao meu lugar, fazendo todos os presentes rirem. De novo.

— De acordo com a vontade que ambos acabaram de afirmar perante mim, de vos receberdes por marido e mulher eu, em nome da lei, vos declaro casados.

Ficamos um tempo ainda ouvindo a leitura da ata, a surpresa no rosto de nossos amigos quando a escritã anuncia que Vicente também está mudando seu nome, é um tanto divertida de ver.

Quando o juiz nos pede para colocar as alianças, logo depois de assinarmos a ata, a minha mão treme tanto que Vicente chega a fazer piada, dizendo que é o novo modelo do “acerta o alvo e ganhe um urso de pelúcia no final”.

— Não adianta tremer agora, pequena. Já era... — ele sussurra, erguendo minha mão e deixando um beijo na aliança, que agora faz par com o anel que ele me deu anteriormente.

— Não se preocupe, senhor Vicente *Drummond* Avellar. A tremedeira é de felicidade.

— Eu te amo.

Sequer preciso responder de volta. O meu corpo inteiro vibra em uma única nota, que repete, sem parar “eu também te amo!”

PERIGOSAS ACHERON

Estamos recebendo os cumprimentos ainda do lado de fora do cartório quando ouço a voz desagradável — ou poderia dizer, o chocalho da cobra — se sobressaindo entre o falatório.

— Então, se casa e sequer tem a hombridade de convidar sua própria mãe?



Vicente

O dia perfeito. Sabe quando tudo dá muito certinho? O dia ensolarado, mas não aquele calor infernal. A cidade sem trânsito, que mesmo tendo saindo em cima da hora de casa, chegamos minutinhos antes de sermos chamados. Amigos queridos ao nosso redor. Eu conseguindo dizer aqueles tais de votos sem gaguejar. A minha mulher, agora, sim, dizendo com propriedade, *minha mulher* linda, grávida, emocionada, aqui comigo.

Claro que eu queria ter dado a ela uma cerimônia digna da rainha que ela é, mas pretendo fazer isso direito, com calma, sem que falte nada a ela. E ela sequer pareceu se importar com isso, como ela me disse antes, nem aliança seria

necessário — mesmo eu fazendo questão disso.

Tudo está lindo. Então, Helena Ferraz aparece.

— O convite foi estendido apenas a pessoas que nos querem bem — respondo, erguendo Felipe no colo e o colocando sentado em meu ombro. O movimento, claro, chama sua atenção, mas ela tem o bom senso de não comentar.

— Estou vendo. Alguns poucos gatos pingados, um irmão que você nunca deu atenção e que agora parece fazer de tudo para me irritar.

— Tenha uma boa vida, Helena... — Passo por ela, que não contente, vem atrás de nós, me puxando pela camisa.

— Não saia assim, eu ainda não terminei!

— Quem te chamou aqui?

— Vi o alerta no celular de Vítor. Data, hora e local...

— Mexeu em meu celular? — Meu irmão se aproxima, claramente alterado com a presença dela aqui. Alguma coisa aconteceu entre eles nos últimos dias, algo que ele não quis me contar, mas que, claramente, mexeu muito com a boa visão que ele tinha a respeito de nossa *mãe*.

— Já disse a você que sempre consigo o que

eu quero. — Se virando para mim e olhando para Felipe, de uma forma totalmente irritante, ela simplesmente declara: — Entregue esse moleque para os pais dele, Vicente, tenha modos quando alguém fala com você.

Eu quero muito responder a ela. Novamente. Quando soube que ela esteve no apartamento de Malu, meses atrás, eu fiz questão de voltar até sua casa e deixar bem claro que, dela, a única coisa que nós queríamos era distância. Pedi para nos esquecer, para nos deixar em paz. Aparentemente não resolveu muito o problema e eu vou relembra-la sobre isso.

Pergunte se eu precisei.

— Escute aqui, sua bruxa velha! — Malu a puxa pelo braço, sem se importar de estar chamando atenção. — Você se lembra de quando esteve em minha casa e eu falei para sumir, ou eu jogaria você pela escada? Aqui não tem escada, mas tem carros passando, e eu estou gestante. Meus hormônios estão descontrolados, não ando respondendo por mim!

— Tire as mãos de mim!

— Não vou tirar. Eu avisei que não queria te ver nos rondando novamente. Mas antes de você

sair, deixa eu te falar uma coisa. Esse *moleque* que você olhou com essa cara de bosta é nosso filho. Meu e de Vicente. Mas não se preocupe, ele não vai te chamar de vovó e, sabe por quê? Porque não queremos ter absolutamente *nada* a ver com você!

— Me solte! — Helena puxa o braço, freneticamente, parada na calçada em frente ao cartório. Um movimento grande de carros na rua acaba me deixando um tanto nervoso, e eu chamo Malu, querendo que ela se afaste.

Mas ela não me ouve.

— Eu não sei o que se passa na sua cabeça, Helena. Não sei se você pensou que depois de anos sendo uma pessoa de merda, porque nem de *mãe* eu posso te chamar, chegaria aqui, sorrindo, e teria Vicente em suas mãos. Que o usaria para sabe-se lá qual a sua intenção, e ele iria tranquilamente, achando que de uma hora para outra você aprendeu a ser mãe.

— Você não sabe nada sobre mim!

— Não, e nem quero. Mas eu já te falei, sei muito sobre ele. Inclusive, sei que eu te daria uma surra aqui, sem se importar com a sua idade, se precisasse, se eu visse que você tivesse o poder de machucá-lo, nem que seja por um milímetro a mais.

Mas... — soltando o braço de Helena, Malu dá um passo para trás e eu me aproximo, a segurando pela cintura. — Eu não preciso porque você não tem nenhum poder sobre ele.

— Você estragou tudo, Vicente. Vocês estragaram tudo! — Rancorosa, totalmente fora de si, ela aponta o dedo de forma acusatória para mim e Vítor, e eu, honestamente, não entendo nada.

— Cale a boca! — Vítor brada, se adiantando, colocando-se entre nós e ela. — Quem estragou tudo foi o seu marido, que é um picareta, pilantra, safado. Gastou todo o dinheiro da família com jogos, Vicente, e ela então resolveu lembrar que tinha dois filhos, e poderia garantir o seu status na sociedade firmando um bom casamento. Por isso, a obsessão em ter netos, claro, das *pessoas certas*.

Vítor conta a mim, mas não desvia os olhos dela um minuto sequer.

— Tentou me oferecer para a filha de um ricoço, me recusei a fazer parte desse circo. Então achou que você cairia nessa. Que engravidaria a filha adolescente de um imbecil qualquer. Deixa-me te dizer uma coisa, Helena, burrice não é transferível.

— Você vai sair da minha casa hoje, Vítor!

— Com prazer. Logo você vai sair de lá também, quando os credores passarem a bater na porta.

Tudo acontece muito rápido. Ela dá um passo para trás, se desequilibra, quase caindo na avenida movimentada. Consegue firmar o corpo, parando em pé e então um veículo em alta velocidade passa perto dela, buzinando alto. Chego a gritar, pensando que ela seria atingida, mas Malu é mais rápida, puxando a mulher pelo braço, a trazendo de volta à calçada.

— Invente de morrer no dia do meu casamento, sua bruxa, que eu faço questão de matar você novamente!

Eu não queria uma cena no meu casamento. Definitivamente isso não estava nos meus planos. Mas eu vou te falar, me deu um orgulho danado em ver Malu feito uma leoa de meio metro encarando Helena Ferraz para nos defender.

Tony também pareceu muito satisfeito, porque o sorriso enorme ficou em seu rosto por um bom tempo. Fui saber, um tempo depois, que ele nunca tinha visto Malu reagir dessa forma. Mas que, um belo dia, ela o botou para correr da

PERIGOSAS NACIONAIS

pousada e, de lá para cá, não abaixa a cabeça para ninguém.

A nossa recepção de casamento ser na Amorrino também foi natural. Laura tinha cuidado da decoração do lugar, mas ainda que o salão estivesse vazio, somente as quatro paredes, ainda seria o lugar perfeito.

Tivemos o cuidado de convidar apenas pessoas próximas. Amigos de longa data — de Malu, porque amigo meu de longa data mesmo, somente Rodrigo. Nossos irmãos, menos Mônica, que continua achando que a culpa de todo o seu infortúnio é de Maria Luiza. Os funcionários da Casa 22, meus colegas da Polícia Federal. Samuca, Murilo, Bento e aqueles que, de certa forma, colaboraram para nos deixar vivos. Gael e Ana Maria. Carol. Aparecida. Somente pessoas importantes que acabaram passando por nossa vida durante essa história que aconteceu rápido, mas que a intensidade encheria no mínimo uns dois livros se alguém fosse contar a nosso respeito.

Parado no balcão, pouco depois de cortar o bolo — e ver Felipe e Bruno deixando, sorratamente, suas digitais no glacê — fico observando o nosso cruzamento. Relembrando.

PERIGOSAS ACHERON

Aquela segunda-feira mágica em que a minha vida toda mudaria.

Busco Malu com os olhos, e a vejo conversando animada em uma roda com Raquel, Sara, Adriana, Laura, Babi e Carol. Me aproximo, pedindo licença e a puxo pelas mãos até o lado de fora, parando exatamente no lugar onde ela estava a primeira vez que a vi.

— Exatamente aqui... — Ela sorri, entendendo sobre o que eu estou dizendo.

— E você exatamente ali. — Aponta para o outro lado, e eu acabo ficando impressionado com a distância.

— E agora sabemos que era mesmo o destino. Por que, onde, nessa distância, alguém iria parar, apenas porque o sol bateu em seu cabelo e fez um reflexo que me chamou a atenção?

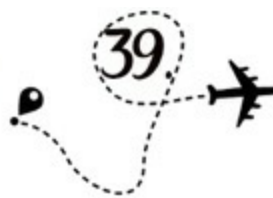
— Você iria parar...

— Eu iria parar...

— Amo você, meu marido.

— E eu te amo mais, minha Foxy.

Não existo sem você



Vicente

Bato o capô do porta-malas, depois de tirar a nossa mala e vou até Malu, parada em frente à casa que aluguei para a nossa lua de mel. Exagerada? Sim, com certeza. Mas tão linda que os olhos dela cintilam ao olhar a fachada toda envidraçada.

— É apenas uma casa?

— Sim. Você vai gostar dela por dentro...

— Seguro sua mão, enquanto levo as malas com a outra.

— Você veio até aqui?

— Sim, senhora. Está reservada desde o dia que tivemos a confirmação do cartório.

Abro a grande porta de madeira, entrando em uma espaçosa sala de estar com, no mínimo, três ambientes. O piso de mármore brilhoso está tão translúcido que eu vou poder ajeitar meu topete olhando para ele. O cômodo é totalmente envidraçado, as portas e janelas têm algumas cortinas em tom bege, mas estão abertas, nos dando a visão da área externa que é fenomenal.

A passagem nos leva à piscina, enorme e com cascata, em um ponto bem escondido pela estrutura da casa e pelas árvores ao redor. Após o deck de madeira, somos levados à sauna, que fica ao lado da área gourmet. Desse espaço podemos ver o extenso gramado, que nos leva até o portãozinho separando a propriedade da areia, um pouco mais adiante.

— Uau...

— Pois é. Se a arquiteta que vive em você ficou sem palavras, imagina eu que só sei ver feio e bonito?

Quando voltamos para dentro, Malu nota a escadaria que nos leva ao segundo andar. Assim como toda a parede, o corrimão e o gradil de segurança é todo em vidro, dando à sala uma aparência ainda maior.

— Pedi para prepararem o primeiro quarto para nós, porque além de ele ser maior, a vista é mais bonita — digo, a enlaçando pela cintura, seguindo por trás dela até entrarmos no espaçoso cômodo. A porta da varanda, aberta, nos dá uma boa visão da praia, o final de tarde se aproxima e o céu já está com aquele colorido maravilhoso.

— Esta casa é um sonho! Digna de locação

do *Big Brother*...

Olho em volta, sorrindo com a arrumação *romântica* que fizeram em nosso quarto. Felizmente não tem pétalas espalhadas por todo o quarto, mas duas almofadas de coração vermelho estão posicionadas em cima da cama, e eu tenho certeza que elas não faziam parte da decoração. Um aparador ao lado traz um balde de gelo com champanhe, duas taças e uma cesta com frutas.

Se aproximando da cama, Malu pega o grande buquê de rosas vermelhas que estava no centro, cheirando as flores.

— Tem caseiro aqui?

— Tem, mais ou menos. Preciso depois passar para entregar a chave, quando formos embora. Quem arrumou isso aqui foi a Carol.

— Carol?

— Ela se ofereceu para vir hoje cedo, como não estaria na cerimônia, achou que seria a única pessoa de quem você não sentiria falta, caso se atrasasse para a comemoração.

— Que boba, claro que eu sentiria...

Nossa aproximação com Carol foi algo natural. Em um dia ela era a “mascote” da delegacia, toda a equipe se esforçando para não

deixar a menina sozinha depois de sua perda. No outro, ela frequentava minha casa, fazendo sopa para minha mulher, participando de nossas reuniões.

Me aproximo novamente de Malu, parando em suas costas, passando o dedo em sua nuca exposta, vendo a pele arrepiar. Encosto o nariz em seu cabelo, aspirando o perfume adocicado, já tão característico dela, e abaixo a cabeça, deixando um beijo em seu ombro salpicado de sardas.

— Quer tomar um banho?

— *Hmmm*, é bom, *né*? O dia inteiro de um lado a outro sem banho, não vai ser uma boa experiência.

Após dispor o buquê em cima da cama novamente, Malu leva a mão até o zíper na parte de trás do vestido e, em um movimento rápido, eu a detenho.

— Que graça tem casar e não poder despir a noiva?

— Não sabia que tinha esse tipo de fetiche, senhor...

“Fetiche”, “senhor”, duas palavras saindo da boca vermelha de uma ruiva sardenta com cara de safada acabam por fazer meu pau pulsar.

— Eu tenho muitos fetiches, senhora Avellar. Um deles é despir você, lentamente, e depois comer você ainda mais lentamente naquela banheira redonda.

Conforme eu falo, a voz arranhando na garganta um pouco mais do que o normal, eu desço o zíper do vestido vendo o tecido rendado escorregar por seu corpo até estar cobrindo seus pés. A calcinha, branca e de renda, pequenina é apenas um vislumbre entre as nádegas redondas.

Com o dedo polegar eu sigo a linha de sua coluna, subindo até chegar novamente ao seu pescoço, e o circuncidando com minha mão, trago seu corpo para trás, o apoiando em mim e ela segura em minhas pernas, as mãos espalmadas, aquecendo o local instantaneamente. Olho para baixo, admirando o rosto bonito, os olhos escurecidos de tesão, a boca entreaberta. A expectativa em saber o que diabos eu tenho em mente.

O ventre redondinho deixa a visão toda ainda mais sexy, se você quer saber. Estico a mão livre, acariciando sua barriga, subindo até os seios cuja auréolas agora estão mais escuras, fazendo um carinho suave no bico intumescido e ela arqueja,

apertando as pernas uma contra a outra.

— Você é tão linda, Malu... — Uso a mão que está em seu pescoço para erguer ainda mais seu rosto. — Eu sou um *filho da puta* sortudo do *caralho*.

Tomo seus lábios em um beijo apaixonado, que ela retribui da mesma forma. Seu braço esquerdo sobe até alcançar minha nuca, me segurando ali, enquanto eu a mantenho cativa, vestindo apenas um fiapo branco e um par de sapatos de salto alto.

Devo ter afrouxado o aperto, entorpecido pelo momento, porque ela conseguiu se virar de frente para mim, quebrando nosso beijo.

— Sempre achei injusta demais essa situação em que eu estou quase nua, e você ainda cheio de roupa.

Os dedos finos passam a desabotoar a camisa, botão a botão, e eu preciso de muito controle para deixá-la assumir as rédeas do momento como ela parece querer. Isso, ou eu já estaria puxando a camisa, arrancando os botões, me despindo apressado e caindo de boca em sua boceta.

Me arrepio inteiro quando sua unha passa

PERIGOSAS NACIONAIS

por meus ombros, acompanhando o tecido da camisa que ela tira, lentamente, deixando cair em um canto qualquer do chão.

— A primeira coisa que eu pensei, quando eu vi você do outro lado daquele cruzamento, foi: “*Senhor amado, ele é lindo!*” — ela diz, a voz baixa e rouca chega a soar divertida, enquanto a mão espalmada passa pelo meu peito e vai descendo, em direção ao botão da calça.

Eu não me mexo, as mãos cravadas em sua cintura querem continuar a exploração, mas me mantenho parado. Meu pau, em compensação, segue dando sinal de vida, pulsando feito um maluco.

— Em seguida, eu pensei que não teria tanta sorte. Mas, veja só... eu tenho.

A calça desliza pela minha perna e, por instinto, eu retiro, com a ajuda dos pés. Os sapatos voando longe também e devo estar uma pintura renascentista só de cueca e meia, mas quem liga?

Me abaixo, buscando seus lábios novamente mas a diaba ergue a mão, colocando o dedo indicador nos meus, me impedindo de prosseguir. Sorrindo, ela se afasta, libertando os pés do vestido e indo, rebolando, em direção ao banheiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos encher a banheira. Tomar banho, esqueceu?



Malu

Se me perguntarem como eu consegui caminhar sobre os sapatos, e chegar até o banheiro, eu não vou saber responder. Toda a atmosfera, a casa bonita, o homem lindo e seminu à minha frente, tudo já seria motivo para eu estar mexida. Mas é o fato de que, agora oficialmente, ele é meu. Meu marido. E essa será a primeira vez que vamos nos amar depois de casados.

Me chame de boba romântica, sei que sou. Nunca neguei.

Quando paro em frente a banheira e me viro, Vicente está parado, nu, me olhando da porta. Sorrindo enquanto me devora com os olhos. Me sinto remexer inteira quando ele vem caminhando, feito um felino prestes a dar o bote, e para à minha frente, se abaixando e cheirando meu pescoço, mordiscando a pele, antes de se afastar.

— Este é um jogo que dois podem jogar, Foxy...

PERIGOSAS ACHERON

— Que bom... — Vejo quando ele começa a abrir as torneiras, e a água passa a jorrar para dentro da banheira, forte e contínua. Levo minha mão até o sapato, não tão folgado, para retirar e, mais uma vez, ele me impede.

— Eu faço isso...

Sentado na borda da banheira, ele passa os dedos pela minha perna, dedilhando pela coxa, joelhos, panturrilha, até chegar em meu tornozelo e erguer minha perna, retirando o sapato. Seu toque, misturado com a antecipação do momento, me causam um reboição tão grande que preciso me segurar nele. Alheio a isso, ele repete o movimento do outro lado até que eu esteja descalça.

Os olhos então se fixam na pequena peça rendada que eu escolhi para vestir. Lembro-me de ter sorrido, e dado adeus a ela, logo que a tirei do saquinho. Tão bonitinha e logo estará arruinada, rasgada em algum canto, sem uso nenhum.

— Eu já te falei que eu amo renda, Foxy?
— Os dedos passam pelo contorno da peça, se embrenhando pelo elástico, a esticando até que ele possa deslizar o tecido por minhas pernas. Como se ainda esperasse resposta, ele me olha, erguendo a sobrancelha atrevida e eu apenas balanço a cabeça,

respondendo qualquer coisa.

E ele sorri.

— Vou guardar essa aqui *pra* mim. É muito linda para ser rasgada...

Lentamente ele fecha o registro da banheira, já cheia, e entra nela, sentando-se com as costas apoiadas no canto. Esticando a mão, me chama para juntar-me a ele.

Sempre sim.

— Sente de frente...

Me segurando pela cintura, ele me auxilia a sentar em seu colo, de frente para ele, as pernas flexionadas para trás até estar em posição confortável. Chega a ser engraçado que nosso momento é todo em silêncio, considerando o quão falante Vince é durante o sexo, toda vez, mas aqui e agora palavras parecem não fazerem sentido. Nossos olhos seguem conectados e isso parece ser o bastante, nos diz o suficiente.

Estou tão envolvida que sequer vi quando ele pegou o sabonete líquido, chegando a dar um pulinho quando o líquido gelado bateu em minha pele, me fazendo arfar. Gentilmente, ele esfrega as mãos em meu corpo, espalhando o sabonete, como se me banhasse.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Distraída...

— Estava olhando o meu marido.

— Me perdoe não ter te dado uma cerimônia do tamanho que você merece, Foxy.

— Pare de se desculpar por isso... Você me deu tudo o que eu queria, Vince. — Fecho os olhos, arfando quando sinto sua mão me tocando entre as pernas, os dedos percorrendo toda a extensão e sorrateiro, entrando em minha cavidade.

— Ainda vou te ver de noiva, caminhando até mim. Com nossos garotinhos vindo em nossa frente, trazendo as alianças. De repente, com aqueles projetos de lobisomens puxando a carruagem, não me importo. Você vai estar linda em um vestido todo de renda, que depois eu vou tirar os botões um a um...

— Definitivamente um fetiche... ah...— O movimento de vai e vem de seus dedos me fazem estremecer, e preciso apoiar minha testa em seu ombro, ao mesmo tempo que abro ainda mais as pernas, precisando de mais dele.

Desço minhas mãos até seu membro, sentindo a carne dura entre nossos corpos, e o circundo, pressionando enquanto toco até a ponta e volto para a base, arrancando um gemido de seus

PERIGOSAS ACHERON

lábios.

— Quem é aquele Vinicius que você falou no seu voto? — ele pergunta, entre gemidos, e eu sorrio, achando uma graça que ele venha se lembrar disso exatamente nesse ponto do nosso banho.

Me ergo, apoiando-me nos joelhos, e o posiciono em minha entrada, o engolindo de uma só vez.

— Vinicius de Moraes, o poetinha. Quando eu era menina, achava essa música tão linda que jurei um dia a declamar para o amor da minha vida.

— Ah é? — Ele me auxilia, impulsionando meu corpo para cima e para baixo, trazendo o quadril de encontro a mim conforme nossos movimentos passam a ficar mais frenéticos. — E o que mais diz essa música?

— Que todos os caminhos me encaminham para você.

Ele reage, assim que eu digo isso, a sua mão segura meu cabelo rente à nuca e sua testa vem de encontro à minha, nossos olhos presos um ao outro, nossos corpos bailando dentro d'água. Loucos, apaixonados.

Quando eu gozo, ele me segue, insano, gemendo alto, o rosto enterrado em meu pescoço,

enquanto eu... bem, sigo derretida em seus braços.



Eu já me acostumei que minhas primeiras vezes com Vicente são intensas. Quando nos conhecemos, passamos três dias trancados em meu apartamento. Quando voltamos, depois daquele período que mal gosto de lembrar, transávamos tanto em meu quarto na pousada que eu estava dando graças pelo fato de o local ter um boa acústica. Dei tanto que fiz até bebê...

Claro que minha lua de mel não seria diferente. Experimentamos a casa inteira. Depois da banheira, passamos para a cama magnífica, e confesso que experimentar morango e champanhe na pele de Vicente foi uma bela fantasia. Testamos a maciez de cada sofá daquela sala imensa. Nos acariciamos sem parar na varanda envidraçada, imaginando que algum voyeur poderia nos ver e dando a ele um show gratuito. Usamos a sauna. Transamos na piscina, à luz da lua. Dormir para quê? Já dizia aquela música do Bon Jovi: “dormirei quando morrer”.

Claro que o bebê não pensa assim. Ele deve
PERIGOSAS ACHERON

estar horrorizado lá dentro, pensando que é filho de um casal de pervertidos que resolveram ficar cutucando-o, sem parar, o dia inteiro. E, como é portador de um gás sonífero, me atingiu logo que voltamos da praia, ainda cedinho.

Caí na cama e dormi. Puff.

Acordei sentindo a mão grande e firme acariciar minha bunda, enquanto eu ainda estava enrolada em seus braços, a cabeça apoiada em seu peito.

— Pensei que tinha morrido... — ele diz, em tom risonho.

— Acho que o bebê cansou... — Ergo o rosto, deixando um beijo em seu maxilar. Acabo notando a cicatriz que ficou em seu ombro, bem na curva do pescoço onde ele foi atingido, meses atrás.

Passo o dedo no local, notando o quão pequena ela ficou. Não deve ter nem cinco centímetros, e quase me tirou ele. A lembrança daqueles dias me aperta o peito de tal maneira que o ar chega a me faltar. E Vicente, claro, percebe.

— Ei, pequena... — Ele tira minha mão, que havia ficado paralisada sobre a cicatriz, e a segura dentro da dele, apertando firme. — Está tudo bem.

— Eu quase te perdi. E eu sequer poderia

dizer que morreria junto, porque nosso bebê já estava comigo, e eu também precisaria estar aqui, forte, para lutar por Felipe. Eu teria que continuar vivendo por eles, mas passaria uma vida inteira morta por dentro, sem você comigo, Vince.

— Mas não precisou de nada disso. Estou aqui, estamos aqui e logo vamos embora. Eu, você e nossos filhos. Nossos filhos, Foxy.

— Nossos filhos... — repito, emocionada.

— Você pode encarar essa cicatriz como uma manifestação daquela música que você gostava, quando era pequena... a dos seus votos.

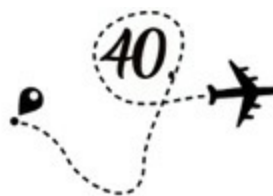
Ergo mais o corpo, balançando a cabeça, sem entender o ponto em que ele quer chegar. Sorrindo, ele pega o telefone celular, para ver que ele pesquisou a letra da música, que aparecia em um site qualquer na tela.

Me emociono, porque achava lindo o relacionamento dos meus pais. Me lembro de tê-los visto dançando essa música um dia, quando a tevê mostrava um especial da cantora Maysa e era o tema que tocava de fundo. Achei a letra tão linda que, no alto dos meus dez anos, anotei-a em uma agenda, jurando que ela seria a música que eu cantaria para o amor da minha vida.

Sorrindo, capturando a lágrima que escorreu furtiva pelo meu rosto, ele então declama a letra:

*“Assim como o oceano só é belo com luar.
Assim como a canção só tem razão se se cantar.
Assim como uma nuvem só acontece se chover.
Assim como o poeta só é grande se sofrer. Assim
como viver sem ter amor não é viver. Não há você
sem mim, e eu não existo sem você.”*

Decisões finais



Malu

Desligo o forno, e puxo a forma de vidro com a lasanha verde que fiz para o jantar, a depositando sobre o fogão. Em seguida, como um costume já adquirido, tiro as luvas e aperto a lombar, dolorida.

Olho meu reflexo na geladeira de inox, eu pareço uma... uma... suspiro. Não sei nem o que pareço. Minha barriga está imensa, beirando os oito meses, e eu ando mais cansada do que o normal. Estressada, preocupada.

Vicente continua trabalhando na polícia. Fazendo jogo duro, obviamente, sem ir a campo, mas preso em uma obrigação que já não o conforta. Os pesadelos cessaram, porém, as crises de ansiedade noturna ainda não. Sua psicóloga diz que é questão de tempo até isso parar, o que eu concordo. É somente o tempo de ele abandonar esse trabalho.

A adoção de Felipe ainda não saiu. Conseguimos a guarda provisória dele, um mês depois que demos a entrada nos papéis, honrando a

carteirada dada, mas Gael nos pediu para continuar no país, fazendo tudo direitinho como manda a lei.

Eu não deveria estar tão preocupada, se não fosse tão xereta e deixasse de usar a internet para pesquisar casos de “*guarda provisórias que deram errado*”. A rede pode ser uma benção às vezes, mas, se você não souber controlar a sua barra de pesquisas, é capaz de se inscrever na Al Qaeda sem querer.

Ouçó uma correria na sala, uma barulheira sem fim, e seco a mão no avental, antes de me dirigir ao local, berrando com o membro mais velho da balbúrdia.

— VÍTOR! Será que você pode parar?

Como uma criança travessa, ele olha para Felipe, paralisado no meio do caminho, fazendo careta. E Felipe, claro, se diverte.

— Desculpa, Malu. Estávamos brincando. Vem, sente aqui no sofá, Felipe...

Cruzo os braços, mordendo os lábios para evitar sorrir ao ver os dois trapalhões sentados, fazendo de conta que são dois anjos, e volto para a cozinha.

Quando Helena expulsou Vítor de casa, logo após o nosso casamento, o impedimos de se

enfiar em uma pocilga qualquer até arrumar um canto para si. Deixamos a chave de casa com ele, que ficou hospedado aqui, enquanto eu estava dando mais que chuchu na cerca lá na Riviera. Ao voltarmos, eu notei que não tinha nenhum motivo que impedisse Vítor de ficar aqui conosco, ao menos, até o bebê nascer.

Era também uma forma de aproximar ainda mais os dois irmãos, estreitar os laços depois de trinta anos de afastamento e mal-entendido. Eu não posso dizer que fiz muita coisa certa na vida, mas esse, definitivamente, foi um dos meus melhores acertos. Adorava ver Vítor e Vince interagindo, conversando, se tornando amigos. E Felipe não podia ter tio melhor.

Bem, essa última frase não foi muito justa com Marco. Ele também era um tio maravilhoso, presente, dedicado. Meu menino deu muita sorte.

O toque da campainha me faz suspirar fundo e sigo para abrir a porta, não sem antes olhar ao redor, analisando o apartamento. Tudo limpo, e relativamente arrumado, com a exceção de vários brinquedos espalhados pela sala e as duas *crianças*, sentadas, entretidas com um programa qualquer.

Testo o meu melhor sorriso, e o desmancho

em seguida, imaginando que posso parecer louca se receber a mulher com a cara congelada desse jeito. Mais um toque e abro a porta, olhando a figura sisuda parada no corredor. Uma senhora negra, alta, de compleição grande, vestindo um terninho azul e segurando uma pasta nas mãos.

— Maria Luiza Drummond Avellar, eu suponho.

— Sim, eu mesma. A senhora é...?

— Sônia Batista, assistente social. Posso...?
— ela pergunta, apontando para dentro e eu, me desculpando, abro espaço para que ela entre.

Há três meses estamos recebendo visitas surpresa de assistentes sociais. Talvez para ver como é a nossa casa, quando não tem ninguém olhando. Essa é a quinta que aparece e, definitivamente, a menos simpática até agora.

— Fique à vontade. Aceita algo para beber?
— pergunto, enquanto a mulher analisa a minha casa, minuciosamente, eu diria. O dedo no móvel, checando poeira. O nariz aspirando algum odor estranho. O olhar criterioso observando a criança distraída no chão.

— Obrigada, estou bem. É seu esposo?

Vítor se ergue, vindo ao nosso encontro,

PERIGOSAS NACIONAIS

esticando a mão em um cumprimento educado.

— Vítor Avellar, sou irmão de Vicente.

— Vive aqui, Vítor?

— Estou passando um tempo aqui com meu irmão e minha cunhada. Sou clínico geral, não tenho plantão hoje.

A mulher torce a boca, assimilando o que foi dito, e anota algo no bloco que carrega.

— De quantos meses está, Maria Luiza?

— Ah... — trago as mãos ao ventre e sorrio —... quase nove meses.

— Já sabe o sexo? — confirmo que sim, ainda sorrindo, sem receber um sorriso de volta e ela aponta para o corredor, onde estão os quartos. — Posso?

— Claro, fique à vontade...

Cômodo a cômodo ela vê tudo, analisando em silêncio, anotando as coisas em seu bloco. Se demora um pouco a mais no quarto de Felipe, e outro tanto no quarto do bebê, quase como se estivesse comparando ambos. Tentando encontrar alguma diferença no tratamento.

— Você tem ajuda, Maria Luiza? — Franzo a sobancelha, sem entender. — Na arrumação e limpeza da casa. Uma empregada...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. Por enquanto, não.

— E cuida de tudo sozinha?

— Digamos que meus garotos são comportados... — Sorrio, dando de ombros. Mais uma vez ela anota alguma coisa em seu bloco e, nesse ponto, eu já estou honestamente ficando nervosa. A mulher é muito seca, diferente das que nos visitaram antes, me deixando sem saber como agir.

— Felipe! — ela chama a atenção do garoto, e ele vem rapidinho, atendendo ao chamado. — Tudo bem? O meu nome é Sônia.

— O meu é Felipe... — Ele estende a mão, e eu vejo um sorriso no rosto sisudo da mulher pela primeira vez.

— Muito prazer. O que estava fazendo ali, sentadinho?

— Assistindo. Meu tio estava me ensinando inglês, veja... — Ele puxa a mulher pelo braço, a levando até a sala onde o programa infantil está sendo passado na linguagem original. Achei curioso a primeira vez que o vi fazer isso, e então ele me explicou que como temos planos de morar fora do país, o ideal é ambientar Felipe ao seu futuro idioma.

PERIGOSAS ACHERON

Nada como ser rodeada de pessoas inteligentes. A minha deve estar sendo sugada todinha para o útero.

— E você já aprendeu alguma coisa nessa nova língua?

Chacoalhando a cabeça, freneticamente, ele passa a cantar, animado.

— “I love Clifford, the big red dog![\[12\]](#)”

Outro sorriso, mais anotações, e ela se senta no sofá, chamando Felipe para sentar-se ao seu lado. Curioso, observando o bloco onde ela anota suas coisas, ele aponta para algum ponto do papel.

— Felipe... — diz, e sorri em seguida.

— Sabe ler, Felipe? — ela pergunta, depois de olhar rapidamente para mim e Vítor, e ele balança a cabeça, negando.

— Acho que na verdade ele nem sabe o que “ler” significa — explico —, mas ele deve ter reconhecido o nome dele, caso esteja escrito aí. Por causa da escolinha que ele frequenta.

A mulher me ignora, e eu suspiro, sentindo Vítor apertando meu ombro. Pedindo calma, tranquilidade ou qualquer sentimento equivalente que eu, no momento, estou em falta.

— Está ansioso pelo bebê?

— Douglas. Ele chama Douglas.

Felipe havia se irritado, certa noite, com as pessoas chamando seu irmão de “bebê”. Não me pergunte o porquê, mas isso realmente era algo que o tirava do sério. Ele então nos puxou, a mim e a Vince, e perguntou qual era o nome do seu irmãozinho.

Todos apostavam que escolheríamos Vinicius. Na verdade, essa era mesmo a minha escolha, natural por conta dos meus votos. Mas Vicente surpreendeu ao anunciar que, se tudo estivesse OK para mim, o bebê poderia chamar-se Douglas.

— *Por que Douglas, Vince?*

— *Acha feio?*

— *Não, de forma alguma, acho lindo. Mas nunca o vi falando sobre esse nome antes.*

— *Eu acho que, como vamos morar na Escócia, temos que pensar em facilitar a vida das crianças. Andei pesquisando, Douglas é um nome bem visto por lá.*

E ele tem razão. Os Douglas foram uma das famílias mais antigas e poderosas da Escócia. Durante a guerra da Independência, *sir* William Douglas se uniu a William Wallace — sim, aquele

William Wallace, que Mel Gibson interpretou no cinema^[13] —, mas foi capturado e levado para a Inglaterra, morrendo em seguida. Seu filho, James Douglas, se uniu então a Robert the Bruce — herói nacional e rei da Escócia — ficando conhecido como Black Douglas. Bem, para nós, escoceses, o “Bom Douglas”.

— *Sim, é um nome popular.*

— *E ele não terá problemas nem entre escoceses nem entre brasileiros, já que não é um nome estranho aqui também.*

— *Douglas Drummond Avellar. — Testo a sonoridade, gostando da força que o nome traz.*

— E você está ansioso para conhecer o Douglas? — A voz da assistente social me traz de volta.

— Sim. Eu ganhei uma blusa, de “melhor irmão mais velho”, e vou usar quando cuidar dele. E ele vai crescer e vamos ser muito amigos. Igual papai e meu tio.

A semelhança de Felipe e Vicente é algo assim um tanto quanto sobrenatural. Se fossem pai e filho talvez não fossem tão parecidos. Felipe é uma criança calma, e eu assumo que Vicente também devia ser, a vida que ele teve depois o

moldou a ser impaciente e rabugento, mas a forma como ele age comigo e com nosso filho me dá uma visão completamente diferente dele. Carinhoso, amoroso, atencioso e outros *osos*. E meu menininho é assim também, todo coração.

Os trejeitos de Felipe, seu jeito de falar, de prestar atenção nos outros, de argumentar quando se é perguntado... é como se eu estivesse vendo Vicente. Claro que ele tem aquilo de querer imitar, Vince é seu herói, a pessoa que ele mais ama no mundo, mas... é como se eles tivessem mesmo sido feitos um para o outro. Como se o lugar de Felipe não fosse outro que não aqui, nesta casa. Conosco.

A mulher fica mais um tempo conversando com Felipe e eu, em um misto entre nervosa e entediada, volto para a cozinha. Continuo terminando a lasanha, que agora volto ao forno para manter quente até a hora de Vicente chegar.

— Já estou indo, Maria Luiza. — A mulher entra na cozinha sem avisar e eu, por pouco, não bato a cabeça na porta do armário que estava aberta.

— Sim, claro. Espero que a visita tenha sido proveitosa.

— Foi bastante...

Acompanho a mulher até a saída, e quando fecho a porta, acabo me encostando nela. Cansada de esperar. Passo a mão sobre a barriga avantajada, sentindo o bebê se mexendo loucamente dentro dela, o que é mais uma espera interminável. Como se a minha vida consistisse em esperar, e esperar...

— Tudo bem, Malu?

Suspiro, e somente balanço a cabeça, voltando à cozinha.



O perfume de Vicente me atinge antes mesmo que eu desperte totalmente, e eu me viro, passando a mão no colchão, despertando imediatamente ao ver o local vazio. Ergo o pescoço, olhando a hora, e vejo que são duas da manhã. Felipe dorme ao meu lado a sono solto desde que, manhoso porque o pai não chegou para jantar com ele, o trouxe para dormir comigo.

Seria somente um cochilo, não acredito que dormi tudo isso!

Me levanto, preocupada com o horário, mas noto que a luz do banheiro está acesa. Ao parar na porta, vejo Vicente de cabeça baixa, apoiado na pia, PERIGOSAS ACHERON

recém-saído do banho.

— Está tudo bem, amor?

Sem resposta, me aproximo, o enlaçando pela cintura.

— Ei... por que chegou tão tarde?

— Fiquei preso na delegacia até tarde. Teve uma operação na rua, Hélio me queria liderando, mas eu não consegui.

Abraçada a ele, o ouço contar sobre ter fingido, nos últimos meses, estar liderando uma operação que estava nas mãos de Heloísa. Tentando, de todas as formas, manter o emprego e a nossa segurança, não se metendo novamente com a mesma organização que quase o matou uma vez. De suas suspeitas sobre o seu superintendente estar envolvido com a LIB, de sempre tê-lo achado muito *bobo* demais para o cargo que ocupava, um disfarce perfeito.

Mas não era isso que o estava consumindo. Ao chegar em casa, há pouco, encontrou Vítor sentado na sala, assistindo tevê. E ouviu sobre a visita da assistente social, ouviu sobre a lasanha que eu tinha preparado, ouviu sobre o filho que ficara esperando até cansar e dormir de tanto chorar, porque o pai estava preso no trabalho.

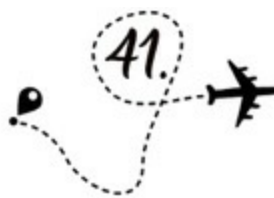
PERIGOSAS NACIONAIS

Quem nasceu para ser Vicente Avellar
nunca será Vagner Avellar.

— Vou pedir exoneração amanhã, Foxy. E
torcer para o juiz entender o meu lado.

PERIGOSAS ACHERON

Somos quatro



Vince

Encosto o carro em frente ao portão colorido, vendo o movimento. Maria Luiza havia conseguido uma vaga na melhor escolinha da região, e eu sempre lamentava ter que sair de casa cedo, e não poder trazer Felipe todos os dias.

Não me conformo com menos do que fazer parte de todos os momentos de sua vida. Eu tinha perdido muito tempo, e agora eu quero tudo o que eu posso ter.

Dou a volta no jipe, abro a porta e solto o cinto de segurança, franzindo a sobrancelha para a bagunça que se tornou o banco traseiro, repleto de farelos do bolo de cenoura que eu dei a ele — escondido — antes de sair de casa. O pego no colo, trazendo sua mochila junto, passando a mão em seu rosto, o deixando um pouquinho mais apresentável.

— Terminou o bolinho?

— Comi tudo! — ele responde, com a boca cheia, e tenho certeza que sua mãe me socaria por não ensinar bons modos.

— Vamos, então, que a tia está esperando.

Seguimos pela calçada, Felipe em uma tagarelice matinal sem fim, animado com o dia, como sempre. Os últimos meses foram excelentes em seu desenvolvimento, apesar de ainda ser uma criança mais calma, ele interage com as pessoas sem aquele medo de ficar para trás. Talvez conseguimos passar a ele a segurança que ele precisava de que nunca mais ele será abandonado, ou delegado a segundo plano.

E foi isso o que me consumiu a noite passada. Ouvir de Vítor que meu filho dormiu chorando porque eu não apareci para jantar acabou comigo. Não quero a minha história se repetindo, de jeito algum, eu recebi uma segunda chance — sempre encaro como isso, uma segunda chance — e não vou desperdiçar.

— Se comporte, ok? — digo, depois de lhe dar um beijo no rostinho corado. — Papai vem te buscar mais tarde.

— *Tá bom!*

Fico vendo-o entrar, correndo e interagindo com outras crianças. Animado, falante. Enche meu coração de amor todas as vezes que o vejo assim, diferente daquele garotinho acuado do primeiro dia,

chorando solitário em um canto qualquer.

Sinto o celular vibrando no bolso e fecho os olhos, torcendo para não ser da delegacia. Estou firme e convicto de minha decisão e sei que deveria estar trabalhando a essa hora, mas, honestamente? Não estou dando a mínima.

Com surpresa, vejo o nome de Gael Prieto piscando na tela.

— Fala, italiano.

— *Bom dia, babaca! Como anda o seu humor?*

— Até agora estava bom. Agora, se você começar a encher o meu saco logo cedo, pode mudar com rapidez.

— *Que absurdo!* — Ele gargalha, me fazendo revirar os olhos. Se alguém me dissesse, meses atrás, que eu teria uma amizade nesse nível com Gael Prieto, eu chamaria de mentiroso.

— Gael, seu humor a essa hora da manhã é um tanto descabido. Que diabos você quer?

— *Saiu a sentença, Vicente. Passa no escritório depois, iremos ao cartório pegar a certidão do moleque.*

É preciso me apoiar na lateral do carro, porque sinto as pernas meio que pararem de

responder de imediato.

— Sa-saiu?

— *Vai pegar tua mulher, Vicente!*

Olho mais uma vez para dentro da escola, ainda a tempo de ver Felipe pulando, contente, passando pela grande portão do pátio. Finalmente, meu.

Sigo para casa, aliás, acredito que nunca dirigi tão rápido em toda a minha vida. Atraio a atenção de todo mundo ao estacionar o carro de qualquer jeito e sair correndo pelo condomínio, subindo pelas escadas por completa e total falta de paciência para esperar o elevador. Sentindo o peito arder de vontade de gritar de alívio e felicidade.

— Foxy! — grito, ao entrar correndo em casa e escuto um barulho de vidro quebrando na cozinha. Corro até lá e a vejo parada, a mão na barriga, os olhos arregalados em minha direção.

— Aconteceu alguma coisa com o Lipe?

Me aproximo, a erguendo nos braços, rodopiando com ela no meio da cozinha, sem nem me preocupar com os cacos que vão se espalhando pelo chão.

— Vicente, *tá* ficando doido? O que aconteceu?

— Saiu, pequena. A sentença saiu! — Sigo cantarolando, enquanto a levo para o quarto. — Gael pediu para nos encontrarmos com ele no escritório, já podemos pegar a certidão.

— Ah, meu Deus!

A coloco no chão, rindo, enquanto a vejo, atrapalhada, tentar escolher uma roupa que caiba nesse barrigão. Reclamando que nada fica bom, enquanto eu a tento convencer que fica linda até vestindo um saco de batatas.

Ficamos indecisos entre contar a todo mundo ou esperar até termos a certidão em mãos, e optamos pela segunda opção. Seria bem capaz de ter uma fila de curiosos na porta do cartório, brigando com o tabelião para ver o documento antes de nós.

Mas confesso que teria sido interessante, ao menos a bagunça disfarçaria o extremo nervoso que eu passei entre sair de casa e esperar, sentado na saleta de espera, até o atendimento.

— Vince, meu amor... senta um pouquinho. Está me deixando nervosa!

— Não consigo.

Sigo, pela milésima vez, até o corredor por onde a atendente saiu com a ordem judicial,

dizendo que voltaria em “um minutinho” com a certidão. Minutinho que está beirando os quarenta.

— Vicente! — Me viro para Malu, segurando a barriga com as duas mãos, os olhos fixos no chão.

— Está tudo bem?

— Sim. Minha barriga ficou muito dura, mas voltou ao normal. Sente aqui, eu estou ficando nervosa.

— Deixa-me perguntar uma coisa... alguém tem autorização para buscar Felipe no colégio, além de vocês dois?

— Vítor. Por quê?

Antes que Gael possa responder, no entanto, ouvimos a atendente me chamando. Corro até o balcão, como se fosse um refugiado e a mulher estivesse oferecendo água, tamanho desespero. Por sorte, sua expressão não parece fazer chacota de mim, ela parece mais compreender meu sentimento.

A certidão é entregue em uma caderneta, branca e pequena. Assim que eu seguro o documento, olho para Malu que continua sentada, olhos brilhantes e um sorriso enorme no rosto. Evito abrir o documento na frente da atendente,

porque isso é algo que ela tem que ver. Eu já tive a emoção de ter meu nome na certidão do nosso garotinho, ainda que não da forma ideal. O dela, de forma definitiva, ainda não.

Me ajoelho à sua frente e entrego a caderneta, balançando a cabeça em um incentivo para que ela abra. E, quando ela o faz, viro o pescoço, de forma que me possibilite ler junto com ela.

Felipe Drummond Avellar. Filiação, Maria Luiza Drummond Avellar e Vicente Drummond Avellar. A mãe, natural de Edimburgo, Escócia e o pai, natural de São Paulo, capital, ambos residentes nesta cidade.

Segurar o choro foi impossível.

— Ele é seu, Foxy. — Levo minha mão até sua nuca, segurando seu rosto próximo ao meu, e afirmo, categórico. — Seu!

— E ainda tem a data de hoje aqui na certidão. É quase como um parto, não? O dia oficial em que ele nasceu para nós?

— Sim... — Sorrio, deixando um beijo em seus lábios. — Quase como um parto.

— Que interessante. Porque, amor, acho que Douglas ficou com inveja e quer sair para

comemorar conosco.

O sorriso imenso que eu tenho no rosto vai esvaecendo, conforme o cérebro absorve a informação e o pânico começa a tomar conta do meu corpo.

— Agora?

— Acho que sim... me dê sua mão, aqui...

Completamente incapaz de me mover, eu sinto minha mão sendo levada até a lateral de sua barriga e a sinto dura, totalmente tesa, tal qual a enfermeira do curso de gestante nos disse que ficaria.

Ah, qual é, vai ficar rindo você também? Sim, eu acompanhei Malu a um curso de gestante, e daí?

Fiz questão de aproveitar cada segundo da gestação. Cada centímetro que seu barrigão crescia. Senti, maravilhado, a primeira vez que o bebê mexeu. Estava na cama, em um domingo preguiçoso, com Malu deitada de um lado e Felipe do outro, quando ela pulou ao meu lado. Parada, o olho fixo na barriga, e quando eu perguntei o que estava acontecendo, ela simplesmente pegou minha mão e colocou sobre a lateral, onde ela parecia sentir alguma coisa.

O ondular por sobre a pele, quase imperceptível naquele primeiro momento, foi um explodir de sensações em meu peito. Como se fosse aumentando, cada vez que alguma coisa relacionada a ele chegasse a mim. A notícia da gravidez, a primeira consulta... sempre explodindo de emoção, sempre me sentindo o *filho da puta* mais sortudo do planeta.

Acompanhei todos os exames, ajudei a montar o enxoval, escolhi o nome. *Douglas*. Sabia que Malu andava em dúvidas quanto ao nome do nosso bebê. Já imaginava ter um “Vini” correndo por aí, e aguentando as piadas sem graça do seu tio, aquele ruivo babaca. E não que eu achasse Vinicius estranho ou feio, longe disso. Eu só ficava imaginando os escoceses tentando pronunciar o nome do meu filho na escola. Felipe é um nome de pronúncia mais fácil e fluida do que Vinicius.

Me empolguei quando, ao pesquisar no bom e velho Google, vi que Douglas era um nome gaélico. Alegre, simpático, idealista, exigente, crítico, perfeccionista, meio impaciente e um tanto rabugento. Sim, estou sorrindo, é basicamente um eu mirim.

Fiz questão de ser o melhor pai que ele

poderia ter, o pai que eu gostaria de ter tido, desde o primeiro instante. Para congelar e ficar com cara de panaca no momento que Malu diz que ele vai nascer.

— Vai querer que seu filho nasça aqui mesmo, babaca?

Sinto o tapa de Gael em meu ombro, me obrigando a sair do torpor. Atrapalhado, completamente fora do prumo, guio Malu até nosso carro, prendendo-a ao cinto do banco traseiro quando a sinto apertar minha mão, com força.

— O que foi?

— Podemos ir? — ela diz, com voz entrecortada. — Porque está doendo...

— Entra aí, que eu levo vocês, Vicente. Estou vendo a hora de você sofrer um acidente, mal consegue andar direito. Molenga.

Telefone para Vítor, o coitado hoje está de plantão, mas terá que fazer o sacrifício de, além de médico, ser tio e transmissor de notícias. Peço a ele para avisar aos amigos que Douglas está vindo.

Douglas está vindo. Gargalho, histérico dentro do carro, pois isso parece notícia de vendaval chegando.

— *Tá* tudo bem, amor?

— Vai ficar, Foxy... vai ficar!



Eu posso garantir a vocês que não sou cardíaco. E ter orgulho de não ter passado vergonha, desmaiando na sala de parto, ao ver meu garoto nascer, forte e berrando feito um touro, há uns trinta minutos.

Foi tudo muito rápido. Malu começou a ter contrações ainda no carro, mas elas evoluíram de forma impressionante, tanto que chegamos à maternidade com ela a ponto de dar a luz. O obstetra acredita que ela já estava em trabalho de parto em casa, mas indolor.

Sortuda, algumas diriam.

Amparar nosso bebê nos braços foi algo mágico. Tive poucas emoções comparadas a essa, eu posso dizer. A primeira vez que Malu declarou que era minha. Quando me disse sim, em nosso casamento. Quando Felipe aceitou minha mão, pela primeira vez, naquele abrigo. Quando me chamou de pai. E ver Douglas nascer.

São momentos que, ainda que mil anos se passem, serão mantidos como os mais importantes

PERIGOSAS ACHERON

da minha vida.

— Está com dor? — pergunto, notando a expressão cansada que Malu traz no rosto.

— Cansada, somente... — responde, observando nosso filho sugando seu peito feito um maníaco faminto. Uma mistura perfeita de nós dois, consigo me reconhecer em seus traços mesmo seu cabelo sendo em um tom mais claro.

Sentado ao seu lado na desconfortável cama de hospital, eu escovo seus cabelos com os dedos, me distraíndo com a visão. Nunca tinha reparado como uma mulher amamentando é lindo, talvez esteja reparando agora por serem meus. Minha mulher, meu filho, meus peitos. Sim, porque são meus.

A porta do quarto se abre, devagarzinho, e Vítor passa por ela, trazendo nosso garoto no colo.

— Olha quem *tá* ali no colo da mamãe... — meu irmão sussurra, entregando Felipe para mim, que parece segurar a respiração. Os olhos fixos no bebê, o biquinho de choro — ciúme, aposto — brincando nos lábios, conforme a mãozinha gruda na gola da minha camiseta.

— Viu só quem chegou? — digo, baixinho, perto do seu ouvido. — Seu irmãozinho. Chegou

para completar nosso quadradinho.

Usei umas figuras geométricas, parte de um dos brinquedos dele, outro dia para explicar a ele como a nossa família iria aumentar. Peguei um triângulo e dei a cada uma das partes o nosso nome. E depois, separando e encaixando novamente, transformei em um quadrado, deixando-o ansioso e satisfeito pela explicação.

Não contava que meu garotinho, tal qual eu, era ciumento e inseguro.

— E eu vou *pra* tia Cida?

Troco um olhar com Malu, que sorri como quem diz “vá lá, papai, faça o seu melhor!”

— Olha *pra* mim — peço, e ele obedece de imediato —, nunca mais vai embora, Felipe. O papai ama você demais, a mamãe também. Você é o meu garotinho, e nunca mais vai sair de perto de mim. Entendeu?

A cabecinha balança, com um certo vigor, e eu dou um beijo demorado em seu rosto, o fazendo rir.

— E o Douglas precisa de um irmão mais velho, para ensinar a ele coisas de irmão.

— E sou eu!

— Sim... é você. Quer se sentar ali com a

mamãe?

Ele concorda e o levo até a cama, o colocando sentadinho. O olhar curioso passando do irmão para a mãe, recebendo dela o carinho que ele achava ter perdido.

Ficamos ouvindo-o então contar suas aventuras diárias. O que tinha aprontado na escola. A emoção de ter o tio chegando para o buscar antes da hora, se achando *o differentão* do jardim de infância. Curioso em saber por que o irmão parece ter tantas dobrinhas na testa.

— Cara de joelho... — Vítor ri, parado ao meu lado.

Como um flash, acabo me lembrando de uma cena, algo talvez suprimido pela idade, não sei. Eu deitado de bruços numa cama grande, com um bebezinho do lado. Colocando meu dedo na mãozinha, que se fechava ao redor. Vítor e eu, a mesma diferença de idade dos meus meninos. Bato em sua perna, chamando sua atenção.

— Obrigado, doutor. — Ele dá de ombros, como quem diz que não havia sido nada. — Amo você.

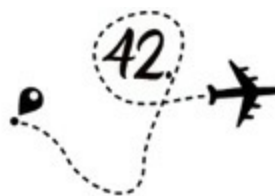
Trocamos um abraço. Não desses, desajeitados, masculinos, cheios de tapas. Um

PERIGOSAS NACIONAIS

abraço mesmo, de irmãos. Sabendo que temos a vida inteira pela frente para sermos os irmãos que já fomos um dia.

PERIGOSAS ACHERON

Nós fomos



Malu

Pouco mais de um ano se passou desde que eu desembarquei no Brasil, me propondo a ficar por um mês. Pensando no roteiro que, mais uma vez, eu trazia pronto na bagagem — a mulher solteira e bem-sucedida que, cansada de ser *trolada* pela vida, nunca mais se desviaria do caminho que havia traçado para si.

Hoje, aquela parece uma outra Maria Luiza. Vivendo naquela pousada, um único amigo com quem contar, rodeada por silêncio e vivendo para trabalhar, nada mais. Se pudesse voltar no tempo e falar comigo mesma, eu diria: *Malu, acorde!*

Acordei. Com alguns anos de atraso, mas acordei. Era como se me faltasse algo, que me impedisse de desabrochar, não sei. Eu hoje não me vejo mais vivendo daquele jeito solitário, o fogo que eu trago dentro de mim não me permite mais aceitar nada menos do que eu acho que mereço.

Aprendi a me valorizar. Aprendi a ter perto de mim apenas aquilo que me faz bem. Aprendi que eu sou, sim, suficiente, e que eu mesma me

basto. Eu me apoiava muito nos outros. No que pensavam, no que faziam, no que queriam de mim.

Ah, que bobeira, quanto tempo perdido.

Eu nem tenho um grande conselho para dar. Sei lá, se me convidasse para dar palestras ou escrever um livro de *coaching*^[14] explicando como eu cheguei até aqui, eu nem saberia explicar. Somente daria de ombros e diria: minha vida foi um clichê. Porque foi bem isso, simples e quase indolor, aquela coisa que as pessoas odeiam ouvir, mas que, no meu caso, foi real: eu encontrei o amor da minha vida, mas tive que me descobrir, encontrar dentro de mim o que eu tinha de melhor, para poder dar a ele o meu melhor.

Fez sentido isso? Espero que sim.

O fato é que eu não me vejo mais sem os meus meninos. Meus três meninos, que tomam os meus dias, me enchem de riso e de amor, um amor tão grande que eu nunca achei que seria capaz de sentir.

— Precisa de ajuda? — Ouço Raquel me chamando da porta e suspiro fundo, evitando voltar a choradeira. A noite passada foi um tanto quanto peculiar, se eu posso assim definir. Sara, Raquel e eu passamos horas intercalando um bom filme,

conversas, memórias, lágrimas, troca de fraldas, mamadas e aquela manha básica.

Eu citei lágrimas? Pois bem, teve. Muitas. Isso porque esta semana saiu a exoneração de Vicente e estamos indo embora, rumo à Escócia.

Quando eu ainda estava no hospital, logo após dar a luz, Vicente se dirigiu à delegacia. Com a certidão de Felipe em mãos e nosso bebê nos braços, não tinha absolutamente nada que o prendesse àquele emprego. Claro que o desligamento não foi imediato, mas para ele tudo foi finalizado com muita simplicidade. A única coisa que pediram foi um período de quinze dias para dar baixa no processo.

Esse período, então, utilizamos para coisas *práticas*. O apartamento aqui ficará com Vítor, enquanto durar o período de locação — ou mais, caso ele prefira continuar no local depois do vencimento do contrato. Uma empresa foi chamada para embalar a maior parte de nossos pertences — desde roupas à porta-retratos, que a essa hora deve estar em um navio rumo ao velho continente.

Vamos fazer figa e torcer para que tudo chegue em ordem.

Eu também senti que, desde que me vi

grávida e com um marido entre a vida e a morte no hospital, parei um pouco de dar atenção a todos que me rodeavam. Isso não foi muito legal, mas é que eu realmente precisava focar no que me era mais caro no momento. Eu tinha um marido para me preocupar, um bebê sendo gerado e um filho em um abrigo, não dava para ficar me lembrando da vida dos outros. A história deles, de repente, não me era tão importante.

Insensível, eu sei. Mas eu cuidei dos outros a vida inteira, precisava agora focar em nós.

Acho que, também, aqueles meses em Kennoway — período que eu sequer gosto de me lembrar, mas que foram tão importantes — acabaram esfriando algumas relações que eu tinha aqui. Mas eu não queria encerrar minha história com assuntos inacabados, então aproveitei muito bem as últimas duas semanas fazendo exatamente isso.

Ofereci um churrasco no salão de festas do prédio, o “*Bota Fora de Malu e Vince*”, fazendo questão de chamar todos os que fizeram parte de nossa vida nesse último ano. E todos os convidados vieram.

O pessoal da delegacia compareceu em

PERIGOSAS ACHERON

peso. Até mesmo *a tal* Diana, que não parecia mais tão desconfiada desde que percebeu que eu não fiz a sua caveira para Vicente. Ela é, agora, braço direito da nova delegada, a Helô. Que é mesmo casada, tem filhos lindos, e toda vez que eu a via nos braços do marido, me matava de vergonha.

Além de Vicente, Fabio também saiu da polícia. Depois de ter sido ferido, sua perna nunca mais voltou a ser a mesma, então ele simplesmente se aposentou. Eu não lamento por ele, até porque ele parece estar feliz demais em sua nova profissão, sempre gostou de motos e abriu uma mecânica voltada a esse público motoqueiro.

Murilo comparecia sempre que fazíamos a, como Vicente chama, *reunião dos Batutinhas*, que acontecia sempre que reuníamos Felipe, Bruno e Lincoln para brincar. Foi um dos que mais reclamou de nossa partida por causa disso, afinal de contas, o seu garotinho também é solitário, também sente falta desse calor familiar todo.

Carol entrou de vez para a turma. Eu pensei, honestamente, que ela engataria um romance com Pepê — sei lá, de repente a irmã de Gael tinha visto alguma coisa ali que justificasse toda a ciúmeira, mas não. Se manteve plena, linda e presente o

tempo todo, principalmente em meus meses finais de gravidez.

Pensando bem, presente até demais.

Já Pepê, esse não compareceu ao nosso bota-fora. Isso porque, meses depois da minha oferta, ele finalmente decidiu aceitar o meu convite e partiu para a Escócia. Há uma semana está lá, pleno, fazendo amizade com Eric e, segundo Freya, fotografando até as teias de aranha do sótão.

Nem só de solitários vive a vida. O amor parece ter pegado de jeito muita gente ao meu redor, mesmo aqueles que não assumam. Como Sara e Rodrigo, por exemplo.

Ele surtou quando ela estava no hospital. Ela quase morreu junto com ele. Eles não se desgrudam. E, mesmo assim, *não é namoro*. Sei.

Marco e Laura decidiram morar juntos, ele se mudou para a casa dela no mês passado. Livre de qualquer acusação, ele agora nem de longe lembra o homem rabugento que afastava a todos, carregando nos ombros uma culpa e uma vergonha imensa, por um crime que ele sequer tinha cometido, que o impedia de ser feliz.

Gael e Babi... bem, esses já são icônicos. O *Senhor Tempestade* e a sua *neném*, que apareceram

PERIGOSAS NACIONAIS

em nossa vida de repente, e ocuparam um espaço tão grande que se tornaram imprescindíveis e inesquecíveis.

E tem Raquel. A minha Raquel. A melhor amiga de uma vida inteira, que eu posso tranquilamente chamar de fada madrinha do meu casamento. Foi por ela que eu vim ao Brasil, foi ela quem inventou um surto me fazendo ficar, além do necessário, é ela quem está feliz e realizada ao lado de Samuca. É ela quem está chorosa, olhando para mim, sabendo que vamos nos separar novamente, mas que, diferente das outras vezes, desta vez eu vou estar feliz.

— Está tudo pronto. Eu estava mesmo somente checando se não tinha esquecido nada de importante.

— Luciana ligou. Está na cidade, quer te ver.

Esfrego o rosto, aborrecida. Desde que brigamos, ainda na inauguração da Amorinno, não nos falamos mais. Cortei os laços profissionais com ela, mesmo não achando nenhuma irregularidade, e ela se ofendeu, passou um bom tempo sem falar comigo depois daquilo. Hoje, isso parece outra vida.

PERIGOSAS ACHERON

— Não sei se estou a fim, Quel...

— Que bom. — Ganho um tapinha animado na perna. — Porque ela está andando novamente com Cibeles.

Ah, sim. Nem só de gente boa vivem as nossas memórias, certo? Como eu poderia resumir a vocês, sem perder muito tempo na narrativa com quem não é interessante?

Cibeles voltou a São Paulo, assim que soube que seu pai estava morto. Felizmente ela se manteve afastada, mesmo tendo a noção de que seu depoimento foi crucial para a resolução do caso, eu não queria nenhum tipo de aproximação. Ainda chateada também por ela ter saído impune, depois da enrascada em que meteu meu irmão.

Helena perdeu dinheiro, status e glamour. Não vou dizer que perdeu os dois filhos também, porque esses, ela nunca teve.

Já Mônica, bem... essa não tem jeito. Me odeia, se acha dona da razão, mas, por incrível que pareça, não me dói mais. Não por ela, só lamento perder contato com meus sobrinhos. Felizmente o bandido com quem ela foi casada está preso.

Ah, sim, os trastes. Juan foi condenado, pena máxima. O velho Camacho foi transferido

para a carceragem de Curitiba e, da última vez que lemos, estava mexendo os pauzinhos para conseguir uma liberação. Sequer lembro qual foi o argumento jurídico utilizado, isso me dá nojo.

Mirtes, ex-administradora do abrigo, também foi condenada em primeira instância. Entrou com recurso, sabe-se lá por quê. Ai, podemos parar de lembrar dessas pessoas?

— Tem certeza que já dá para viajar, Malu? Douglas só tem vinte dias.

— Sim, o pediatra liberou. Eu preciso ir, amiga. Eric está lidando com a Jornada sozinho, porque Tony foi embora logo depois do Natal.

— Seu irmão é um inútil. Ainda bem que Eric voltou...

Mesmo discordando da *inutilidade* de meu irmão, concordo sobre Eric. Eu fiquei muito chateada com ele, quando se demitiu. Mal podia ouvir seu nome, e hoje vejo que fui um tanto injusta com ele, também. Se ele não tivesse partido, eu teria voltado correndo ao Brasil e não teria aprendido nada do que aprendi no tempo em que fiquei sozinha em Fonthill. Doloroso demais, sim, mas tão benéfico!

Ele sempre me ajudou, desde o primeiro

PERIGOSAS NACIONAIS

dia. Torço tanto para ele ser feliz.

— Foxy — Vicente aparece na porta do quarto, com Felipe nos braços —, vamos chegar atrasados.

Suspiro fundo, e aperto Raquel em um abraço, tão apertado que acredito ser capaz de levar um pouco dela comigo, assim como deixo um pouco de mim aqui.

— Desta vez não quero desculpas, espero você lá... — sussurro, segurando o choro.

— Eu vou. Afinal de contas, alguém prometeu uma cerimônia de casamento naquele castelo.

Nossa sala está repleta de amigos, todos resolveram aparecer e nos acompanhar ao aeroporto. Mais um round de choradeira e promessas infinitas, mais uma vez eu me pego comparando este momento aos anteriores, em que deixava São Paulo rumo a Kennoway. Desta vez, sairemos daqui levando só amor.

Olho por sobre o ombro, a tempo de ver Vicente e Vítor abraçados na varanda. Nem tudo é fácil.

PERIGOSAS ACHERON



Vicente

Os últimos dias passaram voando, talvez pelo tanto de providências que tinham a ser tomadas, minha saída da polícia, a organização da mudança. Por sorte, nossos garotinhos são fáceis demais, Douglas ainda tem cólica, mas uma vez deitado de bruços sobre minha barriga, ele dorme a noite toda. E Felipe, bem... meu carinha é perfeito.

Mas agora, a minutos de ir para o aeroporto, os minutos parecem demorar horas. Como se eu precisasse deles para me despedir, para deixar tudo para trás, e saber que estou, finalmente, recomeçando a vida como eu sempre quis.

Eu estou feliz. Realizado, sabe? Fico aqui olhando para Malu com nossos filhos nos braços, radiante, e tenho certeza de que não poderia querer nada a mais nesta vida. Não conseguia entender o aperto no peito que eu sentia, afinal, isso tudo já estava tão certo. Até que um olhar furtivo para a varanda me faz entender.

Vítor está ali, parado, braços cruzados, olhando o movimento na sala. Sério, muito sério,

como nunca o tinha visto antes. Ele era o tio bobão que imitava zumbi manco com Felipe, que cantava karaokê gago com Malu, que andava pela casa a noite inteira com Douglas nos braços, até ele dormir. O irmão que me foi devolvido há menos de um ano e que, agora, estará longe de mim novamente.

— O que está fazendo aí?

— Tomando ar. Alguém me disse que é um bom calmante.

Cruzo os braços e fico esperando que ele me encare, mas ele também gosta de se fazer de difícil.

— Você vai ficar bem aqui? — pergunto, finalmente ganhando sua atenção.

— Vou sim. Você deixou tudo em ordem e...

— Não falei nesse sentido. — Me aproximo, segurando seu ombro. — Quero saber se você tem alguém por aqui, Vítor. Eu passei bastante tempo sozinho para saber que isso não faz bem a ninguém.

— Está tudo bem, Vicente. Sei que você é o irmão mais velho e tal, mas... você precisa seguir sua vida. Está me deixando um lugar ótimo para

morar, tenho minha profissão, sinceramente eu...

— Se achar que aqui não está legal, pegue um avião e vá nos encontrar.

— O quê? Você diz...

— Viver conosco. Sabe que as portas vão estar sempre abertas para você. Não te falei antes, Vítor, porque eu sou um pouco babaca às segundas e quintas-feiras. E bastante babaca nos outros dias — sorrio —, mas foi muito importante para todos nós esses últimos meses em que você viveu conosco.

Eu não sei como eu fui capaz de sentir raiva do meu irmão por tanto tempo. Estava tão focado nas merdas que nossa mãe tinha feito à gente que nunca parei para prestar atenção nele. É um garoto, ainda, apesar da idade. Um moleque preso num corpo de adulto, buscando por aceitação, por aprovação. Querendo ser aceito.

Minha proposta é tão inesperada que o deixa sem reação. Eu vejo o choque em seu rosto, os olhos marejados, a vontade de responder qualquer coisa e engolir em seguida, temendo estragar o momento.

O puxo pela gola da jaqueta para um abraço apertado, e só então o sinto soluçar. Soltando

qualquer coisa que ele estava prendendo em si, esmagando, tirando a paz.

— Você só vai se ver livre de mim, se quiser, seu paspalho... — Bagunço seu cabelo, ainda o abraçando, e ele ri.

— Sua mulher vai matar a nós dois se eu aparecer por lá, dizendo que fui para ficar.

— Vou nada! — Malu se aproxima, me enlaçando pela cintura, e estica a mão, secando o rosto dele. — Você é uma excelente babá. Vou adorar ter você por perto.

— Eu vou, prometo. Nem que seja para visitar uma vez ao ano.

É uma promessa, e ele sabe que eu vou cobrar. Se bem que não acredito que vou precisar, seus olhos realmente brilharam com a proposta.



A sala de espera lotada fica relativamente silenciosa quando ouvimos a chamada para o voo. Eu estou sentado, tentando conter a impaciência de Felipe e imaginando que teria sido uma boa ideia trazer um suco de maracujá ou algo do tipo e, ao ouvir a chamada, me levanto, pegando nossa

PERIGOSAS ACHERON

bagagem de mão e segurando Felipe com o braço livre.

Malu, com os olhos inchados de chorar, para do meu lado com Douglas nos braços, segurando nossos cartões e a documentação dos meninos, e eu me viro para a nossa plateia. Olhando um por um, amigos que vou levar para a vida toda.

— Eu vou falar a vocês que sou péssimo com despedidas. Tive minha cota, principalmente se tiver avião envolvido.

— Claro que ele faria discurso...

— Nem só você tagarela, Gael... — Ele rola os olhos, claramente se divertindo. — Mas é sério. Não vou me despedir de vocês. Porque eu espero ver cada um de vocês ao menos uma vez ao ano.

— Espero que seja verdade... — Raquel murmura. — Não vou conseguir ficar sem meu casal favorito.

— Amo vocês! — Malu diz, e então ouvimos mais uma chamada. — Cada um de vocês.

Caminhando para a grande aeronave à nossa frente, as mãos lotadas de filhos e coisas, subitamente me dá vontade de rir. Estive uma vez neste local, fiquei feito um louco ensandecido

PERIGOSAS NACIONAIS

batendo no vidro, vendo Malu me deixar. Depois passei por aqui novamente, achando que seria a última vez que íamos nos ver.

Chupa, aeroporto!

Minha risada parece contagiá-los porque logo Malu e Felipe estão rindo junto comigo, sem sequer saberem o motivo.

Família feliz. Eu. Não é mais piada.

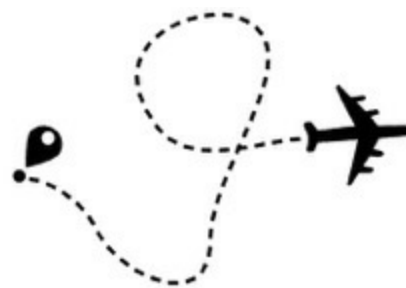
Paro abruptamente à sua frente, abaixando a cabeça e encostando minha testa na dela.

— Amo você, Foxy.

— Também te amo, de-le-ga-do.

PERIGOSAS ACHERON

Epílogo



Vicente

Desço as escadas assoviando, já indo direto em direção à despensa onde daqui a no máximo quinze minutos o senhor Duncan vai descarregar o carregamento de frutas do dia. Cumprimento Cole, o recepcionista noturno, e esbarro com Joseph, nosso segurança, que está finalizando seu turno.

— Bom dia, Avellar. Marquei para hoje cedo a visita do engenheiro, ele virá checar o terreno, avaliar se é viável a construção, essas coisas...

— Obrigado. Espero que seja, ou senão seremos obrigados a locar uma casa.

Hoje completamos um mês vivendo aqui em Fonhill. Não é muito tempo, mas foi o suficiente para saber que precisamos de uma casa. Não podemos criar nossa família vivendo naquele quarto de velhinha romântica, além de não ser apropriado são quatro lances de escada e duas crianças. Coisa demais.

O meu primeiro rompante, assim que

PERIGOSAS ACHERON

chegamos foi, claro, pensar em locar uma casa. Encontrei algumas excelentes pela redondeza, mas notei que isso deixou Malu um pouco triste. Ela *gosta* daqui, da familiaridade que isso lhe traz. Então me surgiu uma ideia, enquanto estava fazendo a vistoria diária da propriedade. Próximo ao lago temos um terreno amplo, que não é utilizado pela pousada, com uma vista maravilhosa.

A imagem de uma casa construída ali veio direitinho em minha mente. Ampla, cheia de quartos, arejada. Jovem, e não com cara de mausoléu como a do gerente panaca.

— Bom dia, senhor!

Recebo os cumprimentos dos ajudantes, visto as luvas e coloco a mão na massa. Acabamos concentrando a maioria das entregas às segundas-feiras, e isso facilita a organização da semana. A única coisa que continua chegando a cada dois dias são as frutas e verduras, mas demanda bem menos trabalho coordenar isso.

Algum tempo depois, o dia já amanheceu e me despeço dos entregadores, indo em direção à cozinha. O cheiro do café de Rose já toma todo o espaço, combinado com os pães que ela assa, isso deixa o nosso desjejum ainda melhor.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom dia, Rose Maria!

— Vai me chamar assim para sempre, Vicente? — ela pergunta, ao mesmo tempo que me estica uma caneca fumegante.

— Vou. Não entenderia se eu te chamasse de *flor do dia*.

Ela balança a cabeça e, com as mãos para cima, sai reclamando algo em gaélico.

Aliás, esse idioma causou problemas logo em meu primeiro dia aqui. Assim que chegamos, Malu reuniu todos os funcionários. Ela me disse que isso tinha sido algo que ela não tinha feito da última vez, e isso acabou lhe trazendo problemas, ainda que a situação agora fosse totalmente diferente. Enfim, funcionários reunidos, notamos que alguns eram novos, contratados por conta da Jornada do Reino Unido — que foi, inclusive, um sucesso estrondoso.

A maioria festejou a nossa volta, mas dois não ficaram muito contentes em serem subordinados a um *coigreach*, como eles diziam. Um forasteiro, era como eles me viam. Claro que isso não foi dito às claras, eles preferiam dizer em gaélico, de preferência quando não tinha ninguém por perto.

PERIGOSAS ACHERON

Eu sabia que era algo depreciativo, pela expressão que eles tinham ao comentar. Mas ficava difícil por não entender e, enfim, não poderia proibi-los de usar seu próprio idioma em seu país, certo?

Quem os ouviu falando foi Eric, o panaca. Sequer pensou duas vezes em demiti-los — em gaélico, para ficar mais dramático, mas nunca disse o que eles realmente falavam de mim. Apenas que não queriam trabalhar para um forasteiro, mas, cá entre nós, sabemos que era mais que isso.

Saio para a área externa em busca de Henry, querendo saber sua disponibilidade em ir até o centro de Kennoway retirar algumas encomendas, quando noto um homem alto vindo em direção à entrada.

— Bom dia!

— Procuro por Avellar? Meu nome é William, vim averiguar um terreno para construção.

— Ah, claro. Por favor, venha comigo.

Ficamos um bom tempo analisando tudo. Seu maquinário checando o terreno — por conta do lago adiante, eles querem ter certeza que não será uma área perigosa para grandes construções — fazendo as medições, checando as árvores em volta

para saber se todas as que precisam ser retiradas *devem* ser retiradas, ou coisa do tipo.

Fico exultante ao saber que o local é perfeito para construir a casa dos meus sonhos, e, depois de combinar uma visita para acerto de honorários, compra de material e início das obras, me despeço, voltando para o casarão.

Checo o relógio, notando que está na hora de ir ajudar Malu com as crianças. Ela sempre fica um tempo com eles no quarto, até que eu tenha ajeitado tudo aqui embaixo. Passo pela recepção e sorrio ao ver Eric mexendo em alguns papéis, organizando em cima da bancada.

Eu pensei que ele faria uma cena ao voltarmos, casados e com dois filhos. Ledo engano, ele realmente parece ter superado a paixão por Malu, mesmo estando um tanto quanto estranho. Não que ele já não fosse, acho que vocês devem conhecê-lo melhor do que eu, mas... algo de curioso acontece em Fonhill, ele só não quer nos dizer o que é.

— Panaca.

— Idiota.

Abro a porta do quarto e encontro uma Malu verde, sentada na beirada da cama, com cara

PERIGOSAS NACIONAIS

de muito poucos amigos. Sim, você entendeu certo, ela está verde, descabelada, e parece um tanto zangada.

— Está bem, amor?

— Não. Estou enjoada.

— Xi, comeu algo que não fez bem?

Me ajoelho à sua frente, passando a mão por seus cabelos e afundando o rosto em seu pescoço. Sinto quando sua mão segue até meus cabelos, mergulhando os dedos rente à nuca nos fios que precisam de um corte urgente, e ficam por ali, brincando.

— Estou grávida, Vince.

Paraliso. Sequer a respiração funciona neste momento.

— Grá... grá...

— Sim. Eu tenho certeza, foi tudo exatamente igual com Douglas.

— Mas... você, quer dizer, nós não, resguardo e...

Minha mente dá um nó. Surpreso, ansioso, feliz, preocupado.

— Esse bebê chamará Coelho. Você tem noção de que, se eu já estou sentindo os sintomas, eu engravidei durante o meu resguardo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Grávida... — O ar parece voltar para o meu peito e eu aproveito o momento para erguer o corpo e, segurando-a pelo pescoço, tomo sua boca em um beijo apaixonado.

— Com tamanha pontaria, não sei como não temos uns cinco filhos.

Ela tenta parecer nervosa, mas esse brilho nos olhos eu reconheço em qualquer lugar. Ela está tudo, menos nervosa.

— Ainda temos tempo, Foxy. Uma criação de raposinhas.

— Mas que mania de bebês... — ela reclama, e eu empurro seu corpo para o colchão, deitando-a e me deitando por cima dela.

Claro que não ficaríamos assim por muito tempo. Menos de meio segundo, Felipe está pulando sobre mim e eu preciso virar meu corpo para o lado, deixando apenas meu braço prendendo Maria Luiza na cama. Douglas deitado ao nosso lado vira o rostinho, seguindo as risadas que se seguem, enquanto ela continua dizendo que fechará a *fabriquinha Drummond Avellar* assim que sair o próximo bebê.

— Lá se vai minha novela.

PERIGOSAS ACHERON



Malu

Oito meses depois...

Estico a coluna, apoiando as mãos em minha lombar. Me disseram um dia que a segunda gestação era mais rápida, mas eu realmente não acredito nisso. Segundo meu obstetra, estou agora há dias do parto e se houvesse uma forma de passar o tempo mais rápido, garanto que eu o faria.

Os latidos no gramado chamam minha atenção, olho em volta procurando meus sapatos, uma profusão de brinquedos espalhados e eu queria ter nascido Samantha^[15], somente mexer o nariz e ter tudo arrumado em segundos. Descalça mesmo, sigo o caminho de pedra até parar em frente ao portão, sorrindo com a cena à minha frente.

Felipe corre, ensandecidamente, pelo gramado, seguido por Billie, Fergus e Angus. Qualquer um que desconhecesse o humor de nossos cães ficaria apavorado ao ver a cena, três *cruzas de cavalo com lobisomens*, que já são gigantes para mim, correndo e pulando perto de um garotinho de quatro anos.

Dóceis como poodles, eles esperam Felipe recuperar o fôlego, já exausto da correria, e parecem saber o exato momento que ele vai disparar em uma nova corrida, posicionados ao seu lado e o deixando vencer. Adoráveis.

Um pouco mais adiante, talvez achando que os malabarismos dos cães não são tão seguros perto de um bebê, Vicente segura Douglas pelas mãos, acompanhando seu caminhar vacilante. Ele é tão elétrico que não duvido estar dando seus primeiros passinhos sem ajuda, antes do primeiro aniversário.

Não é surpresa que Vince tenha notado minha presença aqui. Pegando Douglas no colo, ele vem em minha direção, os olhos percorrendo meu corpo, sorrindo de um jeito safado ao se demorar um pouco mais em minhas pernas.

— Essa sua camisetinha é um tanto indecente, Foxy...

— É um vestido... — forço a barra para baixo, tentando mostrar que ele tem um comprimento apropriado —... mas essa barriga enorme o deixa mais curto.

— Não estou reclamando.

Ganho um beijo nos lábios e logo Douglas está se debatendo, querendo ir para o chão, elétrico

e inquieto.

— Coloca *ele* no chão, gostoso. Os cães estão lá longe...

Depois de analisar a cena por um minuto, Vicente o senta no chão e ele fica todo feliz, erguendo as mãozinhas para o alto e batendo palmas, comemorando.

— Está bem? — A mão circunda minha cintura, me trazendo para perto dele, e nos perdemos um minuto em um abraço carinhoso. Mudar para Fonthill se tornou a melhor decisão que poderíamos ter tido, ainda com todas as dificuldades iniciais, somos felizes, como nunca fomos antes, e olha que já éramos felizes.

— Sempre bem...

Um grito alegre, acompanhado por um latido um pouco mais alto chama a nossa atenção. Douglas havia decidido disputar corrida com Angus, e engatinhava pelo gramado em disparada, sendo seguido por nosso *vêio* que latia e saltava perto dele, tentando deixá-lo ganhar.

— Olha, papai — Felipe grita, mais adiante, um pouco antes de fazer um movimento com as mãos e Fergus ficar em pé ao lado dele, obediente. — Viu?

PERIGOSAS NACIONAIS

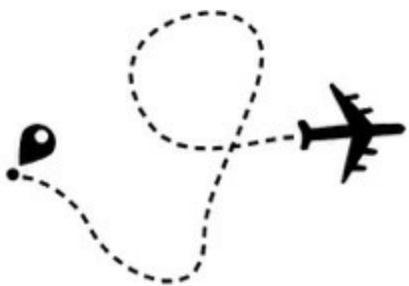
— Foxy... você gosta de homens grisalhos?
— Vince pergunta, sem tirar os olhos das crianças.
— Porque eu acho que vou envelhecer antes do tempo, se continuarmos assim.

O enlaçando pela cintura, rindo do exagero, trago seu rosto até mim, deixando um beijo em seus lábios, antes de afirmar, sem um pinga de dúvidas.

— Se for você, eu gosto até do avesso. Agora vai, pai herói, vai cuidar das suas crias!

O empurro, que parece estar à beira do desespero, para vê-lo sair correndo e se meter no meio da brincadeira, correndo de um lado a outro, acompanhado por Douglas, Felipe e os cachorros.

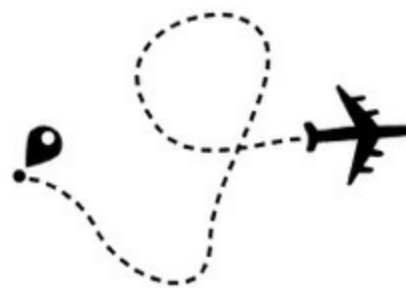
Se me pedissem a definição de beleza, seria exatamente essa cena que eu descreveria.



Fim

PERIGOSAS ACHERON

Bônus 1



Malu

Uma das poucas coisas que mamãe havia guardado de seu casamento com James, o ruivo, foi a foto da cerimônia. Papai alugou um carro e a levou até Stirling, onde existe o segundo castelo mais famoso do país — perdendo apenas para o castelo que existia há cinco minutos de sua casa. Não vamos julgar, ele queria ser romântico.

Enfim...

A linda foto panorâmica foi feita capturando papai e mamãe em um momento feliz. Ele vestindo um kilt, ela em um lindo vestido branco, alheios a tudo ao seu redor. Me lembro de ter, claramente, jurado que replicaria essa foto em meu próprio casamento.

Ah, não vai dar...

Tenho um castelo, tenho um lindo vestido branco, mas quem diz que consigo convencer Vicente a entrar em um kilt?

— *Vamos guardar as saias para o seu gerente panaca.*

É, não vai dar.

Isso não quer dizer que o dia de hoje vai ser menos especial.

Vince havia me prometido, há três anos, que ele me daria uma cerimônia de rainha. Claro que eu não esperava por isso, não mais. O que eu tenho aqui, o que construímos, é o suficiente. Mas ele nunca foi homem de quebrar promessas, e vivia repetindo que só esperava Hanna estar andando para carregar nossas alianças.

Hanna... nossa garotinha está com um ano e meio agora. Tagarela, espoleta e ruiva, ela chegou para completar o ciclo, deixando Vicente mais babão do que já era com nossos garotos. Dedicado. Apaixonado. Presente. Chorão, não pode ouvir um “daddy”, ou “papai” de um jeito mais carinhoso que se derrete inteiro.

Douglas daqui a pouco completa três anos, e apesar dos olhos azuis e os cabelos acobreados, é uma cópia mirim do meu Vince delegado. Paciência zero, *reclamão*, urgente, vai precisar de muita conversa para não querer resolver tudo na porrada.

Já Felipe, por ser filho que nasceu do coração, herdou o lado mais doce do seu pai. Mal

completou seis anos e é meu fiel companheiro. Protetor, carinhoso, amoroso demais.

Os três, cada um do seu jeito, se completam. Um supre o que falta no outro, um ensina o que o outro precisa aprender e, desse jeito, eu me sinto muito privilegiada.

Ergo a saia esvoaçante do vestido e passo pela porta do nosso quarto, sentindo a brisa da tarde de primavera, o perfume das flores invadindo todo o ambiente, deixando o dia ainda mais romântico.

Nossa casa ficou pronta em tempo recorde, por conta de minha gestação surpresa. Dois meses depois, estávamos nos mudando para a casa que Vicente projetou e que, confesso, me surpreendeu. Ele vivia dizendo que não entendia nada de arquitetura, que somente sabia o que era feio ou bonito, e me entregou uma casa linda que mesclava madeira, tijolos e vidros, e que combinava perfeitamente com o local de vegetação que ele tinha escolhido.

— *A melhor arquiteta deste mundo não mereceria nada menos que isso.*

Desço as escadas até chegar à sala, onde minhas amigas me esperam. Fonthill está cheia há três dias, todos vieram do Brasil à espera do grande

dia. A nossa renovação de votos.

— Eu acho que eu vou chorar... — Laura é a primeira a se manifestar. A barriga de quatro meses marcada no vestido rosé a deixando ainda mais etérea. Aliás, a escolha dos vestidos das madrinhas foi um evento e tanto. Adriana fez questão de cuidar dessa parte pessoalmente, separando três delas em azul Tiffany e três em rosé, causando uma comoção daquelas. Raquel, Sara, Laura, Adriana, Babi e Carol seriam as minhas garotas e demoraram meses até se entenderem sobre qual cor usar.

Samuca, Rodrigo, Marco, Tony, Gael e Vítor, os garotos de Vince, já estavam mais comportados. Menos no assunto kilt, eles também se negaram.

Desagradáveis.

Sorrio ao ver Hanna em um vestidinho branco armado, com um arranjo lindo de flores na cabeça, vindo cambaleando ao meu encontro.

— Que coisa mais linda! — digo ao erguê-la nos braços e receber um abraço apertado.

— Vamos! — Ela aponta para fora. — Papai, vamos!

— Vamos. Papai está esperando. E onde

estão os meus meninos? — Nem bem pergunto e eles entram correndo, me roubando uma batida do coração. De calça social cinza, camisa branca e suspensório, eles estão lindos. Completamente lindos.

Me abaixo, apoiando Hanna sentada em minha perna direita e abrindo os braços, indo parar no chão com o ímpeto de Douglas ao me ver nessa posição. Em um minuto eu era uma mãe emocionada querendo dar um abraço em meus filhos e, no outro, sou uma profusão de crianças, tules, pernas e cabelos para todos os lados.

— É isso! — Adriana declara, ao me colocar em pé. — O casamento foi arruinado, pode ir lá avisar o noivo.

O mau humor não dura muito, obviamente, quando ela me vê rir descontroladamente, sendo acompanhada pelos meninos. Uma ajeitada básica nos arranjos de flores, já que o penteado não poderia ser refeito de qualquer forma, e seguimos para a *praça de eventos*.

Realizamos tantos casamentos neste lugar, nos últimos nove anos, mas sinceramente eu não esperava realizar o meu aqui. E agora, seguindo pelo caminho de pedras, meu coração está

parecendo uma escola de samba.

Evito olhar para o altar, porque sei que assim que meus olhos encontrarem o dele, nada mais vai importar. Se é assim em um dia comum, imagine o vendo me esperando no altar? Impossível. Passo os olhos pelos convidados, vendo vários rostos conhecidos, agradecendo internamente por nunca mais ter me afastado de nenhum deles, ainda que tenha um oceano nos separando, de alguma forma. Os amigos que fiz no Brasil se mantiveram, e isso me orgulha demais.

Eric me acena, emocionado. Ainda é meu melhor amigo, ainda vive na casa em frente à pousada, mas são as únicas coisas que se mantiveram iguais. Mas isso fica para outra história.

Tony me espera embaixo do arco florido, sorridente e orgulhoso. Ele e Vicente ainda se espezinham, mesmo meu irmão vindo a Kennoway e meu marido indo a Dublin mais do que o normal. Dois idiotas, se me permitem o aparte. Seguro o braço que ele me oferece e aceno para Pepê, agora um fotógrafo bem famoso depois de sua passagem por Fonthill, que veio especialmente para registrar a cerimônia.

Ao sinal que Freya dá, Hanna sai, dona do espaço inteiro, segurando a cestinha com nossas alianças, entre uma fila dupla formada por Douglas, Felipe, Bruno e Lincoln. A ideia, adorável, causou desespero em Vicente e eu preciso, realmente, conter a gargalhada ao buscá-lo no altar e ver os olhos arregalados vendo sua princesinha sendo escoltada por uma gangue de *Batutinhas*.

Assim que o quinteto chega ao altar, a música soa. A introdução ao piano da música, popular e adolescente, mas que toca fundo em meu coração, diz que é hora de caminhar para ele. Como sempre.

Um passo mais perto.

Lindo demais, ele está vestido tal qual os meninos. Consigo, inclusive, entender por que a gravata borboleta que Adriana tinha escolhido com tanto carinho tinha sido dispensada, já que o colarinho de sua camisa está aberto e os meninos nunca se vestiriam diferente do papai.

— Linda... — consigo ler em seus lábios conforme me aproximo, passo a passo. Tentando me lembrar de quando eu não era feliz desse jeito e, sinceramente, sem conseguir. E sem querer, também, não fazendo a menor questão.

Conforme chego ao altar, e ele vem ao meu encontro, passo a cantar junto com a música.

“O tempo todo eu acreditei que te encontraria. O tempo trouxe o seu coração ao meu.

Eu te amei por mil anos, eu te amarei por mais mil.”[\[16\]](#)

— One step closer[\[17\]](#)... — ele sussurra, ao segurar minha mão e me trazer para perto dele.

De mãos dadas, subimos os degraus, em frente ao celebrante, um simpático senhor que celebra casamentos por toda a Escócia. Animado, ele tira risadas dos convidados ao relembrar passagens de nossa vida juntos — passagens essas cuidadosamente entregues por nossos convidados, fazendo Vicente alternar entre rir e rosar.

— Acho que agora é a vez dos votos. Desta vez, senhor Avellar, o senhor os tem decorado?

— Muito engraçado — ele resmunga, entre risadas —, mas tenho, sim.

Me segurando pela cintura, Vince passa a mão em uma mecha de cabelo teimosa que, solta, não se cansa de brincar em frente aos meus olhos por causa do vento.

— Eu não sei se eu teria algo a mais para te dizer que eu já não tenha repetido à exaustão, Foxy.

Não dizer as coisas, uma vez, quase nos custou isso tudo o que temos, acho que isso acabou me deixando mais boca aberta que o costume.

Balanço a cabeça, concordando.

— Mas apesar de termos passado uns bons apertos no início, eu não trocaria um minuto de tudo o que tivemos juntos porque foram aqueles segundos, desde o primeiro olhar, que nos trouxeram aqui.

Uma lágrima escapa, escorrendo por seu rosto bonito, e eu ergo a mão, a secando.

— Eu me lembro de quando eu ficava, internamente, pedindo para que você fosse minha. Agora eu só peço, aqui na frente de todos, que continue sendo. Porque eu te amo, e não consigo viver sem você.

Na ponta dos pés eu seguro seu rosto entre as mãos e beijo seus lábios, o que gera uma salva de palmas, assovios e outras gracinhas.

— Maria Luiza, é sua vez.

— Akai-ito. Já ouviu falar? — Ele sorri, de lado, negando com a cabeça. — É uma lenda oriental. Foi criada na China, e acabou se espalhando, ficando popular no Japão. Essa lenda explica por que, de alguma maneira meio louca,

PERIGOSAS NACIONAIS

meio indecifrável, algumas pessoas estão conectadas. Aquele tipo de conexão inexplicável que ultrapassa tempo e distância. Isso te lembra alguém?

O sorriso bonito se abre, do jeito que eu gosto, fazendo com que seus olhos formem aquelas linhas de expressão no cantinho. Lindo, lindo.

— A lenda conta que quando uma pessoa nasce, os deuses amarram no seu dedo mindinho, ou em seu tornozelo, um fio vermelho e o ligam ao mesmo membro de outra pessoa. Esse fio é invisível aos olhos humanos, mas ele existe e é inquebrável e infinito. O fio pode esticar ou emaranhar-se, mas ele nunca irá partir.

Eu nunca fui uma pessoa de acreditar em lendas. Nem religião eu tenho, consegue entender? Mas algumas coisas acabam não tendo explicação. A conexão que sempre tivemos desde o início, em saber quando um está perto do outro. Pode ser uma lenda, mas eu acredito.

Entrelaço nossos dedos, antes de continuar.

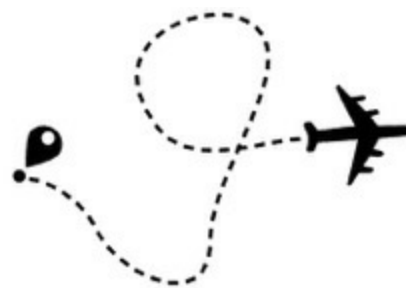
— Você é o meu fio vermelho, Vince. O meu Akai-ito. Eu amo você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Bônus 2



Vicente

— Cesta! — Ouço Lincoln gritar, assim que encaçapa mais uma bola, o garoto tem uma pontaria que é fora de série. Fora o tamanho, anda espichando tanto que já deixou Bruno e Felipe para trás faz tempo.

— Isso ai, moleque! — Murilo comemora, batendo na mão do filho com a sua mão espalmada.

— Agora eu! Agora eu! — Douglas ergue os braços, ainda não tão alto para o basquete, e eu o levanto perto do aro, deixando-o acertar o alvo mais uma vez. A bola passa e toda a molecada faz festa, deixando o garoto todo animado.

— Yes! Yes[\[18\]](#)! — Ele sai correndo, com a mão fechada em punho, comemorando.

Hoje é aniversário de cinco anos de Bianca, filha de Gael, e o pateta decidiu fazer a festa no jardim de sua casa. A imensidão de filhos que tem espalhados por aí é coisa de outro mundo. Chega a ser engraçado lembrar que, há uns oito anos, na reunião dos *Batutinhas* eram somente Bruno, Felipe

PERIGOSAS ACHERON

e Lincoln. Hoje em dia quase todos de nossa turma tem, no mínimo, um filho para trazer.

Olho para o extremo oposto do gramado e vejo Gael sentado no chão, quase como se estivesse se escondendo dos convidados — ou intimamente torcendo para que fossem todos embora. Levando em conta a animação ao redor, eu duvido muito que isso aconteça.

Troco um olhar com Samuca, que parece ter reparado a mesma coisa, e vamos até ele. Samuel chega primeiro e, pela cara de Gael, já deve estar enchendo o saco dele com papo de *namoradinho* para Bianca. Eu confesso que, nesse ponto, sou totalmente empático com o *babaca*. Vivem me falando de namorados para Hanna e, honestamente? O lago continua lá, à espera do primeiro engraçadinho que tentar.

— Cara, você é mais novo que eu... — Me aproximo, e me sento no gramado, próximo a ele. — Nem eu estou tão destruído quanto você.

— Sua hora ainda vai chegar, *babaca*...

Acho graça que ele sempre fala isso, quase uma ameaça, para tudo. “*A sua hora vai chegar*” virou uma resposta padrão de Gael para Vicente, e independe de motivos.

— A minha eu não sei. A sua vem vindo correndo aí, se prepara.

Eu confesso que adoro ver como os outros lidam com seus filhos. Se todos os meus amigos são tão babões quanto eu, e a cada dia mais eu me certifico que, ao menos em minha roda de amigos, a molecada deu muita sorte.

Vejo, com um certo orgulho, Bruno proteger Bianca do que ele pensa que seria um castigo, mas quando eu vou tirar onda com Gael, já o perdi. Babi se aproxima e lá se foi nosso motivo de chacota.

— Volta quando pra Escócia, Vicente?

— Acho que mais uns três dias. Molecada ainda está de férias e Malu quer descer para o litoral.

— Conseguiu alugar aquela mesma casa lá, na Riviera? — Pisco os olhos, confirmando.

Na verdade, o que ninguém sabe, afinal, não vou contar a eles antes de Malu saber, é que eu comprei a casa que passamos nossa lua de mel. Como passamos pelo menos vinte dias no Brasil, todos os anos, nada mais justo que ter um lugar onde ficar.

— Tio! Nós vamos à praia amanhã? —

Nico vem correndo, todo descabelado e desarrumado, e tenho certeza que a mãe dele vai ter um ataque quando o ver.

— Se vocês sobreviverem até amanhã, vamos sim. O que aconteceu com você, passou dentro de um furacão?

— Aposto com Douglas, tio. Vou lá.

Se Douglas está envolvido, a mãe do Nico vai matar os três. Os dois por aprontarem, e eu por ter colocado meu garoto vulcão no mundo.

Coitadinho.

Passo a olhar em volta, procurando minhas meninas. Já tem um tempinho que não as vejo, então sigo em direção ao salão, onde cantamos parabéns não faz muito tempo. Pepê está parado, com Pietra nos braços, contando piada ruim, divertindo o povo — ou tentando ajudar Gael, os expulsando, o que eu acho mais provável.

Vítor está parado, rindo de qualquer absurdo que Socorro está contando e, vou te dizer... essa garotinha é uma excelente mistura de pai e mãe.

— Qual a graça? — Ergo Socorro no colo, e ela dá aquela risada esganiçada, muito bonitinha.

— Sossô está contando que a vó dela,

finalmente, vem para São Paulo. Não aguenta mais viver no Rio.

— Mas que maravilha! Vai morar na sua casa? — A menina balança a cabeça, confirmando, e então eu entendo a piada. Depois de anos morando com a sogra, Sara finalmente vai dar o troco.

— Isso vai ser engraçado de ver...

— Você viu minhas meninas? — pergunto, olhando ao redor.

— Hanna estava com Bruno, ele estava lendo para ela. Malu eu não vi.

— Vou procurá-la. E, olha só, Nico quer ir à praia amanhã...

Ele sorri, sem parecer preocupado. Desde que Vítor se mudou para a Escócia, pegamos o costume de ir à praia ao menos uma vez por mês. Por causa disso, Nico virou praticamente um peixe, e no que depender dele, praia vai ser sempre o destino escolhido. Não que eu reclame, mas tenho dó das minhas meninas, que não gostam mesmo.

Sigo passando entre os convidados, cumprimentando aqui e ali. Localizo o trio original de *Batutinhas* sentados mais à frente, encostados na parede, conversando. A curiosidade acaba sendo

maior que o bom senso, então paro atrás deles, ouvindo a conversa.

— Acho que não vai dar para repetir a história dos nossos pais, não... — Lincoln afirma, categórico.

— É o que eu tentava dizer! Mamãe costuma dizer que meu pai era bem sozinho, não deixava ninguém chegar perto.

— Não, Bruno, o tio Gael ainda tinha o Pedro. Papai diz que ele, inclusive, é sem noção até hoje!

— Seu pai é exagerado, Lincoln. O tio Pepê é ótimo, o melhor tio do mundo! Ele deve é ter ciúme! E você, Lipe, ficou calado por quê?

— Estou me lembrando do meu pai conversando comigo quando eu era pequeno. Ele dizia mesmo que eu tinha sido como ele, mas que iria se esforçar para que tudo fosse diferente para mim. Acho que, por isso, não podemos repetir, todos eles se esforçaram para que fosse diferente.

— Você se lembra do seu outro pai?

— Eu nunca tive outro pai, Lincoln. Meu pai sempre foi o delegado Vicente.

Eu nunca tinha parado para pensar que esses três tinham mais do que a amizade dos pais em

comum. Lincoln começou sua história filho de pai solteiro. Bruno, de mãe solteira. E meu Lipe... bem, como ele mesmo diz, não consigo sequer pensar que um dia ele não foi meu filho.

Filhos do coração, esses *Batutinhas*.

Encontro Malu na sala de estar, parada em frente a um aparador repleto de fotos, olhando para uma foto linda, tirada em nosso casamento.

— Matando a saudade? — A enlaço por trás, tão distraída que sequer tinha visto.

— Parece que faz tanto tempo, não?

— Quando eu me lembro de nossa vida antes, parece outra realidade, Foxy.

— Mas valeu, não?

Beirando os cinquenta anos, minha pequena ainda é a mulher mais linda que eu já vi. Me emociona toda vez perceber que seus olhos ainda cintilam para mim, como acontece desde a primeira vez. E que continuamos safados, como sempre.

— Não trocaria uma linha.



O meu potinho de gratidão, a cada trabalho finalizado, aumenta mais e mais.

Primeiramente eu quero agradecer a **você** que chegou até aqui. Que parou e cedeu um tempinho para dar uma chance à história de amor de Vicente e Malu.

Essa é uma história antiga, que vem sendo escrita há muito, muito tempo, e vê-la ser abraçada pelos leitores me emociona de uma forma que vocês não conseguiriam imaginar. Obrigada.

Também agradeço à minha família pelo apoio e compreensão — às vezes. Compreender as horas sentadas à frente do computador, digitando, pesquisando, surtando. **Wellington, Bruna, João e Luã**, amo vocês.

Minhas primeiras leitoras de Entre Oceanos **Leila Maia, Val Gonçalves e Pâmela Batista**, obrigada pela paciência e pelas dicas.

Felipe Hali, pela consultoria ainda que indireta. Já sinto falta dos inúmeros “*Felipe, tem*

capítulo!”

Minhas *migles* **Babi, Bruna, Clara, Gabi e Tatá**. As horas do meu dia continuam sendo as melhores quando estou junto com vocês.

Minha querida amiga **Gisa R. Costa**, pela inspiração, ajuda e pelo famoso “miga, *sua louca, não surte agora!*”

As amadas **Polli Teixeira e Tali Laquimia** pelo trabalho e parceria, por aturar minhas maluquices, e por todo o auxílio.

Minhas queridas **Ariane Fonseca, Crys Carvalho e Vall Chruscielski**, o trio AVC. Gratidão, sempre.

Às minhas amigas e parceiras do grupo **As Vingadoras**, por todo o suporte diário. Acreditem, vocês fazem toda a diferença!

Mais uma vez quero deixar um carinho especial às minhas Xuxus. Através da **Cerquinha das Xuxus**, meu grupo no *Whatsapp*, eu tenho um contato mais próximo com minhas meninas e, acreditem, vocês fazem tudo ficar bem mais divertido. Cada campanha, cada comentário, cada maluquice abraçada por vocês me emociona, demais.

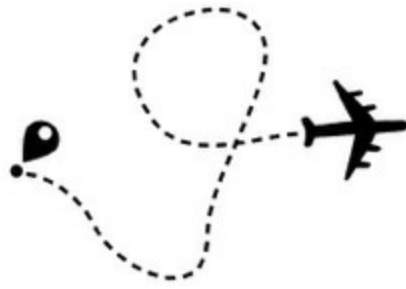
E os meus leitores do **Wattpad**, local que
PERIGOSAS ACHERON

será sempre o meu primeiro passo. Obrigada a cada um de vocês que chorou, comentou, riu e abraçou de forma apaixonada meu Delegato e sua Foxy. Muito, muito obrigada!

Às amigas **parceiras** e **blogueiras**, grata pela divulgação e parceria, por sempre estarem ajudando a disseminar minhas histórias.

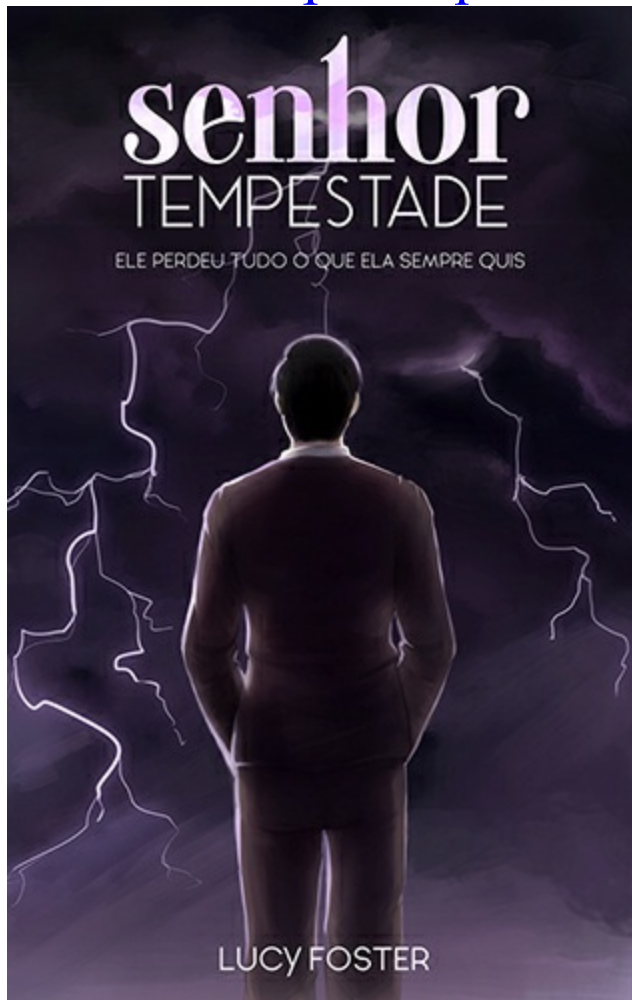
Gratidão, sempre!

Obras



SENHOR TEMPESTADE — Disponível
em e-book

[Compre Aqui](#)



Sinopse:

PERIGOSAS ACHERON

*Poderia um coração morto voltar a bater?
Poderia alguém que se esconde encontrar o amor?*

Gael Prieto é um advogado competente, implacável e arrogante. Bem-sucedido pessoal e profissionalmente, tem a vida que qualquer um sonharia para si. Mas um deslize, um erro de julgamento faz com que ele perca o seu maior tesouro.

Agora tudo o que Gael quer é que essa for pare. E vingança. Isso ele também quer muito.

Bárbara Cardoso é atrevida, falante, amistosa. Mas solitária, porque tudo o que procura é viver em segurança com seu filho. Isso muda quando ela conhece o “Senhor Tempestade”.

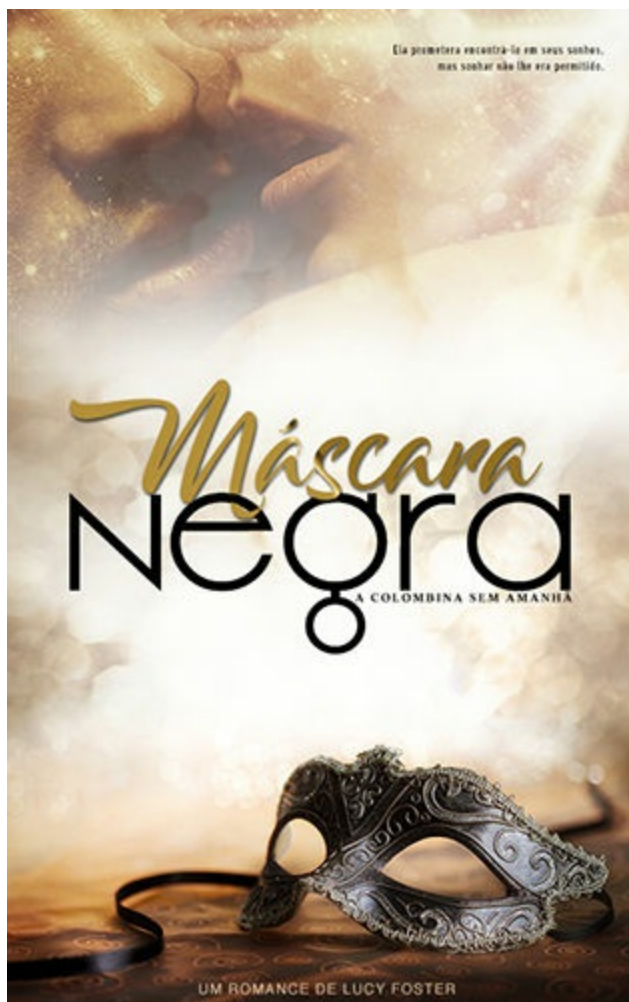
Entre descobertas e recomeços, um segredo do passado pode colocar tudo a perder.



Máscara Negra (A Colombina Sem Amanhã) — Disponível em e-book

[Compre aqui](#)

Sinopse



Isadora resolveu, em um baile no domingo de Carnaval, agir como se pudesse fazer suas próprias escolhas. Escolheu a fantasia de Colombina. Escolheu a máscara, negra. Escolheu a maquiagem, exagerada como nunca fora. Escolheu pular a noite inteira como se não houvesse amanhã. Escolheu sair sozinha, escondida antes que alguém a visse. E, se pudesse, teria escolhido o par da noite. E seria, novamente, ele. O belo Arlequim.

Depois de saber que a vida podia lhe dar muito

mais do que ela vinha recebendo, como Isadora pode voltar para sua vida normal? Ela prometera, ao belo Arlequim, que iriam se encontrar novamente, em seus sonhos. Como isso é possível, se nem sonhar lhe era permitido?

Não é um romance fofo, apesar de ser. Não é um romance clichê, apesar de ser. Mais do que falar sobre a mocinha mascarada que o mocinho precisa encontrar, essa história fala sobre família. Segredos de família. Coisas que acontecem entre quatro paredes e você sequer desconfia, porque as aparências enganam.



Lucy Foster é paulistana, mãe de dois adolescentes, casada e tem paixão por leitura desde a infância, onde se perdia nos livros de contos de fadas e em incontáveis gibis. Já sua paixão pela escrita se deu ainda na adolescência, mas somente agora decidiu compartilhar suas histórias

Trabalha com atendimento ao público e escreve nas horas vagas. Adora filmes e séries românticas, mocinhos protetores e mocinhas independentes, e isso acaba se refletindo nos mundos que cria.

Me encontre em minhas redes sociais para saber mais sobre minhas outras obras, novidades, sorteios, brindes, etc.

Instagram: <https://instagram.com/autoralucyfoster>

Facebook: <https://facebook.com/autoralucyfoster>

Wattpad: <https://my.wtt/VWny3UKB2T>

PERIGOSAS NACIONAIS

[1] Lass: garota (no gaélico)

[2] Scot: O idioma escocês.

[3] Awrite!: Olá! (em gaélico)

[4] Mo ruaidh: minha ruiva (em gaélico)

[5] Wee shite: merdinha

[6] estrangeiro

[7] Little fox: pequena raposa (no inglês)

[8] Diretoria do combate ao crime organizado, divisão da PF que cuida dos crimes mais violentos.

[9] Coxo, manco

[10] “você precisa ter paciência”: meme que estourou na internet em 2018

[11] Baby Shark

[12] “Eu amo Clifford, o gigante cão vermelho” — Tema de abertura do desenho Clifford, O Gigante Cão Vermelho, desenho da rede PBS e transmitido no Brasil pela Discovery Kids.

[13] Coração Valente, filme de 1995 dirigido por Mel Gibson.

[14] O Coaching é um processo de orientação de pessoas.

[15] Personagem do seriado Bewitched, popular na década de 60.

[16] A Thousand Years — música tema da saga Crepúsculo.

[17] Um passo mais perto (em inglês)

[18] Sim (no inglês)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON